



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

WIDENER



HN Z82G F



Port. 5699.15.15 (8) 20



Harvard College Library.

FROM THE

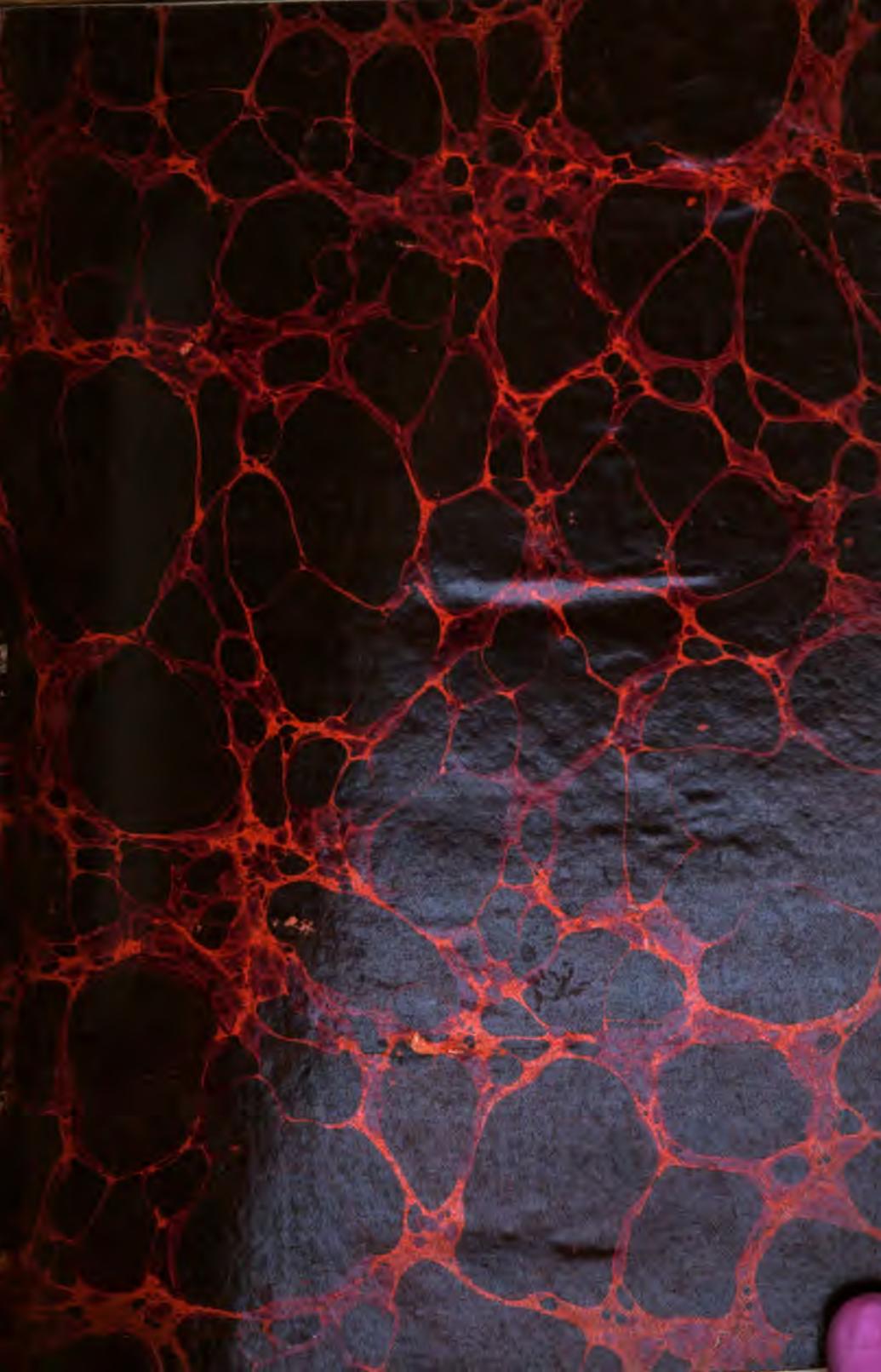
GEORGE B. SOHIER PRIZE FUND.

The surplus annual balance "shall be expended for books for the library."

— *Letter of Waldo Higginson.*

Jan. 10, 1893.

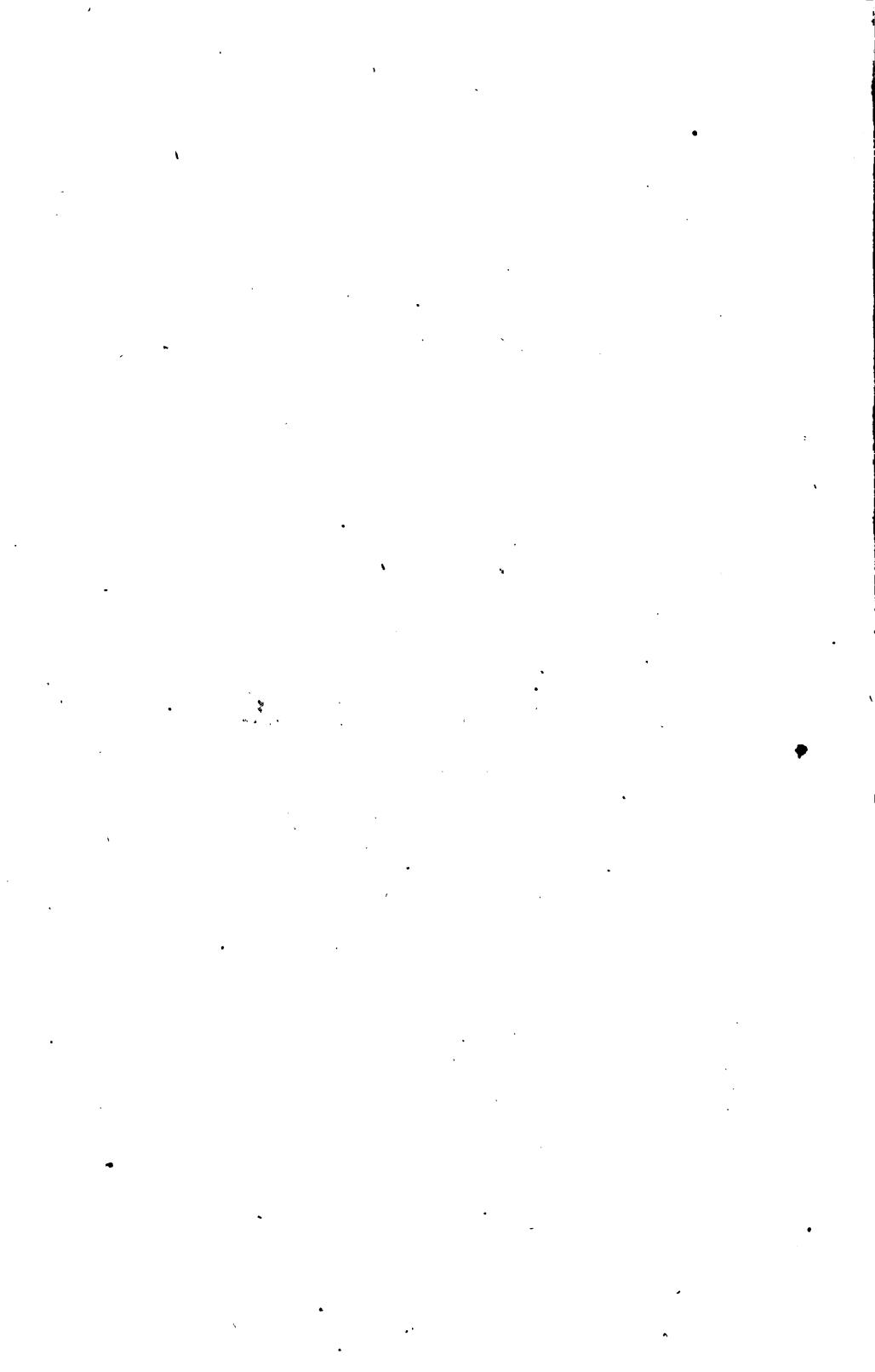
Received 18 May, 1895.





OBRAS
DO
PADRE ANTONIO VIEIRA.

HISTORIA DO FUTURO.



HISTORIA DO FUTURO.

LIVRO ANTE PRIMEIRO.

PROLOGOMENO A TODA A HISTORIA DO FUTURO,

EM QUE SE DECLARA O FIM

E SE PROVAM OS FUNDAMENTOS DELLA.

MATERIA, VERDADE, E UTILIDADES DA HISTORIA DO FUTURO.

COMPOSTA PELO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

LISBOA
EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES
Rua dos Fanqueiros, 82.

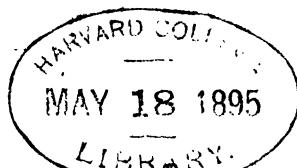
1855

I.4760

Port 5685.31

Port 5699, 15.15

✓



Sohier fund.



HISTORIA DO FUTURO.

CAPITULO I

**Declara-se a primeira parte do titulo desta Historia,
e quanto propri a é da curiosidade humana
a sua materia**

Nenhuma coisa se pôde prometter á natureza humana mais conforme ao seu maior appetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a noticia dos tempos e successos futuros : e isto é o que offerece a Portugal, á Europa, e ao mundo, esta nova e nunca vista Historia. As outras Historias contam as coisas passadas, esta promette dizer as que estão por vir ; as outras trazem á memoria aquelles successos publicos que viu o mundo, esta intenta manifestar ao mundo aquelles segredos occultos e escurisimos, que não chega a penetrar o intendimento. Levanta-se este assumpto sobre toda a esphera da capacidade humana, porque Deus, que é a fonte de toda a sabedoria, posto que repartiu os thesouros della tão liberalmente com os homens, e muito mais

com o primeiro, sempre reservou para si a sciencia dos futuros, como regalia propria da divindade: como Deus por natureza seja eterno, é excellencia gloriosa, não tanto de sua sabedoria, quanto de sua eternidade, que todos os futuros lhe sejam presentes: o homem, filho do tempo, reparte com o mesmo a sua sciencia, ou a sua ignorancia; do presente sabe pouco, do passado menos, e do futuro nada.

A sciencia dos futuros, disse Platão, é a que distingue os deuses dos homens, e d'aqui lhes veio sem duvida aquelle antiquissimo appetite de serem como deuses: aos primeiros homens, a quem Deus tinha infundido todas as sciencias, nenhuma lhes faltava senão a dos futuros, e esta lhes prometem o demonio com a divindade, quando lhes disse: *Eritis sicut Dii scientes bonum, et malum.* (Genes. III — 3) Mas ainda que experimentaram o engano, não perderam o appetite: esta foi a herança que nos ficou do paraíso, este o fructo daquelle árvore fatal bem vedado, e mal appetecido, mas por isso mais appetecido, porque vedado. Como é inclinação natural no homem appetecer o prohibido, e anhelar ao negado, sempre o appetite e curiosidade humana, esta batendo ás portas deste segredo, ignorando sem molestia muitas coisas das que são, e affectando impaciente a sciencia das que hão de ser. Por esta meia veio o demonio a conseguir que o homem lhe desse falsamente a divindade, que o mesmo demonio com igual falsidade lhe tinha prometido; e senão pergunto: Quem foi o que introduziu no mundo, sem algum medo, mas antes com aplauso, a adoração do demonio? Quem fez que fosse tão frequentado e consultado o idolo de Apollo em Delphos? O de Jupiter em Babylonia? O de Juno em Carthago? O de Venus no Egypto? O de Daphne em Antiochia? O de Orpheu em Lesbo? O de Fauno em Italia? O de Hercules em Hespanha, e infinitos outros em muitas partes? Não ha duvida que o desejo insaciavel que os homens sempre tiveram de saber os futuros; e a falsa opinião dos oraculos, com que o demonio respondia naquellas estatuas, foram os que todo este culto lhe grangearam; sendo certo que se Deus vindo ao mundo não emmudecera (como emmudeceu) os oraculos da gentilidade; grande parte do que hoje

é fé, fôr ainda idolatria. Tão mal sofferam os homens, que Deus reservasse para si a sciencia dos futuros, que chegaram a dar ás pedras a divindade propria de Deus, só porque Deus fizera propria da divindade esta sciencia : antes queriam uma estatua que lhes dissesse os futuros, que um Deus que lh'os enebria.

Mas que direi das sciencias ou ignorancias das artes, ou superstições que os homens inventaram desde a terra até o céu, levados deste appetite ? Sobee os quatro elementos assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tornaram os nomes dos seus proprios sujeitos. Agromancia que ensina a adivinhar pelas ceisos da terra, a hydromancia pelas da agua ; a areamancia pelas do ar, e a pyromancia pelas do fogo. Tão cegos seus autores no appetite vão daquelle curiosidade, que tendo-se perdido na terra os vestigios de tantas coisas passadas, cuidaram que na agua, no ar, e no fogo, os pediam achar das futuras. No mesmo homem descobriram os homens dois livros sempre abertos e patentes, em que lessam ou soletrasseem esta sciencia. A phisonomia nas feições do rosto, a chiromancia nas raias da mão : em um mappa tão pequeno, tão plano, e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os chiromantes não só linhas, e caracteres distintos, sendo mentes levantados e divididos, e alli descripta a ordem e successão da vida, e casos della ; os annos, as doenças e os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades, e todos os outros futuros prosperos, ou adversos ; arte certamente menecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos. Deixo a astrologia judiciaria tão celebrada no nascimimento dos principes, em que os genetaliacos sobre o fundamento de uma só hora ou instante da vida, levantam, ou figura, ou tesimunhos a todos os successos della. Nem quero falar na triste e funesta micromancia, que frequentando os cemiterios e sepulturas no mais esburco e secreto da noite, invoca com deprecacões e conjuros as almas dos mortos, para saber os futuros dos vivos.

Al este fim exocgitaram tantos generos de sortilegios, como se na contingencia da sorte se houvesse de achar a certeza ; a este

sim observaram os sonhos, como se soubesse mais um homem dormindo, do que sabia accordado: a este sentido consultavam as entradas palpitanes dos animaes, como se um bruto morto podesse ensinar a tantos homens vivos: com o mesmo appetite pediam respostas ás fontes, aos rios, aos bosques, e ás penhas: com o mesmo inquiriam os cantos e vôos das aves, os mugidos dos animaes, as folhas e movimentos das arvores: com o mesmo interpretavam os numeros, os nomes, e as letras, os dias e os fumos, as sombras e as cōres, e não havia coisa tão baixa e tão miuda por onde os homens não imaginasseem que podiam alcançar aquelle segredo, que Deus não quiz que elles soubessessem. O ranger da porta, o estalar do vidro, o scintillar da candeia, o topar do pés, o sacudir dos sapatos, tudo notavam como avisos da providencia, e temiam como presagios do futuro. Fallo da cegueira, e desatino dos tempos passados, por não envergonhar a nobreza da nossa fé com a superstição dos presentes.

Finalmente, a investigação deste tão appetecido segredo, foi o estudo e disputa dos maiores e mais signalados philosophos, de Socrates, de Pitagoras, de Platão, de Aristoteles, e do eloquente Tullio, nos livros mais sublimes e doutos de todas suas obras. Esta era a theologia famosa de caldeos; este o grande misterio dos egypcios; esta em Roma a religião dos Augures; esta em Judéa a seita dos Pitões e Ariolos; esta em Persia a sciencia e profissão dos Magos; esta em fim, do céu até o inferno o maior desvelo dos sabios, e maior ancia e tropeço dos ignorantes; uns injuriando o céu, e dando trato ás estrellas para que digam o que não pôdem; outros inquietando o inferno, (como dizia Samuel) e tentando os mesmos demonios, para que revelem o que não sabem. Tanto foi em todas as idades do mundo, e tanto é hoje na curiosidade humana o appetite de conhecer o futuro.

Mas o que mais que tudo encarece a tenacidade deste desejo, é considerar que enganados tão porfiadamente os homens pela falsidade e mentira de todas estas artes e seus ministros, não tenha bastado nenhuma experiencia, nem haja de bastar já para mais os desenganar e apartar delle: *Genus hominum potentibus infidum, spirantibus fallax, quod in civitate nostra, et retabitur*

semper et retinebitur : disse Tacito: (1) O mesmo Saul, que destrou a Pythonisa, a foi buscar e se serviu de sua má arte; e os mesmos que mais severamente negam o credito ás coisas prognosticadas, folgam de ouvir e saber que se prognosticam, signal certo que não buscam os homens os futuros, porque os acham, senão que vão sempre apoz elles, porque os amam.

Para satisfazer, pois, à maior aancia deste appetite, e para correr a cortina aos maiores e mais occultos segredos deste mysterio, pomos hòje no theatro do mundo esta nossa Historia, por isso chamada do futuro. Não escrevemos com Berozo as antiguidades dos assyrios, nem com Xenofonte a dos persas, nem com Herodoto a dos egypcios, nem com José a dos hebreus, nem com Curcio a dos macedonios, nem com Tucidides a dos gregos, nem com Lívio a dos romanos, nem com os escriptores portuguezes as nossas: mas escrevemos sem auctor o que nenhum delles escreveu nem pôde escrever; elles escreveram historias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes. Impossivel pintura parece, antes dos originaes retratar as copias; mas isto é o que fará o pincel da nossa Historia.

Assim foram retratos de Christo Abel, Isac, José, David antes do Verbo ser homem. O que ignorou o mundo antigo, o que não conheceu o moderno, e o que não alcança o presente, é o que se verá com admiração neste prodigioso mappa descripto: coisas e casos que ainda lhe falta muito para terem ser, quanto mais antiguidade.

A historia mais antiga começa no principio do mundo; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escripta. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do mundo, e acaba com o fim delle: mede os tempos vindouros antes de virem, conta os successos futuros antes de succederem, e descreve feitos heroicos e famosos antes da fama os publicar, e de serem feitos.

O tempo, como o mundo, tem dois hemispherios: um superior.

(1) Tac. lib. 1. hist. — 1. Reg. II e VIII — 9 e 11.

e visivel, que é o passado, outro inferior e invisivel que é o futuro : no meio de' um e outro hemispherio ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina, e o futuro começa : desde este ponto toma seu principio a nossa Historia, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitadores deste segundo hemispherio de tempo, que são os antipodes do passado : ob que de coisas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento !

Aqueles historiadores que nomeámos e foram os mais celebres do mundo, escreveram os imperios, as republicas, as leis, os conselhos, as resoluções, as conquistas, as batalhas, as victorias, a grandeza, a opulencia e felicidade, a mudança, a declinação, a ruína ou de aquellas mesmas nações, ou de outras igualmente poderosas, que com elles contendiam. Nós tambem havemos de falar de reinos e de imperios, de exercitos e de victorias, de ruínas de umas nações e exaltações de outras ; mas de imperios não já fundados, senão que se hão de fundar ; de victorias não já vencidas, mas que se hão de vencer ; de nações não já domadas e rendidas, senão que se hão de render e domar.

Hão se de ler nesta Historia, para exaltação da fé, para triunpho da egreja, para gloria de Christo, para felicidade e paz universal do mundo, altos conselhos, animosas resoluções, religiosas emprezas, heroicas façanhas, maravilhosas victorias, portentosas conquistas, estranhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, de gentes, de costumes, de governos, de leis ; mas leis novas, governos novos, costumes novos, gentes novas, tempos novos estados novos, conselhos e resoluções novas, emprezas e façanhas novas, conquistas, victorias, paz, triumphos e felicidades novas, e não só novas, porque são futuras, mas porque não terão similitudem com elles, nem haverá das passadas. Ouvirão o mundo o que nunca viu, lerão o que nunca ouvirão, admirarão o que nunca leu, e passarão assombrado do que nunca imaginou : e se as historias daquelle escriptores, sendo de coisas menores antigas e passadas, se leram sempre com gosto, e depois de sabidas se tornaram a ler sem fastio, confiança nos fica para esperar que não será ingrato aos leitores este nosso trabalho, e que será tão delectosa ao gosto

e ao juizo a Historia do Futuro, quanto é estranho ao papel o as-
sumpto e nome della.

Mas porque não cuide alguma curiosidade critica, que o nome
do futuro não concorda, nem se ajusta bem com o titulo de his-
toria, saiba que nos pareceu chamar assim a esta nossa escriptura,
porque sendo novo e inaudito o argumento della, tambem lhe
era devido nome novo e não ouvido.

Escreveu Moysés a historia do principio e creaçao do mundo,
ignorada até aquelle tempo de quasi todos os homens: e com que
espirito o escrevem? Respondem todos os padres e doutores que
com espirito de prophecia. (1) Se já no mundo houve um propheta
do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os pro-
phetas não chamaram historia ás suas prophecias, porque não guar-
dam nellas estylo, nem leis de historias: não distinguem os tem-
pos, não assignalam os logares, não individuam as pessoas, não se-
guem a ordem dos casos e dos successos, e quando tudo isto viram
e tudo disseram, é envolto em metaphoras, disfarçado em figu-
ras, escurecido com enigmas, e contado ou cantado em phrases
proprias do espirito e estylo prophetico, mais accommodadas á ma-
gestade e admiraçao dos mysterios, que á noticia e intelligencia
delles.

Do propheta Isaias, que fallou com maior ordem e maior cla-
reza, disseram S. Jeronimo e Santo Agostinho, que mais escre-
vera historia que prophecia. (2) A sua prophecia é o evangelho fe-
chado; o evangelho é a sua prophecia aberta. E porque nós em
tudo o que escrevemos, determinâmos observar religiosa e pon-
tualmente todas as leis da historia, seguindo em estylo claro, e
que todos possam perceber, a ordem e successão das coisas, não
núa e secamente, senão vestidas e acompanhadas das suas cir-
cumstancias; e porque havemos de distinguir tempos e annos,
signalar províncias e cidades, notear nações, e ainda pessoas,
(quando o soffrer a materia) por isso, sem ambição, nem injuria

(1) A Lapid in commis. Scriptura comment. in Pentath. 5 vol. 2.

(2) Apud P. A Lapid in arg. Isaï. V cap. par. 2. Ibi. Ut qui Isaï.
legun., versari seputent in evangeliis.

de ambos os nomes, chamamos a esta narração historia e Historia do Futuro.

Sós e solitariamente entramos nella (mais ainda que Noé no meio do diluvio) sem companheiro nem guia, sem estrella, nem pharol, sem exemplar, nem exemplo : o mar é imenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noite escrússima : mas esperamos no Pae dos lumes (a cuja gloria e de seu Filho servimos), tirarão a salvamento a fragil barquinha : ella com maior ventura que Argos, e nós com maior ousadia que Tiphys. Antes de abrir as velas ao vento (oh façá Deus que não seja tempestade !) em logar da benevolencia que se costuma pedir aos leitores, só lhes quero pedir justiça. É de direito natural que ninguem seja condenado, sem ser ouvido ; isto só deseja e pede a todos a nova Historia do Futuro, com palavras não suas, mas de S. Jeronymo : *Legant prius, et postea despiciant.* Léam primeiro, e depois condenem, assim dizia aquelle grande mestre da egreja, defendendo a sua versão dos sagrados livros, então perseguida e impugnada, hoje adorada e de fé.

CAPITULO II

Segunda parte do titulo desta Historia : convidam-se os portuguezes á lição della

No capitulo passado faliámos com todo o mundo ; neste só com Portugal : naquelle prometemos grandes futuros ao desejo ; neste asseguramos breves desejos ao futuro : nem todos os futuros são para desejar, porque ha muitos futuros para temer. A'manhã serás commigo, disse Samuel a Saul, o propheta ao rei, o morto 'vo vivo : (1. Reg. XXVII — 19) Oh que temeroso futuro ! Caiu Saul desmaliado, e fôra melhor cair em si, que aos pés do propheta : mas era já a vespera do dia da morte ; e quem busca o desengano tarde, não se desengana. Outros reis houve, que por não temer os futuros, quizeram antes ignorá-los.

*... Cessant oracula Delphis,
 Sed silvit postquam reges timuere futura,
 Et super os vetuere loqui...*

Disse sem murmuração o satyrico, que taparam os reis a boca aos deuses, e não queriam consultar os oraculos por não temer os futuros prosperos e adversos, os felizes e os infelizes : todos fôrça felicidade antevers, os felizes para a esperança, e os infelizes para a cautela.

O maior serviço que pôde fazer um vassallo ao rei, é revelar-lhe os futuros ; (1. Reg. XXVIII — 11) e se não ha entre nós os vivos quem faça estas revelações, busque-se entre os sepultados, e achar-se-ha : Saul açoou a Samuel morto, e Balthasar a Daniel vivo, porque um matava os prophetas, outro premiava as prophe-cias. (Daniel V — 16) Declarou Daniel a Balthasar a escriptura fatal da parede, annunciou-lhe intrepidamente, que naquelle mesma noite havia de perder a vida e o imperio ; e que lhe importou a Daniel esta tão triste interpretação ? No mesmo ponto, diz o texto, mandou Balthasar, que o vestissem de purpura, e que lhe dessem o anel real, e que fosse reconhecido por tetrarcha de todo o imperio dos assyrios, que era fazel-o um dos quatro su-premos ministros ou governadores da monarchia. (Ibid. — 29) Só isto fez Balthasar nos instantes que lhe restaram de vida ; e premiado assim o propheta, cumpriu-se a prophecia, e foi morto o rei, digno só por esta accão (se não foram as suas culpas sacri-legios) de que Deus lhe perdoara a vida. Se tanto val o conhecimento de um futuro, ainda que tão infeliz, se tanto premio se dá a uma prophecia mortal, e que tira imperios ; que seria se os promettéra ? Não faltou a este merecimento Dario Hidaspes, rei dos persas e dos medos : sucedeu victorioso este principe na corôa de Balthasar, e confirmou sempre a Daniel na mercê e logar em que elle o tinha posto ; porque assim como prophetisou que havia de perder o imperio o rei dos assyrios, ajuntou tambem, que o havia de ganhar o dos persas e medos : *Divisum est regnum á te, et dabitur medis et persis.* (Dan. V — 28) Eu, Portugal (com quem só fallo agora) nem espero o teu agradecimento, nem temo

a tua ingratidão ; porque se me não contas com Daniel entre os vivos, eu me conto com Samuel entre os mortos ; se nas letras que interpreto achára desgraças (bem poderá ser que as tenhas) eu te dissera a má fortuna sem receio, assim como te digo a boa sem lisonja : mas é tal a tua estrella (benignidade de Deus contigo deverá ser) que tudo o que leio de ti são grandezas, tudo que descubro melhorias, tudo o que alcanço felicidades. Isto é o que deves esperar, e isto o que te espera ; por isso em nome segundo e mais declarado chamo a esta mesma escriptura Esperanças de Portugal, e este é o commento breve de toda a historia do Futo.

Mas vejo que o mesmo nome de Esperanças de Portugal lhe poderá com razão suspender o gosto, assestar o desejo, e embarçar os mesmos alvoroços em que o tenho metido com estas esperanças : *Spes, que differtur, affligit animam,* (Prov. XIII — 12) disse a verdade divina, e o sabe e sente bem a experientia e paciencia humana, ainda que seja muito segura, muito firme, e muito bem fundada a esperança, é um tormento desesperado o esperar.

Muito seguras eram, e tão seguras como a mesma palavra de Deus (que não pode mentir nem faltar) as promessas dos antigos profetas : mas cançava-se tanto o desejo na paciencia de esperar por elles, que vinham a ser fabula do vulgo em Jerusalem as esperanças das prophecias : assim conta esta queixa Isaias no capitulo 28, que pelas ruas e praças da corte se andavam cantando por riso de suas esperanças, e que a volta ou estribilho da cantiga, era :

Expecta, reexpecta.

Expecta, reexpecta

Modicum ibi.

Modicum ibi.

(Isai. XXVIII — 10)

Esperavam, reesperavam e desesperavam aquelles homens, porque em muitas coisas das que lhes prometiam as prophecias, primeiro se acabava a vida, do que chegasse a esperança. Deixa-

ram os paes em testamento as esperanças aos filhos, os filhos aos netos, e nem estes, sendo então as vidas mais compridas, chegavam a vêr o cumprimento do que tão longamente tinham esperado : as esperanças da terra de promissão deixou-as Abrahão a asac, Isaac a Jacob, e Jacob aos doze patriarcas ; mas todos elles morreram e foram sepultados no Egypto : a quem ha de cobrir a terra do Egypto, que lhe importam as esperanças da terra de promissão ? No captiveiro de Babylonia prégavam e prometiam os prophetas que Deus havia de levantar mão do castigo, e restituir o povo á sua antiga liberdade : e se lhe perguntavam quando, respondiam e afirmavam constantemente, que d'alli a setenta annos. (Hier. XXIII — 10) Boa esperança para um captivo, ainda que não fosse muito velho. De que me serve a esperança da liberdade, se primeiramente se ha de acabar a vida ? O mesmo podem Irguir os que hoje vivem com estas esperanças, que eu lh'as prometto : grandes são essas esperanças de Portugal ; mas quando ha de vêr Portugal essas esperanças ?

Ponto é este que depois se ha de tractar muito de proposito, e em que a nosa historia ha de empregar todo o quinto livro : por agora só digo que me não atrevéra eu a prometter esperanças, se não foram esperanças breves. Deus na lei escripta, como notaram graves autores, (Com. Padres e Doctores) nunca prometceu o céu expressamente, porque o que se não pôde dar logo não se ha de prometter : prometter o céu para ir esperar por elle ao limbo, são promessas em que por então se dá o contrario do que se promette : taes são as esperanças dilatadas : se nellas se promette a vida, são morte ; se nellas se promette o gosto, são tormento ; se nellas se promette o paraíso, são inferno.

O limbo chamava-se inferno ; e porque ? Porque era um logar onde se esperava tantos annos pelo paraíso : não me tenha a minha patria por tão cruel, que lhe houvesse de prometter martyrios com nome de esperanças. Para se avaliar a esperança, ha se de medir o futuro, e não é este o futuro da minha Historia.

São Paulo, aquelle philosopho do terceiro céu, desafiando todas as criaturas, e entre elles os tempos, dividiu os futuros em dois futuros : *Neque instantia, neque futura.* (Rom. VIII — 38)

Um futuro que está longe, e outro futuro que está perto: um futuro que ha de vir, e ontro futuro que já vem; um futuro que muito tempo ha de ser futuro: *Neque futura*; e outro futuro, que brevemente ha de ser presente: *Neque instantia*. Este segundo futuro é o da minha Historia, e estas as breves e deleitosas esperanças que a Portugal offereço. Esperanças que hão de ver os que vivem, ainda que não vivam muitos annos, mas vivirão muitos annos os que as virem. *Lignum vitæ, desiderium veniens*, disse no mesmo lugar allegado a mesma Verdade divisa: (Prov. XIII — 12) assim como ha esperanças que tardam, ha esperanças que vem: as esperanças que vem, são o pomo da arvore da vida: *Lignum vitæ, desiderium veniens*. A virtude maravilhosa daquelle pomo, era reparar e accrescentar a vida, e remoçar aos que o comiam. As esperanças que tardam, tiram a vida, as esperanças que vem, não só não tiram a vida, mas accrescentam os dias e os alentos della: *Spes, quæ differtur, affigit animam*. *Lignum vitæ, desiderium veniens*. (Ibid. — 12) Que vida haverá em Portugal tão cançan, que idade tão decrepita, que á vista do cumprimento destas esperanças não torne atraç os annos para lograr tanto bem? Vivei, vivei, portuguezes, vós os que mereceis viver neste venturoso seculo, esperae no auctor de tão estranhas promessas, que quem vos deu as esperanças, vos mostrará o cumprimento dellas.

Não é privilegio este de qualquer prophecia; mas daquellas prophecias de que se compõe esta Historia, sim, porque são mais que prophecias. Um propheta houve no mundo mais que propheta, que foi o grande precursor de Christo; (Mat. XI — 9) e porque razão mereceu a singularidade deste nome S. João entre todos os prophetas deste mundo? Porque os outros prophetas promelteram a Christo futuro, mas não o viram, nem o mostraram presente: o Baptista prometeu o futuro com a voz, e mostrou o presente com o dedo; *Cecinit ad futurum, et adesse monstravit*. Se houve um propheta que foi mais que propheta, porque não haverá tambem algumas prophecias, que sejam mais que prophecias? Assim espero eu que o sejam aquellas em que se fundam as minhas esperanças; e que se nos promettem as felicidades futuras, tambem

os hão de mostrar presentes : agora as prometem com a voz, depois as mostrarão com o dedo. Mas este grande assumpto fique para seu logar. Só digo que quando assim suceder, perderá esta nova Historia gloriosamente o nome, e que deixará de ser historia do futuro, porque o será do presente.

Mas perguntar-me-ha por ventura alguma emulação estrangeira (que ás naturaes não respondo) se o imperio esperado, como se diz no mesmo titulo, é do mundo, as esperanças porque não serão tambem do mundo, senão só de Portugal ? A razão (perdoe o mesmo mundo) é esta. Porque a melhor parte dos venturosos futuros que se esperam, e a mais gloriosa delles será não só propria de nação portugueza, senão unica e singularmente sua. Portugal será o assumpto, Portugal o centro, Portugal o theatro, Portugal o principio e fim destas maravilhas ; e os instrumentos prodigiosos dellas os portuguezes.

Vê agora, ó patria minha, quão agradavel te deve ser, e com quanto gosto deves aceitar a offerta que te faço desta nova Historia, e com que alvoroço e alegria pede a razão e amor natural que lèas e consideres nella os seus e os teus futuros. O grego lê com maior gosto as historias de Grecia, o romano as de Roma, e o barbaro as da sua nação ; porque leem feitos seus, e de seus antepassados. E Portugal que com novidade inaudita lerá nesta Historia os seus, e os dos seus vindoiros, com quanto maior gosto e contentamento, com quanto maior applauso e alvoroço, será razão que o faça ? Portentosas foram antigamente aquellas façanhas, ó portuguezes, com que descobristes novos mares, e novas terras, e déstes a conhecer o mundo ao mesmo mundo : assim como lieis então aquellas vossas historias, lêde agora esta minha que tambem é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que elle era, e eu vos desçubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo, e menor este meu descobrimento, senão maior que tudo : maior cabo, maior esperança, maior imperio. Naquelles ditos tempos (mas menos ditosos que os futuros) nenhuma coisa se lia no mundo senão as navegações e conquistas de portuguezes : esta historia era o silencio de todas as historias. Os inimigos liam nella suas ruinas, os emulos suas invejas, e só Portugal suas glo-

rias. Tal é a Historia, portuguezes, que vos presento, e por isso na lingua vossa: se se ha de restituir o mundo á sua primitiva inteireza, e natural formosura, não se poderá concertar um corpo tão grande, sem dor, nem sentimento dos membros, que estão fóra de seu lugar: alguns gemidos se hão de ouvir entre vossos aplausos, mas tambem estes fazem harmonia. Se são dos inimigos, para os inimigos será a dor, para os emulos a inveja, para os amigos e companheiros o gosto, e para vós então a gloria, e entretanto as esperanças.

CAPITULO III

Terceira parte do titulo, e divisão de toda a Historia

O que encerra a terceira parte do titulo desta Historia, só se pôde declarar inteiramente com o discurso de toda ella, porque toda se emprega em provar a esperança de um novo imperio, ao qual, pelas razões que se verão a seu tempo, chamamos quinto. Entretanto, para que a materia de uma vez se comprehenda, e saiba o leitor em summa o que lhe prometemos, porei brevemente aqui sua divisão. Divide-se a Historia do Futuro em sete partes ou livros. No primeiro se mostra que ha de haver no mundo um novo imperio: no segundo, que imperio ha de ser: no terceiro, suas grandezas e felicidades: no quarto, os meios porque se ha de introduzir: no quinto, em que terra: no sexto, em que tempo: no setimo, em que pessoa. Estas sete coisas são as que ha de examinar, resolver, e provar a nova Historia que escrevemos, do quinto imperio do mundo.

Mas porque esta palavra mundo, nos ambiciosos titulos dos imperios e imperadores, costuma ter maior estrondo na voz, que verdade na significação, será bem que digamos neste logar, o que o titulo da nossa Historia intende por mundo. Os Pharaós do Egypto, e tambem os Ptolemeus, que lhe succederam, de tal ma-

neira mediam a estreiteza de suas terras, pela arrogancia, e inchação de seus vastas pensamentos, que dominando somente aquella parte não grande de extrema Africa, que jaz entre os desertos de Numidia, e os do mar Vermelho, não duvidavam intitular-se Izés do mundo. Essa foi a desigualdade do nome que puseram os Egypcios ao seu restaurador José : *Vocaverunt eum lingua ægypciaca Salvatorem mundi.* (Gen. XLI — 45) Não lhe chamaram Salvador do Egypto, senão do mundo, como se não houvera mais mundo que o Egypto. Imitavam a soberba de seu soberbo Nilo, que quando sae ao amor, se espraia em sete bocas, como se foram sete rios, sendo um só rio ; assim era aquelle imperio, e os demais chamados do mundo, maiores sempre nas vózes, que no corpo e grandeza.

Do imperio dos assyrios temos nas divinas letras uma provisão lançada aos tres capitulos do propheta Daniel, e mandada expedir pelo grande Nabucodonosor, cujo exordio é este : *Nabuchodonosor rex omnibus populis, gentibus, et linguis, qui habitant in universa terra :* (Daniel III — 98) Nabucodonosor, rei, a todos os povos, gentes, e linguas, que habitam em todo o mundo. E o mesmo Daniel (que é mais) fallando a este rei, e accommodando-se aos estylos da sua corte, e aos titulos magnificos de sua grandeza, lhe diz assim no mesmo capitulo : *Tu rex magnificatus, es, et invalisti, et magnitudo tua pervenit usque ad cælum, et potestas tua usque ad terminos universæ terræ.* Comtudo, se lançarmos os compassos ás terras que obedeciam a Nabucodonosor, acharemos que da Asia então conhecida, tinha uma boa parte, da Africa pouco, da Europa menos, e do resto do mundo nada : mas bastavam estes tres retalhos da terra para a soberba de Nabucodonosor revestir os titulos de seu imperio com o nome estrondoso de todo o mundo ; tão grande era a significação dos nomes, e tanto menos o que significavam !

Do imperio de Assuero (que era o dos persas) diz o texto sagrado no primeiro capitulo da historia de Esther, que se estendia da India até á Ethiopia, obedecendo aquella corda 127 provincias ; esta era a demarcação das terras, e estes os limites do imperio, mas os titulos não tinham limite : assim nos consta por

um decreto de Dario, que se refere no sexto capitulo de Daniel, por estas pomposas palavras similhantes em tudo ás de Nabuco : *Darius rex omnibus populis, et gentibus, et linguis, qui habitant in universa terra, vobis multiplicetur.* (Daniel VI — 25) E o mesmo Assuero por outro decreto no cap. 13.^o de Esther, não duvidou firmar por sua própria mão, que tinha sujeito ao seu domínio o orbe universo : *Cum universum orbem meæ ditioni subjugasset.* (Esth. XIII — 2) De maneira que os reis persas por serem senhores de 137 provincias, passaram provisões e decretos a todo o mundo : mas quem desenrolasse o mappa do mundo, e puzesse sobre elle os pergaminhos destas provisões, veria facilmente que o mundo sem demasiado encarecimento, é cento e vinte e sete vezes maior que o imperio persiano : tão pouco se proporcionava a geographia dos titulos com a medida dos imperios !

Que direi do imperio dos romanos ? Os termos que lhe signalam seus escriptores, são as raias do mundo :

*Orbem jam totum Victor romanus habebat.
Qua mare, qua terra, qua sias currit utrumque*

disse Petronio : e Cicero que professava mais verdade que os poetas : *Nulla gens est, quæ non aut ita subacta sit ut vi extet, aut ita domata ut quiescat, aut ita pacata ut victoria nostra, imperioque latetetur.* Tal era a opinião que Roma tinha de sua grandeza, e tal o estylo que guardava em seus edictos : *Exiit edictum à Cæsare Augusto* (diz S. Lucas) (Luc. II — 1) *ut describeretur universus orbis.* Mandou Augusto Cesar matricular e alistar seu imperio, e dizia o edicto : Aliste-se o mundo : mas se examinarmos este mundo romano até onde se estendia, acharemos que pelo oriente se fechava com o rio Tigres, pelo occidente com o mar de Cadiz, pelo meio-dia com o Nilo, e pelo septentrião com o Danubio e Rheno. Estes limites lhe prescreveu Cláudiano, ainda que lhe deu por margens os orientes :

*Subdidet oceanum superis, et margine cæli
Claudit opes, quantum distant a Tigride Gades,
Inter se Tanais quantum Nilusque relinquunt.*

Deixo o Mogor, o China, o Tartaro, e outros dominios barbaros do nosso tempo, que com a mesma magestade de titulos se chama imperadores do mundo, seguindo a antiquissima arrogancia da Asia, em que o mundo andou sempre atado aos titulos da monarchia.

O mundo do nosso promettido imperio não é mundo neste sentido: não prometto mundos, nem imperios titulares, nomes tão alhêos da modestia, como da verdade. Bem sei que o imperio de Allemanha (envelhecidas reliquias, e quasi acabadas do romano) em muitos textos de um e outro direito, se chama imperio do mundo; mas tambem se sabe que os textos podem dar titulos, mas não imperios. No livro setimo examinaremos os fundamentos deste direito; entretanto ainda que liberalmente lh'o concedamos, é certo que os imperios s os reinos não os dá, nem os defende a espada da justiça, senão a justiça da espada. A Abrahão prometeu Deus as terras da Palestina, mas conquistou-as a espada de Josué, e defendeu-as a de seus sucessores. Estes são os instrumentos humanos de que se serve (ainda quando obra divinamente) a providencia daquelle supremo Senhor, que o é do mundo e dos exercitos. Os que querem o ruido, e encher de algum modo o vazio destes grandes titulos, dizem que se intende por hyperbole ou exageraçao, e por aquella figura que os rhetoricos chamam synedoche, em que se toma a parte pelo todo. O titulo desta Historia não falla por hyperboles nem synedoches, não chama a um pygmeu gigante, nem a um braço homem. O mundo de que faltô, é o mundo, aquelle mundo, e naquelle sentido em que disse S. João: *Mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* (Joan. I — 10) O mundo que Deus creou, o mundo que o não conheceu, e o mundo que o ha de conhecer: quando o não conheceu, negou-lhe o dominio; quando o conhecer, dar-lhe-ha a posse: *Un'versum terrarum orbem* (diz Ortelio) *veteres in tres partes divisere, Africam, Europam, et Asiam, sed in inventa America, eam pro quarta parte nostra etas adjecit quintam, quae expectat sub meridionali ordine jacentem.* O mundo que conheceram os antigos se dividiu em tres partes: Africa, Europa, Asia: depois que se descobriu a America,

acrescentou-lhe a nossa idade esta quarta parte, espera-se agora a quinta, que é aquella terra incognita, mas já reconhecida, que chamamos Austral. Este foi o mundo passado, e este é o mundo presente, e este será o mundo futuro : e destes tres mundos unidos se formará (que assim o formou Deus) um mundo inteiro. Este é o sujeito da nossa Historia, e este o imperio que prometemos do mundo. Tudo o que abraça o mar, tudo o que allumia o sol, tudo o que cobre e rodeia o sol, será sujeito a este quinto imperio ; não por nome ou titulo phantastico, como todos os que atégora se chamaram imperios do mundo, senão por dominio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se unirão em um sceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as corôas se rematarão em uma só diadema, e esta será a peanha da cruz de Christo.

Resolveu Augusto com o senado pôr limites á grandeza do imperio romano : duvida Tacito, se foi filha esta resolução do receio, ou da inveja ; *Incertum metu, an per invidiam.* Temeu Cesar (se foi receio) que um corpo tão enormemente grande, se pudesse animar com um só espirito, não se pudesse governar com uma só cabeça, não se pudesse defender com um só braço ; ou não quiz (se foi inveja) que viesse depois outro imperador mais venturoso, que trespassasse as balizas do que elle até então conquistara, e fosse ou se chamassem maior que Augusto. Tal foi, dizem, o pensamento de Alexandre, o qual visinho á morte repetiu em diferentes sucessores o seu imperio, para que nenhum lhe pudesse herdar o nome de Magno. Não é, nem poderá ser assim no imperio do mundo, que prometemos ; a paz lhe tirará o receio, a união lhe desfará a inveja, e Deus (que é fortuna sem inconstancia) lhe conservará a grandeza.

Aqui acaba o titulo desta Historia, e mais claramente do que o dissemos agora, o provaremos depois : entretanto, se aos doutos ocorrem instâncias, e aos escrupulosos duvidas, damos por solução de todas a mão omnipotente : *Sciant, et recognoscant et intelligent, quia manus Domini fecit hoc.* (Isai. XLI — 20)

CAPITULO IV

Utilidade da Historia do Futuro

§ I

Se o fim desta escriptura fôra só a satisfação da curiosidade humana, e o gosto ou lisonja daquelle appetite, com que a impaciencia do nosso desejo se adienta em querer saber as coisas futuras : e as esperanças que temos promettido, foram só floressem outro fructo mais que o alvoroço e alegria com que as felicidades grandes e proprias se costumam esperar, certamente eu suspendêra logo a pena e a lançara da mão, tendo este meu trabalho por inutil, impertinente e ocioso, e por indigno, não só de o communicar ao mundo, mas de gastar nelle o tempo e o cuidado.

Mas se a historia das coisas passadas (a que os sabios chamarão mestra da vida) tem esta e tantas outras utilidades necessarias ao governo e bem commun do genero humano, e ao particular de todos os homens ; e se como tal empregaram nella sua industria tantos sujeitos em sciencia, engenho e juiso eminentes, como foram os que em todos os tempos immortalizaram memoria delles com seus éscriptos ; porque não será igualmente util e proveitosa, e ainda com vantagem, esta nossa Historia do Futuro, quanto é mais poderosa e efficaz para mover os animos dos homens a esperança das coisas proprias, que a memoria das alheias ?

Se em todos os livros sagrados contarmos os escriptores de coisas passadas (como foram na lei da graça os quatro evangelistas, e na escripta Moysés, Josué, Samuel, Esdras e alguns outros cujos nomes se não sabem com tão averiguada certeza) acharemos que são em muito maior numero os que escreveram das futuras : diferença que de nenhum modo fizera Deus, que é o verdadeiro Auctor de todas as escripturas (sendo todas ellas, como diz S. Paulo, escriptas para nossa doutrina) se não fôra igual, e ainda maior, a utilidade que podemos e devemos tirar do conhecimento das

coisas futuras, que da noticia das passadas. E verdadeiramente que se os bens da sciencia se colhem, e conhecem melhor pelos males da ignorancia, achará facilmente quem discorrer pelos successos do mundo, desde seu principio até hoje, que foram muito menos os damnos em que cairam os homens por lhes faltar a noticia do passado, que aquelles que cegamente se precipitaram pela ignorancia do futuro.

Em consequencia desta verdade, e em consideração das coisas que tenho disposto escrever, digo (leitor christão) que todos aquelles fins que sabemos teve a providencia divina em diversos tempos, logares e nações para lhes revelar antecedentemente o successo das coisas que estavam por vir, concorre com particular influxo nesta nossa Historia, e se acham juntos nella. Esta é, não só a principal razão, mas a unica e total, porque nos sujeitamos ao trabalho de tão molesto genero de escriptura, esperando que será grato e aceito a Deus, a quem só pretendemos servir; e intendendo que foram vontade, inspiração, e ainda força suave da mesma providencia, os impulsos, que a isto (não sem alguma violencia) nos levaram, para que estes secretos de seu occulto juizo e conselho se descobrissem e publicassem ao mundo, e em todo elle produzissem proporcionalmente os efeitos de mudança, melhoria e reformação, a que são encaminhados e dirigidos. A' mesma Magestade divina, humildemente prostrados diante de seu infinito acalamento, pedimos com todo o affecto de coração, agora que entramos na maior importancia desta materia, se sirva de nos comunicar aquella luz, graça e espirito, que para negocio tão arduo nos é necessario, conhecendo e confessando que sem assistencia deste soberano auxilio, nem nós saberemos explicar a outros o pouco que por merce do céu temos alcançado e conhecido, nem menos poderemos descobrir e alcançar ao diante, o muito que nos resta por conhecer.

§ II

PRIMEIRA UTILIDADE

O primeiro motivo e mui principal, porque Deus custuma re-

velar as coisas futuras (ou sejam benefícios ou castigos) muito tempo antes de sucederem, é para que conheçam clara e firmemente os homens, que todas veem dispensadas por sua mão. Armasse assim a sabedoria eterna contra a natureza humana, sempre soberba, rebelde e ingrata, ou porque se não levante a maiores com os benefícios divinos, e se beije as mãos a si mesma, como dizia Job, ou porque não atribua a coisas naturaes (e muito menos ao caso) os efeitos que veem sentenciados como castigo por sua justiça, ou ordenados para mais altos e occultos fins por sua porvidencia. Foram mostradas a Pharaó em sonhos as sete espias gradas, e as sete fállidas : as sete vaccas fracas, e as sete robustas (Gen. XLI — 1, 2, 3 e 4) : e logo ordenou a providencia divina que estivésse em Egypto um Jossé (posto que vendido e desterrado), que lhe declarasse o mysterio dos sete annos da farta, e este de fome ; (Ibid. — 12) para que conhecesse o barbaro, que Deus e não o seu adorado Nylo, era o auctor da abundancia e da esterilidade, e que a elle havia de agradecer no beneficio dos sete annos o remedio das quatorze : como na terra do Egypto não chove jámais, e se regam e fertilizam os campos com as inundações do rio Nylo, disse discretamente Pílio, que só os egypcios não olhavam para o céu, porque não esperavam de lá o sustento, como as outras nações.

Oh quantos christãos ha egypcios, que nem esperando, nem temendo, levantam os olhos ao céu, e em lugar de reverenciarem, em todos os successos a primeira causa, só adoram as segundas ! Por isso mostra Deus a Pharaó tantos annos antes, quaes hão de ser os da fome e quaes os da farta ; para que conheça a ignorante sabedoria do Egypto, que os meios da conservação ou ruina dos reinos a mão omnipotente de Deus é a que os distribue quando são, pois só elle os pôde determinar antes que sejam.

Quiz a mesma providencia, como assim dizíamos, tirar o imperio a Balthazar, e dal-o a Dario ; mas apareceu primeiro a sentença escripta no paço de Babilonia, e houve logo um Daniel (tambem captivo e desterrado), que interpretasse ao rei os misterios della, (Dan. V — 5 e 55) para que Balthazar, que perdia o reino, conhecesse que o perdia, porque Deus lho tirava ; e para que

Dario, que o havia de receber, intendeisse que o receberia porque Deus lho dava. Deus é o que dá e tira os reinos e os imperios, quando e a quem é servido. E não bastam, se Deus dispõe outra coisa, nem as armas de Dario para os adquirir, nem o direito e herança de Balthazar; para os conservar, por isso que a mesma providencia divina, que as sentenças estejam escritas antes da execução, e que haja quem as interprete antes do successo.

Os futuros portentos do mundo, e Portugal, de que ha de tratar a nossa Historia, muitos annos ha que estão sonhados, como os de Pharaó, e escritos como os de Balthazar; mas não houve atégora nem José que interpretasse os sonhos, nem Daniel, que construisse as escrituras; e isto é o que eu começo a fazer (com a graça daquelle Senhor, que sempre se serve de instrumentos pequenos em coisas grandes), para que conheça o mundo e Portugal, com os olhos sempre no céu e em Deus, que tudo são efeitos de seu poder, e conselhos da sua providencia; e para que não haja ignorancia tão cega, nem ambição tão presumida, que tire a Deus o que é de Deus, por dar a Cesar o que não é de Cesar, atribuindo á fortuna, ou industria humana, o que se deve só á disposição divina.

Estylo foi este que sempre Deus usou com Portugal, receioso porventura de que uma nação tão amiga da honra e do glorio lhe quizesse roubar a sua. Quem considerar o reino de Portugal nô tempo passado, no presente e no futuro; no passado o verá vencido, no presente resuscitado, e no futuro glorioso; e em todas estas tres diferenças de tempos e estylos lhe revelou e mandou primeiro interpretar os favores e as mercês tão notáveis, com que o determinava ennobrecer: na primeira fazendo-o, na segunda restituindo-o, na terceira sublimando-o. Antes do nascimento de Portugal appareceu o mesmo Christo a el-rei (que assistiu o não era) D. Afonso Henriques, e lhe revelou como era servido de o fazer rei, e a Portugal reino; a victoria que lhe havia de dar em batalha tão duvidosa, e as armas de tanta gloria, com que o queria singularizar entre todos os reinos do mundo. E o embaixador e interprete deste e de outros futuros, que depois se viram cumpridos, foi aquelle velho, desconhecido e reti-

rodo do mundo, e ermitão do campo de Oerique ; para que cou-
nhecesse e não pudesse negar Portugal, que devia a Deus a vi-
ctoria e a coroa, e que era todo seu desde seu nascimento. Antes
da sua resurreição, que todos vimos tambem, foi revelado o suc-
cesso della com todas suas circumstancias, não havendo quem
ignorasse, ou quem não tivesse lido, que no anno de quarenta se
havia de levantar em Portugal um rei novo, e que se havia de
chamar João. E o interprete deste futuro, que parecia tão im-
possivel, e de tantos outros que logo se cumpriram e não cum-
prindo, foi a nossa experiençia ; para que conhecesse outra vez
Portugal, que a Deus e não a outrem devia a restituïção da co-
rona, que havia sessenta annos lhe cairia da cabeça, ou lhe fôra
armoada della. Antes das glórias de Portugal, que é o tempo fu-
turo, e muitos centos e ainda milhares de annos antes (como de-
pois mostraremos), tambem está promettido este terceiro e mais
feliz estado do nosso reino, e promettidos juntamente os meios e
instrumentos prodigiosos por onde ha de subir e ser levantado
ao cume mais alto e sublime de toda a felicidade humana : e o in-
terprete deste ultimo e glorioso estado de Portugal já tenho dito
quem é, e quão indigno de o ser, e por isso mui proporcionado
(segundo o estylo de Deus) para tão grande e difficultosa empreza ;
para que até por esta circumstancia conheçam os portuguezes, que
a mesma mão omnipotente que ha vinte e quatro annos conserva
e defende tão constante e victoriuosamente o reino de Portugal,
é a que ha de levantar e sublimar ao estado felicissimo e glo-
rioso, que lhe está promettido.

Considerem agora os portuguezes, e leam tudo o que d'aquí por
dante se temos escrevendo, com este presupposto e importantis-
sima advertencia, que, se alguma coisa lhe poderia retardar o
cumprimento destas promessas, seria só o esquecimento ou des-
conhecimento do soberano Auctor dellos, quando por nossa des-
graça fassemos tão injuriosamente ingratos a Deus, que, ou refe-
rissemos os benefícios passados, ou esperassemos os futuros de ou-
tra maneira, que a sua.

Padmettem Deus de livrar os filhos de Israel do captiveiro do
Egypto, como tinha jurado aos seus maiores, e de os levar e met-

ter de posse da terra de promissão : e posto que todos viram o cumprimento da primeira promessa, conseguindo milagrosamente a liberdade, e sacudiram seu sangue nem golpe de espada a sujeição de tão poderoso domínio, sendo contudo mais de seiscentos mil homens os que triumpharam de Pharaó, e passaram da outra parte do mar Vermelho ; de todos elles não entraram na terra de promissão, nem chegaram a lograr a felicidade e descanso da segunda promessa, mais que José e Calef, dois daquelles aventureiros, que, escolhidos pelos dezena tribus foram, diante a explorar a terra. Raro exemplo de severidade na misericordia de Deus, mas bem merecido castigo ; porque se buscarmos no texto sagrado as causas deste desvio e dilação (a qual durou quarenta annos inteiros, sendo a distancia do caminhe breve, e que se podia vencer em poucos dias) acharemos que foram tres agora nos servem as duas, depois diremos a terceira. A primeira causa, foi atribuirem a liberdade do captiveiro a Moysés : assim o disseram no cap. 32.º do Exod. : *Moysi enim huic viro, qui nos eluxit de terra Aegypti, ignoramus quid acciderit.* (Exod. XXXII — 1) A segunda e ainda mais ignorante (sobre impias e blasphemias), foi atribuirem a mesma liberdade ao ídolo que de seu ouro tinham fundido no deserto : assim o disseram também no mesmo capítulo, e o apregoaram impiamente a altas vozes : *Hi sunt dii tui Israel, qui te eduxerunt de terra Aegypti.* (Ib id. — 4) Basta, povo descordez, ingrato e blasphemoso, que Moysés e o vosso ídolo foram os que vos livraram do captiveiro do Egypto ? Por certo que o não disse assim Deus ao mesmo Moysés, quando lhe deu o officio e a varga, e o fez com tanta repugnancia sua instrumento de seus poderes : *Vidi afflictionem populi mei in Aegypto et clamorem ejus audiui, et sciens dolorem ejus, descendui ut liberem eum de manibus Aegyptiorum, et deducam de terra illa in terram bonam, et spatiosum, in terram, qua fluit lacte, et malle :* (Ibid. III — 7, e 8) Vi, diz Deus, a afflictão do meu povo, e ouvi os seus clamores ; e porque sei com quão justa razão se queixam, desci em pessoa a livral-os das mãos dos egípcios, e tiral-os daquelle terra para outra, que lhe hei de dar, tão espacosa, abundante, e cheia de todos os regalos e delícias. De maneira que quem tirou os fi-

lhos de Israel do Egypto, foi Deus, e quem fez os portentos e maravilhas foi Deus, e quem abriu o mar Vermelho e afogou nelle Pharaó e seus exercitos, foi Deus: e os que attribuem as obras de Deus e os benefícios (de que só a elle se devem as graças) a Moysés e ao ídolo, não merecem ter vida, nem olhos para chegar a ver a terra de promissão; sendo muito justo e muito justificado castigo, que morram e acabem todos antes de chegar o prazo das felicidades, e que pois tão ingrata e impiedosamente interpretaram o benefício da primeira promessa, sejam privados de gozar a segunda. Eu não nego que em bom sentido se podia chamar Moysés libertador do captiveiro, como tambem Deus pelo honrar lhe dava esse nome; mas nos homens que deviam dar a Deus toda a gloria (pois toda era sua) referirem-na a Moysés, era descortezia, atribuirem-na ao ídolo, era blasphemia, e não a darem a Deus toda, era ingratidão summa.

Já Deus, portugueses, nos livrou do captiveiro, já por mercê de Deus triumphámos de Pharaó e do poder de seus exercitos, já os vimos, não uma, mas muitas vezes afogados no mar vermelho de seu proprio sangue: ímos caminhando pelo deserto para a terra de promissão, e pôde ser que estejamos já muito perto della, e de ultimo cumprimento das promettidas felicidades. Se ha algum tão invejoso dos bens da patria, e tão inimigo de si mesmo, que queira retardar o curso de tão prospera e feliz jornada, e acabar infelizmente, ainda antes de ver o fim desejado della, negue a Deus o que é de Deus, e attribua à liberdade as victorias e o cumprimento das primeiras promessas que temos visto, ou a Moysés, ou ao ídolo; quem refere a gloria dos bons sucessos ao seu valor, à sua sciencia militar, ao seu braço; ao seu talento, dà a gloria de Deus ao ídolo: por isso se vos escrevem aqui essa mesma liberdade, essas mesmas victorias, e essas mesmas sucessos, assim os que já se viram, como os que restam, para se ver, tantos annos antes revelados por Deus: para que conheça por nossa confissão todo o mundo, que são misericordias suas, e não obras do nosso poder; e para que nós, como effeitos da providencia, da bondade e omnipotencia divina, a Deus só as referirmos todas, e a Deus só louvemos e dêmos as graças. Os ini-

migos que mais temo a Portugal, são soberba e ingratidão, vícios tão naturaes da prospera fortuna, que, como filhos da víbora, juntamente nascem dela e a corrompem. A humildade e agradecimento, a desconfiança de nós, a confiança em Deus, e o teles e desejo purissimo de sua gloria, dando-lh'a em tudo e por tudo, sempre são os meios seguros que nos hão de sustentar, levar e metter de posse daquellas segundas promessas. E este conhecimento tão grato a Deus, que aprendemos nas notícias de seus futuros, é o primeiro fructo e utilidade que da lição desta nossa Historia se pôde tirar, tão importantemente para a vida como para a vista.

BREVE ADVERTENCIA AOS INCREDULOS.

Mas antes que passemos ás outras utilidades, que ficarão para os capítulos seguintes, justo será que fechemos este com a terra e a causa do castigo que ponderavamos, a qual resfere o texto sagrado no cap. 14.^º dos Numeros, e pôde ser de grande exemplo para outra casta de gente, que são os que a escriptura chama filhos da desconfiança. Chegados os doze exploradores da terra de promissão, concordaram todos na largueza, bondade e fertilidade da terra, mas excepto Josué e Calef, que facilitaram a conquista, e animavam o povo a ella: os outros conformemente, instavam que era impossivel, assim pela fortaleza e sitio das cidades, como pela valentia, forças, e corporulencias dos homens, que, comparados com os hebreus (diziam elles) pareciam gigantes. Em sum, prevaleceu o numero contra a razão (como as mais vezes sucede), deliberou o povo eleger capitão, e voltar-se com elle ao captiveiro do Egypto, não bastando a experiencia de tantas vitórias passadas, e de tantos sucessos e prodigios inauditos; e sobretudo as promessas divinas tão repetidamente incutidas, de que Deus os havia de metter de posse daquella terra, para crêrem e confiarem que assim havia de ser. Esta tão covarde incredulidade, foi a ultima, ou a ultima da sem razão, com que acabou de se apurar a paciencia divina. E resoluto Deus a não soffrer mais tal gente, nem os perdoar, ou dissimular, como té elle tinha

feito; resolveu que fosse executada nello a sentença de sua propria incredulidade; e pois criam que Deus os não havia de meter de posse da terra de prometido; que nemhum delles entrasse nello; nem a vissem, e que todos morressem primeiro, e fossem sepultados naquelle deserto: assim o disse, e assim se executou. As palavras da queixa de Deus; e da sentença, foram estas: *Quaquequa detrahet mihi populos iste? Quousque non credent mihi in omnibus signis, quae feci eorū eis? Vigo ego, ait Dominus: sicut locuti estis audiente me, sic faciam vobis. In solitudine haec jacebunt cadavera vestra: non intrabitis terram, super quam levavi manum meam, ut habitare vos facherem.* (1)

Leam e perzem bem estas palavras de Deus os incredulos e desanimados (vicios ambos, não sei se de pouco, se de mau coração) e vejam o perigo em que os pôde meter, ou tem mettido a sua incredulidade: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Os que pela experiençia do que tecem visto crêem o que está promettido vel-o-hão, porque são dignos de o verem; os que não crêem, ou não querem crêr, a sua mesma incredulidade será a sua sentença; já que o não crêram, não o verão, diz Santo Agostinho (cujas excellentes palavras adiante citaremos) que depois de cumprida uma parte das promessas, não crê que se hão de cumprir as outras, é não só pertinacia de incredulidade racional, senão crime de ingratitude grande contra o divino Autor dos mesmos benefícios: e a estes incredulos e ingratos castiga justissimamente sua providencia, com que não cheguem a ver nem gozar o que não querem crêr de sua bondade: *Quousque non credent mihi in omnibus signis, quae feci eorū eis?*

Antes da experiençia das primeiras maravilhas, alguma desculpa parece que podia ter a incredulidade na fraqueza do reuelo e desconfiança humana: mas depois de cumpridas e vistas com os olhos tantas coisas, tão grandes, tão maravilhosas, e tão raras, não crê ainda as que estão por vir, é rebeldia de ingratitude, e dureza da incredulidade, merecedoras ambas de que Deus as castigue com se conformar com elles: *Sicut locuti estis,*

(1) Num. XIV — 11, 28, 29, e 30.

sic faciam vobis. Quem quizer saber (segundo o estylo ordinario da justiça e providencia divina) se ha de chegar a vêr as felicidades que dehaixo de sua palavra aqui lhe prometemos, examine o seu coração, e consulte a sua fé: do nosso proprio coração nos corta Deus a sentença, e de nossas proprias palavras a fórmula: *Ex ore tuo te judico.* (Luc. XIX — 22) Aos que crêem, como ao Centurião, diz Christo: *Sicut credidisti, fiat tibi.* (Math. VII — 18) E aos que não crêem como os israelitas do deserto, diz Deus: *Sicut locuti estis, sic faciam vobis.* Quem crê que se hão de cumprir aquellas tão felizes promessas, para elle será o vêl-as e gosal-as: *Sicut credidisti fiat tibi.* (Ibid.) E quem não crê que se hão de cumprir, será também para elle não gosal-as, nem vêl-as. É lei da liberdade de Deus pagar a fé com a vista, por isso havemos de vêr no céu os mysterios que ve nos na terra. E este estylo que Deus custuma guardar na gloria da outra vida, guardar também ordinariamente nas felicidades destas, quando as tem prometido: os que as crêem, terão vida para as vêrem; os que as não crêem, morrerão para que as não vejam: assim o sentenciou o mesmo Deus outra vez em similarmente caso por hecta do propheta Habacuc: *Ecce qui incredulus est, non erit recta anima ejus in semelipso, justus autem inside sua vivet.* (Hab. II — 4) O incredulo (diz Deus) nem terá a vida segura; e ao que crê, a sua mesma fé lhe conservará a vida. Assim sucedeu, porque na guerra que Nabucodonosor fez a Jerusalém, os que creram aos prophetas com el-rei Ieronias viveram; e os que não quizeram crer, com el-rei Sedecias pereceram: quem não crê, desmerece a vista; e para que não chegue a vêr, tira-lhe Deus a vida. Olhem por si os incredulos, e se não crêem que havemos de vêr, crêam que não hão de viver: *Si non credideritis, non permanebitis,* diz o propheta Ieronias.

CAPITULO V

Segunda utilidade.

A segunda utilidade desta Historia, e mais necessaria aos tempos proximos, e presentes, é a paciencia, constancia e consolacao nos trabalhos, perigos e calamidades com que ha de ser afflicto e purificado o mundo, antes que chegue a esperada felicidade. Quando o lavrador quer plantar de novo em mata brava, mette primeiro o machado, corta, derriba, queima, arranca, alimpa, cava, e depois planta e semea. Quando o architecuto quer fabricar de novo sobre edificio velho e arruinado, tambem começa derribando, desfazendo, arrazando e arrancando ate os fundamentos, e depois sobre o novo alicerce levanta nova traça e novo edificio: assim o faz e fez sempre o supremo Creador, e Artifice do mundo, quando quiz plantar e edificar de novo. Assim o disse e mandou notisicar a todo o mundo pelo propheta Jeremias no cap. 10.^o *Ecce constitui te hodie super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipes, et adifices, et plantes.* (Jer. I — 10) Ó gentes, ó reis, ó reinos, quanto arrancar, quanto destruir, quanto perder, quanto dissipar se verá em vossas terras, campos e cidades, antes que Deus vos replante e redeedifique, e se veja restaurado o universo? Maravilha é que ha muitos annos está promettida para esta ultima idade do mundo por aquelle supremo Monarcha, que tem por assento o throno de todo elle: *Et dixi, qui sedebat in throno, ecce nova facio omnia.* (Apoc. XXI — 5) E porque ninguem o duvidasse como coisa tão nova e desuzada, accrescenta logo o evangelista propheta: *Hac verba fidelissima sunt, et vera.* Se deste trabalho e castigo pôde tambem caber alguma parte a Portugal, e se é elle um dos reinos da christandade, que merece ser mui renovado e reformado, o mesmo Portugal o examine, e elle mesmo, se se conhece, o julgue, lembrando-lhe que está escripto que o juiso e exemplo de Deus ha de comecar por sua casa: *Judicium incipiet à domo Dei.* Mas, ou sejam para Portugal, ou para o resto do mundo, ou para

todos, (como é mais certo) nenhuma coisa poderão ter os homens de maior consolação, allivio, nem remedio para o sofrimento e constante firmeza de tão fortes calamidades, do que a lição e condição desta História do Futuro, não pelo que ella tem de nossa, mas pelas escripturas originaes de que foi tirada. Este é o fim; diz S. Paulo, e o fructo muito principal para que elles se escreveram: *Quaecumque scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt, ut per patientiam, et consolationem scripturarum spem habeamus.* (Rom. XV — 4) A lição das escripturas, do conhecimento e fé das coisas futuras, é a que mais que tudo nós pôde consolar nos trabalhos, porque a paciencia tem a sua consolação na esperança; a esperança tem o seu fundamento na fé, e a fé nas escripturas.

Que maior trabalho, ou perigo, pôde sobrevir a uma republica, que vêr-se cercada e combatida por todas as partes de poderissimos inimigos, só, e desamparada, e sem amigo, nem aliado, que a soccorra? Neste estado se viram muitas vezes no tempo de seu governo os Machabeos, de que Deus sempre os livrou com maravilhosas victorias e assistencias do céu, pelas quaes lhes não foi necessário valerem-se da confederação que naquelle tempo tinham com os romanos e esparciatas: e dando conta disto aos mesmos esparciatas Jonathas, que então governava o povo, diz assim em uma epistola: *Nos cum nullo horum indigeremus, habentes solatio sanctos libros, qui sunt in manibus nostris, malitiam mittere ad vos renovare fraternitatem, et amicitiam:* (1. Mac. XII — 9 e 10) Mandamos renovar por este nosso embaixador (diz Jonathas) a antiga amisade e confederação, que com vosco fizeram nossos maiores, não porque tenhamos necessidade dela, e dos vossos soccorros, posto que não nos faltam inimigos, guerras, oppressões e trabalhos; mas temos sempre em nossas mãos os livros santos, em que lemos as promessas divinas e com elles, e com elles nos consolamos e animamos a resistir, pelejar e vencer, como temos vencido e vencemos a todos nossos inimigos: No cap. 8.º se verá que sem atrevimento ou demasiada confiança podemos chamar a esta nossa História do Futuro, livro santo, se houver (como ha de haver primeiro) trabalhos, perigos, oppressões,

tribulações, assolações, e todo o genero de calamidades, misérias, e açoites com que Deus costuma castigar, emendar e domar a rebeldia dos corações humanos.

Para esta occasião, e tão apertada, sae a luz e se offerece ao mundo este livro santo, no qual acharão os afflictos alívio, os tristes consolação, os attribulados remedio, os combatidos socorro, os desconfiados esperança, paciencia, constancia e fortaleza, tudo por meio da lição e fé das divinas promessas, e consolação dos felicissimos fins, a que todos estes trabalhos e tribulações pela providencia do altissimo são ordenadas.

É coisa muito digna de notar, que nunca no povo de Israel concorreram tantos prophetas juntos como antes do captiveiro de Babylonia, e no mesmo captiveiro. Antes do captiveiro prophetizaram por sua ordem Oseas, Isaias, Joel e Amos: no captiveiro prophetisou Micheas, Habacuc, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Sopphonias. De maneira que sendo só doze os prophetas canonicos, os dez delles tiveram por assumpto, e materia muito principal de todas suas prophecias, o captiveiro de Babylonia. Os quatro primeiros que escreveram mais de seis annos antes daquelle tempo, prophetisaram que o povo por seus peccados havia de ir captivo, mas que por misericordia de Deus seria depois restituída á sua patria. Os outros seis, que prophetisaram no tempo do captiveiro, insistiram constantemente em que elle havia de ter fim, determinando signaladamente o anno da liberdade. A razão deste concurso tão extraordinario de prophetas e prophecias (nunca antes, nem depois visto) foi, porque nunca o povo e reino de Judá padeceu tão grande trabalho e calamidade como o captiveiro, ou transmigração de Babylonia, sendo captivos, presos e despojados de seus bens, arrancados da patria, e levados a terras de barbaros, e lá opprimidos e tractados como escravos em durissima servidão. Ordenou pois a providencia e misericordia divina, que naquelle tempo e estado tão calamitoso, houvesse muitos prophetas e muitas prophecias, uns que as tivessem escripto no tempo passado, e outros que as prégassem no presente, para que o povo não desmaiasse com o peso da afflição, e animado com a esperança da liberdade pudesse com o trabalho do captiveiro. O captiveiro e o tyranno os

opprimia : os prophetas e as prophecias os alentavam. Cantavam-se as prophecias ao som das cadéas, e com a brandura deste sem os ferros se tornavam menos duros, e os corações mais fortes.

Foi mui particular neste caso entre todos os outros prophetas o zelo e diligencia de Jeremias, porque tendo ficado em Jerusalém, onde padeceu grandes trabalhos, prisões e perigos da vida por pregar e prophetisar a verdade, (pela qual finalmente morreu apedrejado) no meio destas oppressões e perigos proprios, não esquecido dos alheios, antes mui lembrado do que padeciam os desterrados de Babylonia, escreceu um livro das suas prophecias, em que por termos muito claras e palavras de grande consolação, lhes annunciava a liberdade e o tempo della, como se pôde ver no cap. 29.º do mesmo propheta. Levou este livro a Babylonia o propheta Baruch, companheiro de Jeremias, leu-se em presença d'el-rei Iconias, e publicamente de todo o povo, que com elle divia no captiveiro, e nota o mesmo Baruch, que todos com grande alvoroço corriam ao livro : assim o diz no primeiro capitulo da relação que fez desta jornada, e anda no texto sagrado junta com as obras de Jeremias : *Et legit Baruch verba libri hujus ad aures Jechoniae filii Joachim regis Iuda, et ad aures universi populi venientis ad librum.* (Bar. I — 3)

Não sei se terá a mesma fortuna, e se será recebido e lido com o mesmo animo e affecto este nosso livro da Historia do Futuro : mas sei que nos trabalhos, calamidades e afflicções que ha de padecer o mundo e pôde ser cheguem tambem a Portugal, nem Portugal, nem o mundo poderá ter outro allivio, nem outra consolação maior, que a frequente lição e consideração deste livro, e das prophecias e promessas do futuro, que nello se verão escriptas : ao menos não negará Portugal, que no tempo da sua Babylonia e do captiveiro e oppressões com que tantas vezes se viu tão maltratado e apertado, nenhuma outra appellação tinha a sua dor, nem outro allivio ou consolação a sua miseria, mais que a lição e interpretação das prophecias, e a esperança da liberdade e do anno della, e do termo e fim do captiveiro que nellas se lia. Lia-se na carta e tradição de S. Bernardo, que quando Deus alguma hora permittisse que o reino viesse a mãos

e poder da rei estranhe, não seria por espaço mais que de sessenta annos. Lia-se no juramento d'el-rei D. Affonso Henriques, e na promessa do santo ermitão, que na decima-sexta geração attenuada, poria Deus os olhos de sua misericordia no reino. Lia-se nas celebres tradicções de Gregorio de Almeida no seu Portugal Restaurado, que o tempo desejado havia de chegar, e as esperanças delle se haviam de cumprir no anno signalado de quarenta : e no concurso de todas estas prophecias, se consolava e animava Portugal, a ir vivendo ou dorando até vêr o cumprimento dellas.

Fallando no mesmo captiveiro de Babylonia o mesmo propheta Isaias, e do allivio e consolação, que com suas prophecias haviam de ter em seus trabalhos aquelles captivos, diz com igual brandura e eloquencia, estas notaveis palavras : *Spiritus Domini super me, ut mederer contritis corde, et prædicarem captivis indulgentiam, et annum placabilem Domino, ut consolater omnes lugentes, et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudii pro luctu :* (Isai. LXI — 1, 2 e 3) Desceu sobre mim o Senhor, e ungiu-me com seu espirito, diz Isaias, para que como medico dos afflictos captivos de Babylonia, curasse com o talento de minhas promessas e prophecias, a tristeza e desmaio de seus corações ; e declarando mais em particular os remedios cordeaes que lhes applicava, aponta nomeadamente dois, que mais parecem receitados para o nosso captiveiro, que para o de Babylonia. O primeiro, era um anno de indulgência e redempção, em que o captiveiro se havia de acabar : *Et prædicurem captivis indulgentiam, annum placabilem Domino.* O segundo, era uma coroa trocada pelas antigas cinzas, com que os luctos e tristezas passadas se convertessem em festas e alegrias : *Et darem eis coronam pro cinere, oleum gaudii pro luctu.* Assim o liam os captivos de Babylonia nas suas prophecias, e assim o liamos nós tambem nas nossas ; e assim como elles não tinham outro remedio na sua dor senão a esperança daquelle desejado anno, e a mudança daquelle prometida coroa, assim nós com os olhos longos no suspirado anno de quarenta, e na esperada coroa do novo rei portuguez alliviamos o peso de nosso jugo, e consolavamos a pena do nosso captiveiro :

e, pois, este remedio das prophecias foi tão presente e efficaz para os trabalhos passados, razão tenho eu (e razão sobre a experien-
cia) para esperar e confirmar que o será tambem para os futuros. Eu não prometto nem espero infortunios a Portugal; mas ou sejam de Portugal, ou da christandade, ou do mundo, os que pôde-
causar nelle a necessidade, ou a adversidade dos tempos, para to-
des lhes prometto este remedio: melhor é que sobejem os re-
medios á cautela, do que saltem á providencia.

E porque não pareça que argumento só de casos e prophecias de tempos antigos, sejam os casos e prophecias proprias dos nos-
sos tempos, e escriptas só para elles.

Ninguem ignora que as prophecias do Apocalypse, (e mais ainda as que estão por cumprir) são proprias dos tempos que hoje correm, e não devem parar no fim do mundo: assim o dizem padres e expositores, e nós o mostraremos em seu proprio logar. Mas a que fim, pergunto, ordenou a providencia divina que S. João ti-
vesse aquellas revelações, e escrevesse aquellas prophecias? E' pergunta esta de que foi respondida Santa Brizida, como se lê no livro sexto de suas revelações. Querendo Christo, por particular favor, que a santa ouvisse a resposta da boca do mesmo propheta; appareceu alli S. João, e disse desta maneira: *Tu Domini ins-
pirasti mihi mysteria ejus, et ego scripsi ad consolationem fu-
turorum, ne fideles sui propter futuros casus evertentur* (1). Vós, Sê-
nhor, me revelastes aquelles mysterios, e eu escrevi as prophecias dellos para consolação dos vindoiros, e para que os vossos fieis com os casos futuros se não perturbem, antes confirmados com as mesmas prophecias, estejam nelles constantes.

Este é o fim (posto que não só este) porque Deus revela as coisas futuras, e porque os profetas antigos, e o ultimo de to-
dos, que foi S. João, as escreveram; para que se veja quão justa e quão util é, e quão conforme com a vontade e intento de Deus, a diligencia com que me disponho, e o trabalho de esco-
lher entre todas as prophecias que pertencem a nossos tempos,
e de as ajuntar, ordenar, e tirar á luz para o beneficio publico;

(1) *Revelatio S. Birg. lib. 6.*

e porque o fructo deste beneficio se pôde colher nas novidades, que promette este mesmo anno em que somos entrados, applicando o remedio á ferida, ou aos ameaços della, digo assim com o propheta Amos : *Leo rugiet, quis non timebit?* *Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* (Amos III — 8) Está o leão bramindo ? Sim, está ; pois agora é o tempo de se ouvirem as prophecias, e de se saber e publicar o que Deus tem dito : *Dominus Deus locutus est, quis non prophetabit?* Fallem todos nas prophecias, e intendam-nas todos, pratiquem-nas todos, que agora é o tempo. Quando os bramidos do leão se ouvirem em suas caixas e trombetas, sôe tambem em nossos ouvidos por cima de todas ellas, o trovão de nossas prophecias : assim lhe chamei, porque são voz do céu : *Leo rugiet, quis non timebit?* Quando bramir o leão, quem não tremerá ? Responderão com razão os nossos soldados, que não temerão aqueles que tantas vezes o tem vencido : que não temerá Portugal, que é o Samsão, que tantas vezes o tem desqueixado : que não temerá Portugal, que é o Hercules, que tantas vezes se tem vestido de seus despojos : que não temerá Portugal, que é o David, que tantas vezes lhe tem tirado das garras os seus cordeiros : esta é a resposta do valor, e está pôde ser tambem a da arrogancia, de que Deus se não agrada. Não confie Portugal em si, porque se não offendá Deus ; confie só no mesmo Deus, e em suas promessas, e pelejará seguro. Oh ! que bem armados esperarão o leão na campanha os nossos soldados, se tiverem nas mãos as armas, e no coração as prophecias ! *Leo rugiet, quis non prophetabit?* Estas são as trombetas do céu, de cujo som tremem os muros de Jericó, e a cuja bateria nenhuma fortaleza resiste.

Mas se acaso (que pôde ser, houver algum sucesso adverso (que também depois do milagre de Jericó houver nos campos de Hay), não perca Josué, nem seus soldados o animo ; recorram a Deus, e a suas promessas, que por isso nos tem prevenido com elles. Costuma a providencia divina começar suas maravilhas por efeitos contrários, ou para provar nossa fé, ou para mais exaltar sua omnipotencia : elle pôde mais que todos os poderes humanos, e só uma coisa não pôde, que é faltar ao que tem profetizado.

Deixou Christo aos discípulos luctar com a tempestade na primeira vigia, na segunda não lhes acudiu, nem na terceira, e quando na quarta depois de os atemorizar com phantasmas, os socorreu com sua presença, ainda então os reprehendeu de pouca confiança. (Matth. XIV — 15) Escureça-se a noite, brame o mar, rompa-se o céu, ensureçam-se os ventos, que Deus ha de acudir por sua palavra ; seguro está o reino em que elle e a palavra de Deus correm o mesmo perigo.

CAPITULO VI

Terceira utilidade

Finalmente (e é a terceira e não menor utilidade desta Historia), lendo os principes da christandade, e mais particularmente aquelles que forem ou estão já escolhidos por Deus para instrumentos gloriosos de tão singulares maravilhas, e maravilhosas felicidades : lendo, digo, no discurso da Historia do Futuro, as vitórias, os triumphos, as conquistas, os reinos, as coroas, e o domínio e sujeição de nações, tantas e tão dilatadas, que lhe estão promettidas, na fé e confiança das mesmas promessas se atrevêrão animosamente a emprehender-as, sendo certo, que, medidas só as forças da potencia humana, sem ter por fiador a palavra divina, nenhuma razão haveria no mundo, que se atrevesse a aconselhar, nem ainda temeridade que se arrojasse a emprehender a desigualdade de tamanhas guerras, e a desproporção de tão imensas conquistas. Mas as promessas, e as disposições divinas, antecedentemente conhecidas na previsão do futuro, tudo facilitam, e a tudo animam,

Para testimunho desta tão importante verdade, e alento dos que a lerem, porei aqui um só exemplo de guerras, outro de conquistas, mas um e outro os maiores que até hoje se viram no mundo.

Tinham vindo sobre o povo de Israel os exercitos dos philisteus com trinta mil carros de guerra, e tanta multidão de soldados, que não só compára a escriptura sagrada o numero delles com o da aréa do mar, senão com a aréa muita : *Sicut arena, quæ est in littore maris, plurima.* (1 Reg. XIII — 5) Os israelitas reconhecendo sua desigualdade para resistir a tão superior e excessivo poder, diz o mesmo texto, que se tinham escondido pelas brenhas pelas montanhas, pelas covas, pelas grutas, pelas cisternas, e por todos os outros logares mais occultos e secretos, que sabe inventar o medo e a necessidade.

Neste estado de horror e miseria saé de noite o principe Jonathas, filhos d'el-rei Saul, tracta de consultar a Deus por um modo de oraculo, ou sorte, a que os hebreus chamavam *Phurim*; pela qual a providencia divina naquelle tempo costumava responder e significar os successos futuros; e encaminhando para os alojamentos do inimigo disse assim ao seu pagem da lança, que só o acompanhava : Se quando formos sentidos do exercito dos philisteus disserem as sentinellas : — esperae por nós — é signal que responde Deus, que paremos, e que não convem acontecer; mas se as sentinellas disserem : — vinde para cá — é signal que responde Deus que acometamos, porque os tem entregues em nossas mãos, e que havemos de prevalecer contra elles : ajustados os signaes nesta forma, proseguiram seu caminho, chegaram perto, e foram sentidos : as sentinellas que deram fé dos dois vultos, fallaram entre si, concordando em que eram hebreus dos que estavam mettidos pelas covas; levantaram a voz, e disseram para elles : Vinde cá, que temos certa coisa que vos dizer. Não foi necessário mais, para que Jonathas entendesse a resposta do divino oraculo, interpretando-a (como verdadeiramente era) conforme o signal que tinha posto; e na fé e confiança desta prophecia, tendo por sem duvida que havia de vencer, avança animosamente as terras dos philisteus, começa elle e o companheiro a matar nos inimigos, toca-se arma, cresce a confusão, perturbam-se os arraiaes, travasse uma brava peleja dos mesmos philisteus, uns contra os outros, cuidando que eram os soldados de Saul; fogem, atropellam-se, matam-se : saem das covas os israelitas, seguem os philisteus fugi-

tivos, e voltam carregados de despojos : conhecem-se em fim com immortal gloria de Jonathas os autores de tão estupenda façanha, bastando só dois homens armados da confiança de uma prophecia, para pôrem em fugida o mais poderoso exercito, e alcançarem a mais desigual e prodigiosa victoria.

A maior e mais nobre conquista que até hoje se intentou e conseguiu no mundo, foi a famosa de Alexandre Magno : o homem que a emprehendeu era o maior capitão que creou a natureza, formou o valor, aperfeiçoou a arte, e acompanhou a fortuna ; mas se não fôra ajudado da prophecia, nem elle se atreverá ao que se atreveu, nem obrára e levára ao cabo o que obrou. Bem sei que no dia em que nasceu Alexandre, ardeu o famosissimo templo de Diana Ephesina, onde prognosticaram os Magos, que naquelle dia entrára no mundo, quem havia de ser o incêndio de toda Asia (1).

Tambem sei, que a quem desatasse o nó gordiano que Alexandre cortou com a espada, estava promettido pelos oraculos de Apollo Delphico o imperio de todo o oriente ; mas não chamo eu a isto prophecias, nem assento considerações e verdades tão serias sobre fundamentos de tão pouca subsistencia, como são os vaticinios da gentilidade.

Conta José no liv. 11.^o de suas Antiguidades, que entrando Alexandre em Jerusalem, saiu a o receber fôra do templo o summo sacerdote Jaddo, revestido nos ornamentos pontificaes, e que Alexandre, vendo-o, se lançara a seus pés, e o adorára ; (José Ant. XI — 8) e perguntado pela causa de tão desuzada reverencia, tão alheia de sua grandeza e magestade, respondeu, que elle não adorára aquelle homem, senão nelle a Deus, porque reconhecerá que aquelle era o habito, o ornato e a representação, em que Deus lhe tinha apparecido em Dio, cidade de Macedonia, e exhortando-o a que emprehendesse a conquista da Persia, que naquelle tempo meditava, lhe seguirá a victoria.

As palavras de Alexandre (que é bem se veja a sua formalidade) são as seguintes : *Non* hunc adoravi, sed Deum, cuius prin-*

(1) A Lap. in Dan. 2. 29. § 12. 5.

cipatus sacerdotii suncus est, nam per somnium in hujusmodi eum habitu conspexi adhuc in Dio civitate Macedonia constitutus: dumque mecum cogitassem posse Asiam vincere, excitavit me, ut nequaquam negligerem, sed confidenter transirem: nam super ducturum meum exercitum dicebat, et Persarum traditum potentiam: ideoque neminem alium in tali stola videns cum hunc advertisset, habens visionis, et probationis nocturnae memoriam salutari, exinde arbitror Divino vivamine me directum Dariumque vixisse, virtutemque solvisse persarum: propterea et ea, quae meo corde sperantur, pro ventura confido. (1)

No mesmo templo de Jerusalém, refere tambem José, que foram mostradas a Alexandre as prophecias de Daniel, particularmente aquella do cap. 8.º Conta alli o propheta, que viu dois animaes do campo, um o maioral das ovelhas, com dois cornos muito fortes; outro o maioral das cabras com um só corno entre os olhos (o qual depois de quebrado se dividiu em quatro), e que este segundo animal correndo da parte do occidente contra o primeiro, sem pôr os pés na terra o investira e derribara e metteu debaixo dos pés. Nestas duas figuras é certo que estava prophetisado, na primeira o imperio dos persas e medos (como explicou o anjo a Daniel), por isso tinha a testa dividida em dois cornos. Na segunda o imperio dos gregos, que no principio esteve unido em uma só pessoa, que foi Alexandre, e depois de sua morte se dividiu em quatro, que foram os quatro reinos, em que elle o repartiu entre seus capitães. Saiu pois Alexandre da parte occidental, que é a Macedonia, e sem pôr os pés na terra, pela velocidade com que vencia e sujeitava tudo, investiu, derribou e metteu debaixo dos pés o imperio dos persas e medos, acabando de se cumprir a prophecia na ultima batalha do Tigranes, em que venceu e desbaratou de todo os exercitos de Dario, e tomou ou se deixou saudar com o nome de imperador da Asia.

Não parou aqui Alexandre; porque não pararam aqui as prophecias de Daniel na visão dos quatro animaes referidos no cap. 7.º O terceiro era Alexandre significado no leopardo com qua-

(1) A Lap. in arg. libr. Sap. § Jam. ut ut proximus.

tro azas. Na visão da estatua de Nabuco referida no cap. 2.^º O terceiro dos metaes, que era o bronze, significava tambem o imperio de Alexandre, e diz alli o propheta, que reinaria e se faria obedecer de todo o mundo : *Et regnum tertium aliud æreum, quod imperabit universæ terræ.* (1) Em seguimento e confiança destas prophecias partiu Alexandre victorioso para a conquista que lhe restava do mundo oriental, o qual sujeitou e uniu todo o seu imperio passando o Tauro e o Caucaso, e chegando até os fins do Ganges, e praias do mar Indico, que eram então as ultimas da terra d'onde Hercules e o padre Libero as tinham collocado.

Mas foram ainda mais em numero e grandeza as nações que venceu e sujeitou Alexandre com a fama, mais que com a espada, porque entrando da volta desta jornada em Babylonie, achou nella os embaixadores de Africa, de Carthago, Hespanha, Gallia, Italia, Sicilia, Sardenha, as quaes províncias, em obsequio e reconhecimento de sua potencia se lhe mandaram sujeitar e entregar espontaneamente, e entre ellas os mesmos romanos (nome já naquelle tempo famoso no mundo), como é auctor Clitarcho, referido e louvado por Plinio no liv. 3.^º da Historia Natural. Tudo certifica ainda com palavras maiores o mesmo texto sagrado no exordio do primeiro livro dos Macabeus, dizendo : *Alexander, qui primus regnavit in Græcia, percussit Darium regem Persarum, et Medorum, constituit, et prælia multa obtinuit omnium munitiones, interfecit reges terræ, pertransiit usque ad fines terræ, accepit spolia multitudinis gentium, et siluit terra in conspectu ejus.* (1. Mac. I — 1, 2, e 3)

Porém o que mais admira nas conquistas e victorias de Alexandre, é a desigualdade do poder, e o limitado apparato de guerra com que entrou em tão immensa empreza ; porque, como refere Plutarco, e o prova com graves auctores, saiu de Macedonia com menos de quarenta mil homens, bastimentos só para trinta dias, e com setenta talentos para estipendios, que fazem da nossa moeda quarenta e dois mil cruzados.

(1) Dan. II. A Lap. v. 16 § Et ecce Dan. II — 39. § Et regnum tertium.

Mas como Alexandre antes de obrar todas estas maravilhas com que mereceu o nome e se fez verdadeiramente magno, se tivesse visto a si mesmo melhor retratado nas prophecias de Daniel, do que depois se viu nas estatuas de Lysipo, nem nas pinturas de Apelles, não é muito que animado e soprado do espirito das mesmas prophecias, e cheio da magestade delles, se atrevesse a tão arduas e difficultosas emprezas, das quaes justamente se duvida (como poz em questão Justino) se foi maior façanha o intental-as, ou vencel-as.

E d'aqui se pôde desculpar (coisa que não soube, nem pôde advertir nenhum dos historiadores de Alexandre, sendo tantos e tão excellentes) d'aqui digo se pôde desculpar aquella mais temeridade, que audacia (qualidade posto que honrosa, indigna de um general prudente e muito mais de um rei, quando conquista o alheio, e não defende o proprio), com que Alexandre empenhava sua pessoa e vida, e se precipitava muitas vezes aos perigos por coisas leves, sendo a confiança, ou o seguro de todos estes arrojamentos, não o dominio que elle tivesse sobre a fortuna : *Quam solus omnium mortalium sub po estate habuit* ; (V. A Lap. ubi sup.) como com discricão gentilica disse delle Curcio, liv. 10.º; mas a previsão e prescienza de suas futuras victorias, e do imperio que lhe estava promettido, e havia necessariamente de conquistar, conforme as prophecias de Daniel : e como tinha a vida e as emprezas firmadas por uma escriptura de Deus, ou por tres escripturas, e ao mesmo Deus por fiador de sua palavra e promessas, fé era e não audacia, confiança e não temeridade, empenhar-se Alexandre nos perigos para conseguir as emprezas, e dar exemplo de despreso da vida a seus soldados para os animar ás victorias : tanta parte teve a prophecia nas accções deste grande capitão e no imperio deste grande monarca, o qual, se deve a Filipe o ser Alexandre, deve a Daniel o ser magno !

Os exemplos que temos domesticos desta mesma utilidade, não são menos admiraveis que os estranhos, assim nas batalhas, como nas conquistas. Era tão innumeravel a multidão de sarracenos que debaixo das luas de Ismael, e dos outros quatro reis moiros, inundaram os campos de Guadiana com intento de tomar

Portugal naquelle dia fatalissimo, o primeiro de nossa maior fortuna, que justamente estavam temerosos os poucos portuguezes, e seu valoroso principe duvidoso se aceitaria ou não a batalha; mas como o velho ermitão, interprete da divina providencia, visto primeiro em sonhos, e depois realmente ouvido e conhecido, lhe assegurou da parte de Deus a victoria, com aquellas tão expressas e animosas palavras: *Vinces Alphonse, et non vinceris*; soccorrido o animoso capitão, e fortalecido o pequeno exercito com esta promessa do céu, sem reparar em que era tão desigual o partido, que para cada lança christã havia no campo cem moiros, resolveu intrepidamente dar a batalha.

Na manhã, pois, da mesma noite em que tinha recebido a prophecia, acommete de fronte a fronte ao inimigo, sustenta quatro vezes o peso immenso de todo seu poder, rompe os esquadrões, desbarata o exercito, mata, captiva, rende, despoja, triumpha; e alcançada na mesma hora a victoria, e libertada a patria, piza glorioso ás cinco coroas mauritanas, é põe na cabeça (já rei) a portugueza.

Isto obraram as prophecias daquelle noite na guerra, mas ainda mostraram mais os poderes de sua influencia na conquista. Quem duvida que foram mais estendidas e gloriosas as conquistas dos portuguezes, que as de Alexandre Magno na mesma India? Desta conquista de Alexandre disse o seu grande historiador: *Oriente perdomito, aditoque Occeano, quidquid mortalitas cupiebat, implevit*. Domado o Oriente, e nevgado o Occeano, cumpriu e encheu Alexandre tudo o que cabia na mortalidade. Que dissera, se vira as navegações dos portuguezes no mesmo Occeano, e suas conquistas no mesmo Oriente? Obrigação tinha em boa consequencia de lhes chamar immortae. Não chegaram os portuguezes só ás ribeiras do Ganges, como Alexandre: mas passaram e penetraram adiante muito maior comprimento e terras, do que ha do mesmo Ganges a Macedonia, donde Alexandre tinha saído.

Não venceram só o Poro, rei da India, e seus exercitos; mas sujeitaram e fizeram tributarias mais coroas e mais reinos do que Poro tinha cidades. Não navegaram só o mar Indico ou Eritreo,

que é um seio ou braço do Oceano na sua maior larguezza e profundidade, aonde elle é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indomito ; o Atlantico, o Ethiopico, o Persico, o Malabarico, e, soi re todos, o Synico, tão temeroso por seus tusões, e tão infame por seus naufragios. Que perigos não despresaram ? que difficultades não venceram ? Que terras, que ceus, que mares, que climas, que ventos, que tormentas, que promontorios não contrastaram ? Que gentes feras e bellicosas não domaram ? Que cidades e castellos fortes na terra ? Que armadas poderosissimas no mar não renderam ? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não sofreram e supportaram, sem ceder, sem parar, sem tornar a traz, insistindo sempre e indo á ante, mais com pertinacia, que com constancia ?

Mas não obraram todas estas proezas aquelles portuguezes famosos por beneficio só de seu valor, senão pela confiança e seguro de suas prophecias. Sabiam que tinha Christo promettido a seu primeiro rei, que os escolhera para argonautas apostolicos de seu evangelho, e para levarem seu nome e fundarem seu imperio entre gentes remotas e não conhecidas ; e esta fé os animava nos trabalhos ; esta confiança os sustentava nos perigos ; esta luz do futuro era o norte que os guiava ; e esta esperança a ancora e amarra firme, que nas mais desfeitas tempestades os tinha seguros (1).

Maiores contrastes tiveram ainda as conquistas de Portugal na nossa terra, que nas estranhas, e mais forte guerra experimentaram nos naturaes que resistencia nos inimigos : quem quizer ver com admiração a tormenta de contradicções populares, e de todo o reino, que por espaço de dez annos padeceram os primeiros descobrimentos das conquistas, lea o grande Chronista da Asia no 4.^o cap. do 1.^o liv., e conhacerá quantas obrigações deve Portugal e o mundo ao sofrimento valor e constancia do infante D. Henrique, filho d'el-rei D. João o I, auctor desta heroica empreza, o qual como religiosissimo principe que era, e nella principalmente

(1) Juramento d'el-rei D. Affonso apud P. Vasconcellos.

pretendia a gloria de Deus, dilatação da fé, e conversão da gentilidade, mereceu que o mesmo Deus com uma voz do céu o exhortasse a levar por diante o começado, com promessa de seu favor, e luz dos gloriosíssimos fins, que por meio de tão dura porfia se haviam de alcançar.

Assim se conta e escreve por fama e tradição daquelle tempo: com este oráculo divino mais fortalecido o espirito do infante, não só pode romper e abrir as portas tão cerradas do Occeano, e deixal-as francas e patentes aos que depois vieram, vencidas as primeiras e maiores dificuldades; mas dar animo, valor, guia e esperança aos que, seguindo seu exemplo e empreza, a levaram ao cabo. Desta maneira o infante D. Henrique, que será sempre de feliz memoria, nos ganhou com sua constancia as conquistas, couquistando-as primeiro em Portugal, do que fossem conquistadas na África, Ásia, América; e contrastando com igual fortaleza o indomito furor do segundo e quinto elemento (que são o mar e o fogo), que não pudéra conseguir sem o socorro da luz do céu, animado nas contradições e contrariedades presentes com o conhecimento e certeza dos sucessos futuros, para que até nesta parte deva Portugal as suas conquistas aos lumes e alentos da prophecia.

Finalmente, esta ultima resolução que no anno de quarenta assombrou o mundo, posto que muito a devamos á ousadia do nosso valor, muito mais a deve o nosso valor á confiança de nossos vaticínios. Que valor sesudo, prudente e bem aconselhado se havia de atrever a uma empreza tão cercada de dificuldades, como levantar-se contra o mais poderoso monarca do mundo, e restituir se á sua liberdade, e acclamar novo rei, não longe, senão dentro de Hespanha, um reino de grandeza tão desigual sobre sessenta annos de captivo e despojado; sem armas, sem soldados, sem amigos, sem aliados, sem assistencias, sem socorros, só, e até de si mesmo dividido em tão distantes partes do mundo? Mas como havia outros tantos annos que a prophecia estava dando brados aos corações em que nunca se apagou o amor da patria, e a saudade do rei, e o zelo da liberdade, dizendo e publicando a todos, que o desejado tempo della havia de chegar no anno felicissimo de quarenta, em que o novo rei seria levantado; a promessa

que sempre a conservou nos corações, o levantou a seu tempo nas vezes, e ella foi a que deu o rei ao reino, o reino à patria, a patria aos portuguezes, e Portugal a si mesmo ; e este seja entre todos o maior exemplo, assim das nossas guerras, como das nossas conquistas, pôis tudo o que linhamos vencido e conquistado em quinhentos annos, alentados das promessas do céu, o podemos restaurar em um dia.

E se tanto tem valido e importado a Portugal o conhecimento de seus futuros, em todos os casos maiores que podem acontecer, a um reino ; se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a coroa ; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe acrescentou as conquistas ; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituuiu a elles ; e se restituuiu a si mesmo ; oh quanto mais necessário lhe será a Portugal, e quanto mais util e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros successos para aquellas empresas novas, e muito maiores que nos tempos que hão de vir (ou que já vem) o esperam ? Não se poderá comprehendêr a grandeza e capacidade desta importancia, senão depois de lida toda a Historia do Futuro, na qual só se medirá bem a immensidão do objecto com a desigualdade do instrumento.

Mas quem quiser desde logo fazer de algum modo a conjectura desta desproporção, tome os compassos a Portugal e ao mundo, e pergunte-se a si mesmo, se se atreve a igualar estes paralelos. É porém tão poderoso contra todos os impossiveis o conhecimento e fé do que ha de ser representado no espelho das prophecias, que nenhuma empreza pôde haver tão desigual, nenhuma tão armada de perigos, nenhuma tão defendida de dificuldades, que debaixo do escudo desta confiança se não intente, se não avance, se não prossiga, se não vença. Da conquista espiritual do mundo se pôde fazer bom argumento para a temporal, pois é mais forte a guerra, e mais dura resistencia a dos intendimentos, que a dos braços. Quiz Deus que a egreja, que é o seu reino, fundada pelos apostolos, se estendesse por seus successores em todo o mundo ; e quaes foram as armas com que Deus os fortaleceu para que não temesssem ou duvidassem a empreza, e se dispuzessem animosamente a tão estranha conquista ? Advertiu com profundo

juiso Primasio, que fôra o Apocalypse de S. João, porque tendo os soldados evangelicos naquellas prophecias, quão largamente se havia de propagar a mesma egreja, e quão prodigiosas victorias havia de alcançar a fé contra todos os inimigos; este mesmo conhecimento os animava a quererem ser (como foram) os instrumentos gloriosos dellas. Segurou-lhes Deus as victorias, para que não duvidassem commetter as batalhas: *Post exortum autem ecclesiae, quæ jam fuerat apostolorum prædicatione fundata, revelari oportuit* (diz Primasio) *qualiter esset latius propaganda, vel quali etiam sine contenta, ut predicatores veritates hujus cognitionis fiducia præsili indubitanter aggrederentur pauci multos, inermes armatos, humiles superbos, obscuri nobiles, infirmi potentes.* (Prim. in Apocalyp.) Não se pôde dizer, nem mais certa, nem mais eleganteamente, se exceptuarmos a desproporção de poucos a muitos, *pauci multus*: em todas as outras considerações foi mais desigual esta empreza, que as que eu prometto, ou hei de prometter; e se a esta se atreveram poucos homens sem armas, sem estimação sem nobreza, sem poder, contra tantos armados arrogantes, nobres, e poderosos, só porque no conhecimento das prophecias tinham segura a felicidade e fim da empreza; porque se não atreverão à mesma empreza, e na confiança das mesmas prophecias, aquelles em quem o poder se iguala com as armas, as armas se illustram com a nobreza, e a nobreza compete com a estimação e com a fama, ainda que sejam poucos contra muitos? E digo na confiança das mesmas prophecias; porque uma boa parte da nossa Historia (como veremos em seu logar) são as do mesmo Apocalypse. Lerão os portuguezes, e todos os que lhes quizerem ser companheiros, este prodigioso livro do futuro, e com elle embarçado em uma mão, e a espada na outra, posta toda a confiança em Deus, e em sua palavra, que conquista haverá que não emprehendam, que dificuldades que não desprezem, que perigos que não pezem, que impossiveis que não vençam? Ao conhecimento antecedente dos futuros chamou discretamente S. Gregorio, escudo fortissimo da prescienzia, em que todas as adversidades e golpes do mundo se sustentam, se reparam, e se rebatem: *Et nos tolerabilius mundi*

mala s scipimus, si contra hac per præscientias clypeum munimur. (1) Que vem a ser esta nossa Historia do Futuro, senão escudo da presciencia, *præscientias clypeum*? Armados com este escudo, que trabalhos, que perigos nos pôde oferecer o mar, a terra e o mundo, e que golpes nos pôde atirar com todas as forças de seu poder que não sustentamos nelle com animosa constancia? Quem haverá que debaixo deste escudo não emprehenda as mais difficultosas conquistas, nem aceite as mais arriscadas batalhas, e não vença e triumphhe dos mais poderosos inimigos, se as emprezas no mesmo escudo vão já resolutas, as batalhas vão já vencidas, e os inimigos já triumphados?

Fugiu o principe dos poetas latinos, que pediu Venus, mãe de Eneas, ao deus Vulcano, lhe fabricasse umas armas divinas, com que entrasse armado na difficultosissima conquista de Italia, com que vencesse os reis, e sujeitasse as nações bellicosissimas que a dominuavam, com que victorioso fundasse naquellas terras o famosissimo imperio romano, que pelos fados lhe estava prometido. Forjou Vulcano as armas, e no escudo, que era a maior e principal peça dellas, diz que abriu de subtilissima escultura as historias futuras das guerras e triumphos romanos, compondo e copiando os successos pelos oraculos e vaticinios dos prophetas, e pelas noticias proprias que tinha, como um dos deuses que era participante dos segredos do supremo Jupiter.

..... *Clypei non enarrabile textum*
Illic res Italas, romanorumque triumphos,
Haud vatum ingnarus, venturique inscius aevi,
Feceral igni potens: illic genus omne futuræ
Stirpis ab Ascanio, pugnatque; ordine bella.
 (Virg. *Aeneid.* 8.)

Ó officio e obrigaçào dos poetas não é dizerem as coisas como foram, mas pintarem-nas como haviam de ser, ou como era bem que fossem: e achou o mais levantado e judicioso espirito de quantos escreveram em estylo poetico, que para vencer as mais

(1) D. Gregor. homil. 35, in Evang.

difficultosas emprezas, para conquistar as mais bellicosas nações, e para fundar o mais poderoso e dilatado imperio nenhuma arma poderia haver mais forte, nem mais impenetravel, nem que mais enchesse de animo, confiança e valor, o peito que fosse cuberto e defendido com ella, que um escudo formado por arte e sabedoria divina, no qual estivessem entalhados e descriptos os mesmos successos futuros que se haviam de obrar naquelle empreza: assim armou o grande poeta ao seu Eneas; e este mesmo escudo, não fabuloso, senão verdadeiro, e não fingido depois de experimentados os successos, senão escriptos antes de succederem, é propriamente, e sem ficção, o que nesta Historia do Futuro ofereço, portuguezes, ao nosso rei. Dobrado de sete laminas, dizem, que era aquelle escudo; e tambem o da nossa Historia, para que em tudo lhe seja similhante, é publicado em sete livros. Nelle verão os capitães de Portugal, sem conselho, o que hão de resolver: sem batalha, o que hão de vencer; e sem resistencia, o que hão de conquistar. Sobre tudo se verão nelle a si mesmos e suas valorosas acções, como em espelho, para que com estas copias de morte-cor diante dos olhos, retratem por elles vivamente os originaes, antevendo o que hão de obrar, para que o obrem; e o que hão de ser, para que o sejam.

CAPITULO VII

Ultima utilidade.

Entre as utilidades proprias, e dos amigos, não quero deixar de advertir por fim dellas, que tambem a lição desta Historia pode ser igualmente util e proveitosa aos inimigos, se, deixada a dissonancia e escandalo deste nome, quizerem antes ser companheiros de nossas felicidades, que padecel-as dobradamente na dor e inveja dos emulos. Lerão aqui nossos vizinhos e confinantes (que muito a pesar meu sou forçado alguma vez a lhes chamar inimigos)

gos, havendo tantas razões, ainda da mesma natureza, para os não serem) lerão aqui com boa conjectura as promessas e decretos divinos, provada a verdade dos futuros com a experiência dos passados : e verão, se quizerem abrir os olhos, um manifesto desengano de sua prophecia, conhecendo que na guerra que continuam contra Portugal, pelejam contra as disposições do supremo poder, e combatem contra a firmeza de sua palavra. Oh quantos danos, quantas despezas, quantos trabalhos, quanto sangue e perda de vidas, quantas lagrimas e oppressão de naturaes e estrangeiros podia escusar Hespanha, se, com os olhos limpos de toda a paixão e affecto, quizesse ler esta Historia do Futuro, e com tanto zelo e desejo de acertar com os caminhos de seu maior bem, como é o animo com que elle se escreve !

Não entre só nos conselhos de estado a conveniencia e reputação, o appetite e o odio, a vingança, o discurso militar e politico ; tenha tambem algum dia logar nelles a fé ; supponha-se que Deus é o que dá e tira os reinos, como e quando é servido ; conheça-se e examine-se a sua vontade pelos meios com que ella se costuma declarar ; e depois de averiguada e conhecida, ceda-se e obedeça-se a Deus por conveniencia, pois se lhe não pôde resistir com força.

Bem pudéra conhecer Hespanha, voltando os olhos ao passado, pela experiência, que Deus é o que desuniu de sua sujeição a Portugal, e Deus o que o sustenta desunido, e o conserva vitorioso. Quando se soube em Madrid do rei que tinham acclamado os portuguezes no primeiro de dezembro do anno de 640 chamavam-lhe por zombaria rei de um inverno, parecendo-lhes aos senhores castelhanos, que não duraria a phantasia do nome mais que até á primeira primavera, em que a fama só de suas armas nos conquistasse : mas são já passados vinte e cinco invernos, em que as inundações do Betis e Guadiana não afogaram a Portugal, e vinte e quatro primaveras, em que sabem muito bem os campos de uma e outra parte o sangue de que mais vezes ficaram matizados.

Imaginou Hespanha, que na prizão do infante D. Duarte atava as mães a Portugal, e lhe tirava a cabeça com que haviam de

ser governados na guerra, e que com os muros de Milão tinha sitiado a Portugal. Morreu em fim (ou foi morto) aquelle principe, e nem por isso desmaiou o reino, antes se armou de novo a justica de sua causa com a sentença daquelle innocencia, e se endureceram e fortificaram mais os peitos com o horror e sealdade daquelle exemplö.

Voltou-se todo o pezo da guerra contra Saul: maquinou-se contra a vida d'el-rei Dom João por tantos meios e instrumentos (e algum delles sobre indecente sacrilegio); parecia-lhe a Castella que saltando a Portugal aquella grande alma, seria facil a suas aguias empolgarem no cadáver do reino. Faltou el-rei D. João ao reino, sobre ter saltado de antes seu primogenito Theodosio, principe de tantas virtudes, opinião e esperanças; mas viu o mundo, posto que o não quiz vér Castella, que era o braço immortal o que defendia e conservava aos portuguezes. Succedeu na menoridade do rei com tanta prudencia e valor a regencia da rainha mãe, e à regencia da rainha o governo felicissimo d'el-rei D. Affonso, que Deus guarde, monarcha de tão conhecida fortuna, que parece a traz a soldo nos exercitos. Fez Castella neste tempo os maiores esforços de seu poder, e para os poder fazer maiores, assim como por esta causa tinha já concluido ou comprado, a preço da propria reputação, a paz de Hollanda, ajustou também a de França. Desembaraçadas em toda a parte as suas armas, chamou os espiritos de todo o corpo da monarchia aos deis braços, com que Castella cerca a Portugal: viram-se juntas contra elle em um exercito, Hespanha, Allemanha, Italia, Flandres, com toda a flor militar, sciencia e valor daquellas bellicosas nações. Mas que resultas foram as desta tão estrondosa potencia, e dos progressos que com ella se tinham ameaçado a nós e promettido a Europa?

Entrou a guerra dividida no anno de 62 por todas nossas provincias; em todas achou opposição igual e efecto superior: uniu-se no anno seguinte com novo conselho o poder; accrescentou-se de gente de cavallos, de cabos, de apparatus bellicos: escolheu-se para theatro daquelle formidavel campanha a província de Além-Téjo: começou a tragedia com prosperos e alegres passos, trium-

phando dos que não podiam resistir ás armas castelhanas ; mas o fim foi tãoadverso, tão lastimoso, e verdadeiramente tragico, como viu com admiração o mundo, e chorará eternamente Castella: perdeu a batalha, o exercito e a reputação : deixou a Portugal a victoria, a fama, os despojos e só levou (como sempre) o desengano.

Estes teem sido em vinte e cinco annos os efeitos do poder ; passemos aos da industria. Intendeu Castella que não podia conquistar a Portugal sem Portugal ; tratou de inclinar á sua devoção os grandes e os menores : na constancia houve diferença, mas nos efeitos nenhuma : o povo, cuja fortuna é inalterável, não padeceu alteração : sendo tão livre e aberto em Portugal o mar como a terra, se não viu em tantos annos nenhum pastor que se passasse a Castella com duas ovelhas, nenhum pescador menos venturoso, que aos seus portos derrutasse uma barca.

Basta por exemplo, ou desengano, a famosa resolução do povo de Olivença, que com partido de poder ficar inteiro com caças e fazendas, se não achou em todo elle um só homem de espirito tão humilde, que aceitasse a sujeição. Perderam todos a patria pela lealdade, triumphou Castella das paredes, e Portugal dos corações. Não viu Roma similhante exemplo, e assim o celebrou um Jeronýmo Petruccio, poeta romano, com este epitaphio :

*Victor uter que manet, victoria dividit orbem
Alphonsus cives, saxa Philippus habet.*

Ainda deu muito a Castella em partir a victoria pelo meio : o vencedor conquistou pedras, o vencido vassallos : de industria se pudéra perder a praça, só por lograr a fineza ; e de industria se pudéra tambem não ganhar, só por não experimentar o desengano : isto vence Castella, quando vence ; e assim se rende o povo de Portugal, quando se rende.

A nobreza, em que tem maiores poderes o receio ou a esperança, como mais escrava da fortuna, não foi toda constante : alguns grandes houve entre os grandes, uns que se passaram ao serviço d'el-rei D. Filipe, outros que com maior ousadia o

quiseram servir em Portugal; a uns e outros castigou o mesmo braço da providencia, a estes com a vida, áquelles com o desterro; atégora não tiveram outro premio, nem mereciam outro, porque Castella nem pôde resuscitar os primeiros, nem quiz parar os segundos.

É fama, que foi respondido á sua queixa, que tinham feito o que deviam, mas ainda devem o que fizeram: cá perderam o que tinham, lá não ganharam o que esperavam: entre os portugueses reos, entre os castelhanos portuguezes, que tambem é culpa.

Isto é o que foram buscar a Castella: todos os que lá se passaram — o desengano de seu discurso, o descredito de sua resolução, e o castigo de sua incredulidade: e ainda de lá nos mandam o exemplo de seu arrependimento. Levaram o que nos não faz falta, porque se levaram; e deixaram o que nos ajuda a defender, porque nos deixaram as suas rendas. A Portugal deixaram os despojos de suas casas, aos vindouros a memoria de sua infidelidade, e ao mundo pregão de sua covardia. Tal foi o merecimento, tal o premio: julgue agora Castella se terá esse interesse cobiçosos, e este empenho imitadores.

Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França, (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação) que no caso em que a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao turco, que a Castella. Era o embaixador ministro de letras, e como um grande senhor francez lhe pedisse a razão deste seu dito, sendo catholico e letrado, respondeu assim: Porque eu em Turquia se defender a fé, serei martyr; se renegar, far-me-hão baxá: e em Castella, monsieur, nem baxá, nem martyr.

Foi mui celebrada a descrição da resposta, a que accrescentava galanteria a mesma pessoa do embaixador; porque era mui avultado de presença, e tão bem lhe podia estar na cabeça o turbante, como na mão a palma. Nada mais venturosamente lhe sucederam a Castella as industrias estrangeiras, que as domesticas; todas desarmou em armas contra si mesma. Em Roma impediu o provimento das mitras; mas os bagos se converteram em lâncias, e o que haviam de comer os pastores das ovelhas, comem os

que as defendem dos lobos. Em Hollanda comprou os estorvos da paz, mas esta se retardou sómente quando foi necessário para se recuperarem as conquistas. Caso grande, e de providencia admirável! Em Inglaterra se empenhou por divertir o parentesco; em França capitulou, que não podessemos ser socorridos; mas teve uma e outra diligencia tão contrarios efeitos, que se vêem hoje em Portugal as suas quinas tão acompanhadas das cruzes de Inglaterra, como assistida das lizes de França. Unidas e complicadas estas tres bandeiras, fazem um syllogismo politico, de tão segura como terrível consequencia. Se só Portugal pôde resistir a Castella tantos annos; ajudado dos dois reinos mais poderosos da Europa, no mar, e na terra, como não resistirá? O maior contrario que tem Hespanha, é o seu proprio poder. Quando se quiz levantar sobre todos, se sujeitou á emulação de todos: estes terão por si Portugal, em quanto ella fôr poderosa; se o não fôr, não os ha mister.

Os discursos da esperança (que é a ultima appellação de Castella) são os que mais lhe mentiram, porque os homens (quando assim lh' o concedamos) discorrem com a razão, e Deus obra sobre ella: todos os que nas materias de Portugal se governaram pelo discurso, erraram e se perderam: e por aqui se perderam: (ainda entre nós) os que na opinião dos homens eram de maior juizo: são obras e mysterios de Deus, quer elle que se venerem com a fé, e não se prophanem com o discurso: por isso todas as esperanças que se assentaram sobre esta fé, foram certas, e todas as que se fundaram sobre o discurso, erradas.

É natureza isto, e não milagre da palavra e promessas divinas: *In verba tua super speravit*: (Psal. CXVIII — 147) dizia aquelle grande politico de Deus, que não só esperava, mas sobre-esperava nas promessas de sua palavra divina; porque se ha de esperar nas promessas da palavra divina, sobre tudo o que promete a esperança do discurso humano: assim o temos sempre visto em Portugal com admirável credito da fé, e igual confusão da incredulidade.

No tempo em que Portugal estava sujeito a Castella, nunca as forças juntas de ambas as corôas puderam resistir a Hollanda; e

d'aqui inferia e esperava o discurso, que muito menos poderia prevalescer só Portugal contra Hollanda, e contra Castella ; mas enganou-se o discurso. De Castella defendeu Portugal o reino, e de Hollanda recuperou as conquistas. Aquelle fatal Pernambuco, sobre que tantas armadas se perderam, e se perderam tantos generaes, por não quererem aceitar a empreza sem competente exercito ; que discurso podia imaginar, que sem exercito, e sem armada, se restaurasse ? E só com a vista phantastica de uma frota mercantil se rendeu Pernambuco em cinco dias, tendo-se conquistado pelos hollandezes com tanto sangue em dez annos, e conservando-se vinte e quatro. Menos esperava o discurso, que se conquistasse Angola com tão desigual poder enviado a tão diferente fim ; e conquistou-se comtudo, aquella tão importante parte de Africa contra todo o discurso, e antes de toda a esperança : e porque se saiba mais distinctamente quão grandes significações se conteem debaixo destes nomes tão pequenos, Pernambuco e Angola ; o que se recuperou em Angola, foram duas cidades, dois reinos, sete fortalezas, tres conquistas, a vassallagem de muitos reis, e o riquissimo commercio de Africa e America. Em Pernambuco recuperaram-se tres cidades, oito villas, quatorze fortalezas, quatro capitaniaes, trezentas legoas de costa. Desafogou-se o Brazil, franquearam-se seus portos e mares, libertaram-se seus commercios, seguraram-se seus thesouros. Ambas estas emprezas se venceram, e todas estas terras se conquistaram em menos de nove dias, sendo necessario muitos mezes só para se andarem. Quem nestes dois successos não reconhecer a força do braço de Deus, duvidar-se pode se o conhece : assim assiste a Portugal dentro e fóra, ao perto e ao longe, aquelle supremo Senhor que está em toda a parte, e que em todas as do mundo o plantou, e quer conservar ; bendita seja para sempre sua omnipotencia e bondade.

Tambem esperava o discurso de Castella, que os animos dos portuguezes com a continuaçao da guerra, e experiençia de suas molestias, se enfastiassem e suspirassem pela antiga e amada paz, cujo nome é tão doce e natural, e mais á vista dê seu contrario : que as contribuiçoes forçosas para o subsídio dos soldados, e a li-

cença e oppressão dos mesmos soldados fossem carga intoleravel aos povos : que os povos depois de apagados aquelles primeiros servores, que traz comsigo o desejo e alvoroço da novidade, com o tempo e seus accidentes, se fossem entibiando até se esfriarem de todo : que os paes se cançassem de dar os filhos, e que a guerra detestada das mães (como lhe charmou o Lyrico) fosse tambem detestada e aborrecida das portuguezas, que, entre as outras mães, o costumam ser mais que todas no amor e na saudade. Mas tambem aqui mentiu a esperança, e se enganou o discurso ; porque os animos se acham hoje mais alentados, os servores mais vivos, os corações mais resolutos, o amor ao rei, á patria, á liberdade, mais forte, mais firme, e mais constante, e maior que todos os outros affectos da fazenda, dos filhos, da vida. Lembram-se os paes, que davam os filhos para as guerras de Flandres, de Italia, de Catalunha, e navegação das indias de Castella, onde os perdiam para sempre ; e querem antes dal-os para as fronteiras de Portugal, onde os vêem, os assistem, e os teem com-sigo ; onde recebem a gloria de ouvir celebrar as acções de seu valor, e feitos galhardos, e vêem estampados seus nomes, e estendida por todo o mundo sua fama, honrando-se (como é razão) de serem paes de taes filhos : e que se morrem na guerra, tecem rei que lhes pague as vidas com larga remuneração de merces, e augmento de suas casas, sendo tão generosas as mães (nas quaes este affecto é superior a toda a natureza), que com igual alegria os choram e sepultam mortos gloriosamente na guerra, do que os parem e criam para ella.

Os povos não se cançam com os subsídios e contribuições; porque sabem quanto maiores e mais pezadas são as que se pagam em Castella para os conquistar, do que elles em Portugal para se defenderem. Veem o fructo de seus trabalhos e suores, e que concorrem com elle para o estabelecimento e honra de sua patria, e não para a cobiça de ministros e exactores estranhos.

Teem na memoria, que tambem antigamente pagavam, e que então era tributo do captiveiro, o que hoje é preço da liberdade : sobre tudo veem a seu rei da sua nação e da sua lingua, e que o teem com-sigo e junto a si para o requerimento da justiça, para o

prémio do serviço, para o remedio da oppressão, para o allivio da queixa ; rei que os ve e se deixa ver ; que os ouve e lhes responde ; que os intende e o intendem ; que os conhece e lhes sabe o nome, sem a dura e insupportavel pensão de o irem buscar a Madrid, não para o verem e lhe fallarem, mas para o verem por fé : conhecem a grandeza desta estimavel felicidade, e que logram aquelle estado ditoso de que se lembravam e fallavam seus avós com tanta saudade, e por que suspiravam seus paes com tantas ancias : e todo o preço para a conservação de tanto bem lhes parece barato, todo o trabalho leve, toda a difficultade suave, todo o perigo obrigação : pelo contrario todo o pensamento que não seja desta perpetuidade horror, toda a conveniencia ruina, toda a promessa traição, e toda a mudança impossivel.

Isto é o que só tem Castella, e o que só pôde esperar dos animos dos portuguezes. Finalmente, esperava o discurso, que Portugal, como reino menor e dividido em todas as partes do mundo, com obrigação de alimentar aquelles membros tão distantes com sua propria substancia, havendo de sustentar as guerras e oposição de seus inimigos em todos elles, natural e necessariamente se havia de atenuar e enfraquecer : que a gente sendo toda da mesma nação se havia lentamente de diminuir : que o dinheiro e cabedaes não tendo minas, nem Potosis se havia de esgotar : e que não era possivel aturar por muitos annos as despezas excessivas de uma guerra interior, tão continua, tão viva e tão multiplicada em tantas provincias, cercado della por todas as partes contra os combates de uma potencia tão desigual e superior, como era a do maior monarca do mundo : que quando o valor dos portuguezes se atrevesse sobre suas forças, seria como o de Eleazaro contra a grandeza e corpulencia do elephante, que, ainda caindo, seria sobre elle, e ficaria opprimido e sepultado debaixo de seu proprio triumpho, sem mais diligencia, nem accão, que o mesmo peso e grandeza de tão immenso contrario. (1)

Verdadeiramente este discurso, humana ou gentilicamente considerado, e não entrando na conta desta arithmetica o po-

(1) D. Ambros. de Offic. liv. I cap. 10.

der e assistencia de Deus, tinha mui forsoça consequencia, antes da experientia mui difficultosa solução. E por tal julgaram ainda aquelles politicos, que, sem odio, nem amor, esperavam e prognosticavam o fim, e mediam a desproporção de tão designal emprezo. Mas Deus (a quem não queremos roubar a gloria) e a mesma experientia natural e o concurso ordinario de suas causas, tem mostrado, que só era sophistico e apparente, e em realidade falso aquelle discurso.

Porque as conquistas (que era o primeiro reparo), membros tão remotos e tão vastos deste corpo politico de Portugal, ainda que do reino, como do coração recebem os espiritos de que se animam, é tanta a copia de alimento, e tão abundante, que elles mesmos com suas riquezas lhes subministram, que não só teem sufficiente materia para formar os espiritos, que com os membros mais distantes reparte, mas lhes sobeja com que se sustentar a si e a todo o corpo; e a verdade desta experientia se tem provado com mais sensiveis effeitos depois da paz universal das mesmas conquistas, as quaes com igual liberalidade e interesse remettem hoje ao reino toda aquella substancia que o calor da guerra propria lhe consumia: com que se acha Portugal mais rico e abundante que nunca das utilissimas drogas de seus commercios. E ou seja esta a causa natural, ou outra mais occulta e superior, o certo é que as rendas e cabedaes do reino, assim proprios como particulares, com o tempo e continuação da guerra, não teem padecido a quebra e diminuição, que o discurso lhes prognosticava; antes se prova com evidente e milagrosa demonstração da experientia, que a substancia, do reino está hoje mais grossa, mais florente e opulenta, que no principio da guerra; pois crescendo mais os empenhos sempre, e despezas della, ao mesmo passo parece, que, ou crescem, ou se manifestam novos thesouros, com que se sustentaram até agora, e se sustentam todos os annos, sempre mais e maiores exercitos, tão notaveis por seu nome e grandeza, como bizarros por seu luzimento.

Nenhum anno se pôz em campo exercito tão grande, que no seguinte se não puzesse outro maior: nem um anno tão bizarro e tão luzido, que no seguinte se não excedesse na bizarria e nas

galas. O anno passado, que foi o ultimo, quando a primavera se acabou nos campos, se renovou outra vez no nosso exercito : tanta era a variedade das cores com que os terços se matizavam e distinguiam, para que pela divisa se conhecessam os soldados e ostentassem a competencia de seu valor : o menor gasto nos vestidos é o que se veste ; mais se gasta em cobrir os vestidos, que em cobrir os corpos. A vulgaridade do oiro e prata só se estima pelo invento e pelo artifice, e não pelo preço : a pompa, riqueza e galhardia dos cabos mostra bem que vão ás batalhas como a festas, e que se vestem mais para triumphar que para vencer. Não me atriévera a fallar com tanta larguezza, se não pudéra allegar por testimunhas os mesmos que podiam ser partes. Diga agora o algarismo de seu discurso, se pôde haver falta no necessario, onde sobeja e se dispende tanto com o superfluo ? Mais temo eu a Portugal os perigos da opulencia, que os dammos da necessidade. O mesmo que se vê na policia bellica das campanhas, se admira na pacifica das cidades : com a guerra, que tudo quebranta e diminue, cresceu e se augmentou tudo em Portugal : nunca tanto se gastou no primor e preço das galas, nunca tanto no aceio e ornamento das casas, nunca tanto na abundancia e regalo das mezas, nunca tantos criados, tantos cavallos, tanto apparato, tanta familia, nunca tão grandes salarios, nunca tão grandes dotes, nunca tão grandes soldos, nunca tão grandes mercês, nunca tantas fabricas, nunca tantos e tão magnificos edificios, nunca tantas, tão reaes, e tão sumptuosas festas. Passo em silencio os immensos gastos do serviço e magestade do culto divino, porque só o silencio os pôde explicar, não encarecer. Que templo, que capella, que altar, que santuario, que neste mesmo tempo se não renovasse, desfazendo-se e arruinando-se (com lastima) obras antigas e de grande arte e preço, só para se lavrarem outras de novo mais ricas, mais preciosas e de mais polido artificio ? Tudo isto do que sobeja da guerra. Mas por isso sobeja. As usuras de Deus são centro por um, e estas são as minas do nosso reino, estes os Potosis de Portugal : destes commerçios lhe vem as riquezas, com que pôde pagar e premiar seus exercitos, e com que os premios e as pagas sejam verdadeiras, e não falsificadas, sem inju-

ria dos soldados, sem adulterio dos metaes. e sem hypocrisia da moeda.

Bem sabem os doutos, que o nome grego *hypocrisia* se deriva do fingimento do melhor metal, e parece que foi posto em nossos tempos mais para declarar o vicio da moeda, que a mentira da virtude. Quem pudéra nunca imaginar, que chegasse a tal estado uma monarchia, que é a senhora da prata, e de quem a recebe o resto do mundo ? Cuidou Castella que a Portugal havia de fallar o dinheiro, e ve em si o que cuidou de nós ; e assim como o seu discurso errou as contas ao dinheiro, tambem as errou á gente : com verdade se podia dizer de Portugal, o que dos romanos disse o seu poeta :

*Per damna, per cædes ab ipso,
Dicit opes, animumque ferro.*

Ou tenha Portugal a qualidade de *hydra*, ou a natureza das plantas, por cada cabeça que corta a guerra em uma campanha, apparecem na seguinte duas ; e por cada ramo que faltou no outono, brotam dois na primavera. Assim se foram dobrando e crescendo sempre os nossos presidios, assim os nossos exercitos : exercito no Minho, exercito em Traz-os-Montes, exercito e dois exercitos na Beira, exercito e florentissimo exercito, e sempre mais numeroso e florente em Além-Téjo. Assim se converte e se multiplica em nova substancia tudo o que come a guerra. E se Castella quer conhecer as causas naturaes désta philosophia, sem serem os portuguezes dentes de Cadmo, saiba que a sua reparação foi o primeiro principio deste augmento. Todos os portuguezes que povoavam suas Indias, que mareavam suas frotas, que lavravam seus campos, que frequentavam seus portos, que trafegavam seus commercios, que inteiravam seus presidios, que militavam seus exercitos, ficam hoje dentro em Portugal, e o habitam e o enchem e o multiplicam, e assim se vêem hoje mais povoados seus logares, mais frequentadas suas estradas, mais lavrados seus campos, e até as serras, brenhas, lagos e terras, onde nunca entrou ferro, nem arado, abertas e cultivadas. As conquistas com a paz

não levam, nem hão mister soccorros, antes dellas o recebe o reino com muitos e valentes soldados, e experimentados capitães, que ou veem requerer o premio de seus antigos serviços, ou servir e merecer de novo, e justificar com os olhos do rei e do reino as certidões mais seguras de seu valor. Foi lei e lei prudentissima no principio da guerra — que não se alistassem nella senão mancebos livres: á sombra desta immunidade muitos filhos por industria dos paes se acolhiam na menoridade ao sagrado do matrimonio, com que as familias se multiplicaram infinitamente, e os mesmos que então se retiravam da guerra, teem hoje muitos filhos com que a sustentam e os sustentam com ella.

Desta maneira se acha Portugal cada dia mais fornecido de muitos e valentes soldados, nascidos e creados entre o mesmo estrondo das armas, em que o pelejar e o morrer não é accidente senão natureza, todos dentro em si e nas mesmas provincias e climas, onde nada lhes é estranho, e não trazidos por força de Sicilia, de Napoles, de Milão e de Allemanha, comprados e conduzidos com immensas despezas e perigos, sendo muitos os que se alistan e pagam, e poucos os que chegam, uns para se passarem logo, como passam a Portugal, outros para pelejarem sem amor e com valor vendido, como quem defende o alheio, e conquistas o que não ha de ser seu.

Os portuguezes, pelo contrario, com grande vantagem de coração pelejam pelo rei, pela patria, pela honra, pela vida, pela liberdade e cada um por sua propria casa e fazenda, sendo a maior comodidade da guerra, e multiplicação da gente, a mesma estreiteza do reino (que o discurso mal avaliava), por beneficio da qual os exercitos e provincias se podem dar as mãos umas a outras, pelejando os mesmos soldados quasi no mesmo tempo em diversos jogares, e multiplicando-se por este modo um soldado em muitos soldados, e aparecendo em toda a parte (como alma de Dido) aos castelhanos com novo horror e assombro. Desta maneira não teme o valor portuguez que lhe succeda com a Eleazaro com o elephante, ficando opprimido com a sua propria victoria; mas está certo que lhe ha de succeder como a David com o gigante, logrando vivo a gloria de seu triumpho.

CAPITULO VIII

Continua a mesma materia

Desenganado por estas evidencias o poder, a industria, o discurso, e esperança hespanhola, bem pudéra eu esperar do juiso, mais politico de nossos competidores, e seus conselheiros, acabassem de desistir de tão infructuosa prophecia. Mas deixados á parte os argumentos da razão e experienzia, subamos um ponto mais alto, e se atégora me ouviram como homem a racionaes, oíçam-me agora como christo a catholicos.

Não duvido, nem alguem pôde duvidar da fé, religião, e piedade hespanhola, que, se o seu catholico principe, e seus maiores conselhos se acabassem de persuadir, que Deus tinha decretada a conservação e perpetuidade de Portugal, obedeceriam com summa reverencia aos divinos decretos ; abateriam a Deus, ainda que tremulassem victoriosas suas catholicas bandeiras ; tocariam a recolher seus capitães e exercitos, e confessariam na mais levantada fortuna a desigualdade de sua maior potencia contra os aceños da divina.

Isto é o que eu agora lhes quero persuadir e demonstrar, e um dos fins principaes porque escrevo esta Historia, para que pelo conhecimento de nossos futuros, possam emendar o engano de suas esperanças presentes. Sempre são falsas e enganosas as esperanças humanas, mas nunca mais certamente falsas, que quando se oppoem e encontram com as promessas divinas. Veja e saiba Castella o que Deus tem promettido a Portugal, e logo advertirá a vaidade do que suas esperanças lhe promettem. Oh quantas guerras, oh quanto sangue, ou quantos thesouros, baldados poderiam poupar os reis, se no meio de seus conselhos podessem pôr um espelho em que se vissem os futuros ! Tal é este livro, ó Hespanha, que tambem a ti dedico e offereço : aqui verás os futuros de Portugal, e tudo o que pôdes esperar delle em sua conquista.

Levantou Deus no mundo a Jeremias por seu ministro, e a

comissão e ofício que lhe deu, foi esta : *Ecce constitui te hodie super gentes, et super regna, ut eellas, et destruas, et dissipes, et æfifces, et plantes* : (Jerem. I — 10) Hoje te ponho e constituo sobre as gentes, e sobre os reinos, para que arranques, destruas, e dissipes a uns ; plantes e edifiques a outros. Não quer dizer Deus que Jeremias ha de arruinar ou edificar reinos com a espada ; mas que os ha de arruinar ou edificar com as suas prophecias, prophetisando a uns sua exaltação, e a outros sua destruição e ruina. Se as prophecias resolutamente dizem que os reinos se hão de perder ou arruinar, apparehem-se sem remedio para sua ruina ; e se dizem que se hão de estabelecer e exaltar, crêam sem dúvida sua conservação e aumento : *Ecce constitui te super gentes, et super regna*. Estão os profetas e as prophecias sobre as gentes e sobre os reinos, ou como astros benignos, que influem e promettem suas felicidades, ou como cometas tristes e funestos, que influem e ameaçam suas ruinas. Levantem pois os reis e os reinos os olhos, olhem para estes signaes do céu, e se os virem estrellas, esperem ; se os virém cometas, temam. Mas porque muitos reis esperam d'onde deviam temer, por isso erram, e se despanham, e se perdem, e perdem muitos. Se Acab, rei de Israel, teméra, como devia temer, a prophecia de Micheas, desistira da conquista de Ramoth Galaad, em que tão teimosamente insistia (1) ; mas porque quiz antes esperar, como não devêra, nas promessas e lisonjas vãs de seus aduladores, em um dia perdeu a batalha, a conquista, a corda, a vida. Não podem as armas dar a victoria a Acab, quando nas prophecias está segura Ramoth.

Clamava a prophecia de Jeremias ao rei e principes de Jerusalém, que se accommodassem com Nabucodonosor, contra o qual não podiam prevalecer (2) ; mas porque el-rei Sedecias, fiado na potencia de suas armas, quiz antes experimentar a fortuna da guerra, que vir a honestos partidos com os assyrios, prevaleceram estes em fim como o propheta tinha promettido ; e o rei

(1) 3. Reg. cap. 22 per tot.

(2) Jerem. cap. 21 e 22 per tot. et cap. 34

conheceu tarde a temeridade de seu conselho. Que differente foi o de Cyro, prudente e famoso rei de Babylonia (1) ! Intendeu este mesmo excellente principe pela mesma prophecia de Jeremias, e pelas de outros prophetas, que o captiveiro e sujeição dos israelitas que elle tinha debaixo de seu imperio, não queria Deus que durasse mais de sessenta annos. (Jerem. XXIX — 10) E tanto que estes se acabaram (sendo gentio idolatra), sem partido, sem interesse, sem obrigação, nem reconhecimento, os restituiu todos livres á sua patria.

Contentou-se o gentio com o que Deus se contentava, e não quiz perpetuar a servidão, quando Deus tinha limitado annos no castigo: crêu as prophecias sem serem sutas, ou de seus oráculos, senão dos mesmos israelitas, porque tendo-as experimentado verdadeiras na sentença do captiveiro, fôra cobiça, e não razão, tel-las por falsas na promessa da liberdade. Oh que caso tão parecido ao nosso caso ! Oh que acção tão digna de se santificar, e fazer christã passando-a de um rei gentio a um rei catholico ! Quiz Deus por seus altos juízos, que Portugal perdesse a soberania de seus antigos reis, e que sua corôa, ajuntando-se ás outras de Hespanha, estivesse sujeita a rei estranho ; mas esta sujeição, e este castigo, não quiz o mesmo Deus que fosse perpetuo, senão por tempo determinado e limitado, e que este termo e limite fosse o espaço só de sessenta annos. Assim o diziam as prophecias, e assim o provou com admiravel consonancia o cumprimento dellas : só faltou para total similhança do caso de Babylonia, e para immortal gloria de Cyro de Hespanha, que a acção fosse voluntaria, e não violenta ; sua, e não dos portuguezes. Mas vamos ás prophecias do captiveiro, e ao termo dos sessente annos delle.

S. Frei Gil, religioso portuguez da ordem de S. Domingos, (de cujo espirito prophético se dará noticia em seu logar) diz assim : *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet ; sed propitius tibi Deus, insperatè ab insperato redime* (2). Portugal por

(1) 1. Esdr. cap. 1, per tot.

(2) Gregorio de Almeida na Restauração de Portugal, e o auctor no sétimo do primeiro de Janeiro.

orphandade do sangue de seus reis, gemerá por muito tempo ; mas Deus lhe será propicio, e, não esperadamente, será remido por um não esperado. Gemiu Portugal muito tempo, porque gemeu por espaço de sessenta annos debaixo da sujeição de Castella ; e foi occasião desta sujeição, e destes gemidos, ficar o reino orphão de seus reis, porque os dois ultimos, D. Sebastião, e D. Henrique, saltaram sem deixar successão ; mas foi-lhe Deus propicio, porque dispôz com tão notaveis successos a execução de sua liberdade, e foi remido não esperadamente, porque muitos não esperavam, antes desesperavam desta redempção ; e remido por um não esperado, porque o redemptor, pelo qual geralmente se esperava, era outro, e não el-rei D. João o IV.

No juramento authentico d'el-rei D. Affonso Henriques, em que se conta o miraculoso apparecimento de Christo quando por sua propria pessoa quiz fundar o reino de Portugal, são bem notórias aquellas palavras, mandadas annunciar ao rei pelo mesmo Senhor, com o recado de que lhe queria apparecer : *Domine bono animo esto : vinces, vinces, et non vinceris : dilectus es Domino, posuit enim super te, et super semen tuum post te oculos misericordiae suae usque in decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit* ; Senhor estae de bom animo : vencereis, vencereis e não se reis vencido : sois amado de Deus, porque poz sobre vós e sobre vossa descendencia os olhos de sua misericordia até à decima sexta geração, na qual se attenuará a mesma descendencia, mas nella attenuada tornará a pôr seus olhos. Até aqui a divina promessa, cujo cumprimento é tão manifesto, que quasi não necesita de explicação. A decima sexta geração d'el-rei D. Affonso Henriques (contando as gerações, como se devem contar, de rei a rei e de coroa a coroa) foi o cardeal rei D. Henrique, como se vê pelo catalogo seguinte :

- 1.º El-rei D. Sancho I.
- 2.º El-rei D. Affonso II.
- 3.º El-rei D. Sancho II.
- 4.º El-rei D. Affonso III.
- 5.º El-rei D. Diniz.

- 6.º El-rei D. Afonso IV.
- 7.º El-rei D. Pedro I.
- 8.º El-rei D. Fernando.
- 9.º El-rei D. João I.
- 10.º El-rei D. Duarte.
- 11.º El-rei D. Afonso V.
- 12.º El-rei D. João II.
- 13.º El-rei D. Manoel.
- 14.º El-rei D. João III.
- 15.º El-rei D. Sebastião.
- 16.º El-rei D. Henrique.

Neste ultimo rei se attenuou a descendencia, porque ainda que não quebrou de todo, ficou por um fio, e fio tão delgado e attenuado, como era a unica casa de Bragança descendente do infante D. Duarte, irmão menor de D. Henrique : mas neste fio, unico e tão delgado, se veio a verificar, que depois da descendencia d'el-rei D. Afonso Henriques attenuada no decimo sexto rei, tornaria Deus a pôr seus olhos nella, porque nella se restituia a coroa, que Christo então lhe dava, sendo restituída (como sej) ao duque D. João o II de Bragança, rei D. João o IV de Portugal, e decimo setimo dos reis portuguezes descendentes do primeiro Afonso. Por outros modos tambem verdadeiros se faz esta mesma conta ; mas este temos por mais natural, mais facil, e mais conforme á mente da prophecia e ás circumstancias em que naquelle occasião se fallava.

S. Bernardo, em uma carta escripta a el-rei D. Afonso Henriques, com quem tinha particular e intima amisade e correspondencia, a respeito das coisas presentes e futuras do reino, prophetisou com admiravel clareza o termo dos sessenta annos de castigo, e a continuagão e sucessão de reis portuguezes, antes e depois della : a carta é a que se segue, conservada em muitos arquivos deste reino, e divulgada fóra delle muitos annos antes da nossa restauração. « *Dou as graças a vossa senhoria pela merce e esmola que nos fez do sitio, e terras de Alcobaça, para os frades fazerem mosteiro, em que sirvam a Deus, o qual em recompensação desta, que no céu lhe pagard, me disse lhe certifi-*

casse eu da sua parte que a seu reino de Portugal manca faltariam reis portuguezes, salvo se pela gravesa de culpas por algum tempo o castigar ; não será porém tão comprido o prazo deste castigo, que chegue a termos de sessenta annos. De Claramval 13 de Março de 1136. Bernardo » (1).

A condicional do castigo cumpriu-se por nossos peccados, que sem duvida deviam ser muito grandes : mas tambem se cumpriu muito pontualmente, que o castigo não chegaria a termo de sessente annos, porque el-rei D. Filipe o II foi jurado por rei de Portugal nas cōrtes de Thomar em 26 de abril do anno de 1581. El-rei D. João o IV nas cōrtes de Lisboa em 13 de dezembro de 640 que fazem 59 annos e cinco mezes menos alguns dias, ou sessenta annos não completos, como S. Bernardo tinha prophetisado. Outra carta temos do mesmo santo escripta ao mesmo rei, em que dá outro signal manifesto (e tambem já cumprido), do tempo em que havia de faltar a coroa, que adiante poremos.

Finalmente, muitas pessoas (de cujo espirito, a respeito dos successos futuros de Portugal, tractaremos larga e particularmente no cap. 60 deste livro, não só predisseram a sujeição do reino a Castella, e sua liberdade, mas que o fim de uma, e principio de outra, havia de ser signaladamente no anno de quarenta, e que naquelle anno seria levantado novo rei de Portugal, e que este se chamaria D. João, com todas as outras circumstancias tão minudas e particulares, como se verá no mesmo logar (2).

De maneira que por todas estas prophecias consta claramente, que ao reino de Portugal haviam de faltar os reis portuguezes, e que esta falta havia de succeder no decimo sexto rei descendente d'el-rei D. Affonso Henrques, e que havia o reino de gennar debaixo da sujeição estracha, e que esta sujeição havia de ser a Castella, e que não havia de durar mais que sessenta annos não completos, e que o termo destes sessenta annos havia de ser

(1) Fr. Franciseo do Foyos no seu sermão impresso da introduçōo do Lausperenne de Aloobaga.

(2) Vide D. João de Castro, e o memorial que deu ao papa Inno-cencio X Pantelcão Rodrigues Pacheco, bispo nomeado de Elvas.

no anno de quarenta, e que neste seria levantado pelos portuguezes rei novo; e que se havia de chamar D. João: as prophecias o disseram, e os olhos o viram.

Pois se Deus não quiz que a sujeição de Portugal a Castella fosse perpetua, porque hão de querer e porfiar os homens, em que o seja? Se Deus limitou esta sujeição ao termo de sessenta annos, porque se não hão de conformar os homens com seus soberanos decretos? E porque se não hão de contentar com o que Deus se contentou? Porque se não verá no catholico Cyro de Hespanha um acto de tanta justiça e generosidade, e de tanto rendimento e obediencia a Deus, como se viu no Cyro de Babylon? Se Deus lhe deu o uso fructo de Portugal por prazo somente de sessenta annos, e estes são acabados, porque se ha de querer chamar ao domínio e prescrever contra o céu? Se lhe parece coisa dura arrancar de sua coroa uma joia tão preciosa como o reino de Portugal, reparem seus prudentes e catholicos conselhos, que o não era menos naquelle tempo, nem menos conhecido e celebrado no mundo o reino de Judá, e que Cyro, rei ambicioso, arrogante e gentio, nem duvidou de o demittir de seu imperio. Quanto mais que por este acto de consciencia, religião e christandade, e por este reino que Castella restituir, ou consentir a Deus (pois elle tem já restituído), lhe pôde Deus dar outros maiores e mais dilatados, com que enriqueça e sublime sua coroa, e amplifique o imperio de sua monarchia, como sucedeu ao mesmo Cyro. Por aquelle acto de generosidade e desinteresse: foi Cyro tão amado de Deus, que lhe chamava o meu rei, o meu ungido, o meu Christo, o meu Cyro: e pelo merecimento deste obsequio e rendimento à vontade divina lhe deu Deus em um dia o imperio dos assyrios, que era a primeira monarchia e universal do mundo, como o mesmo Cyro reconhece, havel-o recebido da sua mão. Tão liberal é Deus com os principes que não regateam reinos, nem estados, com elle: e por um reino de tão poucas legoas de terra, qual era o de Judea (igual com pouca diferença ao de Portugal), dá em premio e recompensa a monarchia de todo o mundo. Taes são os interesses (quando houvera algum maior que o de obedecer a Deus), que Hespa-

nha podia esperar do desinteresse deste acto, podendo de outra maneira (para que não callemos esta verdade), temer justissimamente que á resolução e porfia contraria succedam efeitos também contrarios. Se por um acto de justiça, desinteresse e obediencia dá Deus uma monarchia; por um acto de justiça, ambição e desobediencia também poderia tirar outra. E já a ordem das coisas naturaes as teve menos dispostas a uma grande ruina.

Quero pôr aqui as palavras do texto sagrado, em que Cyro faz desistencia do reino de Judea, e deixou aquelle povo em sua liberdade, por serem mui dignas de toda a ponderação, imitação e memoria. Dizem assim no primeiro livro de Esdras cap. 1.º, e são o exordio de sua historia: *In anno primo Cyri regis persarum, ut compleretur verbum Domini ex ore Jeremias; suscitavit Dominus spiritum regis persarum, et traduxit vocem in omni regno suo, etiam per scripturam, dicens: Haec dicit Cyrus rex persarum: omnia regna terrae dedit mihi Dominus Deus caeli, et ipse praecepit mihi ut aedificarem ei domum in Jerusalem, quae est in Iudea. Quis est in vobis de universo populus ejus? Sit Deus illius cum ipso; ascendat in Jerusalem.*

Lastima é, que similhante escriptura não fosse de rei católico; e maior lastima será ainda, que posto algum rei católico na mesma occasião, não queira immortalisar seu nome e religião com outro decreto similhante. No anno primeiro de Cyro, rei dos persas (quem assim começou a reinar, não podia deixar de ter tão felizes progressos), para se dar cumprimento á palavra divina declarada nas prophecias de Jeremias, levantou Deus o espírito de Cyro, rei dos persas (que só podia fazer uma acção tamanha e tão real um rei de espírito e espíritos mui levantados por Deus), e mandou apregoar em todos seus reinos por escripto firmado de sua mão este decreto: Cyro, rei dos persas, diz: O Rei do céu me deu e fez senhor de todos os reinos do mundo, e elle me mandou que lhe edificasse casa em Jerusalem, cabeça de Judea: pelo que toda a pessoa que houver em meus estados, pertencentes áquelle povo e reino, o mesmo Deus seja com elle, e se pôde tornar livremente para Jerusalem, etc. Leam este decreto os reis, e

monarchs do mundo, aquelles principalmente que sendo reis, e possuindo os reinos, como dizem em suas provisões, *por graça de Deus*, com tão pouco respeito ao mesmo Deus, e á mesma graça, armam seus exercitos contra os alheios. Se Deus deu tantos reinos a Cyro, porque não dará Cyro um reino a Deus, ainda quando fosse seu indubitavelmente ? Mas o que eu só quero ponderar, e peço por reverencia do mesmo Deus aos reis catholicos; a seus conselhos, e a seus letrados, ponderem, ao que Cyro, rei não catholico, chama preceito de Deus neste seu edicto. Não teve Cyro outro preceito ou mandado particular de Deus (como notam todos os expositores) mais que as prophecias em que estava annunciado, que no fim de setenta annos havia de ser o reino e povo hebreu libertado do captiveiro de Babylonia, e restituído á sua patria, corôa, e liberdade; e a estas prophecias chama o rei sem fé preceito de Deus; a este genero de preceito assim escrito, posto que não intimado com outra auctoridade, ou solemnidade, julgou que tinha obrigaçâo de obedecer, e obedeceu com effeito, e observou em materia tão grave, e de tanto peso e interesse de sua coroa, como era demittir de si um povo, e um reino tão notavel, de que elle já era o terceiro possuidor, porque o primeiro, foi Nabucodonosor, o segundo Balthasar, e o terceiro Cyro.

Não sei que possa haver mais claro espelho do nosso caso : se, Hespanha se quizer ver e compor a elle, lea as prophecias que neste livro vão escriptas, e já cumpridas ; veja quão legitimamente está restituído por ellas, conforme o decreto ou preceito divino, o rei e reino de Portugal, e não me crea a mim, senão a seus proprios doutores, e ao que mais duramente teem impugnado em nossos dias esta parte, e defendido a contraria : siga-se a sua doutrina, e não a minha advertencia.

D. João de Palafoz e Mendonça, bispo de la Puebla de los Angeles, do conselho supremo de Aragão, na sua Historia Real Sagrada, escripta, como se ve, em tantos logares, mais para contradizer o novo reino de Portugal, que para historiar o de Saul, impugnando a eleição d'el-rei D. João o IV, cujô nome se dissimula, e ponderando augusta e doutamente os signaes com que se havia de justificar, para ser legitima, e de Deus, com maior ele-

gancia, que decencia, porque o affecto lhe fez corromper a pureza de seu estylo, diz assim no liv. 2.^o pag. 88 : Hazia-se una mudanca tan grande en Israel, como acabarse el gobierno de los juezes, que havia durado quinientos anos, y començar el de los reyes : escogiase para principe un hombre, que ayer era subdito y labrador ; el que antes era companero, havian de venerarlo por rey : pues para cosa tan grande, de tan rara, y de tales y tan graves dependencias vayanse a sus casas los israelitas, duerman, y piensen sobre ello : buelva otra vez Samuel a la oracion, digale el Senor a que hora vendrá el dia siguiente, el destinado al imperio, succeda la profecia, buelva-se otra vez a dezir que aquel es el hombre, llevele a su casa, conoscale, y reconoscale, ungale, y ungido justifique su vocacion con algunas profecias, y senales de lo que le ha de succeder despues de ungido, con que el profeta quede con quietud, y sociego, de que aquello le mundo el senor, y el elegido justifique la jurisdicion, que se tenga por principe legitimo, y llamado de Dios al governo.

Tres coisas requer Palafoz, ou tres circumstancias em uma, para que a vocação do rei se justifique ser de Deus, e para que os ministros que o ungiram (como Samuel e Saul) fiquem com quietação e socego, de ser aquelle o que Deus mandou ungir ; e para que o mesmo rei ungido e eleito justifique sua jurisdicção, e se tenha por principe legitimo, e chamado por Deus ao governo. E quaes são estas tres coisas ou circumstancias ? As mesmas que intervieram e succederam na eleição e unção de Saul. Primeira, haver prophecia de ser Saul o destinado por Deus ao imperio. Segunda, que a prophecia não seja uma só, senão algumas. Terceira, que essas prophecias succedam, assim como estavam predictas e prophetisadas.

Verdadeiramente estas palavras do bispo Palafoz : *Cum esset pontifex anni illius*, me parecem dictadas por algum espirito e intento superior, para que sendo ditas como as de Caifaz, com tão diverso e contrario intento, fossem verificadas no mesmo principe, e no mesmo reino que elle queria impugnar e destruir, e sua mesma accusação seja um testimonho publico, e mais qualificado da justiça e justificação de nossa causa.

Se Palafoz pede prophecias, damos a Palafoz prophecias, e não prophecias daquelle dia, como as de Samuel, senão de cento, de trezentos, e de quinhentos annos antes, que são as mais qualificadas e livres de suspeita, e que só pôdem ser dictadas e inspiradas por aquella sabedoria eterna, a quem os futuros são presentes: e taes são as que pouco antes allegámos, porque as ultimas havia cem annos que estavam escriptas; as de S. Frei Gil, trezentos annos, e as de S. Bernardo e d'el-rei D. Affonso Henriques, mais de quinhentos, e todas publicas, authenticas, e justificadas com o testimunho universal do mundo, que as tinha visto e lido. Se Palafoz pede que a prophecia não seja só uma, senão algumas; como as de Samuel foram tres, não só damos a Palafoz tres prophecias, senão trinta prophecias, e tres vezes trinta, as quaes se poderão vér no cap. 6.^o deste ante-primeiro livro, porque tantas são (se hem se distinguirem e contarem) as coisas diversas e prophetisadas que alli se referem todas, não só futuras, mas de futuros livres e contingentes, que nenhuns um intendimento humano, diabolico ou angelico, podia tantos annos prevêr, nem conhecer, sem revelação de Deus, que são as condições que propriamente se requerem para a verdadeira, rigorosa, e provada prophecia, como é sentença comum dos theologos, e se provará larga e demonstrativamente em seu logar.

Finalmente, se Palafoz pede que as mesmas prophecias sejam provadas e confirmadas com o successo, assim antes, como depois de o rei ser eleito e ungido, no allegado cap. 60, se verão as mesmas prophecias declaradas e ajustadas com o successo; algumas dellas cumpridas antes da restituição e coroação d'el-rei D. João o IV, outras no mesmo caso e circumstancias de sua restituição, e as demais desde aquelle tempo até o anno de 663, além de muitas outras que estão ainda por cumprir, que se lerão no discurso desta Historia, com cujo efeito, de que se não deve duvidar (como tambem provaremos), se irá cada dia confirmado mais, e mais a mesma verdade, bastando e sobejando a decima parte das prophecias já cumpridas, para se justificar superabundantemente conforme a doutrina de Palafoz, com grande quietação e socego dos animos, que a vocação daquelle rei foi de Deus

mandada e ordenada por elle, e que a sua jurisdição é verdadeira e legitima, como de principe notoriamente chamado e destinado pelo mesmo Deus ao imperio. Tal foi a eleição de Saul ; tal a de el-rei D. Affonso Henriques, fundador do reino de Portugal ; e tal a el-rei D. João, seu restaurador.

Não deixarei tambem de lembrar aqui, que não são tão novas e desconhecidas em Castella as prophecias ou esparanças de Portugal, que não façam menção dellas seus autores, applicando-as á primeira parte deste mesmo caso nosso, e não duvidando que delle fallavam, e delle se haviam de intender D. João de Orosco, y Covarruvias arcediago de Cuellar na egreja de Segovia, no seu Tratado de la verdadeira y falsa prophecia, liv. 1.^o cap. 14, diz assim: — « *Desta manera tuvo yo noticia de algunas profecias portuguezas, que eran tenidas como de S. Isidoro, y tengo notado yo una, em que a mi parecer se dixo mucho ha el haver de juntar-se aquél reyno de Portugal con el nuestro, con harta particularidad.* » Até aqui no corpo do livro ; e commentando á margem o seu mesmo texto, põe as trovas seguintes :

*Vejo, vejo, do rey vejo
(Vejo, o estoi sonando ?)
Semente de rey Fernando
Hazer un fuerte despejo,
Y seguir con gran desejo,
Y deixar acá sua vina,
Y dezir, esta casa es mia,
En que aora acá me vejo.*

A traducção não é muito limada, mas a explicação é muito propria, muito accommodada, e muito bem deduzida ; porque sendo o intento e o assumpto, ou thema daquella prophecia, pre-dizer os successos futuros de Portugal depois de sua restauração, como se tem visto, foi principio muito conveniente á ordem dos mesmos successos, começar pela sujeição do mesmo reino a Castella, e pela entrada dos reis castelhanos em Portugal. E se o verdadeiro propheta, e primeiro auctor desta prophecia é Santo Isidoro, e não outro, tanto melhor ; porque temos mais qualificado auctor e mais auctorizado propheta. Mas

vejamos de caminho que é o que diz Santo Isidoro, e como avalia esta acção do rei, semente d'el-rei Fernando, que foi seu neto Philippe II. O nome que dá a esta acção Santo Isidoro é chamar-lhe *despejo*, que em tom castelhano quer dizer *desverguenza*; e chamar-lhe despejo forte, porque foi despejo armado de poder e de exercitos, e não (como devêra ser) de justiça: ou lhe chama também forte, porque ás coisas feitas sem razão chamamos forte coisa, como se dissera: Forte coisa é, é despejo grande, que estando em Portugal a senhora Dona Catharina, neta legitima d'el-rei D. Manuel, e filha herdeira do infante D. Duarte, e devendo preceder a todos os pertensores da coroa, assim pelo direito commun da representação como pelas leis particulares do reino, que não admitem á successão principe estrangeiro; um rei, que era descendente de Fernando, por autonomasia chamado o rei Catholico, se viesse por força introduzir na casa alheia sem mais razão nem justiça que metter-se nella e dizer: « Esta casa é minha, em que agora cá me vejo. » Basta, catholico e descendente de catholico, que porque vos vedes mettido na casa alheia, por isso haveis de dizer: « Esta casa é minha »? Não debalde o santo arcebispo se espanta tanto de uma tal acção, que depois de a estar vendo com espirito prophético, ainda duvida se era visão ou sonho: *Vejo, vejo, do rei vejo, vejo, ou estou sonhando?* Mas o efeito mostrou que não era sonho, senão visão verdadeira, posto que visão de um caso tão difficultoso de crér. E pois o meterem-se os castelhanos em Portugal foi despejo, razão foi também que os fizessem despejar. Mas não é este o meu intento, nem esta illação a que eu quero inferir.

Diz o doutor Orosco e Covarruvias, que nesta prophecia está prophetisado *con harta particularidad, haver de juntar-se aquel reino de Portugal con el nuestro*. Bem dito: mas se este mesmo auctor, e este mesmo texto, e este mesmo Santo Isidoro diz que o reino se ha de restituir outra vez, e com muito maior particularidade no anno de quarenta, e que o seu rei se ha de chamar D. João: se isto, digo, está bem prophetisado, e prophetisado no mesmo livro e no mesmo tempo, e allegado o mesmo doutor: porque não hão de crér os Oroscos, e Dovarruvias castelhanos neste

segunda parte da mesma prophecia, assim como creram na primeira.

De maneira, que quando as prophecias de Portugal prophetisam que Portugal se ha de ajuntar a Castella, são prophecias ; e quando prophetisam que Portugal se ha de tornar a separar de Castella e se ha de restituir á sua liberdade, não são prophecias ? Não o havia de julgar o mesmo Orosco e o mesmo Covarruvias, nem o julgou assim o mesmo Santo Isidoro. Forte despejô foi aquelle, mas ainda esta consequencia é mais forte. Ora, senhores, acabemos de crêr a Deus, que nem elle pôde mentir, nem nós o podemos enganar. Sei eu, e sabe Portugal, e Castella também o sabe, quanto cuidado lá davam antes deste tempo, e quanto temor se tinha de nossas prophecias ; e não intendo agora como depois dellas cumpridas, e qualificadas com tão maravilhosos effeitos se lhe tem perdido a reverencia. Em seu logar, como tenho promettido, se verá tão demonstrada a sua verdade, que nem um odio, nem interesse possa negar que são de Deus ; e que em consequencia será indigno de todo o juizo profiar ainda contra elles, depois de tão conhecidas Conhecia Herodes a verdade das prophecias ; inquiriu por elles o tempo, o logar do nascimento do Rei prophetisado, e logo armou contra elle a残酷de de seus exercitos. Até aqui podia chegar a loucura e a cegueira de um mal aconselhando principe : crêr a verdade das prophecias, e esperar prevalecer contra elles por força de armas : mas que effeito tiveram, ou que façanhas obraram os exercitos de Herodes ? Contra o rei e contra o reino, que pertendia estorvar, nenhuma coisa. Só se afogou Belem em sangue, e nadou em lagrimas : só se ouviram em Ramá e no céu as queixas e lamentações de Rachel. Este é o fim sem outro fructo de tão desesperadas resoluções : sangue inocente derramado, lagrimas, queixas, lamentações, clamores, e não dos outros, senão dos proprios vassallos. Vassallos eram do mesmo Herodes todos os que morreram em Belem : cobriu de luto o reino proprio, e não pôde atalhar com tantos rios de sangue os progressos do que procurava impedir, porque estava destinado por Deus ao domínio de seu verdadeiro Senhor, e firmado com sua palavra.

Considera Castella contra quem peleja, e conhicerá quão impossivel é a empreza a que aspira ; acabe de intender que não peleja contra Portugal, senão contra a firmeza da palavra e promessas divinas. Talar as nossas campanhas, vencer em batalha os nossos exercitos, sitiар as nossas cidades, bater, minar, escalar e arruinar as nossas muralhas, bem pôde ser ; mas fazer brecha na firmeza da palavra divina é impossivel : não ha muro tão gastado da antiguidade, e tão fraco em Portugal, em cujas pedras não esteja escripto com letras de bronze : *Verbum Domini manet in aeternum*. Reparem os famosos capitães de Castella, e considerem seus prudentissimos e experimentados conselheiros, apartando os olhos por um pouco de Portugal, se se acham seus exercitos com forças e poder bastante para conquistar Europâ, para sujeitar todas as quarto partes do mundo, e ainda para escalar como filhos do sol, o céu, e tirar delle a Jupiter : pois seibam, que mais facil será conquistar Europa, o mundo, e o mesmo céu empyreo, do que vencer e sujeitar Portugal, defendido e armado (como está) com as promessas divinas : *Cælum, et terra transibunt, verba autem mea non præteribunt*. Pelejem primeiro contra a firmeza da palavra de Deus, batam, abalem, derribem, desfaçam este castello, e depois delle rendido, então poderão conquistar Portugal. Perguntam a el-rei José e a el-rei Acab, com as forças de dois tão poderosos reinos unidos, porque não conquistaram a Ramoth ? Perguntam a Benedad, rei de Syria, e aos trinta e dois reis que o acompanhavam, porque uma e outra vez não conquistaram Samaria, sendo tanto o numero de seus soldados, que com um punhado de terra que cada um lançasse sobre ella (como elles diziam) a podiam sepultar ? Perguntam ao soberbissimo Senachereb, vencedor de tantas nações, com todo o estrondo de tantos mil carros de guerra, e tão innumeraveis exercitos de pé e de cavalo, porque não chegou a metter uma setta dentro dos muros de Jerusalem ? Porque Ramoth estava defendida com uma prophecia de Micheas : Samaria com uma prophecia de Eliseu : Jerusalem com uma prophecia de Isaías. (4. Reg. — 11) .

Mas deixados exemplos das escripturas e prophecias canonicas, oícam tambem as nossas, que sendo de inferior auctoridade,

tambem foram dictadas, como depois se verá, pelo mesmo espirito. Porque puderam romper os portuguezes os claustros impenetraveis do Óceano, e conquistaram nas outras tres partes do mundo, sendo um reino tão pequeno, tantas, tão novas, e tão poderosas nações, senão porque estava escripto ?

Porque estando sujeitos a Castella, e debaixo de seus presídios, sacudiram tão feliz e animosamente o jugo, e em um dia restauraram sua liberdade, em Portugal, na África, na Ásia, e na America, senão porque estava escripto ? Porque hontem na memoravel batalha de Cano com partido tão desigual romperam um tão luzido e poderoso exercito, formado mais de capitães, que de soldados, e escalaram com tanta fatalidade aquellas montanhas, ou muralhas da natureza, a que o seu general chamou castellos, de Milão, senão porque estava escripto ? Pois se a conservação, a liberdade e perpetuidade, as victorias e outros maiores triumphos de Portugal estão tambem escriptos com as mesmas letras, e dictados pelo mesmo espirito ; que esperança ou desesperação é pretender conquistar a Portugal ? Oh, acabe de entender Castella, quem defende Portugal, e contra quem peleja ! Com mui desigual inimigo se toma, quem quer guerrear contra Deus.

Não é nem pôde ser nossa intenção diminuir as forças de Hespanha, nem escurecer a grandeza de sua potencia, tão conhecida do mundo todo, e tão temida e reverenciada de seus inimigos e invejada de seus emulos. Mas é força que ella e nós confessemos, que são maiores os poderes de Deus, e que assistida delles a desigualdade de Portugal, pôde resistir e prevalecer contra Hespanha, como lhe tem resistido e prevalecido em tantos annos. Dizem as fabulas, com significação não fabulosa, mas verdadeira, que quando Paris houve de ferir mortalmente o impenetravel corpo de Achilles, uniu o deus Apollo a mão de Paris com a sua, e ambas juntas dispararam a setta fatal. Comparado o braço de Paris com o de Achilles, mão por mão, e braço por braço, mais forte é o de Achilles ; mas comparado o de Achilles com o de Paris, acompanhado de Apollo, mais forte é o de Paris. Não foi só a espada de Gedeão, a que com tão poucos soldados venceu os exerciros dos madianitas ; mas a espada de

Gedeão nomeada pelo seu braço e pelo de Deus justamente : *Gladius Domini, et Gedeonis.* Contra a espada de Gedeão naturalmente parece que haviam de prevalecer os exercitos madianitos ; mas contra a espada de Gedeão e de Deus, nenhum poder humano pôde prevalecer. Não peleja Castella só contra os exercitos de Portugal, mas contra o Senhor dos exercitos. No dia memoravel da restituição de Portugal (ou fosse milagre ou mysterio) é certo que a imagem de Christo crucificado despregou publicamente o braço ás portas daquelle sauto portuguez que tem por graça propria sua recuperar o perdido. Contra o braço estendido de Deus, que força ha que possa prevalecer, nem ainda resistir ? Este é aquelle braço omnipotente, que tira os poderosos do throno, e levanta a elle os humildes ou os humilhados, como fez naquelle dia. Grande gloria é de Portugal ter em seu favor o braço de Deus ; mas não foi menos honra e auctoridade de Castella, que fosse necessario o braço de Deus a Portugal para se libertar da sua sujeição.

Menos que o braço, e menos que toda a mão de Deus, bastou para livrar o povo de Israel do poder do grande rei Pharaó : o dedo de Deus é este, lhe disseram os seus sabios : *Digitus Dei est hic* ; e verdadeiramente foi grande dureza de intendimento imaginar Pharaó que podiam prevalecer seus exercitos contra um dedo da mão de Deus, quanto mais contra toda a mão. Assim lh' o remoqueou Moysés, quando escreveu aquella historia : *Induracit Dominus cor Pharaonis regis Egypti, et persecutus est filios Israel, at illi egressi erant in manu excelsa.* Notem muito estas ultimas palavras os reis e seus conselheiros : *At illi egressi erant in manu excelsa.* Se a mão do altissimo é a que assistiu aos libertados quando elles saíram do captiveiro, em vão se cança Pharaó em tirar carruagens, cavallerias e exercitos contra elles, se não é que o juizo divino os leva ao mar Vermelho, e os chama lá alguma occulta fatalidade. Bem se viu neste caso tão horrendo, quão gravemente se offende Deus de que ninguem presuma captivar a quem elle liberta.

Desengano, senhores meus, fallemos e oíçamos como catholicos. O que Deus faz, só Deus o pôde desfazer ; o que elle levanta,

só elle o pode derribar. Bem sabe Castella (signal é que o sabe bem, pois chega a o confessar); e no mesmo anno em que Portugal se havia de levantar, o estamparam assim seus escriptos. Bem sabe Castella (digo) que Portugal com singularidade unica entre todos os reinos do mundo foi reino dado, feito e levantado por Deus, naquelles mesmos campos, e naquelle mesma província onde todos os annos trabalham e batallham os homens pelo derribar, pelo desfazer, e pelo tirar a quem foi dado.

Se Deus o deu, como o podem os homens tirar? Se Deus o fez, como o podem os homens desfazer? Se Deus o levantou, como o podem os homens derribar? E se Deus prometeu que na decimo sexta geração atenuada poria os olhos nella para o restituir; como ha quem tanto à vista dos olhos de Deus queira triunphar sobre suas promessas e irritar seus decretos? Até a superstição dos gentios conheceu a consequencia desta verdade, e que os reinos fundados por um Deus (ainda quando houvesse muitos deuses) só o mesmo Deus os podia arruinar. Esta foi a theologia com que os dois principes dos poetas no incendio e destruição de Troya introduziram ao Deus Neptuno batendo com o tridente os muros que elle mesmo tinha fundado (Hom. Virg.).

Naquelle noite em que Christo por sua propria Pessoa fundou o reino de Portugal, apparecendo e fallando ao seu primeiro rei, disse: *Ego ædificator, et dissipator regnum, atque imperiorum sum: volo enim in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras nationes* (1). Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos imperios: e quero em ti e em teus descendentes fundar um' imperio para mim, pelo qual o meu nome seja levado ás nações estrangeiras. Se Deus é o monarcha supremo e universal, que funda e desfaz os reinos e os imperios, e com tão especial solemnidade fundou por sua propria Pessoa nos reis portuguezes de Portugal: quem haverá, que não seja o mesmo Deus, que o possa desfazer e dissipar? Ponderem-se muito aquellas tres clausulas, *in te mihi stabilire*. Se Deus o fundou em nós, *in te*, quem o po-

(1) Juramento d'el-rei D. Afonso Henrique.

derá arrancar de nós ? Se Deus o quiz para si, *michi*, como o poderá ser de outrem ? E se Deus prometteu de o estabelecer, *spabilire*, como o podem os homens arruinar ? Acabem de conhecer, os que se prezam de conhecer a Deus, que são homens ; e tenham-se por homens, por racionaes, e por conselheiros, os que seguirem os dictames deste conhecimen'o. Na prodigiosa batalha das linhas de Elvas, quando o duque general primeiro ministro de Hespanha se viu tão inopinadamente de conquistador, conquistado, as trincheiras entradas, os esquadrões rotos, os fortes rendidos, o exercito desbaratado, as palavras com que se retrou, como tão prudente e tão catholico capitão, foram : *Contra Dios no valen manos*. Se este dictame tão são, tão verdadeiro e tão evidente, se seguiria desde aquelle dia, quanto sangue que ao depois se derramou, estivera guardado nas veas, ou se tivera de uma e outra parte empregado em serviço daquelle grande Senhor contra o qual não valem mãos, nem validos ? Contra a evidencia e fé desta razão, que não tem resposta, costuma atraresar o demonio aquella torpeza do inferno, a que os homens com nome espacioso e significação verdadeira infernal, chamaram reputação ; dizem que não convem à reputação do grande monarca das Hespanhas desistir da empreza de Portugal, não pelo que elle é, mas pelo que dirá o mundo : como se não estiveramos no mesmo mundo em que hontem o mesmo monarca cedeu às provincias unidas dos Paizes-Baixos, todos aquellos estados de que com tão diferentes direitos era herdeiro e legitimo senhor. Mas para o nosso caso não são necessarios exemplos, nem tem lugar, porque é diverso de todos e de superior jerarchia. E quando concedessemos aos politicos, que para vaidade phantastica da opinião, se deviam arrastar tantos respeitos solidos e verdadeiros, como elles falsamente ensinam em nenhum caso da paz e reciproca desistencia das armas, esteve mais segura e mais honrada a reputação de Hespanha e de seu grande monarca, que no da guerra presente : pelo mesmo fundamento e unico em que se funda todo este discurso, em ceder, obedecer a Deus, e não resistir á sua vontade conhecida, nunca se perde, nem pôde perder reputação, antes se ganha a maior e mais qualificada de toda ;

porque se a reputação consiste no juizo dos homens, nenhum juizo haverá no mundo catholico, político, nem ainda gentilico, que não estime e venere uma tal ação pela mais christã, mais justa, mais prudente, mais generosa, mais heroica de quantas honraram a memoria dos maiores principes.

Quando Moysés foi notificar da parte de Deus a el-rei Pharaó, que dêsse liberdade ao povo de Israel, que havia tantos annos tinha debaixo de seu domínio; o que respondeu foi: *Nescio Dominum, et Israel non dimittam.* Não conheço esse Deus, e não hei de demittir a Israel. Não disse que não queria obedecer a Deus, senão que o não conhecia; porque o principe que conhece a Deus, ainda que seja tão barbaro e arrogante como Pharaó, e em matéria de tanto peso e interesse, como demittir de si o domínio de uma nação inteira e tão populosa, não pôde duvidar de obedecer e se sujeitar à sua vontade: e porque Pharaó o não fez assim, ainda que gentio e sem conhecimento de Deus, a reputação que grangeou com aquella teimosa resolução, é a que hoje tem no mundo, e terá em quanto durarem os livros sagrados, de barbaro, de nescio, de obstinado, de impio rei, e de inimigo e destruidor (como foi por isso mesmo), de seu imperio.

Resistir a uma razão tão evidente, como a que diz (assim o quer Deus), é tão indigna e tão affrontosa resistencia, que nenhuma razão de estado a pôde justificar, ainda que se perdesse o mesmo estado.

Depois da morte d'el-rei Saul o tribu de Judá seguiu as partes de David, e ou outros onze tribus, obedeceram e juraram por seu rei a Isbosheth, filho herdeiro do rei desunto: (2. Reg. II — 8 e 9) seguiram-se bravas guerras entre um e outro partido: duraram sete annos, e o fim notável em que vieram a parar foi, que os onze tribus deixaram a Isbosheth, e voluntariamente se entregaram e se sujeitaram todos a David; e a maior circunstancia do caso é, que sendo ao parecer tão indignas as condições da paz, ella se ajustou em um dia sem o mediador Abner, sem haver em todos os doze tribus um só homem que falasse uma palavra em contrario, nem ainda o mesmo Isbosheth, que ficára privado do reino de seu pae, passando todo a David, que hontem

era seu vassallo. (Ibid. III — per tot.) Mas que razões tão fortes e de tanta efficacia foram as que representou Abner para persuadir e concluir tão breve e subitamente um negocio tamanho, em que os interesses, a honra e a reputação de todos estava tão empenhada, e muito mais a do mesmo rei? A razão foi uma só e esta que estou allegando: *Quoniam locutus est Dominus.* (Ibid. — 18) Propoz Abner aos tribus, que a vontade de Deus era que David fosse rei, como o tinha declarado o propheta Samuel; e contra esta proposta não houve rei, nem conselheiros, nem vassallos, que repugnasse ou respondesse, porque intenderam que o interesse de obedecer a esta razão, era o maior de todos os interesses, e que debaixo della, não só ficava salva a honra e a reputação, mas honrada a mesma honra. Assim como o vassallo nunca pôde perder a honra e reputação, senão ganhal-a em obedecer ao rei; assim o rei nunca a pôde perder em obedecer a Deus, senão ganhal-a, segural-a e accrescental-a muito.

E se buscarmos a raiz desta verdadeira razão, achal-a-hemos, sem muito cavar, no supremo domínio de Deus, que, como Senhor absoluto dos reinos e dos imperios, os pôde dar e tirar inteiros quando lhe parecer, e também dividil-os e partil-os quando é servido. David, como acabamos de vêr, começou com parte do reino de Israel, e depois inteirou-lhe Deus o imperio, e reinou sobre toda a Judéa. Seu filho Salomão logrou o mesmo imperio inteiro pacificamente. Seu neto Roboão entrou no imperio também inteiro, mas em seu reinado lh' o dividiu Deus, e deu parte delle a Geroboão.

O mesmo sucedeu ao imperio de Hespanha nos ultimos tres reis della: Filipe II começou a reinar com parte; e depois com a união e sujeição de Portugal, inteirou-lhe Deus o imperio de toda Hespanha. Seu filho Filipe III logrou o mesmo imperio inteiro pacificamente. Seu neto Filipe IV entrou no imperio também inteiro, mas em seu reinado lh' o dividiu Deus, e deu a Portugal a parte que lhe pertencia.

Antes do reino de Israel se dividir entre Roboão e Gerobeto, tomou o propheta Abias a sua capa cortada em doze partes, e destas doze, deu dez a Geroboão; em signal de que Deus o

queria fazer rei de dez tribus de Israel. (3 Reg. XI — 30 e 31)

Note-se aqui, e note-se muito, que os prophetas são os que dividem os reinos, e os que os repartem ; elles os dividem primeiro prophetisando, e depois Deus executando : e se o propheta Ahias pôde partir a sua capa, e dar parte della a el-rei Geroboão, e parte a el-rei Roboão ; porque não poderá Deus partir tambem a sua, e da purpura inteira que tinha dado, ou emprestado a um rei, cortar um retalho para vestir e coroar outro ?

Ah ! se os reis e monarchas considerassem que as purpuras que vestem lhe as empresta Deus da sua guarda-roupa, para que representem o papel de reis em quanto elle lôr servido ! E se o Roboão de Israel se contenta com que lhe tirem dez partes do reino, e lhe deixem uma : (assim o diz expressamente o texto sagrado) : *Porro una tribus remanebit ei* ; (Ibid. — 32) porque o tribu de Benjamin, que ficou a Roboão juntamente com o de Judá, por sua pouquidade não fazia numero (era outro Algarve em respeito de Portugal). E se o Roboão de Israel (como dizia) se contenta com que lhe tirem dez tribus, e lhe deixem uma só parte ; porque se não contentaria o Roboão de Hespanha, quando lhe tire o mesmo Dono um reino, se lhe deixa dez ? Oh como se pôde temer que chame Deus ingratidão, ao que os homens chamam reputação ! A maior reputação de um principe que conhece a Deus, e reconhece seu supremo domínio, é dizer como Eli, ainda quando se visse despojado de tudo : *Dominus est, quod bonum est, in oculis suis faciat.* (1 Reg. XVIII)

E se esta razão, ainda em termos tão apertados, é sempre verdadeira: quanto mais no caso presente, em que a grandeza de Hespanha e sua potencia, é o maior seguro de sua reputação ? Pedir paz, quem se não pôde defender da guerra, poderá ser menor credito ; mas dar a paz, não porque a ha mister, senão porque a quer dar, quem pôde fazer, e apartar a guerra, sempre é generosidade, honra, reputação e gloria. O grande poder é muito confiado. Poder pôr em campo doze legiões de anjos, e mandar embainhar a espada a Pedro, foi a maior gloria do poder supremo. (Matth. XXVI — 52 e 53) Não pôde dar mais a fortuna a um

príncipe, que poder o que quer: nem pode exceder um príncipe essa mesma fortuna mais, que não querendo o que pode; e não poder querer o que Deus não quer, ainda é um ponto mais alto sobre a grandeza. Mas se em toda a idade tem decencia e decoro a gentileza desta resolução, nos maiores annos ainda é incomparavelmente maior.

Pelejaram os pastores de Abrahão com os de Loth, os do tio com os do sobrinho: Abrahão que foi o que apartou a demanda, não quis pelejar sobre a terra, quando os annos o chamavam mais para o céu. (Genes. XIII — 7 e 8) O' poderosissimo monarca Filipe IV, o Grande! Dae licença para que tenham entrada a vossos ouvidos os eccos destas ultimas clausulas, não de meu discurso, senão de meu desejo; as vozes de que elles se formam, sabe. O que conhece os corações, que não se escrevem com outro fim mais que o de o agradar, e de que todos os principes católicos o agradem; que se não derrame sangue christão, e sobre christão hespanhol, pois é aquelle de que mais puramente se alimenta a santa madre egreja, e de que a cabeça della recebe os espiritos, com que vivifica e anima seus mais distantes membros.

Ouvi, senhor, a voz de um estrangeiro, desinteressado vassallo, que foi já vosso por sujeição, e hoje é tambem vosso (posto que não vassallo) por affecto. Ouvi a voz de um homem, que nem das felicidades de Portugal espera, nem das vossas teme; porque vive sóra da jurisdicção da fortuna, por estado muito abaixo da sua rada, e por coração muito acima della. Com todo este desinteresse me atrevo, senhor, a vos dizer de longe, o que pode ser não tenhaes ouvido da mais perto.

A maior façanha de Carlos vosso avô, com que coroou todas as suns, foi saber morrer. Mercesteis na vida o titulo de Grande, maior sereis no fim della, se ao de grande acrescentardes o de justo. Não se pode pagar a Deus o que é de Deus, sem dar a Cesar o que é de Cesar; e seria grande desgraça perder o reino eterno por um temporal já perdido. (Luc. XX — 28)

Não duvido, senhor, que tereis conselheiros de grandes letras, que segurem e justifiquem as causas de tão dilatada e cruel guerra:

mas ponham os reis diante dos olhos as letras e as balangas de Balthasar, e examinem elles se os seus maiores se governaram pelos pareceres dos letrados, ou os letrados pelos interesses dos reis, (Daniel V — 5 e 27) Os textos são da justiça, as interpretações podem ser da lisonja: com um texto santo mal interpretado quiz o demonio despenhar a Christo, e depois deste texto, e desta interpretação, lhe offereceu o reino que lhe não podia dar. (Matth. IV — 6) Grande signal é de predestinação de um principe, que faça Deus por elle as restituições, que nem seus predecessores fizeram, nem elle havia de fazer. (Ibid. — 8 e 9) Felicidade é levar já abatida das contas que se hão de dar a Deus uma partida tão grossa, como o reino de Portugal e suas conquistas: basta haver-se de dar a mesma conta de Ormuz, de Ceilão, de Malaca, do Brazil, perdidos pela desattenção dos ministros, ou pela intenção (que será peior) dos politicos. O tratado de uma boa e justa paz, podia ser uma bulla de composição geral, com que se levassem purgados todos estes encargos: não queiraes levar sobre vós, e deixar sobre vossos filhos, por cima de tanto sangue derramado, o que ainda se pôde derramar.

Lembro-vos, senhor, o signo debaixo de que nascestes; e seja este o ultimo suspiro do meu affecto: nascestes no dia em que morreu o Rei dos reis, e Monarca supremo do mundo, para dar exemplo de morrer a principes: ponde os olhos neste soberano exemplar; firmae o titulo de rei com o de catholico, pois sempre prezastes mais o de catholico, que o de rei: (Joan. XIX — 23 e 24) seja parte do sacrificio a repartição das vestiduras, e leve embora a tunica aquelle a quem coube em sorte; e faga-se tudo diante de vossos olhos, antes que os fecheis. Se vos parece amargoso este trago, gostae o sel, e não o passeis da boca: com esta obra tão consummada, podeis entregar a alma segura nas mãos do Padre, que é Rei e Senhor, o que só importa: com uma inclinação da cabeça podeis deixar pacificado o mundo: deixe a paz por herança a vossa esposa. Esta será a maior prenda de vosso amor, este o trophem maior de vossas victorias. (Matth. XXVII — 34)

CAPITULO IX

Verdade desta Historia: declara-se o modo com que se pôde conhecer e saber os futuros

A primeira qualidade da historia (quando não seja a sua essencia) é a verdade; e porque esta parecerá muito difficultosa, e por ventura impossivel na Historia do Futuro, será razão, que, antes que vamos mais por diante, socoguemos o escrupulo ou receio, (quando não seja o rizo e o desprezo) dos que assim o podem imaginar. E pois pedimos aos leitores o assento da fé, justo é que lhes mostremos primeiro os motivos da credulidade; não duvidamos da pia affeição de todos, pois a matéria é tanto para crer, e tão sua.

Confesso que entramos em um cabos profundissimo e escuríssimo, de que se pôde dizer com toda a razão: *Tenebras erant super faciem abyssi.* (Genes. I — 2) Mas neste mesmo abysmo de trevas, se o espirito do Senhor (como esperamos) nos não faltar com a sua assistencia, como alli não faltou: *Spiritus Domini se-rebatur super aquas,* (Ibid.) dirá Deus o que só elle pôde dizer, e far-se-ha o que só elle pôde fazer: *Fiat lux, et facta est lux.* (Ibid. — 3) As maiores trevas que se viram no mundo, ou com que o mundo se não viu, foram aquellas do Egypto, das quaes diz o texto sagrado: *Factæ sunt tenebras horribilis in universa terra Egypti, nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco, in quo erat.* (Exod. X — 22 e 23) Trevas que faziam horror, trevas com que nada se via, e trevas com que se não podia dar passo: taes são as trevas, e tal a escuridade do futuro. Comtudo, o apostolo S. Pedro nos ensinou a entrar nestas trevas sem medo, e a dar passo, e muitos passos nelhas, e a vêr claramente, e com maior certeza, tudo o que ellas encobrem: *Habemus firmiorem propheticum sermonem, cui benefacitis attendentes, quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco, donec dies eluiscat.* (2 Petr. I — 19) Temos (diz o principe dos apostolos), as prophecias e palavras certissimas dos prophetas, as quaes devemos observar e attender,

usando dellas como de candéa lucente em logar escuro e caliginoso, até que amanheça o dia. Logar escuro e caliginoso é o futuro ; a candéa que alluméa são as prophecias ; o sol que ha de amanhecer é o cumprimento dellas : e em quanto este sol, que será muito formoso e alegre, não apparece, não corôa os nossos montes, o que só agora podemos e devemos fazer, é levar a candéa das prophecias diante, e com a sua luz (ainda que luz pequena) entraremos no logar caliginoso e escuríssimo dos futuros, e veremos o que nelles se passa.

Por isso os prophetas na sagrada escriptura se chamam por antonomasia *Videntes* ; porque com o lume da prophecia entravam nos logares escuríssimos e secretíssimos dos futuros, e viam nelles claramente aquellas coisas para que todos os outros homens são cegos, e ninguem as pôde vêr senão allumiado da mesma luz. Eu conheço e confesso que a não tenho, nem basta estudo ou diligencia alguma para a alcançar, porque só Deus a pôde dar, e a dá, quando, e a quem é servido : *Non enim voluntate humana allata est aliquando prophetia : sed Spiritu Sancto inspirati locuti sunt sancti Dei homines*, diz S. Pedro : (2 Petr. I — 21) mas ainda que a candéa esteja na mão de outrem, tambem se podem aproveitar da sua luz os que se chegarem a ella e a forem seguindo : nesta propriedade falla a escriptura, quando diz da prophecia de Aggeo : *Factum est verbum Domini in manu Aggæi prophetæ*. (Aggæi I — 1) E da prophecia de Malachias : *Onus verbi Domini ad Israel in manu Malachio*. (Malach. I — 1) E geralmente das prophecias de todos os prophetas : *Sicut locutus es de manu puerorum tuorum prophetarum*. (Baruch. II — 20) De maneira, que poz Deus a prophecia como candéa na mão dos prophetas, para que, allumiados e guiados da mesma luz, os que não somos prophetas, possamos entrar com elles no logar escuro e caliginoso dos futuros, e vêr e conhecer com a luz, não nossa, o que elles viram e conhecaram com a sua.

Este é o modo com que havendo a nossa Historia de caminhar por passos tão escuros e difficultosos, saberá comtudo onde ha de pôr os pés, e os porá mui seguros, seguindo sempre os

raios deste farol divino, e dizendo humilde a Deus com David : *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitis meis.* (Psal. CXVIII — 105) Serão pois as primeiras fontes desta nossa Historia, e os primeiros e principaes escriptores a quem nella seguiremos, todos ou quasi todos os prophetas canonicos, desde Isaias até Micheas (1); porque, excepto o propheta Jonas, cujo assumpto foi um só, e particularmente determinado a historia dos ninivitas, todos os outros, mais ou menos, concorreram para a fabrica deste novo edificio. Assim como os que escrevem annaes ou historias passadas e antiquissimas, recorrem aos auctores mais antigos, e estes são os que teem maior credito e auctoridade nas coisas daquelles tempos, assim nós que escrevemos do futuro, devemos recorrer e buscar a verdade e noticias da nossa historia, nos auctores dos tempos futuros, que são sómente os prophetas, pois só elles os conhecerao. E porque entre os outros livros sagrados, tambem canonicos, ha alguns que totalmente são propheticos, como os Psalmos, os Cantares e o Apocalypse; e todos os outros, assim do Velho como do Novo Testamento, contem, ou muitas ou algumas coisas propheticas, ainda que sejam meramente historicos, como o Genesis, Josué, Josias, Reis, Paralipomenon, Esdras, e Macabeus; ou meramente doutrinaes, como Proverbios, Sabedoria, Ecclesiastes, Ecclesiastico, e as Epistolas dos Apostolos, ou juntamente doutrinaes e historicos, como o Levitico, Numeros, Deuteronomio, Job, e os evangelhos; de todos estes nos ajudaremos tambem, quando servirem, ou podem servir (que não será pouco) ao conhecimento e intelligencia dos tempos futuros: assim que, podemos dizer em uma palavra, que a primeira e principal fonte, e os primeiros e principaes fundamentos de toda esta nossa Historia, é a escriptura sagrada; com que vem a ser um só livro e um só Auctor, o que nella principalmente seguiremos: o livro, a escriptura; o Auctor, Deus. Sobre estes fundamentos da primeira e summa verdade, entrará o discurso como architecto de toda esta grande fabrica, dispondo, ordenando, ajustando, combinando, inferindo, e accrescentando

(1) Alap. in proem in. proph. min.

tudo aquillo que por consequencia e razão natural se segue e infere dos mesmos principios, no qual modo de fabrica se não perde a primeira verdade dos fundamentos, mas vai crescendo, dilatando-se, e fructificando, não em diversos, senão no mesmo corpo, como a arvore em suas raizes.

Deste modo crescem e se augmentam todas as sciencias, não só as naturaes, senão as divinas, e por isso se chamam, e são sciencias. Assim como a philosophia, de principios naturaes, evidentemente conbhecidos, tira conclusões certas, evidentes, e scientificas, assim a theologia de principios sobrenatureaes, não evidentes, mas certissimamente conhescidos, tira conclusões theologicas, tambem scientificas, e ainda mais certas, posto que não evidentes. Nem este modo de discorrer sobre as prophecias e revelações propheticas, para vir em conhecimento dos mysterios, segredos, successos, e tempos futuros, que nelas não estejam immediatamente expressados, é alheio da reverencia que se deve aos oraculos divinos, nem atrevimento do intendimento e discurso humano, ou coisa nova e desuzada na egreja e escola de Christo, antes estudo muito licito, muito louvavel, e muito recommendedo do mesmo Mestre Divino e seus successores.

Temos desta materia um excellente texto do apostolo S. Pedro (primeira e infallivel regra da egreja), o qual fallando das mesmas prophecias e prophetas, diz assim no primeiro capitulo de sua primeira epistola: *De qua salute exquisierunt, atque scrutati sunt prophetæ, qui de futura in vobis gratia prophetaverunt, scrutantes in quod vel quale tempus significaret in eis spiritus Christi: prænuntians eas, quæ in Christo sunt, passiones, et posteriores glorias.* (1 Petr. I — 10 e 11) Quer dizer S. Pedro, que os prophetas antigos depois de lhes serem revelados com lume sobrenatural, e elles conbecerem e prophetisarem mysterios futuros (como os da paixão e glorias de Christo) sobre os mesmos mysterios, e sobre as mesmas suas prophecias, inqueriam, e especulavam de novo com o lume natural do discurso muitas circumstancias que lhes não foram expressamente reveladas, como as do tempo e estado do mundo, em que os mesmos mysterios se ha-

viam de obrar, e as suas mesmas prophecias haviam de succeder. Desta maneira, no sentido em que o digo, vinham a inferir e alcançar pelo estudo e especulação natural e propria, o que Deus lhes não tinha manifestado pela revelação sobrenatural e divina. Isto é o que litteral e genuinamente significam aquellas palavras : *Exquisierunt, et scrutali sunt. Exquisitio, et scrutatio* (diz Lörino) *proprie indicant curam, et studium, et industriam naturalem meditationis, vel, lectionis, vel disputationis.*

De sorte que ajuntando o lume natural do discurso ao lume sobrenatural da prophecia, com o cuidado, estudo e industria propria, lendo, disputando e meditando, vinham a estender e adiantar muito as mesmas prophecias, conhecendo dellas e por ellas, muitas coisas que nellas immediatamente não estavam reveladas : bem assim, como o sol ou *gændeia* (que era a nossa comparação) não só alumâa com a luz que está ao lume, ou logo que nella se sustenta, senão tambem, e muito mais, com a luz que della se vae produzindo, multiplicando e diffundindo por todas as partes vizinhas e ainda distantes, conforme a sua menor ou maior esphera ; assim o lume natural do discurso se vae propagando, diffundindo e estendendo a muitas coisas, tempos, successos, e circumstancias que nellas estavam occultas ; e pela conferencia e consequencia do mesmo discurso se vão intendendo e descobrindo de novo : isso quer dizer : *In quod vel quale tempus.* A palavra, *em que tempo*, significa a determinação do tempo certo em que as coisas hão de succeder ; e a palavra, *no qual tempo*, significa as qualidades e circumstancias do mesmo tempo, isto é, o estado dos reinos, das republicas, das nações, e os acontecimentos particulares da paz, da guerra, do captiveiro, da liberdade, e outros similhantes que no mesmo tempo, ou mais visinho ou mais distante, se hão de vêr e succeder no mundo : *Deprehendebant prophetæ instinctu spiritus Messiæ ejusdem Messiæ adventum, et gratiæ dona, quæ allaturus erat. Nec tamen (sultem omnes) definite scribunt quo tempore veniret, et quali ; quam brevi, an belli, aut pacis, captivitatis, aut libertatis ; quo statu reipublicæ hebræorum explicabant, quæ Messias primum passarus, cum posseta gloriam consecuturus, et collaturus etiam esset ; et ignorat-*

bant circumstantiam temporis, et ratiocinando, a: conjecturando disquirebant. Atéqui Lorino.

O mesmo diz Salmeirão, ambos doutíssimos expositores deste lugar, e ambos trazem em confirmação o exemplo da Virgem Maria nossa Senhora, da qual diz o evangelho : *Maria autem conservabat omnia verba hæc, conserens in corde suo.* (Luc. II — 19) Conferia a Senhora, com ser alumiada sobre todas as criaturas, as palavras que os pastores referiam ter ouvido aos anjos, as que ouviu a Simeão, a Anna a prophetisa, e ao mesmo Christo Menino quando o achou entre os doutores ; e dellas por discurso natural, inferia e descobria outros mysterios occultos e profundissimos, que nas mesmas palavras não estavam expressamente declarados. Isto mesmo é o que se diz no cap. 15.^º dos Actos dos Apostolos faziam os mais doutos christãos da primittiva egreja, e o que Christo mandou a todos que fizessem, dizendo por S. João no cap. 50.^º : *Scrutamini scripturas.* (Joan. L — 39) E' isto o que nós fazemos e devemos fazer, pois de nós e para nós fallam os prophetas, como diz o mesmo texto de S. Pedro nas palavras citadas : *Qui de futura in vobis prophetaverunt* : (1 Pet. I — 10) e mais abaixo : *Quibus revelatum est, qua non sibine ipsis, vobis autem ministrabant.* Onde a versão syriaca tem : *Nostra vobis vaticinabantur* (1).

E pois os prophetas prophetisavam para nós, e as coisas nossas, razão é que nós como nossas as intendamos : mas porque as prophecias por sua natural escuridade não são faceis de entender ; e assim como se ha mister necessariamente a sua luz para conhecer os futuros, é tambem necessaria outra segunda e nova luz para as intender a ellas : esta segunda luz serão aquelles a quem Christo chamou luz do mundo : *Vox estis lux mundi* ; (Matth. V — 14) e, por outras palavras, candéa aceza : *Neque enim accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio* : (Ibid. — 15) que são, em primeiro lugar os apostolos sagrados, e em segundo os padres doutores da egreja e expositores das escripturas divinas, os quaes seguiremos e allegaremos em tudo o que dissermos com

(1) Vers. Syriac apud A Lapid. hic § quibus.

estas duas luces ou candéas, uma dosdoutoures sagrados, com que alumiamos as prophecias, e outra as mesmas prophecias, com que alumiamos e descobriremos os futuros, poderemos entrar neste labyrintho com todo o apparato e prevenção de instrumentos com que se entrava seguramente no de Creta. Era aquelle labyrintho por uma parte muito escuro, e por outra mui intrincado; e para vencer e facilitar estas duas difficuldades, se inventou entrar nelle, não só com tochas, mas tambem com fio; as tochas para vér o escuro dos caminhos, e o fio, para entrar e sair pelo intrincado delles: por este modo entraremos tambem nós pelo escuro e intrincado labyrintho dos futuros. As prophecias e os doutores nos servirão de tochas; o entendimento e o discurso de fio: isto é quanto ás prophecias e prophetas canonicos.

E porque o Espírito Santo depois de fechado o numero dos livros, e os escriptores sagrados (o qual se cerrou no Apocalypse de S. João) não deixou de illustrar e ornar sua esposa a egreja com o lume e dom da prophecia; e depois daquelleS seus primivos annos houve sempre novos prophetas, alumiaos com o mesmo espirito, que por palavra e espirito predisseram muitas coisas futuras, assim dos seus, como dos seguintes tempos, tambem estes darão materia á nossa Historia. Não metteremos porém nesta conta senão aquellas prophecias somente, que, ou pela santidade de seus auctores, aprovados e canonisados pela egreja, ou por outros fundamentos solidos da razão, experiençia e opinião do mundó, tambem na forma possivel, merecido no juiso dos prudentes, o nome e veneração de prophecias ou predições verdadeiras.

A este fim empregarei grande parte deste presente livro na qualificação do espirito prophetico que tiveram todos os auctores do futuro, quē na Historia se hão de allegar, por ser este não só o principal, mas o unico fundamento de toda a sua verdade, e sem o qual vā e não merecidamente lhe devemos prometter o credito, que de todos os que a lêrem esperamos.

Por esta causa se não acharão por ventura neste nosso discurso menos, algumas que em nome de prophecias andam entre o vulgo, sem certeza de auctor, e muito menos do espirito com

que foram escriptas ; e não só provaremos quanto fôr necessario o espirito da prophecia destes auctores, mas diremos o tempo em que escreveram as obras propheticas que delles existam ; a integreza ou corrupção com que se teem conservado, com uma breve relação tambem das mesmas pessoas (quando não forem geralmente mui conhecidas) pelo muito que importam todas estas noticias não só para a fé e credito, senão ainda, e muito mais, para a intelligencia e combinação das mesmas prophecias, que grandemente depende do tempo, e de outras similhantes circumstancias.

Procurámos quanto nos fôr possivel que fosse mui exacta esta diligencia, e não só fallaremos, nos auctores e prophetas modernos e não canonicos, senão igualmente nos antigos e sagrados, pelas mesmas causas. Tambem excitaremos a este fim, e resolvaremos varias questões muito importantes ao conhecimento das prophecias, pela ordem que a necessidade ou occasião o fôr pedindo, e esta será a propria materia de todo este livro, a que por isso chamamos Ante-primeiro, e é como alicerce de todo o edificio : e posto que todo este tão largo prologomeno em rigor não seja Historia do Futuro, senão preparação ou apparato para elle, à imitação de Baronio, e de outros auctores, que com menos necessidade o fizeram em suas historias.

Esperamos que a materia, por sua grande variedade e diligente erudição de coisas curiosas, e pela maior parte atégora não tractadas, não-será injucunda aos que a lêrem, e que possa sem enfado entreter a expectação e desejo da mesma Historia, em quanto não sâe a luz, que será, como em Deus esperamos, muito brevemente.

De tudo o que fica dito ou promettido, se colhe facilmente quanta será a verdade desta Historia, porque as coisas que expressa e immediatamente se predizem nas prophecias canonicas, de cuja intelligencia por sua clareza se não pôde duvidar, ou por estarem explicadas por escriptores tambem canonicos, por concilios, por tradicções, ou pelo consenso commun dos padres, é certo que teem toda aquella certeza infallivel e de fé, que as outras verdades sagradas que se conteem nas escripturas. As outras coisas,

que destas verdades assim prophetisadas e conhecidas, por natural consequencia se deduzirem, ainda que intervenha no discurso algum meio ou proposição scientifica, são verdades segundas que participam a mesma certeza tambem infallivel, qual é a das conclusões theologicas, que, não sendo totalmente fé, nem somente sciencia, por esta parte tem evidencia, e por ambas tal certeza, que não é sujeita a erro ou falsidade, nem perigo de poderem não ser.

As prophecias não canónicas podem ser tão evidentemente provadas por seus efeitos, como veremos, que tambem toda a certeza moral, que é a que depois da fé e da sciencia tem no juizo humano o maior assento, e a mesma participarão, na ferma que pouco antes dissemos, todas as outras conclusões, que por natural e evidente consequencia delas se dedusirem, pois são filhas e herdeiras da mesma verdade, de que tiveram seu nascimento.

Restam somente aquellas prophecias, que, ou por não averiguadas com tão evidente certeza (posto que sempre estabelecidos com bons e rationaes fundamentos) ou por sua interpretação não ser tão manifesta ou recebida, que não desfaça moralmente toda a razão de duvida, fica dentro dos limites da probabilidade opinativa, e nestas, assim o que imediatamente predizem, como as consequencias que delas por formal illação se deduzirem, terão somente certeza provável naquelle sentido em que dissemos provavelmente certas, aquellas coisas de que ha fundamentos prováveis para o serem.

Estes quatro generos de verdade, são os de que repartidamente se comporá toda a Historia do Futuro, merecendo, segundo todas suas partes, o nome de historia verdadeira, posto que não em todas com igual grau de certeza. Nas do primeiro genero, verdadeira com certeza de fé. Nas do segundo, verdadeira com certeza theologica. Nas do terceiro, verdadeira com certeza moral. Nas do quarto, verdadeira com certeza provável, pelo modo já explicado; sendo a excellencia singular desta Historia, que toda ella, ou provável, ou moral, ou theologica, ou canonicamente, será fundada na primeira e summa verdade, que é o mesmo Deus.

D'aqui inferimos sem injuria nem agravo de quantas histo-

rias até hoje estão escriptas no mundo, que esta Historia do Futuro é mais certa e mais verdadeira que todas ellas, (exceptas somente as historias sagradas) e ainda esta excepção se não deve intender em todo, senão em parte; da Historia do Futuro igualará na verdade e na certeza, ou, por melhor dizer, se não distinguirá della, por ir toda (como vae) não só fundada nos mesmos textos e sentenças da escriptura divina, mas formada e como tecida delles.

E digo que sem injuria nem aggravo de todas as outras historias humanas, porque, como bem terão advertido os mais lidos e versados, assim nas antigas, como nas modernas, todas ellas estão cheias, não só de coisas incertas e improvaveis, mas alhás e encontradas com a verdade, e conhecidamente supostas e falsas, ou por culpas, ou sem culpa dos mesmos historiadores.

Que historiador ha ou pôde haver, por mais diligente investigador que seja dos successos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações ha de homens, que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorancia, ou da malicia? Que historiador ha de tão limpo coração, e tão inteiro amador da verdade, que o não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o odio, o amor, ou da sua, ou da alhêa nação, ou do seu estranho principe? Todas as pennas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever misturam as còres do seu afecto.

Prova Tacito a verdade da sua historia, com ter longe as causas do odio e amor; mas d'ahi se convence contra elle, que também tinha longe informações da verdade. O certo é que só tinha perto a ambição de seu proprio juiso, com que formava os processos para as sentenças, e sobre os processos não as sentenças. Por isso Tertuliano lhe chamou com razão: *Mendaciorum loquacissimum*. Não aponto erros em particular das historias mais visinhas a nossos tempos por reverencia delles, e porque fôra matéria infinita: das dos gregos e romanos disse S. Jerónymo, por occasião do milagre da serpente: *Cadant huic veritati, tam græco quām romano stylo mendaciis facta miracula*. E Cicero, que é mais, no livro primeiro das leis: *Apud Herodotum, Historiæ par-*

tem, et Theopompum sunt innumerabiles fabulae. Estes foram os pais da historia humana, e desta é filha legitima a sua verdade, sobre a qual batalham tantas vezes os mesmos historiadores, mas nunca com conhecida victoria.

Quem quiser vêr claramente a falsidade das historias humanas, lêa a mesma historia por diferentes escriptores, e verá como se encontram, se contradizem, e se implicam no mesmo successo, sendo infallivel, que um só pôde dizer a verdade, e certo, que nem a diz. Mas isto mesmo se conhece, ainda com maior evidencia, daquellas historias de que temos verdadeira relação nas escripturas sagradas, como são as de Noé, do diluvio, da divisão das primeiras gentes : as dos assyrios, persas, medos, romanos, egypcios, gregos, e principalmente a dos hebreus, com os quaes cotejado, como em pedra de toque, o que escreveram os Berozos, os Herodotos, os Diodoros, os Drugos, os Curcios, os Livios, e todos os outros historiadores daquellas nações e tempos, apenas se acha coisa que seja contradicção da verdade : e desta mesma experieencia e razões della se qualifica claramente ser a nossa Historia do Futuro mais verdadeira que todas as do passado, por que elles em grande parte foram tiradas da fonte da mentira, que é a ignorancia e maliciâ humana, e a nossa tirada do lume da prophecia, e accrescentada pelo lume da razão, que são as duas fontes da verdade humana e divina.

CAPITULO X

Resposta a uma objecção : mostra-se que o melhor commentador das prophecias é o tempo

Assentâmos com o apostolo S. Pedro no capitulo antecedente, que com a candéa da prophecia se podia entrar pela escuridade dos futuros, e descobrir e conhecer o que nelles está encuberto e enterrado. Mas sobre esta resolução se pôde dizer e arguir con-

tra nós, que esta mesma candéa e luz das prophecias ha muitos centos de annos que está acceza, e não *sub modio*, senão supra *candelabrum*, e que ninguem comtudo se atreveu atégora a entrar com ella por estes abysmos e escuridades do futuro, como nós prometemos fazer: empreza e ousadia, que mais merece nome de temeridade, que de confiança, aos quaes (que sempre serão mais de um) responderemos facilmente com o seu mesmo argumento. Os futuros quanto mais vão correndo, tanto mais se vão chegando para nós, e nós para elles; e como ha tantos centos de annos que estão escriptas estas prophecias, tambem ha outros centos de annos que os futuros se vão chegando para elles, e elles para os futuros: e por isso nós nos atrevemos a fazer hoje o que os antigos não fizeram, ainda que tivessem acceza a mesma candéa; porque a candéa de mais perto aluméa melhor. Para vêr com uma candéa; não basta só que a candéa esteja acceza, é necessário que a distancia seja proporcionada: *Ut luceat omnibus qui in domo sunt*, disse Christo. (Matth. V — 15) Com uma candéa na mão pôde-se vêr o que ha em uma casa, mas não se pôde vêr o que ha em uma cidade. O grande precursor de Christo: *Erat lucerna lucens, et ardens*, (Joan. V — 35) e ainda que todos os outros prophetas anunciaram a Christo, o Baptista o mostrou melhor, porque era candéa de mais perto: os outros diziam, ha de vir; e elle disse, este é.

- As visões e revelações de Deus vêm-se melhor ao perto que ao longe: de longe viu Moysés a visão da çarça, e que disse? *Vadom, et videbo visionem hanc magnam*: (Exod. III — 3) Irei e verei esta grande visão. Estava vendo a visão, e disse que a iria a vêr, porque vae muita diferença de vêr as visões de Deus ao longe, ou vêl-as ao perto. Ao longe viu só Moysés a çarça e o fogo; ao perto intendeu e que aquellas figuras significavam. A mesma luz e a mesma candéa ao longe vê-se, e ao perto aluméa.

Esta é a diferença que não nós, senão os nossos tempos, fazem aos antigos: nos antigos reconhecemos a vantagem da sabedoria, nos nossos a fortuna da visinhança. Se estarmos mais perto dos futuros com igual luz (ainda que não seja com igual vista), porque os não veremos melhor? Assim o confessou Santo Agos-

tinho com ter os olhos de aguia, o qual achando-se ás escuras em muitos logares das prophecias, reservou a verdadeira intelligencia delas para os vindoiros.

Um pygmeu sobre um gigante pôde ver mais que elle : pygmeus nos conhecemos em comparação daquelles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas escripturas : elles sem nós viram muito mais do que nós podemos ver sem elles ; mas nós como vivemos depois delles, e sobre elles por beneficio do tempo, vemos hoje o que elles viram, e um pouco mais. O ultimo degrau da escada não é maior que os outros, antes pôde ser menor ; mas basta ser o ultimo, e estar em cima dos maiores, para que delle se possa alcançar o que de outros se não alcança.

Entre a multidão dos que acompanhavam e rodeavam a Christo, o mais pequeno de todos era Zacheo, (Luc. XIX — 4) que por si mesmo, e com os pés no chão, não podia alcançar a ver que os outros viam ; mas subido em cima da arvore, viu melhor e mais claramente que todos. Mai bem medimos a nossa estatura, e conhecemos quão pequena, quão desigual, quão inferior é, comparada com aquelles cedros de Libano, e com aquellas terras altissimas, que tanto ornato, grandeza e magestade, acrescentaram ao edificio da egreja : mas subidos por merecimento seu, e fortuna de tempo a tanta altura, não é muito que alcancemos e descubramos um pouco mais do que elles descobriram e alcançaram.

Coisa maravilhosa é, e que apenas se pôde intender, como os cavadores da vinha, que vieram na ultima hora, poderam ser avantajados aos demais. Mas estes são os privilegios da ultima hora : *Hi novissimi una hora fecerunt.* (Matth. XX — 12) Fizeram na ultima hora, o que os outros não fizeram todo o dia ; porque elles com outros acabaram a obra que os outros sem elles não poderam nem podiam acabar : *Sic erunt novissimi primi.* (Ibid. — 16) Este é o modo com que os ultimos podem vir a ser os primeiros. *Non ergo undecima hora in vineam Domini ad operandum conductis nobis invidendum est,* disse Lipomano na presaçao de seus Commentarios, applicando a parabola de Christo ao estudo da sagrada escriptura.

Os que estudamos e trabalhamos na intelligencia da sagrada escriptura, mais ou menos todos cavamos, e pôde succeder que os que veem na ultima hora, por felicidade da mesma hora acabem, descubram como poucas enxadadas, o que muitos em muito tempo, e com muito trabalho, cavando muito mais não descobriram.

Aquelle thesouro escondido, de que fallou Christo no cap. 13.^o de S. Mattheus, diz Ruperto, Turtuliano, S. João Chrysostomo, que é a escriptura sagrada : e S. Jeronymo com mais escripta propriedade o intende particularmente das escripturas propheticas(1). Quantas vezes os que trabalham no descobrimento de algum thesouro, cavam por muitos dias, mezes e annos, sem acharem o que buscam, e depois de estes cançados e desesperados, succede vir um mais venturoso, que descendo sem trabalho ao profundo da mesma cova, e cavando alguma coisa de novo, descobre a poucas enxadadas o thesouro, e logra o fructo dos trabalhos e suores dos primeiros ?

Assim aconteceu no thesouro das prophecias : cavaram uns, e cavaram outros, e cançaram todos, e no cabo descobre o thesoure, quasi sem trabalho, aquelle ultimo para quem estava guardada tamanha ventura, & qual sempre é do ultimo.

Eis-aqui como pôde acontecer, que descubram o thesouro os que cavam menos : *Sæpe absecutus quispiam, et vilius invenit, quod magnus, et sapiens vir præterit*, disse verdadeira e judiciosamente S. Chrysostomo. O ultimo dos apostolos foi S. Pedro, e confessando-se por minimo de todos, confessa ter recebido a graça de descobrir aos mesmos anjos do céu os thesouros que lhe estavam escondidos : *Mihi omnium sanctorum* (diz elle na epistola aos ephesios) *minima data est gratia hæc, in gentibus evangelizare investigabiles divitias Christi, et illuminare omnes, quæ sit dispensatio sacramenti absconditi à sæculis in Deo, qui omnia creavit, ut innotescat principatibus et potestatibus in cœlestibus per ecclesiam, multiformis sapientia Dei, secundum præsinitionem sæcularum.* (Ephes. III — 8, 9, e 11) Nas quaes palavras se devem ponderar muito quatro coisas : Que é o que se descobriu ;

(1) A Lap. § ad literam.

quem o descobriu ; a quem se descobriu ; e quando se descobriu. O que se descobriu é um segredo escondido a todos os seculos passados : *Sacramenti absconditi a sæculis in Deo* ; porque costuma Deus ter algumas coisas encobertas e escondidas por muitos seculos, conforme a ordem e disposição de sua providencia. Quem o descobriu foi o ultimo de todos os apostolos e discipulos de Christo, que já o não alcançou, nem viu, nem ouviu neste mundo como os demais, e se confessa por minimo de todos : *Mihi omnium sanctorum minimo* ; porque bem pôde o ultimo e o minimo alcançar e descobrir os segredos, que os primeiros e maiores não alcançaram. A quem se descobriu foi, não menos que aos espiritos angelicos das mais superiores jerarquias do céu : *Ul innolescat principatibus et potestatibus in cælestibus* ; porque não bastam as forças da sabedoria e intendimento criado, ainda que seja de um anjo e de muitos anjos, para conhecer e penetrar os segredos altissimos de Deus, em quanto elle quer que estejam encobertos e escondidos. Finalmente, quando se descobriu, foi no seculo que Deus tinha predefinido e determinado : *Secundum præfinitionem sæculorum* ; porque quando chega o tempo determinado e predefinido por Deus, para que seus segredos se conheçam e descubram no mundo, só então e de nenhum modo antes, se podem manifestar e intender.

Assim que bem pôde um homem menor que todos descobrir e alcançar o que os grandes e eminentissimos não descobriram, porque esta ventura não é privilegio dos intendimentos, senão prerogativa dos tempos.

Desde que Tubal começou a povoar Hespanha, que foi no anno da creaçao do mundo 1800, até o de Christo 1428, em que se passaram mais de 2600 annos, era o termo da navegação do mar Occeano junto somente á costa de Africa, o cabo chamado de Não. Sendo os mares, que depois delle se seguiram, tão temerosos aos navegantes, que era proverbio entre elles (como escreve o nosso João de Barros) : *quem passar o cabo de Não, ou tornará ou não*. Apparecia ao longe deste o cabo chamado Bojador, pelo muito que se mettia dentro no mar, cuja passagem, tanto por fama e horror commum, como pelo desengano de muitas experiencias, se

reputava entre todos por empreza tão arriscada e impossivel á industria e poder humano, como se pôde vêr no quarto capitulo da primeira Decada : mas quem lêr o capitulo seguinte, verá tambem como um homem portuguez não de muito nome, chamado Giliannes, foi o primeiro que dispondo-se ousadamente ao rompimento de uma tamansa aertura, venceu felizmente o cabo em uma barca, quebrou aquelle antiquissimo encantamento, e mostrou com estranho desengano á Hespanha, ao mundo e ao mesmo Occeano, que tambem o não navegado era navegavel ; o qual feito ponderando o nosso grande historiador com seu costumado juizo, diz breve e sentenciosamente : A este seu proposito se ajuntou a boa fortuna, ou, por melhor dizer, a hora em que Deus tinha limitado o curso de tanto receio, como todos tinham, de passar aquelle cabo Bojador.

E verdadeiramente é assim em quanto não chega a hora determinada por Deus, nem os Annibales de Carthago, nem os Scipiões e Julios de Roma, nem os Baccos, Lusos, Gedeões e Hercules de Hespanha se atrevem a imaginar, que pôde o Bojador ser vencido, e param suas emprezas, e ainda seus pensamentos, no cabo de Não : mas quando chega a hora precisa do limite que Deus tem posto ás coisas humanas, basta Giliannes em uma barca para vencer todas essas difficultades, para atalhar todos esses receios, para pizar todos esses impossiveis, e para navegar segura e venturosamente os mares nunca de antes navegados. Alli donde chega o presente e começa o futuro, era atégora o cabo de Não ; não havia historiador que d'alli passasse um ponto com a narração dos successos da sua historia ; não havia chronologico que d'alli adiantasse um momento a conta de seus annos e dias. Não havia pensamento que ainda com a imaginação (que a tudo se atreve) dësse um passo seguro mais adiante naquelle tão desuzado caminho ; o que confusamente se representava adiante e ao longe deste cabo, era a carranca medonha, e temerosissimo Bojador do futuro, coberto todo de nevoas, de sombras, de nuvens espessas, de escuridade, de cegueira, de medos, de horrores, de impossiveis. **Mas se agora virmos desfeitas estas nevoas, desvanecido este escurio, facilitada esta passagem, dobrado este cabo, sondado este**

fundo e navegavel, e navegada a immensidão de mares, que depois delle se seguem, e isto por um piloto de tão pouco notar, e em uma tão pequena barquinha como a do nosso limitado talento, demos os louvores a Deus e às disposições de sua providencia, e intendamos, que se passou o cabo, porque chegou a hora.

É admiravel a este proposito um logar do propheta Daniel, com que demonstrativa e indubitavelmente se persuade e convence esta verdade nos proprios termos da intelligencia das prophecias em que fallamos. No cap. 12.º de Daniel, depois de um anjo lhe ter declarado grandes mysterios dos tempos futuros, mandou-lhe que fechasse, e sellasse o livro em que estavam escritas, e lhe disse estas notaveis palavras: *Tu autem Daniel claudes sermones, et signa librum, usque ad tempus statutum, plurimi pertransibunt, et multiplex erit scientia*: (Dan. XII — 4) Tu, Daniel, fecharás e sellarás o livro em que escreveres estas coisas que tenho dito, para que estejam fechadas e selladas até o tempo determinado por Deus; entre tanto passarão muitos por elles, e haverá sobre a intelligencia de seus mysterios grande variedade de sciencia e opiniões. Este é o sentido litteral e verdadeiro destas palavras do anjo, como se pôde ver em todos os commentadores de Daniel, posto que elles são tão claras e expressas que não necessitam de commentador: de maneira, que nas escripturas dos prophetas ha coisas de tal modo fechadas e selladas, que ninguem as pôde intender, nem declarar, até que chegue o tempo determinado pela Providencia divina, o qual é o que só tem poder para romper os sigilos, e abrir e fazer patentes as escripturas fechadas, e declarar os mysterios futuros, que nelas estavam ocultos e encerrados: e em quanto este tempo não chega, por mais doutos, sábios e santos que sejam os expositores daquellas prophecias, dirão coisas muito discretas, muito doutas, muita santas, e muito varias, mas o certo e verdadeiro sentido delles sempre ficará occulto e escondido, porque passarão todos por elle sem intenderem, nem penetrarem; isto quer dizer: *Plurimi pertransibunt, et multiplex erit scientia*. Onde se deve advertir e notar, que muitos homens, ainda que sejam de grandes letras, cuidam que passam os livros, e passam por elles: *Plurimi per-*

transibunt. Por quantos logares passaram os Origenes, os Clementes, os Tertullianos, que depois intenderam os Agostinhos, os Basílios, os Jeronymos? Por quantos passaram os Hugo, os Ricardos, os Rupertos, os Theodoretos, que depois intenderam os Montanos, os Sanches, os Cornelios, os Ribeiras? E por quantos passaram tambem estes, que depois intenderam melhor os que lhe foram succedendo, não porque os ultimos sejam mais doutos, ou de mais aguda vista, mas porque lêm e estudam á luz da candéa, ajudados e ensinados do tempo, que é o mais certo interprete das prophecias, e para o qual reservou Deus a abertura dos seus sigilos? *Signa librum usque ad tempus constitutum.*

No Apocalypse (cujas prophecias são próprias deste tempo), em que a egreja de Christo se vae continuando mais claramente que em nenhum outro logar das escripturas, temos relatado este segredo da providencia divina, com que dispôz e tem decretado, que as prophecias se vão descobrindo e intendendo ordenada e successivamente aos mesmos passos, ou mais vagarosos, ou mais apressados com que vão seguindo e variando os tempos: entre as coisas muito mysteriosas, que viu S. João, ou a mais mysteriosa de todas, foi um livro fechado e sellado com sete sellos, o qual era o seu mesmo Apocalypse: foram-se rompendo estes sellos e abrindo-se o livro, mas não todo juntamente, senão por passos e espaços; um sello primeiro, e outros depois, e com grande apparato de ceremonias e effeitos admiraveis no céu e na terra; e o mysterio destas pauzas e intervallos era, porque se haviam ir descobrindo as prophecias, que estavam escriptas no livro, e assim se haviam ir intendendo, não juntamente, senão em diferentes tempos, e não apartadas de seus effeitos, senão igualmente com elles. De maneira que nas prophecias estão encobertos os tempos e os effeitos, e nos tempos e nos effeitos estarão descobertas as prophecias; e por isso naquelle mysterioso livro assim como eram diversas as prophecias, e diversos os effeitos e successos da egreja e do mundo, que nellas estavam prophetisadas, assim tambem eram diversos os sellos com que estavam fechados, e diversos os tempos em que se haviam de abrir e manifestar, sendo o mesmo tempo e os mesmos successos os que as

abrissem e manifestassem, ou depois de chegarem, ou quando já forem chegando. Bem assim como antes de se acabar de todo a noite, pelos resplandores da aurora se conhece a vizinhança do sol, antes que elle se veja descoberto nos horisontes.

E se quizermos especular a razão desta providencia, acharemos que não é outra, senão a magestade da sabedoria e omnipotencia divina, sempre admiravel em todas suas obras. É este mundo um theatro, os homens as figuras que nello representam, e a historia verdadeira de seus successos uma comedia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas idéas de sua providencia: e assim como o primor e subtileza da arte comica consiste principalmente naquelle suspensão de intendimento e doce enleio dos sentidos, com que o enredo os vae levando apoz si, pendentes sempre de um successo para outro successo, encabrigando-se de industria o fim da historia, sem que se possa entender onde irá parar, senão quando já vae chegando, e se descobre subitamente entre a expectação e o aplauso, assim Deus, soberano Auctor e Governador do mundo, e perfeitissimo exemplar de toda a natureza e arte, para manifestação de sua gloria e admiração de sua sabedoria, de tal maneira nos encobre as coisas futuras, ainda quando as manda escrever primeiro pelos prophetas, que nos não deixa comprehendêr, nem alcançar, os segredos de seus intentos, senão quando já teem chegado, ou veem chegando os fins delles, para nos ter sempre suspensos na expectação, e pendentes de sua providencia: e é esta regra (com pouca excepção de casos) tão commum em Deus e seus decretos, que, ainda quando as prophecias são muito claras, costuma atra-vessar entre elles e os nossos olhos, umas certas nuvens, com que sua mesma clareza se nos faz escura: eu o não crêra, se o não vira escripto para maior admiração em um dos maiores prophetas, que assim o confessa, não de outrem senão de si: *In anno primo Darii filii Assueri de semine medorum, qui impetravit super regnum chaldeorum: anno uno regni ejus, ego Daniel intellexi in libris numerum annorum, de quo factus est sermo Domini ad Jeremiam prophetam, ut completerentur desalationis Hierusalem septuaginta anni: (Dan. IX - 1 e 2)* No anno pri-

meiro de Dario, filho de Assuero, descendente dos mudos, que teve o imperio dos caldeos : Eu Daniel, diz elle, intendi nos livros o numero de setenta annos, que Deus tinha revelado ao propheta Jeremias havia de durar a assolação de Jerusalem, e captividade dos Judeus em Babylonie. Agora entra o caso e a admiracão. Esta prophecia de Jeremias, que Daniel affirma que intendeu no primeiro anno do imperio de Dario, é do cap. 25.^o daquelle propheta, e diz assim : *Et erit universa terra hoc in solitudinem, et in stuporem, et servient omnes gentes istae regi Babylonis septuaginta annis* : (Jer. XXV — 11) Toda esta terra (diz Jeremias, estando em Jerusalem) será assolada, com pasmo e assombro do mundo, e todas as gentes que a habitam, servirão ao rei de Babylonie por espaço de setenta annos. Estes setenta annos, como consta da exacta chronologia, que se pôde ver largamente provada em Pererio, e nos commentadores da prophecia de Daniel, se acabaram de cumprir no primeiro anno do imperio de Dario (1) ; pois se o termo de setenta annos estava prophetisado com palavras tão claras e expressas, como são aquellas de Jeremias : *Et servient omnes gentes istae regi Babylonis septuaginta annis* ; como diz Daniel, que não intendeu o numero destes setenta annos, senão no primeiro anno de Dario, que foi o ultimo dos mesmos setenta ? Podia haver conta mais clara ? Podia haver palavras mais expressas ? Não ; mas como é regra ordinaria da providencia divina, que as prophecias se não intendem senão quando já tem chegado, ou vai chegando o fim dellas, por isso sendo a prophecia tão clara, e o numero dos setenta annos tão expresso, não quiz Deus que o mesmo Daniel, sendo Daniel, o intendersse senão no ultimo anno.

O tempo foi o que interpretou a prophecia, e não Daniel, sendo Daniel um tão grande propheta : e esta parece a energia daquella sua palavra : *Ego Daniel intellexi* : Eu Daniel, sendo Daniel, não intendi a prophecia tão clara de Jeremias, senão no ultimo anno dos setenta, em que ella se cumpriria ; mas assim havia de ser, porque assim o prophetisou, e o repepe o mesmo Jeremias em dois

(1) A Lap. in Dan. 5 § nota.

lugares, onde fallando de suas prophecias, diz, que se não intenderam senão nos ultimos tempos do cumprimento delas. No cap. 23.^º *Non convertetur furor Domini usque dum faciat, et usque dum compleat cogitationem cordis sui; in novissimis diebus intelligitis consilium ejus.* (Jer. XXIII — 20) E no cap. 30.^º quasi pelas mesmas palavras : *Non avertet iram indignationis Dominus, donec faciat, et compleat cogitationem cordis sui: in novissimo dierum intelligitis ea.* (Ibid. XXX — 24)

E que fez Deus, ou pôde fazer para que umas palavras tão expressas, e uma prophecia tão clara possa parecer escuça ? Atrevessa uma nuvem (como diziamos) entre a prophecia e os olhos, e com este veu, ou sobre os olhos ou sobre a prophecia, o claro, por clarissimo que seja, fica escuro. Quando queremos encarecer uma coisa de muito clara, dizemos que é claro como a agua, porque não ha coisa mais clara ; e comtudo essa mesma agua (como discretamente advertiu David), com uma nuvem diante, é escura : *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* (Psal. XVII — 12) Em havendo nuvem em meio, até a agua é escura, e tais são as prophecias, por claras e clarissimas que sejam. Por isso pedia o mesmo David a Deus, que lhe tirasse o veu dos olhos, para que podesse conhecer as maravilhas dos seus mysterios : *Revela oculos meos, et considerabo mirabilia de lege tua.* (Ibid. CXVIII — 18) O' quantas prophecias muito claras se não intendentem, ou se não querem entender, porque as queremos ver por entre nuvens, e com veu sobre os olhos ! Peço e protesto a todos os quo lêrem esta Historia, ou que tirem primeiro o veu de sobre os olhos, ou que a não leam.

Como se hão de entender as revelações com os intendimentos e olhos vendados ? Não basta só que Deus tenha revelado os futuros, é necessario que revele tambem os olhos : *Revela oculos meos.* Se os olhos estão cobertos e escurecido com o veu do effecto, ou com a nuvem da paixão ; se os cega o amor ou odio, a inveja ou a lisonja, a vingança ou o interesse, a esperança ou o temor ; como se pôde entender a verdade da prophecia, por muito clara que nella esteja, quando o primeiro intento é negal-a, ou quando menos escurecel-a ? As nuvens que Deus põe sobre a pro-

phecia, o tempo as gasta e as desfaz ; mas os veus que os homens lançam sobre os proprios olhos, só elles os podem tirar, porque elles são os que querem ser cegos. Que prophecias mais claras, que as da vinda de Christo ao mundo ? E muito mais claras ainda depois de manifestas, e provadas com os mesmos effeitos. E comtudo estas são as que mais obstinadamente nega a cegueira judaica, porque tem os olhos cobertos com aquelle antigo veu de Moysés, como lhes lançou em rosto o grande Paulo Judeu e semente de Abrahão, como elles, do tribu de Benjamim : *Usque in hodiernum diem, cum legitur Moyses, velamen positum est super cor eorum ; cum autem conversus fuerit ad Dominum, auferetur velamen.* (2 ad Cor. III — 15 e 16) Tirem o veu de sobre os olhos, e verão a luz das prophecias : ainda que a prophecia seja candéa acceza, como se ha de vêr com os olhos cobertos ? Tire-se o impedimento á luz, e logo se verão a candéa e mais o que ella alumea : a mulher que buscava a dragma perdida, não só accendeu a candéa, mas varreu a casa : *Accendit lucernam, et everrit domum :* (Luc. XV — 8) a candéa está acceza e muito clara, mas a casa não está varrida ; varra-se e alimpe-se a casa, tirem-se os estorvos e impedimentos á luz, e logo verão os olhos o que ha nella, e se achará o que se busca, mas nem se busca, nem se quer achar.

De maneira que resumindo toda a resposta da objecção, digo, que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto, e que distinguimos melbor, porque vemos mais perto ; e que trabalhamos menos, porque achamos os impedimentos tirados. Olhamos de mais alto, porque vimos sobre os passados ; vemos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros ; e achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste thesouro, e varreram esta casa, foram tirando impedimentos á vista, e tudo isto por beneficio do tempo, ou, para o dizer melhor, por providencia do Senhor dos tempos.

CAPITULO XI.

Declarar-se qual seja a novidade desta Historia, e que as coisas novas, por novas, não desmerecem o credito de sua verdade.

Quando no principio deste livro promettemos coisas novas aos curiosos, bem advertimos que mettiamos as armas nas mãos aos criticos ; mas são estas armas já tão velhas e ferrugentas, que não ha muito que temer seus golpes, ainda que a novidade da nosa Historia sóra qual se suppõe, e não é, com tanto que não tenha, como por graça de Deus não tem, coisa alguma que encontre a sé ou doutrina da egreja : o reparo da novidade não é crime de que elle tema ser accusada, e pelo qual, quando o seja, ponha em risco o credito da sua verdade, se por si mesma lhe sór de vida.

Pensão é muito antiga das coisas boas e grandes, serem accusadas de novas. A primeira instituição da vida monastico, sendo o estado mais santo da egreja catholica, que accusações não padeceu antigamente (e padece ainda hoje) dos hereges pela novidade de habito, e modo de vida ? Digam-nos as apologias de S. João Chrysostomo, S. Gregorio, S. Bernardo, Santo Thomaz, S. Boaventura, para que não fallemos nos Waldenses, nos Platins, nos Soares, nos Baronios, nos Bellarminos. A mesma lei de Christo chamada por sua novidade evangelica, em quantos livros e tribunaes de gentes e judeus foi terminada pela gloria deste titulo ; accusação foi de que a defendeu Tertuliano, Lactencio, Arnobio Prudencio, e todos os outros padres que antes e depois destes escreveram contra gentes : mas o maior exemplo de todos neste caso é o daquelle divina obra de S. Jeronymo na versão da sagrada Biblia, que hoje adoramos por canonica, tão estranhada quando nova, não por gentios ou hereges, nem só por quaequer catholicos, senão pela maior luz da egreja, Santo Agostinho. Quero pô-a aqui as palavras deste grande e santissimo doutor, escriptas não a outrem, senão ao mesmo S. Jerouymo : *De vertendis autem in latinam linguam sanctis libris laborare te nolle, nam aut ob-*

cura sunt, aut manifesta? Si enim obscura sunt, te quoque in eis nulli potuisse non immerito creditur; si autem manifesta, superfluum est te voluisse explanare, quod illis latere non potuit. (Aug. Epist. ad Hieron.) Quanto à versão das escripturas sagradas na lingua latina, obra é, diz o santo, em que eu não quizera que vós empregassem o vosso trabalho, porque ou elles são escusas, ou manifestas? Se escusas, com razão se crê, que tambem vos podeis enganar na sua interpretação, como os outros escriptores; e se manifestas, superflua diligencia é quererdes vós explicar o que os outros não podem deixar de ter entendido. Até qui zelosa, elegante e engenhosamente Santo Agostinho, ao qual respondeu S. Jeronymo com igual engenho, zelo e elegancia, e verdadeiramente com victoria por estas palavras: *Porró quod dicas non debuisse me interpretari post ceteros, et novo uteoris syllogismo, tuo tibi sermone respondeo: omnes ceteros tractores, qui nos in Domino præterierunt, et qui scripturas sanctas interpretantur, sunt aut obscura, aut manifesta? Si obscura, quomodo tu post eos ausus es dicere, quod illi explanare non potuerunt? Si manifesta, superfluum est te voluisse dicere, quod illis latere non potuit; respondeat mihi prudentia tua, quare tu post tantos, ac tales scriptores, et interpretes in explanatione psalmorum diversu senseris? Si enim obscuri sunt psalmi, te quoque in eis falli potuisse credendum est. Si manifesti, illas in eis falli potuisse non creditur, ac per hoc utraque superflua erit interpretatio tua, et hac lege post priores nullus loqui audebit, et quicumque alias occupabit alios, de eo scribendi non habebit licentiam.* Quanto ao que me dizeis (diz S. Jeronymo a S. Agostinho) que eu não devia cançar em interpretar as escripturas depois dos antigos interpretes delas, e para isso usaes daquelle novo syllogismo, respondo com as mesmas vossas palavras: Todos os expositores dos livros sagrados, que nos precederam no Senhor, ou interpretaram o que era escuro, ou o que era manifesto? Se o que era escuro, como vos atreveis tambem a declarar o que elles não pudoram? Se o que era manifesto, superfluo trabalho é cançar-vos em querer fazer entender, o que elles não podiam deixar de ter entendido. Responda-me logo vossa prudencia, com

que razão depois de tantos e taes interpretes vos atrevestes na exposição dos psalmos a sentir diversamente do que elles sentiam ; porque se os psalmos são escuros, tambem se deve entender que vós vos podeis enganar na sua intelligencia ; e se são claros e manifestos, superflua é e não necessaria a vossa interpretação : e segundo esta lei ninguem poderá fallar depois dos primeiros, e tanto que um se adiantar á exposição de algum livro sagrado, logo nehum outro terá licença para escrever sobre elle.

Isto dizia Santo Agostinho a S. Jeronymo, sobre a novidade de sua versão, a qual hoje é de fé : e isto S. Jeronymo a S. Agostinho, sobre a novidade da sua exposição dos psalmos, que hoje é antiquissima, e mui venerada, e depois della se escreveram infinitas outras mais novas, e ainda os psalmos não estão bastante mehter interpretados. Assim que os reparos da novidade são pensão (como dizia das coisas boas e grandes ; e não só entre os inimigos e impugnadores da verdade, senão entre os maiores zeladores e defensores della.

Mas destes mesmos exemplos se convence claramente, quão frivolas são e pouco efficazes as accusações do que se estranha por novo. Não é o tempo senão a razão, a que dá o credito e auctoridade aos escriptores : nem se deve perguntar o quando, senão o como se escreveram. A antiguidade das obras é um accidente extrinseco, que nem tira nem accrescenta validade, e só porque põe os autores della mais longe dos olhos da inveja, lhes grangea a triste fortuna de serem mais venerados, ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos. As trevas foram mais antigas que o sol, e os animaes que o homem. O Testamento Velho não é mais perfeito que o novo, por ser mais antigo, nem o Novo perde a perfeição e excellencia que tem sobre o Velho, por ser mais novo. Que coisa ha hoje tão antiga, que não fosse nova em algum tempo ? Diz Salomão, (Eccles. I — 10) que não ha coisa nova debaixo do sol ; e ainda é mais universalmente certo, que não ha coisa debaixo do sol que não fosse nova. A mais nova entre todas as do mundo foi o mesmo mundo. Se a nossa religião é nova, argumentava Arnobio contra os gentios, tempo virá em que seja velha ; e se a vossa superstição é velha, tempo houve

em que também foi nova. Dizeis que a religião christã é nova, porque ainda não tem quatrocentos annos, e ha menos de dois mil, que os deuses que vós adoraveis ainda não tinham cento. Com a mesma energia disse o imperador Claudio ao senado : *Patres conscripti, quæ mane vetustissima creduntur fuere nova plebei magistratus post patricios, latini post plebeos, cæterarum Italicæ gentium post latinos : inveterasse hoc quoque, et quod hodie exemplis tuemur, inter exempla erit* (Arnobius). E verdadeiramente é assim : quantas coisas são hoje exemplos, que começaram sem exemplo ? Todas as opiniões ou verdades que se escreveram, tiveram principio, e aquelle que as começou sem autor, foi o primeiro que lhes deu a auctoridade.

Acodia S. Jeronymo à queixa da sua nova versão, e diz assim contra Rufino : *Periculosum opus certe, et obtrectatorum latribus patens, qui me asserunt in septuaginta interpretum sugillatione, nova pro veteribus cudere ; ita ingenium quasi vinum probantes* : (1) discretamente : porque antepor o velho ao novo só pelos annos, escolha parece mais de cella vinaria, que do throno ou cadeira de Salomão : e notem os leitores que são estas palavras de uma das apologias que S. Jeronymo escreveu em defensa daquella nova versão da sagrada escriptura, que hoje se chama vulgata, e é de fé catholica : para que se veja quaes são os juiços dos homens, e quão impugnadas que costumam ser as obras de que Deus se quer servir. Não tinha esta de S. Jeronymo outro reparo mais que a gloria de ser sua e nova ; mas sobre esta lhe arguia Rufino, e outros homens doutos, tales calumnias, que a queriam fazer não menos que heretica, como se só os antigos fossem catholicos, e a verdade sem cãs não fosse verdade. Uns o faziam por zelo, outros por inveja, muitos por malicia, todos por ignorancia.

E verdadeiramente que se bem apontamos os fundamentos destes impugnadores da novidade, e as razões daquella dura lei com que forçosamente querem que sigamos em tudo os antigos, e adorremos as suas pisadas, ou é porque tem para si que já se não po-

(1) Hier. præf. Pentateuch. ad Desiderium.

dem dizer coisas novas ; ou que não ha capacidade nos modernos para as poderem descobrir e dizer : se o primeiro, grande injuria fazem á verdade e ás sciencias ; se o segundo, grande affronta aos homens e á nossa idade : mas não me oiçam a mim, oiçam aos mesmos antigos ; e começando pelos gentios, alu miados só pelo lume da razão, Seneca na epist. 64.^º escreve ou ensina a Lúcilio desta maneira : *Multum adhuc restat operis, multumque restabit; nec ullo nato post mille saecula, præcludetur occasio aliqua adhuc adjicendi. Multum egerunt, qui ante nos fuerunt, sed non porierunt.* E na epist. 79.^º : *Atqui præcesserunt, non proripuisse mihi videtur, quæ dici poterant, sed aperuisse: sed multum interest, utrum ad consumplam materiam, an subactam accedas: crescit indies, et inventis inventa non obstant.* E Marco Tullio formando um perfeito orador no liv. de Oratore : *Nec verò Aristotelem in philosophicis deterruit ab scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia, et copia exterorum studio restrinxit* (Cic. de Orat.). Até aqui estes dois gentios, em que era ainda maior a soberba e presumpção, que a sciencia ; e se estes sendo ambos eminentissimos na suas artes não duvidaram confessar que havia ainda muito mais que andar, por inventar, que descobrir e saber nellas ; porque havemos nós de esperar e affrontar tanto a nossa idade e os homens della, que cuidemos que já não podem adiantar as sciencias, nem dizer e accrescentar sobre ellas coisa de novo ?

Seneca floresceu nos tempos de Nero, que vem a ser por boas contas, dezeseis seculos antes deste nosso ; e se elle conheceu que os que nascessem d'allí a mil seculos, ainda teriam muito que dizer na mesma philosophia moral em que elle tanto e tão subtilmente disse ; que muito é que se atreva a dizer alguma coisa nova a nossa idade, se ainda lhe restam por sua confisão novecentos e oitenta e quarto seculos (se tantos durar o mundo) para dizer e inventar muito de novo sobre o mesmo Seneca ? Se depois do divino Platão (como pondera Tullio) não a covardaram os seus escriptos a Aristoteles para que não escrevesse, nem a admirável sabedoria e copia do mesmo Aristoteles pôde apagar os fogosos espiritos de tantos philosophos, que depois delle e sobre elle

escreveram, sendo por commun approvação do mundo um dos maiores engenhos que produziu a Grecia e a mesma natureza: porque havemos de querer abbreviar as mãos do Auctor della, e cuidarmos que já não podem fallar de novo os homens presentes, e só lhes damos licença para decorarem e repetirem o que disseram os passados? Se assim fôra, debalde nos deu Deus o intendimento, pois nos bastava a memoria. Porque, como bem disse o mesmo Seneca, saber só o que os antigos souberam, não é saber, é lembrar-se: *Aliud est meminisse; aliud scire; meminisse, est rem commissam memoriarum custodire; at scire, est et sua facere quemque, nec ab exemplis pendere, et toties ad magistratus recurrere.* Estes taes haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os italianos dos allemães, que todos se occupam na erudição do passado, sem descobrir nem inventar coisa nova: muito alcançaram os antigos, e se lhes deve o primeiro louvor: mas ainda nos deixaram seus grandes talentos, em que exercitar os nossos.

E se isto é assim nas sciencias humanas, que será naquelle pégo immenso e profundissimo das divinas? Mas oíçamos também aos antigos dellas. David que veio ao mundo 3000 annos depois de sua creação, dizia confiadamente, que soubera e intendera mais que todos os velhos: *Super senes intellexi:* (Psal. CXVIII — 100) e estes velhos eram aquelles varões veneraveis da primeira antiguidade, Seth, Enoch, Mathusalem, Noé, Abrahão, Isaac, Jacob, José, Moysés, Josue, Melchisedech, Samuel, e tantos outros de igual sabedoria e nome. Desde a creaçao do mundo até á reparação delle, em que se contaram quatro mil annos, sempre os homens se foram excedendo na sabedoria divina, ainda que fosse diminuindo na idade: não é consideraçao minha, senão doutrina de S. Gregorio Papa: *Per incrementa temporum crevit scientia spiritualium Patrum; plus namque Moyses quam Abraham, plus prophetarum quam Moyses, plus apostoli, quam prophetarum in omnipotentis scientia eruditii sunt.* (1) Ao passo que iam precedendo os tempos (diz S. Gregorio), ia juntamente crescendo a

(1) Greg. lib. 2. in Ezech. Homil. 16.

sabedoria dos antigos padres, conhecendo sempre mais de Deus os segundos que os primeiros. Moysés soube mais das coisas divinas que Abrahão; os prophetas mais que Moysés; os apostolos mais que os prophetas; e o mesmo que tinha sucedido naquelle primeira e antiga egreja, se experimenta depois na segunda, nova e mais perfeita, em que hoje estamos, de que ella tinha sido figura, porque passados os tempos de Christo, e de sua vida, em que a sabedoria eterna viveu humanada no mundo entre os homens (que foi um parenthesis excessivo, e infinito de luz, com a qual nenhum outro estado da egreja se pôde comparar), nos séculos que depois foram sucedendo, dos padres e doutores sagrados, sempre foram tambem crescendo, com novos e maiores resplandores, as sciencias divinas, accrescentando, ilustrando e escrevendo muitas coisas de novo, os que vinham depois, sobre o que tinham sabido e ensinado os mais antigos.

Lactancio Firmiano, padre dos primeiros séculos da egreja, a quem tinham precedido os Dionysios Areopágitas, os Hierotheos, os Ignacios, os Polycarpos, os Ireneus, os Justinos, os Origenes, os Tertulianos, os Clementes Alexandrinos, no liv. 2.^o *Divinarum Institutionum*, diz assim: *Nec qui nos illis temporibus antecesserunt, sapientia quoque antecesserunt; quae si hominibus aequaliter datur, occupari ab antecedentibus non potest* (1). S. Jeronymo, que floresceu muito depois do mesmo Lactancio, e a quem precederam os Hippolytos, os Cyprianos, os Taumaturgos, os Arnobios, os Athanasios, os Basilios, os Theofilos, os Cyrillos, os Episanios, augmentou e adiantou tanto o estudo das divinas letras, que mereceu na eminencia delas, por consenso e pregão universal da egreja, o renome de doutor Maximo, na apologia acima citada contra Rufino, escreve o santo doutor com a modéstia com que costumam falar os homens maiores, estas palavras: *Quid igitur damnunus veteres? Minime sed post priorum studia indomo Domini, quod possunus, laboramus* (2). E convertendo-se no sim contra os vituperadores dos inventos novos, estranha muito

(1) Lactau, Firm. lib. 2 Divinar. Inst. 8.

(2) Hier. in præfat. Pentateuch. ad Desiderium.

que sendo o appetite ou gula humana tão ambiciosa de novos e exquisitos sabores, só nas sciencias, que são o sabor dos intendentos, se contentam os homens com a vulgaridade ou velhice dos manjares usados : *Num cùm nova semper expectant voluntates, et gulae earum vicina maria non sufficient, cur in solo studio scripturarum veteri sapore contenti sunt ?*

São Gregorio Magno, que veio ao mundo para lhe dar melhor cabeça do que seu juiso e errados juisos merecem, depois dos outros dois Gregorios, Nazianzeno e Niceno, e do mesmo Jeronymo ; depois dos Climacos, dos Procopios, dos Boecios, dos Cassianos, dos Theodoretos ; depois dos Eucherios, dos Pascasios, dos Maximos, dos Paulinos, dos Cassiodoros ; depois dos Ezichios, dos Chrysologos, dos Lezens, dos Anstruens, dos Fulgencias, e, o que é mais que tudo, depois de um Chrysostomo, de um Ambrosio, e de um Agostinho, penetrou tão altamente o espirito interior da theologia mystica e ascetica, que por applauso communum do concilio oitavo Toletano foi preferido a todos os doutores na doutrina ethica e moral, com aquelle famoso elogio : *In ethicis assertionibus præcunctis meritó præferendus.* Mas nem por isso depois de tantos e tão esclarecidos lumes da egreja deixáram de espalhar nella, em todos os seculos seguintes, novos raios de novas luzes os tres illustrissimos hespanhoes, Izidoro, Eugenio e Ildenfonso ; os Sofrinios, os Eligios, os Bedos, os Damascenos, os Anselmos, os Theofilatos, os Euthymios, os Rupertos, um Bernardo, nome singular, e muitos outros, entre os quaes Ricardo Victorino defendendo modestamente alguma novidade que se acharia em seus livros, diz assim no prologo de um delles : *Non est magnum, vel mirum, si in uno aliquo; aliquid addere possumus, hæc propter illos dicta sunt, qui nihil acceptant, nisi quod ab antiquissimis patribus acceperunt : sed sicut Deus produxit novos fructus ad recreationem hominis exterioris, non credunt scientias imperitare ad innovandos sensus hominis interioris* (1) : Não se tenha por coisa grande (diz Ricardo), nem merecedora de admiração, que em alguma materia das que escrevemos, possamos accrescentar alguma

(1) Ricard. Victor. Tract. de Tabernaculo in Prolog.

coisa de novo, e digo isto por aquelles que nada admittem, nem lhes é aceito, senão o que primeiro foi recebido pelos antiquissimos padres : mas se Deus para sustento e gosto dos corpos produz incessavelmente todos os annos tantos fructos novos ; porque não cuidarão, que também as sciencias podem produzir coisas novas para alimento e recreação das almas ?

Não se podia explicar com mais clara comparação, nem provar-se com mais efficaz argumento, e desde aquelle tempo, que foi pelos annos de mil e trezentos a esta parte, se tem confirmado pela grandeza e liberalidade de Deus em todos os seculos, com mais repetidos exemplos que nos passados, porque não só alumiou a divina providencia pouco depois o mundo todo com aquellas duas tochas clarissimas e santissimas de theologia, Santo Thomaz e São Boaventura, mas antes e depois dellas, para augmento ou competencia de suas mesmas luzes, as cercou de tão luminosas e resplandecentes estrellas, que em outra idade podiam ter nome de primeiros planétas, como foram um Alberto Magno, um Alexandre de Ales, e o famosissimo e subtilissimo Scoto, não só luz, senão fonte de luzes, as quaes depois deste doutissimo seculo se multiplicaram em tanto numero, que se pôde com razão dizer do mundo, o que Deus disse a Abrahão do firmamento : *Numera stella, si potes.* (Genes. LI — 5) E porque é materia impossivel e numero sem conto, fiquem em silencio (por mais que tão grande brado deram nas escolas) os Vasques, os Soares, os Molinas, os Valenças, os Bellarminos, os Canisios, os Toledo, os Lugos, os Caetanos, os Soutos, os Medinas, os Victorias, em cujos felicissimos e immensos escriptos se vêem tão adiantadas as letras divinas, que mais parecem novas, que renovadas. Digam agora os reprovadores das que elles chamam novidades, se se pôde ainda sobre os antigos dizer alguma coisa de novo.

É por ventura o saber e dizer, patrimonio só da antiguidade, e morgado como o de Isaac, que dada a benção a Jacob não fica outra para Esaú ? (Gen. XXVII — 37) São os antigos como os cantaros da Sareptana (comparação de que usa Ruperto) que depois de cheios elles parou a fonte milagrosa, e não correu mais o oleo ? (3. Reg. XVII per tot.) Houve neste grande oceano de

sciencias alguma nau Victoria, que dësse volta a todo o mar ; ou algum Gama, que passado o cabo de Boa Esperança a tirasse a todos os outros de novos descobrimentos ? E se depois deste famoso circulo do universo ainda ficaram mares e terras incognitas, que prometteu novas emprezas e novos argonautas, que será na esfera da sabedoria e da verdade, cuja immensa e infinita circumferencia só a pôde abraçar, o que é immenso, e comprehender, o que é infinito ? Se depois dos antiquissimos tiveram que descobrir os menos antigos, e depois dos que já não eram os primeiros, tiveram que inventar mais que os segundos ; porque não quererão os adoradores, ou aduladores da antiguidade, que ainda depois de tanto dito, haja mais que dizer, e depois de tanto escripto mais que escrever, e depois de tanto estudado e sabido mais que estudar e saber ? Como temo que os que condemnam as coisas novas, são aquelles que não podem dizer senão as muito velhas, e pode ser, que muito remendadas ! O avarento chama predigo ao liberal. O covarde temerario ao valente. O distrabido hypocrita ao modesto ; e cada um condemnna o que não tem, por não confessar o que lhe falta. O grande padre Soares, que tanto tinha em si de que os antigos souberam, dizia que daria de alvigras o que sabia, se lhe dessem o que ignorava, isto é, o que ficou aos vindouros para poderem saber e dizer de novo , mas querer precisamente que nos atemos em tudo aos passados, é querer atar os vivos aos mortos, cruidade que só se lê de Mesencio.

Fechemos este discurso, ou adocemos a dureza deste rigor com o mellifluo Bernardo, o qual, como sempre fallou pela boca da escriptura, assegura firmemente aos vindouros, que poderão ter maiores noticias das coisas, do que tiveram e alcançaram os antigos, e o prova e refere em dois textos ou dois exemplos, um de David, que affirmou que soubera mais que os passados ; outro de Daniel, que prometteu saberiam mais os futuros : *David quoque super doctores suos, et seniores donum sibi intelligentiae audacter præsumit, dicens : Super omnes docentes me intellexi. Sed et propheta Daniel, pertransibunt, ait, plurimi, et multiplex erit scientia, ampliorem scilicet rerum notitiam promittens et ipse posteris.* Atéqui São Bernardo escrevendo a Hegio de São Victor,

que também lhe tinha escrito lastimado da mesma chaga (1). Todos os grandes engenhos tiveram sempre esta queixa, e todos se armaram destas apologias, porque todos disseram coisas novas; e nenhum careceu de quem lhas impugnasse: não ha coisa boa sem contradicção, nem grande sem inveja:

*Si come crebbe l'arte
Crebbe l'invidia ecol sapere
Insieme ne icori infati suoi
Veneni ha sparsi (2).*

Mas antes de Petrarca, o tinha dito em Roma o nosso discreto hespanhol:

*Esse quid hoc dicam, vivis quod fama negatur?
Et sua quod rarus tempora lector amat?
Hi sunt invidiae nimirum, regule, mores,
Præserat antiquos semper ut illa novis.
Sic veterem ingratii Pompei querimus umbram
Et laudant catuli Julia templa senes,
Ennius est lectus salvo tibi Roma Marone.
Et sua riserunt saecula Mæonidem (3).*

Os que mais queriam louvar a Christo, diziam que era um dos prophetas antigos, sendo elle a luz de todos os prophetas: (Matth. XVI — 14) e Herodes se persuadia que não podia ser senão o Baptista resuscitado, sendo aquelle a quem o Baptista não era digno de desatar a correia do sapato. (Marc. VI — 6. Joan. I — 27) Todas as coisas novas que se disserem nesta Historia, são aquellas que Deus tem promettido que ha de fazer, quando disse: *Ecce nova facio omnia.* (Apoc. XXI) Se acaso houver quem as impugne e contradiga, é porque nem Deus pôde fazer coisa de novo, sem contradicção dos mesmos para quem as faz. A coisa mais

(1) D. Bern. de contemp, et epist. ad Hugonem de S. Vict.

(2) Petrarc. Triumph. de la Fama cap 3.

(3) Martial. lib. 5 epigr. ad regulum.

nova que Deus fez no mundo, foi aquella de que disse o propheta : *Creavit Dominus novum super terram : famina circumdabit virum.* (Jerem. XXXI — 22) E esta novidade foi o alvo das maiores contradicções, como tambem predisse outro propheta : *Signum cui contradicetur.* (Luc. II — 34)

Mas para que não pareça que defendo as coisas novas, por não ser necessário este escudo á minha Historia, respondendo á objecção da novidade della, digo que em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma coisa direi de novo : propriedade é dos futuros serem sempre novos todos, por isso os ultimos e mais distantes se chamam novíssimos ; mas ainda que esta Historia seja toda de coisas tão novas, nem por isso ella será nova. É uma Historia nova sem nenhuma novidade, e uma perpetua novidade sem nenhuma coisa de novo ; como isto possa ser, explicarei por alguns exemplos.

Quando os romanos a primeira vez bateram os muros de Carthago com o ariete ou carneiro militar, ficaram os carthaginenses assombrados com a novidade daquelle machina, e não era novidade, senão esquecimento ; porque os primeiros inventores daquelle bravo instrumento tinham sido os mesmos carthaginenses ; mas como havia muitos annos que gosavam da altissima paz, esquecia-se Carthago do que inventara Carthago, e sendo coisa antiga e sua, a tinha por novidade. Quero dizer-o com palavras do grande Tertulliano, cuja foi esta advertencia : *Arietem nemini umquam adhuc libratum, illa dicitur Carthago studiis asperrima belli, prima omnium armasse in oscillum penduli impetus.* Cum autem ultimarent tempora patriæ, et aries jam romanus in muros quondam suos auderet, stupuere illico carthaginenses, ut novum extraneum ingenium. Tantum ævi longinqua valet mutare vetustas (1). De maneira que o ariete, de que Carthago tinha sido a primeira inventora, parecia instrumento novo aos mesmos carthaginenses, não por novo, senão por esquecido ; não por novo, senão por muito antigo.

Muitas novidades se verão nesta nossa Historia, não novas por

(1) Tertul. lib. de pallio cap. 1.

novas, senão novas por antiquissimas. As pyramides e obeliscos que assombraram com tão nova e desusada grandeza o fôro romano (com boa venia dos padres conscriptos), depois de serem velhice no Egypto, foram novidade em Roma. Serão novas neste nosso livro coises que foram primeiro que as que hoje se tem por antigas. A nova opinião dos céus fluidos, tambem recebida em nossos dias, primeiro foi que a antiga de Aristoteles, que com tão continuado applauso do mundo os fez solidos e incorruptiveis : nas sciencias nascem poucas verdades ; as mais dellas resuscitam : se no mundo, como pouco ha dizia Salomão, não ha coisa nova, como se vêem cada dia tantas novidades no mundo ? São novidades de coisas não novas, e taes serão as desta Historia. Quando Adão saiu flammante das mãos de Deus, abriu os olhos, e viu tanta coisa nova, e todas eram mais antigas que elle : nem eram elles as novas ; elle era o novo : a novidade da nossa Historia ha de ser mais dos leitores, que della. Para aquelle cego de seu nascimento, a quem Christo abriu os olhos, ainda que não eram novas as quantidades, porque as apalpava, foram novas as côres, porque as não via ; já havia côres e luz, mas não havia olhos. Ao terceiro dia da creaçao produziu a terra todas as arvores carregadas dos seus fructos : senão fôra assim, não tivera occasião o preceito, nem tentação o peccado. Todos os fructos nasceram igualmente naquelle dia, as peras, os figos, as uvas, e tambem as fructas novas ; mas estas tiveram este nome, porque chegaram mais tarde á nossa terra.

Por ventura aquella ar etade do mundo, a que chamavam quarta parte, não foi creada juntamente com Asia, com Africa, e com Europa ? E comtudo porque a America esteve tanto tempo oculta, é chamado Mundo Novo : novo para nós que somos os sábios ; mas para aquelles barbaros, velho e muito antigo. Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas coisæ faz novas o esquecimento, porque se não lembram ; outras a escuridade, porque se não vêem ; outras a ignorancia, porque se não sabem ; outras a distancia, porque se não alcançam ; outras a negligencia, porque se não buscam ; e de todas estas novidades sem novidade, haverá muito nesta nossa Historia. Lembraremos nella muitas

coisas esquecidas, alumaremos muitas escuras, descobriremos muitas occultas, poremos á vista muitas distantes, e procuraremos saber muitas ignoradas.

E por não deixarmos sem juizo a controversia disputada entre as coisas novas e as velhas; certamente entre umas e outras não se pôde dar regra certa. O tempo umas coisas melhora, e outras corrompe: oiro velho, vinho velho, amigo velho: casa nova, navio novo, vestido novo: a velhice no oiro é preço, no vinho maturidade, no amigo constancia, no vestido pobreza, no navio e na casa perigo; absolutamente nas coisas que se consomem com o tempo, melhores são as novas. Mais defendida está Roma com os muros de Urbano, que com os de Belisario; uns se conservam pelo que foram, outros pelo que são; em uns se admira a antiguidade, em outros se logra a fortaleza. A verdade e as sciencias, em que não tem jurisdição o tempo, impropriamente se chamam novas, ou velhas, porque sempre são, sempre foram, e sempre hão de ser as mesmas, posto que nem sempre se conhecem igualmente. De Deus, que por essencia é sabedoria e verdade, disse Tertulliano judiciosamente, que nem é velho, nem novo, mas verdadeiro: *Germana Deitas nec de novitate, nec de vetustate, sed de sua veritate censeatur.* E como a verdade da nossa Historia toda (como vimos) tenha o seu principio em Deus, pedimos aos que a lerem, que assim no certo, como no provavel, nem se attenda se é velho, nem se repare se é novo, mas só se considere, se é, ou pôde ser verdade: *Nec de novitate, nec de vetustate, sed de sua veritate censeatur.*

E quanto ao louvor que renunciamos facilmente, ainda que o mereceramos, digo com indifferença o que ensinou Christo: *Scriba doctus presert de thesauro suo nova, et vetera.* (Matth. XIII — 59). Os doutos quando escrevem, tiram do seu tesouro as coisas novas, e mais as velhas: saber as velhas, e inventar as novas, isto parece que é ser douto. Mas notou Santo Agostinho, que não disse Christo as velhas e as novas, senão as novas e as velhas, dando o primeiro logar ás novas, porque as avaliou a *summa justitia* pelo merecimento, e não pelo tempo: *Non dixit, vetera, et nova, quod ultius dixisset, nisi maluisset meritorum ordinem ser-*

vare, quam temporum (1). As coisas velhas são do tempo, as novas do merecimento; porque as velhas são alhás, as novas nossas. Todos dizem que os antigos merecem maior louvor, e é assim; mas este louvor, se bem se considera, não é elogio da antiguidade, senão da novidade. Merecem maior louvor os antigos, porque foram os primeiros inventores das coisas, logo da novidade é o louvor, pois o mereceram, quando as descobriram de novo. Se fôra outro o auctor desta Historia, folgára eu que se pudera dizer delle, com Vicencio Lixinense: *Per te posteritas gratulatur intellectum, quod ante vetustas non intellectu venerabatur.*

CAPITULO XII.

Da-se a razão, porque em algumas partes desta Historia se não allegaram padres, e seguiram exposições dos escriptores modernos.

Ainda que o nosso intento é seguir em quanto nos for possível as pizadas dos antigos padres, como pádres e lumes da egreja, depois dos apostolos (os quaes não entram nesta controversia, porque em tudo o que escreveram foram alumiados pelo Espírito Santo, e seguir-lhos como havemos de seguir em tudo, não é só obsequio e piedade, senão obrigação e espirito); e posto que o nosso desejo fôra levar sempre diante dos olhos esta segunda tocha, para alumiar e penetrar com sua luz, como diziamos, o escuro das prophecias; contudo, porque não é, nem será possível seguir em algumas coisas das que dizemos, ou dissemos, este nosso intento e desejo, pede a razão e ordem da mesma escriptura, que antes de passar mais adiante desfaçamos este reparo, para que os menos doutos, ou mais escrupulosos, não topem nelle, e levem desde logo intendidas as causas do que fizermos, e os fundamentos, licença ou auctoridade com que o fazemos. Vêr-se-ha em al-

(1) D. Aug. quaest. 16 in Matth.

gumas partes desta Historia, que ou não allegamos padres antigos, ou nos desviamos da explicação que deram a alguns logares da escriptura ; o que não fazemos senão com grandes razões, sem offensa da reverencia que lhes devemos, nem da verdade que seguimos, antes para maior segurança e fundamento della, a qual é o nosso intento e obrigação buscar e descobrir adonde quer que se ache, antepondo este respeito a qualquer outro, pois à verdade se deve o maior de todos.

As razões que nos movem e obrigam, são tres : A primeira, porque os doutores antigos não disseram tudo. Segunda, porque não acertaram em tudo. Terceira, porque não concordam em tudo ; e com qualquer destes casos nos pôde ser, não só licito e conveniente, senão ainda necessário seguir, o que se julgar por mais verdadeiro, porque nas coisas, que não disseram, é forçoso fallar sem elles ; nas coisas em que não acertaram, é obrigação apartar delles ; e nas coisas em que não concordaram, é livre seguir a qualquer delles ; e tambem será livre e licito deixar a todos, se assim parecer, como logo explicaremos.

PROVA-SE A PRIMEIRA RAZÃO.

Primeiramente é certo que os padres antigos não disseram tudo, e se prova claramente com a experiença e lição de ~~seus~~ proprios livros, nos quaes se não acha memoria de muitas coisas grandes e doutes, achadas e accrescentadas depois, não só nas outras sciencias divinas, mas na intelligencia das mesmas escripturas sagradas, e particularmente nas dos prophetas, que nos tempos mais chegados a nós se descobriram, disputaram e iudicaram como se lêem nos escriptores modernos ; e posto que para os versados na lição de uns e outros bastava esta suposição somente apontada, porei aqui para os demais as palavras de dois grandes doutores, Castro e Canisio, ambos do seculo antecedente a este nosso, e ambos diligentissimos investigadores da antiguidade, e doutissimos na erudicção da escriptura, concilios e padres, os quaes expressamente afirmam que muitas coisas se sabem e intendem hoje que foram ignoradas dos padres antigos,

(como falla Castro) ou incognitas a elles, como mais certamente diz Canisio. As palavras deste segundo no livro primeiro de Baeta Virgine cap. 7.º são as seguintes: *Domum habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel pror sus incognita erant, vel obscura, neque satis evoluta, quæ posteris diligentius excusienda, et clarius illustranda, explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur.* E Castro no liv. 1.º *adversus heres*, cap. 2.º, depois de provar o mesmo com o logar do cap. 6.º dos Cantares, que abaixo citaremos, conclue assim: *Quo sit, ut multa nunc sciamus, quæ a primis patribus aut dubitata, aut prorsus ignorata fuerunt.* A qual diferença se não conheceu só com a comprida experientia dos nossos tempos, senão já nos mesmos padres se conhecia, como muitos delles escreveram, e particularmente entre os da primeira idade Tertulliano; e entre os da ultima Ricardo Victorino, cujas palavras de ambos referiremos neste mesmo capítulo.

A razão de muitas coisas que hoje se sabem serem incognitas aos padres antigos, se pode considerar, ou da parte de Deus, ou da parte das mesmas coisas. Da parte das mesmas coisas nos não devemos admirar que lhes fossem incognitas, por serem muitas delas difficultosas, escuras e mui reconditas nas escripturas sagradas, e enigmas dos prophetas, as quaes se não podiam entender e penetrar só com a agudeza dos intendimentos, por sublimes e sublimissimos que fossem, em quanto não estavam assistidos de outras notícias e circumstâncias, que só se descobrem com o tempo, e adquirem com larga experientia.

Excellente exemplo é nesta materia o das sciencias e artes, ainda naturaes, as quaes em seus principios e rudimentos foram imperfeitas, e com os annos, experientia e exercicio se vêem hoje sublimadas a tão eminente perfeição, como a nautica, a bellica, a musica, a architectura, a geographia, a hydrographia, e todas as outras mathematicas, e muito em particular a chronologia, de que neste mesmo capitulo fallaremos; e assim como estas mesmas sciencias e artes cresceram e se apuraram muito com o socorro e apparelho de exquisitos instrumentos, que nelas se inventaram, como foi na nautica o astrolabio, a agulha, e o admi-

ravel segredo da pedra de cevar : e na bellica o terribilissimo e subtilissimo invento da polvora, que deu alma e ser a tantos e tão notaveis instrumentos de guerra : assim tambem poderam crescer e augmentar-se muito as sciencias divinas, e chegar á perfeição e eminencia, em que hoje se vêem com os instrumentos proprios delas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o mundo pelo beneficio da impressão, com que a doutrina e sciencia particular dos homens insignes se faz commun a todos em tão distantes logares, não sendo menor a commodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das sciencias, no concurso de tantas e tão diversas universidades, theatros e officinas publicas de toda a sabedoria ; commodidade de que no tempo dos padres se carecia, sendo necessário ao doutor Maximo São Jeronymo (como elle mesmo escreve) copiar com immenso trabalho os livros por sua propria mão, e peregrinar á Grecia, á Palestina, ao Egypto e ás Gallias para recolher os escriptos de S. Hylario, ouvir a S. Gregorio Nazianzeno, a Didimo, e aos mestres mais peritos na lingua hebraica ; inconvenientes que só podia vencer e contrastar um tão alentado espirito e zelo de servir á egreja, como do grande Jeronymo, digno tanto de immortal louvor pela eminencia de sua sabedoria, como pelos gloriosos trabalhos e suores, com que a adquiriu e conquistou. (Hier. e pist. XXII, e XL — 6)

Da parte dos mesmos padres se deve igualmente considerar, que deixaram de especular e dizer muitas coisas de grande importancia que depois se souberam e escreveram, porque se accommodaram á necessidade dos tempos em que viviam. Todo o intento dos padres antigos era provar a verdade da encarnação do Filho de Deus, e o mysterio de sua cruz, a qual na cegueira dos judeus (como diz S. Paulo) se reputava por escandalo, e na ignorancia dos gentios por estulticia ; (1. ad Cor. I — 23) e como esta era a guerra e a conquista daquelles tempos, todas as armas da sagrada escriptura se forjavam e acostavam contra essa resistencia, e por isso os primeiros padres, e seus successores, nenhuma coisa buscavam nos livros sagrados, não só propheticos, senão ainda nos historicos, mais que os mysterios de Christo. E' bom

testimunho desta verdade, o que diz Ruperto a Tristerico arcebispº coloniense no prologo dos seus commentarios sobre os prophetas menores: *Scito me, Pater mi, sicut in cæteris scripturis, ita et in volumine duodecim prophetarum operam dedisse, ad quaerendum Christum.* (1) E como isto é o que só buscavam para escrever, isto é o que só buscavam, ou o que só escreviam seguindo os sentidos allegoricos e mysticos, e deixando ou insistindo menos nos litteraes, como se ve ordinariamente em todas as exposições dos padres, que todas se empregam na allegoria, tocando muitas vezes só leve e superficialmente a letra, e talvez não sem alguma impropriedade e violencia. Assim o notaram entre os mesmos padres alguns mais modernos que os antigos, e outros menos antigos que antiquissimos.

Dos primeiros é Ricardo de São Victor, contemporaneo de S. Bernardo, no prologo sobre o propheta Ezechiel, onde confessa que se aparta de São Gregorio, por se não chegar ao sentido litteral do texto. Dos segundos é o mesmo São Gregorio, padre do sexto seculo depois de Christo, no proemio sobre o livro dos Reis, onde diz que lhe foi necessario em algumas partes não seguir os padres mais antigos, por não saltar ao fio, consequencia e verdadeira interpretação da historia: as palavras de São Gregorio não refiro aqui, porque terão seu logar mais abaixo: as de Ricardo, depois de referir como os antigos padres occupavam seu estudo principal na allegoria, são estas: *Hinc contigisse arbitror, ut literæ expositionem in obscurioribus quibusdam locis antiqui Patres tacite præterirent, vel paulo negligentius tractarent, qui si plentus insisterent, multo perfectius proculdubio, quam aliqui ex modernis, id potuissent.* (2) Quer dizer: que os padres antigos por applicarem toda a sua industria e engenho no sentido allegorico das escripturas, ou passaram totalmente em silencio, ou tractaram menos diligentemente alguns logares mais escuros delles, sendo certo, segundo eram dotados de altissimos engenhos, e enriquecidos de muita sciencia e erudicão, que se

(1) Ruper. in prolog. Commentar. super Proph. minor.

(2) Ricard. á S. Victor. in prolog. super Ezechiel.

insistissem no sentido genuino e litteral do texto, o poderiam conseguir mais perfeitamente, que qualquer dos modernos. De maneira, que segundo a verdade desta advertencia vem a ser a diferença entre os padres antigos e os commentadores modernos das escripturas, a mesma que houve naquelleas dois homens do evangelho, ambos ricos e venturosos. Um que achou o thesouro e deu quanto tinha por comprar o campo em que elle estava ; outro que buscando só margaritas, e achando uma preciosissima, empregou também nella quanto tinha. (Matth. XIII — 44 e 46) Os padres antigos, que buscavam só nas escripturas a Christo, e nesta preciosissima margarita empregavam todo o cabedal do seu estudo ; os modernos, que se não determinam no thesouro das escripturas a um só genero de riquezas, acham, além da mesma margarita, muitas outras pedras também preciosas, e tiram daquelle thesouro (como dizia Christo) *nova e vetera, riquezas novas e velhas* ; as velhas, que são as notícias das verdades já passadas ; as novas, que são o conhecimento das outras futuras.

Finalmente se deve considerar este silencio das coisas que não disseram os padres, da parte de Deus, o qual com particular providencia não quiz que elles por então as soubessem e escrevessem, para que a egreja, nossa mãe, se parecesse com seu Esposo, e, conforme os annos e idade, fosse também crescendo em luz e sabedoria. Assim o notou, além de muitos outros theologos, o mesmo Canisio, continuando o logar acima citado : *Quæ postoris diligentius executienda, et clarius illustranda explicandaque, non sine certo Dei consilio relinquebantur, non vero homini tantum, sed etiam ecclesiæ Christi tempus auget sapientiam, et Spiritus Sanctus aliam, atque aliam doctrinæ lucem patescit.* No cap. 6.^o dos Cantares, donde o Esposo é Christo e a esposa a egreja, estão prophetisados os progressos que ella havia de ter, e se compararam com extremada propriedade á luz da aurora : *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora consurgens?* Porque assim como a aurora nasce das trevas da noite e começa na primeira luz, e nella vai sempre crescendo de menor para maior claridade, assim a egreja nascida nas trevas da ignorancia e infidelidade, começou em menos luz de sabedoria, e vai sempre

crescendo e augmentando-se mais e mais de resplendor em resplendor, de claridade em claridade, que são os termos de que usa S. Paulo na segunda epistola aos Corinthios : *Nos vero omnes revelata facie gloriam Domini speculantes, in eandem imaginem transformatur a claritate in claritatem.* (2 ad Cor. III — 18) Fallava o apostolo do veu da infidelidade com que os judeus teem cobertos os olhos para não vêr a Christo, e diz que nós os christãos, que somos os membros de que se compõe a egreja, tirado pela fé aquelle veu, com os olhos abertos e desem-pedidos por meio da propria especulação e estudo, imos crescendo de claridade em claridade, não já passando das trevas á luz, senão de uma luz para outra, sempre maior e mais clara, transformando-se por este modo a egreja na imagem do seu mesmo Esposo, Christo. Porque assim como Christo, posto que sua sabedoria foi sempre igual e a mesma (em quanto Deus infinita e em quanto homem consummada), comtudo nos actos exteriores e manifestação della ao mundo, a não mostrou toda junta, senão que a foi dispensando por partes, crescendo sempre nella ao passo que ia crescendo nos annos, como diz o evangelista São Lucas : *Proficiebat sapientia, et aetate.* (Luc. II — 52) Assim a egreja, que é o corpo mystico do mesmo Christo, transformando-se na sua imagem e retratando-se nelle, é por elle, vae sempre crescendo mais e mais na luz e na sabedoria, á medida que cresce nos annos e na idade : *Crescere igitur oportet, et multam. vehementerque proficiat, tam singulorum, quam omniam, tam unius hominis, quam totius ecclsiæ aetatum, ac saeculorum gradus intelligentia, scientia, sapientia,* disse doutamente Vicencio Lorinense.

De sorte que vae crescendo a intelligencia, a sciencia e a sabedoria pelos mesmos gráus do tempo, com que vão passando os annos, os seculos e a idade ; e isto não só na egreja universal, e em commun, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo e os raios, de que a sua luz se compõe. D'onde se deve reparar e advertir (coisa que devera já estar mui notada e advertida), que os doutores antigos e mais velhos, propria e rigorosamente fallando, não são os passados, senão

os presentes ; nem aquelles que vulgarmente são chamados os antigos, senão os que hoje e nos tempos mais chegados a nós se chamam modernos ; porque assim como nos annos de Christo houve infancia, puericia e adolescencia, e depois idade perfeita ; assim nos annos e duração da egreja ha a mesma distincção e successão de idades, com que o corpo mystico della vae crescendo, e augmentando-se sempre mais até chegar a encher a perfeição ou medida da mesma idade de Christo, como expressamente disse São Paulo fallando dos mesmos doutores : *Alios autem pastores, et doctores, ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in aedificationem corporis Christi: donec occurramus omnes in unitatem fidei, et agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi.* (Ad Ephes. IV — 11, 12 e 13) D'onde se segue, que os doutores da infancia, da puericia e da adolescencia da egreja foram os modernos e da sciencia moderna. E os doutores da idade maior e mais proactiva da egreja, são os mais velhos e mais antigos ; e da sciencia mais antiga, porque a egreja não se compõe das paredes mortas, senão dos membros vivos ; nem foi crescendo dos nossos annos para os primeiros, senão dos primeiros para os nossos : e seria não só contra a ordem da natureza, senão contra a decencia da mesma idade, que não fosse mais sabia a egreja nos maiores annos, do que tinha sido nos menores.

Dizem contra isto os hereges (como notou Bandes) que a egreja não está hoje mais alumniada, senão cada vez menos ; e do mesmo sol tiram o argumento desta sua cegueira. Dizem que Christo é o sol da egreja e aquella primeira verdadeira luz : *Quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum,* (Joan. I — 9) e que quanto mais se vão apartando os nossos tempos do tempo em que Christo viveu entre os homens, tanto os raios da sua luz são mais tenues, mais escassos, e menos intensos, bem assim como a luz do sol material, e qualquer outra, alumia e aquecendo mais aos que lhe ficam mais visinhos, e menos aos que estão mais remotos e mais distantes. Mas a apparencia desta razão é tão falsa como todas as de seus auctores ; porque ainda que Christo corporalmente se apartou dos homens, espiritualmente e por particu-

lar e invisivel assistencia sempre ficou com elles e os assistira (dentro porém da sua egreja) ate o fim do mundo, como prometeu a todos os verdadeiros discipulos de sua doutrina, quando lhe disse: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi.* (Matth. XXVIII — 20) Tambem deixou em seu logar por segundo mestre de sua escola ao Espirito Santo, igualmente Deus, como elle, o qual com a mesma e não diferente luz, não só alumia a egreja com os mesmo resplandores da verdade, mas segundo a disposição de sua providencia, os vae descobrindo maiores a seu tempo, ensinando e declarando aquellas occultas e altissimas verdades, que por menos capacidade dos discipulos deixou Christo de lhes dizer, quando por si mesmo os ensinava; dizendo-lhes porém (para que o judeu não duvide da assistencia do Espirito Santo á egreja e cabeça della), que o Espirito lhes ensinaria: *Adhuc multa habeo vobis dicere: sed non potestis porare modo. Cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem.* (Joan. XVI — 12 e 13)

E porque a perfidia heretica se nos não queira acolher por pés, (como imprudentemente fazem ainda em logares igualmenie claros de outras escripturas) fugindo para os tempos antigos, em que elles confessam que a egreja esteve verdadeiramente atemida: oíçam ao antiquissimo Tertulliano: *Regula quidem fidei una omnino est, sala, immobilis, et irresformabilis: hac lege fidei manente, cætera jam disciplina, et conversations admittunt novitatem correctionis, operante scilicet, et proficiente usque in finem gratia Dei. Quale est enim, ut diabolo semper operante, et adiiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, opus Dei aut cessaverit, aut proficere destiterit cum propterea Paraclitum miserit Dominus, ut quoniā humana mediocritas omnia semel capere non poterat, parvulam dirigeretur, et ordinaretur, et ad perfectum produceretur disciplina ab illo Vicario Domini Spiritu Sancto. Quis est ergo Paracliti administratio, nisi haec, quod disciplina dirigitur, quod scripturas revelantur, quod intellectus reformantur, quod ad meliora persicunt?*⁽¹⁾ Não me detenho em roman-

(1) Tertul. lib. de velam. Virgin. in principl.

cear as palavras, porque são em summa tudo o que atégora temos dito; só peço se pondere aquella nova e bem achada razão de Tertulliano: *Quale est enim ut diabolo semper operant, et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia*, etc. Se o demonio sempre obra, e não desiste de accrescentar cada dia novos erros e novos enganos com que impugnar, e novas trevas, com que diminuir e escurecer a luz da verdade e resplendor da egreja, como bavia o Espírito Santo de cessar em accrescentar sempre nella novas luzes contra essas trevas, novas verdades contra esses erros, nova claridade contra esses enganos, e novas victorias contra esse inimigo, e seus sequazes? Em sua mesma cegueira tem o herege a prova da maior luz da egreja; por isso disse São Paulo: *Oportet, hereses esse* (1), e esse é o bem que tira de tão grande mal aquella sapientissima providencia, que, como doutamente disse Santo Agostinho, teve por maior gloria de sua grandeza fazer dos maus bens, que não permittir os maus.

Assim que os que quizerem reconhecer os augmentos da sabedoria, em que sempre mais vae crescendo a egreja, com os ennos, não devem tomar a similitudão do sol e da luz, senão a da fonte e do rio; a que o mesmo Christo comparou sua doutrina, quando disse: *Si quis sitit, veniat ad me, et bibat. Qui credit in me, sicut decit scriptura, flumina de ventre ejus fluent aquæ vivæ. Hoc autem dixit de spiritu, quem acceptari erant credentes in eum.* (Joan. VII — 37, 38 e 39) A luz que sáe do sol, quando mais distante, mais se vae enfraquecendo e diminuindo: mas o rio que nasce da fonte, quanto mais caminha e mais se aparta de seu principio, tanto mais se engrossa, porque vae recebendo novas correntes e novas aguas, com que se faz mais largo, mais profundo, mais caudoso. Tal é a sabedoria da egreja, entrando sempre nella as purissimas correntes da doutrina de tantos doutores catholicos e sapientissimos, que cada dia a augmentam com novos e tão excellentes escriptos em uma e outra theologia, de que o nosso seculo tem sido mais fecundo e abundante que todos até hoje. A sabedoria da egreja no alu-

(1) D. Paul. ad Cor. XI — 19.

miar é luz, e no correr é rio, rio daquelle mesma fonte, e luz daquelle mesmo sol, que é Christo, conservando juntamente as luzes e claridade das aguas, e as aguas os resplandores das luzes naquelle milagrosa metamorphose, que se conta no cap. 10.^o de Esther : *Pravus fons, qui crevit in fluvium, et in lucem solemque conversus est, et in aquas plurimas redundavit.* (Esther X — 9) Christo sol com propriedade de fonte, a egreja luz com propriedade de rio, e por isso sempre mais alumiada, sempre mais vestida de resplandores.

E como por esta providencia particular de Deus, e pela difficultade e escuridade de muitos logares da escriptura, e pela applicação dos padres, a confirmação de outras verdades e a resistencia de outras batalhas proprias daquelle temps deixaram de escrever algumas coisas, com que a egreja depois se foi alumando e illustrando, não é muito que nestas, que elles não disseram, fallemos e hajamos de fallar sem elles : nem isto se nos deve imputar a menos veneração dos mesmos padres doutissimos e santissimos ; porque não querer descobrir, nem saber o que elles não disseram, antes é vicio da ociosidade, que virtude da reverencia, como bem conclue o mesmo Ricardo Victorino acima allegado : *Sed nec illud tacite præstereo, quod quidem ob reverentiam Patrium nollent ab ipsis omissa attentare, nec videatur aliquid ultra maiores præsumere, sed inertias suæ hujusmodi velamen habentes odio torpant, et aliorum industriam in vertiatis investigatione, et inventione derident, subsannant, et ex sufflant sed qui habitat in cælis, irridebit eos, et Dominus subsannabit eos* (1). Leam e temam esta sentença os que culpam, os que não querem ser culpados nella, e advirtam que tambem é um dos padres o que isto disse.

(1) Ricard à S Victor. relatus.

SEGUNDA RAZAO.

Discorre-se sobre as coisas que no tempo dos padres houve para alguns logares dos prophetas não poderem ser intendidos inteiramente.

Em segundo lugar diziamos que os padres não acertaram em tudo: e posto que puderamos provar a verdade destes fundamento com a demonstração das coisas em que não acertaram, lembrados porém da reverencia que os filhos devem aos pais, e da benção que mereceram aquelles dois honrados filhos, Sem e Japheth, quando voltaram as costas, e apartaram os olhos do que em seu paes Noé podia ser menos decente: (Gen. IX — 23) nós tambem lançaremos a capa sobre esta materia, deixando tão indigno assunto a Luther, Calvino, Beza e Wicleph, e outros legitimos herdeiros do impio e irreverente Cam.

Não negamos, contudo, que houve muitos autores catholicos e pios, em cujos livros se podem ver por junto estes exemplos, os quais elles escreveram não por menos reverencia que tivessem aos antigos padres, por sua sabedoria e santidade, e igualmente merecedores da eterna veneração; mas por zelo da verdade, necessidade de doutrina, e cautela dos mesmos doutos que lessem as suas obras. Bem assim como os que pintam cartas de marear signalam no vastissimo e profundissimo Oceano os baixos (poucos e rarissimos, se se compararem com a immensidate de suas aguas) para maior vigilancia e segurança dos que as navegam. Escreveram neste genero doutissimamente Sixto Senense em todo o quinto e sexto livro de sua Bibliotheca Santa: Fernanndo Vilocilo, bispo de Luca, nas Advertencias Theologicas sobre cinco padres da egreja; Affonso de Castro, *Adversus hæreses*; Antonio Possevino no Apparato Sacro; o cardeal Cesar Baronio em muitos logares de seu Annaes; Melchior Cano de *Locis Theologicis*, e outros. Este ultimo no liv. 7.º cap. 3.º diz assim: *Autores canonici, ut superni cælestes divini stabilem perpetuamque conscientiam servant; reliqui vero scriptores sancti, inferiores, et humani sunt, deficiuntque interdum, ac monstrum quandoque*

pariunt propter convenientem ordinem, institutumque naturæ.

Mas entre estes exemplos naturaes da fragilidade humana, podemos ler em prova delles outros dos mesmos padres, em que confessando com alta humildade e modestia, que podiam errar como os homens, nos ensinam no conhecimento que tinham de si, e nós devemos ter de nós, quão verdadeiramente eram santos, e por isso mesmo sapientissimos. Porei aqui as palavras de dois maiores doutores, um de theologia escolastica, e outro da positiva, Santo Agostinho, e S. Jeronymo: Santo Agostinho na epistola 3.^a, escrevendo a Tertulliano desta maneira: *Neque enim quorumlibet disputationis quamvis catholicorum, et laudatorum hominum, velut scripturas canonicas laudare debemus, ut nobis non liceat (salva honorificentia, que illis debetur) aliquid in eorum scriptis improbare, ac respuere (si forte invenerimus, quod aliter senserint quam veritas habet) divino adjutorio, vel ab aliis intellecta, vel a nobis; talis ego sum in scriptis aliorum, tales volo esse intellectores meorum.* As sciencias e regulações dos autores, posto que sejam catholicos, mui louvados e estimados por sua sciencia e doutrina, não as devemos ler como escripturas canonicas de tal sorte, que nos não seja licto (salva a reverencia de suas pessoas) reprovar e não seguir algumas coises das que disseram, quando acharmos por outra via a verdade, ou melhor intendida por outros, ou tambem por nós. Este é o modo (diz Santo Agostinho) com que eu leio os escriptos dos outros, e com que quero que sejam lidos os meus. O mesmo sentia S. Jeronymo, assim dos escriptos alheios como dos proprios, cujas palavras na epistola a Theophilo contra os erros de S. João Hierosolymitano são estas: *Scis me aliter habere apostolos, aliter aliquos tractores illos semper vera dicere: istos in quibusdam ut homines aberrare.* Só os apostolos, como alumniados por Deus, disseram a verdade em tudo; os outros homens, como homens erram, e podem errar, diz o doutor Maximo; e se o fundamento dos erros humanos é o effeito natural de serem os homens homens, bem se segue que nenhum homem se pôde livrar desta pensão da humanidade, por douto e sapientissimo que seja. Exemplo seja o prodi-

gioso livro das retractações de Santo Agostinho, mais digno de veneração por aquella obra, que por todas as outras suas ; o qual prosseguindo a mesma sentença de S. Jeronymo no liy. 2.º de baptismo, contra os donatistas cap. 5.º, diz assim com admirável piedade e juiso : *Homines sumus, unde aliquid aliter sapere, quam se res habet, humanæ tentatio est : nimis autem amundo sententiam suam, vel invidendo melioribus usque ad prescindendæ communionis, et condendi schismatis vel hæresis sacrilegium perenire, diabolica præsumptio est : in nullo autem aliter sapere, quam se res habet, angelica perfectio est.* De maneira que seguindo Santo Agostinho, errar em alguma coisa é fraqueza de homens ; acertar em tudo, é perfeição de anjo ; e querer defender seu parecer até romper a caridade e união da egreja, é presunção de demónios ; e como os santos padres fossem obedientissimos filhos da egreja catholica, a cujo supremo juiso sujeitaram sempre todos os seus escriptos, se em alguma coisa desacertaram, como dissemos ou suppomos, é argumento só, de que foram homens, e não eram anjos.

Mas para que se veja a occasião ou occasiões que tiveram para não acertar com a verdadeira intelligencia de algumas escripturas, principalmente as dos prophetas, que é o fim para que isto suppomos ; direi agora o que da ponderação das mesmas escripturas propheticas, e das exposições dos padres sobre ellas, e das opiniões, que eram communs e recebidas entre os doutos, quando elles escreveram, tenho colhido. E ponho aqui (tanto de melhor vontade) esta minha advertencia, em que não acabei de cair de todo, senão depois de muitos annos de estudo e lição dos mesmos padres, quanto della se pôde colher facilmente ; e sem menos louvor de sua grandeza e sabedoria, quão impossivel coisa lhes era acertarem naquelle tempo, em aquellas supposições, com o verdadeiro intendimento de alguns logares dos prophetas, que elles interpretaram em alheio e diferente sentido.

A primeira occasião que os padres tiveram para não poderem intender em seu tempo o sentido litteral e historico daquelles textos propheticos, era a falta que então havia no mundo da verdadeira e exacta cosmographia, e a errada opinião, ou de que o

globo da terra não era perfeitamente esferico, ou de que as partes oppostas ás que naquelle tempo se conheciam, eram não só desertas, sendo ainda inhabitaveis. Este sentimento que foi de muitos philosophos antigos, se tinha entre os padres por verdade muito certa e averiguada, negando geralmente a opinião, ou falso, de haver os que então já se chamavam antipodas: posto que os principios porque os padres os negavam, não eram entre todos os mesmos razões philosophicas, em que alguns se fundavam, que então (antes da experientia) tinham sorte de razões, e hoje depois dellas nos parecem ridiculas.

Descreve Lactancio Firmiano, que era um dos padres, e muito douto daquelle tempo, e zombando elegantissimamente dos que tinham a opinião contraria, discorre assim: *Quid illi, qui esse contrarios vestigiis nostris antipodas putant? Nam aliquid loquuntur? Aut est quisquam tam ineptus, qui credat esse homines quodrum vestigia sint superiora quam capita? Aut ibi quae apud nos jacent inversa pendere? Fruges, et arbores deorsum versas crescere? Pluvias, et nives, et grandinem sursutum versus cadere in terram? Et miratur aliquis hortos pensiles, inter septem mira narrari, cum philosophi, et agros, et urbes, et maria, et montes pensiles faciant? Hujus quoque erroris aperiendo nobis origo est... Quæ igitur illos antipodas ratio producit? Videbant syderum cursus in occasum meantium. Solem, aliquæ lunam in eandem partem semper occidere, aliquæ oriri semper ab eadem. Cum autem non perspicerent quæ machinalia eorum cursus temperaret, nec quomodo ab occasu ad Orientem remearent, cœlum autem ipsum in omnes partes putarent esse deorsum; quod sic videri propter immensam latitudinem necesse est; existimorunt rotundum esse mundum sicut pilam: et eorum syderum opinioni sunt cœlam volvi. Sic astra, soletaque, cum occiderint, volubilitate ipsa mundi ad ortum referri; itaque cœlestes orbes fabricati sunt quasi ad figuram mundi, eoque cœlorum portentosissimis quibusdam simulacris, quæ astra esse dicerent. Hinc igitur cœli rotunditatem illud sequebatur: ut terra in medio sinu ejus esset conclusa; quod si ita esset, etiam ipsam terram globo similem; neque enim fieri posset ut non esset retundum, quod*

rotundo conclusum teneretur. Si autem rotunda etiam terra esset, necesse esset, ut in omnes cœli partes eandem faciem gerat, id est, montes erigat, campos tendat, maria consternat: etiam se- quebatur ut nulla sit pars terræ, quæ non ab hominibus, cœte- risque animalibus incolatur; sic pendulos istos antipodas cœli ro- tunditas adinvenit; quod si queras ab his, qui hæc portenta de- fendunt, quomodo ergo non cadunt omnia in inferiorem cœli partem? Respondent hanc rerum esse naturam, ut pondera in medium ferantur, et ad medium connexa sint omnia sicut radios videmus in rota; quæ autem levia sunt, ut nebula, fumus, ignis, ita à medio deferantur ut cœlum pe'ant. Quid dicam de his? Nescio; qui cum semel aberraverint, constanter in stultitia per- severant, et vana vanis defendunt, nisi quod eos interdum puto, aut joci causa philosophari, aut prudentes, et scios mendacia de- fendenda suscipere, quasi ut ingenia sua in malis rebus exerceant vel ostentent (1).

Atéqui Lactancio, não se rindo menos dos que naquelle tempo tinhama esta opinião, do que nós hoje nos podemos rir delle: por isso não duvidei de copiar esta pagina de latim, que para os que bem o intendem, sei de certo não será larga por sua materia, e elegancia; e muito menos para os que o não intendem, porque o passarão mais brevemente. O mesmo peço eu que façam os que não teem necessidade de ver a traducçao delle, que agora se segue, para que não fiquem com o sentimento, de quão mal se pôde tras- ladar á nossa lingua a elegancia da latina. « Que direi daquelles (diz Lactâncio), os quaes tiveram para si, que ha no mundo ou- tros homens que andam com os pés virados para nós, a que cha- mam antipodas? Por ventura dizem estes alguma coisa que te- nha fundamento, ou pôde haver homem de tão pouco juiso, que se lhe metta na cabeça que ha homens que andem com a ca- beça para baixo, e que todas as coisas que aqui estão em pé, e direitas, lá estejam penduradas? Que as arvores cresçam para a parte inferior? Que a chuva caiá para cima? E que os que hão

(1) Lactant. Firm. lib. 3, divin. instit. cap. 23.

de colher os fructos, hajam de descer aos ramos, e não subir ? E espantamo-nos, que os hortos pensiles se contem entre as sete maravilhas do mundo, quando ha philosophos que fazem campos pensiles, mares pensiles, e cidades pensiles, em que as torres e os telhados estão pendurados para baixo ? Mas será bem que digamos a origem d'onde teve principio este erro, e que razão moveu ou levou estes homens a uma coisa tão irracional, como haver antipodas. Viam que o sol, a lua, e estrellas, saíam sempre do Oriente, e entravam pelo Occaso ; viam, ou cuidavam que viam, que este céu que nos cobre, tem figura de uma abobada (sendo que esta representação não a faz a figura do céu, senão o termo e fraqueza de nossa vista) e não intendendo o modo porque esta machina se governa, vieram a imaginar que o mundo era redondo como uma bola, e assim fingiam que havia no céu varios orbes de materia solida com bronze, em que estavam esculpidas essas imagens e corpos portentosos, a que chamamos estrellas e planetas.

Desta redondeza ou rotundidade do céu, inferiam e assentavam que tambem a terra era redonda ; e accomodando-se naturalmente a figura do corpo exterior, e maior, dentro do qual estava mettida e torneada desta maneira, e feita redonda a terra, tiravam por segunda consequencia que tambem havia de estar povoadas de homens e de ámaes, em todas as partes, como está nesta em que vivemos ; assim que, a imaginada rotundidade do céu foi a inventora destes antipodas pendurados : e se perguntarmos aos defensoros deste portento como pôde ser, que os homens que fingem com os pés para cima, se lhes não despeguem da terra, e como não cãem por esses ares abaixo, respondem que é o pezo natural da terra, que de todas as partes inclina para o centro, assim como os raios de uma roda todos vão parar ao eixo, e que assim como do mesmo eixo sâem os raios para a roda, assim as coisas pesadas vão buscar o meio ; as coisas leves, como o fogo, os fumos, as nevoas, sobem direitas para as diversas partes do céu, de que a terra está cercada. O que se haja de dizer de taes homens, e de taes intendimentos, não o sei ; só digo que depois de terem caido no primeiro erro, perseveraram constantemente na sua

ignorancia, defendendo umas coisas vãs, com outras tão vãs como elles; sendo que algumas vezes cuido que não dizem nem escrevem isto de siso, senão por jogo e zombaria, e que sabendo muito bem que tudo o que dizem são fabulas e mentiras, as defendem com tudo para ostentar habilidade e engenho, empregando tão bons intendimentos em tão más coisas. »

Este é o discurso de Lactancio no terceiro *Divinarum Institutionum*, cap. 23, e foi bem que o deixasse tão miudamente escripto, para que soubessemos o que naquelle tempo se sabia do mundo; e para que saiba o mesmo mundo quanto deve aos portuguezas primeiros descobridores de seus antipodas. Santo Agostinho tambem teve a mesma opinião de Lactancio, posto que não contentaram os seus fundamentos, os quaes impugna no livro das suas *cathegorias*; mas no liv. 16 de *Civitati Dei*, resolve que se não deve crêr que ha antipodas, com palavras de tanta segurança, como as seguintes: *Quod vero et antipodas esse fabulantur, id est, homines à contraria parte terra, ubi sol oritur, quando occidit nobis, adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est; nec hoc ulla historia cognitione deditissemus sed affirmant; sed quasi ratiocinando conjectant.* E quanto à fabula dos que singem que ha antipodas (diz Santo Agostinho), isto é, homens da outra parte do mundo, onde o sol lhes nasce a elles, quando se põe a nós, e que pizam a terra com que os voltados para os nossos, como nós para os seus, é coisa que de nenhum modo se ha de crêr, nem seus autores o provam com alguma historia que tal affirme, e só o conjecturam por discursos. Não dissera isto o sapientissimo doutor, se já naquelle tempo estiveram escriptas as historias dos portuguezes; mas esté é o maior louvor da nossa nação (como disse um orador della), que chegaram os portuguezes com a espada, onde Santo Agostinho não chegou com o intendimento.

A razão de Santo Agostinho com que negou os antipodas, ainda encarece mais este louvor nosso, por que o argumento em que se funda é este. Todos os homens que se propagaram e estenderam pelo mundo, são descendentes de Adão, como consta da escríptura: logo segue-se que não ha nem pôde haver antipodas, por-

que se os houvera, haviam de ter passado á outra parte do mundo, por cima da immensidate do mar Oceeno; e é grande absurdo dizer que os homens pudessem fazer tal navegação. Esta é a razão de Santo Agostinho, e este o famoso elogio, que sem saber de quem fallava, disse o famoso e illustrissimo africano, dos portuguezes conquistadores depois de sua patria: *Nimisque absurdum est* (são palavras suas no mesmo logar) *ut dicatar aliquos homines ex hac in illam partem, Oceani immensitate trajecta, navigare, ac pervenire potuisse, ut etiam illic ex uno illo primo homine genus institueretur humanum.*

Esta mesma opinião foi commun entre os outros padres da egreja, e assim a lemos expressa, ainda antes de Lactancio em S. Justino, e antes de Santo Agostinho em Santo Hilario, em S. João Chrysostomo, S. Basilio, e santo Ambrosio, e muitos annos e seculos depois em Procopio, Theophilato, Euthymio, e outros, uns fundando se nas razões já referidas, e todos naquelle tão celebrada dos philosophos historiadores e poetas, que não só faziam inhabitavel a zona torrida, mas suppunham tão grande incendio nella, pela visinhança do sol que de nenhum modo se podia passar: *Media vero terrarum* (diz Plinio) *qua solis orbita est, exusta flammis, et cremata, minus vapore torretur. Circa duæ tantum inter exustam, et rigentes temperantur: et æque ipsæ inter se non perviae propter incendium sideris.* (Plin. lib. 2 cap. 68) Este incendio da zona torrida ainda em tempos tão chegados aos nossos, era um dos mais forçosos argumentos, com que os reprovadores da empreza do infante Dom Henrique a impugnavam, e tinham por impossivel aquelle descobrimento, como referem as nossas historias. A estas razões propriamente philosophicas, e a este discurso, accrescentavam os padres outras theologicas, e alguns textos da escriptura sagrada, que antes da experientia parecia affirmarem, ou definirem claramente, que debaixo da terra não havia outra coisa mais que a agoa. Assim o argumentava Procopio sobre o primeiro capitulo do Genesis, dizendo: *Quod autem universa terra in aquis subsistat, nec ulla sit pars ejus, quæ infra nos sita sit, aquis vacua, et denudata hominibus, notum reor, nam sic docet scripturo: Qui expandit terram super*

aquas : et iterum : quia ipse super maria fundavit eum (1). O primeiro logar é do psalmo 135, e o segundo do psalmo 23. E verdadeiramente que as palavras de um e outro são tão claras, que se a vista dos olhos não tivera ensinado o contrario, parece se deviam intender assim ; e que Deus, que tudo pôde, para mostrar sua omnipotencia tinha fundado a terra sobre a agoa.

Assim o cuidou Tales Milezio, um dos sete sabios de Grecia, com muitos outros philosophos (2), os quaes referiam os tremores da terra, á inconstancia deste fundamento de sua natureza tão pouco solido ; mas depois que a experienzia nos mostrou, que debaixo, ou da parte opposta a esta terra, ha outros habitadores, que são os antipodas, a emenda deste engano nos ensinou tambem a intender aquelles textos de David, cujo verdadeiro sentido é este. Quando Deus creou o mundo, no principio estava o elemento da terra coberto com o elemento da agoa, e a agoa sobre a terra, conforme o logar que se devia á sua dignidade e nobreza, como elemento que é mais nobre ; mas como por esta causa ficasse a terra vazia e inhabitavel, como notou o texto : *Terra autem erat inanis, et vacua;* (Gens. I — 2) o que fez a providencia divina foi apartar a agoa de cima da terra, e dar-lhe outro logar, que é o que hoje tem o mar, para que ficasse a terra superior a elle, e podesse produzir e ser habitada : *Et dixit Deus : Congregentur aquæ in locum unum, et appareat arida,* (Ibid. — 9) E porque a terra por este modo ficou superior á agoa, por isso diz David, que a terra está sobre ella, isto é, superior a ella, e não inferior e debaixo, como de antes estava, e por sua natureza devia estar. Repito o texto todo, para que da consequencia delle se veja melhor a verdade e clareza desta exposição : *Domini est terra, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi, qui habitant in eo : quia ipse super maria fundavit eum, et super flumina præparavit eum.* (Psal. XXIII — 2 e 3) Deus é o Senhor da terra, e de todos seus habitadores ; e porque é Senhor da terra ? Porque a fundou : e é Senhor de seus habitadores ; porque fa-

(1) Procop. in Gen. relatus á Siatu Senens. liv. 5 annot. 12

(2) Aristot. de cœlo cap. 13, et apud Senec lib. 3 quæst. natural cap. 13.

zendo que fosse superior ao mar, e aos rios; a fez habitável; e essa é a energia da palavra *præparavit*; porque fazendo a terra superior á agoa, a preparou e accommodou a que se podesse habitar: *Ratio cur Dominus terræ, omniumque in ea rerum siū Deus* (diz Lorino), *quoniam terram ipse fecit, et supereminere aquis fecit, ut habitare posset*. E não é muito que Lorino intende esse melhor este texto da terra e do mar, que Procopio; porque Procopio não sabia que havia mar e terra habitada dos antipodas, e Lorino sim; mas vamos a outros logares mais impossíveis de intender, antes do conhecimento dos antipodas.

Referem-se varios logares dos prophetas que os expositores modernos intendem dos antipodas e conquistas de Portugal.

Começando pelo mesmo David, aquelle verso do psalmo 67: *Regna terræ cantate Deo, psallite Domino : psallite Deo, qui ascendit super cælum cæli ad Orientem ; ecce dabit voci suæ vocem virtutis*, diz Genebrardo, Viegas, Mendonça, e outros auctores, que falla da conversão dos reinos e terras do Oriente, convertidas á fé por meio da прégação dos portuguezes, e descobertas por elles. D'onde notou advertidamente Viegas, que no mesmo psalmo tinha dito David: *Cantate Deo psalmus, dicite nomini ejus, iter facite ei, qui ascendit super Occasum, Dominus nomen illi*: (Ibid. XXIII — 5) para mostrar que a fé e conhecimento de Deus, primeiro havia de vir ás terras mais occidentaes, que são as que habitamos, e depois havia de passar ás do Oriente, que são aquellas que descobrimos, conquistámos, alumíámos com a luz do evangelho; e esta é a virtude que Deus deu ás vozes da sua voz (isto é, ás vozes dos seus prégadores: *Ecce dabit voci suæ vocem virtutis.* (Psal. LXIV — 9)

Todo o psalmo 67 explica Bazilio Ponce da nova conversão das indias, assim orientaes, como occidentaes, e são tão proprios desta explicação muitos logares delle, que, ainda os que não tiveram tal pensamento, não poderam deixar de dizer o mesmo. Lorino commentando o verso 9: *Turbabuntur gentes, et timebunt qui habitant terminos a signis tuis : exitus matutini, et vespere*

delectabis. Intendem pelos habitadores dos termos da terra as gentes orientaes e occidentaes, e assim explica as palavras : *Exitus matutini, et vespere, pro hominibus, qui habitant ubi exit dies, et ubi exit nox, hoc est, pro orientalibus, et occidentalibus.*

De maneira, que os homens de quem aqui falla David, são aquelles que estão nos dois ultimos fins e extremos da terra, onde nasce o dia, e onde nasce a noite. Uns nos fins do Oriente, que são os das indias orientaes ; e outros nos fins do Occidente, que são os das indias occidentaes. Esta terra, uma e outra, diz o propheta, que visitaria Deus, e que a regaria como regou com a agoa do baptismo : *Visitasti terram, et inebriasti eam.* (Psal. LXIV — 10) E accrescenta com grande energia, que multiplicaria o Senhor o enriquecel-a. *Multiplicasti locupletare eam* ; porque tendo-lhe já dado as maiores riquezas temporaes, que são as minas do oiro e prata, os diamantes, os rubis, as perolas, e outros tantos thesouros sobre estes, lhe havia de dar tambem as riquezas espirituaes, e a graça, com que ficasse cada uma não só rica, mas multiplicadamente rica : *Multiplicasti, etc.* E porque para isto era necessario que o bravissimo e indomito Occeano se sujeitasse aos homens, e se deixasse arar de seus lenhos, o que até áquelle tempo não consentia ; tambem dizia David, que fazia Deus esta mudança em suas ondas. *Qui conturbas profundum maris, sonum fluctum ejus.* Ou, como lê S. Jeronymo e Theodosio : *Componens, sedans mulcens sonitum, cavitatem, latitudinem, et profunditatem maris.* (Ibid. — 8)

Finalmente, porque não duvidassemos que mares eram estes ; declara o propheta, que não haviam de ser aquelles que lavam as terras e praias vizinhas a nós, senão os mares de muito longe, e de terras e gentes muito remotas : *Spes omnium finium terrae, et in mari longe* : (Ibid. — 6) ou como tem o hebreu : *Maris remotorum* : e não carece de mysterio, e grande mysterio, o proemio com que David introduziu tudo o que atéqui temos dito, que foi com estas palavras : *Sanctum est templum tuum, mirabile in cæquitate.* (Ibid. — 5) Como se dissera : antes de se pregar o evangelho a estas terras, ou a estes mundos do Oriente e do Occidente, parece que vós, Senhor, e vossa egreja, não guardaveis

igualdade com os homens, pois havendo tantos annos, e tantos seculos, que alumiaſtes a uns com a luz da fé, permittistes atégora por voſſos occultos juíſos, que os outros estivem ás escu-ras (argumento que puſeram os Japões a S. Francisco Xavier). Porém depois que a fé, e o evangelho, e o conhecimento e culto do verdadeiro Deus, tem passado os mares, chegado ás mais remotas nações do Oriente, agora sim, que podemos dizer que a voſſa egreja é admiravel na igualdade, porque tracta igualmente a todos : *Sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.*

Salomão que sucedeua a David, não só na coroa, mas tambem no espirito de prophecia, em muitos logares dos seus Canticos deixou tambem prophetisadas estas maravilhas da nossa idade : neste sentido explicam alguns modernos aquellas palavras no cap. 4.^º : *Surge Aquilo, et veni auster, et perfla hortum meum, et fluent aromata illius.* (Cant. IV — 16) Como se dissesse Christo fallando do seu jardim, que é a egreja : que saisse delle o norte, e viesse o sul ; isto é, que saissem da egreja as orações do norte, como se saíram nestes tempos por meio da heresia, e que entressem na mesma egreja as orações do sul (que são as do novo mundo), como entraram por meio da fé. Ao qual sentido, que é mui proprio e verdadeiro, podemos applicar as palavras de Honorio : *Si quidem inauditam hæresim per malignos homines diabolus mentibus fidelium infudit, qua totum ortum ecclesie, quasi quadam septa vitiavit ; sed rex gloriæ Christus suis auxilium præbuit, dum universam hæresim per sapientes destruxit, et de horto suo flagello anathemat, expulit ; expulso autem Aquilone, auster hortum intravit.* Segue-se logo no texto : *Et fluent aromata illius.* As quaes palavras intendidas assim como soam, que outra coisa dizem senão os interesses temporaes que trazem as náus da India, por estes espirituas, que levam quando veem carregadas dos aromas e especies aromaticas daquellas partes ?

Assim o tinha dito o mesmo Salomão no verso antecedente, com admiravel propriedade e energia. Falla das missões que fazem áquellas partes os pregadores da fé, e diz : *Emissiones tuae paradisus malorum punicorum cum pomorum fructibus.* (Ibid. IV — 13) As voſſas missões são um paraíſo de que se não colhem

fructos de arvores, senão fructos de fructos : *Cum pomorum fructibus.* Porque pelo fructo espiritual que vão fazer os missionarios, veem de lá os fructos temporaes, com que Portugal se enriquece ; e se vão faltando os segundos fructos, é porque tambem vão faltando os primeiros de que elles nascem : mas que fructos são estes ? Disse o mesmo Salomão : *Cypri cum nardo, nardus, et crocus, fistula, et cinnanomum cum universis lignis Libani, myrra, et aloe cum omnibus primis unguntis* : A canella, a canafistola, o sandalo, o benjoim, as equilas, os calambucos, e todo o outro genero de especies adoriferas e aromaticas, que são as mesmas que veem da India.

No cap. 7.º diz assim o mesmo Salomão, ou a esposa, que é a egreja, faltando com seu Esposo Christo : *Mandagorae dederunt odorem. In portis nostris omnia poma : nova, et vetera servavi tibi.* (Cant. VII — 13) As mandragoras são os prégadores da fé, como diz S. Gregorio : *Quid per mandragoram, herbam scilicet medicinalem, et odorifram, nisi virtus perfectorum intelligitur ? Qui dum imperfectorum infirmatibus medentur in fide, quam praedicant in portis nostris, ecclesiae vere medici esse comprobantur* (1). Com o cheiro destas mandragoras, e com a doutrina destes prégadores, que ajuntou para seu Esposo os frutos novos aos velhos : assim o interpretam os Setenta : *Nova, et vetera servavi tibi* ; (Cant. VII — 13) porque aos christãos antigos, que eram os da Europa, ajuntou a egreja estes novos, que são os da nova gente que se descobriu no Oriente e no Occidente. que são as portas de que falla a esposa : *In partis nostris.* Uma porta por onde o sol sâe ao nosso hemisferio, que é a do Oriente, e outra por onde entra aos antipodas, que é a do Occidente. Assim intendem este logar alguns auctores que refére Cornelio, resumindo todo o sentido delle nestas palavras : *Nonnulli per nova opinantur hic notari novi orbis inventionem, et conversionem ad Christum : novus enim hic orbis continet peruanos, mexicanos, brasilios, et chilenses ; est dimidium totius orbis, ut patet ex globo cosmographico, jam per religiosos S. Dominici, S. Francisci, et so-*

(1) D. Greg. 8. apud. P. Alapib. hic. § Audi.

cietatis Jesus totus pene subjacet ecclesia. Sic in india orientali, hor saeculo, et praecedenti per eamdem propagatur fides ad Japones, ubi plurimi pro fide certant usque ad martyria lensorum ignium apud chinenses, molucenses, et ceilanos (1). De maneira que os fructos novos, que a egreja por meio do cheiro destas mandragoras medicinaes e odoriferas ajuntou aos velhos e antigos, são os de Perù e Mexico, do Brazil e Chili, e os do Japão e China, das Malucas e Ceilão; uns nas portas do Oriente, outros nas do Occidente: *Mandragorae dederunt odorem suum.* Parece que estavam esquecidos, mas não estavam senão guardados para este tempo: *servavi.*

Em quasi todo o cap. 8.º repete Salomão a mesma conversão das indias, e particularmente naquellas palavras: *Soror nostra parva, et ubera non habet: quid faciemus sorori nostræ in die quando alloquenda est? Si murus est, edificemus super eum propugnacula argentea: si ostium est, compingamus illud tabulis cedrinis.* (Cant. VIII — 8 e 5) Atégora foi escuríssimo este logar, mas são admiraveis os mysterios, e mais admiraveis ainda as propriedades delle. Ludovico Legionense nos commentarios sobre este livro, intende por esta irmã mais moça da esposa a egreja da gentilidade novamente convertida á fé: *Sub persona hujus sororis natu minoris, et parum forma præstantis, cuius desolatione sponsa sollicitari dicitur, multi significantur populi atque gentes longe a nostro orbe remotæ, ad Christum adducendæ nova quadam evangeli tradendi ratione; hoc est, significatur hispanorum navigationibus reperti orbis, ejusque incolarum ad Christi fidem super facta conversio.*

Ainda que a egreja toda seja uma, como a destas novas gentilidades veio ao conhecimento de Christo tanto depois, que não foram menos que mil e quinhentos annos, por isso lhe chama Salomão irmã menor, e pequena: *Soror nostra parva est,* não pela grandeza das terras, e numero das gentes, em que é maior, ou, quando menos, igual a toda a egreja antiga: mas pela menoridade do tempo, e da idade em que se converteu: e diz com

(1) Alap hic § Denique.

muita propriedade, que não tem peitos : *Et ubera non habete* ; porque todos estes annos esteve falta do leite da verdadeira doutrina. E porque haver-se de desposar com Christo esta nova egreja, era um negocio cheio de tantas difficuldades, assim pela distancia de tão remotas terras, e navegação de tão desconhecidos mares, como principalmente pela resistencia de suas nações, umas barbaras, outras politicas, e todas feras, armadas, e bellicosas, e tão superiores no numero e multidão aos que lhes haviam de levar e introduzir a fé. Estas difficuldades representa a egreja antiga a seu Esposo Christo, com aquellas palavras : *Quid faciemus sorori nostrae in die quando alloquenda est* ? Que faremos, Senhor, quando chegar o tempo em que se ha de desposar com vosco esta minha irmã menor ? Ao que corresponde Christo com o antiquissimo conselho de sua providencia dizendo : *Si murus est, aedificemus super eum propugnacula argentea ; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis*. Quem não admirará nesta resposta os altissimos conselhos da sabedoria e providencia divina ? Dispoz Deus desde a creaçao do mundo, que estas terras, assim por fóra como por dentro, fossem enriquecidas de coisas preciosissimas, para que o interesse dos homens facilitasse as difficuldades, que sem elle criam impossiveis de vencer ; como se dissera o Senhor : Ainda que a conquista da fé tem muros que difficultem sua entrada nessas terras, tambem tem portas por onde poderá entrar ; esses muros facilita-los-hemos com prata, essas portas abril-as-hemos com cedros : *Si murus est, aedificemus propugnacula argentea ; si ostium, compingamus illud tabulis cedrinis*. Pela prata se intendem as minas, e pelos cedros odoriferos as plantas preciosas ; e as minas que essas terras teem em suas entranhas, e as plantas odoriferas e preciosas que nellas nascem, são os meios e incentivos que obrigaram o interesse humano a que se disponha a veneer todas essas difficuldades, e abrir e franquear essas portas ; e assim foi, porque a prata, o oiro, os rubins, os diamantes, as esmeraldas, que aquellas terras criam e escondem em suas entranhas : as aquilas, os calambucos, o pau Brazil, o violete, o ebano, a canella, o cravo e a pimenta, que nellas nascem, foram os incentivos do interesse tão poderoso com

os homens, que grandemente facilitaram os perigos e os trabalhos da navegação e conquista de umas e outras indias. Sendo certo que se Deus com summa providencia não enriquecera de todos estes thesouros aquellas terras, não bastaria só o zelo e amor da religião para introduzir nellas a fé.

O propheta Isaias, como propheta singularmente escolhido para historiar as maravilhas da lei evangelica, foi o que mais fallou de nós e dellas : no cap. 49 diz assim : *Ecce isti de longe venient, et ecce illi ab aquilone, et mari, et isti de terra australi. Laudate cœli, et exulta terra, jubilate montes laudem : quia consolatus est Dominus populum suum, et pauperum suorum miserebitur.* (Isai. XLIX — 12 e 13) O qual logar intende Cornelio Alapide, e Arias Montano da conversão da China, e o provam do original hebreu, o qual lê, *de terra senim*, como verte S. Jerome, Simaco, Aquila, Theodocion, o Siro, o Arabio, e todos, e é o mesmo que de *terra sinorum*, por ser este o modo de falar da lingoa hebreia, na qual os gallileus se chamam *galilim*, e os judeus *jebudim*, e os assirios *assurim*, e assim tambem os chinassou sinas, *senim*(1). E se replicarmos a este sentido, que a China não é terra austral, senão oriental, e que se não pôde verificar della o termo de *terra australi* ; respondem os mesmos auctores, que alludiu o Espírito Santo, que governava a pena de S. Jerome, á navegação dos portuguezes, os quaes quando vão para o Oriente, fazem a sua viagem direita ao austro, navegando ao Cabo da Boa Esperança : *Sinæ enim (dizem elles), qui proprie hic significantur, licet, sint ad Orientem, dici tamen possunt ad austrum : quia lusitani in sinas navigaturi, initio longo flexu navingant ad austrum, scilicet ex Lusitania usque ad promontorium bonæ spei, quod ultimum est in continente, et directe oppositum austro* (2).

De maneira, que como os portuguezes eram os que haviam de levar a fé á China, navegando ao austro ou sul, por isso o Espírito Santo chamou austral á China, não pelo sitio, senão pelo

(1) Apud. Alap. hic. ad versum 12 § Et mari.

(2) Alapid. hic. et § Verum dices usque ad § Agite ergo, et præcipue § Dices.

rumo da navegação. Da mesma conversão dos chinas faz outra vez menção Isaias no cap. 11 v. 14, o qual explica larga e eruditamente Maluenda, seguindo a Foreyro, ambos varões mui dou-tos da familia dominicana (1).

O mesmo propheta Isaias no cap. 60 : *Qui sunt isti, qui ut nubes volunt; et quasi columbae ad fenestras suas? Me enim insulæ expectant, et naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longe; argentum, eorum, et aurum eorum cum eis, nomini Domini Dei, tui, et Sancto Israel, quia glorificavit te. Et aëlificabunt filii peregrinorum muros tuos, et reges eorum ministrabunt tibi.* (Isai. LX — 8, 9 e 10) Nestas palavras está prophetizada admiravelmente a conversão das indias occidentaes; assim as explicam o mesmo Cornelio, Bozio, Aldrovando, e outros, com bem notaveis propriedades. Chama o propheta ás indias occidentaes, ilhas : *Me enim insulæ expectant* (2). Porque todas aquellas vastissimas terras, em quanto se tem descoberto, estão rodeadas de mar, e bastava para se chamarem assim, a immensidade de mares que as dividem do modo antigo; além de que estas terras no principio eram chamadas com o nome de Antilhas, como se lê na historia de seu descobrimento : as nuvens que voam a estas terras para as fertilisar : *Qui sunt isti, qui ut nubes volant,* são os prégadores do evangelho, levados do vento pelo mar como nuvens ; e chamam-se tambem pombas : *Et sunt columbae ad fenestras suas;* porque levam estas nuvens a agoa do baptismo sobre que desceu o Espirito Santo em figura de pomba, que são os dois termos que desde o principio do mundo andaram sempre juntos na significação do baptismo. No 1.º cap. do Genesis : *Spiritus Domini ferebatur super aquas :* (Gen. I — 3) e no 3.º de S. João : *Nisi quis renatus fuerit ex aqua, et Spiritu Sancto.* (Joan. III — 3) Mas o mesmo Bozio, e Aldrovando, ainda advertiram no nome e similitudão de pomba, outra propriedade mais aguda, tirada do descobrimento das mesmas indias, de cujas terras e navegação foi o primeiro descobridor Christovão Colombo

(1) Isai. cap. 11, v. 14, Apud. Alap. hic. vers. 16 § nota,

(2) Alapid. hic. et Bozius, Ulysses Aldrovandi ibi relati.

e dizem que a isto alludiu o propheta chamando Columbas, ou Columbos, a todos os que seguem a mesma derrota e navegação das indias : *Nomine columbae alludit ad Christophorum Columbam : qui nobis iter ad illas oras primus aperuit.* (1). Bem assim, ou muito melhor, e com mais verdade do que disseram os gentios, que os argonautas, quando fôrem conquistar o vello de oiro a Columbos, levaram por guia uma pombe :

*El qui movisti duo littora cum ruditis argus,
Dux erat ignoto missa columba mari.*

Prosp. lib. 2 eleg. 26.

Os Potosis e outras minas de prata e oiro, que juntamente com as almas para a egreja haviam de conquistar estes argonautas, tambem as não esqueceu o propheta : *Et adducam filios tuos de longe, argentum eorum, et aurum eorum cum eis.* Muito oiro, muita prata, e muitos filhos para a egreja, e tudo de muito longe : e porque não ficassem em silencio as frotas das indias : *Et navis maris in principio ; ou como lê Foreyro do hebreu ; Et naves maris cum primaria, seu prætoria :* que faziam esta navegação muitas náus, não divididas, senão em frota, com sua capitania.

Finalmente, que homens peregrinos edificariam os muros da egreja naquellas terras : *Et ædificabunt filii peregrinorum muros tuos ;* e que os ministros de tudo isto seriam os mesmos reis, como fazem com tanta piedade os reis catholicos : *Et reges eorum ministrabunt tibi.*

E' tambem illustre logar em Isaias, aquelle do cap. 41.º *Egeni, et pauperes querunt aquas, et non sunt : lingua eorum siti advehit. Ego Dominus exaudiam eos, non derelinquam eos. Aperiam in supinis collibus flumina, et in medio camporum fontes : ponam desertum in stagna aquarum, et terram inviam in rivos aquarum. Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum, et lignum olivæ : ponam in deserto abietem, ulmum, et buxum simul ; ut videant, et sciant, et recogient, et intelligent pariter,*

(1) Apud. A Lap. hic. § Quocirca.

quia manus Domini fecit hoc. (Isai. XLI — 17, 18, 19 e 20) Quantos pobres e miseraveis estão morrendo à seite por falta de agua, isto é, vivendo na gentilidade sem agua do baptismo? Mas eu (Diz Deus) que também sou Senhor destes, os ouvirei e não me esqueceréi delles: *Ego Dominus extulam eos: nestes seus montes e desertos secos e esterteis, abrirei fontes e rios mui copiosos; e por mais que essas terras sejam sem caminho, eu abrirei caminho por onde a ellas cheguem as aguas, de que tanto necessitam: Et terram inriam in rivos aquarum;* e d'onde atégora se não colheu fructo, eu farei que se colha muito copioso e de todo o genero: *Dabo in solitudinem cedrum, et spinam, et myrtum,* etc. Para que intenda e conheça o mundo quão poderoso sou, e que esta obra é de minha mão: *Ut videant, et sciant quia manus Domini fecit hoc* (1). São Cyrillo, São Jeronymo, Procopio e Theodoreto intendem este texto da conversão das gentilidades, que Deus havia de converter por meio da pregação do evangelho, mas não nos disseram que gentes estas fossem, ou houvessem de ser, porque as não conheciam; porém os doutores modernos nos dizem quaes elas são. O padre Cornelio depois do reverendissimo Claudio aquaviva geral da sua religião, diz assim: *Hoc etiam hodie in Japone, Brasilia, China, aliisque Indiarum provinciis impleri magna lætitia conspicimus* (2): que se cumpriu e está cumprindo esta prophecia no Japão, no Brazil, na China.

Atéqui andámos com Isaias pelas terras firmes; vamos agora às ilhas, que são as primeiras por onde os nossos descobrimentos começaram. No cap. 58.º falla Isaias das obras grandes, que fará o homem misericordioso; e como a maior obra e a maior misericordia de todas é tirar almas do inferno, como se tiram as dos gentios, quando por meio da luz da fé se lhes mostra o caminho da salvação, diz umas palavras o propheta, que bem ponderadas, de henhum outro homem se podem entender à letra senão do nosso insante santo D. Henrique, primeiro auctor dos descobrimentos portuguezes, cujo principal intento naquelle empresa,

(1) Omnes apud. A Lapid. hic § Dabo.

(2) P. Corn. ad XLIV. Isai. v. 19.º § Dabo in fine.

como dizem todas as nossas historias, foi o paro e piedoso zelo da dilatação da fé e conversão da gentilidade. As palavras de Isaias são estas: *Et edificabuntur in te deserta saeculorum, fundamenta generationis, et generationis suscitabis, et vocaberis aedificator sepium avertens semitas in qui etem.* (Isai. LVIII — 12) Em vós se povoarão os desertos dos séculos; vós lançareis os fundamentos de uma e outra geração; vós sereis chamado edificador das cercas, e fareis que os que sempre andam, tenham assento.

Taes foram em tudo as obras do infante D. Henrique, continuadas depois pelos reis de Portugal, que levaram adiante o que elle começou: primeiramente nelle e por elle se povoaram os desertos dos séculos, porque muitas ilhas, que desde o principio do mundo, por tantos séculos, estiveram desertas e inógnitas e despovoadas, como era a ilha da Madeira, as Terceiras, ou dos Açores, elle as descobriu, povoou e edificou, e de ilhas desertas que antigamente eram, estão hoje tão povoadas e populosas, e tão ennobrecidas de famosas cidades e sumptuosos edifícios: *Et edificabuntur in te deserta saeculorum;* e assim como nestas ilhas ermas e desertas lançou este glorioso principe os primeiros fundamentos da geração humana, fazendo que fossem povoadas de homens; assim em outras ilhas, que estavam povoadas de barbaros, como eram as Canarias, e de Cabo Verde, lançou também os fundamentos da geração divina, fazendo por meio da прégação e luxo do evangelho, que esses barbaros gentios conhecessem a Deus e fossem gerados em Christo: *Fundamenta generationis, et generationis suscitabis.* O meio que para esta segunda e mais importante geração tomaram os religiosissimos principes de Portugal, foi mandarem religiosos por todas as conquistas, de grande virtude e letras, fundando e edificando conventos de diversas ordens; e por isso diz o propheta, que seria chamado o primeiro auctor desta obra, edificador de cercas, que são, como aqui notam alguns expositores, as cercas e claustros das religiões: *Et vocaberis aedificator sepium* (1). Finalmente, não calla o propheta o fruto que desta santa industria se seguiu em todas estas gentilidades

(1) *A lap hic § Multo magis, et § Tales aedificatores.*

de barbaros, e foi, que andando de antes vagamente pelas brenhas, como animaes silvestres, se aquietassem e tomassem assento, e vivessem como homens, que isso quer dizer, *Avertens semitas in quietem*. Neste sentido tão proprio e litteral explica Bocio este texto de Isaias; mas antes que escreva as suas palavras, quero pôr aqui as do nosso João de Barros, referindo o que desta empreza do infante sentiam e murmuravam, os que lhes parecia inutil e infructuosa: —

« Os reis passados deste reino (diziam elles) sempre dos reinos alheios para o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoações, e elle quer levar os naturaes portuguezes a povoar terras ermas por tantos perigos do mar, de fome e sede, como vemos que passam os que lá vão: certo que outro exemplo lhe deu seu padre poucos dias ha, dando os maninhos de lavra junto a Coruche, a Lambert de Orches, allemão, que os rompesse e povoasse, com obrigação de trazer a elle moradores estrangeiros de Alemanha, e não mando: seus vassallos passar alem-mar, romper terras, que Deus deu por pasto dos brutos; e bem se viu quanto mais naturaes são para elles, que para nós, pois em tão poucos dias uma coelha multiplicou tanto, que os lançou fôra da primeira ilha, quasi como admoestação de Deus, que ha por bem ser aquella terra pastada de alimurias, e não habitada por nós; e quando quer que nessas terras de Guiné se achasse tanta gente como o infante diz, não sabemos que gente é, nem o modo de sua peleja; e quando fosse tão barbara, como sabemos que é a das Canarias, a qual anda de penedo em penedo ás pedradas como cabras contra quem os quer offendre; nós que proveito podemos ter de terra tão esteril e aspera, e captivar gente tão mesquinha? Certo nós não sabemos outro, senão virem elles encarecentar mantimento da terra, e comerem nossos trabalhos e por cobrarmos um comedor destes, perdermos os amigos e parentes. » — (Bar. Dec. 1.^a lib. 1.^o cap. 4.^o fl. 9.^a)

Isto é o que philosophavam e diziam os prudentes e politicos daquelle tempo, que sempre são os instrumentos mais apparelhados que o mundo e o demonio teem para impedir as obras de Deus: mas estas terras ermas foram as que pelo zelo e constan-

cia daquelle principe se vêem hoje tão povoadas, cultivadas e ricas: e estes barbaros, que como animaes andavam saltando de penedo em penedo, são os que hoje vivem com tanto assento, humanidade, ordem e politica christã, e não só elles, senão infinitos outros. As palavras promettidas de Bocio liv. 2.^º no cap. 7.^º são as que se seguem: *Idem perfectum videmus insulis, quas Terceras vocant, Hipaniæ in Oceano ad jacentibus Occidentem versus; similiter in Canariis, quas nomine promontorii viridis appellant Sancti Laurentii, Ascensionis, et in aliis, quæ Afriæ littora respiciunt: amplius cunctisque quas Oceanus aluit latissimis etiam regionibus Indiarum, sive Orientem, sive Occidentem solem, vel Austrum, Boream ve spectantibus idem contingit. Neque simis ulla hujusque appareat, oppida innumera, et civitates pulcher-rimæ passim conduntur, in quibus constituuntur cætus hominum, excitantur fundamenta generationis, et generationis eorum, qui bestiarum modo prius incertis sedibus vagabantur, et ins tabulis ipsis habitabant* (1). Atéqui este auctor doutissimo, o qual no mesmo liv. 2.^º cap. 3.^º explica muitos outros logares de Isaias, das ilhas que os portuguezes conquistaram para Christo, e nomeadamente de Ceylão, Maldivas, Zocotorá, Japão, Javas, Molucas e outras: chama a estas ilhas o propheta, ilhas de longe, como no cap. 49.^º *Audite insulæ, et attendite populi de longe*: (Isai. XLIX — 1) e no cap. 66.^º *ad insulas longe ad illos, qui non audierunt de me* (2): pelas quaes ilhas intendiam todos antigamente Italia e Hespanha, por estarem quasi cercadas uma do Mediterraneo; outra do Oceano; mas verdadeiramente nem são ilhas, senão terra firme; nem se pôdem chamar de longe em comparação das que depois descobrimos, e com toda a propriedade são ilhas, e ilhas de muito longe

Pónhamos fim a Isaias com um celebradissimo texto do cap. 18.^º, o qual foi sempre julgado por um dos mais difficultosos e escuros de todos os prophetas, e é este: *Væ terræ cymbalo alarum, quæ est trans flumina Æthiopice, qui militit in mare lega-*

(1) *Bosius tom. 2. signo 88. Apud A Lap. hic § Ulterius.*

(2) *Idem LXVI — 19. D. Hic. A Lap. § Italiu.*

tos, et in vasis papyri super aquas. Ite angeli velocias ad gentem convulsam et dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est alius; ad gentem expectantem, et conculcatam, cuius diripuerunt flumina terram ejus. (Isai. XVIII — 1)

Trabalharam sempre muito os interpretes antigos por acharrem a verdadeira explicação e applicação deste texto; mas nem atinaram, nem podiam atinar com ella, porque não tiveram noticia nem da terra, nem das gentes de que fallava o propheta. Os commentadores modernos acertaram em commum com o intendimento da prophecia, dizendo que se intende da nova conversão á fé daquellas terras e gentes tambem novas, que ultimamente se conheceram no mundo com o descobrimento dos antipodas; e notaram alguns com agudeza e propriedade, que isso quer dizer a energia da palavra: *Ad gentem conculcatam* (1): gente pizada dos pés, porque os antipodas, que ficaram debaixo de nós, parece que os trazemos debaixo dos pés, e que os pizámos; mas chegando mais de perto á gente e terra, ou província, de que se intende a prophecia, tambem os modernos não acertaram atégora com o sentido proprio, germano, e natural della, e este é o que nós havemos de descobrir, ou escrever aqui, pelo havermos recebido de pessoa dourta e versada nas escripturas, que havendo visto as gentes, pizado as terras, e navegado as aguas de que falla este texto, acabou de o intender, e verdadeiramente o intendeu, como veremos, e verão melhor os que tiverem lido as exposições antigas e modernas delle.

Cornelio teve para si, que falla o propheto de Ethiopia e do Preste João: mas Ethiopia não está além de Ethiopia, como diz o texto. Maluenda, com os outros que cita, intende dos chinas e japões, e applica á navegação dos portuguezes (2). Paraphraste Caldeu por estas palavras: *Chaldeus interpres hæc verba Isaiae in hunc modum reddidit: Væ, terræ ad quam veniunt cum naviibus à terra longinqua, et vela sua extendunt, ut Aquila volans*

(1) Legionensis, et Montan. in Abdiam in fine. Forerius hic. Vrab. et Bosius tom. 2. de natu Ecclesia lib. 20. sig. 4.

(2) Corn. hic. & Verum nec. Maluenda hic.

alis suis appositis in Indianam, que quondam remotarum gentium frequentibus navigationibus petebatur, et nunc ab extremo Occidente lusitanorum victricibus classibus aditur; que etiam ipsas sinarum oras prætervectæ Japonorum insulas tenent. Mas esta exposição e a de Mendonça e Rebello (que intendem o texto geralmente da India Oriental) tem contra si tudo o que logo diremos. José da Costa, tão versado nas escripturas como na geografia e na historia natural das indias occidentaes, Ludovico Legionense, Thomaz Rosio, Arias, Montano, Frederico, Lumnio, Martim del Rio, e outros dizem (e bem), que fallou Isaias da America e Novo Mundo; e se prova facil e claramente (1). Porque esta terra que descreve o propheta, está além da Ethiopia: *Transflumina Aethiopias*; e é terra depois da qual não ha outra: *Ad populum post quem non est aliis.* Estes dois signaes tão manifestos só se pôdem verificar da America, que é a terra que fica da outra banda da Ethiopia, e que não tem depois de si outra terra senão o vastissimo mar do Sul. Mas porque Isaias nesta sua descripção põe tantos signaes particulares, e tantas differenças individuantes, que claramente estão mostrando que não falla de toda a America, ou Mundo Novo em commun, senão de alguma provincia particular delle; e os auctores allegados nos não dizem que provincia esta seja, será necessario que nós o digamos, e isto é o que agora hei de mostrar.

Digo primeiramente, que o texto de Isaias se intende do Brazil, porque o Brazil é a terra que direitamente está além e da outra banda da Ethiopia, como diz o propheta: *Quæ est transflumina Aethiopias, ou como verte e commenta Vatablo: Terra, quæ est sita ultra Aethiopiam: (quæ Aethiopia scatet fluminibus)* e o hebreu ao pé da letra tem *de transflumina Aethiopias.* (Apud. A Lap. hic.) A qual palavra (*de trans*) como notou Maluenda, é hebraismo, simulhante ao da nossa lingua. Os hebreus dizem (*de trans*), e nós dizemos, *detraz;* e assim é na geographia destas terras, que em respeito de Jerusalem considerado o circulo que

(1) Omnes citantur à P. del Rio Adagio 723 Refert. A Lap. § Voe in fine.

faz o globo terreste, o Brazil fica immediatamente detraz de Ethiopia.

Diz mais o propheta, que a gente desta terra é terrivel : *Ad populum terribilem* ; e não pôde haver gente mais terrivel entre todas as que tem figura humana, que aquella (quaes são os Brazis) que não só matam seus inimigos, mas depois de mortos os despedaçam, e os comem, e os assam, e os cozem a este fim, sendo as proprias mulheres as que guizam e convidam hospedes a se regalarem com estas inhumanas iguarias ; e assim se viu muitas vezes naquellas guerras, que estando cercados os barbaros, subiam as mulheres ás trincheiras, ou palissadas, de que fazem os seus muros, e mostravam aos nossos as panelas em que os haviam de cozinhar. Fazem depois suas frautas dos mesmos ossos humanos, que tangem e trazem na boca, sem nenhum horror, e é estylo e nobreza entre elles não poderem tomar nome senão depois de quebrarem a cabeça a algum inimigo, ainda que seja a alguma caveira desenterrada, com outras ceremonias crueis, barbaras, e verdadeiramente terriveis : em logar *de gentem conculcatam*, lê o Siro, *Gentem depilatam* (1) : gente sem pelo ; e taes são tambem os brazis, que pela maior parte não tem barba, e no peito e pelo corpo tem a pelle liza e sem cabello, com grande differença dos europeos.

Estes são os signaes communs que nos aponta o propheta daquelle terra e gente ; mas porque assignala miudamente outros mais particulares, e que não conveem a toda a gente e terra do Brazil, é outra vez necessario que nós tambem declaremos a provincia e gente em que elles todos se verificam ; e esta gente e esta provincia, mostraremos agora que é a que com toda a propriedade chamamos Maranhão, que por ser tão pouco conhecida, e menos nomeada nos escriptores, não é muito que a falta de suas notícias lhe tivesse atégora escurecido e divertido a honra deste famoso oraculo do mais illustre propheta, que tão expressamente tinha fallado nesta gente.

Diz pois o propheta, que são estes homens uma gente, a quem

(1) A Lap. hic § Ad gentem.

os rios lhe roubaram a sua terra : *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.* E é admiravel a propriedade desta diferença, porque em toda aquella terra, em que os rios são infinitos, e os maiores e mais caudalosos do mundo, quasi todos os campos estão alagados e cobertos de agua doce, não se vendo em muitas jornadas, mais que bosques, palmarcs e arvoredos altissimos, todos com as raizes e troncos mettidos na agua ; sendo rarissimos os logares por espaço de cento, duzentas, e mais legoas, em que se possa tomar porto, navegando-se sempre por entre arvores espessissimas de uma e outra parte, por ruas, travessas e praças de agua, que a natureza deixou descobertas, e desempedidas do arvoredo ; e posto que estes alagadiços sejam ordinarios em toda aquella costa, vê-se este destroço e roubo, que os raios fizeram á terra, muito mais particularmente naquelle vastissimo archipelago do rio chamado Orelhana, e agora das Amazonas, cujas terras estão todas senhoreadas e asfogadas das aguas, sendo muito contados e muito estreitos os sitiós mais altos que elles, e muito distantes uns dos outros, em que os indios possam assentar suas povoações, vivendo por esta causa não immediatamente sobre a terra, senão em casas levantadas sobre esteios a que chamam juráus, para que nas maiores enchentes passem as aguas por baixo, bem assim como as mesmas arvores, que tendo as raizes e troncos escondidos na agua, por cima della se conservam e apparecem, differindo só as arvores das casas, em que umas são de ramos verdes, outras de palmas séccas.

Desta sorte vivem os nhengaibas, guaianás, maianás e outras antigamente populosas gentes, de quem se diz com propriedade que andam mais com as mãos que com os pés, porque apenas dão passo que não seja com o remo na mão, restituindo-lhe os rios a terra que lhes roubaram, nos frutos agrestes das arvores de que se sustentam ; cuja colheita é muito limpa, porque cãem todos na agua ; e em muita quantidade de tartarugas e peixes-bois, que são os gados que pastam naquelle campos, além de outro peccado menor, e alguma caça de aves e montaria de porcos, que nos mesmos logares sobre aguados entre os lodos e raizes das arvores se leva nos frutos dellas ; e nota o propheta que não é rio, senão

rios, os que isto fazem, porque ainda que o rio das Amazonas tenha fama de tão enorme grandeza, toda esta se compõe do concurso de muitos outros rios, que todos desembocam n'elle, ou juntamente cõm elle, communicando e confundindo em si as aguas, e como unindo e conjurando as forças para este roubo que fizeram áquelle terra : *Cujus diripuerunt flumina terram ejus.*

Continúa Isaias a sua descripção, e diz, que os habitadores desta província são gente arrancada e despedaçada, e só o Espírito Santo poderá recopilar em duas palavras a historia e ultima fortuna daquelle gente. Quando os portuguezes conquistaram as terras de Pernambuco, desenganados os indios (que eram mui valentes, e resistiram por muitos annos), que não podiam prevalecer contra as nossas armas, uns delles se sujeitaram ficando em suas proprias terras; outros com mais generosa resolução, e determinados a não servir, se metteram pelo sertão, onde ficaram muitos; outros caindo para a parte do mar, vieram sair ás terras do Maranhão, e alli como soldados tão exercitados com o mais poderoso inimigo, fizeram facilmente a seus habitadores, o que nós lhes tinhamos feito a elles.

Desta peregrinação e desta guerra se seguiram naquelle gente os dois efeitos que signala Isaias, ficando uma e outra gente arrancada e despedaçada: os vencedores arrancados, porque os tinham lançado de suas terras os portuguezes; e tambem despedaçados, assim porque foram ficando a pedaços em varios sitios, como porque depois da victoria lhés foi necessário, para conservarem o violento domínio, dividirem-se em colonias mui distantes uns dos outros. Os vencidos tambem ficaram arrancados, porque os *topinambás*, (que assim se chamavam os pernambucanos) os arrancaram de suas patrias; e tambem e com muito maior razão despedaçados, porque não podendo resistir, muitos delles fugiram em magotes pelos matos, e pelos rios, tomando diferentes caminhos, onde fizram assento, não sem novos inimigos que ainda mais os despedaçassem; assim que uns e outros ficaram gente arrancada, e uns e outros gente despedaçada: *Gentem conculcam, et dilaceratam.*

Conhecidos já pela fortuna os descreve o propheta, e muito

particularmente pelo exercicio e arte da navegação, em que eram e são os maranhões mui signalados entre os indios, por serem elles, ou os primeiros inventores da sua nautica, como gente nascida e mais creada na agua, que na terra ; ou certamente, porque com sua industria adiantaram muito a rudeza das embarcações barbaras, de que os primeiros usavam ; tanto assim, que a principal nação daquelle terra, tomando o nome da mesma arte de navegar, e das mesmas embarcações em que lá navegavam, se chamam *igaruanas*, porque as suas embarcações, que são as canoas, se chamam na sua lingua *igara*, e desta nome *igara* derivaram a denominação de *igaruanas*, como se dissessemos, os náuticos, os artifícies, ou os senhores das náus. Diz pois Isaías, que esta gente de que falla é um povo : *Qui mittit in mare legatos, et in vasis papyri super aquas* : Que manda de uma parte para outra seus negociantes em vasos de cascas de arvores sobre as aguas.

As palavras do propheta todas teem mysterio, e todas declararam muito a propriedade da gente de que falla. Diz que as manda o povo, com quem concorda o relativo *qui* ; porque é gente que não tem reis, mas o mesmo povo e a mesma nação é a que elege aquelles que lhes parece de melhor talento, assim para os negócios da paz, como para os da guerra ; que tudo isso quer dizer a palavra *legatos*, como se pôde vér nos auctores da lingua latina. Diz mais que vão sobre as aguas em vazos de cascas de arvores, porque esta era a materia e fabrica de suas embarcações. Depois que tiveram uso do ferro, cavam os troncos das arvores e fazem de um só madeiro muito grandes canoas, de que o auctor desta explicação viu alguma que tinha dezesete palmos de boca e cento de comprimento ; mas antes de terem ferro despiam estes mesmos madeiros, cujos troncos são muito altos e direitos, e tirando-lhes as cascas assim inteiras, dellas formavam as suas embarcações : e não faz duvida dizer o propheta que estas embarcações iam ao mar : *Qui mittit in mare* ; porque além de entrarem com elles pelo mar Occeano, o mesmo archipelago, que dizemos, de agua doce, se chama na sua lingua por sua grandeza *mar*, e d'aqui veio o nome que os portuguezes lhe puzeram de Gram-Pará ou Mara-

nhão, o que tudo quer dizer, *mar grande*, porque *Pará* significa mar.

Do que temos dito atéqui ficará mais facil de intender aquelle grande enigma do propheta, que está nas primeiras palavras deste texto : *Vae terræ cymbalo alarum* ; o qual foi sempre o que maior trabalho deu aos interpretes e os obrigou a dizerem coisas mui violentas e impropias, como aquelles que fallavam a adivinhar, e não adivinhavam nem podiam. Os setenta interpretes em logar de *terræ cymbalo alarum*, lêram *terræ navium alis* (1); e uma e outra coisa significam as palavras de Isaias ; porque os nomes hebreus de que estas versões foram tiradas, teem ambas as significações, e querem dizer : Ai da terra que tem navios com azas : ou, ai da terra que tem sinos com azas : se são sinos, como são navios, e se são navios, como são sinos ? Esta difficultade foi atégora o torcedor de todos os intendimentos dos expositores sagrados de 1600 annos a esta parte : mas como podia ser que intendessem o enigma da terra, senão tinham as notícias, nem a lingua della ? Para intelligencia do verdadeiro intendimento deste texto, ou enigma, se ha de suppor que a palavra latina *cymbalum*, com que significamos os nossos sinos de metal, significa tambem qualquer instrumento com que se faz som e estrondo ; e taes eram os cymbalos de que usavam antigamente os gentios, que se chamavam por nomes particulares *sistras crotalos*, ou *crepitatulos*, e por nome geral *cymbalos*. Assim o explicou eruditamente Carpenteio, vertendo em verso este mesmo logar de Isaias :

*Vae tibi, quæ reducem sistris crepitantibus apim
Concelebras, crotalos, et inania cymbala pulsas.*
Vib. A Lap. hic § tert.

Tambem se ha de suppor que os maranhões usavam de uns instrumentos a que chamavam *maracás*, não de metal, porque

(1) Apud. A Lap. hic § tertio.

o não tinham, senão de cabaços, ou cocos grandes, unde tro dos. quae mettiam seixos ou caroços de varias frutas duros e accommodados a fazer muito estrondo e ruido, servindo-se dos menores nas festas e nos bailes, e dos maiores nas guerras. Estes *maracus* eram propriamente os seus cymbalos, ou sinos, tanto assim, que depois que viram os sinos de que^o nós usamos. lhes chamam *itamaracas*, que quer dizer, *maracas* ou siuos de metal.

Isto supposto, o expositor que mais foi rastejando o sentido verdadeiro que podia ter este enigma, foi Gabriel Palacio, o qual no Commentario litteral deste logar de Isaias diz assim : *Fortasse indicus usus nominis cymbali antiquitus inolevit apud hebreos tempore Isaiæ*. Por ventura (diz elle) que no tempo de Isaias as embarcações dos indios se chamariam entre os hebreus sinos : e porque não seria antes, digo eu, que se chamassem sinos, ou tomassem nome de sinos as embarcações dos indios, de que Isaias fallava, não porque este nome fosse usado entre os hebreus, senão entre os mesmos indios ? Assim era, e assim é, e deste modo fica decifrado e intedido o antiquissimo e escrissimo logar e enigma de Isaias.

As maiores embarcações dos maranhões chamam-se *maracatim*, derivado o nome da palavra *maraca*, que, como dissemos, significa entre elles *sino* : e a razão de darem este nome ás suas maiores embarcações era porque quando iam ás batalhas navaes, quae eram ordinariamente ás suas, punham na proa um destes maracas muito grandes atados aos gorúpezes, ou páus compridos, e bolindo de industria com elles, além do movimento natural das canoas, e dos remeiros, faziam um estrondo barbaramente bellico e horrivel ; e porque a proa da canoa se chama *tim*, tirada a metaphora do nariz dos homens, ou do bico das aves, que teem o mesmo nome, e juntando a palavra *tim* com a palavra *maraca*, chamavam áquellas canoas, ou embarcações maiores, *maracatim* ; e este nome usam ainda hoje, e com elle nomeam os nossos navios. Nem mais, nem menos, que os romanos ás suas galés de guerra deram nomes de *rostratas*, pelas pontas de ferro agudas que levavam nas proas, tirado tambem o nome, ou metaphora, dos bicos das aves, que chamam *rostros*.

Assim que vem a dizer Isaías, que a terra de que fala, é terra que usa embarcações, que teem nome de sinos ; e estas são pontualmente os maracatins dos maranhões.

Mas não está ainda explicada toda a dificuldade, ou propriedade do enigma, porque diz o propheta que estas embarcações, ou estes sinos, eram sinos e embarcações com azas : *Cymbalo alarum : navium alis.* Os expositores todos dizem que estas azas eram as velas das embarcações, e que são as azas dos navios, conforme o poeta : *Velorunt pandimus alas.* A qual explicação podéra ser bem admittida, se não tivera a propria e verdadeira ; sendo certo que o propheta não havia de dar por signal e divisa daquellas embarcações uma coisa tão *communum* e universal em todas.

Digo pois que fala o texto de verdadeiras azas de aves. Como aquelles gentios não tecem, nem teem pannos, é grande entre elles o uso das pennas pela formosura das cores com que a natureza vestiu os passaros, e particularmente o chamado *guarás*, de que ha infinita quantidade, grandes e todos vermelhos, sem mistura de outra cõr ; destas pennas se enfeitam quando se querem pôr bizarros, e principalmente quando vão á guerra, ornando com elles todo o genero de armas, porque não só levam empennadas as settas, senão tambem os arcos e rodelas, e as partazanas de pau e pedra, que chamam *fanga-penas* ; e quando a guerra era naval, empavezavam-se as canoas com azas vermelhas dos guarás, e as mesmas levavam penduradas dos gorupezes e maracas das proas ; e por isso o propheta diz que todes estas coisas via e notava como tão novas : chamou as lanças sinos e sinos com azas : *Navium alis, cymbalo alarum.*

E porque não saltasse a esta terra a demarcação, ou arrumação, como dizem os geographos, da sua altura, onde a vulgata leu, *gentem expectantem expectantem* (1), a propriedade da letra hebrea, como diz Foreyro, Pagnino, Vatable, Sanchez, e outros muitos tão geralmente : *Gentem lineæ lineæ*, gente da linha de linha ; porque os maranhões são aquelles que além da

(1) Vide. A Lap, hic §. Adgen tem.

Ethiopia ficam pontual e perpendicularmente bem debaixo da linha equinocial, que é propriedade por todos os titulos admiravel; e assim como a palavra *lincae*, se repele, está tambem repetida no mesmo texto a palavra *expectantem*: com que vem a concluir o propheta o seu principal e total intento, que é exhortar os pregadores evangelicos a que vão ser anjos da guarda daquelle triste gente, que tanto ha mister quem a encaminhe, como quem a defenda: *Ite angeli velocias ad gentem expectantem, expectantem*: gente que está esperando, esperando; porque entre todas as gentes do Brazil os maranhões foram os ultimos a quem chegaram as novas do evangelho e o conhecimento do verdadeiro Deus, esperando por este bem, que tanto tardou a todos os americanos, mais que todos elles. No Brazil se começoou a pregar a fé no anno de 1550 em que o descobriu Pedro Alvares Cabral; e no Maranhão no anno de 1615 em que o conquistou Alexandre de Moura; esperando mais que todos os outros Brazis sessenta e cinco annos: mas hoje estão ainda em peior fortuna, padecendo aquelle *væ* do propheta: *Væ terræ cymbalo calarum*; porqne o estado da esperança se lhes tem trocando no de desesperação: e esperam de se salvar os que de tantos danos e danos são causa?

Muito largos temos sido na exposição deste texto, mas foi assim necessário por sua difficultade, e por não estar até hoje intedido: deixo muitos outros logares do propheta Isaias, o qual verdadeiramente se pôde contar entre os chronistas de Portugal, segundo falla muitas vezes nas espirituales conquistas dos portuguezes, e nas gentes e nações que por seus pregadores se converteram á fé; que o primeiro e principal intento que nelles tiveram nossos piedosissimo reis, como se pôde ver do que d'el-rei Dom Manuel, d'el-rei Dom João o I!, do infante Dom Henrique, d'el-rei Dom João o III, e d'el-rei Dom Sebastião escrevem seus historiadores.

O propheta Abdias em um só capitulo que escreveu tambem falhou das conquistas de Portugal: *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est, possidebit civitates Austri.* (Abd. — 20) A palavra hebrea *Sepharad*, de quem São Jeronimo verteu *Bosphoro*,

significa, *termo, limite e fim* (1). Esta mesma palavra *Sepharad* é nome com que os hebreus chamam a Hespanha; porque em Hespanha está o estreito que devide a Europa de Africa e Hespanha era o *termo, limite e fim*, que os antigos conheciam no mundo, como testimunham de uma parte as columnas de Hercules, e de outra o cabo de *Finis Terræ*, que são as duas balizas, que tem no meio a Portugal. Toda a explicação é *commum*, e certa entre todos os auctores mais peritos da lingua hebraica, Vatablo, Pagnino, Brugense, Arias, Lizano, Isidoro, Clario e os demais (2). Diz agora o propheta Abdias, que a transmigração de Jerusalem, que passou a Hespanha, viria tempo em que possuisse as cidades do Austro.

Mas sobre a transmigração de Jerusalem, de que Abdias falla, ha duas opiniões entre os auctores. Arias Moutano, Frei Luiz de Leon, Malvenda e outros, teem para si, que falla da transmigração de Nabucodonosor, o qual tendo conquistado a Jerusalem, e passado seus habitadores para Babylonia, d'allí mandou parte delles para Hespanha, por ser parte desta província conquista sua, como refere Josepho, Estrabo, e outros graves auctores; e que veio o mesmo Nabuco em pessoa a fazer esta guerra (3). Destes hebreus, ou desterrados, ou trazidos por Nabuco, ficaram muitos em Hespanha, pela qual fortuna (como notou Santo Agostinho na morte dos infantes de Belem) não tiveram parte na morte de Christo (4), e conservavam suaa ntiga nobreza, e delles como escrevem muitas historias de Hespanha, foi fundação a insigne cidade de Toledo, Maqueda, Escalona, e outras (5). Assim querem tambem que de Nabuco traga seu appellido a illustre familia dos Ozorios. Desta transmigração pois (diz Montano, e os mais acima allegados) se ha de intender o texto de Abdias; e como o propheta propria e litteralmente fallava neste logar do mesmo capitulo

(1) D. Hier. hic. apud. A Lap § Et transmigratio.

(2) A Lap. hic § Porro Heb e § Porro Sepharad.

(3) Joseph. lib. 11, antiquit cap. 11.

(4) D. Aug. serm. 1 de Innocent.

(5) Histor. del Patrocinio de la Virgen.

veiro de Babylonia, é consequencia muito ajustada, que da prophecia do desterro passou para consolação dos mesmos desterrados a uma felicidade tão estranha, que dellas havia de ter principio, qual é a que logo diremos.

Nicoláu de Lyra, Vatablo, Fervordencio, e outros, intendem por esta transmigração de Jerusalem, a que fez Christo mandando daquellea cidade, e espalhando por todo o mundo seus apostolos, entre os quaes coube Hespanha a Santiago, e elle por meio de seus discípulos a converteu toda á fé, e desterrou della a gentilidade : *Et transmigratio Hierusalem, quæ in Bosphoro est* (diz Lyrano) *in hebreo habetur Sapharad, id est in Hispania, ubi dicit Rabbi Salomon quod fuit impletum per Jacobum apostolum, et ejus discipulos, ubi fidem Christi primitus prædicantes, et colla gentium subjugantes, etc.* E cumprida em Santiago a transmigração de Jerusalem, que é a primeira parte da prophecia, em seus discípulos, que são os que em Hespanha receberam e conservaram sempre a fé que elle lhes tinha prégado, se cumpriu a segunda parte della ; sendo estes os que depois de tantos séculos vieram a dominar e possuir as regiões do Austro : *Possidebunt civitates Austri* (1) Assim o intendem tambem, seguindo esta segunda exposição, Cornelio, José da Costa, Antonio Caraciolo, e outros ; de maneira que todos estes autores concordam em que a prophecia da conquista das regiões do Austro se intende de Hespanha ; e discordam só na intelligencia da transmigração de Jerusalem, intendendo uns, que é a de Nabuco pelos Judeus passados á Hespanha ; e outros, que é a de Christo pelos apostolos, quando vieram prègar a ella : mas eu conciliando facilmente estas duas opiniões, e mostrando que a prophecia se intende mais particularmente de Portugal, digo que falou o propheta de uma e outra transmigração, porque de ambas as transmigrações foram os primeiros ministros da fé que a plantaram em Portugal, d'onde ella depois tão felizmente se transplantou ás regiões do Austro. O fundamento que tenho parra assim o dizer, porei aqui com as palavras do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, o qual na primeira

(1) Cost. lib. 1, Histor. cap. 15, Alapid. § hic. Mysticae.

parte da Historia Ecclesiastica Bracharense, fallando do apostolo Santiago, diz desta maneira :

« Entrou em Braga o santo apostolo, e para entrar com es-
 « trondo de trovão (cujo filho o chamára Christo Nosso Senhor)
 « se foi a uma sepultura celebre, onde jazia enterrado de seiscen-
 « tos annos um santo propheta, judeu de nação, e que alli viera
 « dar com outros captivos mandados de Babylonia por Nabucodo-
 « nosor, chamado Malachias, o velho, ou Samuel, o moço ; e em
 « presença de infinito povo, chamando por elle o resuscitou em
 « nome de Jesus Christo, a quem vinha prégar e publicar por ver-
 « dadeiro Deus ; baptisou-o pouco depois, e dando-lhe o nome de
 « Pedro, o escolheu e tomou por primeiro e principal de todos
 « os seus discípulos(1). » Atéqui esta maravilhosa historia, tirada de
 auctores e memorias mui antigas, e particularmente de uma carta
 de Hugo, bispo do Porto, e dos fragmentos de Santo Athanasio,
 bispo de Saragoça, o qual conheceu ao mesmo Pedro resus-
 citado, e escreveu o caso quasi pelas mesmas palavras, que por
 isso não traduzimos, e são as seguintes : *Ego novi sanctum
 Petrum primum Bracharensem episcopum, quem antiquum pro-
 phetam suscitavit sanctus Jacobus filius Zebedæi, magister meus.
 Hic venerat cum duodeim tribub s missis à Nabuchodonosor in
 Hispaniam Hierosolymis duce Nabucho Cerdan, vel Pyrrho his-
 paniarum præfectoro* (2).

De sorte que ambas as transmigrações de Jerusalem concor-
 rem para a fé de Portugal : a de Christo com o apostolo Santiago,
 e a de Nabuco com o apostolo Malachias, depois chamado vul-
 garmente S. Pedro de Rates, que foi a pedra fundamental depois
 do sagrado apostolo da egreja de Portugal. Os filhos desta egreja,
 e herdeiros desta fé, foram os que d'alli a tantos annos domina-
 ram com os estandartes della as cidades e regiões do Austro, que
 são propriissimamente as que correm de uma e outra parte do
 Oceano Austral, á parte direita pela costa da America ou Brazil,
 e á esquerda pela costa de Africa á Ethiopia, cuja rainha Sabbá

(1) Cunha Histor. Brach. part. 1 cap. 4. num. 2.

(2) Francis. Bivar, in Chronicon Lucii Dextriad annum Christi
 37 n. 2. comment. 1.

chamou Christo : *Regina Austri* (1); e estas são as terras de que no commento deste texto faz menção Cornelio : *Americam, Brasiliacam, Africam, Ethiopiam*. Assim se cumpriu nos portuguezes a prophecia de Abdias : *Transmigratio, quæ est in Hispania, possidebit civitates Austri*. E esperamos que seja novo complemento della o dominio da terra indomita geralmente chamada *Terra Austral*.

O Cantico de Habacuc, que é a materia de todo o 3.^º cap., e ultimo deste propheta, tem por assumpto o triumpho de Christo, com que por meio da sua cruz triumphou um dia da morte, do demonio, e do peccado, e depois em varios tempos foi triumphando da idolatria e da gentilidade, conforme a disposição da sua Providencia. A parte maritima deste triumpho, que tambem foi naval, pertence principalmente aos portuguezes, por meio de cuja navegação e prégação sujeitou Christo á obediencia de seu imperio tantas gentes de ambos os mundos. Isto quer dizer o propheta no v. 8.^º : *Ascendes super equos tuos : et quadrigæ tuæ salvatio*. (Habac. III — 8) E no v. 15.^º : *Viam fecisti in mari equis tuis, in luto aquarum multarum*. Que abriu Christo caminho pelo mar á sua cavalleria, para que pizasse as ondas, e que a guerra que com esta cavalleria havia de fazer, não era para matar os homens, senão para os salvar, e salvando-os, triumphar delles : *Equitatio tua salus ; hoc est, evangelistæ tui portabunt te* (2), diz Santo Agostinho, e verdadeiramente não se podia dizer coisa mais apropriada aos portuguezes. Os portuguezes foram aquelles cavalleiros a quem Christo abriu o primeiro caminho pelo mar : *Viam fecisti in mari equis tuis*. Os portuguezes, aquelles cavalleiros que pizaram as ondas do mar, como os cavallos pizam o lodo da terra : *In luto aquarum multarum* ; e as náus dos portuguezes, aquellas carroças que levaram pelo mar a fé e a salvação : *Et quadrigæ tuæ salvatio* : e a primeira empreza e victoria desta cavalleria de Christo foi a sujeição do mesmo mar bravo, soberbo, furioso, e indignado, que, ou Christo lh' o sujeitou a el-

(1) Matth. cap 12 v. 42, Alp. hic § Mysticae.

(2) D. Aug. de Civitat. Dei lib. 18 cap 32.

les, ou elles o sojeitaram tambem a Christo, para que os reconhecesse e adorasse : o mesmo propheta o disse assim : *Numquid in mari indignatio tua?* (Habac. III — 8) Por ventura, ó Senhor, ha de ser eterna a vossa indignação no mar ? E responde a esta sua pergunta, que o mar submeteria suas ondas : *Gurges aquarum transiit* : (Ibid. — 10) que os abyssos confessariam a potencia de Christo a vozes : *Dedit abyssus vocem suam* ; (Ibid.) e que as suas alturas ou profundidades, com as mãos levantadas o adorariam e reconheceriam por Senhor : *Altitudo manus suas levavit* ; e esta foi a primeira victoria de Christo, e este da sua cavalleria o primeiro triumpho.

Mas para que se veja o grande mysterio desta metaphora de cavalleria de Christo, de que usou o propheta (deixando á parte haver sido esta empreza dos primeiros descobrimentos e conquistas dos portuguezes), por si mesma, e na opinião do mundo tem cavalleria, que não só os mesmos portuguezes, senão ainda os estrangeiros, faziam grande apreço de se armarem nella cavalleiros, como lemos que o fizeram alguns de Alemanha e Dinamarca. (Faz muito ao caso advertir o que escreve o nosso insigne historiador destas conquistas, que quero pôr aqui por suas proprias palavras) « Mas ainda foi ácerca delle (*falla do infante D. Henrique*) « outra coisa muito mais efficaz, que era a obrigação do cargo e « administração que tinha de governador da ordem da cavalleria « de Nosso Senhor Jesus Christo, que el-rei D. Diniz seu tresavô « para esta guerra dos infieis ordenou, e novamente constituiu : » e mais abaixo no mesmo cap., que é o 2.º do liv. 1.º, Decada 1.ª : « Assentou em mudar esta conquista para outras partes mais re- « motas de Hespanha, do que eram os reinos de Féz e Marrocos, « com que a despeza deste caso fosse propria delle, e não taxada « por outrem ; e os meritos de seu trabalho ficassem mettidos na « ordem e cavalleria de Christo que elle governava ; de cujo the- « souro podia despender. » De sorte, que dizer o propheta que Christo havia de abrir caminho no mar á sua cavalleria, e que a empreza desta cavalleria, havia de ser a salvação das almas, não só tem a formosura de metaphora, senão a propriedade do caso, e a verdade da historia e cumprimento da prophecia ; pois verdadeira-

mente esta admiravel empreza foi obra, não de outro principe, senão de um que era propriamente administrador e governador da ordem da cavalleria de Christo, e feita, não com outras despezas, senão com as rendas e thesouros da mesma cavalleria, e serviços e merecimentos proprios della.

E porque o maior ministro do evangelho que se embarcou nas carroças desta cavalleria, para levar a salvação ás terras e gentes que ella descobriu e conquistou, foi o grande apostolo da India S. Francisco Xavier, cujos primeiros trabalhos foram os da navegação da costa de África, e прégação da fé em Moçambique; é coisa memoravel e muito digna de se referir neste lugar, que também elle foi cavalleiro da mesma ordem. Na historia do padre Marcello Mastrilli, a quem S. Francisco Xavier restituuiu milagrosamente a vida, para que a fosse dar por Christo no Japão, onde padeceu glorioso martyrio, se conta uma visão, em que o mesmo santo apostolo appareceu vestido com o manto branco da ordem de Christo, e com cruz vermelha no peito, como insigne cavalleria desta santa cavalleria, e que tanto adiantou em nossos conquistas a gloria de sua empreza: singular prerogativa por certo da ordem dos cavalleiros de Christo de Portogal, não havendo outra entre todas as da christandade, se possa gloriar de ter tão illustre cavalleiro, nem de que sobre os dotes da gloria se vestisse o seu manto e a sua cruz; mas todo este favor do céu merece uma cavalleria, que tanto mar, tanto mundo, e tantas almas conquistou para o mesmo céu.

Para confirmação de tudo isto, e para que os portuguezes conheçam quando devem a Deus, pelos escolher para instrumentos de obras tão admiraveis, e para que se não admirem quando lhes dissermos que os tem escolhido para outras maiores, não pôde haver melhor testemuño, que o proemio do mesmo propheta, com que deu principio a este cantico triumphal das victorias de Christo: *Domine (começa elle) audiri auditionem tuam, et timui. Domine opus tuum, in medio annorum vivifica illud. In medio annorum notum facies: cùm iratus fueris, misericordiae recordaberis.* (Habac. III—1 e 2) Quando Deus revelou ao propheta e quando ouviu sua boca o que havia de fazer nos tempos vindoi-

ros, diz que ficou cheio de temor e assombro (assim o interpretaram os setenta, acrescentando por modo de glosa no mesmo texto: *Consideravi opera tua, et expavi*) (1) Porque não houve obra de Deus depois do principio e criação do mundo, que mais assombrasse e fizesse pasmar aos homens, que o descobrimento do mesmo mundo, que tantos mil annos tinha estado incognito, e ignorado ; nem que maior nem mais justo temor deva causar, aos que bem ponderarem esta obra, que a consideração dos occultos juisos de Deus, com que por tantos seculos permittiua que tão grande parte do mundo, tantas gentes, e tantas almas, vivessem nas trevas da infidelidade, sem lhes amanheceram as luzes da fé ; tão breve noite para os corpos, e tão comprida noite para as almas. Mas no meio desses compridíssimos annos, diz o propheta, que faria Deus que se descubrisse e conhecesse o que até então estava occulto : *In medio annorum notum facies*, (Ibid.) E que tendo durado tantos seculos sua ira contra aquellas gentes idolatras, em fim, se lembraria de sua misericordia : *Cum iratus fueris, misericordiae recordaberis*. (Ibid.) E que então tornaria o Senhor a vivificar e resuscitar a sua obra : *Opus tuum, in medio annorum vivifica illud*. Os setenta traduzindo juntamente, e explicando leram: *Cum apropinquaverint anni cognosceris* (2) Quando chegarem os annos determinados por vossa providencia, então se reis conhecido ; e este novo conhecimento que Deus deu áquellas nações por meio dos nossos apostolos e prégadores da sua fé, foi tornar a resuscitar a mesma obra, que tinha começado pelos primeiros apostolos que naquellas mesmas terras a prégararam, e com o tempo estava em algumas partes amortecida, e em outras totalmente morta ; isto quer dizer : *Opus tuum vivifica illud* : ou, como traslada Simaco. *Reviviscere fac ipsum* ; e o mesmo propheta mais abaixo se commenta a si mesmo, dizendo : *Suscitans suscitabis arcum tuum*. (Ibid. — 9) Vós, Senhor, tornareis a resuscitar o vosso arco (que é a sua cruz), por meio de cuja prégação se resuscitaria tambem a fé e as victorias della, naquellas nações.

(1) Apud. Alap. hic. v. 2.

(2) Septuaginta Vide Cornel, hic § tertio.

Assim o prophetisou na India seu primeiro apostolo S. Thomé, quando na cidade de Meliapor, então famosissima, levantando uma cruz de pedra em logar distante das praias, não menos que doze legoas, lhes disse, e mandou esculpir no pé della, que quando o mar alli chegasse, chegariam tambem de partes remotissimas do Occidente outros homens da sua cor, que prégassem a mesma cruz, a mesma fé, e o mesmo Christo que elle prágava (1). Cumpriu-se pontualmente a prophecia, porque o mar comendo pouco a pouco a terra, chegou ao logar signalado, e no mesmo tempo chegaram a elle os portuguezes. Igual gloria (e não sei se maior de Portugal) a da India, que ainda tivesse a S. Thomé por seu apostolo, e Portugal por seu propheta. Ainda Portugal não era de todo christão, e já os apostolos plantavam as balizas da fé em seu nome, e conheciam e prégavam que elle era o que havia de fazer christão ao mundo. Lembre-se outra vez Portugal destas obrigações, e de quanto lhe merece Christo.

O propheta Sofonias no cap. 3.^º tambem fallou mui particularmente neste glorioso assumpto : *Ultra flumina Æthiopiæ (diz elle, ou por elle Deus) inde supplices mei, filii dispersorum meorum deferent munus mihi* (2). As quaes palavras intendem Arias, Vatablo, Castro, e Cornelio, das nações que estão além do Tígres, e do Euphrates, isto é, dos chinas, japões, e outras gentes da India menos remotas, que por meio das prégasões dos portuguezes se haviam de ajoelhar diante dos altares de Christo, e lhe haviam de levar e offerecer seus dons em testimonho de o reconhecerem por seu verdadeiro Deus ; mas contra esta explicação parece que se oppõe as primeiras palavras do texto, que verdadeiramente fallam das gentes que estão além do rio da Ethiopia : *Ultra flumina Æthiopiæ, inde supplices mei*, etc. (3) Logo, segundo o que acima deixamos dito, não se pôde intender este texto das gentes orientaes. Por este argumento ha outros auctores que o intendem do Brazil e da America, e posto de um e outro modo, sempre o oraculo ou elogio deste propheta

(1) Asia Portug. part. 3 cap. 7 n. 1.

(2) Sophon. cap. 3 v. 10. Vide Alapi. hic § tertio.

(3) Vide Alapid. hic § Secund.

nos fica em casa : digo que de uma e outra terra, e de uma e outra gente, se pôde intender.

E a razão é, porque segundo Strabo, Hephoro, Herodoto, e outros, debaixo do mesmo nome de *Ethiopia* se comprehendiam antigamente duas *Ethiopias*, uma oriental, que estava na *Asia* além do *Tigres* e *Euphrates*, d'onde era a mulher de *Moysés*, chamada por isso *Ethiopias*; e outra occidental na *Africa*, que são todas aquellas terras que cerca o mar *Oceano*, desde *Guiné* até o mar *Roxo* : as palavras de Herodoto são estas : *Hi Æthiopes, qui sunt ab ortu solis sub Pharnarzatre, censebantur cum Indis specie nihil admodum à ceteris differentes, sed sono vocis dumtaxat, atque capillatura; nam Æthiopes, qui ab ortu solis sunt, permixtos crines; qui ex Africa, crespissimos inter homines habent.* De sorte que tambem havia *ethiopes* na *Asia*, como são hoje os que se conservam com o mesmo nome na *Africa*, e só se distinguiam uns dos outros no som da voz, e no cabello; porque os da *Asia* tinham o cabello solto e corredio, e os da *Africa* crespo e retorcido (1); a qual distincção não só é necessária para o intendimento de muitos logares das *escripturas*, senão ainda dos historiadores e poetas antigos, que de outro modo senão podem bem intender : nem faça duvida a esta distincção a palavra *Chus*, de que usa indistinctamente o original hebreu, d'onde nós lemos *Æthiopæ*; porque *Membrot* filho de *Chus*, e neto de *Cham*, deu o nome de seu pae ás terras orientaes, onde habitou e povoou : os descendentes deste mesmo *Membrot*, e deste mesmo *Chus*, como diz *Hephoro* referido por *Strabo*, e os que depois passaram a *Africa*, e a povoaram, levaram consigo o nome que tinham herdado de seu pae, e de seu avô; e assim como uns e outros na lingua latina se chamam *æthiopes*, e a sua terra *Ethiopia*, assim uns e outros na lingoa hebrea se chamam *Chuteos*, e a sua terra *Chus*. D'onde se segue que quando na *escriptura* se acha este nome sem outra diferença, (como neste logar de *Sophonias*) se pôde intender de qualquer das *Ethiopias*, porém quando se ajuntem na *historia* ou narra-

(1) Cornel. hic § Ultra flumina circa medium et § tertio alii.

gão algumas diferenças que o determinsem, então se ha de intender determinadamente, ou só da Ethiopia Oriental, ou só da Occidental, como nós fizemos no texto de Isaias ultimamente referido.

No cap. 16 do Apocalypse, diz S. João: *Et sextus angelus effudit phialam suam in flumen illud magnum Euphraten: et sic cavit aquam ejus, ut prepararetur via rigibus ab ortu solis.* (Apoc. XVI — 12) Que o sexto anjo derramou sua redoma sobre aquelle grande rio Euphrates, e que secou suas agoas, para apparelhar o caminho aos reis de Oriente. O maior impedimento das agoas que tinham os reis do Oriente para passar a Jerusalem, era o r.º Euphrates, por ser o mais profundo e mais caudaloso de Asia; e este impedimento, diz S. João, que se lhes havia tirar de modo que se podesse passar o Euphrates a pé enxuto. Mas debaixo das figuras destes enigmas se significava outra melhor Jerusalem, que é Roma, cabeça, da egreja, e outro melhor Euphrates, que é o mar Oceano, pelo qual se abriu caminho aos reis do Oriente, para que podessem vir á egreja. Assim como o propheta Jeremias chamou ao Euphrates mar, não é muito que S. João chamassem ao mar Euphrates, principalmente acompanhado daquelle dois epithetos de allusão e grandeza: *Illud magnum Euphratem;* e este grande Euphrates é aquelle grande mar, pelo qual os portuguezes (maior saçauha e ventura que a do outro Cyro) fizeram passagem a pé enxuto nas suas grandes báus da India, para levarem nellas a fé ao Oriente, e trazerem tantos reis orientaes á obediencia e sujeição da egreja. Não sou eu, nem auctor portuguez (como quasi todos os que até agora tenho allegado), o que isto digo, senão o doutissimo Genebrardo, insigne professor parisiense das letras sagradas, faltando em geral dos hespanhóes, e em particular dos portuguezes, a quem só pertence a convergão dos reis do Oriente, diz assim sobre este mesmo logar do Apocalypse.

O mesmo evangelista e propheta S. João, no cap. 10, diz que viu descer do céu um anjo forte, cujas insignias descreve largamente, que nós pôde ser expliquemos em outro logar; neste basta dizer que tinha na mão um livro aberto: *Et habebat in manu sua libellum apertum;* (Apoc. X — 2) e que pôz o pé esquerdo

sobre a terra, e o direito sobre o mar: *Et postul pedem suam dexterum super mare, et sinistrum super terram.* (Ibid.) Este anjo forte (diz Pedro Balingero) é Christo; o livro, o evangelho explicado; e os pés de seu corpo mystico, que é a egreja, os pregadores apostolicos, que levam pelo mundo ao mestre Christo e seu evangelho; entre os quais o pé esquerdo, que está sobre a terra, são aquelles que sem sair da terra firme, pregarão nella; o pé direito, que está sobre o mar, os que navegarão às regiões apartadas e remotas do nosso hemispherio, levam a elles a fé de Christo, e a luz de seu evangelho; d'onde se segue que o pé direito que Christo pôz sobre o mar, para esta gloriosa e evangelica empreza, não entre todas as nações do mundo, por excellencia os portuguezes; não os nomeou por seu nome este auctor, mas nomeou-os por suas obras, e é o mais honrado nome, e de maior estimação que lhés podia dar, explicando-se toda as palavras seguintes: *Aut huius nostra memori futurum videmus, quia quidem regna a nobis longe dissita, et in cognitis regiones eterrimo domorum cultui addicte sunt, opera patrum societatis nominis Jesu ad Christi religionem traducta sunt. Sinenses enim, qui populi ad ritteres Indias expeceant, et infideles sunt; (relicto dæmonum cultu, ad octo milia primum) et in his reges, et principes, permultique proceres, et optimates sub anno Domini 1564 Christi Jesu fidem suscepérunt; deinde malea indorum insulae, et regiones oceani, catholice tanque amplexerunt doctrinam, et integras civitates sacro sunt ablute baptismate(1).*

Em cumprimento desta prophecia (diz Balingero allegando a Surio), vemos que os reinos e regiões muito apartadas de nós, que adoravam nos idólos aos demônios, pela industria dos padres da companhia de Jesus, se tem passado a verdadeira religião; porque os chinas que pertencem às antigas indias, e são infieis gentios, deixando o culto da idolatria no anno de 1564, receberam a fé de Christo em numero de oito mil, em que entraram os principes e reis, e muitos grandes senhores; e em outras muitas ilhas e terras, de tal maneira os indios abraçaram a doutrina

(1) Alap. hic. § Et vidi. Alcazar hic Alap. § Aliam.

christã e católica, que as cidades inteiras se baptizavam. Tão facilmente triunpha Christo pela vez e espada dos portugueses, com o pé direito no mar, e o livre na mão direita!

No capítulo seguinte se verão muitos lugares do vários prophetas, explicados por autores que escravaram de cem annos a esta parte, depois que por meio da navegação do mar, Oceano se quebrou, o fabuloso encantamento dos negados antípodas, e se descobriram tantas terras e gentes, não só incogidas aos antigos, mas nem ainda presumidas ou imaginadas delles. Alii veremos as admiráveis propriedades, e maravilhosas circunstâncias, com que os mesmos prophetas falharam dos mares, das ilhas, das navegações, das terras, dos sítios, dos rios, das minas, das arvores, dos fructos, das gentes, dos costumes, da cegueira e infelicidade em que viviam, e sobre tudo da fé e luz do evangelho, com que por meio dos pregadores de Christo, e haviam finalmente de conhecer, adorar, e servir, como hoje com tanta glória da igreja, conhecem, adoram, e servem. Agora só pergunto: Como era possível que aquelles antigos e antiquíssimos autores explicassem nesta santidad dos prophetas? Quem como podiam entender nem perceber, que destas gentes, e destas terras, e destes mares, fallavam os seus oráculos e prophetias? Se criam tão firmes e assentadamente que não havia nem podia haver antípodas, como podiam explicar as prophetias dos antípodas? Se criam que a imensidão do mar Oceano não era navegável, e tissem este pensamento por absurdo, como haviam de entender as prophetias destas navegações, e destes mares? Se criam que a zona torrida era um perpetuo incêndio, e totalmente abrazado e inhabitável, como haviam de interpretar as prophetias dos habitadores da zona torrida? Como haviam de cíndar, nem lhes havia de vir ao pensamento que os prophetas fallavam dos americanos, se não sabiam que havia America? Como dos bras, se não sabiam que havia Brazil? Como dos peruanos e chalis, se não sabiam que havia Perù nem Chili? Como haviam de interpretar os prophetas das ilhas desertas, ou povoadas do Oceano, se não sabiam que havia no mundo tais ilhas? Como dos ethiopes occidentaes, se não sabiam que havia tal Ethiopia? Como dos japões, se não sabiam que havia Japão? Como

dos chinas, se não sabiam que havia China ? Se os prophetas nas figuras enigmáticas dos seus oráculos se declararam pela natureza, propriedade, costumes exercícios, e historias das gentes e reinos de que fallam, como haviam de vir em conhecimento dessas gentes, e desses reinos, os que não podiam saber sua natureza, suas propriedades, seus exercícios, e seus costumes, nem suas historias ? Se declararam as terras pelos sitios, pelos rios, pelas arvores, pelos fructos, pelas minas, e seus metaes, como podiam conhecer nem atinar com as terras, os que não tinham noticia de taes sitios, de taes rios, de taes minas, de taes arvores, nem de taes fructos ? E se ainda hoje depois de descobertas e conhecidas estas terras, e estas gentes, e se tiverem escripto tantos livros de sua historia natural e politica, ainda por falta de noticias mais particulares e miudas, se não acerta mais que em commum e individualmente com algumas das terras e gentes de que os prophetas fallaram ; que seria na confusão escuríssima da antiguidade, em que nenhuma destas coisas se sabia, nem se imaginava, antes as contrarias dellas se tinham por averiguadas e certas ?

Frei João de la Puente, naquelle seu erudito livro da conveniencia das duas monarchias, romana e hespanhola, trabalhando por explicar de Hespanha certo logar de Isaías, diz assim dos theologos, sendo elle mestre em theologia : *La falta de geographia, y la de otras artes liberales, es la causa porque los theologos non atine con el sentido de la divina escritura.* E isto que se não pôde dizer dos theologos do nosso tempo sem grande nota de sua sciencia e diligencia, depois do mundo estar tão descoberto e conhecido, é obrigação e força que o digamos ou supponhamos dos theologos antigos, por doutissimos e sapientissimos que fossem (como verdadeiramente eram), sem agravo, nem menos decoro de sua erudição, e grande sabedoria, porque sabiam a geographia do seu mundo, e não podiam saber nem adivinhar a do nosso ; só por nova revelação e luz sobrenatural, podiam conhecer os autores daquelle tempo, o que nós tão facil e naturalmente conhecemos hoje : mas essa revelação, e essa luz, posto que fossem varões santissimos, e tão favorecidos de Deus, não quiz o mesmo Deus que elles então a tivessem, porque era disposição mui assen-

tada da sua providencia, que estas coisas se não soubessem, e estivessem occultas até áquelle tempos medidos e taxados por elle, em que tinha decretado, que se soubessem e descobrissem.

Diz o apostolo S. Paulo, que accommodou Deus e repartiu os seculos conforme os decretos da sua palavra, para que coisas invisiveis se fizessem visiveis : *Fide intelligimus aptata esse secula verbo Dei, ut ex invisibilibus, visibilia fiant* (1); por onde não é muito que tanta parte do mundo, e as gentes que o habitavam, estivessem ignoradas e invisiveis por tantos seculos, e que depois chegasse um seculo em que se descobrissem e fossem visiveis ; e assim como corrida esta cortis, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham fallado os prophetas, assim se intenderam e descobriram tambem os segredos e mysterios de suas prophecias. Destas terras ultramarinas, encobertas e incognitas, fallava Isaias, quando disse no cap. 24 : *In doctrinis glorificate Dominum ; in insulis maris nomen Domini Dei Israel.* E logo acrecentou : *Secretum meum mihi, secretum meum mihi :* (Isai. XXIV — 15) Este segredo é só para mim ; este segredo é só para mim : e se na mesma prophecia estavam prophetisadas as coisas, e mais o segredo dellas, como podia ser que contra a verdade infallivel da prophecia soubessem os antigos deste segredo, antes de chegar o tempo, em que Deus tinha determinado de o revelar ? O cantico do propheta Habacuc que tambem tracta destes novos descobrimentos, ou triumphos da fé, e da conversão destas gentes, tem por titulo *Pro ignorantiis.* E se o conselho de Deus foi que o intendimento, ou de todas, ou de muitas coisas que alli cantou o propheta, se ignorasse ; que aggravo, ou descredito é, ou pôde ser dos antigos sábios, que para elles fossem occultas, incognitas e ignoradas ? Podem os homeus occultar os seus segredos, e Deus não será senhor de reservar os seus ? Sendo logo certo que estes segredos da Providencia Divina se não podiam alcançar por sciencia humana, e que a mesma providencia tinha decretado, que se não soubessem por revelação.

(1) *Epistol. ad Heb. cap. 11 v. 3.*

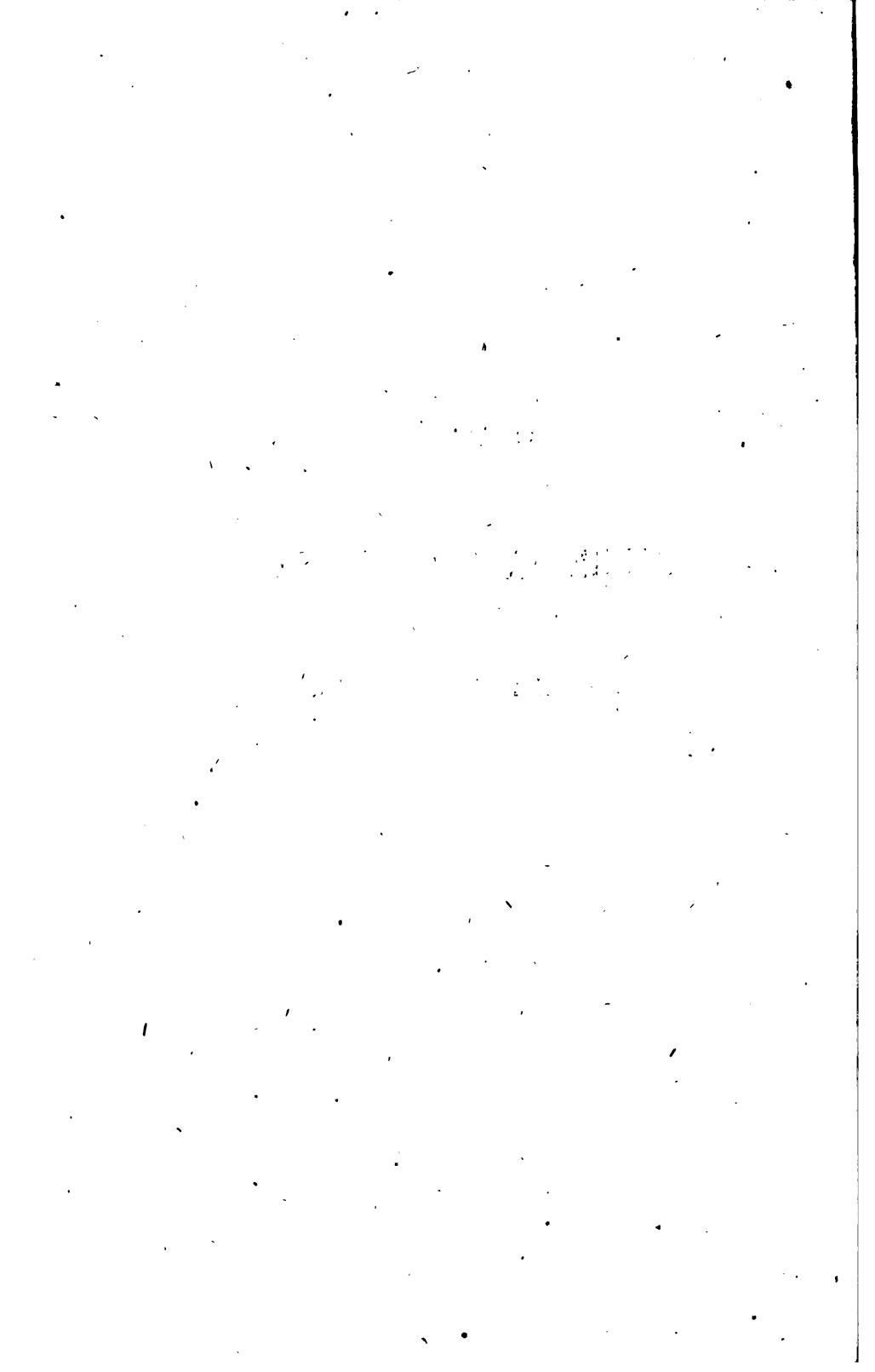


OBRAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA.

ARTE DE FURTAR.



2

ARTE DE FURTAR,

ESPELHO DE ENGAOS, THEATRO DE VERDADES,
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,
GAZUA GERAL DOS REINOS DE PORTUGAL.

OFFERECIDA A EL-REI NOSSO SENHOR D. JOAO IV PARA QUE A EMENDE.

Composta no anno de 1652

PELO

PADRE ANTONIO VIEIRA

ZELOSO DA PATRIA.

Nova edição.

LISBOA
EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES
RUA DOS FANQUEIROS, 82.

1855

TYPOGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL
RUA DOS FANQUEIROS, 82.

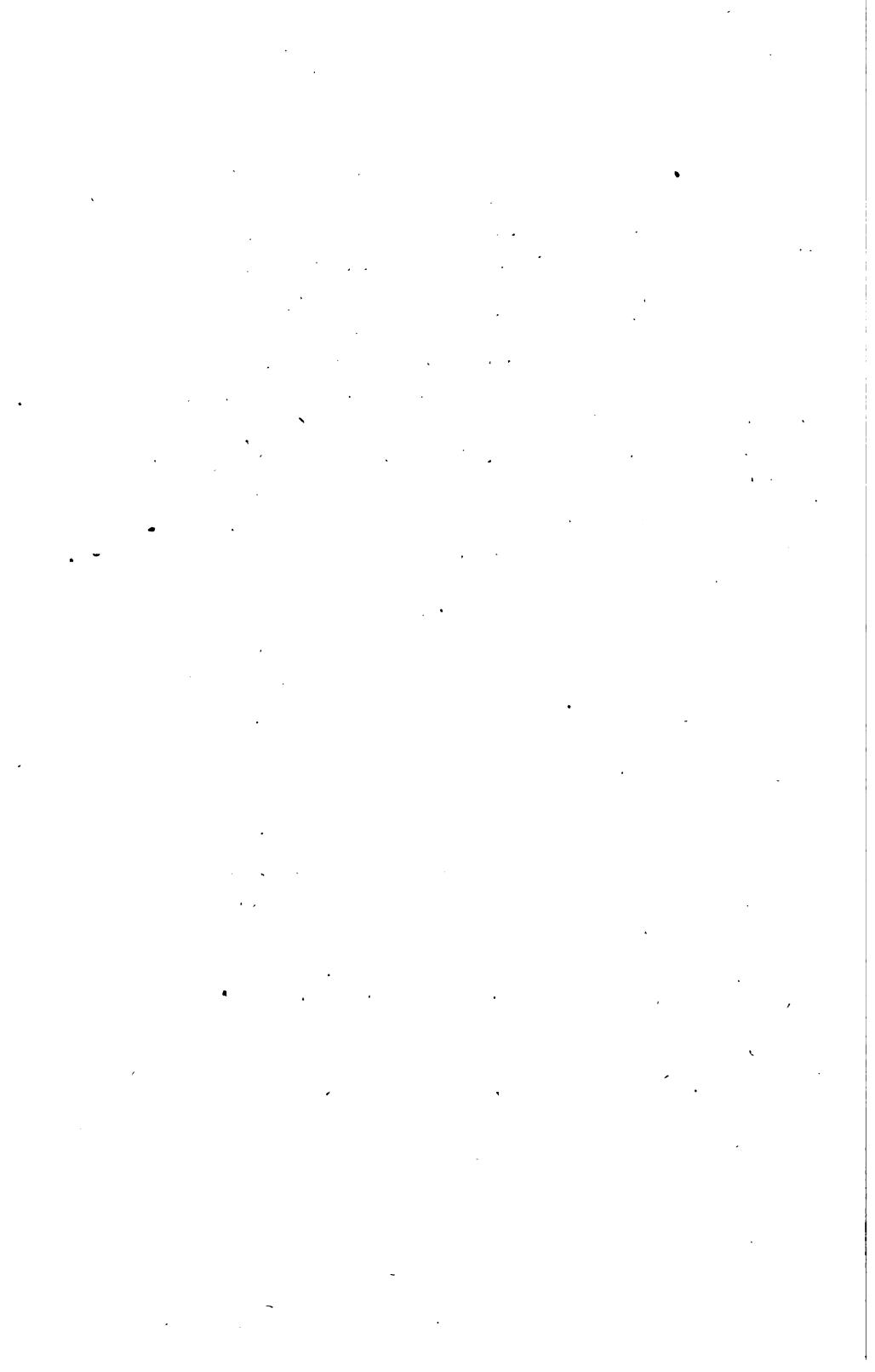
SENHOR.

Um sabio disse que não havia neste mundo homem que se conhecesse ; porque todos para comsigo são como os olhos, que vendo tudo, não se vêem a si mesmo : e d'aqui vem não darem muita fé, nem de suas perfeições, nem advertirem em seus desfeitos, e ser necessario que outrem lhes diga o que passa na verdade. Se vossa magestade não se conhece, nem o mundo em que vive e de que é senhor, eu o direi em breves palavras. É vossa magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo ; e este mundo é um covil de ladrões. Digo que é vossa magestade o mais nobre ; porque o fez Deus rei, e lhe deu por avós reis santos e poderosos, que elle mesmo esco-lheu e ennobreceu para a mais nobre acção de lhe augmentar e estabelecer sua fé. É o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito : nas do corpo ; porque não ha trabalho a que não resista, nem outrem que possa medir valentia com vossa magestade : e nas do espirito ; porque não ha fortuna que o que-

brante, nem adversidade que o perturbe. É o mais poderoso ; porque sem arrancar a espada, se fez senhor do mais dilatado imperio, tirando-o das garras de leões, que o occupavam ; com tanta pressa, que não pôe tanto uma posta em levar a nova, quanta vossa magestade poz em arvorar a victoria nas mais remotas partes do mundo. É o mais feliz ; porque em nenhuma empreza pôe sua real mão, que lhe não succeda a pedir por boca, e se alguma se malogra, é a que vossa magestade não approvou ; tanto, que temos já por unico remedio, para se acertar em tudo, fazer-se só o que vossa magestade ordena, ainda que a outros juízos pareça desacerto. E digo que este mundo é um covil de ladrões ; porque se bem o considerarmos, não ha nelle coisa viva que não viva de rapinas : os animaes, aves, e peixes, comendo-se uns aos outros se sustentam ; e se alguns ha que não se mantenham de outros viventes, tomam seu pasto dos fructos alheios, que não cultivaram ; com que vem a ser tudo uma pura ladroeira ; tanto, que até nas arvores ha ladrões ; e os elementos se comem e gastam entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portam as creaturas irrationaes e incensiveis, e as rationaes ainda peior que todas ; porque lhes sobeja a malicia, que nos outros falta, e com ella tracta cada qual de se accrescentar a si : e como o homem de si nada tem proprio, claro está que se os accrescenta, muitos hão de ser alheios. E de todo este discurso nada é conforme á lei da natureza, a qual quer que todas as coisas se conservem sem diminuição de alguma. Nem a lei divina quer outra coisa, antes lhe aborrecem tanto ladrões, que do céu, do paraizo, e do apostolado, os destrerrou ; e a este ultimo desterro se accrescentou força ; e note-se que a tomou o réo por sua mão, sem intervir nisso sentença de justiça, para nos advertir o castigo que merecem ladrões, e como não devem ser admittidos nem tolerados nas republicas.

Quer Deus que baixa reis no mundo, e quer que o governem assim como elle, pois lhes deu suas vezes, e os armou de poder

contra as violencias: e como a maior de todas é tomar o seu a seu dono; em emendar esta se devem esmerar. E em vossa magestade corre esta obrigação maior, pois sez Deus a vossa magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz rei do mundo. E deve pôr cuidado grande nesta empreza, porque a fazenda de vossa magestade é a mais combatida destes inimigos, que por serem muitos, só com um braço tão alentado, como o de vossa magestade, poderão ser reprimidos e castigados. A maior difficultade está no conhecimento delles; porque como o officio é infame; e reprovado por Deus e pela natureza, não querem ser tidos por tales, e por isso andam todos disfarçados; mas será facil dar-lhes alcance, se o dermos a suas mascaras, que são as artes de que usam: destas faço aqui praça, e lh'as descubro todas, mostrando seus enganos como em espelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo um mostrador certíssimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazúa destes piratas faz seu officio. Não ensina ladrões o meu discurso, ainda que se intitula *Arte de Furtar*; ensina só a conhecê-los, para os evitar. Todos teem unhas com que empolgam, e nas unhas de todos hei de empolgar, para as descobrir por mais que escondam; e será tão suavemente, que ninguem se dôa. Vae muito no modo e no estylo: a pilula amargosa não causa fastio, se vac doirada; e para que este tratado o não cause, irá prateado com tal tempera, que irrite mais a gosto, que a molestia. Sirva-se vossa magestade de o intender assim, e de observar com seu grande intendimento até os minimos apices desta *Arte*; porque das contraminas della, que tambem descubro, depende a conservação total de seu imperio, que Deus Nossa Senhor prospere até o fim do mundo, com as felicidades que seus venturosos princípios nos promettem, etc.



AO

SERENISSIMO SENHOR DOM THEODOSIO

PRINCIPE DE PORTUGAL.

DEPRECAÇÃO.

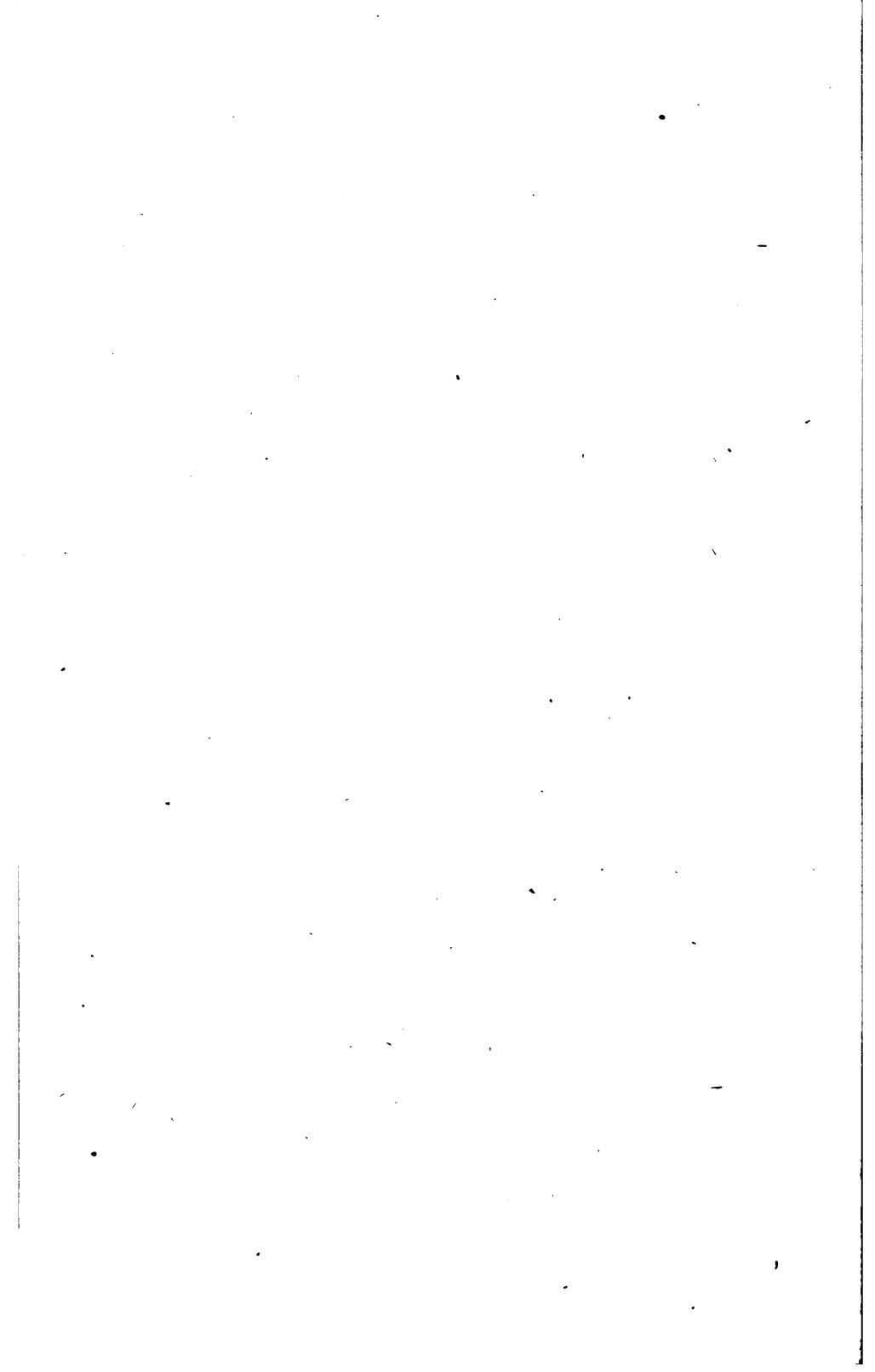
SENHOR.

Tambem a vossa alteza real e serenissima, pertence a emenda desta *Arte*, por todos os titulos que a el-rei nosso senhor pertence, pois não assim como elle o limito em suas grandezas ; porque de tal arvore não podia nascer menor ramo, e em nascendo mostrou logo vossa alteza o que havia de ser : e um mathematico insigne m'o disse ólhando, por lh'o eu pedir, para os horoscopos do céu, que vossa alteza havia de ser rei da terra ; e sua magestade, que Deus guarde, guardou este juiso. E ainda que estas razões não militassem, que são certissimas, bastava vêmos que ha em vossa alteza poder e saber para tudo : e são duas coisas muito essenciaes para emendar latrocínios ; o saber para os apanhar, e o poder para os emendar. Digo que vêmos em vossa alteza poder ; porque vêmos que assim como Atlante cançado de sustentar as espheras do céu, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse ; assim el-rei nosso senhor, Atlante do nosso imperio, descarregou as espheras delle nos hombros de vossa alteza, não para descançar, que é infallivel, mas para se gloriar, que tem em vossa alteza hombros de Hercules, que ajudam os de Atlante, e o igualam no poder. A Hercules pintou a antiguidade ornado com uma clava que lhe

arma as mãos, e com cadéas e redes que lhe saem da boca, e levam preza infinita gente. Com a clava se significam suas armas e poder; com as redes e cadéas, sua sabedoria: com estas duas coisas vencia e dominava tudo. De armas e sabedoria vêmos ornado e fortalecido a vossa alteza, assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto como as do mundo) á sua obediencia; como tambem porque ninguem as menea com tanto garbo, valor, destreza e valentia, ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada e fulminando o montante; e assim se demonstra que ha em vossa alteza poder para emendar e castigar. E porque este não basta, se não ha sciencia para alcançar quem merece o castigo, digo que vêmos em vossa alteza tanta sabedoria, que parece infusa; porque não ha arte liberal em que não seja eminent; não ha sciencia especulativa em que não esteja consummado; não ha habito de virtude moral que o não tenha adquirido e feito natural com o uso. E em todo o genero de letras, artes e virtudes se consummou com tanta facilidade e presteza, que nos parecia ter nascido tudo com vossa alteza naturalmente, e não ser achado por arte, e assim se prova que ha em vossa alteza saber para dar alcance aos latrocínios de que aqui tractamos: e em os pescando com a rede da sabedoria, segue-se emendal-os com a clava do poder.

Sujeito por tanto esta *Arte de Furtar*, ao poder e sabedoria de vossa alteza. Ao poder, para que a ampare; e á sabedoria, para que a emende; porque só da sabedoria de vossa alteza fio que dará alcance ás subtilezas dos professores desta arte. Em duas coisas peço a vossa alteza que ostente aqui seu poder: em castigar ladrões, e em me defender delles, pois fico arriscado com os descobrir; mas com me encobrir vossa alteza me dou por seguro. E em outras duas coisas torno a pedir ostente vossa alteza sua sabedoria, em emendar esta *Arte*, em quanto pertence aos ladrões; e tambem o estylo della, pelo que tem de meu. Levarei mal que me argua outrem, porque não haverá quem me não seja suspeito, salvo vossa alteza, visto não haver outrem que escape das notas que aqui emendo. Dirão que fallo picante ou lepido: isso é o que pertendo, para adoçar por todas as vias o desagrado da materia. Cuidava eu que fallar nisto muito chumbado e sério, seria o melhor; mas sendo o objecto de si penoso, porque é de perdas e danos, fazel-o mais penoso com o estylo, seria vestir um capuz a este Tratado, para todos lhe darem o pezame de o não poderem vêr ás escuras. Vestirei de primavera o mez de dezembro, para o fazer tractavel, tecendo os casos e materias de modo que não façam maior pendor para uma balança que para outra, para que allivie o curioso da arte e estylo o molesto da materia, sem tropas de sentenças caba-

listicas, nem infanteria de palavras cultas e penteadas, que me quebram a cabeça. Alguns livretes vejo desses que vão saindo à moderna, e quando os leio bem os intendo ; mas quando os acabo de lêr não sei o que me disseram ; porque toda a sua habilidade poem em palavras. E já disse o proverbio, que palavras e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gastam em dar conselhos politicos a quem lh'os não pede, e bem apertados, veem a ser melancolias do auctor, que por arrufos deram em desvellos, ou por ambição em delirios ; e poderemos responder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da sua pintura, saindo-se da esphera do seu officio. Seja o que for, o que sei é que nada me toca mais que zelo do bem commun, e augmento da monarchia, de que é herdeiro e senhor vossa alteza. Ladões retardam augmentos, porque diminuem toda a coisa boa ; diminua-os vossa alteza a elles, e crescerá seu imperio, que os bons desejam dilatado até o fim do mundo , porque todos amam mais que muito a vossa alteza, que Deus guarde, etc.



PROTESTAÇÃO DO AUCTOR

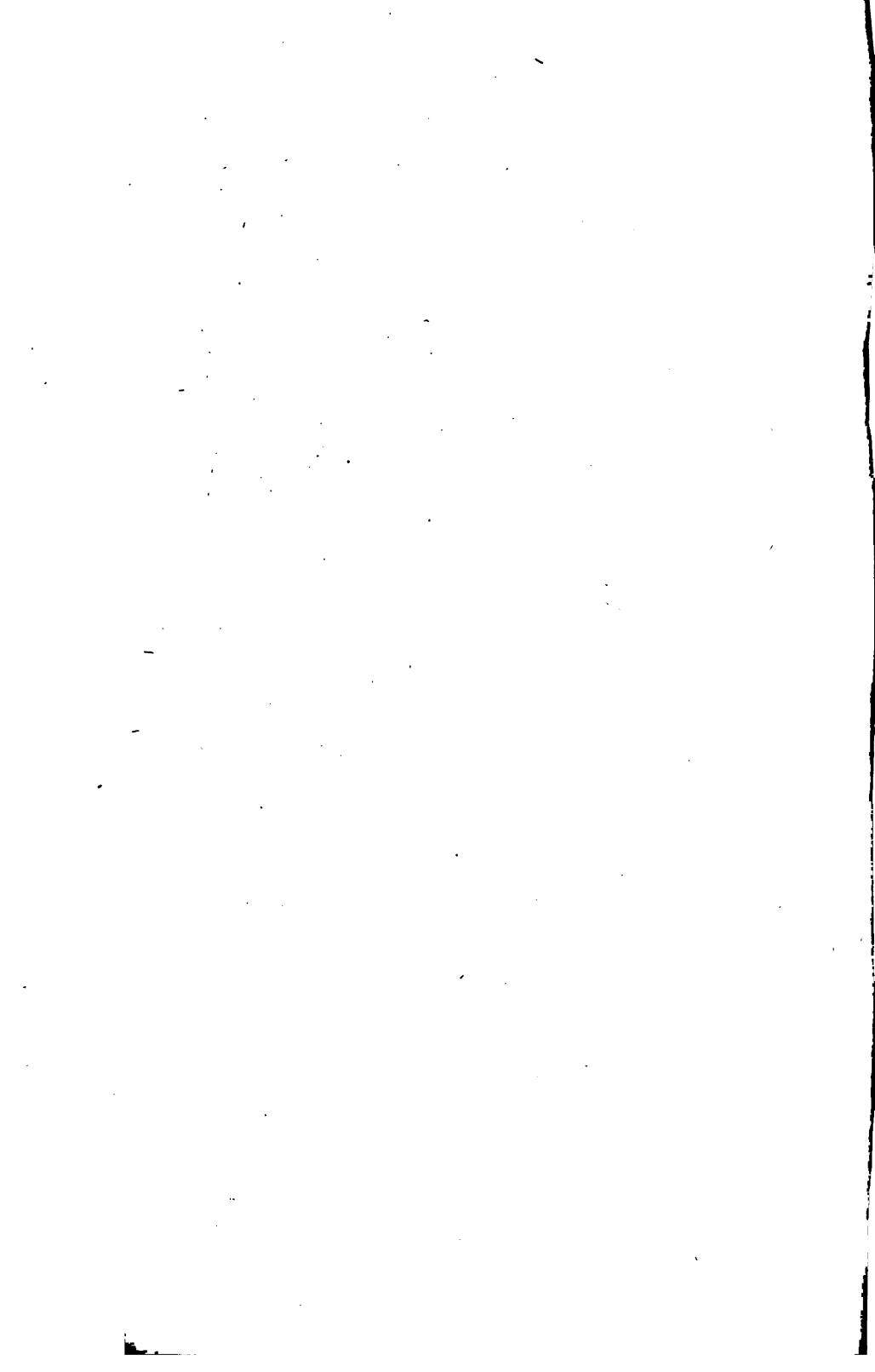
A QUEM LER ESTE TRATADO.

Em Ouguelha, lugar de Além-Téjo, entre Elvas e Campo-Maior, ha uma fonte, cuja agua não coze carne, nem peixe, por mais que serva. E na Villa do Pombal perto de Leiria, ha um forno em que todos os annos se coze uma grande fogaça para a festa do Espírito Santo; e entra um homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detém dentro, quanto tempo é necessário, sem padecer lesão alguma do fogo, que cozendo o pão, não coze o homem. E pelo contrario na tapada de Villa-Viçosa, retiro agradável da grande casa de Bragança, adverti uma coisa notável, que haverá mais de dois mil veados nella, que todos os annos mudam as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a tapada juncada dellas; e no cabo não ha quem ache uma. Perguntei a razão ao senhor D. Alexandre, irmão d'el-rei nosso senhor, grande perscrutador de coisas naturaes; e me respondeu, o que é certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou que haja animaes, que comam e possam digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves que comem e digerem ferro, quaes são as emas! Conforme a estes exemplos, também nos homens ha estomagos que não cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguelha, o forno do Pombal, nem os admitem, por bons que sejam; e abraçam outros mais grosseiros, com que se fazem como veados e emas. E se perguntarmos ao philosopho a razão destas desigualdades? Dirá que são efeitos e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleições e qualidades dos sujeitos. O mesmo digo, se houver estomagos que não admitem e cozam bem os pontos e materias que discursa este Tratado, que não vem o mal da qualidade das coisas que aqui offereço, se-

não do mau humor com que as mastigam, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento que se não digere, o estomago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e como antidoto, proponho tudo para remedio dos males que padece a nossa republica: se houver aranhas que façam peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiram mel suave, não é a culpa das flores, que todas são medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem o que é bom. E' o juiso humano, assim como os moldes, ou sinetes, que imprimem em cera e massa suas figuras: se o molde as tem de serpentes, toda a massa, por sâ que seja, fica cuberta de sevandijas, como se as produzira, e estivera corrupta; e pelo contrario, se o sinete é de figuras boas e perfeitas, taes as imprime, até na cera mais tosca. Quero dizer, amigo leitor, que se fordes inimigo da verdade, sempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ser de seu natural muito doce e formosa, porque é filha de Deus. Verdades puras professo dizer, não para vos offendere com ellas, senão para vos mostrar onde e como vos offendereis vós a vós mesmo, e á vossa republica, para que vos melhoreis, se vos achardes comprehendido.

E não me digaes, que não convem tirar a publico affrontas publicas de toda uma nação; porque a isso se responde, que se são publicas, nenhum descredito move quem as repete, antes vos honra mostrando-vos disposto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho para conhacerdes o engano em que viveis. E assim protesto, que não é meu intento ensinar-vos os lanços que nesta *Arte de Furtar* ignoraveis, senão allumiar-vos o conhecimento da deformidade delles, para que os abomineis. Nem cuideis que vos conheço, quem quer que sois, nem que ponho o dedo em vossas coisas em particular: o meu zelo bate só no *commum*, e não pretendo affrontar a nossa nação; antes a honro muito, por duas razões: primeira; porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte, fica a nossa mais acreditada, pois se deixa vêr o excesso dos latrocínios com que assolam o mundo todo, por mar e por terra. Segunda; porque tractamos de emenda, e onde ha esta, ou desejo della, é a maior perfeição que os santos acham nas religiões mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de religiosos reformados, em comparação de gente dissoluta. Donde não me resulta d'aqui escrupulo que me retarde. O que sinto é que não sei se conseguirá seu effeito o meu intento, que só tracta de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido; e se cada um se emendar a si, já o disse um sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso reino, e emendal-o, é o que pretendemos.

Dirá o critico, e tambem o zoilo (que tudo abocanham e roem) que isto não é gazúa com que se abrem portas para furtar ; mas que é montante que escala de alto abaiixo muita gente de bem para a deshonrar. A isso tenho respondido, que não tome ninguem por si o que lhe digo e ficaremos amigos como d'antes ; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular : os casos que aqui referir, são ballas de batalha campal, que tiram a montão sem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, sem pesquisar auctores, nem formalidades, mais que as que as coisas dão de si : e se em algumas discreparem as circumstancias da narração, e não se ajustarem em tudo muito com o succedido, pouco vae nisso ; porque o nosso intento não é de deslindar pleitos para os sentenciar, senão mostrar deformidades para as estranhar, e dar doutrina, e tractar de emenda. E estejam certos todos, que não dizemos nada que não passe assim na verdade em todo, ou em parte principal. E não allegamos auctores para confirmação do que escrevemos ; porque os desta arte nunca imprimiram ; e de sua sciencia só duas letras se acham impressas nas costas de alguns, que são *L* e *F*, e ó que querem dizer, todos o sabem. E se algum me impugnar a mim para defender o que estas letras denotam, mostrará nisso que é da mesma confraria, e negar-se-lhe-ha o credito por apaixonado, como parte, e dar-se-me-ha a mim, que o não sou ; porque só pretendo mostrar neste *espelho* a verdade, e fazer publicas como em *theatro* as mentiras e embustes de ladrões passados e presentes. Aprestem-se todos para ouvir com paciencia ; e porque tracto de não molestar quem isto lér, irei tecendo tudo em forma, que o curioso dos successos adoce o azedo da doutrina : e em tudo terão todos muito que aprender, para sempre serein virtuosos, se quizerem tomar as coisas como ás applico. Deus vos guarde de varas delgadas, que andam pelas ruas, e de tres páus grossos, que vos esperam se não tomardes meus avisos. Entre tanto estudeae o credo, e espertae a fé para o que se segue.



ARTE DE FURTAR.

TRATADO UNICO.

CAPITULO I.

Como para furtar ha arte, que é sciencia verdadeira.

As artes dizem seus auctores que são emulações da natureza : e dizem pouco ; porque a experientia mostra que tambem lhe acrecentam perfeições. Deu a natureza ao homem cabello e barba para auctoridade e ornato ; e se a arte não compuzer tudo, em quatro dias se fará um monstro. Com arte repara uma mulher as ruinas, que lhe causou a idade, restituindo-se de cores, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o esculptor do tronco inutil, uma imagem tão perfeita que parece viva. Com arte tiram os cubicos das entranhas da terra e centro do mar, a pedraria e metaes preciosos que a natureza produziu em tosco, e aperfeiçoando tudo lhe dão outro valor. E não só sobre coisas boas tem as artes jurisdicção, para as melhorar mais que a natureza ; mas tambem sobre as más e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exerceita, ou para as acrecentar em damno de outrem, como se vê nas machinas da guerra,

partos da arte militar, que todas vão dirigidas a assolações e incendios, com que uns se defendem e outros são destruidos. Não perde a arte seu ser por fazer mal, quando faz bem e a proposito, esse mesmo mal que professa, para tirar delle para outrem algum bem, ainda que seja ilícito. E tal é a arte de furtar, que toda se occupa em despir uns para vestir outros. E se é famosa a arte que do centro da terra desentranha o oiro, que se defende com montes de dificuldades, não é menos admiravel a do ladrão, que das entranhas de um escriptorio, que fechado a sete chaves se resguarda com mil artifícios, desencova com outros maiores o thesouro com que se melhora de fortuna. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa, quando obra com cilladas, segundo suas regras, que todas se fundam em estratagemas e enganos, como as da milicia ; e essa é a arte, e é o que dizia um grande mestre desta profissão : *Con arte y con engaño, vivo la mitad del año: y con engaño y arte, vivo la otra parte.* E se os ladrões não tiverem arte, busquem outro officio ; por mais que a este os leve e ajude a natureza, se não alentarem esta com os documentos da arte, terão mais certas perdas, que ganhos ; nem se poderão conservar contra as invasões de infinitas contrariedades que os perseguem. E quando os vejo continuar no officio illesos, não posso deixar de o atribuir à destreza de sua arte, que os livra até da justiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a que os largue e tolere ; porque até para isso teem os ladrões arte. Assim se prova que ha arte de furtar ; e que esta seja sciencia verdadeira, é muito mais facil de provar, ainda que não tenha escola publica, nem doutores graduados que a ensinem em universidade, como teem as outras sciencias.

Todos os philosophos e doutores theologos, defendem, que merece o nobre titulo de sciencia verdadeira aquella arte somente que tem principios certos, por onde demonstra e alcança o que exercita : exemplo sejam a sagrada theologia, a philosophia, mathematica, musica, medicina, e outras que nascem destas, as quaes são verdadeiras sciencias, porque não só ensinam o que professam, mas tambem provam por seus principios, e demonstram por consequencias evidentes o que ensinam. E admittindo nós esta re-

gra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das sciencias, só aquellas artes que param na materia em que se occupam, tomando-a assim como se lhes efferece, sem discursarem as razões, nem os principios por onde se aperfeiçoam no alcance do seu fim. Exemplo seja a jurisprudencia, que não se detém em especular ou demonstrar o que propoem seus textos: donde nasce não haver evidencia publica da razão de seus preceitos: e se nos move a seguir os a obediencia com que todos nos sujeitamos a elles, mais é por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejam fundados em razão, que os principes acharam, e commummente apontam em seus decretos, passam por elles os jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio, que por sé lhes damos alcance. E hão-se nisto alguns canonistas e legistas como Deus, que obrigando os homens a uma lei de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razão porque os punha; deixando-a ao discurso da lei natural, que nenhum homem deve ignorar, ainda que ha alguns tão grosseiros, que não atinam com ella. E por isso nunca ninguem disse que a doutrina do decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era sciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se colhe com certezas, que a arte de furtar é sciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstrações verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discípulos, ou por outros impedimentos extrinsecos, não chegue ao que pretende. Mas se o ladrão tem bom natural, e é perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoira, a que nada escapa. Com uma historia notavel faço demonstração desta verdade. Em certa cidade de Hespanha houve uma viuva fidalga, tão rica como nobre: e como as matronas de qualidade, por seu natural recoñhimento não podem assistir a trasgos de grandes fazendas, desejava esle muito um feitor fiel e intelligente que lhe podesse governar tudo. E não desejava menos um ladrão cadino ter entrada em casa tão caudalosa com algum honesto titulo, para se provêr de uma vez de remedio para toda a vida. Lançou suas linhas, e armou suas traças em sôrma que nenhuma consequencia frustrou, assim para entrar

com grande credito, como para sair com maior proveito. Achou por suas inculcas, que tinha a senhora um confessor religioso, a quem dava credito e obediencia, por sua virtude e letras. Prêgava este certa festa de concurso, vestiu-se o ladrão de traje humilde, o rosto penitente, e fez-se encontradiço com elle indo para o pulpito. Poz-lhe na mão uma bolça de dobrões, que disse achára perdida, e pediu-lhe com muita submissão e modestia, que a publicasse ao auditorio, e a restituisse a quem mostrasse que era seu dono, dando os verdadeiros signaes della, e do que continha. Ficou o reverendo padre prêgador attonito com tal caso, que houvesse homem no mundo que restituisse em vida, e disse aos ouvintes milagres do sujeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o não fizera, estimando mais a paz de sua alma que o commodo de seu corpo, e que em um d'aquelles eram bem empregadas as esmolas. E assim foi, que acabada a prêgação, mandaram muitos cavalheiros seus subsidios, com mais de meia duzia de vestidos muito bons ao reverendo padre, para que desse tudo ao pobre santo, que lhe não pezou com elles: e foi a primeira consequencia que colheu do seu discurso: e a segunda assegurar a bolça para si com sua mãe, que era uma velha tão ardilosa como elle, que já estava prevenida ao padre do pulpito, e muito bem adestrada pelo filho: e em descendo o padre, agarrou delle gritando: A bolça é minha, por signal que é de coiro pardo, com uns cordões verdes, e tem dentro seis dobrões, quatro patacas, e um papellinho de alfinetes. Ouvindo o prêgador signaes tão evidentes, e vendo que tudo assim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deus que nada se perdéra: e a mãe fez em casa a restituição ao filho, que assegurou de caminho a terceira consequencia de estafar tambem o religioso, que o levou á sua cella, onde o regalou e melhorou de vestido e fortuna, informando-se delle, mesmo de seus talentos: e achando que sabia lêr e escrever quanto queria, e contar como um Girisalte na unha; e que sobretudo, mostrava bom juiso: seguiu-se logo a quarta consequencia de o pôr em casa da sua confessada, com mero e mixto imperio sobre toda sua fazenda, havida e por haver, abonando-lhe por quinta esencia de fidelidade e intelligencia; com que a seu salvo colheu

a ultima consequencia que pertendia das rendas de sua senhora, que ensacou em oiro para voar mais leve ; e com dez ou doze mil cruzados, que dois annos de serviço lhe depararam, se passou para outro hymispherio, sem dizer a ninguem : ficae-vos, embora ; digam agora os professores das sciencias e artes mais liberaes, se formaram nunca syllogismos mais correntes. Negará a luz ao sol quem negar á arte de furtar o discurso e subtileza, com que aqui lhe damos o nome de sciencia verdadeira.

CAPITULO II.

Como a arte de furtar é muito nobre.

Mais facil achou um prudente, que seria acceder dentro do mar uma fogueira, que espertar em um peito vil servores de nobreza. Comtudo, ninguem me estranhe chamar nobre á arte cujos professores por leis divinas e humanas, são tidos por infames. Essa é a valentia desta arte, como a dos alquimistas, que se gabam que sabem fazer oiro de enxofre : de gente vil faz fidalgos, porque aonde luz o oiro não ha vileza. Além de que, não é implicação acharem-se duas contrariedades em um sujeito, quando respeitam diferentes motivos. Que coisa mais vil e baixa que uma formiga ! Tão pequena, que não se enxerga ; tão rasteira, que vive enterrada ; tão pobre, que se sustenta de leves rapinas ! Que coisa mais illustre que o sol, que a tudo dá lustre ; tão grande, que é maior que a terra ; tão alto, que anda no quarto céu ; tão rico, que tudo produz ! E se vê a maior nobreza com a maior baixeza em um sujeito, em uma formiga. Baixezas ha quo não andam em uso, porque são só de nome : e nomes ha que não poem nem tiram, ainda que se encontrem, porque se compadecem para diferentes effeitos. Fazia doutrina um padre da companhia no pelourinho de Faro : perguntou a um menino como se chamava ? Respondeu, chamo-me em caso Abrehãozinho, e na

rua Joannico. Assim são os ladrões: na casa da supplicação chamam-se infames, quando os sentenceiam, que é poucas vezes: mas nas ruas, por onde andam de continuo em alcatéas, teem nomes muito nobres; porque uns são Godos, outros chamam-se Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos são piratas.

Mais claro proponho e deslindo tudo. A nobreza das sciencias colhe-se de tres principios. O primeiro, é o objecto ou materia em que se occupa. Segundo, as regras e preceitos de que consta. Terceiro, os mestres e sujeitos que a professam. Pelo primeiro principio, é a theologia mais nobre que todas; porque tem a Deus por objecto. Pelo segundo, é a philosophia; porque suas regras e preceitos, são delicadíssimos e admiraveis. Pelo terceiro, é a musica; porque a professam anjos no céu, e na terra principes. E por todos estes tres principios é a arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto e materia em que se emprega, é tudo o que tem nome de precioso: as suas regras e preceitos são subtilíssimos e infallíveis: e os sujeitos e mestres que a professam, ainda mal, que as mais das vezes são os que se prezam de mais nobres; para que não digamos que são senhorias, altezas e magestades.

Alguns doutos tiveram para si, que a nobreza das sciencias mais se colhe da subtileza das regras e destreza em que se fundam, que da grandeza do objecto ou utilidade da materia em que se ocupam, como vimos até na machina do que em cortiça obra coisas mais delicadas que em oiro, que por isso é mais louvado. Aquelle artifice que escreveu a Iliada de Homero com tanta miudeza, que a recolheu em uma noz, assombrou mais o mundo, que se a escrevesse com muitas laçarias em grandes lamínas de oiro. Aquella nau enxarceada com todo o genero de vélas e cordoalhas, tão pequena que toda se cobria e escondia com as azas de uma mosca, fez a Mermitides mais famoso, que a outras as grandes esculturas dos maiores colossos. Na formação de um mosquito mostra Deus mais seu grande entendimento, que na fabrica do universo. Quero dizer, que não engrandece tanto as sciencias a materia em que se exercitam, como o engenho da arte com que obram. E como o engenho e arte de furtar anda hoje tão subtil que transcende as águias, bem podemos dizer que

é sciencia nobre. E prouera a Deus que não livera tanto de nobre, não só pelo que lhe concedemos de suas subtilezas, senão também pelo que lhe negam outros da materia em que se occupa, e sujeitos em que se acha ; pois vêmos que a matéria é a que mais se estima — oiro, prata, joias, diamantes, e tudo o mais que tem preço ; e os sujeitos em que se acha, são por meus peccados os mais illustres, como pelo discurso deste Tratado em muitos capítulos iremos vendo. E para que não engasge algum escrupuloso nesta proposição, com a maxima, de que não ha ladrão que seja nobre, pois o tal officio traz consigo extincção de todos os fóros da nobreza ; declaro logo, que intendo o meu dito, segundo o vejo exercitado em homens tidos e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo são ladrões, sem que o exercicio da arte os deslustre, nem abata um ponto do timbre de sua grandeza. Não é assim o que sucedeu em Roma a um imperador ? Que entrando no templo a adorar a Apollo, achou que no mesmo altar estava Esculapio seu filho ; este com grandes barbas, e aquelle limpinho ; porque assim os distinguia a gentilidade antiga. Advertiu o imperador que as barbas de Esculapio eram de oiro, e postiças : cubiçou-as, e furtou-as, dizendo que não era bem o filho tivesse barbas, quando o pae as não tinha : e nada perdeu de sua grandeza o imperador com furtar as barbas ao seu Deus, antes a accrescentou, pois ficou com mais oiro do que d'antes tinha : e assim a accrescentam outros muitos, com muitos outros furtos, que cada dia fazem sem calumnia nas barbas do mundo.

CAPITULO III.

Da antiguidade, e professores desta arte.

Isto que chamam antiguidade, é uma droga que não tem preço certo ; porque em tal parte val muito, e em tal em nada se estima. Communidades h̄, em que a antiguidade rende ; porque

Ihes dão melhor lugar, e melhor vianda. E juntas ha, em que a antiguidade perde; porque escolhem os mais vigorosos para as emprezas de proveito e honra. Antiguidade que conta só os annos, em cada feira val menos; mas a que accumula merecimentos, para cargos tem maior preço, e valéra mais, se fôra de dura. Quando olho para os que me cercam, festejo ser o mais antigo, porque me guardam respeito; mas se olho só para mim, toma-me mais moderno. Este mal tem a antiguidade, que anda mais perto do sim, que do principio. Muitas coisas acabam por antigas, porque se corrompem de velhas; e muitas começam, aonde as outras acabam: isto é na antiguidade; porque só á custa della logram alguns *benè esses*, como as *trempes* do Japão, que as mais velhas são de maior estima. A nobreza tem esta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e val mais por mais antiga. Homem novo entre os romanos, era o mesmo que homem baixo: e o que mostrava imagens de seus antepassados mais velhas, carcomidas, e desfumadas, era tido por mais nobre. Nas artes e sciencias corre a mesma moeda, que andam mais apuradas as mais antigas; e são mais estimadas, as que teem mais antigos professores. Entre alsayates e oleiros se moveu questão, quaes eram mais antigos na sua arte, para alvidrarem d'ahi sua nobreza. Venceram os oleiros, porque primeiro se amacia o barro, de que foi formado Adão, e depois se lhe talharam e cozeram os vestidos. Aqui entram os ladrões com a sua arte, allegando, que muito antes do primeiro homem a exercitaram espiritos mais nobres. Mas deixando pontos que nos ficam além do mundo, antes de haver homens, de que só tractamos, sallemos das telhas abaixo, que é o que pertence á nossa esphera. E em dando nos primeiros professores, colheremos logo a antiguidade desta arte; e da nobreza d'aqueles, e antiguidade desta, faremos o *compato* que buscamos. Mas como se professa ás escondidas, será difficultoso achar os mestres. Ora não será; porque não ha quem escape de *discipulo*, e os discípulos bem devem conhecer seus mestres. Na matricula desta escola não ha quem se não assente. Já o disse a el-rei nosso senhor, que é este mundo um covil de ladrões, porque tudo vive n'elle de rapinas — animaes, e aves, e peixes — até nas arvores ha ladrões. E agora

digo, que é uma universidade, em cujos geraes cursam todos os viventes geralmente. Tem esta universidade só duas classes, uma no mar, outra na terra. No mar dizem que leu de prima Jason aos primeiros argonautas, quando passou á ilha de Colchos, e furtou o velo de oiro, tão defendido como celebrado: e destes aprenderam os infinitos piratas, que hoje em dia coalham esses mares com a próa sempre nas prezas que buscárn. Na terra dizem os antigos, que poz a primeira cathedra Mercurio, e que foi o primeiro ladrão que houve no mundo; e por isso o fizeram Deus das ladroices. Bem se vê a sem-razão desta idolatria, pois não pôde haver maior cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas por peior tembo a que vêmos hoje em muitos homens obrigados a conhecer este erro, que teem a rapina por sua deidade, pondo nella sua bemaventurança, porque della vivem. Enganaram-se os antigos em darem esta primazia a Mercurio: primeiro que elle, foi Adão primeiro ladrão, e primeiro homem do mundo; e por isso pae de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima, serem ladrões. Perguntará aqui o curioso, se haverá algum que o não seja? Responde-se que não; pelo menos na potencia, ou propensão, porque é legitima que se repartiu por todos. É bem verdade que uns participam mais deste legado que outros; bem assim como nos bens castrenses, que se repartem a mais e a menos pelo arbitrio do testador, posto que cá o arbitrio livre é dos herdeiros; e d'ahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como não ha arte que se aprenda sem mestres, que vão succedendo uns a outros, tem esta alguns muito sabios, e sempre os teve: e como não ha escola onde se não achem discipulos bons e máus, tambem nesta ha discipulos que podem ser mestres; e ha outros tão rudes, que nem para máus discipulos prestam, porque logo os apanham. De todos determino dizer alguma coisa, não para os ensinar, mas para advertir a quem se quizer guardar delles, o como se deve vigiar; e a elles quão ariscados andam.

Não me calumniem os que se teem por escoimados, queixando-se que os ponho nesta reste, sem prova nem certeza de delitos que commettessem nesta materia, sendo certo que não ha

regra sem excepção. Metta cada um a mão em sua consciencia, e achará a prova do que digo — que este mundo é uma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinam interesses, creditos, honras, vaidades ; e estas coisas não as pôde haver sem mais e menos ; e em mais e menos vae o furto, quando cada um toma mais do que se lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede isto até em uma cortezia, que excede por ambição, ou que falta por soberba. Ajustar obrigações de justiça e caridade, depende de uma balança muito subtil, que tem o fiel muito ligero : e como ninguem a traz na mão, tudo vae a esmo, e a cobiça pende para si mais que para as partes. E d'aqui vem serem todos como o leão de Hisopete, que comia os outros animaes com o achaque de ser maior. E temos averiguado que os professores desta arte são todos os filhos de Adão, e que ella é tão antiga como seu pae. Mas de tanta antiguidade e progenitores, ninguem me infira serem nobres os professores desta arte, nem ser ella sciencia verdadeira ; porque as sciencias devem praticar algum fim util ao bem communum, e esta arte só em destruir toda se emprega ; contente-se com ser arte, assim como é a magia. E em seus artifices ninguem creia que pôde haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceu a ninguem, porque por natureza é infame, e ninguém pôde dar o que não tem. A verdadeira sciencia é a das leis e canones, que lhes dá caça, mette a saco todos os ladrões ; e bastava tão heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas, apesar dos ruins, com quem tem sua ralé ; e se estes a desacreditam, não valem testimunha, porque os açoita.

Contra resolução tão alentada me botam em rosto o que disse agora ha nada nos dois capitulos antecedentes — que a arte de furtar era sciencia verdadeira, e seus professores muito nobres. Respondo que nunca tal disse de minha opinião ; e se o disse, estaria zombando, para mostrar o engenho dos sophismas, ou a ilusão com que má gente apoia seus erros. Infame é a arte de furtar, infames são seus mestres e discípulos ; e ainda que são mais que muitos, muitos mais são os que andam sãos destu lepra, principalmente os que se lavam com o santo baptismo, que nos livrou de todos os males que herdámos de Adão. Oiçam bons e

máus este discurso, leiam todos este Tratado, e ver-se-hão escritos e retratados: os bons terão que estimar, por se vêrem limpos de tão infame lepra; e os máus terão que aborrecer, conhecendo o mal, que é impossível não se detestar, tanto, que fôr conhecido.

CAPITULO IV.

Come os maiores ladrões são os que teem por officio livrar-nos de outros ladrões.

Não pôde haver maior desgraça no mundo, que converter-se a um doente em veneno a triaga que tomou para vencer a peçonha que o vae matando. Ferir-se e matar-se um homem com a espada que cingiu ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o mosquete, e matal-o, quando fazia tiro para se livrar da morte; é fortuna muito má de sofrer: e tal é que acontece em muitas republicas do mundo, e até nos reinos mais bem governados, os quaes para se livrarem de ladrões, que é a peior peste que os abraza, fizeram yaras, que chamam de justiça, isto é, meirinhos, almotaceis, alcaides; puzeram guardas, rendeiros e jurados; e fortaleceram a todos com provisões, privilegios e armas; mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomam o rasto ás avessas, e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nellas; de sorte que não se distinguem dos ladrões que lhes mandam vigiar, em mais senão, que os ladrões furtam nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descober tas; aquelles com seu risco, e estes com provisão e cartas de seguro. Declaro-me: manda a lei aos senhores almotaceis, que vi giem as padeiras, regateiras, estalagens e tavernas, etc., se venedem as coisas por seu justo preço. Anticipam-se todas as pessoas sobreditas, mandam a casa as primicias e meias natas de seus interesses, e ficam logo licenciadas, para maquinarem tudo, como

quiererem. Teem obrigação os meirinhos e alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizões e execuções que se lhes encarregam : dissimulam e passam por tudo, pelo dobrão, e pela pataca, que lhes mete na bolça ; e seguem-se d'ahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas e rendeiros a defensão dos pastos, vinhas, oliveas, coitadas, que não as destruam os gados alheios ; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito ; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficam livres para poderem lograr as fazendas alheias, como se foram proprias, sem incorrerem nas coimas. E eis aqui como os que teem por officio livrar-nos de ladrões, veem a ser os maiores ladrões que nos destroem. Não fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas ; nem das garnachas, que esperam maiores postos, e não querem perder o muito pelo pouco : livre-nos Deus a todos de offereimentos secretos, que correm sua fortuna sem testimunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco ; e a poder de nós-cegos, o fazem parecer inteiro ; até nas residencias, onde se dão em se fazerem as barbas uns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a maior parte da preza em um momento, quem nos ia restaurar dos danos de um triennio.

Milhares de exemplos ha que explicam bem esta especie de furtos ; e melhor que todos o que poderemos pôr nos physicos : mas manda a sagrada escriptura que os honremos : *propter sanitatem* ; e assim é bem que lhes guardemos aqui respeitos, ainda que a verdade sempre tem logar. Digamol-o ao menos dos boticarios. Teem estes um livrinho — não é maior que uma cartilha — e nada tem de sua doutrina ; porque se devia de compôr no limbo ; certo é que o não imprimiu Galeno, que houvera de ser muito bom christão, se não sôra gentio, porque tinha bom intendimento. A este livro chamam elles : *Qui pro quo* : quer dizer, *uma coisa por outra* ; e o titulo basta, para se intender, que contém mais mentiras que verdades : antes só uma verdade contém, e é que em tudo ensina a vender gato por lebre, como agora : sc lhe faltar na botica a áqua de escorcioneira, que re-

ceita o medico para o cordeal, que lhe podem botar agua de cevada cozida : e se não tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montam : se não houver oleo de amendoas, que lhe ponham o da candéa. E assim vae baralhando tudo, de maneira que não pôde haver boticario que deixe de ter quanto lhe pedem : e d'ahi pôde ser que veio o proverbio, com que declaramos a abundancia de uma casa rica, que tudo se acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos ; e se elles não nos levaram tanto pelos ingredientes supostos, que nada valem, como haviam de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que nasceu a murmuracão de quem disse, que as mãos dos boticarios são como as de Midas, que quanto tocam convertem em oiro ; porque não ha arte chimica que os vença em fazer de maravilhas metaes preciosos : nem pôde haver maior destreza, que a de um destes mestres ou discípulos de Esculapio, que mandando pelo seu moço buscar um molho de malvas no monturo, com duas servuras que lhe dão no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformam de maneira, que não lhes saem das mãos sem lhes deixarem nellas tres ou quatro cruzados, não valendo ellas em si um ceitil : e o mesmo corre em outras mil e trezentas coises. Tem os physicos-móres obrigação de vigiarem tudo isto ; e assim o fazem, correndo o reino, e visitando todes es boticas delle algumas vezes : chamam a isto dar varejo, e dizem bem ; porque assim como nós varejamos uma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, assim elles varejam as boticas, para recolher diaheiro. É muito para vêr a diligencia com que os boticarios se acodem uns aos outros nestas occasiões, emprestando-se vidros e medicamentos, para que os visitadores os achem providos de tudo : e poderá succeder, por mais que tenham tudo bem apurado e a ponto, se não andarem mais diligentes em pcitar, que em se prever, que lhes quebrem todos os vidros por dâ eá aquella palha. Por isso outros fazem bem, que visitam, antes de serem visitados, e com isso escusam o trabalho de se proverem e apurarem ; e escapam os seus frascos, como vaso mau que nunca quebra. Bem se vê, como responde tudo isto ao título deste capitulo ; só uma coisa ha aqui, que a não ia-

tendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou á espingarda ou ás estocadas um homem; e que matem boticarios e medicos cada dia milhares delles, sem vêrmos por isso nunca um na forca; antes são tão privilegiados, que depois de vos darem com as costas no adro, e com vosso pae na cova, demandam vossos herdeiros, que lhes paguem a peçonha com que vos tiraram a vida, e o trabalho que tiveram em vos apressarem a morte com sangrias, peiores que estocadas, por serem sem necessidade, ou fóra de tempo. Um ferrador visinho do cardeal Palooto desappareceu de Roma; e indo depois o cardeal a Napoles com certa diligencia do summo pontifice, teve um achaque, sobre que se fez junta de medicos, e entre elles veio o ferrador por mais afamado: conheceu-o o cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe quem o fizera medico? Respondeu, que só mudára de fortuna e não de officio; porque do mesmo modo que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; e que lhe succedia tudo melhor, porque além de acertar nas curas tão bem e melhor que os demais medicos, se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava por isso, como sua eminencia, que lhe fez pagar uma mulla do seu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais succedeu no caso, não serve ao intento; mas do dito se coile, que anda o mundo errado na materia de medicos e boticarios, que hão mister grandissima reforma; porque tendo por officio assegurar as vidas, não só nol-as tiram, mas sobre isso nos pedem as bolças. Não fazia outro tanto o Sol Posto aos castelhanos nas charnecas; e no cabo foi esquartejado por isso. E estes senhores ficam-se rindo, e aguçando a ferramenta para irem por diante na matança, de que fazem officio.

Em França ha lei, que nenhum medico do paço vença salario em quanto alguma pessoa real estiver doente; porque assim se apressem em tractar de sua saude: e os portuguezes somos taes, que quando estamos doentes fazemos mais mimos, e damos maiores pagas aos medicos, sem advertirmos, que por isso mesmo nos dilatarão a saude, e farão grave o mal que é leve; como o outro, que curava de um espinho certo cavalheiro, e tinha-lhe

mettido em cabeça, que era postema. Ausentou-se um dia e deixou um seu filho instruido que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavam postema. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho: cessaram logo as dores, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veio o pae; pediu-lhe o filho alviçaras, que sará o doente só com lhe tirar o espinho. Respondeu-lhe o pae: pois d'ahi come-rás para besta. Não vias tu, selvagem, que em quanto se queixava das dores, continuavam as visitas, e se accrescentavam as pagas? Secaste o leite á cabra que ordenhavamos? Bem se acudiria a isto, se se pagassem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito necessario era haver lei, que nenhuma cura se pagasse do doente que morresse. Podera-se pelo menos pôr remedio a tudo, com favorecerem os reis mais esta sciencia, que anda muito arrastrada; porque não se applica a ella, senão quem não tem cabedal para cursar outros estudos. No estado de Milão todos os medicos teem fôro de condes: nos estados de Mantua, Modena, Parma e em toda a Lombardia, são ditos, e havidos por fidalgos, e gozam seus privilegios. El-rei Dom Sebastião começou a applicar algum cuidado nesta parte, mandando á universidade de Coimbra, que escolhessem de todos os geraes os estudantes mais habeis e nobres, e que os applicassem á medicina, com promessas de grandes accrescentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dois pares delles, com as mesmas promessas, para estudarem a medicina com que todo aquelle vastissimo imperio se cura: que sem controversia é a melhor do mundo, porque sabe qualquer medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a um doente, tudo o que teve, e ha de ter por horas, sem lhe error nenhum accidente; e logo levam consigo os medicamentos para a cura, se é que o mal tem alguma: e melhor fôra irmos lá buscar essa sciencia para reparar a vida, que as procelanas que logo quebram.

CAPITULO V.

**Dos que são ladrões, sem deixarem,
que outros o sejam.**

Do leão contam os naturaes, que de tal maneira faz suas presas, que juntamente as defende, que lhes não toque nienhum outro animal, por fero que seja. Mais fazem os acores da Noruega, que conservam viva a ultima ave que empolgam nos dias de inverno, para terem com ella quentes os pés de noite ; e como amanhece a largam ; e observam para onde foge, e não vão caçar para aquella parte, para não acabarem a ave de que receberam algum bem ; e não reparam em que vá dar nas unhas de outros acores. Ladrões ha peiores que estes animaes, e são como elles os poderosos. Todos são como os leões, que não deixam que outros animaes se cevem na sua preza ; e nenhum como os acores, que largam para outras aves a preza de que tiraram proveito. Não admittir companhia no tracto de que se pôde tirar proveito, é ambição, e é interesse, a que podemos dar nome de farto. E é lanço muito contrario ao natural dos ladrões, que gostam de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem uns aos outros : mas isto é em ladrões mecanicos, e villões de tracto baixo : ha ladrões fidalgos tão graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco : vê-se isto por essas ilhas e conquistas, e tambem cá no reino. Ha em certa parte certa droga buscada e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscam para fazerem carregação della. Que faz neste caso o poderoso ? Abarca toda de antemão pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lh'a levem a casa, em que lhe pez : e como se vê senhor de toda, fecha-se com ella, e talha-lhe o preço a seu padar, de sorte que o estrangeiro ha de bebel-a, ou vertel-a a seu pezar. No pastel das ilhas vêmos isto muitas vezes ; na coirama de Cabo-Verde, no páu do Brazil, na canella de Ceilão, no anil, nos baasares e outras veniagas : e neste reino o vêmos cada dia no pão, na passa do Algarve, na

amendoas, no atum, e em quasi todas os mercadorias, que veem de fóra, como taboados, livros, baetas, sedas, telas etc., as quaes os atravessadores tomam por junto, e fazendo de tudo estanques, se fazem reis; porque só os reis podem fazer estanques, e porque só aos reis pôde ser lícito o engrossarem tanto. Isto de estanques é ponto em que se deve ir muito attento, especialmente nas coisas necessarias para a vida, como são mantimentos e roupas. Que haja estanque em solimão, cartas de jogar, tabaco, pimenta e diamantes, pouco vae nisso, porque sem nada disso passaremos; mas que se permitta que nos atravessem o pão, e que se fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatrodobros, quando o povo brame por elle, é negocio que se deve atalhar com todo o rigor, mandando por lei estavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo sobre tres tostões: nem se seguirá d'aqui faltar o pão no reino, antes sobejará; porque os estrangeiros com esse preço se contentam, e os lavradores nunca o vendem por mais, e assim nunca desistirão de o trazer, nem de o semear: e desistindo os atravessadores de sua cobiça, todos o terão. Da mesma maneira se deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vão todos subindo muito sem razão, e queixam-se os povos sem remedio. Um chapeo que valia um cruzado, custa hoje dois e tres: um covado de panno que se dava por tres tostões, não o largam por menos de sete: uns capatos que chegavam a doze vintens, subiram já a quinhentos reis. E assim se procede em tudo o mais. E se lhes pergunto a causa destes excessos? Respondem, que pagam decimas; e é o mesmo que responderem, que o fazem sem razão, pois é quererem que lhes paguemos nós as decimas, e não elles: além de que, o excesso em que se satisfazem, é ametade ou mais, e não a decima parte. Fique isto advertido de passagem, ainda que tambem pertence aos ladrões, que não deixam que outros o sejam; porque usurpando cada official no seu tracto ganhos tão excessivos, não deixa logar a quem com elles tracta, para interessarem coisa alguma, nem aos agentes e medianeiros, para sizarem um vintem. E tornemos aos estanques ou atravessadores, que levam o maior preço deste capitulo, que acabo com dois exemplos, que andam correntes

com grande detimento da companhia da bolça, sobre a compra e venda dos vinhos para o Brazil : mandam um agente diante à ilha da Madeira, que os compra em mosto pelo menor preço ; e quando chegam os navios para tomar a carga, entregalh'os cozidos, por outro tanto mais do que lhe custaram, como se o mandaram negociar só para si, e não para toda a companhia, cujo era o cabedal com que effectuou o primeiro lanço. Chegam ao Brazil onde tem taixa, que não passem as pipas de quarenta mil réis, atravessa-as um todas pelo dito preço, e verifica à bolça que as vendeu pelo que orça o regimento. E o senhor que as embebeu em si, talhah'les outro preço, que passa de cem mil réis, e fica quem quer que é, com os ganhos em salvo, e a fazenda alheia com os riscos, sem deixar que logrem tão grandes lucros, os que puzeram o cabedal, e se expuseram aos perigos. Nota para as demais drogas : quem assim empolga no liquido, que fará no solidio ? E advirtam todos os atravessadores como são peiores que as feras, porque os interesses que reservam só para si, e vedam aos outros da preza que empolgam, nos leões é por generosidade, e nelles por vileza, para que lhe não chamemos aleivozia. Peiores são que os açores, pois estes largam a caça para outros, e elles tudo usurpam para si, sem deixarem que os outros medrem. Medrariam todos se houvesse lei, que perca tudo quem abarcar tudo : e seria justa pela regra que diz : *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

CAPITULO VI.

Como não escapa de ladrão, quem se paga por sua mão.

A um cego, desses que pedem por portas, deram em certa parte um cacho de uvas por esmola : e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se pôde pizar, tractou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço que o guiava : e para isso

concertou com elle, que o comessem bago e bago alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo que seu amo falhava no contracto, calou-se e deu-lhe os cãbes a ternos: não lhe esperou muito o cego; e ao terceiro invite descarregou-lhe com o bordão na cabeça. Gritou o rapaz: porque me daes? Respondeu o amo: porque contractando nós que comessemos igualmente estas uvas bago e bago, tu comes a tres e a quatro. Perguntou-lhe então o moço: e quem vos disse a vós que fiz eu tal aleivosia? Isso está claro, respondeu o cego; porque faltando-te eu primeiro no contracto comendo a pares, tu te calaste sem me requereres tua justiça, e não eras tu tão santo que me levasses em conta, nem em silencio a minha sem-razão, senão pagando-te em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os reis e principes, grandes e senhores do mundo, para dizer a todos em segredo, como andam cegos no ponto mais essencial de seu governo, que é o de suas rendas e thesouros, sem os quaes não se podem sustentar em seu ser, nem conservar suas republicas e familias. Tenham todos por certo, que se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos e remunerações dos serviços que lhes fazem, que se hão de pagar por sua mão. E boa prova disso seja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque hão medo do bastão da potencia em que se firmam, com que lhes podem quebrar as cabeças; mas para remirem sua vexação, usam do direito natural que os ensina a refazer-se pela calada, e pelo mais quieto modo que lhes é possivel: e como a satisfação fica na sua révera, é ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar que tudo é pouco para o que merecem. E d'aqui vem o que temos visto muitas vezes neste reino em embaixadas e emprezas que sua magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo não ha resultas, nem sobejos que restituam. Nem ha razão que dar a este ponto mais, que a de dizermos que tomam tudo para si por paga de seus serviços, sem admittirem, que vão estes satisfeitos sobre outras mercês que receberam de antemão e que podem faltar estas, córam com esta

pretexto a sobreja diligencia, com que se pagam. Duas razões ha muito evidentes, com que se prova o muito que agazalham dos cabedaes que passam por suas mãos: primeira, que o logo onde está não se pôde esconder; logo lança sumo e luzes: e assim são estes, que logo teem sumos de maiores grandezas, e brilham lustres, que manifestam o proveito, com que sairam da empreza, em que apregoam que fizeram grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que apesar de sua mentira descobre a verdade. Se gastaste tanto e te atenuaste, irmão, como engordaste? A segunda razão ainda mais efficaz é, que ás vezes manda el-rei nosso senhor religiosos a taes emprezas com menos cabedal e nenhuma mercês, porque não lhes dá titulos, nem commendas, e com tudo no fim dellas restituem grandes sobrejos. Dirá alguém que é porque gastam menos; e eu digo que é porque guardam mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaração: que todos gastam da fazenda real; aquelles guardam para si e estes para seu dono: aquelles pagam-se por sua mão, e estes não tractam de paga, senão de restituição. Mas deixando esta matéria, que me pôde fazer odioso com gente grande e poderosa, e eu quero paz com todos, assim como tracto de os pôr em paz com suas consciencias; só nos reis e principes grandes tomára persuadir bem esta verdade — que paguem pontualmente o que devem, se querem que lhes luzam mais suas rendas; porque é certo que não ha quem se não pague, se acha por onde: e quando não acha, busca outro do seu lote, que deva ao rei alguma coisa, e compoem-se com elle: dae-me duzentos mil réis, e desobrigo-vos de mil cruzados que deveis a el-rei, porque elle me deve a mim outros tantos. Já se sucede, que o primeiro deva ao segundo alguma coisa, ahi fica o contracto mais corrente; porque com pecunia mental se satisfaz tudo, e só o rei fica defraudado na real; porque com estas e outras traças nada se lhe restitue, e vem a montar no cabo ao todo dispendios muito grandes, porque sucedem serem mais que muito estes lanços, e passarem de marca as quantias delles. E se buscarmos a raiz destas perdas grandes, havemol-a de achar no descuido das pagas pequenas, que occasionaram licença nos acredores para se pagarem de sua mão,

sem repararem na censura de ladrões, que incorrem pelo que levam de mais: e se algum pezar os acompanha, é de não acharrem mais, para se pagarem tambem de dois perigos, a que se puzerom: primeiro de perderem o seu, segundo de ganharem a forca.

Esta sarna ou tinha, que pelas mãos se pega, é tão vulgar, que não ha pessoa, por ignorante que seja, que não saiba pagar-se destrissimamente por sua mão, até em coisas muito leves; porque mais sabe o sandeu no seu, que o sabio no alheio: e o mesmo é quando cuida que o alheio lhe pertence por algum serviço; e para que lhe pertença, e para opropriar a si, sabe dar dois baleos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio ou mandado que vos fazem, um emprestimo que seja, logo o julgam por digno de grande paga; e em lhes caindo alguma coisa vossa na mão, de que possam sizar, com ambas as mãos empolgam nella, para se remunerarem além das medidas: e não basta dizerem e protestarem que vos servem por cortezia, nem contractardes com elles em o tanto que lhes pagaes pontualmente; porque a cortezia verdadeira que professam é julgarem todos que muito mais merecem, sem advertirem que o dado é dado, e o vendido é vendido; e que não podem alterar nas obras, o que assentam com as palavras. E já lhes eu perdoara tudo, aos que se pagam por sua mão, se levaram somente o que se lhes pôde dever a juiso de bom varão; mas pagam-se pela sua almotaceria, que sempre é maior, e occasionam grandissimas perdas aos proprietarios, como se vê na pescaria do aljofar e perolas no Oriente, que rendia mais de um milhão em outros annos á corôa de Portugal, e para os pescadores, que eram mais de quarenta mil, com quinhentas embarcações grandes; porque havia quem pagasse aos ministros fielmente sem lhes abrir entrada, por onde ensopassem a mão em monte tão grosso. Tiveram estes traças para encorporarem em si a administração das despezas e recibos, tirando-a de pessoas religiosas fidelissimas, a titulo de mais facil expediente; e seguiu-se logo serem os mergulhadores mal pagos, e os ministros remunerados em dobro, porque se pagavam estes por sua mão, e aquelles pela alheia: fugiram

os pescadores, e os que acodem forçados são tão poucos em comparação do que eram, que não chegam a dez mil, com duzentas embarcações pequenas; e assim ficam os lucros tão tenues, que não podem avançar a duzentos mil cruzados; e só os ministros engordam, porque se pagam por sua mão. Na compra do salitre e pimenta, sucede quasi o mesmo lá nessas partes: vinha-nos de Maduré o salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que são dezeseis arrobas; comprava-se todo para a corôa de Portugal com grandissimo lucro: não achavam os ministros reaes polpa em droga tão barata, para empolgarem as unhas: tractaram de a haver dos Naiques, que são os reis daquelle imperio, os quaes sabendo a estima que faziamos do que elles arbitravam como se fosse arêa, fizeram logo estanque de que não deixam sair o salitre por menos de vinte patacas o bar: e o mesmo sucedeu na pimenta por toda a India, por se cevarem mais do devido as unhas dos ministros em seus pagamentos.

CAPITULO VII.

Como tomando pouco, se rouba mais que tomando muito.

Parece que se contradiz o assumpto deste capitulo; mas essa é a excellencia desta arte, que até de implicações tira consequências certas para os fins que professa. E pudera-se provar com o que furtá a agulha ao alfayate, em logar e occasião que não pôde comprar nem haver outra, e por isso fica impossibilitado para trabalhar aquelle dia e os que se seguem, com que perde os seus jornaes e sallarios, que vem a fazer quantia grossa. E é ponto este que tem dado muito que suar aos doutores moralistas, sobre a restituição dos lucros cessantes, e danos emergentes consideráveis do official, a que deu causa o ladrão com tão leve furto, como é o de uma agulha, que val, quando muito, real e meio: e que-

rem quasi todos que seja furto de restituição, os danos graves recebidos por tão leve causa. Do mesmo modo discursam no que furtou a cabra ou a galinha, de que seu dono esperava muitos fructos. E assim sucede furtarem muito os que tomam pouco. Mas não é minha tenção occupar a machina deste capitulo com ninherias. Vôe a nossa pena a coisas mais altas. Todos sabem o dito commum: *Que tanta pena merece o consentidor, como o ladrão*; e nesta toada ha ladrões, que não furtando nada, porque nada lhes fica, furtam quasi infinito, como se vê nas justiças, em guardas, meirinhos, e outros officiaes, assim na paz como na guerra, os quaes por dissimularem, ou não vigarem, dão causa a grandissimos furtos, e intoleraveis ladroices: já se vão sorros, e a partir, com os que metem as mãos na massa até os cotovelos, empolgando nas fazendas reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos que desbalisam, e nas drogas, que à força fazem ser de contrabando; ahí digo eu que vae o furtar de monte a monte, e que tomam os taes ministros sobre si cargas irremediables de restituição, cujos antecedentes não logram, e só com as consequencias das tiçoadas, que por tudo hão de levar, se ficam. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhcerá todo o mundo os ladrões que furtam mais, quando tomam menos.

Comecemos pelos mais graves. Sabe um mestre de campo, que tem quatro capitães no seu terço, que recolhem os pagamentos de seus soldados, a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogam no mesmo dia em que lh'os entregam, ficando assim soldados e capitães sem bazaruco, e dissimulam com isso? Pois saiba o senhor mestre de campo, quem quer que é, que fica sendo em consciencia tão grande ladrão como os seus capitães. Responde-me negando-me a consequencia; porque nada tomou para si. Mas a isso lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladrões, que não furtando nada, furtam muito, e elle é o maior de todos, pois deu occasião a maiores danos, não só na fome e desnudez dos soldados, e nos roubos que lhes occasionou fazerem para se remediar, mas tambem na batalha que se perdeu a seu rei, por não irem alentados e contentes.

Caso notavel, e que poderia acontecer! Veio do Norte a certo

homem de negocio um navio de bacalháu meio corrupto, e tal que desesperou da venda e gasto de tal droga : foi-se a um conselheiro, ou provedor das fronteiras, metteu-lhe dois mil cruzados em oiro na mão para luvas com seu borslados, que em maiores empenhos o deseja servir, se lhe der passagem a uma partidazinha de bacalháu para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a sua magestade. Deixe vossa mercê estar o lanço, lhe responde elle com os dois mil nas unhas, que hoje o porei em conselho, e serão sua magestade e vossa mercê servidos. Espera-lhe pancada, e em vindo a pélo a fome dos soldados, propõe muito severo e grave : Senhores meus, bacalháu é muito bom mantimento para campanha e povoado ; tem-se de reserva, e é sadio ; e eu tenho, porque nada me escapa, quem nos dê uma partida grossa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro : chamae cá esse homem de veludo raso que ahi está fóra : entra elle vendendo bullas, e fazendo-se de rogar, e que tem dois mil quintaes para provimento do povo, que ha de ficar bramindo ; mas que o serviço de sua magestade ha de ir diante, e que terá o povo paciencia, e que lhe hão de dar vinte mil cruzados pela dita partida, e que se lhe derem um real menos fica perdido. Vá-se vossa mercê para fóra ; temos ouvido, consultaremos. Sáe-se elle para fóra promettendo candeinhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa saida á sua fazenda perdida. Dá um brado o promotor do negocio : aqui verão vossas senhorias como sirvo a sua magestade. Famoso lanço, respondem todos, não se perca, embarque-se logo todo para Aldéa Gallega, e contem-se-lhe os vinte mil cruzados ; e assim se effectua. Vão diante ordens apertadas aos juizes e corregedores, que prendam almocreves, que embarguem bestas ; tudo se executa : e lá vão comendo todos do bacalháu por essas estradas até Elvas, onde o molham, para que não salte no pezo ; recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ao segundo dia já enjôa a toda a cidade com o cheiro ; os soldados não o aceitam, nem os cães o comem. E se alguém não tiver isto por factivel, veja lá não lhe provem que lhe succedeu a elle. Digam-me agora os senhores doutores, se é isto furto ou esmola que se fez a sua

magestade. No conselho o appellidaram por serviço, em Elvas lhe chamam perda ; e poucas letras são necessarias para lhe dar o nome proprio, que é, furto legitimo. Quem fez este furto é a maior duvida ? O mancebinho que recolheu os dois mil cruzados, cuida que nada fez ; e elle por estes algarismos vem a ser o que tomando pouco, furtou muito ; porque deu occasião a arderem vinte mil cruzados d'el-rei sem nenhum fructo. Na alma lhe não quizera eu jazer á hora da morte.

CAPITULO VIII.

Como se farta ás partes, fazendo-lhes mercês, e vendendo-lhes misericordias.

Offereceu-se o milhano á gallinha para ser seu enfermeiro em uma doença, e em cada visita lhe mamaya um pinto pela calada, até que deu sé, pela diminuição de sua familia e casa, que a mercê que lhe fazia o seu medico, tinha mais de furto, que de misericordia. São os ministros com que se governam as republicas, como medicos, que acodem a seus trabalhos, que são as suas doenças ; e accrescentar-lhe estas a titulo de cura e de misericordia, é aleivozia, e é ladroice descarada, e acontece de mil maneiras. Toco algumas, que todas não pôde ser. Manda el-rei nosso senhor fazer infantaria pelas comarcas do reino para provimento das fronteiras e do Brazil, ou da India : vão os cabos muito bem providos de dinheiro, que lhes dá sua magestade para os pagamentos ; levam seus officiaes em fórmā com todos os requisitos, para que tudo se faça authentico com razão e justiça. Chegam a um lugar, tomam noticia dos que ha mais aptos e expeditos para as armas : são logo malsinados os que teem inimigos, e choveim escusas sobre os que são apparentados. Passa o cabo cedulas aos meirinhos que lh'os tragam alli todos ; e se os não acharem, que lhe tragam os paes ou as mães por elles : e elles que gostam mais

do ninho em que se crearam, e leval-os á guerra, é arrancar-lhes os dentes ; poem-se em cobro, deixando seus paes nos piotes, que para remirem sua vexação, e a de seus filhos, lançam mil linhas ; e vendo que as de intercessões não montam, appellam para as do interesse : offerece cada qual os vinte e os trinta cruzados que não tem, e para os fazer, vende até a capa dos hombros ; e tanto que os dá por baixo da capa, logo escapa, e livra o filho a titulo de manco, sendo mais escorreito que um veado : e não são poucos os que trincam a sedella desta maneira em cada terra ; com que vem a ser mais que muito o cabedal dos milhares, que em vez de fazerem gente para a guerra, fizeram thesouro para a paz e para o jugo. Muitos paes houve que livraram seus filhos seis e sete vezes deste modo, em diferentes annos ; com que lhes vieram a custar tanto como se os resgataram de Turquia.

O mesmo sucedeua nos aprestos das armadas para a costa, e frotas para o Brazil e India. Faltam barbeiros, falta marinagem ? Alto sus : vão os sargentos por essa ribeira, revolvam a cidade, prendam e tragam toda á coisa viva que possa prestar para os taes ministerios, e cá faremos a escolha : e como se o decreto sóra rede varredoira para ajuntar dinheiro, vão empolgando em quantos acham geitosos, para pingarem quatro tostões, porque os deixem : vinde por alli, que sois marinheiro ; e vós vinde tambem que sois sangrador. Ha que d'el-rei, grita este, que não estou ainda examinado ! Que não sou marinheiro do alto, chora aquelle ! Deixem-nos vossas mercês, eis aqui duas patacas para beberem. Que não ha patacas, instam os agarradores, todas são falsas ; viva Deus, e tudo é falso quanto allegaes ; bem vos conhecemos. Pois por isso mesmo, acodem os salteados, hão vossas mercês de usar de misericordia comnosco, pois nos conhecem, e serem seryidos de nos darem uma palavra aqui á parte de segredo, que importa ao serviço de sua magestade. E tanto que lhe untam as mãos com moeda corrente, logo os deixam escorregar dellas, avisando-os, por lhes fazerem mercê á puridade, que não appareçam os oito dias seguintes até darem á vella ; e aos circunstantes que acudiram a vêr a morte da bezerra, dão satisfação com deixem passar, senhores, estes fidalgos que são familiares. E eis

aqui como estes e outros fazendo mercês, e vendendo misericordias, furtam a trocho; e vem a resultar de tudo que fazem os provimentos, dos que não tiveram substancia para seu resgate, de quatro máus trapilhos inúteis e miseraveis; e por isso depois em seus postos ha as faltas que choramos: nem se devem impunhar a elles, que são uns coitados, senão a quem taes provimentos faz, esfolando a nossa republica para engordar a sua pelle, e encher a bolsa.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em maior custo, e toca em sujeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Aprestam-se as náus para a India, não ha pilotos nem bombardeiros, porque são officios cujas artes já se não professam nem ensinam: offerecem-se os lacaios dos maiores senhores a seus amos, para que os façam provêr nestes officios em satisfação de seus serviços; porque sabem que tem maiores lucros nelles, que em pensar as mulas e frisões dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe seu amo: como pôdes tu ser piloto de uma náu, se nunca entraste nella, nem sabes que coisa é balestilha nem astrolabio? Não repare vossa senhoria nisso, respondeu elle, porque as náus da India não hão mister pilotos; sempre ouvi dizer que Deus as leva, e Deus as traz. E fiaos nisto, ou em seus intentos, que elles saberão quaes são, e nós tambem, provém os officios das náus, de maneira que quando vem á praxe e exercicio delles, nenhum sabe qual é a sua mão direita: e por isso vão dar com as náus por essas costas, e se deixam render nas occasiões da peleja; e vêmos perdas tão grandes e intoleraveis, que pelo serem muito, as attribuimos aos peccados, que não vêmos, e se poderiam muitas vezes queixar de se lhe levantarem tantos falsos testimonhos, como lá, não sei onde, se queixou um diabo de certo noviço, que deu a seu mestre por escusa de uns ovos que frigiu em um papel á candéa, que o tentára o demônio, o qual acudiu logo por sua innocencia desmentindo-o, que tal fritada não sabia como se podia fazer daquella maneira. Não nego que peccados nos podem fazer, e fazem muita guerra; mas vejo que ignorancias são as que nos destroem; e quem favorece estas a titulo de misericordia, dá occasião a maior crueldade: e

fazendo esmolas e mercês a seus criados, faz furtos, e dá perdas à republica, que não teem reparo.

CAPITULO IX.

Como se furt a titulo de beneficio.

Beneficios ha sem pensão, e beneficios ha com ella. Tomára eu os meus desobrigados, para não desejar a morte ao pensionario. Se o beneficio é tenue e a pensão grossa, melhor me fôra ser cura que beneficiado. Isto é, que melhor me estava curar de mim com trabalho, que render-me a outrem com tributo. O interesse é moeda que todos os homens cunham, e só entre elles corre e a falsificam de maneira, que por cobre querem que lhe deem prata. Deus Nossa Senhor está continuamente enchendo este mundo de beneficios sem esperar outra pensão, mais que de louvores em agradecimento. É um milagre continuo a disposição e providencia com que o céu governa os tempos do anno, fazendo com suas influencias sair partes dos elementos, animaes, e plantas, com que os racionaes se sustentam e vestem; sem por isso nos pensionar mais que em louvores, que quer lhe dêmos; tributo facil, porque depende de affectos, que são naturaes, e por isso de nenhuma molestia ao agradecido. Os reis tambem são como Deus; e como a natureza nesta parte a tudo acode com universal providencia, dispondo as coisas com suas leis, de sorte que se não houver quem as quebrante, não haverá fome que afflijá os pobres, nem adversidades que inquietem os pequenos; todos, altos e baixos andarão satisfeitos, sem as pensões de tributos, que se occasionam de desbarates que os ambiciosos e turbulentos movem; e para se reprimirem é necessario que todos concorram, porque as forças de um rei ás vezes não bastam para enfrear a violencia dos grandes, que sempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A oppulencia é esponja que se ceva na

substancia da pobreza, e é hydropisia que nada a farta : e d'abi vem arrebentarem uns de gordos com a abundancia, e entisicarem outros de magros com a esterilidade. E no cabo cuidam os grandes, que são como as sanguexugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupam o sangue ; cuidam que fazem soberano beneficio aos pequenos, quando se servem delles até os aniquilarem. O beneficio que vos fazem, é servir-se de vós ; e a pensão tomar-vos a fazenda, como se a ganharam, quando vos admitiram ao serviço que lhes fizestes. Não se viu maior sem-razão ! E eu lh'a perdoara (porque cuidam que vos auctorisam, quando vos chegam a si, e que não ha em vós preço com que lhe possaes pagar este beneficio) se não accrescentaram a este dilirio outro peior, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a isso a vingança injusta que conceberam contra vós, por não vos professardes escravos seus, até quando não só a natureza, mas tambem a concurrence das obrigações que sonham vos fez livre. E para que não pareça isto discurso phantastico a quem o lêr, ponho-o na praxe de um exemplo, e ficará claro e bem intedido.

Não ha reino no mundo tão bem provido como este nosso de Portugal ; porque além do que dá de si bastante para seu sustento, lustre e agrado, tem de suas conquistas com que se enriquece, e provém todas as nações. E como o meneo de tantas coisas é grande, ha mister grandes homens que lhe assistam com grande governo em todas as partes aonde chegam seus commerrios. Destes houve antigamente, e ainda ha alguns tão fidalgos, que estimando mais a honra que thesouros, tractaram só de dar o seu a seu dono ; e assim tornaram para suas casas ricos só de bom nome, que é melhor que muitas riquezas, como diz o sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leis da cobiça aos respeitos da nobreza, não só se fazem chatins ; mas estendendo as redes até pelo alheio, se fazem ricos á custa dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro, depois de se servirem delles, e os despojarem de quanto tinham. Soube um governador destes, que certo negociante tinha um trancelim de diamantes, que se avaliava em cinco mil cruzados : cresceu-lhe a

agua na boca, e mandou-lh'o pedir só para o vêr por curiosidade : e depois de visto, torna outro recado, que estimará lh'o venda : tenho-o para o dar em dote a uma filha, lhe respondeu o dono. Seja assim, diz o senhor governador ; e eis-ahi tem v. m. a sua peça : e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que se embarque prezo para o reino, para dar conta diante de sua magestade de certos cargos e crimes *laesæ majestatis*, provados com mais de vinte testimunhas. Lança o bom portuguez suas contas : eu não devo nada a el-rei ; mas dizem lá que á cadêa nem por coima de figos, e se me deixo ir, hei de gastar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo não ficarei bem limado de tudo, sobre bem affligido. Leve S. Pedro o trancelim que tão caro me custa. Chama um religioso destro e de segredo, entrega-lh'o com um recado para sua senhoria, que lhe faça mercê de se servir daquelle peça, e de tudo o mais que h̄a em sua casa, porque estava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o senhor governador o envoltorio, dando a intender que cuida são reliquias que lhe offerece o reverendo padre, e ajunta muito criminoso : Grande coisa é ter um amigo em Arronches. Pôde agradecer a vossa paternidade esse cavalheiro a mercê que lhe faço de o absolver de culpa e pena : e dê graças a Deus que escapou de boa. Por esta arte fazendo beneficio da maldade que urdiram, chupam em satisfação, quanto ha precioso em ricos e pobres. Fâcam-me mercê que lhes resistam, e verão onde vão parar suas vidas e fazendas.

De outras tretas usam ainda mais suaves para se fazerem senhores do alheio a titulo de benefícios phantasticos, principalmente quando tractam de se voltarem para o reino : fingem-se validos e poderosos com os ministros de todos os conselhos, e até com as altezas e magestades : offerecem-se aos que sentem de mais churume, que farão na corte suas partes : e como nenhuma ha que não tenha nella requerimentos, todos se dispendem com donativos e offertas, que dizem com as pessoas ; e elles vão agasalhando tudo, e pondo em listas (que nunca mais hão de vêr) seus negócios : e para os apoiar mostram cartas, que fingem dos validos e ministros, onde vão topar os pleitos e requerimentos, e fa-

zendo dellas esporas e garavatos, despenham os pertendentes, e os desbalizam de quanto teem; e assim os roubam a titulo de lhes fazerem benefícios, sem chegarem nunca os acredores a colher os fructos de suas esperanças; porque semearam em terra esteril, e mato maninho. Deus nos ajude, e nos dê a conhecer corações singidos: a natureza e os elementos produzem tudo para os homens, sem lhes pedirem nada por tão grandes benefícios; e os homens são tão interesseiros, que sem lhes darem nada, lhes querem levar tudo por uma mercê singida. Não ha entre elles beneficio sem pensão, e é ordinariamente tão pezada, que nada me deixa para allivio. O reino está sempre cheio para elles, e para mim só vazio: os reis tratam de todos, e elles só de si, e nenhum de mim, senão quando me sentem com churume que possam sorver. Vel-os-eis visitarem-se uns aos outros com alvitres de grandes ganancias, se entrarem ao escote nos empenhos que trazem por mar e terra; e que vos fazem mercê de vos admittirem ao trato da sociedade, de que esperam fructos e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o seu intento é pôr-vos de lodo, despojando-vos da substancia, para a encorporarem em si; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixam *zote de requie*: e quando abris os olhos, achaes que o descanço se vos converteu em demandas, com que acabaes de despenhar o ruço atraç das canastras; estas vão cheias para elles, e aquelle fica dando-vos coices na alma: *Equo ne credite Teucri. Timeo danaos, et dona ferentes.*

CAPITULO X.

**Como se podem furtar a el-rei vinte mil cruzados
a titulo de o servir.**

Aíera é tão desarrasoada, que com summa *habilidade*, digo humildade, ajunta soberba summa, tomndo satisfaçao atroz de

um serviço inutil, como se o que dá fôra muito, sendo nada ; e o que toma fôra nada, sendo mais que muito. É por natureza tão humilde e rasteira, que se não tiver quem lhe dê a mão, nunca se levantará do pó da terra : e é por artificio tão soberba, que não pára, até não sobrepujar a quem lhe deu o alento ; nem descansa, até não destruir a seus benfeiteiros, roubando-lhes a substancia, e arruinando-lhes o ser em satisfação do leve serviço que lhes faz do ornato de suas folhas. Levanta-se por benefícios das mais altas arvores a que se encosta ; dilata-se com o favor dos mais fortes muros a que se arrima ; paga-lhes com sua frescura, e paga-se desta ruina e destruição total de todos seus Mecenas. Até aqui ingratidão ! E taes são homens humildes por natureza, soberbos por artificio, que recebendo de suas senhores o ser e benefícios sem conto, escassamente lhes fazem um leve serviço mais de folhagem, que de substancia, e logo se pagam delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes saco ao mais essencial, sem repararem ruinas, que a grandes dispendios necessariamente se seguem. Não tolho que se paguem serviços : mas estranho satisfações, que excedem ; e que as affectem ambiciosos, até onde não ha merecimentos. Cerrando estes com a mesma accão perniciosa, estão roubando a seu rei, e a seu senhor, e querem que por isso vá cheia de merecimentos a mão que enchem de rapinas ; e que tudo seja pouco para premio de sua aleivosia, disfarçada com mascara de serviço. E ainda que nelles houverá serviços dignos de premio, são os pagamentos com que se satisfazem, tão grossos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados disse no titulo deste capitulo ? Pois disse pouco, quando sei casos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occasões, que a sabedoria do vulgo ficou cuidando que recebia el-rei no lanço um serviço heroico de grandissimo interesse. Succedeu o caso, não direi onde, porque não trato de syndicar invasões de inconfidentes, senão de advertir ministros fieis, para que saibam por onde se nos vae a agos : basta saber-se que além-mar recolhem os reis de Portugal para si todos os dizimos, como conquistadores ; porque os papas os largaram aos mestradões, para levarem ávante a conversão da gentilidade, e sustentarem o culto divino naquellas partes com magni-

ficiencia da fé, e augmento da christendade. Em uma praça pois dessas mais oppulentas se poem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos, a quem dá mais por ellas, e andara orçadas uns annos por outros em cento e quarenta até cento e cincoenta mil cruzados. Urdiu um poderoso os lanços de maneira, que não subiram de sessenta mil cruzados; e nelles se rematou o ramo a um prioste seu confidente, como quem ia forro e a partir: e para isso intimidou todos os lançadores, e prendeu alguns que tinha por mais affoitos, para os impossibilitar naquelle tempo, por lhe constar queriam lançar no tal ramo cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinham lançado, e no seguinte lançaram, porque se lhes removeu o impedimento. Donde se colhe que não defraudaram a sua magestade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizaram grande serviço, para que se não perdesse de todo a arrendação dos dizimos, visto não haver quem dësse por elles mais. E destas ninherias ha por lá muitas, guizadas com taes escabeches, que é necessário muito ardil para lhes dar na tempera: e ainda que ha quem a intenda, assim como ha quem a goste, não ha quem a declare, por se não encarregar de desgostos, arriscando a vida e a honra, à ventura de haver quem faça prevalecer suas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriscado que este, com que se furtam a sua magestade todos os annos os vinte mil cruzados que propuz no titulo, sem se sentir a pontada, nem abrir ponto por onde se possa emendar a rotura. E é assim, que os reis de Portugal são senhores de todos os matos do Brazil, e consequintemente de todas as madeiras que se talham nelles: e é certo que todos os annos se fabricam mais de cincoenta mil caixas para vir o assucar, tabaco, gengivre, malagueta, etc., e que não se paga a el-rei por tanto taboadão e madeira, nem um ceitil, achando os interessados, que assás o servem nos direitos, que de tantas drogas pagam, como se os não deveram por outra cabeça: e por esta arte, a titulo de o servir, lhe defraudam cincoenta mil cruzados, que lhes pudéra levar por outras tantas caixas, que bem baratas iriam por este preço: e ainda que lhas não dësse mais quis a

dois tostões (que seria dal-as de grega) faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos que tem aquelle estado de nosso commercio, e passam de cento e cincoenta, fazem somma de dois milhões e meio; e em tanto está defraudada esta corda a titulo de bem servida: e no cabo os seus ministros, que se prezam de belizes, e que pescam atomos com linceis, não teem dado fé desta perda, se quer para fazerem della alvitre, nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes e intelligentes não teem preço, com tanto que não despontem de agudos para seu proveito, como um que me veio á noticia ha poucos annos, que de um sorvo engoliu vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que não cuidem que só por hi além se fazem os bons saltos: fez este cadimo o seu com pretexto de servir bem a sua magestade, e ajudaram-no sendo dos bisonhos, a quem o saraute da empreza perguntou, quanto queriam em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabelioas, com outras tantas trochadas pelas costas com uma bengalla? Conforme ellas forem, responderam elles, não se desavindo no contracto; serão de amigo: *Et citra sanguinis effusio-nem.* Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados se contentou cada um, saindo a cinco tostões cada bengallada, como bofetada em peão. Accrescentavam elles a fazenda de uma nau em uma barraça (se era para a alfanega, ou casa da india, elles o digam, que a mim me esquece) e vindo com uma carga de drogas taes, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, pararam em parte certa de pensado, como quem tratava de dar conta de si, e descarregar sua consciencia: saiu-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavam fazendas despachadas para fóra; e perguntando e resolvendo á vista de Deus e de todo o mundo, para mais assegurar o campo, lhes disse: que fazeis aqui villões muito ruins? Deveis de estar bebados! Pois trazeis cá o barco que saiu d'aqui registrado; levae-o a seu dono, e desempachae o caminho: e porque não menearam os remos com tanta pressa, como o salto necessitava, accrescentou: estes madraços só ás pancadas se governam, e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda d'el-rei, nem das partes: e pas-

sando das palavras ás obras, lhes fez a caridade, como tinham concertado: confessando elles que tinha sua mercé muita razão; e assim ficaram todos justificados, e os circumstantes persuadidos que tudo ia bem governado conforme aos regimentos da cartilha, e o barco, sem ruim presumpção, foi dar comsigo onde sua magestade perdeu vinte mil cruzados de direitos, dando-se em tudo por muito bem servido, em que lhe pez, porque não havia outra luz que manifestasse a verdade.

CAPITULO XI.

Como se podem furtar a el-rei vinte mil cruzados, e demandal-o por outros tantos.

Terrivel ponto é o que neste capitulo se offerece. Furtar, e ficar tão sóra de restituir, que pretenda o ladrão se lhe pague com outro tanto o trabalho que teve em fabricar, e embolçar o furto! É caso que só na escola de Caco se practica, e acha resoluto; e poderia acontecer (se não é que já sucedeu) de muitas maneiras: ponhamos uma que explicará todas. Eis lá vae um coronel mandado por sua magestade, não sei a que comarca: vinte mil cruzados leva para levantar um terço perfeito de infanteria: escolhe elle os officiaes, todos seus criados, creados á mão como estorinhos, que só palram e descantam o que lhes mettem no bico. Dão comsigo de assuada em uma granja sua, que nunca grangeou tanto em sua vida: e porque era quinta de prazer, regalarão nella suas almas quinze ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, gallinhas, capões, perús e leitões, á custa da barba longa. Escrevem alli os de melhor pena em um livro branco mil e quinhentos nomes de soldados, que nunca viram, com os nomes de patrias e paes, que taes filhos não geraram; tudo por capitulos com signaes e firmas diferentes, pondo muitos com diversas cruzes por signaes, denotando que não sabiam escrever, como acon-

tece. Feito assim o livro da matricula, e authentico com todos seus requisitos, sem lhe faltar uma cifra; annexando-lhe logo cartas, que com a mesma facilidade fizeram e singiram vindas das fronteiras cheias de agradecimentos do recibo de tão bizarra gente; e que logo a repartiram por varias praças, que estavam muito arriscadas; mas que já ficam seguras com mil e quinhentos leões; e outros tantos annos viva sua senhoria para fazer similhantes serviços a el-rei e á patria, que lh'os saberão agradecer e pagar como merece. E com estas cartas de quitação e livro de receita, dão comsigo na corte, allegando a sua magestade o grandissimo trabalho que tiveram, levando máus dias, e peiores noites, botando o bose pela boca, e labutando com repugnancias, escuzas, e murmurações de paes velhos, mães viuvas, irmãs donzellas. Boto a tal, que se não pôde fazer este officio por quanto ha no mundo: e que não nos paga sua magestade com as melhores commendas de Christo o serviço que lhe fizemos de mil e quinhentos raios de Marte, tigres desatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gastámos de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil que nos mandou dar sua magestade, claro está que não bastavam nem para as despezas dos caminhos, serras, e charnecas, que andámos com máus gasalhados, e peiores mantimentos. Recebe-os el-rei nosso senhor com entranhas de pae; agradece-lhes liberal o trabalho com sua costumada benevolencia; enche-os de mercês e despachos, confiado a outras emprezas. E accrescentam elles, depois de satisfeitos e contentes: Senhor, é um milagre vêr que de tantos infantes, nem um só mostrou má vontade de ir servir a vossa magestade; tanto monta o bom modo com que fizemos isto.

Vêdes aqui irmão leitor, como podeis furtar a el-rei vinte mil cruzados, e demandal-o logo por outros tantos em juiso, allegando que vos pague, não só o que trabalhastes, senão tambem o que gastastes em seu serviço. Os soldados foram por letra phantasticos e invisiveis: mas os vinte mil foram á vista reaes, e não encantados. O serviço foi roubo occulto; e por elle pedem e levam satisfação, e paga manifesta. E se lhes tardam com ella, queixam-se e demandam, até que lhes dão pelo trabalho de furto mais

do que interessaram na rapina. Deste e de outros casos, que vao por esta esteira, se pôde colher resposta para alguns zelozos que estranhiam as prolongadas demoras que cada dia vemos em despachos. Admitto que é muito mal feito dilatar os requerentes na corte lóra de suas casas ; mas peior o faz, quem requer o que lhe não é devido : e para se averiguar a verdade de todos, e seus merecimentos, é necessario tempo, porque ha muitos enganos nas justificações dos serviços que se allegam. E acontece muitas vezes virem das conquistas e das fronteiras, carregados de certidões de grandes serviços, os que mais roubaram a sua magestade, e á força querem que lhes pague com commendas e officios de muitos mil cruzados, os latrocínios que lá fizeram e veem provados atras delles na rectaguarda da sua fortuna ; e se espera que cheguem para rebater as baterias de certidões falsas, que apresentem na vanguarda de seus requerimentos.

CAPITULO XIII.

Dos ladrões, que furtando muito, nada ficam a dever na sua opinião.

Ha uma figura na rhetorica que se chama *gradatio*, porque vae como por degraus atando as palavras, e pendurando-as umas das outras. Declaremos isto com um exemplo, que servirá para a prova deste capítulo. Todo o soldado portuguez é brioso, todo o brioso é polido, todo o polido calça justo, todo o que calça justo, não admitté capato de fancaria : e os capatos que os assentistas mandam ás fronteiras para os soldados, são todos de fancaria, e carregação : logo bem diz quem affirma, que é fazenda perdida, a que se gasta em tais capatos. E que sejam de fancaria, prova-se com á mesma figura ; porque os tais são de carregação, e toda a mercadoria de carregação é pouco polida, toda a coisa pouco polida é desalinhada, toda a coisa desalinhada é de fan-

cória: logo bem dizia eu, que é fazenda perdida: porque soldados briosos, quaes são os portuguezes, não usam coisas de faianca. E prova-se mais ser fazenda perdida pela experiecia; porque sabemos de poucos que calçassem nunca taes çapatos, e vêmos muitos que recebendo-os a razão de tres e quatro tostões o par, porque lhes não dão outra coisa, os tornam logo a vender por cinco ou seis vintens: e tornando-os os assentistas a recolher por este segundo preço, os tornam a encaixar aos soldados pelo primeiro, revendendo-os seis e sete vezes. O mesmo fazem com as botas e meias, couras, guarinas, carapuças, e outros aprestos, que sua magestade lhes permite levar ás fronteiras, para melhor expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do pão bota terra, na farinha cal, na cevada joio, na palha cisco, para fazer de esterco prata, e vencer com os ganhos o custo. E a graça de tantas desgraças é que os autores destas emprezas, depois de roubarem com ellas a el-rei, aos soldados, e a todo o reino, porque a todo abrangem tantas perdas, ficam-se saboreando da destreza com que fizeram seu officio: e se a consciencia os pica, que venderam gato por lebre, alimpam o bico á mesma consciencia, que a ninguem puzeram o punhal nos peitos, nem venderam nada ás escondidas, e o que se faz na bochecha do sol com aceitação das partes, vae livre de coimas e de escrupulos. Parece que ainda não leram, nem ouviram, que ha vontades coactas e forçadas sem punhaes nos peitos. Se vós lhes não daes outra coisa, nem ordem para que a busquem por sua via, claro está que se hão de comprar com vossa ladroice, para remirem em parte sua vexação. Mas isto não vos livra de que ficas obrigado a el-rei, porque o enganastes; e aos soldados porque os defraudastes; e ao reino porque o saqueastes, ensacando em vós o dinheiro das decimas, e palliando tudo com um quartel que expuzestes de antemão, como se assim os arriscasseis todos; e como se nós não vissemos, que quando chegaes ao segundo, já estaes pagos do primeiro. E tendes nas unhas cobranças seguras para o terceiro e quarto, havendo-vos em todos, como se os tragindareis com vossa fazenda; e sendo a negociação ao todo com fazenda alheia, vos pagaes nos interesses, como se fôra vossa.

E lançadas vossas contas, achaes na vossa opinião, que nada ficas a dever, e que se vos deve muito pelo muito que ganhastes. Muito tinha eu aqui que discorrer: mas fiquem estes torcicollos de reserva para o capítulo 20.º § — Seria immenso — das unhas militares.

CAPITULO XIII.

Dos que furtam muito accrescentando a quem roubam, mais do que lhes furtam.

Em Braga houve um primaz arcebispo, que o foi tambem no Oriente: este costumava dar todos os provimentos de abbadias, egrejas, beneficios, e officios aos pretendentes por quem intercediam menos padrinhos, e deixava sem nada aos que tinham muitos intercessores. E a razão em que se fundava para se justificar com sua consciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, senão por interesse: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha com que os comprava; e que os buscava por se vêr faltos de merecimentos; e, pelo contrario, quem pretendia sem padrinhos, ia pelo caminho da justiça, e fiava-se na verdade e em seus talentos: e assim achava o bom prelado que provia melhor, quando furtava a volta ás abonações que excediam, tendo-as por suspeitas. Mas teve um provisor que lhe deu na trilha; e furtava-lhe a agua com outra treta, abonando-lhe os que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que assim lh'o dizia muita gente. E era o mesmo que ficar de sôra e destituido aquelle a quem mais accrescentava, e ornava para ser provido. Valente desengano é este para principes que não cuidem que poderão ter roteiro que se lhes não contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia*, disse o italiano; que não ha lei, nem traça de governo tão considerada, a que a consideração da malicia, e especulação do discurso interessado não dê alcance para a perverter e torcer a seu intento. Um caso que

me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Cresceram queixas de mais de marca nesta corte contra os ministros ultramarinos : tractou-se de lhes mandar um syndicante que as apurasse. Escolheu sua magestade um bacharel de encommenda : tinham os ultramarinos prevenido com valentes sanguaes seus confidentes, para que armassem os páus de maneira, que o syndicante fosse homem venal, e não incorrupto. O eleito bem viam todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada ? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opinião vencia e açimava até a propria inveja. Deram em fazerem elogios e prégar encomios delle a sua magestade, e que o mandasse logo, que assim convinha. E porque sabiam que era homem de capricho e brios, que não havia de evitar a empreza, sem os requisitos para ella ; e para seu credito e honra navegar direito, accrescentaram que não convinha dar-lhe beca, nem habito de Christo antes de ir ; porque se lhe dessem logo o premio, não lhe ficava cá que esperar, e não serviria tão diligente, nem tornaria tão cedo, deixando-se engodar lá com outros lucros, e que perderiam um sujeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razão por ir vestida de zelo de bem commum : e vendo o syndicante que o mandavam desmastreado de auctoridade e dos requisitos para fazer bem seu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia quem tanto o abonou e accrescentou de cabedal e talentos para o esbulhar de tudo. Deixo outras consequencias que teve a historia, porque estas bastam para mostra que hão de furtar accrescentando a quem roubam, mais do que lhe furtam. Por este rumo navegam os que para entabolarem seus aliados, quando competem com outros que lhes vão diante nos merecimentos, abonam tanto os melhores, que os botam fóra da pretenção a titulo de ser pequena, e que é bem lhes deem coisas maiores ; que aquillo é bastante para fulano ; e assim o plantam no posto, e se esquecem do provimento maior, que alvidravam e promettiam ao que botavam fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem se estende esta subtileza por materias pecuniarias, fazendo-vos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuição : abonam-vos por Cresso e Midas, para vos pôrem ás cos-

tas as perdas que querem lançar das suas. Em Portalegre vi este caso por occasião de uma alcada, cujos gastos não achou o desembargador quem os pagasse depois de feitos, nem quem comprasse as fazendas dos culpados, porque eram poderosos e aparentados. Fez o syndicante seu officio rectissimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da cidade, para os obrigar a que dessem a quantia necessaria para a alcada, e que tomassem as fazendas para se pagarem com elles logo, ou com seus fructos, nos annos que bastassem, descontando também a razão de cambio os lucros cessantes do seu dinheiro. Vendo todos o risco a que se expunham, porque em virando o desembargador as costas, haviam de revirar sobre elles os culpados com toda sua parentella, que era da governança, e lhes haviam de fazer amargar os fructos, perder o dinheiro, e arriscar as vidas, deram na traça deste capitulo de accrescentarem os bens a quem tractavam de os diminuir: disseram de um certo, que tinha de seu mais de cem mil cruzados, que elle só podia com tão grande pezo, e era poderoso a ter as pélas contra tudo o que sucedesse: e seguiu-se d'aqui, que fazendo-o ricó, o meteram em riscos de grandissimas perdas. Nos lançamentos das decimas sucede quasi o mesmo, que vos fazem rico sendo pobre, para que pagueis o de que se eximem os ricos por poderosos. O orçamento é justo, porque se me depella a substancia do que pôde a freguezia, e que consta até pelos livros dos dizimos: mas quando vae ao repartir da contribuição, baralham as cartas os que estão senhores do jogo, e fazem sair triumpho de oiros, a quem não tem cobre com que pague; e páus e espadas a quem tem prata, para que a defenda; e não saltam logo copas, que apagam as duvidas. E a galhardia é que com zelo do serviço d'el-rei nosso senhor tapa a boca a todos, para que não grunham. É terrivel mão a que se arma com azeiros reaes, porque ainda que não sejam mais que apparentes, temem suas unhas até os leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na phrase dos azeiros, ou unhas reaes; porque é certo que ha unhas reaes muito perniciosas, como explicará o seguinte capitulo.

CAPITULO XIV.

DOS que furtam com unhas reaes.

Quando Alexandre Magno conquistava o mundo, reprehendeu um corsario, que houve ás mãos, por andar infestando os mares da India com dez navios : e respondeu-lhe discreto : Eu quando muito dou alcance e saco a um ou dois navios, se os acho desgarrados por esses mares ; e vossa alteza com um exercito de quarenta mil homens, vae levando a ferro e fogo toda a redondeza da terra, que não é sua : eu surto o que me é necessario, vossa alteza o que lhe é superfluo. Diga-me agora, qual de nós é maior pirata, e qual merece melhor essa reprehensão ? Quiz dizer nisto, que tambem ha reis ladrões, e que ha ladrões que furtam o que lhes é necessario ; e que ha ladrões que furtam tambem o superfluo : estes são ladrões por natureza, e aquelles o são por desgraça. Deus nos livre de ladrões por natureza, porque nunca teem emenda ; os que furtam por desgraça, mais soffríveis são, porque não são tão continuos. Se ha reis ladrões é questão muito arriscada. Certo é que os ha, e que não furtam ninherias : quando empolgam, são como as aguias reaes, que só em coisas vivas e grandes fazem preza. Milbafres ha que se contentam com sevandijas ; mas a rainha das aves com coisas maiores tem sua ralé. Quando el-rei Filipe, que chamam Prudente, morreu, dizem que só no reino de Navarra engasgou, se pertencia ao francez, como se não tivera mais que duvidar no de Portugal, e outros, cuja posse, se bem se examinára, pôde ser que lhes achára mais da rapina transversal, que de linha direita. Os reis de Portugal tiveram sempre esta prerrogativa e benção de Deus, que tudo quanto possuiram e possuem de reinos, foi herdado com legitima sucessão, ou conquistado com verdadeira justiça. E assim não topam aqui entre nós as unhas que chamamos reaes : por outra via logram este nome com que se acreditam e armam para empolgarem mais a seu salvo nas prezas que fazem, as quaes são tantas,

e de tal qualidáde, que não é possivel referil-as todas. Toco algumas.

Sáe de Lisboa um enxame de officiaes dos assentistas, quando não teem pelas comarcas varas maiores que lhe substituam no cuidado de fazer trigo e cevada para as fronteiras, e todos levam nas mãos provisões reaes, para tomarem o que sór necessario e lhe amainarem o preço : correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores e tambem dos religiosos ; e sendo necessarios mil moios, v. g., recolhem tres mil, e vendem depois em abril e maio os dois mil dobrando-lhe o preço, e tambem quadruplicando-lhe conforme a carestia que elles causaram. Um fidalgó de Béja me contou que vira um destes doutores fazer uma peça digna de conto. Atravessou o celeiro de um lavrador ricaço, e disse-lhe muito sério : Este trigo é muito sujo ; não o hei de levar senão joeirado, porque não quero comprar má fazenda para os soldados de sua magestade, que é bem andem mimosos, pois nos defendem de nossos inimigos : mandou-o joeirar logo o lavrador, por se vêr livre delle, e tirou de dez moios mais de meio moio de alimpaduras, as quaes comprou logo o mesmo ministro dos assentistas a vintem cada alqueire ; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo limpo, e misturando tudo o ensacou. Não se viu mais pouca vergonha, nem maior subtileza ! Até no terreiro de Lisboa fazem preza estas aguias. São necessarios vinte ou trinta moios de cevada para as cavalharias reaes, e tomam mais de duzentos. O mesmo fazem na palha que mandam vir em barcos do Ribatéjo : não sei se será para venderem em maio a cruzado o panal que lhe custou um tostão : e a doze vintens o alqueire de cevada, que compraram a tres ou quatro vintens ? Tão reaes como estas são as unhas de alguns ministros, que retardam consultas de officios, para que occupem serventias os que os peitam : e andam os pretendentes das propriedades annos e annos requerendo debalde ; porque tudo está empatado com despachos subrepticios, de que sua magestade não é sabedor ; que se o sóra, mandára restituir lucros cessantes, e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foi causa contra justiça de se andarem consumindo, e luctando com enganos sóra de suas casas tanto tempo. Neste passo

me negam tudo quanto tenho dito neste capitulo, os que se sentem comprehendidos : e para que me deixem, retracto tudo, e só o digo, para que não aconteça, e passo a coisas notórias.

Passando eu ha poucos annos por Montemór-o-Novo, vi uma tropa de padeiras irem gritando atraç de dois meirinhos que levavam ás costas de quatro negros outros tantos sacos de pão amassado : perguntei, que briga era aquella ? Responderam-me, que as encoimaram por fazerem o pão menos da marca, que mandava sua magestade que o fizessem de arratel, e achou-se em um meia onça menos. Mas sabida a historia mais de raiz, era que não queriam dar pão fiado a alguns senhores da governança, porque nunca lhes pagavam ; e assim as ensinavam a serem cortezes. Mais humano se portou um meirinho nesta corte de Lisboa, que com um dobrão que lhe serviu de negaça, caçou mais de um anno tudo o que lhe foi necessário para o sustento de sua casa. Ia o criado por essa ribeira com a moeda de oiro de tres mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, acolá o cabrito e o leitão no dia de carne ; e no dia de peixe a pescada, o savel, o linguado, e a lagosta ; comprava até a couve, o nabo, a alface, o queijo, o figo e a passa, e todo o genero de fructa, e nunca se desavinha no preço, e sempre offerecia o dobrão : e como todas as regateiras haviam medo do amo, por não o aggravarem, faziam da necessidade cortezia, e diziam que não tinham troco, que outro dia fariam contas, como o tivessem : e este dia nunca chegava, porque não era do calendario. Mas tomaria a bulla da composição na quaresma, que é de temer lhe não valesse, visto serem vivos, e conhecidos os acredores.

Em Portalegre conheci um mercador da lei cançada, que vendia não só pannos, mas tambem todo o genero de doces : mandou pedir a este um vereador quatorze mil réis emprestados : temeu o trapeiro, que havia de ser o emprestimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca ; e mandou-lhe dizer que não tinha dinheiro. Baixou logo um decreto da camara com pena de quinhentos cruzados para o fisco real, que não vendesse coisas de comer, porque era suspeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais reaes que estas : o contracto das almadravas do Al-

garve paga de dez atuns sete para a corda, que se obriga por isso a defender a costa aos armadores, com galés e armada; e todos os annos os desbaratam os moiros levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os sete atuns sempre se pagam. E por isso não ha escrupulo no muito que se surta nos direitos. Que direi das obras pias? Melhor é não dizer nada. Inventou-as el-rei D. Manuel de gloriosa memória, tirando um real ou dois de cada cento no consulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os estropeados de África, para viuvas de portuguezes que serviram, para ocasiões de misericordias fortuitas: e carregam sobre elles mais de dez mil cruzados de tenças e donativos que não pertencem á instituição das pias obras: e quando vão as partes cobrar o que se lhes consigna nellas, acham-se em branco; e quem anda mais diligente, se cobra um quartel dá graças a Deus, e os mais de barato. Tambem o esmoler-mór se queixa, que se lhe remettem petições aos milhares, não tendo cabedal que se conte por centos. O certo é que muitas coisas não se emendam, porque se não sabem, e não se sabem, porque ha unhas que as escondem, porque vivem dellas sob capa de servirem a sua magestade e assim se fazem reaes.

CAPITULO XV.

Em que se mostra como pôde um rei ter unhas.

Não cuidem os reis, que pelo serem são senhores de tudo, como o grão mogor, e o grão turco, que se fazem herdeiros de seus vassallos com tal dominio em seus bens, moveis, e de raiz, que os dão a quem querem, deixando muitas vezes os filhos sem nada. Isto bem se vê que é barbaria, ainda que dizem o fazem para terem os vassallos dependentes: mas tambem os terão descontentes, e por isso sabemos que ha entre elles cada dia rebellões;

com que perdem reinos, e tambem todo o imperio, que só o posse quem mais pôde. O rei que se governa com verdadeiras leis, mas que não sejam mais que a da natureza, ha de presumir que até o que possue não é seu, e que lhe é dado para conservar seus vassallos; e que se o desfraudar fóra do bem commum com gastos superfluos, que poderá commetter nisso crime a que se dê nome de furto. De tres maneiras pôde um rei ser ladrão. Primeira, furtando a si mesmo. Segunda, a seus vassallos. Terceira, aos estranhos. A si mesmo furtar, quando gasta da corôa e dos rendimentos do reino em coisas inuteis; aos vassallos, quando lhes pede tributos demasiados, e que não são necessarios; e aos estranhos, quando lhes faz guerra sem causa. E está tão fóra de se aproveitar com estas execuções, que executa nellas sua perda, e de seu reino total ruina. Exemplo temos de tudo na monarchia de Castella, cujo rei, porque gastou quinze ou vinte milhões, se não foram mais, nas superfluidades do retiro, os acha menos agora, quando lhe eram necessarios para os apertos em que se vê: e porque vexou os povos com taes tributos, que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos, se lhes alevantaram Portugal, Catalunha, Nápoles, Scilia, etc.; e porque faz guerra a França, e a outros reinos e estados, que lhe não pertencem, por sustentar caprichos, está em pontos de dar a ultima boqueada á sua monarchia.

Os romanos em quanto tiveram erario publico em que conservavam os rendimentos do seu imperio, conservaram-se invenciveis; e tanto que os gastaram em superfluidades e ambições, perderam-se a si, e quanto tinham: e porque para se terem mão, apertaram demasiadamente com os povos que dominavam, tirando-lhes a substancia, rebellaram-se todos: e porque crueis fizeram guerra sem causa, metteram em ultima desesperação as nações, que mancommunadas resistiram até desencaixarem de seus eixos todo o imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur.* A agoa o deu, a agoa o leva. As republicas conservam-se com fazenda, vassallos, e leis; e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leis se quebram, lá vae quanto Martha fiou; e não lhe resta mais, que fiar

em uma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebentando de farto, não previu que depois das vacas gordas viu Pharaó as vacas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejam mal logradas, como theseuros encantados, que no melhor desapparecem, deixando carvões nas mãos do ambicioso, que, não contente com se vêr farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebentou como a rã de Hisopete. Convém que o rei ande sempre com o prumo na mão sondando os baixos, e os altos da fortuna, e da republica, que tem muitos alti-baixos: deve computar o que tem de seu, e em que se gasta; os vassallos que governa, e para quanto prestam os amigos e inimigos que o cercam, e de que valor são. E considere que rei sem fazenda é pobre, sem vassallos é só, e com inimigos é perseguido: e um rei pobre, só, e perseguido, facilmente é vencido, e vae perto de não ser rei. Mas se tiver fazenda e a conservar, será rico; se tiver bons vassallos, e não os offendere, achal-os-ha a seu tempo: e sendo rico, e tendo vassallos que o sirvam, não tem que temer inimigos: e estando seguro destes, florescerá prospero, reinará poderoso: e a um rei prospero com riquezas, bem servido de vassallos, e poderoso em seu imperio, pouco lhe falta para bem-aventurado. E todos estes bens lhe vem de não ser ladrão: e não o será se não faltar a si, nem a seus vassallos, nem aos estranhos, como temos dito. E já que chegámos a estes termos de altercar, se ha reis ladrões, convém que não passemos á ante, sem resolvermos uma questão, que actualmente anda na praça do mundo sobre o nosso reino de Portugal, a quem pertence, se a el-rei Filipe IV de Castella, se a el-rei D. João, tambem IV de Portugal? El-rei Filipe diz que injustamente lh' o tomou el-rei D. João: e el-rei D. João affirma que violentamente lh' o tinha usurpado el-rei D. Filipe: e neste conflicto de opiniões não escapa um delles de ladrão. Sim; porque tomar o alheio é furtar: e quem furtá é ladrão; qual o seja, dirá o capitulo seguinte.

CAPITULO XVI.

**Em que se mostram as unhas reaes de Castella,
e como nunca as houve em Portugal.**

Entramos em um pego sem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e se afogou por ignorancia, covardia e paixão. Uns por ignorancia, perderam o leme e tambem o norte: outros por covardia, meteram tanto panno, que quebraram os mastros: outros por paixão fizeram-se tanto ao alto, que deram em baixos e baixos miseraveis; e todos encantados das seréas cairam em Sirtes, e Carybdes, que os sorveram. Até os que navegaram estes mares, como Dedalo os ventos se perderam: pelo meio irás seguro, dizia elle a seu filho Icaro: mas como é mau de achar o meio entre extremos repugnantes, fizeram como Icaro, naufragio em seu vôo, por falta de azas ou de estrella que os guiasse. Não estou bem com gente neutral, que tira a dois alvos com a mesma frecha. É impossivel tomar uma nau no mesmo tempo dois portos: o de Castella estava então aberto, o de Portugal fechado; este sem forças para guarnecer quem nelle se acolhia, aquelle com armas, que a todos metiam medo. Picaram-se os mares, alteraram-se as ondas; ninguem tomou pé em pego tão fundo: e só ficaram em pé alguns poucos que tiveram boas hexigas para nadar, ou azas melhores que Icaro para se acolher. O que mais admira é que durasse o tempo turvo sessenta annos, sem haver piloto que governasse a carreira. Muitos fizeram carta de marear para ambos os portos, poucos se governaram por elles, e por isso todos vacilaram na esteira que haviam de seguir; até que os mares se socegaram, e o tempo serenou, e se viram no céu estrelas que abriram caminho com que se tomou terra. Sobre esta tomadia serve outra vez a tempestade repetida, se bem menos escura, porque já corre vento para ambos os portos, que espalha as nuvens: e d'ahi vem que nem todos tomam o mesmo, e cada um se recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual seja mais seguro para escapar, elles o digam, que o experimentam. Qual

tenha mais razão para dominar, o que vai logrando, isso direi eu, porque o sei de certo. E não usarei de embuços como alguns, que fallam por escripto sem dizerem o mal e o bem de ambas as partes, havendo-se nisto como advogados, que só uma parte abonam. Não vi em Portugal correr publico nenhum manifesto, que por si fizesse Castella: nem sei quem visse em Castella manifesto de Portugal. Se é por temer cada um que as razões do outro mascabem as suas, não lhe acho razão: porque a verdade é como as quintas substâncias, que nadam sobre todos os lícitos; e com as mentiras mais se apura a guiza dos contrários, que juntos mais se espertam. Sondarei pois aqui, como em carta de marrar, ambos os portos; não deixarei alto, nem baixo, que não descubra; porque assim acertará cada um melhor com a carreira direita e segura: e fio da boa industria de todos, que vendo ao olho, onde está o perigo, que o saibam fugir, e que lancem aneira, onde se possam salvar mais descansados na vida, mais seguros na fazenda, e mais quietos na consciencia. Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha tão rijamente, que o não largou por espaço de sessenta annos. Sobre esta unha botou Portugal harpeo com tão boa preza, que se melhorou no partido; e ainda luctam sobre esta melhora: Qual destas duas unhas esteja mais segura, verá o mundo todo, se vir com attenção o que aqui escrevo, sem diminuir nas forças de cada um, nem accrescentar fraquezas. E porque Castella começou a estender primeiramente as unhas com que empolgou neste reino, direi primeiro as razões que allega para a preza ser sua.

Manifesto do direito que D. Filipe rei de Castella allega contra os pretendentes de Portugal.

É notorio, que por morte do nosso rei cardeal ficou este reino como morgado de clérigo, que não tem successor, exposto a herdeiros transversaes, que sendo muitos, borralham as razões de todos, e armam pleitos e discordias inextinguíveis. E para procedermos com clareza, devemos presuppor que el-rei D. Manuel, de

gloriosa memoria, casou tres vezes, a primeira, com Dona Isabel, filha primogenita dos reis catholicos. Segunda, com Dona Maria, filha terceira dos mesmos reis. Terceira, com Dona Leonor, filha d'el-rei D. Philippe o I, e irmã do imperador Carlos V. Os filhos do primeiro e terceiro matrimonio morreram sem successão: do segundo teve dez filhos; o primeiro foi o priacipe D. João, que teve nove filhos da senhora Dona Catharina filha d'el-rei D. Philippe o I de Castella: destes morreram oito sem sucessão; e o nono e ultimo, que foi D. João, houve da senhora Dona Joanna, filha de Carlos V ao fatal rei D. Sebastião, em quem se acabou esta linha. A segunda prole d'el-rei D. Manuel foi a infanta Dona Isabel, que casou com Carlos V imperador; e de ambos nasceu el-rei D. Philippe II, e deste Philippe III, e deste Philippe IV de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foi a infanta Dona Brites, que casou com D. Carlos, duque de Saboya; e de ambos nasceu Filisberto Emmanuel principe de Piemonte, opositor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o infante D. Luiz, que não casou, e teve de uma christã nova um filho natural, que foi o senhor D. Antonio, tambem opositor a este reino. Quinta prole, o infante D. Fernando, que casou com Dona Guiomar Coutinha, filha dos condes de Marialva: e extinguiu-se esta linha. Sexta prole, o infante D. Affonso cardeal arcebispo de Braga, e bispo de Evora. Setima prole, o infante D. Henrique, que foi cardeal e rei sem sucessão. Oitava prole, o infante D. Duarte: casou com Dona Isabel, filha de D. Jayme duque de Bragança, e tiveram tres filhos: primeiro a senhora Dona Maria, que casou com Alexandre Farnes principe de Parma; segundo a senhora Dona Catharina, que casou com D. João duque de Bragança; terceira D. Duarte, condestavel e duque de Guimaraes: da senhora Dona Maria nasceu o senhor Raynuncio principe de Parma, tambem opositor: da senhora dona Catharina nasceu o senhor D. Theodosio duque de Bragança, e delle o senhor D. João, que hoje é rei de Portugal, onde tem jurado por principe seu filho o senhor D. Theodosio, que houve em legitimo e santo matrimonio da senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da real casa dos grandes duques de Medina e Sydo-

nia, propugnaculos invictissimos de toda a christandade contra a Mauritania no Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaram o admiravel appellido de *Buenos*; e bastava para o merecerem destinal-os o céu para darem a Portugal tal filha para nossa rainha e senhora.

As mais proles, que foram a infanta Dona Maria, e o infante D. Antonio, não deixaram successão, porque logo morreram. E das que temos dito secundas, se levantaram cinco opositores a este reino, que ficam notados em suas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas, são o primeiro el-rei D. Filipe; o segundo o duque de Saboya; terceiro o senhor D. Antonio; quarto o principe do Parma; quinto o duque de Bragança. A rainha de França Dona Catharina tambem pretendeu oppor-se, allegando que descendia por linha direita d'el-rei de Portugal D. Affonso III, conde de Bolonha, e de Dona Mathilde sua primeira mulher: mas foi escula sua pertenção por improvable e prescripta; porque os sucessores do conde de Bolonha (que não consta os tivesse) nunca fallaram nesta materia, depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou a França: e a verdade é que a condessa Mathilde não ficaram filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na torre do tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Mathilde, que foi Roberto seu sobrinho, filho de sua irmã Alis. E este é o Roberto de quem França queria tomar a nossa genealogia, fazendo-o filho de Mathilde, e de D. Affonso III, irmão de D. Sancho Capello. Quanto mais que na presente oposição só de descendentes d'el-rei D. Manuel se tractava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houvesse, não tinham logar outros pretendentes; e por isso tambem se não fez caso da pertenção da sé apostolica, pois não estava o reino vago de herdeiros.

Dos cinco opositores descendentes d'el-rei D. Manuel, foi havidio por incapaz no primeiro logar o senhor D. Antonio prior do Crato, por dois deseitos, ambos por parte da mãe; um no sangue, outro no nascimento: são notorios, não os explico; e nunca houve supplemento para elles. O duque de Saboya cedeu aos parentes mais chegados, e tambem de cá o excluiram por estran-

geiro. O príncipe de Parma ficou atraç na pretenção por tres razões: Primeira, por ser morta sua mãe irmã da senhora Dona Catharina, que havia de fazer oposição. Segunda, por falta da representação, que só se admitté nos descendentes immediatos do primeiro gráu, e elle era já bisneta d'el-rei D. Manuel, em comparação da senhora Dona Catharina, que era neta pela mesma linha do infante D. Duarte. Terceira, por ficarem excluidas as femeas caçadas fóra do reino, como se mostra das cōrtes de Lamego, celebradas no anno 1141, onde el-rei D. Affonso I com todos os estados, ordenou que as femeas, ainda que podessem herdar o reino, perderiam o direito a elle caçando fóra: e por isso nas cōrtes de Coimbra de 1382 excluiram a senhora Dona Brites, filha unica do nosso rei D. Fernando, por cazar com D. João I de Castella: e D. João I de Portugal, que lhe sucedeu, confirmou esta lei em seu testamento no anno de 1436.

Excluidos assim todos os sobreditos, ficaram no campo sós a senhora Dona Catharina e el-rei D. Philippe: deram-se duas batalhas, a primeira como anjos, a segunda como homens: a primeira com forças de intendimento, a segunda com violencia de braço: na primeira venceu a senhora Dona Catharina, porque lhe sobejavom razões: na segunda venceu Philippe, por ter mais armas: desta não se tracta aqui, porque as armas entre christãos não dão reinos, nem os tiram justamente, quando ha razões que resolvem o direito delles: e por isso pretende el-rei Philippe vencer tambem nesta parte com as razões seguintes.

Razões que el-rei D. Philippe allega contra a senhora Dona Catharina.

I. Razon. Por el casamiento del rey Don Juan I de Castilla com Deña Beatriz, hija del rey Don Hernando de Portugal, quedó el derecho de dicho reino en los reyes castellanos, porque ella era la unica herdera legitima.

II. Razon. Porque no pertencia el tal derecho en aquel tiempo

a Don Juan I de Portugal, por ser illegítimo, sind a D. Juan I de Castillo, por ser octavo nieto del primero rey de Portugal.

III. De todos los nietos del rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando moriò el rey cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por eso el mas habil a la corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al señor Don Antonio por legitimo, a la señora Dona Catalina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto del rey Don Manuel, y por eso mas llegado al ultimo poseedor; y al duque de Saboya con la edad de la emperotriz su madre, hermana mas vieja de Beatriz madre del saboyano.

V. Porque siendo los reynos del derecho antiguo de las gentes, nò se deve regular la sucesion dellos por el derecho civil lleno de sutilezas, y ficciones, que tantos años despues formaron los emperadores; y que si bien los reyes supremos lo avian introducido en los reynos por el buen govierno de los vassallos, no avian por eso alterado las simples reglas naturales de la sucesion real, las quales afirmaban averse de seguir en este caso, como si úviera sucedido primero que naciera Justiniano, que fue el inventor de la representacion; a que nò obsta aver algunos doctores querido temerariamente sugetar la sucesion de los reynos a la civil institucion; y assi seguiendo esta consideracion hacia Phelipo, su derecho indubitable.

VI. Dado que valga la representacion en Portugal, esta nò se admite, sind quando el nieto del rey litiga con su tio hermano de tal rey; y nò entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la señora Catalina; y confirmase com exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron su corona la infanta Doña Violante su sobrina, hija del rey Don Jaymes su hermano mas viejo, y el infante Don Hernando de Castilla su sobrino, hijo de la reyna Doña Leonor su hermana: y dieron sentencia los estados, y sus juezes por el infante Don Hernando, por ser varos, nò haciendo caso de la representacion; que si valiera, avia de dar

el reyno a la infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual si fuera viva, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Hernando. Con ley; porque el emperador Carlos V. la hizo particular em Alemania, que nò valga la representacion, sinò concurriendo sobrinos con tio vivo; e es opinion de Azon, y muchos doctores, que se observa em Francia.

VII. Demas de que la representacion solo la puede aver, quando el padre, que se pretende representar, nòviera tenido el primer lugar en la sucesion de que se trata. Donde supuesto que el infante Don Duarte en su vida nò tuvo tal lugar, nò podia dexar a sus hijos el derecho, que nunca se redijò en su persona.

VIII. En Portugal muerto el rey Don Joan II. le sucediò su primo Don Manuel, excluyendo al duque de Viseu Don Alfonso: y si valiera la representacion, avia de ser preferido, por hijo de Don Diego, hermano mas viejo de Don Manuel.

IX. El beneficio de la representacion nò se admite en la sucesion de los mayorazgos, y bienes avinculados para andarem en el parente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los reynos tienen naturaleza de mayorazgos en la manera dicha. Demas que los reynos se heredan por concesion de los pueblos, que transmitieron el poder real, que era suyo, a los primeros reyes, y a su generacion: y consta que la representacion nò tiene lugar en la sucesion de las cosas, que vienen *ex concessione dominica*, como resuelve Bartholo.

X. La Ordinacion de Portugal lib. 2. tit. 27. § 1. dice que por muerte del ultimo poseedor entrará en los bienes de la corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y consecutivamente echa fuera al nieto, y excluye la representacion. Y confirma-se con exemplo de heredamiento de reynos; porque en Castilla Don Alonso el Sabio excluyendo su nieto hijo del principe muerto, hizo jurar su segundo hijo. Item. Mas. La misma Ordenacion lib. 4. tit. 62. § 3. dispone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo ó hija, nò entre en el prazo nieto, ó nieta, aunque sean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto.

XI. El beneficio de la representacion es privilegio conce-

dido contra las reglas ordinarias del derecho, y es una fiction de la ley, por la qual contra la verdad se finge, que el hijo está en el lugar de su padre, y es con él la misma persona; y por ser privilegio y fingimiento, nò puede aver lugar, sinò, quando se halare expressamente introducido por derecho: y es cierto que nò está introducido expressamente, sinò en la sucesion de los heredamientos, y feudos, aunque nò sean hereditarios. Donde no siendo los reynos de Portugal feudos, ni si defiriendo la sucesion dellos en todo, como heredamiento proprio, y ordinario, por ser cosa de mayor momento, y mas calificada, y de que se devia hacer expressa mención, nò puede aver lugar en él la dicha representacion.

XII. Para nò parecer que huye Phelipo del derecho, prueva, que en los reynos mas propriamente que en ninguna otra cosa, se sucede por el derecho que llaman de la sangre, mirando al primer instituidor; y que en este derecho se consideran las personas por si mismas sin representacion, como si fuessen hijos del ultimo posseedor; y desta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la señora Catalina pudiesse representar el grado de su padre, nò podia representar el sexo: y era duro de admitir, que la hembra igual solamente en el grado, y inferior en lo demas, fuese preferida al varon para governar reynos, quando el propio defecto della le hacia mas daño que a Phelipo el de su madre.

XIV. Conforme al derecho las hembras nò pueden ser admitidas a oficios pùblicos, ni tener jurisdicion, ni administracion de la republica; porque en ellas falta fortaleza, constancia, prudencia, libertad, y otros dotes necessarios: y tenemos exemplo en la reyna de Castilla Doña Beatris, que siendo hija unica del rey Don Hernando de Portugal, nò fue admitida, y se diò el reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I., donde se colige, que son las hembras incapaces de representar en Portugal, pues son incapaces de heredar.

XV. Visto nò declarar Henrico sucessor, era devida a Phelipo la sucesion sin sentencia, por ser su persona suprema, izenta, y

libre de qualquier juicio coercivo, y solamente obligado a justificar su derecho con Dios, y declararlo al reyno: ni avia en el mundo, a quien pudiesse pertencer la judicatura deste caso, por nò tocar al papa, por ser materia puramente temporal sin circunstancia que le pudiesse der derecho: menos pertencia al emperador, por nò le ser reconociente del reyno de Portugal, y mucho menos a los juezes, que avia nombrado Henrico; porque eran todos parte material y integral del reyno, sobre que se litigava como portuguezes: demas de que nò avia portuguez alguno que nò fuese sospechoso, y recusable por el odio publico, que tienen todos a la nacion castellana: ni avia lugar de se comprometer en juezes loados, por la imposibilidad de hallar personas de quien se pudiesse fiar cosa tan grande, y tan peligrosa; y porque la obligacion de comprometer no caye sinò en cosa dudosa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fuese necessaria sentencia, Phelipo la tuvo por los mismos juezes, que nombro Henrico; porque de cinco que eran, tres le jusgaron la corona.

XVII. Sobre todo allega Phelipo, que quando el derecho es dudoso, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo resolven todo; y que con ellas tomò la posesion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las cortes de Thomar por rey; conque se quitò toda la niebla, y razon de dudas.

XVIII. Llevando Dios veinte e dos herederos que precedian al rey catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los reynos de Castilla, para fortificar um braço en su iglesia, para resistir a los insultos de los infieles, y de los hereges; y mejorar desta manera el mismo reyno, haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra sus enemigos, y en sus conquistas.

XIX. Finalmente allega por si la posesion prescripta de sesenta años, bastando treinta, sin contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal posesion, merecerá titulo de tirano, y de ladrón, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar um reyno a su dueño sin causa, razon, ni justica.

Estas são as razões que por si allega o rei de Castella, para en-

trar na herança de Portugal. Nenhum portuguez abafe com elas, que logo lh'as desfarei como sal na agua : mas primeiro quero responder ao candido leitor, que me pergunta, que razão tive para mudar de estylo neste manifesto, e fallar por outra linguagem differente da em que imos tirando á luz este Tratado. A isso puderá responder, que o Manifesto é de Castella, e por isso o pus na sua lingua : mas para explicar melhor a razão mais principal que me moveu, constarei uma historia que aconteceu em um tribunal de tres que tem o santo officio neste reino. Prenderam um bruxo por ter trato com o diabo, e consultado em muitas duvidas : reprehenderam-no os inquisidores, porque sendo christão baptisado dava credito ao diabo, sendo obrigado a ter e crer que é pae da mentira. Pae da mentira é, respondeu o bruxo, e por tal o conheço ; mas com tudo isso, ainda que muitas vezes me mentia, não deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uso alcançava logo tudo ; porque me fallava em duas linguas, que eram, a portugueza e castelhana : e todas as vezes que me fallava em portuguez, era certo que dizia verdade ; e só quando me fallava em castelhano, era certissimo que mentia. Não sei se me declaro ? Quero dizer que a lingua castelhana é estremada, e unica para pintar mentiras, como escolhida por quem é pae e mestre dellas ; e a portugueza para fallar verdades, e por isso pus em castelhano o Manifesto de Castella, e porci em portuguez a resposta da senhora Dona Catharina.

*Resposta da senhora Dona Catharina, contra as razões
d'el-rei D. Filipe.*

I. Resposta contra a primeira razão é, que não vem a propósito a herança da senhora Dona Brites ; porque a nossa questão procede sobre descendentes d'el-rei D. Manuel, e não sobre os d'el-rei D. Fernando, cujas duvidas se averiguaram nos campos de Aljubarrota : além de que, a senhora Dona Brites não deixou filhos, e assim necessariamente havia tornar a Portugal o direito.

II. Resposta contra a segunda razão é, que deverão advertir,

como na successão tão prolongada de D. João I de Castella, oitavo neto do primeiro rei de Portugal, havia o mesmo defeito de ilegitimidade em seu pae D. Henrique, além de outros avós: e mais perto estava do ultimo avô o nosso D. João I, e do ultimo possuidor no primeiro gráu de irmão, que o seu no oitavo; e o nosso houve dispensação da ilegitimidade, e não sabemos que o pae e avós do seu a houvessem.

III. Contra a terceira é que diz bem, se todos os opositores foram filhos do mesmo pae, assim como eram netos do mesmo avô: porque então o mais velho seria o morgado, principe, e legitimo herdeiro: mas sendo filhos de diferentes paes, como eram, devia-se o direito só áquelle cujo pae o tinha á corda: e como os paes da senhora Dona Catharina e D. Filipe, por onde lhes vinha a successão, eram de uma parte varão, e da outra femea, claro está que o varão havia ter o primeiro logar: e este era o infante D. Duarte, pae da senhora Dona Catharina, legitima herdeira, por se achar em melhor linha que Filipe, filho da imperatriz D. Isabel, irmã do infante D. Duarte. Quatro coisas se consideram aqui — linha, sexo, idade, e gráu: e no primeiro logar se busca a melhor linha, e só quem nella prevalesce, prevalescerá na causa, ainda que seja inferior ao outro pertencente no sexo, idade, e gráu: e sempre a linha que procede de varão é melhor que a que procede de femea.

IV. Resposta contra a quarta razão. Admittimos o argumento contra os outros opositores, e negamol-o contra a senhora Dona Catharina, por razão da melhor linha em que se achava, com que vencia a Filipe, como fica explicado na resposta proxima contra a terceira razão.

V. Contra a quinta. Quer el-rei Filipe um santo para si, e outro para a outra gente, admittindo a representação para os vassalos, e negando-a para os reis: se admitté que se governam melhor aquelles com ella, deve admittir que se governarão mal os reis, se a não admittirem em suas successões; e assim é que por fugirem esta calumnia, a admitem quasi todos os reis e estados da Europa, e até os mesmos reis: e bastava terem-na admittido em Portugal el-rei D. Afonso I nas cõrtes de Lamego, anno de 1141,

e confirmada por el-rei D. João I no seu testamento anno, de 1436, e Affonso V no anno de 1476, aprovando-o os tres estados, todos sem paixão, nem occasião de controversia, que lhes pudesse perturbar a razão; e sendo assim lei praticada neste reino, deve admitir-a Filipe, em que lhe pez. E porque este ponto da representação é o Aquiles desta demanda, convem que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Representação é um beneficio inventado pela lei, que por elle ordenou nas heranças que se diferem *ab intestato*, que os filhos entrem no lugar de seus pais defunctos, e representem suas pessoas, sucedendo em todo o direito que elles houveram de ter, se vivos foram. Esta representação na linha direita de ascendentes não tem limite: e nas transversaes somente se concede aos filhos ou filhas dos irmãos, ou irmãs do defunto, de cuja successão se tracta: e assim ficam excluídos os mais parentes collateraes, que se acharem sórা de este segundo gráu, porque não se estende a elles a representação. E conforme a isto fica claro o direito da senhora Dona Catharina, que é melhor que o de Filipe; porque representa varão, que houvera de ser rei, se sórা vivo; e elle representa femea, que não havia de entrar na coroa, com ser mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que sórা viva a senhora Dona Isabel, e morto o infante D. Duarte, ainda a senhora Dona Catharina tinha mais direito ao reino que sua tia, por representar a seu pae, que a vencia no sexo, e havia de entrar na herança diante de sua irmã: e é a razão porque Fernando rei de Napoles julgou o reino a sua neta de seu filho mais velho defuncto, excluindo outros filhos mais moços: e Filipe rei de Inglaterra deu sentença pela sobrinha do duque de Bretapha, filha de seu irmão mais velho, excluindo os varões mais moços, irmãos do mesmo duque. E não temos necessidade de exemplos forasteiros, quando temos em casa o nosso rei D. Manuel, com quem se opoz o imperador Maximiliano, estando ambos em igual gráu, e este mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manuel por varão, que representava; e julgou-se que por isso prevalecia ao imperador.

VI. Os doutores castelhanos defendem o contrario, admitindo a representação entre primos: e a razão o mostram; porque o so-

brinho que exclua a seu tio ou tia, por representação de melhor gráu, ou melhor sexo, muito melhor excluirá a seus primos, filhos do tal tio, pois são já mais remotos, e não podem representar coisa que a outro não tenha já vencido. Ao exemplo se diz, que não deixou a infanta Dona Violante de herdar, por não se admittir à representação no caso, senão por ser inhabil, por lei particular que el-rei D. Pedro seu avô fez em Aragão, com que inhabilitou as femeas para poderem herdar aquella corôa. E a lei de Carlos V procedeu somente nas terras sujeitas ao imperio, ao qual não é sujeito Portugal; e ainda que em outras partes se pratique a opinião de Azam, como em França, que por costume antigo não admite representação nos collateraes em caso algum; não em Portugal, onde seguimos o contrario com o direito commun, e opiniões de Acursio e Bartholo: donde se vem a concluir que o beneficio da representação ha logar na successão destes reinos, quando os sobrinhos pretendem succeder a el-rei seu tio, irmão de seus paes sem haver outro irmão do mesmo rei que concorra com elles.

VII. Não é necessário que o pae possuisse o que se pertende herdar por via da representação; porque aqui não se leva a herança por transmissão, em que não pôde o pae fazer bom ao filho, o que não possuiu: e que no nosso caso não entra a herança do reino por transmissão, mostra-se; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de seu avô, a qual não ha duvida que lhe pertence: e assim entra o tal por virtude da representação, que o pôe em logar do pae ao tempo da successão.

VIII. O exemplo de D. Affonso não vem a propósito; porque além de ser illegitimo, se lhe negou a representação, não porque ella se não use em Portugal, senão porque estava fóra do gráu a que se concede; pois não era irmão, nem filho de irmão d'el-rei D. João, mas filho de seu primo; com que ficava já no terceiro gráu, em que se não admite representação nas linhas transversaes; e assim lhe foi preferido D. Manuel, por se achar um gráu mais chegado.

IX. Concedemos que não ha representação na herança dos mor-

gados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geração; porque não procede *Jure hereditario*, mas *ex concessione dominica*, que os pôde dar a quem quiser: e os povos deram aos primeiros reis o poder real, e á sua geração, para que os possuissem, e se deferissem como herança sua a seus descendentes: e assim o sente o mesmo Bartholo. E no que diz que na sucessão dos reinos seudaes não ha logar á representação, é comumente reprovado: além do que o reino de Portugal não é feudal, nem podem militar nelle as razões das *concessões dominicas*, como em seu logar mostrarei logo na resposta da razão X.

X. Os documentos e Ordenações que allega, não se intendem assim. O primeiro logar da Ordenação que aponta, procede nos bens da corôa, que são havidos por *concessão dominica* do rei; e conforme a lei Mental, porque se deu ordem de succeder nos bens da corôa, não se differem *Jure hereditario*. Donde el-rei D. João I, que foi o auctor da lei Mental, por isso lhe negou a representação. E tractando depois em seu testamento da sucessão destes reinos, declarou que havia logar á representação; porque procediam *Jure hereditario*, e não *ex concessione dominica*. Ao exemplo do rei de Castella D. Affonso, o Sabio, se diz que foi julgada aquella acção até em Hespanha por injusta; tanto que permitti Deus lhe tirasse a corôa o segundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as leis de Castella dispoem, que morrendo o filho maior, antes que herde, deixando filho ou filha, vá a estes a herança, e não ao tio irmão de seu pae, e ha muitos exemplos. A segunda Ordenação prova somente não haver representação nos prazos de nomeação, em que o foreiro *ex concessione dominica* os pôde deixar a quem quiser sem respeito a herdeiro, que sucede *ab intestado*, e não prova nada no que vae por herança.

XI. Concedemos tudo, e negamos só a consequencia, que nada colhe de ser a herança dos reinos materia exorbitante e qualificada: pois com isso esta, que é verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensão alguma nos casos em que o direito concede este beneficio da representação.

XII. Não admittimos o direito de sangue, que allega; porque o direito dos reinos e suas possessões procedeu do antigo direito

das gentes, segundo o qual tudo se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de successões, que por leis mais novas foram inventados. Isto é doutrina commun dos doutores, e praticada em Hespanha pelos reis de Castella D. Fernando, D. Alonso, o VI, e D. Alonso VIII, D. Jayme rei de Aragão, o Conquistador, que dividiu os reinos entre seus filhos D. Alonso, o Sabio, e D. Henrique III de Castella; aquelle desherdando seu filho, e este pondo-lhe gravames: e em Portugal o declaram as bullas dos summos pontífices de sua fundação, assentos de cōrtes do rei D. João o I, e testamento d'el-rei D. Affonso V, onde tudo se leva por herança verdadeira, que admite representação, como temos mostrado.

XIII. O beneficio da representação está concedido na linha collateral, da mesma maneira que na dos descendentes: na dos descendentes, é certo nestes reinos que sucedem as femeas a seus paes com a prerogativa de varão; de modo que se o pae, por ser varão, havia de excluir outras pessoas, exclua a filha as mesmas, como tios, primos etc. Prova-se esta representação dos descendentes em Portugal, pela carta patente d'el-rei D. Affonso V, em que ordena lhe succeda o filho ou filha do principe seu primogenito, e não seus segundos filhos, o que tem força de lei e direito, por assim o declarar o mesmo rei: e ha exemplos do mesmo em outras partes, que ficam apontados no fim da resposta da terceira razão. E que nos collateraes seja o mesmo, consta do texto *in auth. de hæred.* § *Si autem.* E da razão da equidade, em que as leis se fundam para conceder este beneficio aos descendentes, essa mesma tiveram para o concederem aos collateraes; e ha exemplos, como, o em que o rei Philippe de Inglaterra, por conselho de letrados declarou que o ducado de Bretanha pertencia á sobrinha filha do irmão mais velho do duque defuncto, contra outro irmão do mesmo duque: e ha leis como a lei quarenta do Touro em Hespanha, que diz: *Siempre el hijo, y sus descendientes legítimos por su orden representen las personas de sus padres:* E *Molina lib. 3. c. 7.* resolve que a dita lei procede na successão dos reinos, como na dos morgados. Nem é deformidade nem impossivel, que a femea represente sexo de varão; porque mais

difficultoso é fazer que um filho tenha a idade de seu pae, que uma filha alcançar o sexo masculino ; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e não pôde fazer que o filho iguale a seu pae na idade ; e comtudo, o direito pôe o filho diante do tio mais velho, só porque representa a seu pae mais velho que o tio ; logo muito melhor poderá fazer o que é menos, que a femea represente varão.

XIV. O que diz o direito, que femeas não entrem em officios nem jurisdições, intende-se onde se não succede *jure haereditario*. Tambem os ecclesiasticos não podem haver dignidades seculares, e comtudo possuem as herdades, como se viu no neto cardeal rei. Nem as femeas são tão destituidas como as fazem, principalmente as bem creadas ; e os bons conselheiros suprem seus deseitos. E os doutores da universidade de Coimbra, resolveram que a senhora Dona Catharina devia ser preferida a Filipe, conforme as leis do reino, confirmadas por Innocencio IV, que fazem capazes, e habilitam as femeas para a successão destes estados, e excluem aquellas que casam fóra do reino ; e por isso foi excluida a senhora Dona Brites, e não por ser femea, e tambem illegitima e scismatica, e quebrar os contractos jurados, que ao tempo de seu casamento foram feitos : scismatica aqui quer dizer de humor castelhano.

XV. Se Filipe por ser rei fóra isento de juizes na pretenção deste reino, não o mandará notificar o papa Gregorio XIII pelo cardeal Riario Legado, que não affrontasse o nome catholico com se fazer juiz e parte, por parecer dos seus, que com ambição do favor, e temor do desagrado, o enganavam ; e se não queria juizes portuguezes, por considerar nelles alguma paixão, que elle lhe daria juizes desinteressados e incorruptos : e bastava deixar el-rei D. Henrique devoluta a questão, que elle só pudera resolver, para o rei de Castella ser obrigado a estar pela sentença ; e não a declarou o cardeal rei, não porque tivesse alguma duvida na materia, mas por evitar a guerra que já o castelhano ameaçava : e não tinha duvida, porque quando el-rei D. Sebastião foi a Africa, deixou feito testamento, em que nomeava o cardeal D. Henrique por seu successor no primeiro logar, e no segundo a se-

nhora Dona Catharina ; e não manifestou isto por divertir a fúria de Castella, que estava muito poderosa com victorias, e Portugal muito debilitado com a perda da Africa, e peste. Fiado pois o cardeal por tantos principios na justiça da senhora Dona Catharina, por evitar discordias nomeou juizes, e requereu ao catolico, o qual, tergiversando-lhe a razão, o constrangeu e intimidou a que, ou lhe julgasse a causa, ou a não decidisse : não conseguiu o primeiro, alcançou o segundo, porque estava muito poderoso com riquezas e armas. Morte o rei cardeal, ficou a senhora Dona Catharina só ; e o castelhano para se círar com o mundo, poz a causa em juiso, assegurando a bolada por todas as vias ; porque escolheu os juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Castella, com evidente nullidade deram a sentença de maneira, que sendo cinco, só tres se renderam à corrupção : e para desassombrar a consciencia a todos, sumiram o testamento d'el-rei D. Sebastião ; e boa prova é que nunca appareceu, e tambem é certo que dizem e se escreve, que levaram para Castella o livro do *Porco Spim*, que se guardava no cartorio da camara de Lisboa, em que estava o direito da successão deste reino, com as còrtes de Lamego, em que se decretava que não entrassem nesta corôa reis estranhos. Feitas estas diligencias, entrou em Portugal com um exercito a tomar a posse como inimigo. Doido se colhe, que não repugnou a ser julgado, nem lhe eram suspeitos os juizes, pois os escolheu, e fiou delles tudo : e dizer que nenhuma duvida tinha, é falso, porque se a não tivera não mandára visitar a senhora Dona Catharina pelo duque de Ossuna, com recados dobrados, que se a achasse acclamada, lhe desse o parabem ; e se por acclamar, o pezame da morte de seu tio o cardeal rei ; e a requeresse para ser julgada a causa da pretenção do reino que ambos tinham. Ném pedira a Pedro Barbosa, doutor celebro em aquelles tempos, que escrevesse sobre o direito que por varão tinha a esta successão, o qual lhe respondeu, que não tinha razões na pretenção da corôa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina ; e por isso escreveu ao duque de Gandia uma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste eserupulo deteve o duque

de Barcellos em Castella, depois de resgatado, apoderando-se delle pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate, com eôr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá não o declarassem por principe, vendo que difficultariam sua vinda com os moiros, que pediriam por elle os logares que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Philippe com os partidos que commetteu á senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras que foram do infantado, e franqueza para mandar todos os annos uma nau á India por sua conta. E, finalmente, porque viu que não tinha bom partido, se puzera a questão nos juizes que convinha, sem se lembrar que ninguem é bom juiz em causa propria, se fez juiz, parte, e arbitro, usando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leis, de que sempre fugiu.

XVI. É a verdade que juizes deram sentença por Philippe com as nullidades que ficam ditas; e além dessas outra muito essencial, que não se acha escripta, e devia de escapar a todos os autores que tractaram esta materia com serem muito diligentes: e não me admiro, porque com maior diligencia sumiu Castella todos os papeis que podiam encontrar sua pretenção; mas dois vieram á minha mão ha poucos dias por um caso estranho, andando eu com este ponto na forja: e tendo o principe nosso senhor noticia como estavam na minha mão, m'os mandou pedir pelo conde regedor, e me consta que os estimou, e mandou guardar: um é o regimento com que el-rei D. Henrique de parecer e aprazimento dos tres estados, mandou se fizesse a junta; e declara quando, como, onde, e que haviam de ser onze juizes, e esses letrados nomeados por elle, e escolbidos pelos estados. Outro papel contém outro regimento d'el-rei Philippe, para fazer este reino todo de seu humer, por via dos prelados, prégadores, e confessores; e porque contém violencias notaveis, farei menção dellas adiante, no seu lugar, no fim da decima razão do Manifesto da senhora Dona Catharina. O regimento do cardeal rei, é feito pelo secretario Lopo Soares, em Lisboa a 12 de junho de 1579, todo da sua letra bem conhecida, e firmado por el-rei, e sellado com o sello grande das armas reaes. E nelle mandava se fizesse a junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, por ser mais re-

tirado, e observante na clausura; e que delle não saissem nem communicassem com pessoa alguma, senão depois da causa julgada; e que teriam vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na junta, se confessassem e commungassem na sé; e na capella mór della fizessem juramento de inteireza diante do cabido, camara, procuradores, prelados, titulos, etc., e nada disto se fez: bem se vê logo que a sentença que Filipe houve de tres juízes, foi desfeituosa, subrepticia, capeada; e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opinião provável nos seus doutores, mais provável era a que estava pela senhora Dona Catharina; e assim tirava toda a dúvida, que se não podia tirar com armas, quando as coisas se tinham posto por consentimento das partes em juízo contradictorio, com juízes escolhidos e louvados, e estavam *lite pendente*, e Filipe os perturbou, madou, intimidou, e corrompeu até os desfazer e diminuir. E é opinião de inumeráveis autores castelhanos, como Vasques, Molina, Sanches, Soares, Filiusio, Bonacina, e outros, que allegam—que se não pode tomar por armas o reino em que ha opinião. *Quod si unus (conclue Soares Disp. 13. de Bello, sect. 6. n.º 4) tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoo ipso injuriam alteri faceret, quam posset juste repetere, et eo titulo justi belli rem totam occupare.* E o juramento do reino nas cōrtes do castelhano foi irrito; porque em dano da republica, e da senhora Dona Catharina, e seus descendentes; e porque faltou o consentimento do reino livre, que foi extorto por medo do exercito com que cá entrou. Nem obsta o não reclamar, porque nunca houve logar disso até o da aclamação, que foi antes dos cem annos que se requeriam para a prescripção de boa sé sem contradicção, e elles bem má sé tinham; e bem reclamou o senhor D. Theodosio com seus filhos, cuja retractação se mostrou por escripto. E ainda que o juramento fôra muito voluntario, ficava o reino desobrigado de o guardar, tanto que os reis de Castella não guardaram os que fizeram a Portugal, ajuntando, que queriam perder o reino se assim o não cumprissem.

XVIII. Ao que diz do braço que se fortificava com Portu-

gal em Castella para defender a egreja, respondemos que se fôr o braço qual o deu seu pae, que deu saco a Roma, que ficará bem fortificada a egreja, e que favoreceu tanto Castella a de Portugal, que em sessenta annos que o dominou, não sabemos que lhe levantasse uma, nem que lhe désse se quer um caliz. E se alguns politicos cuidavam que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, não foi assim; e a experientia mostrou o contrario, porque Portugal conserva-se com a paz que tinha com todos os principes; e Castella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os commereios que nos enriqueciam, e ganhamos guerras com todas as nações que nos destruiam: e para que nem desta destruição nos podessemos livrar, tirava-nos Castella as forças, levando-nos nossas armas, thesouros e soldados, para se servir de tudo em suas guerras e conquistas, desamparando totalmente as nossas.

XIX. Finalmente, ao que diz da prescripção e posse, respondemos que a não pôde haver em reinos; e é de todos os doutores, que não se pôde dar em nenhuma materia sem boa fé, titulo e consentimento das partes, tacito ou expresso. Não foi boa fé a de Filipe, pois com sentença nulla, e armado com exercito tomou posse: nem houve consentimento da real casa de Bragança, pois consta que reclamaram os duques D. Theodosio e seu filho ao juramento em que não foram prejuros, porque o fizeram forçados, sem intenção de o cumprirem: além de que é do direito, que quem com armas invade a posse, a perde com toda a causa. Donde, dado e não concedido, que Filipe tivesse algum direito, todo o perdeu pela violencia. E não merece nome de tyranno, quem toma o que é seu: *Et habet jus in re*; antes merece titulo de principe moderado, porque offerecendo-se-lhe muitas occasiões de se restituir, dissimulou, esperando conjuncção de o fazer com socego, e sem dâmno de seus povos, os quaes hoje governa, conserva, e defende muito melhor que Filipe; porque nasceu e vive entre seus vassallos, fala a sua lingua, conhece-os de nome, baseja-os como senhor, defende-os como rei, castiga-os como pae, aumenta-os como poderoso, sem lhes tomar as fazendas, como fazem reis que dão em ladrões.

Manifesto do direito da senhora Dona Catharina ao reino de Portugal contra D. Filipe.

As respostas da senhora Dona Catharina, que démos contra as razões d'el-rei Filipe, bastavam por manifesto de sua justiça: mas é tão manifesto o seu direito, que por mais razões que démos, sempre ha mais razões que dar: e para intendermos bem as mais fundamentaes, que aqui se seguem, devemos presuppor que a sucessão d'el-rei D. João III, filho primogenito d'el-rei D. Manuel, acabou em el-rei D. Sebastião, seu neto: e tornando aos filhos do mesmo rei D. Manuel, não achou varão vivo, mais que o cardeal D. Henrique, o qual morrendo sem sucessão, e sem irmão ou irmã a quem deixasse o reino, necessariamente havia de ir a um de muitos sobrinhos seus e netos de seu pae. Viviam então quatro, tres delles varões, e uma femea, filhos de dois infantes e de duas infantas: e pela antiguidade das proles eram Filipe Prudente, filho da infanta Dona Isabel; Philiberto, filho da infanta Dona Brites; D. Antonio, filho do infante D. Luiz; e a senhora Dona Catharina, filha do infante D. Duarte. Raynuncio, tambem opositor, já era bisneto na linha do infante D. Duarte; mas não se fez caso da sua oposição, por ser desfunta sua mãe, que a devêra fazer, e por não constituir linha diferente da em que se achava a senhora Dona Catharina, em melhor gráu que elle. E se nesta materia se attentara só para a linha masculina, o senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ser varão, e filho de infante; mas foi escuso por illegitimo e indispensado, porque a dispensação só seria licita em desfeito de opositor legitimo: e logo se seguia a senhora Dona Maria, por ser filha de varão, e mais velha que a senhora Dona Catharina sua irmã: mas excluiram-na, por desfunta, e a seu filho, que era o senhor Raynuncio principe de Parma, por estrangeiro, e por ficar sóra do gráu em que se admitté representação; e principalmente por não constituir linha em oposição com a senhora Dona Catharina, que ficava com a senhora Dona Maria na mesma linha do infante D. Duarte, pae de ambas. Seguia-se logo a senhora Dona Catharina, que era

viva, e filha de varão : mas esbulhou-a do direito com violencia notoria, e não a deixou tomar posse el-rei D. Philippe, dando por razão, que era varão, ainda que filho de infanta, e que estava em igual gráu com ella : accrescenta estas palavras, que tenho escriptas da sua letra no papel de que adiante farei menção : *Que para entrar en estos reynos no tenia necessidad de aguardar sentencia de nadie, por ser el proximo sucessor en el reyno, y no reconociente superior en lo temporal, que saneada, y satisfecha su conciencia de su justica, pudo ocupar la posesion por su sola autoridad, conforme a derecho ; y que ya es cosa esta de que no se sufre disputar, sind tenerlo por ley, y verdad manifesta, despues que los tres estados del reyno le tienen jurado en cortes generales por su rey, e señor natural, como lo hicieron en Tomar.* Mas do que temos dito e diremos, se colhe claramente quão pouco fundamento tem, e quão sophisticas são estas razões de Philippe, que na verdade se seguia logo depois da senhora Dona Catharina, excluindo o principe de Piemonte e duque de Saboya, por ser filho da senhora Dona Isabel, mais velha que a senhora Dona Brites, mãe do Piemonte saboyano. Posto isto : por muitas razões tomou o neto da senhora Dona Catharina o reino de Portugal a Philippe com muita justiça ; e nem por serem muitas, fazem melhor causa. O ponto está em serem boas, e então uma até duas bastam, e tres sobejam. As melhores neste caso se reduzem a quatro, que são : linha, patria, representação, acclamação : e porque destas nascem outras, direi todas por sua ordem, e são as seguintes.

Razões da senhora Dona Catharina contra Philippe.

I. Razão. Porque este reino era devido ao neto ou neta d'el-rei D. Manuel, que se achasse em melhor linha : e então só a senhora Dona Catharina o estava, como filha legítima do infante D. Duarte, que houvera de ser rei, se vivera, com a infanta Dona Isabel, mãe de Philippe, e preceder-lhe por varão, ainda que ella fosse mais velha.

II. Razão. Porque as leis de Portugal prohibiram passar a co-

roa a estranhos (como já dissemos, ou provamos das cortes de Lamego) e então só a senhora Dona Catharina era natural deste reino. E que esta lei seja justa, prova-se da lei natural; porque não ha coisa mais natural que governarem-se as comunidades por seus naturaes, que lhes sabem os costumes e inclinações. Da lei divina; porque no Deuteronomio mandava Deus ao seu povo que não admittisse rei estranho: *Constitues regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem regem facere, qui non sit frater tuus.* (Deut.) Das letras humanas: os Garções diziam que não estavam obrigados a obedecer a el-rei de Inglaterra, senão quando assistia entre elles. Sandoval na Historia dos Reis de Castella diz de Affonso VI, que elle não casaria suas filhas com estrangeiros, se soubera que não havia de ter filhos; e de seu neto filho de D. Ramon fazia pouco caso, por ser filho de estrangeiro, e não levava em paciencia, que faltasse em Castella a successão real. O nosso rei D. Affonso Henriques assentou com os estados e povos, que na coroa de Portugal não sucedesse estrangeiro, nem se admittisse a ella filho de filha que caçasse fóra do reino; e em tempo d'el-rei D. Affonso V não quizeram os tres estados que fosse sua tutora a rainha Dona Leonor sua mãe, por ser aragoneza: e el-rei D. João III teve feita lei para estes reinos, em que não só excluia os estrangeiros, mas tambem as semeas, filhas dos reis destes reinos, por tirar as duvidas pretendendo algum rei estrangeiro, ou outro caçado no reino, suceder nelle; mas a rainha Dona Catharina a estorvou pelo amor que tinha a Castella, estando para se promulgar. A este ponto tiram as leis deste reino, que prohibem terem officios publicos estrangeiros, e por isso el-rei Filipe jurou que os não daria senão a portuguezes; e podiam os reis portuguezes fazer estas leis neste reino, não só por serem conformes á lei natural e divina, em similhante caso, senão tambem, porque as punham em coisa propria, que podiam dispor com as condições que quizessem, porque ganharam á força do seu braço, e custa de seu sangue Portugal aos moiros, que injustamente o possuiam, e assim como em bens proprios lhe puseram as condições que se leem nas cortes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a lei que prohibia estranhos, podia ser admittido el-rei Filipe, a qual nunca se tinha dispensado: e havendo-se de entrar no reino com dispensação, mais direito tinha o senhor D. Antonio para ser dispensado; porque além de ser natural deste reino, era filho de infante varão, e só necessitava de dispensação na illegitimidade, que já em el-rei D. João o I se tinha dado; e a razão de ter por sua mãe sangue hebreu, não estava prohibida, nem isso nos reis avulta: donde de *primo ad ultimum* a senhora Dona Catharina só devia entrar na successão desta coroa, por não ter necessidade de dispensações por neta legítima d'el-rei D. Manuel, e reino.

IV. Porque o beneficio da representação ha logar na successão destes reinos, assim como por direito *communum* está concedido nas heranças que se differem *ab intestado*: e prova-se, porque está geralmente induzido por direito em todas as successões hereditarias, porque o filho é uma mesma coisa com seu pae; e estes reinos são herança do ultimo rei possuidor: logo, bem se segue que ha nelles logar á representação, assim como nas heranças que se differem *ab intestado*. Confirma-se, porque tambem se admite representação nos morgados e bens vinculados *jure sanguinis*: logo tambem nos reinos, posto que fossem *jure sanguinis*, porque foram instituidos pelos povos, em quem se não pôde considerar que tivessem mais amor ao filho, ou irmão do rei, por mais chegados, que ao neto, ou sobrinho, por mais remotos. Donde Molina lib. 3. cap. 7. q. 1. n.º 28., tendo que a successão dos reinos se differe *jure sanguinis*, admite o beneficio da representação. E a lei dispõe em Hespanha que o neto será preferido ao filho segundo do rei; e ha exemplos disto em Inglaterra, França, Hungria, Bretanha: e em Aragão fez el-rei D. Jaymes II jurar por seu successor a D. Pedro, seu neto, filho do principe D. Affonso, sendo vivo o infante D. Pedro, seu filho segundo; e neste reino D. João o I ordenou em seu testamento, que os filhos e netos do senhor D. Duarte, seu primogenito, precedessem ao infante D. Pedro, seu filho segundo: e el-rei D. Affonso V ordenou o mesmo por sua carta patente, escripta aos estados, accrescentando que o filho ou filha do principe D. João,

seu primogenito, sendo legítimos, herdassem o reino, e não filho segundo seu. Posto isto, bem se infere que á senhora Dona Catharina pertencia a coroa deste reino, por representar a seu pae, que, se vivera, havia de ser rei diante da senhora Dona Isabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ser femea.

V. Dado que em Portugal não houvesse lei, nem Ordenação expressa, que admitta representação na successão dos reinos, ha comtudo lei, que o caso que não estiver nas Ordenações delle decidido, seja julgado pelas leis imperiaes; e se nestas não estiver, pelas glosas de Acursio; e se nestas não, por Bartholo, ou pela commun opiniao dos doutores. E o caso presente da maneira que o resolvemos, ainda que não está na Ordenação deste reino, colhe-se do direito civil, e está determinado por Acursio, Bartholo, e os doutores, e admittido e praticado em Portugal e muitos outros reinos, como mostramos.

VI. Porque as femeas podem ser admittidas á successão dos reinos de Portugal; e se prova de que a successão destes reinos se differe *jure hereditario*, como herança do rei, ultimo possuidor: e consta conforme a direito que as femeas por testamento, e *ab intestato*, são admittidas ás heranças hereditarias, assim pela lei das doze taboas, como pelo direito novo dos imperadores, que se hoje guarda: e pois neste reino não ha lei que as prohiba, claro está que podem ser admittidas, assim como o são em todos os reinos e estados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz Tiraquel. tom. 1. q. 10. a n.º 4., e assim está declarado em Portugal, e se colhe da doação feita ao conde D. Henrique, e sua mulher Dona Thereza, que dizia: *Para elle e seus sucessores*. E conforme a direito esta palavra (*successores*) admitté tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual el-rei D. Affonso II em seu testamento admitté a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no reino, e no reino do Algarve se prova particularmente da doação d'el-rei D. Affonso o Sabio de Castella a el-rei D. Affonso o III, conde de Bolonha, seu genro, para seus filhos e filhas para sempre. Destes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da carta que el-rei D. Affonso V escreveu aos estados do reino, pela qual, quando entrou em Castella, determini-

nou o modo, que se havia de guardar na successão destes reinos dizendo assim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deus não mande, que o principe meu sobre todos muito amado e prezado filho, falleça antes de meu passamento deste mundo, e delle fiquem filhos, ou filha, legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus reinos de Portugal e dos Algarves, e não outro algum meu filho ou filha.* De tudo o dito se colhe, que as femeas em Portugal são habeis para herdarem esta coroa, e que a senhora Dona Catharina não a podia perder por femea.

VII. Os reinos herdam-se mais pelo direito hereditario, que pelo do sangue. Em Castella querem muitos que prevaleça o direito do sangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os castelhanos pegaram do direito do sangue, para darem a Philippe o reino de Portugal; mas achando que tambem por esta via tinha a senhora Dcna Catharina mais direito, pegaram do hereditario; e parece que os moveu o verem que possuia Philippe, Navarra, Leão e Castella, com direito só hereditario, e não ficava consoante ocupar um reino com direito contrario ao com que se possuia os outros. Donde se deve notar, que com o direito que allegaram contra a senhora Dona Catharina, perdião os reinos que possuiam; e em qualquer dos direitos ficavam de peior partido, e a senhora Dona Catharina de melhor condição.

VIII. Direito do sangue é aquelle que vem por instituição antiga, que dispoz fosse correndo a herança pelos parentes mais chegados em sangue ao instituidor, como se vê nos morgados. Direito hereditario é aquelle que sem attentar para as toas instituições, dá a fazenda do desfunto ao parente mais chegado, ou quem o tal desfunto nomea. De maneira que no direito do sangue succede ao primeiro instituidor, e no hereditario ao ultimo possuidor; e se bem attentarmos, em ambos estes direitos estava a senhora Dona Catharina diante d'el-rei Philippe: no do sangue, por vir por linha masculina, que é preferida à feminina, por onde elle vinha; e no hereditario, porque a instituição do nosso reino era, que desse ao natural, como era a senhora Dona Catharina, e não a estrangeiro, como era Philippe. E prova-se da causa porque elegeu Portugal o seu primeiro rei natural, que foi por

se eximir do governo de Leão. E que este discurso e opinião esteja conforme a direito e razão, confirma Castella com similhante caso, em que tirou a S. Luiz rei de França a herança de sua coroa, que lhe vinha por sua mãe Dona Branca, filha mais velha do rei catholico, e a deu aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que assistiam em Castella.

IX. O duque D. João, marido da senhora Dona Catharina, era descendente por linha masculina do primeiro rei de Portugal D. Affonso Henriques ; e é certo que quando de alguma herança é excluida a femea a favor de varão, não tem isto logar quando ella é cazada com agnado da mesma familia. Donde tambem por esta cabeça de successão hereditaria vinha o reino á senhora Dona Catharina, e só podia haver duvida entre o duque Dom João e a senhora Dona Catharina, sua mulher, por terem ambos o direito do sangue, e serem agnados, e precedel-o ella em ser mais chegado ao ultimo possuidor ; e elle a ella, em ser varão : mas toda a duvida se solta no filho que de ambos nasceu, o senhor D. Theodosio, no qual se ajuntaram ambas as razões, que se comunicaram a seu neto el-rei D. João IV, o qual, fundado nellas, tomou posse pacifica do reino, que por paes e avós lhe vinha direitamente.

X. Faz muito pelo direito da senhora Dona Catharina a força e violencia com que el-rei Philippe invadiu este reino e tomou posse delle ; e já mostrámos que a força em causas juridicas tira o direito a quem a faz : e esta se prova em Philippe, porque mandou declarar por rebeldes e traidores, com privação de vida e fazenda, a todos os que com opinião mais que provavel tractaram da defenção de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem prometido fidelidade : e por este principio deu garrote secreto a imensos religiosos, que mandou lançar no mar com pedras aos pescoços. E que fosse injusta ou tyrannica esta violencia, mostrou-o no céu negando por muito tempo o peixe aos pescadores, que foram ao arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se que estava o mar excommungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravam muitos corpos de frades. E foi assim, que mandando o arcebispo absolver o mar com as

cerimonias da egreja, começou a dar pescado, e cessou a maldição, que melhor abrangeia a quem tal justiça executou. Mais fez para violentar não só os corpos, senão tambem as almas, que mandou a todos os prelados ecclesiasticos deste reino, que revogassem logo todas as licenças a todos quantos houvesse aprovados para confessar e pregar; e que as não concedessem de novo senão aos que fossem conhecidos por de humor castelhano, e que puzessem censuras reservadas, de que com nenhuma bulla se pudesse absolver os que de palavras, ou por escripto significassem opinião contraria á de Filipe. E disto tenho na minha mão um papel ou regimento, que já atraç toquei, digno de se imprimir pelas muitas coisas desproporcionadas que contém, e por ser da mão e letra d'el-rei Filipe, o Prudente, que nestes pontos mostrou que o não era muito, pois mandava aos prelados inferiores ao papa, que revogassem os poderes das bullas, e as licenças que só os summos pontífices podem tirar: mas como a pretenção principal era nulla, não ha que espantar de que os meios para ella fossem tudo nullidades.

XI. E porque de um absurdo se seguem muitos, como diz o philosopho; deste da força e violencia se seguiram tantas injustiças, em que logo se desempenhou Castella, que menos bastavam para lhe tirar o direito, dado e não concedido, que algum tivesse, e para corroborar o da senhora Dona Catharina, ainda que fosse fraco. Vinte e quatro capitulos cheios de promessas, que Filipe jurou a este reino, quasi todos se quebraram, tendo no fim delles, que sendo caso, o que Deus não permitisse, nem se esperava, que o serenissimo rei D. Filipe ou seus successores não guardassem a tal concordia, ou pedissem relaxação do juramento, os tres estados destes reinos não seriam obrigados a estar pela dita concordia, e lhe poderiam negar livremente a sujeição e vassalagem, e que lhe não obedecessem, sem por isso incorrerem em perjuro, crime de *laesae magestatis*, nem outro mau caso algum.

XII. Admittindo nós as injustiças allegadas em commun, que logo mostraremos em particular, e dado e não concedido, que a real casa de Bragança não tivesse a este reino o direito que temos mostrado, estava o serenissimo duque neto da senhora Dona

Catharina, obrigado a tractar do bem deste reino, por ser natural, e o maior senhor delle. Do bem da republica pôde tractar qualquer do povo, procurando seu augmento e segurança : é lei certa deste reino, por ser opinião de Bartholo, que não tem nisto quem o contradiga. É tambem certo em direito, que quando um reino está assogado e opprimido com injustiças, tyrannias, e insolencias do rei que o possue, e de seus ministros, que o rei mais visinho é o seu protector, e a quem toca e compete acudir-lhe : e com mais razão os senhores duques de Bragança, condestaveis deste reino, descendentes dos nossos reis, podiam tomar à sua conta a liberdade da patria, de seus parentes e criados. Esta doutrina admittem até os castelhanos, e é de todos.

XIII. Está hoje el-rei D. João o IV em posse de boa fé; porque dado que houvesse duvida no direito ou violencia interposta de uma das partes, a resolução pertencia ao povo, que pôde eleger por acclamação, como elegeu o neto da senhora Dona Catharina, usando de um quasi postliminio no direito de eleger, que teve radicado no principio, e depois o transferiu hereditario nos reis : assim Portugal decidiu a sentença, que o cardeal rei não deu, e que o castelhano nullamente salminou.

XIV. Sobre este fundamento da acclamação voluntaria, tiveram outro os portuguezes, não menos forçoso, para renderem obediencia aos descendentes da senhora Dona Catharina, e sacudirem o jugo de Castella ; e foi o das injustiças com que esta os governava : e prova-se ser bom em toda Europa, em Castella com o rei D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Christierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foi excluido do governo por sua frouxidão, e teve a seu irmão o conde de Bolonha por seu substituto : com este título se livraram os hollandezes, e se livram os catalãs, se levantou Napoles, se amotinou Scilia ; e Portugal déclarou por seu rei, a quem por direito o era, para o governar, como natural, sem tyrannias.

Resposta d'el-rei Filipe, contra as razões da senhora Dona Catharina, com seu desengano.

I. Resposta contra a primeira razão. *Terrible caso (diz Filipe) que quiten los portuguezes un rey catholico, y tan buen Christiano como ello, de su silla, y que se jacten, lo hazen con rason, colgandola de una linea, y que arrastren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado com mi privia, a quien devia yo preceder por varon, y mas viejo que ella!* Mas esta resposta se desfaz, como nevoa á vista do sol, com a lei e razão da representação que já discutimos.

II. Contra a segunda. *Admito, que podia Portugal hazer ley, que estrangeros no le herdassen: mas niego que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la reyna de Castilla Dona Beatrix, hija unica delrey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de su padre fue jurada en Portugal por reyna, y señora suya, y confirma-se con el rey D. Manuel, quando heredó las reynos, y estados de Castilla en nombre de su hijo D. Miguel: y siendo poderosas para defenderse, lo recebieron amorosamente, nò obstante ser estraniero; y quando despues los heredò el archiduque de Austria, aunque era Aleman, hizieron lo mismo: y que de la misma manera deve Portugal ser unido a Castilla.* Mas estas respostas e instancias teem facil resolução: porque a certeza da lei consta muito bem a Castella, que a sumiu com as còrtes de Lamego, como fica dito: e a nós basta-nos a tradição por certeza que se prova com muitos documentos. E a rainha Dona Brites por isso a jurou a Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque se fez castelhana: e se Castella admittia estrangeiros, era porque não tinha lei em contrario, como Portugal tem: e tambem porque os fazia naturaes com a assistencia continua; e com esta saltou a Portugal, não pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravando-lhe o jugo como estranco, e por isso com muita razão o sacudiu.

III. *Que nò tenia necessidad de dispensacion en esta ley, porque era portuguez, hijo de madre portugueza, y se hizo portu-*

guez hablando la lengua de Portugal en sus provisiones, y despachos, conservando las costumbres y leys de los portuguezes; con palacio real en su reyno, y tribunales, prometiendo asistir en el el tiempo necesario para ser tenido y avido por natural, y nò por estrano. Mas isto se bem o disse, mal o cumpriu; porque nunca veio a Portugal mais que a tomar posse armado como inimigo, metendo presidios castelhanos em todas as forças do reino, e ministros castelhanos nos tribunaes, armando a que todos fossemos castelhanos; porque só assim tractava de ser natural nosso: e para um homem ser natural, requer a lei deste reino que seja nascido nelle, e que seu pae tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada disto teve Filipe.

IV. *Al punto de la representacion negemos ficciones, y chimeras de legistas, y tomámos posesion por la realidad.* Mas já fica desenganado na resposta que démos á razão quinta do seu Manifesto, além dos exemplos que na quarta razão da senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem mostram quão praticada foi sempre a representação em todos os reinos da Europa, e neste de Portugal muito particularmente, e estabelecida por lei.

V. *Que los reyes, como señores soberanos, nò son sujetos a las leyes, que se hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando resultaren en dano de la corona; que es la primera cosa que se pretende conservar con el derecho.* E diz muito bem em reinos tyrannos, para os quaes nò ha lei mais que a de sua vontade, conforme aquelle texto, que só elles guardam: *Sic volo, sic jubeo; sic ratione voluntas.* Mas devêra advertir, que na oposição presente nò fazia figura de rei, ainda que o era, senão de filho da senhora Dona Isabel, e como tal em figura de particular pretendia este reino, e nò como filho do imperador; por onde, ainda que era rei, nò lhe pertencia esta corôa.

VI. *Lo que toca a que las hembras pueden ser admitidas a la sucesion de los reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a quien preceden los varones que se oponem en igual grado, y se prueba en Portugal de aquel capitulo de las cortes de Coimbra.* Mormalte que de tal devido, como o dito D. João Henrique

ques havia com o dito D. Fernando, é da parte das mulheres; que segundo costume e lei de Hespanha, dos filhos a fóra não podem succeder em tal dignidade. Mas este argumento bem se vê que não vem a proposito; porque se tomarmos o texto como sóa, tambem a filha do ultimo possuidor não poderia herdar o reino, contra o que temos provado, e Filipe admitte. Donde só se intende dos parentes collateraes, que não descendem do sangue real dos nossos reis, como não descendia D. João Henriques de Castella, e por isso não devia succeder a el-rei D. Fernando, posto que fosse seu primo co-irmão; porque este parentesco era por parte das mães que não descendiam dos nossos reis.

VII. *Que todos los reynos tienen sus leyes y derechos particulares, que en sus heredamientos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos reynos por el derecho de la sangre, e otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questão, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar que assim em um direito como no outro, tinha a senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razão do seu Manifesto.

VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes reynos; que Francia nò podia heredar Castilla, porque tienen estas leyes, y privilegios que lo vedan; y Castilla podia heredar Portugal, porque nò avia impedimento de ley que se lo estrovasse.* Mas a isto já dissemos que temos leis que não passe este reino a estranhos, e atraç ná segunda razão do Manifesto da senhora Dona Catharina ficam apontadas: e se as nega Filipe, tambem lhe negaremos as que allega contra França, e queremos que nos valha neste caso, se foi bom o estylo que então usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquisté. Yo lo heredé, porque me lo resolvieron muchos doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquisté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquistado, es de quien lo heredó, compró y conquistó; de la misma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nò de la señora Catalina, que nò lo heredó, ni lo compró, ni lo conquistó, como yo.* Diz bem que o

herdou por ditos de doutores que corrompeu com dadiwas e terrores. Mas não rendeu a opinião do melhor de todos, como já tocámos no fim da resposta quinze ao seu Manifesto; e o mesmo jurisconsulto referindo-se-lhe uma visão que tivera uma pessoa louvada em virtude, que lhe mostrara Deus a alma de Philippe passando do purgatorio para o céu, respondeu perguntando: Restituiu elle já Portugal á senhora Dona Catharina? Pois em quanto lh' o não restituir, não creio que está no céu. E este é o direito que adquiriu pela herança, compra, e conquista que allega. Herdou o que lhe não pertencia; comprou a quem não era dono, que pudesse vender; conquistou contra direito, e assim o ficou perdendo a tudo pelas mesmas tres cabeças por onde jacta que se fez senhor.

X. *Al punto de la fuerça se dice, que vim, vi, repellere licet. Que una fuerça grande nò se deshace sindò con otra mayor.* E diz bem que sentiu grande força intrinseca no direito da senhora Dona Catharina, porque força extrinseca não a havia nella: antes com paz e socego se punha na razão que Philippe não quiz admittir nem ouvir; e por isso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeu todo o direito que affectava.

XI. *Que tal juramiento de guardar capitulos, y perder el reyno, si nò los guardasse, responde que nunca lo hizo, ni se mostrará autentico; y que lo prometido en las cortes se cumpliría, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen govierno de las cosas, que nò pueden siempre mirar a un solo fin, que los reyes pueden alterar para mejor govierno, y mayor provecho de sus estados.* E falla verdade em dizer que não está authentico o tal juramento que fez nas cōrtes de Thomar em abril de 1581, porque o não deixou imprimir na carta patente de confirmação dos vinte e quatro capitulos. Tral-a porém impressa em Madrid o auctor da lei regia de Portugal fol. 129. E o certo é que não é maior o poder nos reis para condemnarem por traidores os vassallos que no promettido e jurado lhes faltarem, que nos mesmos povos para lhes negarem a obediencia, e os excluirem quando os reis lhes faltam com a palavra dada, e quebrantam o juramento de sua promessa. Está nos povos a elei-

ção e criação de seus reis, e nella contractam com elles haverem-nos de administrar em sua conservação e utilidade. Donde todas as vezes que os reis lhes saltam, no que lhes prometteram de os defender e conservar, os podem remover, e negar-lhes a obediência, como Portugal fez a el-rei D. Filipe, depois de o admittir intruso e violento.

XII. Ridicula é a resposta que Castella dá á 12.^a razão da senhora D. Catharina ; porque consta de opprobrios : *Llamandonos rebellados, perjuros, traidores, tiranos ; y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hacer justicia, y poner el derecho en su lugar, y punto, etc.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeados, que mais se confirmam com as ameaças das novas violencias que nos promette : e entretanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella : *Que del dicho al hecho vá gran trecho : quanto mais, que onde as dão : e não ha pé que não ache fôrma de seu çapato.*

XIII. Niega Phelipo estar el pueblo en posession de elegir reyes ; porque nò teniam mejor privilegio de elegir rey en Portugal, que en los otros reynos de Hespanha, los quales son de sucesion, en quanto vive descendiente legitimo de la familia real ; y en esta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros reynos ; porque prcêde de donacion de los reyes de Castilla, y de conquista de los reyes de Portugal ; y como el pueblo nò dió el reyno, nò puede aver caso em que sea posible elegir. Bem está : assim é. Mas nas duvidas não ha duvida que tem o povo direito para as decidir, quando não ha quem as resolva limamente, e se sente offendido ; porque se hão no tal caso os reinos como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de sua instituição, antes de terem reis, em que os povos podem eleger quem quizerem : e bem se prova que os de Portugal nunca quizeram a el-rei Filipe ; pois nunca lhe deram um viva, como notam até seus chronistas, nem na maior pojança do horrendo triumpho com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamações de vivas com que el-rei D. João, o IV, foi sublimado ao throno, para desengano do mundo todo, que sabe muito bem que a concorde e voluntaria acclamação dos povos é o melhor título

que ha para reinar; porque assim se instituiram os reinos, e fizaram os primeiros reis. Donde havendo duvida entre herdeiros e opositores a uma corôa, o melhor direito que ha para as decidir, é a vontade do povo, que primeiro fez os reis.

XIV. Finalmente, responde Filipe: *Que nó se pueden presumir tiranias de un rey catholico, ni injusticias de un monarca tan poderoso, que de nada necesita para ajustarlo todo, dando medio con suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.* E diz bem; porque em duvida de todos os reis se ha de presumir bem: mas quando as coisas são evidentes, não ha escusa que as livre. A evidencia das injustiças que Castella usou com Portugal, sessenta annos que o teve sujeito, mostrará o capítulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de uma e outra parte, em que ficam averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal e Castella; e bem curto de vista será, e bem cego de paixão, quem com a luz destas verdades não vir que Portugal não tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este reino muito grandes.

CAPITULO XVII.

Em que se resolve que as unhas de Castella são as mais farpantes por injustiças.

Do que temos dito fica assaz claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Castella sempre usou delas. E porque pôde haver quem não alcance tantas razões; assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas que não vêm luz, porremos aqui uma demonstração tão clara que todos a vejam até com os olhos fechados, e a intendam, ainda que estejam dormindo. Cesteiro que faz um cesto, fará cento, diz o proverbio. E se isto é verdade, como o é, mais o será se dissermos: Cesteiro que faz

um cento de cestos, quero dizer de furtos, é mais que certo : e não é necessario para os provar, trazermos aqui sceptros nem corôas, como a de Navarra, de que se intitula ainda rei o francez ; nem Milão, que o mesmo appellida por seu : nem Napoles, sobre que fulmina o papa, que lhe pertence : nem Castella e Leão, sobre que reclamam hoje os Lacerdas em Medina Cæli : nem Sicilia, que tem senhor que a não logra por falta de poder: nem Aragão, que lá tem no seu Limoneiro o direito que o certifica da violencia que padece, nem os mais, que, se com estes se forem para seus donos, ficará Philippe como a gralha de Hisopete. Não nos é necessario discorrermos por reinos alheios ; dentro no nosso daremos pilhagens aos milhares, em que ensanguentou tanto suas unhas Castella, que bastam para provar que as tem muito grandes ; e não repararia em levar este reino de um golpe, sem ser seu, pois não reparou em o desbalijar por partes, depois de o possuir com unhas tyrannicas. Das injustiças nasce a tyrannia, não para estar ocioso, mas para obrar mais injustiças. E é assim que os auctores a dividem em duas, quando a definem. A primeira se dá, quando se occupa um reino com violencia contra as leis. A segunda, quando o rei o governa contra as mesmas leis. A primeira manifesta fica nos dois Manifestos, e em suas respostas ; a segunda se manifestará nas injustiças seguintes.

Quando Portugal passou para Castella, ia aperfeiçoando suas conquistas com novos modos de tractos que se descobriam ; ia-se ampliando e propagando nossa santa fé. Tudo parou logo, e com o tempo foi tornando para traz. Tinhamos poderosas armadas, immensas armas, muita gente destra para tudo ; quasi de repente, e sem o cuidarmos, nos achámos sem nada. Poz-nos mal Castella com todas as nações ; com que se diminuiu o trato, as rendas das alrandegas faltaram, as mercadorias encareceram : os estrangeiros não podendo vir a nossos portos buscar nossas drogas, iam buscal-as a nossas conquistas, lançando-nos dellas, porque não tínhamos forças para lhes resistir ; e ainda que tínhamos os antigos brios, saltava-nos a direcção do governo, e o cabedal que nos devorava Castella. Capitulou por vezes pazes com os hollandezes da linha para o norte, deixando sórta dellas, o que fica para o sul,

onde cão o principal de nossas conquistas, como quem se não doia delles. Deu licença a estrangeiros para irem commerciar a nossas conquistas com grande perda, assim de particulares nossos, como das rendas reaes : e no anno de 1640 mandou publicar nos Estados de Flandres obedientes, que podiam livremente navegar a quaesquer portos nossos : e mandou que as nossas bandeiras variassem de cõr, para se differençarem das suas. Diminuiram-se as náus da India ; despachavam-se tão tarde, que arribavam ; proviam-se tão mal, que pereciam ; e as que vinham governaram-se de modo, que davam á costa : até as armadas não logravam efeitos, por má direcção ; e as que nos mandavam fazer e preparar a titulo de acudirem a nossas conquistas, feitas, as tomavam para as de Castella, e lá pereciam. A gente que cá se alistava, mandavam que cá se buscasse o dinheiro para a pagarem ; e o mesmo para as armadas com que os íamos servir. As nossas fortalezas andavam tão mal providas que as tomavam os inimigos, como se viu na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, etc. Tomaram-nos mais de sete mil peças de artilharia ; e uma vez se viram na Ribeira de Sevilha mais de novecentas peças de bronze com as armas de Portugal. Tomaram-nos todos os galeões, galés e armadas ; de que resultou ficarem nossos mares saqueados, e não escapar embarcação nossa ; até os pescadores nos tomavam os moiros : até os direitos e fintas particulares, que os homens de negocio davam para fabrica de armadas que os defendessem, incorporaram em si ; e comiam-nos os ordenados das galés sem as haver ; e tudo quanto adquiriamos de armas, tomavam para Castella. Dizem que nos acudiam em suas armadas, como se viu na restauração da Bahia ? Respondemos que o fizeram para assegurarem as suas Indias, e que se pagavam muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, sempre foi á nossa custa, como se viu na nossa armada que foi a Cadiz no anno 1637. Os serviços da nossa coroa feitos á de Castella, pagavam-se com pre-mios de Portugal, e os serviços feitos á nossa coroa nunca tinham premio. Com isto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra para as empresas de Castella, ficavam as nossas desamparadas e se perdiam. Mandavam obedecer nossas armadas ás

suas capitarias e almirantas contra nossos fóros; com que nenhum homem de bem queria servir, por não perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que se lhe não poria tributo senão admittido em cōrtes; e jurando Castella de nos guardar todos, nos poz a titulo de regalia sem cōrtes o real da agua, accrescentou a quarta parte das sizas, no sal novos e intoleraveis tributos em castelhano, e sobre as caixas de assucar. Incorporou-se na fazenda real o rendimento das terças dos bens dos conselhos, que os povos concederam para fortificar muros e castellos. Faziam estanques de muitas mercadorias, com que obrigavam o reino a comprar o peior, mandando para fóra o melhor. Andava isto de tributos tão desasforado, que se atreviam os ministros a lançal-os sem ordens reaes; como o das barcas pescadoras, que obrigaram em Lisboa a ir registrar ás torres, para pagarem novas imposições, além das muitas que já tinham. Quizeram introduzir neste reino a moeda de Belhão, os despachos em castelhano, o papel sellado, e nos conselhos de Madrid não nos queriam despachar senão nelle. Metteram os roubos de contrabando, e levavam para Castella o procedido delle, não se despendendo o seu em coisa alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o não julgasse por tyrannico, além de ridiculo: e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejaram as mulheres no Porto? A violencia das meias anatas, que se pagavam, até de titulos vãos e phantasticos e inuteis, e do que era devido por justiça. Fizeram praticar neste reino coisa nunca vista entre portuguezes, venderem-se a quem mais dava os officios, que antigamente se davam de graça, sem olharem se as pessoas eram dignas. E porque as indignas são as que por dinheiro sobem aos officios, ficava a republica mal servida e perturbada: o subir sem meritos, e o não cair por erros, igualmente se vendia. Faziam jurar na chancellaria os que compravam os officios, que nada davam por elles, nem os que pretendiam por interposta pessoa: prohibiam ás partes virem com embargos a taes provimentos, e se alguem dava mais pelo officio já comprado, lh' o largavam sem restituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem satisfaziam com, que apontasse e pedisse outra coisa. Ven-

diam habitos até a gente indigna delles, e pretenderam inventar novas honras para as vender e habilitar com elles gente infame ás maiores. Dos nobres tomaram grandes pedidos, e dos que possuam bens da coroa a quarta parte : negar os quarteis das tensas e dos juros era muito ordinario. Obrigavam os nobres, comunidades e prelados, que dêssem soldados vestidos, armados e pagos á sua custa, para fóra do reino. Ultimamente pretendiam tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas e forças para a guerra de Catalunha, para o obrigar assim exhausto, desarmado e sujeito ao que quizessem. Avaliaram as fazendas de todos os portuguezes, para as quintarem : mas amotinou-se Evora, resistiram os povos de Além-Téjo, e logo todo o reino ; com que cessaram outros muitos tributos de que estavam já provisões pelas comarcas. Cresciam as rendas reaes com tributos por uma parte ; e por outra multiplicavam-se as perdas, destruia-se a monarchia, e tudo se gastava em appetites : faltavam as armadas e nos tanques do Retiro navegavam baixeiros. Triumphando os holandeses de Hespanha pelas companhias que contra ella levantavam ; a da nossa India se consumiu e desappareceu, sem os povos receberem ganho, nem se lhes restituir sequer, o que lhes tinham feito contribuir, nem se tomar conta aos ministros que o devoravam. As necessidades em que nos punham com este modo de governo, tomavam por achaque de novas imposições para as remediar ; do castigo faziam remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os juizes castelhanos julgavam e sentenceavam os portuguezes que se achavam em Castella ; e elles tinham em Portugal juizes castelhanos. Chamavam a Madrid as demandas dos Portuguezes ; commettiam-nos a juizes castelhanos ; e se alguem resistia a isto, era punido. Quando se lhes devassava de algum caso commettido neste reino por portuguezes e castelhanos, pagavam tudo os portuguezes, se saíam culpados, e os castelhanos eram remettidos a seus juizes, que sempre os absolviam livres de culpa e pena. Inventaram uma companhia de S. Diogo, onde se matriculavam com quantos delles descendiam ; para que gozando dos privilegios de isento, se não extinguisse o nome castelhano, an-

les se augmentasse entre nós, e fosse mais estimado e appetecido. Punham olheiros castelhanos nas nossas alfandegas, não os havendo portuguezes nas de Castella em nosso favor, sendo um ministro castelhano tido por menos limpo de mãos, que cem portuguezes: e applicava-se a um só delles mais ordenado, que a todos os ministros nossos do tribunal, em que se punham, e se lhes pagava desta coroa. Faltaram-nos com as promessas de nos libertar nos direitos dos portos secos; e com outras mil de uns e outros, que não conto. Levaram para Castella o provimento dos corregedores, provedores, e juizes do primeiro banco, para os sazarem dependentes, e os divertirem para lá, tudo contra o prometido e jurado. Faltou-se á real casa de Bragança com algumas preeminencias e cortezias devidas á sua grandeza, e concedidas por reis passados. Entregaram o meneio deste reino, e seu total governo a dois ministros, cunhado e genro, que correspondendo-se um em Madrid e outro em Lisboa, com intelligencias diabolicas, nos tyrannisavam. Puzeram por vice-rei a duqueza de Mantua, estrangeira, e que não era parenta do rei no gráu que se requeria para tal governo: puzeram-lhe collateraes e conselheiros castelhanos, que se não dozessem de nós dependentes, para que sujeitassem seus votos. Fizeram que todos estes votos fossem fechados e secretos, para que se podesse attribuir aos taes votos tudo o que tyrannicamente ordenassem. Assim se fizeram os dois sobreditos, cunhado e genro, como o valido, senhores absolutos. Disse o rei Filipe um dia ao jconde duque a solas: *Que haremos con estos portuguezes? Nô acabaremos con ellos de una vez?* O valido que fabricava fazer-nos castelhanos e província, para assim nos extinguir, respondeu: *Dexe vossa magestad esto a mi cuenta, que yo se le dare buena dellas.* Manifestou isto um grande de quem então se não acautelaram pela desestimação da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e meneio da policia de seus estados. E que direi do que obrou contra o governo espiritual e ecclesiastico? Nas duvidas que se moviam com os colletores, se davamos sentença em favor da egreja, eramos privados por Castella dos cargos; e se contra elle, deixava-nos estar excommungados, e com interditos, sem reme-

diar nada, para que não só os corpos, senão também nossas almas padecessem. Tiravam dinheiro das pessoas ecclesiasticas, com esperanças que lhes davam dignidades: nem tiveram pejo de provocar os bispos com cartas, que ao que mais désse levantariam com maiores honras e dignidades. Não se tinha por illicito, nem indecente, o que trazia consigo algum lucro: e d'aqui vinha darem-se os premios da virtude á maldade, porque tinha esta dinheiro, com que as comprava. Os depositos das ordens militares, que resultavam das commendas vagas, consumiam-se em usos profanos contra os breves apostolicos. Promettiam-se as commendas antes de vagarem. Os rendimentos das capellas, os legados pios, e até das missas das almas se tomavam a titulo de emprestimo; e a restituição era em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. As capellas eram premio de quem as accusava, e ficavam as religiões perecendo, e as almas do purgatorio sem suffragios penando. E porque o colleitor Castra-Cani resistiu a isto, como ministro fiel da egreja, foi prezo, arrastado e desterrado com grande affronta de todo o estado ecclesiastico, e escandalo da gente catholica. Da residencia dos prelados nenhum caso se fazia, gastando-os em ministerios temporaes com grande damno espiritual de suas ovelhas. A bulla da cruzada se applicava a outros usos fóra da defensão de Africa, para que foi concedida: até das rendas da egreja tomavam subsídios e mezadas: para alguns pediram breve, allegando que os povos queriam, sendo assim que reclamaram sempre. Multiplicavam as provisões das mitras, com que ia muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavam as simonias.

E eu tenho dado conta das injustiças e roubos que Castella executou em Portugal; e porque estou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha consequencia, de que, quem tal fez, que não faria? Quem teve unhas tão farpáñtes para destruir um reino que appellidava seu, peiores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse que era alheio. E em conclusão: Castella se tem havido em tudo com Portugal tão desarrasoadas e cruel, que lhe pudéra dizer Portugal, o que na ilha de Cuba disse um indio regulo cacich chamado Hatuey, atormentando-o castelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes désse

oiro : cathequizava-o um religioso de S. Francisco neste estado, e tendo-o já reduzido a receber o baptismo, para ir ao céu, perguntou se iam lá castelhanos ? E respondeu-lhe o religioso que sim ; disse que não queria receber o baptismo, nem ir ao céu, por não vêr lá tão má gente. Fr. Bartholomeu das Cazas, auctor castelhano, e da ordem dos prégadores, rerefere este exemplo com outros muitos das crueldades que usaram em indias : e nós dizemos, não tanto como este regulo, mas pelo menos, que não queremos neste mundo trato nem commercio com tal gente ; e assim me despido della, e de suas unhas, para continuar na emenda das que nos tocam.

CAPITULO XVIII.

Das ladrões que furtam com unhas pacíficas.

Nas republicas que logram muitos annos paz, não ha duvida que com a ociosidade se fomentam e criam vicios ; porque são como as charnecas, onde porque nunca entra nellas a foice roça-doiria, tudo são malezas. Mal grande é a guerra, mas traz um bem consigo, que traz a gente exercitada e divertida de alguns males mais perniciosos, e um delles é o de furtos domesticos. E d'aqui vem não haver no tempo da guerra tantos ladrões formigueiros, nem de estradas, como no da paz ; porque os que teem inclinação a furtar, applicam os danos ao inimigo, onde não temem castigo, e deixam a sua republica illesa. Mas como não ha estado nem tempo que escape desta praga mais ou menos, todos os tempos teem unhas que os infestam, assim na paz como na guerra : desta diremos logo ; da paz digo agora, que não estou bem com ladrões que furtam metendo espingardas no rosto, desparando pistolas, esfollando caras, como o ladrão Gayão e o Sol Posto, que saiam ás estradas mais para matar que para roubar. Mais humanos são os que com boa paz saudando a gente lhe pe-

dem a bolça por bem para seu mal. Tal foi aquelle que na charneca de Aldêa-Gallega pondo chapeus pelas moitas com páus que pareciam espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles senhores, que lhes fizessem mercê de os soccorrer com o que pudessem : e assim davam quanto traziam, para que os deixassem passar em paz : e taes eram os que em tempo de Castella pediam donativos pelas portas a titulo de soccorros e emprestimos, sem nos pôrem os punhaes nos peitos : mas quem não dava até a camiza, quando outra coisa não tivesse, sempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir esmola com potencia, é pedir socorro nas estradas publicas com carapuça de rebuço, e armas á dextra ; é querel-a levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve tão pacifico, que fazia exhibir aos passageiros o dinheiro que levavam : e logo lhes perguntava para onde iam ? E lançando as contas ao que lhes bastava para a jornada, isso lhe restituia com, nunca Deus queira que vossas mercês lhes falte o necessario para seu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaram em uma feira de mão commun outras tantas peças de panno de linho, duas com trinta varas cada uma, e a terceira de trinta e seis. Ficou-se um com esta por ser o capataz, e deu aos companheiros as outras, a cada um sua : acharam-se defraudados nas seis varas que levava de mais, e arguiram-no que não guardava igualdade nem justiça, com tão fieis companheiros. Respondeu que tinham razão, e que não era elle homem que se levantasse ás maiores com o alheio ; e partindo as seis varas deu a cada um duas, dizendo : Ajude Deus a cada qual com o que é seu *pro rata*. Tão pacificas como isto tinha este ladrão as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras ; podem os comparar com as rameiras, que cheirando o almiscar, e fazendo praça de lisonjas e afagos, estafam as mais inexpugnaveis bolças, e escorcham os mais privilegiados depositos.

Não sei se pertencem a este capitulo as piratagens que se usam por esses almoxarifados e alfandegas de todo o reino, nos pagamentos dos juros, tenças e mercês, que sobre as rendas reaes se carregam. Vão os acredores pedir os quarteis a seu tempo, e a

resposta ordinaria, que acham, é: Não ha dinheiro; e com este cabe pôe de ré até aos mais poderosos requerentes: mas se apertados da necessidade, que não tem lei, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes sobeja, e vos despacham, passando-lhes vós provimento ou escripto, de como recebestes tudo; e assim o carregam na despeza, tirando para si do recibo as resultas, com que se guarneçem em bella paz livres de demandas e contendias. Bem conhecido foi nesta corte um homem honrado, que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte. Lançava nas rendas reaes sempre mais que os outros, e por isso sempre as levava: mas punha no contracto uma clausula, de que não se fazia caso, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviam de aceitar nos pagamentos a terça parte em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tivesse dividas para cobrar d'el-rei, que viesssem ter com elle, e que á vista lh'as pagaria, se fossem de receber os creditos dellas. Choviam-lhe em casa os acredores, que sempre os ha desesperados de nunca cobrarem, porque a fazenda real é parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-se por fim de contas, que lhes daria a ametade; e taes havia, que por cem mil réis lhe largavam papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavam facilmente dois contos; e por esta arte tão quieta e pacifica, sem se abalar de sua casa, veio a medrar mais que os que levam grossos cabedaes ao Brazil, e navegam com grandes riscos á India.

Venha aqui o duque de Lerma, que com grande valimento e maior paz governou a monarchia de Hespanha por muitos annos, livrando todos seus estados de muitas guerras. A traça que tomou para tão louvavel empreza, foi de furtar um milhão á corôa com approvação do rei todos os annos, e este despendia em peitas, com que comprava o segredo de todos os reis, principes e potentados da Europa. Tinha em todas as cortes da sua mão um conselheiro que lhe correspondia com os avisos de tudo o que se traçava; e a cada um dava por isso cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriam estes canos muito occultos; e tanto que tinha assopro que se maquinavam guerras, logo lhes divertia a agua com cartas e embaixadas a outro proposito tão bem ar-

madas, que desarmavam tudo, apagando temores, extinguindo suspeitas, e grangeando de novo amizades: tanto monta a destreza e ardil de um bom ministro sagaz e prudente! E assim dizia este ao seu principe: senhor, as coisas levadas por mal, arrebentam em guerras, e levadas por bem, florecem com paz. Um anno de guerra gasta muitos milhões de dinheiro, abraza muitas fazendas de particulares, extingue muitas vidas dos vassallos: e a paz sustenta tudo em pé, são, e illezo: e com um milhão que se gasta cada anno em peitas, compramos este bem tão grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhões, e das inquietações que traz consigo a guerra. Neste passo me pergunta o curioso leitor: aonde estão aqui as unhas pacificas? Perguntastes bem; mas responderei melhor — que estão nos seniores conselheiros, que gualdriparam o milhão a cincuenta mil cruzados cada um, vendendo por elles o segredo dos seus principes, que é uma joia que não tem preço; porque depende delle o augmento dos seus estados, que muitas vezes se apoia na execução prompta de uma guerra justa. Mas podemos-lhe dar escusa nas consequencias da paz, que sempre é mais proveitosa para os povos, cujo bem e conservação deve ter sempre o primeiro logar nos discursos de todo o bom governo, se não trouxer consigo maior perda, como a com que nos enganou Castella. Alguns estadistas tiveram para si, que fôra grande ventura passar a corôa de Portugal a Castella, pela paz com que nos conservava sua potencia dentro no reino. É verdade que não entraram cá inimigos com exercitos que nos inquietassem o sonno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima surda nos ia gastando e consumindo, sem darmos fé do damno, senão quando já quasi que não tinha remedio. Deus nos livre de tal paz; paz fingida é peior que guerra verdadeira, e esta é melhor; porque a boa guerra faz a boa paz. A boa paz é a melhor droga que nos trouxe o commercio do céu á terra, e como tal a applaudiram os anjos em Belém depois da gloria de Deus: e por isso é bem que digamos os fructos della e os documentos com que se grangeia.

CAPITULO XIX.

Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos não damnifiquem.

O officio do principe é procurar que seus vassallos vivam em paz : e por isso quando o juram, leva na mão direita o sceptro com que ha de governar o povo em paz. Os romanos traziam o annel militar na mão esquerda, que é a do escudo, para denotar que as republicas bem governadas teem mais necessidades de se defenderem, para conservarem a paz, que de offendere os outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz ; porque a guerra é castigo de peccados : e assim se devem considerar sempre as causas que houve para se romper a paz, e tractarem de as reparar. Para ser firme a paz bão de procurar, os que a fazem, de terem a Deus propicio : e tel-o-hão, se lhe pedirem que lhes dê juizo e intendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condições della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganos. Melhor é a paz com condições honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os lacedemonios e athenienses diziam : Prouvesse a Deus que nossas armas estivessem sempre cheias de teas de aranhas. Quem tracta de paz, se a não poder concluir, faça pelo menos tregoadas ; porque por meio das tregoadas se alcança muitas vezes a paz, porque dão tempo a se considerarem e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra : e deve-se advertir, se quem pede a paz, é gente de sua palavra ; e quem está victorioso deve concedel-a, porque se lhe admittem mais facilmente as condições que quer. A guerra faz-se para ter paz, e por isso é melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As condições da paz são de grande momento, para ser de dura. Os romanos na paz que fizeram com os carthaginezes, puzeram-lhes por condição que lhes entregassem a armada que tinham : puzeram-lhe o logo e ficaram todos quietos. Ninguem se deve fiar

muito na paz feita com inimigo porfiado; porque a malicia e a ambição com pretexto de paz se valem de enganos e cautelas, peiores que a guerra: e por isso o principe prudente no tempo da paz não deve deixar os ensaios da guerra e exercícios militares, nem que os seus vassallos se dêem ao ocio e regalos; porque, como diz Tito Livio, não fazem tanto dano à republica os inimigos, quanto fazem os regalos e deleites. Na maior paz ter as armas e armadas prestes ensfreia os inimigos. Paz desarmada é mais arriscada que a mesma guerra. Não estão ociosos os gaileões no estaleiro, nem as armas com bolor nos armazens: d'alli sem se moverem, estão reprimindo os impetos do inimigo, que se acanha só com cheirar que ha de achar resistencia. O imperador Justiniano tem, que os principes hão de estar ornados com as armas da guerra, e armados com as leis da paz, para governarem bem os povos, que teem a seu cargo. Começa a ruina de uma republica com o desprezo das leis, onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeu Babylonia, não matou, nem captivou os que lhe resistiram; mas só mandou para se vingar delles, que não exercitassem mais as armas, e que se occupassem em tanger, cantar e dançar, e em serem jograes, e taverneiros: e com isto conseguiu, que a gente daquella cidade, tão insigne no mundo, fosse vil e fraca. Tal foi a paz que o governo de Philippe trouxe a Portugal com o perdão geral que deu a todos os que lhe resistiram: e houve estadistas tão sabios que tiveram isto por felicidade!

Da maneira que os corpos e substancias terrestres nascem, crescem e morrem; e quando não teem de fóra quem os gaste, dentro em si criam quem as consome: assim as republicas quando não teem inimigos de fóra, dentro em si criam quem as destroe. Dizia o imperador Carlos V, que da maneira que no ferro nasce a ferrugem que o gasta se o não usam, e no pau o gurgulho que o come se o não movem, e até o mar se corrompe em si mesmo, onde lhe faltam as marés que o abalem; assim nas republicas nascem bandos e dissensões, que as inquietam e consomem, se com a paz deixam entrar nellas a ociosidade. O principe dos philosophos no cap. 7. lib. 5. da sua politica adverte tres coisas —

partos da ociosidade, que assolam as republicas. Primeira, admitirem-se poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segunda, excluirem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira, levar-se um valido com o meneio de tudo. De tudo resulta, que com tyrannia se isentam, com ambição roubam, e com soberba atropellam os inferiores ; e fazendo-se odiosos movem revoluções, como em nuvem prenhe de exhalações, que não socega até que não arrebenta com trovões e raios, assolações e ruinas. Platão diz, que a republica ociosa cria muitos pobres, que logo dão em ladrões e sacrilegos mestres de maldades. Convém que assim como as abelhas não consentem zangões na sua republica, assim os que governam a nossa, não devem consentir gente ociosa exposta a vícios, novidades, e inquietações. Aristoteles, que sempre contradiz a seu mestre Platão, affirma que mais mal fazem á republica os ricos no tempo da paz, que os pobres ; porque com o poder se eximem da obediencia das leis, e com a ociosidade estão prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar : impedem a reformação dos costumes, relaxam a modestia do povo, com gastos superfluos no comer e vestir, incitando o vulgo a desobedecer. E se o principe os não vigiar para os trazer a todos em regra com temor e amor, dar-lhe-hão com a republica, e com a monarchia atravez, e vem a ser consequencia infallivel, que peccados publicos tolerados assolam as republicas como fogo : não são os dos reis os que fazem o maior danno, senão o descuido com que toleram as demazias dos povos, que Deus castiga com Pharaós, Caligulas, e Neros, que lhe servem de algozes : e quando o principe é bom, permite que tenha ministros taes, como estes imperadores, e que os não possa atalhar, porque o enganam com a hypocrisia mascarada com cór de virtude e zelo. Livrar-se-ha destes enganos, far-se-ha admiravel, e florescerá invencivel o rei (disse um sabio) que guardar inviolavel quatro leis. Primeira, que não consinta que os grandes opprimam aos pequenos ; e será tido por justo. Segunda, que não dissimule nenhuma desobediencia, por leve que seja, sem castigo pezado ; e far-se-ha temido. Terceira, que não deixe passar nenhum serviço sem premio ; e será bem servido. Quarto, que ninguem de sua presença se aparte. descon-

solado ; e será de todos muito amado. E um rei justo, temido, bem servido, e amado, conservará sua pessoa segura, seu imperio inexpugnável, sua fazenda com augmentos, e seus vassallos sem faltas. E em chegando a este auge, logrará prospero seu sceptro em paz, livre dos damnos e unhas que chamamos pacíficas.

CAPITULO XX.

Dos ladrões que furtam com unhas militares.

Santo Agostinho lib. 1. de *Civitate Dei* cap. 3. diz, que assim como os medicos curam aos doentes com dietas, evacuações, sangrias, e fogo ; assim Deus cura os peccados do mundo com fomes, que são as dietas ; com pestes, que são as evacuações ; com guerras, que são as sangrias e o fogo. E veem a ser os tres açoites que Deus mostrou a David, com os quaes costuma castigar os homens : e por maior se pôde ter o da guerra, porque a nada perdoa, tudo leva, sagrado e prophano, fazendas, honras e vidas. E como na agua envolta acham maior ganancia os pescadores ; assim nas revoltas da guerra acham mais em que se empolgar suas unhas, que chamamos militares. Na restauração da Bahia entregou o monarcha dois ou tres milhões a D. Fradique de Toledo para as despezas da guerra. Houve depois desgosto entre elle e o conde de Olivares, que governava tudo : e ajudando-se este do valimento, para se vingar do Fradique, mandou-lhe tomar contas ; e alcançando-o em meio milhão, apertou com elle que o pagasse, ou dêsse descarga : deu elle esta em uma palavra — que gastara o resto em missas ás almas, em esmolas e obras pias, para que Deus lhe dêsse a victoria que alcançou, que muito mais valia. E pudera dizer tambem, que grande parte se foi pôr entre os dedos das unhas militares que a sorveram; porque o dinheiro que corre por muitas mãos, é como o pez e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

Serão estas por ventura sua, ou desgraça nossa, as unhas dos pagadores, os quaes se se mancommunam, ou descuidam uns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro de el-rei, que o deixam em passamento, e os soldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quaresma? Se não são estas, pôde ser que ajudem, porque escrevendo despezas, onde não houve recibos dos soldados, recebem para si todos os restos, que com serem grossos, não se enxergam no fim das contas, que capeiam sua malicia com titulo de milicia: e ficando esta tão defraudada no cabedal, e por isso nos soldados, vale-se também das unhas que mais propriamente são militares, para que não falte aos soldados o necessário, e também o superfluo; e d'aqui vem que o mesmo é ser soldado, que não vos fiardes delle. Tem a guerra grandes licenças, não lh' o nego, mas nunca é lícito fazer preza no alheio sem titulo que cohoneste a pilhagem; e não pôde haver este, onde se não falta com o necessário. Os povos concorrem com o tributo das decimas para a sustentação dos soldados, que é bastante e de sobejo; e por isso os soldados são obrigados a defender os povos, que não padeçam injurias, danos, nem perdas. E sobre esta obrigação, sairem da mesma milicia unhas que destruam os povos, é grande injustiça, a qual vem a cair sobre os que occasionam nos soldados, com deseito das pagas, taes necessidades que os obrigam á buscar remedio para não perecerem; e o que se lhes offerece logo mais á mão é meter a mão até o cotovelo pelo alheio, quando se lhes falta com o proprio. Metam todos os ministros, cabos, e officiaes as mãos em suas consciencias, e acharão que tanta pena como o ladrão merece quem lhe dá occasião similhante para o ser. E se achar que falso escuro, não m'o tache, porque o tempo anda carregado; acenda uma candeia no intendimento, e verá logo que é obrigado a restituir, não só o que embolçou, mas também o que o soldado furtou, por elle lhe não pagar.

Não são os pagadores nem os soldados só os que jogam unhas militares: também os senhores capitães e cabos maiores, teem suas unhas, tanto maiores, quanto o são os cargos. Offerece-se um destes a sua magestade, que lhe dê uma gineta, e que elle

levantará a bandeira de infantes á sua custa. Contenta o alvitre no conselho, porque forra de gastos a fazenda real: sóbe a consulta, desce a provisão, parte o supplicante com ella, aguarda duzentos ou trezentos mancebos solteiros, filhos de paes ricos, e pouco poderosos: chovem intercessões, e logo as peitas, para que os largue: vae largando os que dão mais, não por esse titulo, mas porque diz lhe provam que teem o pae eleijado, a mãe cega, ou irmãs donzelas: e o menos que tira de duzentos que liberta, são quinze, ou vinte mil réis por cabeça; e ajunta assim quatro ou cinco mil cruzados: gasta delles mil e quinhentos, quando muito, nas pagas e comboy de cem infantes, que não se puderam livrar da violencia, por miseraveis, e fica-se com tres mil cruzados de ganancia, ao menos, com que vae luzindo na marcha, põe em pés de verdade que tudo é á sua custa: e deste serviço e outros similhantes faz outra unha, com que alcança uma commenda. E como estas pilhagens teem propriedade de crescerem ao galarim, vem a engrossar tanto, que por meio delas dá caça a officios e beneficio, com que enche e ennobrece toda a sua geração: e vem a ser tudo destreza sua; que aonde outros acham a forca, por furtarem sem arte, elle acha thronos com esperanças de maiores acrecentamentos. Nos vice-reis da India vimos em tempos passados exemplos desta fortuna, prosperos e tragicos; porque os que lá não furtavam, para cá remirem sua vexação, morriam no castello com ruim nomeada; e os que traziam milhões furtados, de tudo se escoimavam galhardamente com nome de muito inteiros. Em fim, o que reza este paragrapho já não corre. Seria imenso se quizesse esgotar aqui todas as unhas militares, assim em não pagarem o que devem, como em cobrarem o que não é seu, ajudando-se para isso da jurisdição das armas. Acabo este capitulão com uma habilidade dos assentistas e contractadores, a que poucos dão alcance, e nenhum o remedio. É certo em todas as economias humanas (e tambem nas divinas), que quem maior cabedal mette, maior premio merece; e por isso ninguem repara nos grandissimos lucros que os assentistas colhem da obrigaçao que tomam de prover as fronteiras; porque se suppõe que empregam nisso ao menos um milhão de dinheiro; e a um milhão

de emprego claro está que deve corresponder um grandioso lucro ; e tal lh' o deixam recolher, sem se advertir que é maior o arruido que as nozes ; porque cem mil cruzados que tenham de cabedal, bastam e sobejam para todo o meneio de dois milhões. E é assim que sua magestade lh' os ~~rae~~ pagando *pro rata* aos quartéis dentro no mesmo anno ; de sorte que quando os acabam de gastar, os acabam tambem de cobrar ; e a difficuldade está só no principio, e no primeiro quartel das pagas, que se fazem antes de cobrarem da fazenda real alguma coisa ; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, bastam os cem mil cruzados que temos dito, com que entram de cabedal : e quando não cheguem ao siado e ao puxado, remedeiam o primeiro quartel ; e quando vem o segundo, já teem cobrado das consignações d'el-rei o que basta para navegar por diante, e suprir atrazados ; e assim fazem os gastos com a fazenda real, e cuida o mundo que os fazem com a sua, e que são por isso merecedores do que ganham, que é mais que muito. Alvidrem agora lá os estadistas, se é maior guerra a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro e fogo, se a que nos fazem estes amigos com o dinheiro.

CAPITULO XXI.

Mostra-se até onde chegam unhas militares, e como se deve fazer a guerra.

É a guerra um de tres açoites, com que Deus castiga peccados neste mundo, já o disse ; e por isso traz consigo grandes trabalhos, assim para quem a faz, como para quem a padece ; e um dos maiores é o dos latrocínios e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre si as partes exercitam. E porque nem tudo o que se toma é furto, e na guerra muito menos, declararei tudo o que permitem as leis da guerra, e logo ficará claro, até onde podem chegar as unhas militares. Já que o reino de Portugal é tão guer-

reiro, que nasceu com a espada na mão ; armas lhe deram o primeiro berço, com as armas cresceu, dellas vive, e vestido dellas como bom cavalleiro ha de ir para a cova no dia do juiso, bem é que saiba tudo o que permitem, e tambem o que prohibem as leis verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiram a conservar o proprio e destruir o alheio, para que com a potencia não destrua o contrario.

É erro cuidar que ha prohibição de guerra entre christãos ; e é heresia dizer que é intrinsecamente mau, ou contra a caridade, fazer guerra, porque ainda que se sigam della muitos males, são menores que o mal que com ella se pretende evitar. A guerra, ou é aggressiva ou defensiva. A defensiva não só é licita, mas é obrigação fazel-a : é licita pelo preceito natural : *Vim vi repellere licet* ; e é obrigação fazel-a, quem tem a seu cargo defender a republica. A aggressiva não é mau fazer-se, antes pôde ser bom e necessário : não é mau, porque temos muitas na sagrada escriptura mandadas fazer por Deus ; e é necessário fazer-se, porque a razão a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ser justa, são necessarias tres circumstancias : primeira, que se faça com poder legitimo ; segunda, com causa ; terceira, que se guarde a moderação devida. Só o rei ou principe, que não tem superior, e seus ministros com vontade expressa, ou presumta de sua cabeça, podem fazer guerra, porque lhes pertence a defensão.

O mesmo dizemos dos ecclesiasticos que teem poder supremo no temporal, porque militam nelles as mesmas razões, e não ha direito que lh' o prohiba ; e como podem pôr juizes nos tribunaes, que sentenceem causas criminaes, podem pôr exercitos em campo, que conservem illeza a sua republica, porque não intentam com isso direitamente homicidios, senão actos de fortaleza, que é virtude. Maior duvida é, se podem os ecclesiasticos tomar armas e peleijar ? Na guerra defensiva não ha duvida que podem, porque o direito natural permite, e o positivo não prohibe aos ecclesiasticos defenderem suas vidas e fazendas. A guerra aggressiva é prohibida pela egreja aos de ordens sacras, por ser indecente ao estado ; mas dado que quebrantem este preceito, não

serão obrigados a restituir o que pilharem, se a guerra fôr justa; porque ainda que peccam contra religião, não peccam contra justiça: e pela mesma razão não ficam irregulares, se não matarem pessoalmente; como nem os que exhortam á peleja, ou aconselham aos seculares que vão á guerra. Se a guerra fôr injusta, todos ficam irregulares, até os seculares, e os que não commetterem homicídio; porque basta que o corpo do exercito o commettesse. O papa pôde dar licença aos ecclesiosticos para militarem, porque pôde dispensar nos preceitos da egreja; e em tal caso não incorrem irregularidade, porque dispensados no principal, ficam livres no accessorio.

O papa ainda que não tem jurisdicção temporal fôra do seu dominio, tem direito para avocar a si as causas da guerra dos principes christãos, e julgal-as; e são obrigados a estar pela sua sentença, se não fôr injusta: e d'aqui vem que raramente succede ser justa a guerra entre principes christãos, porque teem o papa, que pôde determinar suas causas; mas muitas vezes não convem interpor o summo pontifice sua auctoridade, para que não se sigam outros inconvenientes maiores, qual seria rebellar contra a egreja a parte desfavorecida: e em tal caso não são obrigados os principes a esperar definições do papa, nem pedil-as, e podem levar a coisa por força de armas; e fica de melhor partido para a consciencia o principe que não deu occasião ao papa para se abster no juiso de tal demanda.

A guerra que se faz sem legitima auctoridade, é contra a justiça, ainda que seja com causa legitima; porque o acto feito sem jurisdicção não é valioso: e será obrigado a restituir os danmos da guerra, quem a faz, se não recompensou com elles alguma perda que o inimigo lhe tivesse dado. Se o papa prohibir ao principe a guerra, como contraria ao bem commum da egreja, pecará contra justiça o principe fazendo-a, e será obrigado a restituir os danmos, porque no tal caso já não tem titulo para levar a coisa por força, pois está dada sentença.

A gentilidade antiga teve para si, que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome e riquezas; mas isto bem se vê que é contra o lume natural, pois nunca é lícito tomar o alheio sem

causa que o possuidor dësse. A tres cabeças se reduzem todas as causas justas : primeira, se um principe toma a outro o que não é seu : segunda, se causou lezão grave na fama, ou na honra : terceira, se nega o direito das gentes, como são passagens e commercios ; porque o principe tem obrigaçao de conservar os seus illesos nestas coisas. Da mesma maneira pôde soccorrer o principe ao que se metteu debaixo de sua tutela, se tiver alguma destas causas por si. Quem fizer guerra sem alguma destas causas, pecca contra justiça, fica obrigado a restituir os damnos ; e tendo causa justa se se seguirem da guerra maiores damnos á sua republica, que lucros á sua victoria, não pôde fazer em consciencia a tal guerra, porque é obrigado a olhar pelo maior bem da sua republica : e não se segue d'aqui ser necessaria certeza da victoria, porque esta é contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os principes christãos podem fazer guerra aos principes infieis que impedem ás suas republicas receber a lei de Christo ; porque nesta parte defendem innocentes, que teem direito para a tal guerra, pela injuria que se lhes faz. E por esta via conquistou Portugal os reinos e estados que tem ultramarinos. O exame das causas da guerra pertence ao principe que a faz, e não aos vassallos : os conselheiros são obrigados a tomar plenario conhecimento de todos os fundamentos ; porque a republica é como o corpo humano, onde á cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia de que se tracta fôr duvidosa igualmente por ambas as partes, prevalecerá a que estiver de posse ; porque assim se julgam as demais causas civis em todos os tribunaes ; e se nenhuma das partes estiver de posse, partisse-ha a contenda, se fôr de coisa partível ; e se o não fôr, lançar-se-hão sortes, ou pagará a metade á outra parte, a que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razão natural e o direito commun.

Os soldados e vassallos não,são obrigados a examinar as causas da guerra ; e podem ir a ella se lhes não constar que é injusta, porque os subditos são obrigados a obedecer a seu superior, e devem presuppor que elle terá averiguado tudo em razão e direito, como é obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos

soldados estipendiarios, que não são subditos, que se podem deixar ir por onde vão os outros; além de que pelo estipendio ficam subditos. O modo que se deve guardar na execução da guerra, depende de tres gráus de gente, que são: o principe, os capitães, e os soldados: em tres tempos distintos, que são: antes da batalha, no actual conflicto, e depois da victoria. E em tudo isto se devem considerar tres coisas: o que se pôde fazer ao inimigo, o como se deve haver o principe com os soldados, e como se devem haver os soldados com o principe. O principe é obrigado a sustentar os soldados, e estes a pelejar por elle, sem fugir, nem largar os seus postos: e d'aqui se segue, que não podem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do principe, e que serão obrigados a restituirl-as: mas depois da victoria podem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, é obrigado o principe a propôr as causas della á republica contraria; e pedir-lhe por bem a satisfação que pretende: e se lh'a der, é obrigado a desistir; mas poderá demandar os gastos feitos: e se a não der, procede a guerra justamente, e com direito á maior satisfação, pela nova injúria de não aceitar o contracto pacifico; e poderá pedir e tomar o que parecer necessário para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até se alcançar a victoria, é lícito e justo fazer ao inimigo todos os danos que se julgarem necessários para a satisfação, ou para a victoria, sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a victoria, tambem é lícito dar aos vencidos todos os danos que bastem para vingança e satisfação dos danos que deram: e não se devem computar aqui as pilhagens dos soldados, porque assim o tem o uso, e se lhes deve, por exporem suas vidas: mas deve ser permitido-lhe o principe, que pôde, ainda depois da victoria, matar aos inimigos rendidos, se não se der por satisfeito, e captivar-los, e tomar-lhes seus bens. E d'aqui vem o direito que faz aos vencedores senhores de todos os bens dos vencidos: e tudo se deve regular pela offensa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos se acharem alguns de amigos, devem-se-lhes restituir. Se os danos feitos aos inimigos bastarem para a satisfação, não se po-

dem estender aos innocentes. Innocentes são os meninos, e as mulheres, e os que não podem tomar armas, e todas as pessoas religiosas e ecclesiasticas. Os peregrinos e hospedes não se contam por membros da republica; mas se os taes damnos não bastarem bem se podem estender aos bens e liberdade dos innocentes, porque são partes da republica. Entre christãos já o uso tem que os captivos não sejam escravos; mas podem ser retidos para castigo, para resgate, ou troco. E porque este privilegio se introduziu em favor dos fieis, podem ser escravos os que apostataram para o paganismo, não para a heresia; porque de alguma maneira ainda retem o nome christão. Não só as pessoas ecclesiasticas, mas tambem os bens das egrejas são isentos da jurisdicção da guerra pela reverencia que se lhes deve; e porque a egreja é outra republica, espiritual, distincta, e isenta da temporal. E accrescenta-se, que tambem os bens e pessoas seculares, que se recolhem nas egrejas, ficam livres pela immunidade: mas se fizerem da egreja fortaleza para se defenderem, podem ser arrasados, despojados e mortos; porque não usaram bem do favor.

Será justa a guerra em que se guardarem todas as cautelas que temos dito; e por remate se perguntam quatro coisas: primeira, se é lícito usar de cilladas na guerra? Responde-se, que é lícito occultar os conselhos e esconder as traças, mas não mentir: segunda, se é lícito quebrar a palavra dada ao inimigo? Não é lícito, salvo faltando elle em algum concerto: terceiro, se se pôde dar batalha em dia santo? Sim, se for necessário, e a obrigação da missa segue a mesma regra: quarta, se pôde o principe christão chamar infieis, ou dar-lhes socorro para guerra justa? Bem pôde ambas as coisas, se não houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem pôde ajudar-se de feras, tambem poderá de animaes rationaes.

Guerra civil entre duas partes da mesma republica nunca é lícita da parte aggressiva; e muito menos contra o principe, se não for tyranno, porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdicção, e d'aqui se segue que pôde o principe fazer guerra contra a sua republica com as condições requisitas, que temos dito. Desafios entre particulares nunca são lícitos, assim porque são

prohibidos, como porque ninguem é senhor da vida alheia, nem da sua, para a pôr em tão evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para não ser tido por covarde, se não sair ao desafio ; porque isso são leis do vulgo imperito, que não devem prevalecer contra as do direito : e maior honra é ficar um valente tido por christão, entre prudentes, que por desalmado, deferindo a ignorantes. Será licto o desafio com auctoridade publica, como quando a batalha e victoria de dois exercitos se põe em dois soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David e o gigante ; porque a causa é justa, e o poder legitimo : e sendo licto pelejar todo o exercito, tambem o será a parte delle, com tanto que não seja evidente a victoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem que meneou arma offensiva para matar, foi Caim contra seu irmão Abel. Os assyrios foram os primeiros, que, capitaneados por el-rei Nino, fizeram guerras a nações estranhas. Pão, um dos capitães de Baco, inventou as alas nos exercitos, e ensinou o uso dos estratagemas, e o vigiar com sentinelas. Sinon foi o primeiro que usou fachos. Lycaon introduziu as trégoas ; Theseo os concertos ; Minos deu principio ás batalhas navaes ; e os thessalos ao uso da cavalleria. Os africanos inventaram as lanças ; os martinenses as espadas : e esgrimir estas armas ensinou Demeo. E sobre todos campearam Constantino Anclitzen Friburgense, e Bartholo Suarez Monacho, que descobriram o invento da polvora, e maquinas de artilheria e fogo para destruição do genero humano. E todos quantos na guerra empregaram suas forças e industrias, bem examinados, nenhuma outra coisa pretendem mais, que accrescentar-se a si á custa alheia : e veem a ser as unhas militares, a que dediquei este capitulo, para que se saiba até onde se podem estender, e aonde é bem que se encolham.

CAPITULO XXII.

Prosegue-se a mesma materia do capitulo antecedente.

Esponja de dinheiro chamou um prudente á guerra, e isso é o menos: que ella sorve vidas, fazendas e honras são o seu pasto em que como logo se ceva: e tudo se tolera pelo bem da paz, que com ella se pretende e alcança, quando não a pica a tyrania do interesse. A boa guerra faz a boa paz; e por isso é mal necessario o da guerra. Como se pôde fazer, já o disse no capitulo precedente: como se deve executar direi agora, para que as unhas militares não desbaratem, e malogrem milhões de oiro, que nella se empregam.

Traz a guerra comsigo muitos perigos, trabalhos e gastos; e por isso nenhum principe a deve fazer, salvo quando as condições da paz são mais prejudiciaes a seu estado e reputação. Sendo necessário fazer-se, se considerar os danos que della resultam, nunca se resolverá em a fazer; e não se resolvendo, acrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E assim, convém, que, resolvendo-se em tomar armas, se resolvam todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo; e conheçel-as-ha em sabendo qual tem mais dinheiro, porque este é o nervo da guerra que a começa e a acaba. Tres coisas lhe são muito necessarias para a victoria, e sem elles não trachte da batalha, porque será vencido: a primeira é dinheiro; a segunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terá quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a segunda terá armas de sobrejo; e quem as tem melhores, assegura a victoria. Com a terceira terá mantimentos; e exercito bem provido, tarde e nunca é vencido. Veja logo que capitães tem, porque se não forem esforçados, prudentes e venturosos, perderá tudo: e não basta isto, porque é necessário tambem que os soldados sejam alentados, escolhidos e bem disciplinados. Quando Julio Cesar deu batalha

a Petreyo em Hespanha, disse que pelejava com um exercito sem capitão: e quando pelejou com Pompeo, disse que dava batalla a um capitão sem exercito. Tanto monta ser tudo escolhido, e não introduzido a caso, e de tumulto! Faça rezenha das armas que tem, e saiba as do inimigo, porque a victoria segue ordinariamente a quem tem melhores armas. Os soldados bem armados e vestidos, cobram brios, e concebem esforço: çapato e camiza nunca lhes falte: é conselho de um grande capitão portuguez. Tres esperanças deve ter o soldado sempre certas, para pelejar com esforço, e ser leal a seu principe: primeira, do soldo ordinario: segunda, da remuneração extraordinaria: terceira, da liberdade, quando lhe fôr necessaria. A primeira-alenta; porque pela boca se aquenta o forno: e não devemos querer que sejam os soldados como os fornos da Arrudá, que só uma vez na semana os aquentam, e isto lhes basta para cozerem o pão de domingo a domingo: tem-se isto por prodigo grande, e por maior se deve ter, que aturem os soldados mezes e mezes, sem receberem um real de soldo, para se vestirem e manterem. A segunda os faz constantes; porque o desejo de montar e crescer é natural; e com a certeza de que hão de melhorar de posto, e alcançar bons despachos, fazem pelos merecer, e não temem arriscar as vidas; porque o estímulo da honra é o melhor alicate que ha para avançar a grandes emprezas, e tambem o do interesse. A terceira os faz leaes, porque se se imaginam captivos, e que nunca poderão renunciar o trabalho da milicia, vestem-se da condição de escravos, e é o mesmo que de odio a seus senhores, e hão se como forçados da galé. E não só é conveniente esta razão, mas tambem é justo que os soldados sejam voluntarios, e que tenham caminho para se libertarem, quando lhes fôr necessário, porque não são escravos comprados: nem o preço de quatro mil réis na primeira praça iguala o da liberdade em que nasceram, e de que estão de posse: nem a obrigação de servirem á patria prepondera, quando de serem livres resulta acudirem mais, e servirem melhor. Haja correspondencia igual de ambas as partes, isto é, que o principe pague, como o soldado serve, e acudirão logo innumeraveis a servil-o, sem ser necessário buscal-os; porque nisto são como as

pombas, que acodem todas ao pombal onde acham bom provimento, e fogem da casa onde as depenam.

Se examinarmos as causas porque os soldados fogem das fronteiras para suas casas, e tambem para o inimigo, acharemos que pela maior parte são duas desesperações: uma da liberdade, e outra do provimento; e que para ambas as coisas tem justiça: para o provimento, porque quem serve o merece; e para a liberdade, porque nenhuma nação do mundo os obriga mais que a tempo limitado: França em se acabando a facção, mas que não seja mais que de tres mezes, logo os desobriga e liberta, por mais soldo e pagas que tenham recebido: e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armas, que, em se recolhendo, os deixa ir para suas casas: e não ha maior razão para não se praticar o mesmo estylo com os que servem na campanha pondo-lhe seus limites. Castella não faz exemplo; porque, se obriga seus soldados para sempre, tambem lhes dá privilegios equipolentes: e se os leva amarrados com cordas e algemas, não são esses os que melhor pelejam; e de taes extorções lhe vem perder tantas facções. Quanto mais, que, se lá tractam os vassallos como escravos, Portugal sempre se prezou de os tractar como filhos. Nem se achará doutor theologo que approve o uso de Castella, e que não diga que é injustiça, indigna até de turcos, não dar liberdade aos soldados depois de algum tempo, quando até aos forçados das galés se concede depois de dez annos, mas que sejam condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter o principe amigos e espías na terra do inimigo, e conhecimento dos logares por onde marcha, e ha de ter encontros, é muito necessário. Faça muito por sustentar a reputação e credito de sua pessoa, porque terá quem o sirva, e todos se lhe sujeitão. Alexandre Magno divulgou que era filho de Jupiter, para ser respeitado e obedecido: justifique a causa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com manifestos; porque dá animo aos soldados que o servem, e acovarda os contrarios. As causas da guerra ao todo em geral, ordinariamente são quatro: a primeira, para cobrar o que o inimigo tomou: segunda, para vingar alguma affronta: terceira, para alcançar gloria e fama: quarta, por ambição. A

primeira e a segunda são justas: a terceira é injusta: a quarta é tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a causa de sua ruina, se foi por falta dos capitães, se dos soldados, para emendar o erro: e se o não houve, nem no inimigo maior poder, deve applicar a Deus, tendo por certo que o irritou contra si com as causas da guerra. E se comtudo foi por estar o inimigo mais poderoso, deve dissimular até se melhorar de força; porque melhor é soffrer dez annos de guerra, furtando-lhe o corpo, que um dia de batalha em que se perde tudo. Conservar-se-ha em pé nestas demoras, conservando o amor dos soldados e a benevolencia dos povos: esta ganha-se administrando justiça, e aquelle usando liberalidade.

Questão ha, qual será melhor, se fazer a guerra na terra do inimigo, se na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipião dizia, que mais util era fazer-se a guerra sóra de Italia. As conjuncões das emprezas e urgencias dos tempos ensinam o que será mais conveniente. Ajudar um principe a outro na guerra, quando é amigo ou confederado, é muito ordinario. Dom Fernando V, rei de Castella, favorecia sempre ao que menos podia, para não deixar crescer o contrário: nem entrava em ligas de que não esperava proveito. Os romanos, diz Appiano que não quizeram aceitar por vassallos muitos povos, porque eram pobres e de nenhum proveito. No proveito do interesse, e credito da honra, devem levar sempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos que temos dado, terão menos em que empolgar unhas militares, isto é, que não haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz consigo.

CAPITULO XXIII.

DOS que furtam com unhas temidas.

Excellencia é de todas as unhas o serem temidas, e tanto mais, quanto mais fero é o animal que as meneia. Quem ha que não teme as unhas de um tigre assanhado, e as garras de um leão rompente? Até as de um gato teme qualquer homem de bem, por valente que seja, quanto mais as de um ladrão, que escala o que mais se guarda, e o que muito mais se estima. Temidas são todas as unhas militares, de que até agora tractámos, porque as acompanha a potencia e violencia das armas, fulminando favor. Comtudo, armas offensivas nas mãos de um pygmeu não as temo; e ha soldados pygmeus que não passam de formigueiros: livre-nos Deus das que movem gigantes: destes fallo: gigantes ha ladrões, e ladrões gigantes; e assim são as unhas suas tão agigantadas, que nada lhes pára diante, e por isso com razão todos as temem, e tremem. Estes são os poderosos por nobreza, por officio, por titulo, e outras qualidades que os fazem affoitos, intrepidos, e isentos: e quando dão em furtar, não ha outro remedio que o de pôr em cobro com temor e pavor, ou aprestar paciencia, e render á sua reveria as armas e as fazendas, e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz um destes, irmão leitor? Vê-se salto de vestido, e librés para seus criados: chama a sua casa o alsayate mais caudaloso, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia; bem me sabeis o humor: compraes lá pannos e sedas ao costume, fazei-me tudo á moderna; e o preço de tudo corra por vossa conta, até que me venha dinheiro da minha commenda: tomae logo as medidas, e fazei-me prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando não, intendei que o sentirei muito... já me intendeis. Vae-se o official, sem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças de que lhe hão de medir o corpo como um polvo, se discrepar um ponto de tanta costura. Vem a obra feita no dia assignaldo; vestem-se todos como palmitos, e só o alsayate fica

despido e empenhado até á morte, e se fallar mais no custo, custa-lhe a vida. Outros milhares destes de unha preta, e mais alentados, poderá haver que empinem mais o vão, e para que os não tenham por lagarteiros, empolguem no mais bem parado. Vão-se a casa do mercador mais grosso, escolhem as peças que querem de télhas, sedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receita para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Screjo: leva para sua casa, corta largo á custa da barba longa, e rasga bizarro brilhando na corte: chega o tempo de cobrar o mercador o que o poderoso já rompeu para corresponder a Milão, Flandres, e Inglaterra: responde-lhe que não seja importuno, se não quer que lhe seja molesto, e que lhe custe mais cara a venda, que a elle a compra; e assim se vae deixando esquecer com a fazenda alheia, e se o acreedor boqueja, lança-lhe uma mordaça, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a sua ainda melhor, com cortezia, e mais pela mansa. Já sabem os homens de negocio que teem dinheiro; fazem-lhe uma visita a titulo de amisade, com que os deixam desvanecidos: ainda que alguns ha tão advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar gallego? E segundam logo com outra, a titulo de necessidade, que representam, e para a remediar pedem emprestado, e tambem a razão de juro, que para elles tanto monta cinco ou seis mil cruzados, de que lhe passam escripto, porque se obrigam a pagar tudo dentro em um anno, e dão a fiança quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que lá teem uns figueiraes no Algarve, etc. E como no tempo dos figos não ha amigos, assim no tempo da paga; porque além de que nunca mais lhe cruzou a porta, manda-lhe dizer na primeira citação, que lhe ha de cruzar a cara se fallar na divida, ou se queixar á justiça. E o pobre do homem porque lhe não paguem com cruzes os seus cruzados, dará outros seis mil, e que o deixem lograr suas queixadas sás, e levar suas brancas limpas ao outro mundo, ainda que vá com a bolça limpa, e sem branca. Outros, e são estes já mais que muitos, para se forrarem de tantos custos e riscos, recopilam os lanços; esperam em paragens escuras, ou a deshoras as pessoas

que sabem teem moeda copiosa, poem-lhe duas pistolas, ou dois estoques nos peitos, e que faça alli logo um escripto, e eis aqui papel, e tinta, e lanterna de farta-fogo, e é de noite, com todo o encarecimento a sua mulher, ou ao seu caixeiro, que entregue logo logo á vista ao portador dois mil cruzados em oiro: e assim se estão a pé quedo, até que volta um delles com a resposta em effeito. E andam tão affoitos, que em suas proprias casas investem aos que sentem capazes destes assaltos. Testimunha seja o abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levaram por esta arte uma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em uma tulha. Que direi dos que lançam em rematações de fazendas, que fazem pôr em leilão por mil tranquilhas? Ha neste reino lei que prohíbe aos ministros da justiça, que não lancem nas fazendas que se executam (e guarda-se exactissimamente nos officiaes da santa inquisição) porque com o respeito que se lhes deve, e temor que outros lançadores teem delles, defraudam muito nos preços, e ficam as partes enormemente lesas: mas como as leis são teias de aranha, que caçam moscas, e não pescam tritões, logo estes buscam traças: *De pensata la lege, pensata la malicia;* e fazem os lanços por terceiras pessoas, manifestando pela boca pequena, que o lanço é de um poderoso, com que todos se acanham: e assim lançando cincuenta no que val duzentos, levam as coisas por menos da metade do justo preço; defraudam e roubam as partes, não só no substancial dos bens moveis e de raiz, que se vendem, senão tambem os direitos reaes, e as sizas, que se diminuem muito com tão grande diminuição nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgam affoitos nos tributos reaes: taes são as que se levantam com as decimas, porque não ha justiça que se atreva a executar-as; e porque são mais que muitas, fundem as decimas muito pouco: são muitos os que as cobram, e poucos os que executam a si mesmos: são muitos os poderosos que se eximem, e pouco o cabedal dos pequenos que as pagam. Entre pessoa real nesta empreza, a quem todos respeitem, temam, e logo crescerão as decimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que oppor-se-lhe quem ellas temam. Escripto está este remedio no que fez um rei de Portugal a certo fidalgo que

tomou uma pipa a um lavrador, e lhe entornou o vinho que tinha nella para recolber o seu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa tempora, que não se acanhava a medos, nem ameaças; deu comsigo na corte, lançou-se ao pés d'el-rei, contou-lhe o caso: mandou-o el-rei agasalhar com um tostão por dia, e um cruzado para sua mulher e filhos, á custa do fidalgo que mandou logo chamar á Beira: veio muito contente esperando grandes mercês, que todos cuidam as merecem. Seis mezes andou requerendo entrada, sem achar audiencia; e no cabo o fez el-rei apparecer perante si com o lavrador: e perguntando-lhe se o conhecia, lhe mandou pagar a pipa e o vinho, em dobro, e todos os custos; e que não lhe dava maior castigo por outros respeitos, mas que advertisse, que em sua cabeça levava a vida e saude daquelle homem, e que lh'a havia de tirar dos hombros, se alguma desgraça lhe succédia, e que rogasse a Deus, que nem adoecesse; porque tudo havia de resultar em maior desgraça sua. E resultou d'aqui, que as unhas temidas ficaram timidas: e este é o remedio que as açama, nem ha outro.

Este mesmo remedio de aspereza me disse um prudente, que se devêra applicar ás unhas de Hollanda e Inglaterra. Ao ladrão mostram-se os dentes, e não o coração. E bem se vê que quanto mais buscamos estas nações com embaixadas e concertos, tanto mais insolentes e desarrasoadas se mostram, pagando com descortezias e ladroices nossos primores; porque lhes cheiram estes a covardia, e consideram-se temidos, e blasonam. Se elles não nos mandam a nós embaixadores, sendo piratas e canalha do inferno, porque lh'os havemos nós de mandar a elles, que somos reino de Deus, e senhores do mundo? Esta razão não tem resposta; e a que dão alguns politicos do tempo, é de covardes bisonhos, que ainda não sabem, que cães só ás pancadas se amançam. Mas dirão que não temos páus para espancar tantos cães. A isso se responde, que antigamente um só galeão nosso bastava para envestir uma armada grossa, e botando fogo, e despedindo raios, a rendia e desbaratava toda. Sete grumetes nossos em uma bateira bastavam para investir duas galés; e renderam uma, e puseram outra em fugida. Poucos portuguezes mal armados comendo

coiros de arcas, e solas de sapatos, sustentavam cercos a muitos mil inimigos, que venciam: e sempre foi nosso timbre, com poucos vencer muitos. Hoje somos os mesmos, e assim fica respondido, que temos páus com que espancar a todos. Ainda me instam que estão mudadas es coisas, porque ainda que somos os mesmos, são os inimigos muito diferentes: aquelles eram cobras, e estes são leões, e mais destros que nós na artilheria, de que teem maior cópia; e de galeões e náus, com que inçam esses mares, pelejam nossas barras, e tudo nos tomam sem termos cabedal com que resistamos. Respondo, que por isso o não temos, porque lh'o deixamos tomar: o certo é que com nossa substancia engrossam: haja entre nós piratas para elles, assim como elles o são todos para nós: dê-se licença aos portuguezes poderosos para armarem navios, que andem ao corso, como se deu antigamente aos de Vianna, que em quatro dias alimparam os mares. A mesma Vianna arma hoje como então, se quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa seis, Setubal tres, o Algarve outros tres; e el-rei ajunte-lhe dois galeões por capitanias, e eis ahi uma armada de vinte velas com duas esquadras; e arme-se uma bolça só para isto de gente voluntaria e livre, e veremos logo as nossas barbas sem vituperios. Mas dirão ainda os zelosos criticos, que isto de bolças é pernicioso invento, que hereges introduadiram, e que na do Brazil ha muito que emendar. Nego-lhe todas as concuencias. A do Brazil é muito boa, e só poderia ter de mal, - entrasse nella alguma gente que tractasse só de seu interesse, ou nos pudesse ser suspeita: mas seriam inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado d'aqui ou d'allí, é ponto que me não pertence: doutores tem a santa madre egreja, que está em Roma, e poderá suprir e tirar os escrupulos. Quanto mais que o que aponta de novo, nada leva desses escabecches, porque ha de ser de gente escoimada. E prouvera a Deus que tiveram os fidalgos portuguezes estomago para fazerem outra bolça só para a India, pois é empreza sua: e ser-lhes-ha facil, se puseram nella só o que gastam em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e dão a rameiras, e consomem na cura de males com que estas lhes pagam: e ficariam elles de ganho, e o

nosso reino sem tantas perdas temido e venerado. Deus sobre tudo.

CAPITULO XXIV.

Dos que furtam com unhas timidas.

Tenho por mais crueis e damninhas estas unhas, que as passadas; porque os timidos e covardes para se assegurarem, fazem maior estrago que os temidos e valentes, que levam carta de seguro em seu braço. Um leão contenta-se com a preza que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais em que as possa empregar. A rapoza quando dá em um galinheiro, tudo degola e espedaça, até o superfluo. Nem ha outra causa desta disparidade, senão que a rapoza é covarde, e o leão é generoso e valente. Taes são as unhas timidas maiores damnos causam com seu temor, que as temidas com sua potencia. E d'aqui veem as mortes que dão, e as caras que esfolam, ladrões formigueiros por essas estradas: temem o ser descobertos, que lhes deem na trilha, e para se assegurarem, nada deixam com vida: a mesma arte que os ensina a furtar para sustentarem a vida, lhes deu esta regra para a assegurarem, que arredem testemunhas com as mesmas garras. Nem param aqui os danos que adiante passam; porque nas mesmas rapinas executam crueldades, como aquelles de Arrayollos, que, furtando um relojio de oiro que ia de Lisboa para um rei de Castella, por não serem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeram em pedaços, e o lançaram de uma ponte abaixo em um rio. E os que furtaram a prata de S. Mamede na cidade de Evora, pela mesma causa a enterraram amaçada na estrada de Villa Viçosa, junto ao poço de entre as vinhas, sem se aproveitarem della para nada.

Dá um ladrão destes timidos em uma alpendega, tira o miolo

a duas caixas de assucar, e não repara em derreter uma duzia dellas com agoa que lhes botou por cima, para que se cuide que o mesmo caminho levaram as duas, cuja substancia elle encaminhou para sua casa, e que as humidades do mar e do sitio obraram aquelle máu recado. Tira um marinheiro dois almudes de vinhho de uma pipa, e para que não se sinta a falta, bota-lhe outro tanto de agoa salgada, e faz isto mesmo a vinte ou a trinta, porque assim se foi brindando, e a seus companheiros toda a viagem ; e não repara no damno que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almudes de que se aproveitou, porque no fim tudo se achou corrupto. Da mesma covardia nasce não reparar um ladrão destes timidos, em fazer rachas um escriptorio de madre perola, que val mais que o recheio, quando não pôde levar tudo debaixo do braço ; nem em pôr fogo a uma casa, para que se cuide que se foi no incendio a peça rica com que elle se foi para sua casa, etc.

O remedio singular que ha para todos estes é a forca, porque como são timidos, só o medo della os pôde ensrear : e se a nenhum se perdoar, todos andarão compostos, como lá disse um poeta : *-Oderunt peccare mali formidine pænae.* E uma rainha de Portugal dizia, que tão bem parecia o ladrão na forca, como o sacerdote no altar. Ainda que eu não sou de opinião que se enserquem homens valentes, quando ha outros castigos tão rigorosos como a forca, quaes são os degredos para as conquistas, onde podem ser de prestimo : e em seu logar discutiremos melhor este ponto, quando tractarmos das thesouras com que se cortam todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforcar alguns, sejam os timidos, covardes, gente util, que bastarão para documento e freio que sustente em regra os mais.

CAPITULO XXV.**Dos ladrões que furtam com unhas disfarçadas.**

Os padres da companhia de Jesus crearam no seu convento de Coimbra um gato tão destro no seu officio de caçar, que até as aves do ar sujeitava á jurisdicção das suas unhas. Este como se tivera o discurso que os philosophos negam a animaes que carecem de intendimento, revolvia-se em lama, e com ella fresca dava consigo no guarnel do pão, e espojando-se nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-se ao sol como morto, até que os pardaes acudiam aos grãos de trigo que lhes offerecia por esta arte: e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente, e agarrava um ou dois, com que se fazia prato todos os dias, regalando a vida, como corpo de rei com aves de penna. Tres disfarces se notam aqui; um da lama, com que se vendia pelo que não era; outro da dissimulação de morto, com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerecia ás aves, para fazer dellas vianda. Traça é esta muito ordinaria em caçadores e pescadores, que disfarçam o anzol e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladrões por estes modos disfarçam tambem as unhas para o mesmo intento, e para se assegurarem a si, que isso tem de timidas: e até as mais temidas e asfoitas buscam disfarces, para evitarem pejos e escandalos. E vimos a concluir, que não ha ladrão que se não disfarce para furtar; porque até os mais descarados que salteam nas charnecas, cobrem o rosto com mascaras e rebuços: e os de capa preta, que no povoado nos salteam, se não cobrem a cara com carapuços de rebuço, ao menos o disfarçam com mil mascaras, de que usam, cores e capas que tomam para encobrirem sua maldade, e fazerem a sua boa.

Chega o pretendente ao ministro, por cujas mãos sabe que correm os despachos de certo officio ou beneficio que pretende, e fazem um concerto entre si, que perderá o ministro duzentos mil réis, se não lhe houver o officio; e que lhe dará o pretendente

cem mil réis, se lh'o alcançar: asseguram-se com escriptos que se passam de parte à parte, cuja letra ou solfa, nem eu a sei descantar, nem o diabo lhe intende o compasso: e com este disfarce acreditam seus primores, e encobrem os barrancos que se seguem; e o que é simonía, usura, ou furto mero, taes enseites lhe poem que parece virtude. E com dizerem que se arriscam a perder mais nos duzentos, gualdripam os cento, a que chamamos menos, e ficam muito serenos na consciencia, pela regra dos contractos onerosos; como se no seu houvera algum risco, quando elles teem todo o jogo na sua mão, e baralham as cartas, e fazem o que querem à *dextris*, e à *sinistris*.

Senhor, diz o outro, eu darei a vossa mercê uma quinta que tenho muito boa, e dizima a Deus, ou a vossa senhoria (que também entram senhorias nisto) já que é omnipotente na corte, se me livrar de uma tormenta de accusações, que actuamente chevem sobre mim, em que me arrisco a sair confiscado, ou com a cabeça menos. Sou contente, responde o ministro; mas ha me vossa mercê de fazer uma escriptura de venda, em que confesses que lhe comprei a tal quinta com dinheiro de contado. Feita a escriptura, toma com ella posse da propriedade; e mete vélas e remos para livrar o donatario; e não descanga até o pôr em gemas, escoimado e limpo como uma prata. E porque não ha coisa occulta que tarde ou cedo se não revele, e os murmuradores tudo deslindam, veio-se a descobrir o feito e o por fazer na materia; chegaram accusações a quem puxou pelo ponto: deram-lhe logo com a escriptura nas barbas, fizeram mentirosos os zeladores, e ficaram-se rindo, se não é que ficou chorando o que perdeu a quinta, por vêr quão caro lhe custou o disfarce na escriptura, com que o seu vallido capeou o conleio. Outros com um saguate de nonada, com um açasate de figos disfarçam fidelidade, para confiardes delles cem dobrões emprestados, que vos pagam com mil figas. Do zelo e serviço d'el-rei fazem luvas que encobrem unhas que agarram emolumentos grossissimos dos bens da corda. Estou-me rindo, quando os vejo fervorosos e diligentes no maneio da fazenda real: não dormem, nem comem, antes se comem com o cuidado e diligencia que mostram em tudo, não per-

doando a trabalho ; e eu estou cá commigo dizendo : assim tu barbes, como tu tens maior amor ao proveito d'el-rei, que a ti mesmo : que tens tu amor á fazenda d'el-rei, eu o creio, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com esses merecimentos. Quem introduziu cambios no mundo, desfarce inventou para palliar usurias, quando passam dos limites : e pratica de remir vexações com peitas nas pretenções de beneficios, capa é com que se desfarçam simonias. Mudam os nomes ás coisas, para enganarem remorsos : desmentem umas machinas com outras : architectam castellos de vento, para renderem á força da consciencia, e zombarem do preceito : *Sed Dominus non irridetur.*

CAPITULO XXVI.

Dos que furtam com unhas maliciosas.

As unhas desfarçadas muito cheiram a maliciosas, mas teem estas de mais que aquellas um grande palmo, senão é covado : e por isso lhe damos particular capitulo. Não ha furto sem malicia, nem peccado sem malicia ; donde se colhe, que se o furto é peccaminoso, tambem ha de ser malicioso : e porque em tudo ha mais e menos, porémos aqui os de maior malicia. Por taes tenho os que escondem e reprezam o pão, para que não se veja abundancia, e appareça a carestia e suba o preço. O mesmo fazem os mercadores com sedas e pannos : mostram-vos só uma peça da cõr ou lote que buscaes, e juram-vos por esta alma, pondo a mão na dos botões da roupeta, que não ha em toda a rua Nova mais que este retalho, e assim vol-o talham pelo preço que querem ; e em gastando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles, como ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavam, tanto mais renascia cada vez mais formoso. Mas que muito que façam isto na rua Nova, quando até os que não professam a lei velha, fazem o mesmo nas carnes, vinhos e azeites, que veem ven-

der a Lisboa : veem trazendo tudo aos poucos, porque se o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços : e para que subam e encham bem as bolças com assolação do povo, ajudam-se da malicia, que está descoberta, e será remediada, se se der por perdida toda a fazenda que andar retida e atravessada com similhantes estanques.

Arrendastes uma vinha por um anno, puxastes por ella na pôda, e fizestes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno seguinte, e furtastes com unhas maliciosas ao proprietario a substancia de um anno, e pôde ser que de muitos. Em Béja vi uma stalajadeira comprar por dez réis duas coves murcianas ; lançou-as em uma tigela com dois pimentões bem pizados, e outros dez réis de azeite, deu-lhe duas servuras, e sem se erguer de um tanho, fez trinta pratos, a vintem cada um, com que banqueteou hospedes e almocreves, que se deram por bem servidos ; mas mais bem servida ficou a malicia da hospeda, que com um vintem que dispendeu, interessou seis tostões que embolçou. Não sei se diga que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *laesae majestatis*, quando chegam a tanto atrevimento, que fazem e vendem cartas e provisões falsas, com firmas e sêllos reaes ? Um freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa, e cercar a verdadeira : pediu-me lhe houvesse um pequeno de chumbo em segredo ; e sabida a coisa, tractava de livrar-se appellando para outro foro : dizia que era religioso de certa ordem de Italia ; e já tinha armada a patente, e só lhe faltava o sello, e queria o chumbo para fazer delle o sinete.

Em materia de contractos ha tambem unhas muito maliciosas. Pediu em Evora cidade um lavrador do termo a certo ricaço um moio de trigo fiado, para semear : sou contente, mas haveis-m'o de pagar para o novo pelo maior preço que correr na praça todo este anno, e nisso ficaram com assento feito. Succedeu que nunca subiu o trigo de trezentos e vinte ; mas o cidadão mandou pôr na praça meio moio seu escolhido, com ordem á vendedeira, que o não dêsse por menos de cinco tostões ; e para que não estivesse ás moscas, mandou logo seus confidentes com dinheiro que para isso lhes deu, que comprassem todo aquelle trigo, como para si,

pelo preço que a medideira pedisse : e assim recolheu outra vez para sua casa o seu pão e o seu dinheiro, e tomou testimunhas de como se vendéra toda aquella semana a quinhentos réis na praça. Veio o lavrador a seu tempo pagar pontualmente a razão de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro : saiu-lhe o seu acreedor desoslaio com a tramoia ; convenceu-o em juiso com as testimunhas, e fez-lh'o pagar a quinhentos, em que lhe pez. E ainda fez mais, que não tendo o lavrador dinheiro, lhe tomou o preço da divida em trigo, que então valia a dois tostões ; e tudo bem sommado veio a fazer a quantia de dois moios e meio, que recolheu em boa satisfação do moio que tinha emprestado havia poucos mezes.

Quasi similar a este é outro contracto que vi fazer muitas vezes no reino do Algarve : Veem os lavradores da serra ás cidades prover-se do que lhes é necessário dos mercadores, que lhes dão tudo fiado até ás colheitas do figo e passa, mas com três encargos muito onerosos : Primeiro, que lhes encaixam o que levam da loja, pelo mais alto preço, a titulo de fiado : segundo, que hão de pagar em passa e figo avaliando-o pelo mais baixo a titulo de beneficio que receberam, quando lhes gastaram as mercadorias que lhes apodreciam em casa : terceiro, que lhes hão de pôr tudo na cidade á sua custa. Mais maliciosa está outra onzena que vi exercitar na ilha da Madeira. Embarcam-se alli muitos passageiros para o Brazil, e os que não tem cabedal para se aviarem de matalotagem e outros aprestos, pedem aos mercadores dinheiro emprestado a corresponder com assucar. Respondeu um : vendo pannos, não empresto o dinheiro com que tracto : se v. m. quer panno fiado dar-lh'o-hei, buscará quem lh'o compre, e fará seu negocio com o dinheiro de que necessita. Seja como v. m. quizer : oiro é o que oiro val ; e por ser fiado, talhou-lhe o preço por cima das gavias : e feita a compra de que havia de fazer os cincuenta mil réis revendendo-a, ajuntou o mercador : para que v. m. se não cançe com ir mais longe, eu lhe comprarei esse panno pelo preço que o custumo comprar em Londres, e contar-lhe-hei logo o dinheiro, que é outro beneficio estimavel, e abateu-lhe em cada covado mais do que lhe tinha levantado na venda ;

e pagou-se logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o seu emprestimo, para ficar livre daquelle cuidado, e assegurou o capital com boa fiança ; e ficaram custando ao passageiro os cincuenta mil reis mais de cento, e o mercador interessando na correspondencia e revenda do assucar, com que do Brazil lhe pagou mais de duzentos ; e a isto chamo eu malicia refinada mais que assucar em ponto,

CAPITULO XXVII.

De outras unhas mais maliciosas.

Grande malicia é a das unhas, que agora tocamos ; mas ainda ha outras mais maliciosas. Se houvesse contractador que tivesse pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos marcados pela camara, não ha duvida que o poderiamos marcar por ladrão de unhas mais que maliciosas : e para que não se tenha isto por impossivel entre gente de vergonha, conheci um, não longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dois alqueires que tinha ; um grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas e covados ha muito que vigiar nesta parte, e nisto de medir e pezar, são alguns tão destros, que arremegando na balança o que pezam de pancada, e dando um solavanco na medida, ou apertando mais e menos a razoura, e estirando a peça com o covado e vara, defraudam as partes em boa quantidade, com bem má consciencia.

Peço licença ao nosso reino de Portugal para escrever aqui a mais detestavel malicia, que ha, nem pôde haver entre turcos, quanto mais entre catholicos e portuguezes ; a qual por ser publica e notoria, a ninguem fará escandalo referil-a. Nem eu crêra se me não constará já por muitas vias : e a primeira foi em Barcellos, aonde fui de Braga ha muitos annos vêr as cruzes que milagrosamente aparecem em um campo nos dias da Santa Cruz,

assim de maio como de setembro, e sexta feira de endoenças. A vêr esta maravilha veio tambem de Vianna João Daranton, inglez eatholico, do qual me contaram, que enfadado da fortuna que o perseguia com grandes perdas, se embarcara para o Brazil com sua mulher e quatro filhos, e todo o cabedal que tinha, que sempre chegaria a dez mil cruzados. O piloto do navio com seus adjuntos, mestre e marinheiros confidentes deram com as fazendas das partes em suas casas desembarcando-as de noite secretamente. Deram á vela, e deixaram-se andar mais de oito dias pela costa, com não sei que achaques, sem acabarem de se fazerem ao alto, até que os passageiros entraram em suspeitas, que buscavam piratas para se entregarem, e os requereram apertadamente que fizessem sua viagem. Deram então com o navio á costa á meia noite, que é o segundo remedio que tem para se escoimarem dos furtos, quando não acham ladrões que os roubem. O navio se fez em dois com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o piloto; e só João Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deus, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha, irmão leitor, e assim passa na verdade; e assim costumam fazer este salto homens do mar neste reino, no Brazil, na India, e em todas nossas conquistas, com affronta grandissima da nossa nação, encargo irremediavel de suas consciencias, e escandaloso atroz de estrangeiros, que, com serem ladrões por natureza, profissão e arte, não sabemos que usem de tão horrenda e detestavel mali-cia e modo de furtar.

Estando eu na ilha da Madeira, chegou á vista uma urcãça de S. Thomé, a qual se deixou andar tres ou quatro dias barlaventeando, sem tomar o porto, até que o governador, que então era o bispo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer e notificar que entrasse, como entrou em que lhe pez; e sabida a causa pelo aranzel da carga, constou que lhe faltavam as mais das drogas, que tinha deixado onde lhe serviam mais que na urca; e por isso buscava mais os piratas, que o porto, para se entregar e ter descarga que dar aos correspondentes, se lhe pedissem a carga: porque satisfaç um destes a todos com dizer e mostrar

que foi roubado : o seu ganho maior consiste na maior perda ; roubam mais, quando são roubados : e quando dão á costa, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para si a salvamento. O que mais me assombra, e deixa estupidos todos os meus sentidos, e potencias, é vêr que não repara um destes labizomes em dar com uma nau da India atravez, e affogar dois ou tres milhões d'el-rei e das partes, pelo interesse de quinze ou vinte mil cruzados que poz em polvorosa.

É a maldade destas unhas maliciosas mais detestavel quando toca no bem commun, e da coroa, que nos conserva e sustenta a todos. Não sei se o sonhei, ou se m'o contou pessoa fidedigna : caso é que me assombra ! Valha o que valer : se não sucedeu, servirá de documento para que não aconteça. Poderia ser assim : Que um ministro, que tinha por officio pagar quarteis de juros e tenças a todo o mundo, foi sonegando muito a titulo de não haver dinheiro ; e em poucos annos, com esta e outras industrias tão maliciosas como esta, ajuntou mais de cem mil cruzados, de que deu oitenta mil a el-rei nosso senhor, gabando-se que os poupara aos poucos, e que eram fructos (melhor disserra furtos) da pontualidade e primor que guardava em seu real serviço. Estimou sua magestade o lanço, tendo-o por legitimo, tanto, que lhe deu por elle uma commenda de cem mil réis. No cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo, e tractando de sua salvação, se foi á meza da fazenda, e disse que devia mais á sua alma, que a seu corpo ; e que para descargo de sua consciencia declarava alli, que toda quanta fazenda tinha, era furtada dos bens da coroa e das tenças e juros de todo o reino ; que mandassem logo tomar posse de tudo em nome de sua magestade. Tinha este um filho, que já servia o mesmo officio do pae, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que passava, pôe em pés de verdade, que seu pae estava doudo : prendeu-o em casa, amarrou-o com uma cadêa sem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deu, que era bastante para lhe dar volta o miolo ; e com esta arte evitou a restituição, que o pae queria fazer a el-rei e ás partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digam-me agora os zelosos sabios que isto tiveram por doudice, prescindindo della : quaes foram

mais maliciosas ; as unhas do pae, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediram a restituição do pae ? Venha o demo á escolha, taes me parecem umas como as outras ; e por taes tivera as de quem sabendo isto, se o dissimulasse, por respeitos que não cabem aqui.

Tres generos de gente abominavam os romanos, assim no governo da paz, como no da guerra — ignorantes, maliciosos, e desgraçados. Ser um capitão, um piloto, e um ministro sabios e venturosos, é grande coisa para conseguirem bom efecto suas emprezas : mas se com isso forem maliciosos, desdoiram tudo ; e dos que são tocados desta sarna, se devem vigiar os principes, reis e monarchas, mais que de peste ; porque nunca se viu peste que levasse de coalho todo um reino ou republica : e uma traição forjada com malicia, degola de um golpe todo um reino ou imperio : e por serem tão arriscadas as unhas maliciosas, se devem vigiar mais que nenhuma outras ; porque torcem todo o governo para seus intentos, deslumbrando os discursos do principe com razões palliadas, e empatando as execuções rectas com côres de maior bem da coroa : e bem examinado, é maior damno ; e se algum bem resulta, é para os particulares que mechem a treta. Mil casos podéra tocar, que deixo, por não ferir a quem se poderá vingar rasgando esta folha, que no mais nada lhe temo ; mas direi um por todos, e seja o somenos. Correu um pleito mais de vinte annos neste reino e na curia de Roma entre a mitra de Evora e o convento de Aviz, sobre os beneficios de Coruche, que são muito pingues, qual os havia de prover. Chegou Aviz a tomar posse : veio Evora com força esbulhal-o della : interpoz seu braço el-rei, como grão-mestre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia : acodiu o zelo por parte de Evora : Senhor, veja vossa magestade o que faz ; porque ámanhã quererá vossa magestade prover um infante neste arcebispado, e será bom que ache nelle estes beneficios, para ter sua alteza que dar a seus criados. E melhor dissera : Senhor, ficando estes beneficios em Aviz, são todos de vossa magestade, que os poderá prover em quem quizer, como grão-mestre ; e ficando em Evora, são as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e só quatro são de Evora ; e em

sé vacante é tudo de Roma, e de Evora nada ; e assim sempre lhe fica melhor a vossa magestade serem os beneficios de Aviz. E esta é a verdade ; mas a malicia calla tudo isto, e só representa o que lhe arma para seu intento, palliando tudo com razões afe-tadas, e sophisticas, até dar caça ao que pretende em favor da parte que lhe toca, ou que o peita.

CAPITULO XXVIII.

Dos que furtam com unhas descuidadas.

Até agora reprehendemos a malicia e vigilancia de todas as unhas, porque não ha furtar sem malicia, nem malicia sem caute-la. Donde se segue, que o ladrão descuidado, ou não é ladrão fino, ou anda arriscado a pagar a cada passo o capital e as custas : com tudo, torno a dizer, que ha unhas descuidadas, e que são peiores que as maliciosas, e muito vigilantes nos danos que causam. Teem obrigação os que aprestam náus e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia ; e elles descuidan-do-se das quantidades necessarias, sizam de tudo um terço, se não fôr a metade, dizem elles que para el-rei : mas Deus sabe para quem, e nós tambem. Descuidam-se na eleição da qualidade das coisas ; e até dos logares onde as devem arrumar, se descuidam. E resulta de tudo faltar o biscoito e agoa no meio da via-gem ; porque acertam os tempos de a fazerem mais comprida ; faltar polvora, bala e corda na occasião da melhor peleja ; não se acharem as coisas quando são necessarias, e serem ás vezes taes, que melhor fôra não as haver, porque são corruptas, e de tal sorte, que causam maiores males e doenças com seu uso. O mesmo suc-cede nos medicamentos, de que não ha provimento por descuido, que mal se pôde livrar de malicia crassa e maldade supina : por-que não ha ministro tão ignorante que não saiba que no mar se adoece ; e que se morre onde não ha remedio conveniente para o mal.

Outros descuidos e esquecimentos ha muito geraes e damnínhos, que correm nas posses de fazendas, morgados, e capellas, as quaes se tomam muitas vezes sem titulo legitimo, por estarem ausentes as partes a quem pertenciam ; ou porque poderam mais os que as tomaram : e remordendo-lhes a consciencia no principio, se deixam ir ao descuido, ate que esquece o escrupulo, e assim passa o esquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas reaes e bens da corôa, andam desta maneira sonegados ; tanto que se se fizer um exame geral de titulos, poucos hão de apparecer cabaes, salvo se se acolherem á posse immemoravel, a qual não val contra reis, porque teem privilegio de menores, e força de maiores ; mas não usam della ás vezes, por não inquietar seus estados. Rendel-os, e esbulhal-os um e um, facil coisa seria ; mas não se acabaria em *cem annos* a empreza : investil-os todos juntos é perigoso ; porque muitos unidos farão guerra a este mundo e mais ao outro : e para se desfoderem, naturalmente se ajuntam, ainda que sejam entre si contrarios. Peleja um elefante com um rhinoceronte : accommette-os um leão na maior força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e se amigam em um corpo, para resistirem ao maior contrario ; e tanto se esforçam que o vencem com as forças unidas. Um rei de Castella mandou pedir a todos os fidalgos e grandes dos seus reinos, todos os titulos, escripturas, e provisões do que possuiam, porque por descuido dos tempos andavam muitas coisas distraídas, e desannexadas da corôa. Fizeram seu conselho, e louvaram-se todos no duque do infantado, que estavam pelo que elle respondesse : e respondeu, que mostrasse el-rei os titulos com que possuia quanto tinha de seu nos reinos e estados que goyernava ; e que elles se obrigavam a mostrar outros titulos muito melhores do que possuiam. Ficou intendido o motivo, e recolhem-se o decreto do rei com boa ordemança por duas razões que se deixam ver : Primeira, porque de dois males se deva escolher o menor ; e menor mal achou que era possuir em alguns o que se lhes tolerava por descuido, ainda que não fosse seu, que dar occasião a todos se perderem, e não ganhar a corôa nem o reino nada éom isso. Segunda, porque se se examinarem bem os bens que possuem os reis, ninguem ha

por serem muitas as cabeças que mereciam cortadas, por certamente uma que bastava? Não havemos mister tantos conselheiros: bastam quatro ou cinco: vão-se os maiores para as suas quintas, onde não lhes saltará que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste conselho? Isto está claro: ha de presidir a lei: qual lei? A do reino, ou a de Machiavelo? Ainda ha memorias desse cão! Vá-se presidir no inferno. Sabeis vós quem é este perro? É o mais mau herege que vomitaram neste mundo as fúrias de Babylonia: e com ser este, é de temer que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro. Não queremos que nos presida a lei de tão mau homem, que tem assolado quantas republicas o admittiram. A nossa lei e ordenação do reino é a melhor que se sabe no mundo; ella é a que ha de presidir, e assim propõe para tractar tres coissas: Primeira, a fortificação desta cidade de Lisboa: segunda, o presidio das fronteiras: terceira, o commercio da além-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro conselheiro, que não havemos mister fortificação, onde estão nossos peitos. Se o senhor conselheiro que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos taes bastavam para fortificar e defender Lisboa e o reino todo; mas é de temer que não tomou nunca a medida a peitos maiores que de perdizes e gallinhas, e que na occasião se retire, ou vá calçar as esporas, para atar as cardas. Diga o segundo como nos havemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com cestas. Tende mão, não vades por diante: cestos? Cheios ou vazios? Cheios de terra. Melhor sôra de uvas, teriam os soldados que comer. Só um bem acho nesses vossos cestos, que não deixarão cursar os guarda infantes pelas ruas tão livremente, como andam. Diga o terceiro: sou de parecer que nos cerquemos com trincheiras de sajina. Esperae: fortificamo-nos nós para dois dias, ou para muitos annos? Não vêdes vós que a primeira invernada ha de levar tudo isso de enxutrada, e que haveis de ficar á *porta inferi*. Diga o quarto: digo que melhor é nada; e eu digo que boca que sae com nada, que a houveram de condennar a que nunca entrasse por ella nada, e então veria como lhe ia com nada. Gi-

camos a quem preside, o que lhe parece, e isso faremos. Parece-me, diz a lei, que a fortificação se faça de pedra e cal, com muitos e bons baluartes, e artilharia nelles, porque tudo o mais é impossivel defender-nos. Oh, como diz bem ! Mas ha de ser á custa do publico, e não do particular, para ser possivel ; e todos os mais votos são juiços occultos, que vão dar em roubos manifestos e irremediables. Irremediables, digo, porque os apoia o conselho, de donde só podia sair o remedio. E não obstante esta opinião, que é a mais segura, accrescento, que fortificações grandes, que demandam quinze ou vinte mil homens de guarnição, que mais barato é não se fractar dellas, porque posta essa gente em campo, faz um exercito capaz de dar batalha, e alcançar victoria, e Portugal assim se defende sempre.

Vamos á segunda coisa. Que presidio poremos nas fronteiras ? Vinte mil portuguezes, diz o primeiro voto, e é o de todos. E de donde havemos nós de tirar vinte mil portuguezes ? Vem cá máu homem, não vês que se fizermos isso duas ou tres vezes, que ficará o reino despovoado e ermo ? Quem ha de cultivar os campos ? Quem ha de guardar os gados ? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a republica ? E saltando isto, que has de comer, que has de vestir e calçar ? Que nação viste tu nunca, que fizesse guerra só com os seus naturaes ? Os mais guerreiros reis do mundo se ajudaram de estranhos, que sempre são mais, comparados connosco ; porque lá não ha frades nem freiras, e por isso são tantos como mosquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos nossos ramos ; e se morrem, não pomos tapuzes por elles, nem deixam filhos que peçam mercês. Tracta-se aqui da conservação dos naturaes, e por isso elles fazem os gastos. De maneira, que quereis que façam os gastos, e dêem os filhos, para ficarem sem fazendas, e sem herdeiros, e o reino extinto de tudo. Esse vosso voto está muito bom para darmos atravez com toda a republica, mas para a conservarmos e defendermos é impossivel. Muitas republicas depois de seus capitães e soldados serem vencidos, venceram com estrangeiros ; como os calcidonenses com Brasidas ; os sicilianos com Gelippo, os asianos com Lisandro, Callicrate e Agathocles, capitães lacedemonios. E se alguns capitães estrangeiros tyran-

nisavam as republicas que ajudaram, como os da casa othomana, foi porque não tiveram forças os que os chamaram, para se defenderem delles : para evitar este inconveniente, não consentiam os romanos que os que os vinham ajudar, fossem mais que elles ; e para evitar um mal irremediavel, ha se de votar algum inconveniente, quando é menor que o mal que se padece.

Vamos á terceira coisa. Que me dizeis do commercio de além-mar ? O primeiro conselheiro diz, que não podemos com tantas conquistas, que larguemos algumas, como agora Pernambuco, porque.... Atalhou o presidente a razão que ia dando, e perguntou-lhe muito sério : Almoçastes vós já ? Pois havia de vir em jejum ao conselho ? Assim parece, e mais que não bebestes agua de neve. Um conselho vos déra eu mais saudavel para vós, do que esse vosso é para nós : que vos guardéis dos rapazes, não vos apedrejem, se souberem que fostes de parecer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos ganharam com tanta perda de seu sangue. Senhor, tenho que dizer a isso, replicou o conselheiro. Calae-vos, não me insteis, que vos mandarei lançar um grilhão nessa lingua ; bem sei o que quereis dizer, não tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar um braço, para não perdermos a cabeça : são isso discursos velhos e caducos. A maxima das conveniencias é ter mão cada um no que é seu até morrer, e não largar a mãos lavadas o que outrem nos ganhou com ellas ensanguentadas. Sois muito bacharel ; não me sejaas *Petrus in cunctis, olbae que vos farei Joannes in vinculis.* Ide-vos logo por aquella porta fóra. Ó de fóra ! Está ahi algum porteiro ? Chamae-me cá quatro archeiros, que me deem com este zelote no Limoeiro, e vote o segundo. O segundo diz, que se tracte do que hão de trazer as náus e frotas do Brazil e India. Porque aqui não se tracta (acodiu o presidente) do que hão de levar, senão do que hão de trazer, vem a trazer pouco mais de nada, e saltam lá as forças para conservar o conquistado. Levem, disse o terceiro, muito bacalháu, muito vinho, azeite, e vinagre. Esperae : ides vós lá fazer alguma celada ou merenda ? Ainda não dissemos tudo, acodiu o quarto. Levem muitos soldados, farinhas, traparias, e munições, e isto basta. Aqui acodiu a lei presidente, dando um

grito: *Justiça de Deus sobre taes conselheiros!* Porque não dizeis todos, que levem pregadores evangelicos, que conquistem o gentio para Deus, e Deus vos dará logo todos os bens temporaes dessas conquistas, que venham para vós: *Quærite primum regnum Dei, et hæc omnia adiicientur vobis.* (Matth. 6.) Sentença é de eterna verdade, que estabeleçamos primeiro o reino de Christo, e logo ficará estabelecido o nosso reino, e tudo nos sobejará. É Portugal patrimonio de Christo, que fundou este reino para lhe propagar sua fé. E cança-se debalde quem tracta de suas conquistas por outro caminho: surta a Deus e ao reino o cabedal, quem emprega em outros intentos, que nunca hão de ser bem sucedidos, porque vão fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios que applicar para endireitar as rodas da fortuna, hão de servir de maior despenhadeiro; e acabemos de cair nisto, pois somos christãos catholicos: não desmintamos nossa propria profissão, e acabemos de intender que de nós nasce o mal, e por isso não tem remedio, porque o estorva quem lh' o houvera de dar. E já que as perdas são irremediaveis, porque nascem de conselheiros que teem por officio dar-lhes o remedio, e não ha outros que emendem estes e os melhorem; ponhamos aqui um capitulo que nos descubra o segredo da abelha, e jarrete todas estas unhas.

CAPITULO XXX.

Que taes devem ser os conselheiros e conselhos, para que unhas irremediaveis nos não damnifiquem.

Um alvitrista ou estadista foi a Madrid, haverá vinte annos, e disse que tinha achado um remedio singular para se dar fim brevemente ás guerras de Flandres, com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre, como merecia: fez-se uma junta de todos os grandes e conselheiros, para ouvirem o discurso do novo Apollo,

que o recopilou em breves razões ; e disse a todos sem nenhum empacho : Senhores, todos vêmos muito bem que não prevalece Hespanha contra Hollanda uma hora, mais que a outra ha tantos annos, e sabemos que o nosso poder é maior que o seu : donde se colhe que todas as vantagens que nos fazem, procedem de que se sabem governar melhor que nós : pelo que eu era de parecer, que a magestade d'el-rei Filipe mande seus conselheiros para Flandres, e que venham os conselheiros de Flandres para Hespanha, e logo tudo nos irá vento em popa, e Hollanda de cabeça abaixo, e terão melhora as perdas irremediáveis, que nos assolam porque as oboram os conselhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa, que o que assola as republicas sem remedio, são os conselhos, quando erram.

Esta palavra *conselho* tem dois sentidos ; um material, e outro formal : no sentido material significa os conselheiros juntos, e o tribunal em que se assentam : no formal é o voto de cada um, e a resolução que de todos se colhe : e vêm a ser quatro coisas distintas. Primeira, conselheiros ; segunda, tribunal ; terceira, o parecer de cada um ; quarta, a resolução de todos. Digo logo de cada uma o que releva.

Que taes devem ser os conselheiros.

Questão é, se ha de ter o principe muitos conselheiros, se um só ? Um só é arriscado a errar, mas que seja um Architosel. Ter um valido de quem se fie, para o ajudar, é prudencia e é necessário. Os papas tem seus *nepotes*, e os principes devem ter seus confidentes para cada materia, como um para a paz, outro para a guerra ; um para a facenda, outro para o trato de sua pessoa, etc. E não seja um só para tudo, porque não pode assistir a tantas coisas, nem comprehendel-as ; e sendo varios, estimulam-se com a emulação a fazer cada qual sua obrigação por excellencia. Os conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque uns alcançam e suprem o a que não chegam os outros ; mas não sejam tantos que se confundam e perturbem as resoluções — quatro até cinco bastam. Outra questão é, se devem ser os conse-

lheiros letrados, se idiotas, isto é, de capa e espada? Uns dizem, que os letrados, com o muito que sabem, duvidam em tudo e nada resolvem, e que os idiotas com a experienzia sem especulações, dão logo no que convém. Outros teem para si, que as letras dão luz a tudo, e que a ignorancia está sujeita a erros: e eu digo, que não seja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados theologos, e juristas, para que não se commettam erros: e haja idiotas, que com a sua astucia, sagacidade e experienzia descubram as coisas, e deem expediente a tudo. Poucas vezes acontece que concorram na mesma pessoa engenho para discorrer sobre o que se consulta, e juiso para obrar o que na consulta se determina: muitos são de fraco juiso, consultados; mas para executar o que se resolve, são destrissimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que dão, mas na execução delles são tão inefficazes, que os perdem. E por isso digo, que é melhor terem todos logar no conselho, para se ajudarem, e supprijam uns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra questão se segue a esta (dado que não pôde neste mundo tudo ser perfeito e cabal, porque não ha quem não tenha seu pé de pavão) se é melhor para a republica ser o principe bom, e os conselheiros máus; ou serem os conselheiros bons e o principe mau? Se o principe se governar por seus conselheiros, diz Elio Lampridio, que pouco vae em que o principe seja mau, se os conselheiros forem bons, porque mais depressa se faz bom um mau, com o exemplo de muitos bons, que muitos máus bons com o exemplo e conselho de um bom: e como a resolução que se segue, é dos bons, tudo fica bom. Mas se o principe governar sem respeito aos conselheiros, melhor é ser o principe bom, ainda que os conselheiros sejam máus, porque o exemplo do principe tem mais força para reduzir á sua imitação os que o servem, e, como diz Platão e refere Tullio, quaeos são os principes, taes são os vassallos, se o principe é virtuoso, todos trabalham por serem virtuosos, e se é vicioso, todos se dão ao vicio. Quando o principe é poeta, todos fazem trovas: quando é guerreiro, todos tractam de armas: por monstro se tem em uma corte, haver quem faça ou diga coisa de que o principe não goste. E dado que os con-

selheiros não se reformem com o exemplo do principe, nem sejam quaes pede a razão, para isso tem o principe o poder na escolha dos sujeitos, não se limitando aos que o cercam, senão estendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando mão dos mais aptos. E para isso devem os principes considerar, que da bondade de seus conselheiros depende a sua fama, honra, e proveito de seus povos. Se o principe erra na escolha dos conselheiros, perde a sua reputação, e podemos presumir que errará em tudo. De ter bons conselheiros, se segue bom successo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputação com os estrangeiros, dos quaes será venerado e temido, assim como amado e obedecido dos seus. E para que o principe possa acertar na escolha dos conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os auctores e estadistas fazem grandes volumes.

O conselheiro ha de ser prudente e secreto, sabio e velho, amigo e sem vicios: não cabeçudo, nem temerario, nem furioso. Quatro inimigos tem a prudencia. Primeira: precipitação, segunda, paixão: terceira, obstinação: quarto, vaidade: a primeira arrisca, a segunda cega, a terceira fecha a porta à razão, a quarta tudo tisna. Tres inimigos tem o segredo: Bacho, Venus, e o interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo, perde-se a republica. A sabedoria e velhice se ajudam muito, esta com a experiençia, e aquella com o estudo; com tanto que a velhice não seja cadduca, e a sabedoria inutil. Se fôr amigo do principe e da republica, tractará do bem commun, e não do particular, em que consiste a maxima da maior virtude que deve professar um conselheiro, com que extinguirá todos os vicios que o podem deslustrar. E para assegurar este ponto, devem os principes acautelar-se de pessoas que tenham aggravado; por mais talentos que tenham, não siem delles os postos em que podem ter occasião de se vingarem. Platão diz, que os conselheiros hão de estar livres de odio e amor. Virgilio canta, que o amor e a ira derribam o intendimento. Salustio escreve, que devem estar apartados de amisade, ira e misericordia, porque aonde a vontade se inclina, alli se ap-

plica o engenho, e a razão nada pôde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo e conselho. Carlos V queria que deixassem á porta do conselho a dissimulação e o respeito. Thucidides, que intendam a materia em que votam; que não se deixem corromper com peitas, e que saibam propor os negocios com graça e destreza. Innocencio III quer que saibam tres coisas: Primeira, se o que se consulta é lícito segundo justiça: segunda, se é decente segundo honestidade: terceira, se cumpre segundo direito. E assim votarão sem temor de respeitos que os possam encontrar, porque, como diz Santo Agostinho, melhor é padecer por dizer verdade, que receber mercês por lisonjas: e é conselho de Christo, que temamos a perda da alma e não a do corpo.

Devem ter os conselheiros todos seus bens nas terras do principe a quem servem, e todas suas esperanças postas nelle; e o principe não deve manifestar sua opinião, para votarem livres. E postos nesta liberdade, não sejam faceis de variar no parecer, nem asserrados ao que deram: movam-se por razão; porque não muda, nem varia conselho, diz Tullio, quem o varia e muda para escolher o melhor. Covardes ha, para que não lhes chamemos traidores, que capeam sua má tençao no conselho com astacias que nunca lhes faltam, encobrindo sua natural fraqueza, que nelles pôde sempre mais que a razão, e que a experiençia, que muitas vezes lhes mostra que não tiveram causas para temer, e que lhes sobejou má vontade para enganar, e por isso variam. Livrarse-ha destes o principe, se os vigiar, não lhes admittindo o conselho para effectuar coisas illicitas; nem meios illicitos, para conseguir coisas licitas: e assim é, que nesta pedra de toque vão sempre esbarrar seus quilates. Alguns auctores querem que os conselheiros saibam muitas linguas, ou pelo menos as dos povos que o seu principe governa, ou tem por aliados e amigos; porque corre perigo descobrirem os interpretes o segredo, ou declararem mal as embaixadas. Pedro Galatino diz que eram obrigados os juizes de Israel a saberem setenta linguas, para não fallarem por interprete aos que diante delles litigavam. Devem ter lição das historias, e corrido muitas terras e nações; saber as forças do seu principe, de seus vizinhos, amigos e inimigos. Sejam liberaes,

porque o povo paga-se muito desta virtude, e a ama e a adora: o avarento sempre é aborrecido, e por acodir á sua cobiça tudo faz venal. Favoreçam os que o merecem, sem que lh' o peçam: tenham a porta aberta para ouvir a todos, sem escandalizar com palavras, nem dar occasião de desesperarem as partes. E, finalmente, seja o conselheiro bom christão, e terá todos os requisitos; porque a pureza da religião christã catholica não permitte vicio que não emende.

Tribunal como, e que tal.

Aristoteles no Lib. I. da sua Rhetorica diz, que toda a república para ser bem governada deve ter cinco tribunaes: Primeiro, da fazenda publica e particular: segundo, da paz: terceiro, da guerra: quarto, do provimento: quinto, da justiça. E nesta parte estamos melhor que a republica de Aristoteles, porque temos doze tribunaes, que, bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da fazenda publica e particular, temos dois, um se chama tambem da fazenda, e outro é o juiso do civel com sua relação, para onde se appella e aggrava. Para o segundo da paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e são o santo officio, o do ordinario, e o da consciencia; e dois para o prophano, que são a meza do paço, e a casa da supplicação. Para o terceiro da guerra temos dois, um que se chama tambem da guerra, e outro ultramarino. Para o quarto do provimento temos outros dois, um é o da camara, e outro o dos tres estados. E para o quinto da justiça temos outros dois, que já ficam tocados, e são, a meza do paço e a relação. E para melhor dizer, todos os tribunaes tiram a um ponto de se administrar justiça ás partes. E, finalmente, sobre todos um, que os comprehende todos, e é o do estado.

Os romanos tinham um templo dedicado á deidade do conselho, e era escuro, para denotar que os conselhos devem ser secretos, e que ninguem deve vêr, nem intender de fóra o que se tracta nelles. Licurgo não permittia em Lacedemonia que fossem magnificas, nem sumptuosas as casas em que se faziam os

conselhos e punham os tribunaes, para que não se divertissem, nem ensoberbescessem os conselheiros. E até nesta parte se acomoda Portugal muito aos antigos: e por credito seu não digo o que me parecem os aposentos em que arma os seus tribunaes. Em outras coisas tomaramos que imitára os antigos, como no magnifico e grandioso de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliscos e outras maquinas com que se ennobrecem as terras, e se assfamaram gregos e romanos. E em Lisboa, promontorio maior e melhor do mundo, não haver uma obra publica que leve os olhos! Se em minha mão estivera, já tivera levantadas columnas mais magestosas que as de Trajano, e agulhas mais grandiosas que as de Xisto; umas de marmores e outras de jaspes, que nos sobejam; tão altas, que vençam os montes e cheguem ás nuvens, e se vejam até dos mares; e sobre elles as estatuas d'el-rei nosso senhor D. João o IV, e da senhora rainha, e do serenissimo principe seu filho, que enchessem e autorisassesem com suas reaes magestades os terreiros, rocos e praças, para eterna memoria e gloria da felicidade com que dominaram este reino, e nos livraram do jugo de Castella sem arrancar espada, nem dar mostras de acção violenta, como raios que obram seu efeito antes que se oïça o trovão. Nem seriam isto gastos superfluos, quando o credito e admiração que delles resulta, causam nas nações estranhas assombro e respeito, com que se enfream, considerando que quem tem posses e magnanimidade para coisas tão grandiosas na paz, tambem as terá para as que são mais necessarias na guerra. Mas elles vêem que não temos um caes que preste; que não ha um mole em nossos portos, nem fortificação acabada em nossas fronteiras; perdem o conceito que deveram ter de nós, e tomam orgulhos e audacias para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? É que não ha quem cure do publico, e por isso já não me espanto do pouco apparato e lustre dos nossos tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só um bem teem, que é estarem quasi todos juntos dentro de um pateo com que ficam menos trabalhosos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo e passadas na

busca dos ministros, que tambem fôra bom viverem arruados todos, e não tão espalhados e remotos uns dos outros, que fará muito um requerente muito ligeiro, se der caça a dois ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos tribunaes, se devera ajuntar outro de serem comunicaveis por dentro com o paço real, de sorte que pudesse el-rei nosso senhor, sem ser visto nem sentido, vér e ouvir o que nos tribunaes se obra. O imperador dos turcos tem uma gelosia coberta com um sendel verde, por onde vê e ouve tudo quanto os baxás fazem e dizem quando se ajuntam em conselho, os quaes só com cuidarem que os estará espreitando o seu rei, administram justiça, e não gastam o tempo em praticas, que não pertencem ao serviço de seu senhor, ou ao bem publico.

Em conclusão: as republicas ricas devem mostrar sua grandeza na magestade de seus tribunaes com casas amplas de frontispicios magnificos, e bem guarnecidias por dentro, claras e sumptuosas; porque a excellencia dos apparatus exterieiros esperta no interior dos animos espiritos grandiosos e resoluções alentadas; alojamentos humildes acanham os brios, embotam os discursos, e até nos intentos generosos lançam grilhões e algemas. Tamara lib. I cap. 7 *Dos costumes das gentes* diz, que havia em França antigamente um costume, que eu não posso crer, que o conselheiro que acodia muito tarde ao conselho, tinha pena de morte, a qual logo se executava. E que se algum se desentoava, ou fazia arruidos no tribunal lhe cortavam o topete. Deviam de tomar isto dos grous, que quando se ajuntam na Asia, para se mudarem de uma região para outra, depennam e matam o que vem ultimo de todos. Juntos os conselheiros no tribunal, a primeira accão que devem fazer, antes de tractarem nenhum negocio, é oração ao Espírito Santo, oferecendo-lhe um Padre nosso, ou uma Ave Maria, pedindo-lhe que os allumie a todos, ilustrando-lhes o intendimento, para que saibam escolher o que fôr mais conveniente ao divino serviço, e mais proveitoso para o augmento da republica e bem de seu principe. Dar principio a coisas grandes sem implorar auxilio do céu, é accão de satyros ou de atheos.

Voto e parecer de cada um.

O conselho, voto, e parecer dos conselheiros, é um bom aviso, que se toma sobre coisas duvidosas, para não errar nellas: toma-se sobre coisas que não estão na nossa mão; não se toma sobre coisas infallíveis, porque estas pedem execução, e não conselho; deve ser de coisas possíveis e futuras, porque as impossíveis, presentes e passadas, já não teem remedio. Não deixa o conselho de ser bom, por sair o successo mau; nem o mau conselho deixa de o ser, por ter bom successo, porque os successos são da fortuna, e dependem das execuções, que muitas vezes por serem más, damnam a bondade dos conselhos; e tambem por serem boas, emendam ás vezes o erro do conselho. Os cartaginenses enforcavam os capitães que venciam sem conselho, e não castigavam os vencidos, se consultavam primeiro, que depois obravam. Na guerra que os gregos fizeram a Troya, mais montaram os conselhos de Nestor e Ulysses, que as forças de Aquilles e Ajax. Henrique III de Castella dizia, que mais aproveitavam aos principes os conselhos dos sabios, que as armas dos valentes, porque mais illustres coisas se obram com o intendimento da cabeça, que com as forças dos braços; e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaram a Athenas os conselhos de Solon, que as victorias de Themistocles. É muito prejudicial saberem os conselheiros o que o principe quer; porque logo buscam razões com que o justifiquem. O conselheiro não ha de aprovar tudo o que o principe disser, porque isso será ser lisongeiro, e não conselheiro. Muitos não teem nos conselhos respeito ao que se diz, senão a quem o diz; se é amigo, vão-se com elle, senão é do seu humor ou parcialidade, reprovam-no: e é muito prejudicial modo de governar este. Pequenos erros, que no principio não se sentem, são mais perigosos que os grandes, que se vêem, porque o perigo que se intende, obriga a buscar o remedio, mas os erros que se não sentem ou dissimulam, crescem tanto pouco a pouco, que quando se advertem, já não teem remedio, como a febre tisica, que no principio não se conhece, e quando se descobre, não tem cura.

Conselhos bons são muito bons de dar, mas muito máus de tomar: muitos os dão, e poucos os tomam. Conselhos máus teem duas raizes: ou nascem de odio, ou de ignorancia: por peiores tenho os primeiros, porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio resulta da malicia, e a malicia é peior inimigo que a fraqueza. E até nos bons conselhos podem reinar o odio e a malicia, quando muitos os dão, e poucos os tomam; ou seja no termo à quo, quando se dá conselho, pois todos o lançam de si; ou seja no termo *ad quem*, quando se recebe, pois poucos o admitem. Que sejam tomados com aborrecimento, é coisa muito ordinaria: que sejam dados com odio, não é tão *commum*, mas é grande mal, porque nunca pôde ser boa a planta que nasce de má raiz, ou se enxerta em ruim arvore. E com ser máu o conselho, deslindado nesta fórmula, era muito bom para ser dinheiro pela propriedade que tem; e já dissemos que muitos o dão, e poucos o tomam. Em uma coisa se parece muito o conselho com o dinheiro, e é que ambos são muito milagrosos. Tres milagres muito grandes achou um discreto no dinheiro: não ha quem os não experimente, e por serem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles: Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe pegasse doença: segundo, que nunca ninguem teve nojo delle: terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle, que lhe pegasse doença; porque andando por mãos de quantos leprosos, sarnosos, morbo-gallicos, e empestados ha no mundo, e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos que lhes pegasse, mais que fome de lhes darem mais. Donde colho que não é bom o dinheiro para pão; que se fôra pão, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro, porque o recolhem em bolças de ambar e seda, o guardam no seio, e até na boca o mettem, sem terem asco delle, nem se lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelezas, e de lacayos rabugentos, e de negros rapozinhos. E digo, finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem pôde elle sair da mais immunda cloaca, respira nelle benjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de

cheirar a ambar, algalia, e almiscar. Tal é o conselho : se é bom, nenhum mal faz ; se é mau, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal ; ainda que venha envolto em sumas do inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do paraizo : e então mais, quando vem deslumbrando com taes nevoas, que tolhem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom e mau : se é bom, recebe-se com aborrecimento, se é mau, dá-se por odio. Quando se recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que seja : quando se dá por odio, pretende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que se aceita. Deus nos livre de ser odioso o conselho, tanto me dá por respeito de quem dá, como por parte de quem o recebe : em manquejando por um destes dois pólos, ou não temos fé nelle, ou executa a pena que traz ; e de qualquer modo causa ruinas, e grandes perdes. Para se livrar o principe de todas estas Syllas e Carybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos e animos de seus conselheiros : e faça por isso, porque nisso está a perda ou ganho total de seu imperio.

Resolução do conselho.

A resolução é consequencia dos votos, e della nasce a execução, e desta o bom effeito, que é o fim que se pretende nos conselhos. Nas emprezas devem-se executar as resoluções que tem menos inconvenientes ; porque é impossivel não os haver : e quem se não aventurou, nem perdeu, nem ganhou ; e um perigo com outro se vence ; e atraç do perigo vem o proveito. Não devem os que consultam deixar de executar o que se determina, porque haja perigo na execução ; se é maior o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo que de não executar-se encorre. Prudencia é consultar com madureza, e executar com diligencia : *O conselho na almofada, diz o proverbio, e a execução na estrada,* e por isso se dizia dos romanos, que assentados venciam. Principes ha, que para que não lhes vão á mão no que determinam, não admittem a conselho os que sabem lh' o não hão de aprovar, para que não lhes debilitem os animaes, dos que es-

peram os ajudem no seu parecer: prejudicial modo é este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveu, não se devem lembrar do conselho que deixaram de seguir, para que não lhes esfrie o gosto, que dá alma á execução: e esta não se deve commetter nunca a quem foi de contrario parecer; porque por fazer a sua opinião boa, dá atravez com toda a empreza por modos illegitimos, que seu capricho lhe inculca e capêa, já com a pressa, já com o vagar, que prova sophisticamente serem meios necessarios. Negocios ha, que é melhor deixal-os um pouco, que executal-os logo; porque executados se malogram, ou conlueem tarde; e dissimulados se esfriam mais cedo: muitas doenças sára o tempo sem mezinhas, e não o medico com ellos: muitos negocios se perdem, porque não se executam em seus logares e conjunções: deve estar a empreza sazoada para se effectuar, como a horta disposta para se semear.

Quando o governo começa a descair, porque são mais os que resolvem mal, que os que resolvem bem, pouco impedimento basta para que não se execute o que na consulta se examina; e ainda que alguns aconselham bem, não bastam a ordenar o que os mais desordenam: nem serve de mais o estar no conselho, que participar da culpa que teem os que governam mal; e só lhe, fica por remedio ao principe retractar tudo, conhecido o erro: e é um remedio muito prejudicial, porque diminue muito na auctoridade do principe, e aumenta impetos de desobediecia nos ministros para as execuções que mais importam. O principe consulte, e cuide bem o que decreta, porque não parece bem retractado, salvo fôr em quadro com bom piucel; mas com penna, nem de palavra, não fica gentil-homem. Se o erro fôr pequeno, melhor é sustental-o, se não se seguir delle grande danno, ou alguma offensa de Deus; porque prepondera mais o credito do principe: e se fôr de qualidade que peça emenda, haja algum ministro fiel que o tome sobre si, e tambem a pena, que o principe moderará, ou perdoará a titulo de descuido; e assim se dará satisfação a todas as partes, ficando illesa a auctoridade maior. Se houvesse principe que facilmente se retractasse, allegando que não é rio, que não haja de tornar atraç? Respondera-lhe que ha

tres RRR. que não tornam a traz, por mais montes de difficul-
dades que se lhes ponham diante, e são : rei, rio, e raio, e o rei
muito mais, porque se der em dobrar-se, em dois dias perderá o
credito, que consiste em sustentar sua palavra, que, como dizem,
palavra de rei deve ser inviolavel : e se o não fôr, saltar-lhe-hão
os subditos com a inteireza da obediencia, em que se apoia a ma-
gestade, e não o conhecero por rei, nem por Roque. E seguir-
se-hão damnos irremediaveis, os quaes pretendemos atalhar em
todo o discurso deste capitulo, que, bem considerado vem a ser,
que do bom conselho se segue o bom governo, que sustenta as re-
publicas illesas ; e do mau resultam assolações de reinos, e rui-
nas de imperios ; e o mundo todo é pequena pelota para o bote,
ou rechaço de um lanço de mau governo.

CAPITULO XXXI.

Dos que furtam com unhas sabias.

Ha no Brazil e Cabo Verde tantos bugios, que são praga ; e
porque os estimam em Portugal, e muitas partes, por seus tregei-
tos, usam lá um modo de os caçar sem os ferir, muito facil e re-
creativo. Lançam-lhes cocos abertos, e providos de mantimento
nas paragens onde andam mais frequentes ; mas abertos com tal
proporção, que caiba a mão do bugio aberta, e não fechada ; e
com este animal ser tão ardiloso, que cuidam os tapuyas que tem
intendimento, tanto que empolga no miolo do coco, nunca o larga,
nem sabe abrir a mão para a tirar fôra. Dão sobre elles os caça-
dores de repente, tanto que os sentem enfrascados no servo ; e
porque tem seu valhacoito nas arvores, fogem para ellas, e saltan-
do-lhes as mãos para treparem, deixam-se apanhar, por não lar-
garem a preza do mantimento. Mais ardilosas são as cobras, que
para escaparem de animaes inimigos que as perseguem, fazem mi-
nas em que se guarnccem, largas no principio, e estreitas no cabo,

com sua suida apertada, por onde escapam, deixando entallado seu inimigo; e logo voltando-lhe nas costas pela primeira via, lhe tiram a vida a seu salvo, e logram o despojo do cadaver. Fazer uma facção de grande porte é valentia; carregar nella de grande preza é felicidade; deixar-se render com preza nas mãos, e perdel-a com o credito e vida, é desgraça, e é ignorancia de bugio. Levarem-me a preza, e il-a tirar das garras do inimigo, mas que seja com emboscada e estratagema, é prudencia de sérpente: e estas são as unhas de que tracto, que sabem pescar com sabedoria, sem deixar rasto de que lhe peguem, nem porta aberta por onde o cassem.

Ha outras unhas que poem sua sabedoria em fazerem bem o salto, e darem logo outro com que se ponham em cobro, como os que andam de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Castella os vi applaudindo seus medicamentos pelas praças; e para prova de sua efficacia passavam com estocadas suas proprias tripas (se não eram as de algum carneiro), e untando a ferida se davam logo por saos: e a gente immensa que isto via, comprava sem reparo as unturas, que vinham a ser azeite com cera, e alecrim pizado; e os vendedores passavam á ante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheias de unguentos, que não prestavam para nada. Melhor sucedeu a um que vi em Evora (castelhano era) fez um theatro na praça, poz nelle dois caixões de canudos de unguento milagroso, que servia para todos os males: bailou sua mulher, e uma filha, que volteava por cima de uma meza; fizeram entremezes, a que acodiu toda a cidade: disse elle no cabo taes gabos da mézinha, que não ficou pessoa que a não comprasse a tostão cada canudo, até vazar de todo os caixões, que encheu de prata: e ao outro dia deu comsigo em Castella, levando de caminho outros logares: e sei que cegou uma pessoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrevar de uma perna, porque a untou com elle.

Outras unhas ha tão sabias como estas, para pilharem dinheiro vendendo sabedorias. Nesta corte andou um brixote vestido de vermelho na era de 642, promettendo uma receita, se lhe des-

sem tantos e quantos, com que se conservaria carne fresca mais de um anno, fructas e hortaliças : excellente invento para as náus da India, mas nada vimos que conseguisse efeito. Eu o vi em Evora fixar carteis impressos pelos cantos, que tinha um medicamento para conservar os vinhos, e melhoral-os : e um curioso lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em um tonel ; e fóra melhor fazel-a em um quarto, para não perder duas pipas de vinho, que se lhe damnou com a buxinifrada de areia, e outros materiaes que lhe mexeu. Outro, mais sabichão que todos, veio vendendo que sabia fazer bombardas de parafusos, que pudessem levar cincuenta soldados cada uma em roscas, e armal-a, e disparar aonde quizessem : põe-se a especulação em praxe ; arrebenta o fogo pelas juntas, e crisma a quasi todos. Outro, tão sabio em pilhar dinheiro como este, prometteu fazer peças de artilharia tão leves que pudesse levar duas uma azemola, como costas em carga á companha ; e que as havia de fazer de coiros crús e cosidos, tão fortes que disparassem quatro tiros sem risco algum de arrebentarem : poz-se a machina em efeito ; e eu a vi em Elvas lançada em um monturo, porque arrebentando com meia carga de prova nos descarregou a todos deste cuidado.

Outro, gabando-se de engenheiro consummado, prometteu umas barcaças, que saindo do rio de Lisboa abrazariam todos esses amres, e quantas armadas inimigas nelles houvessem : encheu-as de palhas e chamiços, que estavam promettendo quando muito uma boa foguiera de S. João ; e dae cá por cada invento destes tantos mil cruzados. Tal como este foi outro em Campo-Mayor, que se gabou sabia fazer uma arca de foguetes em forma de girandola ; e que haviam de sair della de sossalto todos juntos, como raios, a ferir as barbas do inimigo com ferrões de settas. Por mais louco tive outro, que trouxe a este reino um segredo de armas de papel, que disse sabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova de mosquete, e tão leves como a camiza. Que haja no mundo embusteiros, não é para mim coisa nova ; mas que haja em Portugal quem os oiça e admitta, é o que choro ; sem acabarem de cair, que tudo são sonhos de Scipião, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos ar-

mam, mais a levar o oiro do reino, que a defender a corda delle ; e nisto é que poem toda a sua sabedoria, que trazem escripta na unha.

Outras unhas andam entre nós tão sabias, que despontam de agudas : e podemos dizer dellas, o que disse Festo a S. Paulo : *Multa te litteræ ad insaniam convertunt* : Actor. 26. Que os fazem doidos as muitas letras que altoram. Estes são os estadistas, alvitristas, criticos, e zoilos, que teem por lei seu capricho, e por idolo sua opinião ; e para a sustentarem, não reparam em darem atravez com uma monarchia : e ha gente tão cega, que levada só do sequito que os laes por outra via ganharam, até a seus erros chamam sabedoria, sem advertirem nos grandes danos que de seus conselhos nos resultam.

CAPITULO XXXII.

Dos que furtam com unhas ignorantes.

Ditosas unhus são estas, porque depois de fazerem immensos danos no que desfazem e desbaratam com seus assaltos, ficam sem obrigação de restituir, se a ignorancia é invencível ; que se é crassa, ou supina, corre parelhas com as dos ladrões mais cadiños. Ha umas ignorancias que somos obrigados a vencel-as pelas regras de nosso officio, que nos estão advertindo tudo : e quem é ignorante na arte ou officio que professa, todos os danos que d'ahi resultam ás partes, a elle imputam, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendal-o, o consente. Como pôde ser medico, quem nunca estudou medicina ? Como pôde ser piloto, quem não intende o astrolabio ? Como pôde ser advogado, quem nunca leu a Ordenação ? E o mesmo digo de todos quantos officios ha na republica. Até o alfayate se não sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno ; e um serralheiro se não sabe dar a tempea ao ferro ou aço, damna-vos a peça que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se veem a refundir innumerá-

veis e insosfriveis perdas, que causam a todo o reino em vidas, honras e fazendas, que são as coisas que mais se estimam. Bem provido está tudo com examinadores para todas as artes, se não houvera peitas e intercessões que corrompem até os mais escoimados Rodamantes. E se isto não basta, logo acham um sabio na sua sciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinação, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo que se tolere, e permitta provarem cursos em Coimbra mais de um cento de estudantes todos os annos, sem pôrem pés na universidade? Andam na sua terra matando cães, e escrevem a seu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, representando suas figuras e nomes: e d'aqui veem as sentenças lastimosas, que cada dia vemos dar a julgadores, que não sabem qual é a suo mão direita, mais que para embolçarem com ella esportulas e ordenados, como se foram Bartholos e Covas-Rubias. D'aqui matarem medicos milhares de homens, e pagarem-se como se foram Avicenas e Galenos. E a graça ou maior desgraça, é que nem o diabo que lhes ensinou estes enredos, lhes saberá dar remedio, salvo fôr levando-sos a todos, que é o que pretende.

No serviço d'el-rei não se devem tolerar taes ignorancias, porque se seguem delas damnos gravissimos. Quem perdeu as náus que vinham da India carregadas até ás gavias de riquezas? Dizem que o tempo: e é engano: não as perdeu, senão a ignorancia dos pilotos, que foram dar com elles em baixos e cachopos. Quem desbaratou a frota que ia para o Brazil? Dizem que os piratas: e é engano: não a desbaratou senão a ignorancia dos marinheiros, que não souberam velejar a proposito. Quem perdeu a victoria na campanha? Dizem que a remissão da cavalleria: e é engano: não a perdeu senão a ignorancia dos coroneis, que não souberam dispôr as coisas como convinha. Gente bisonha e mal disciplinada occasionaram com ignorancias, intoleraveis perdas; e o que se deve saber e advertir, nunca tem boa escusa: mas não ha morte sem achaque; todos sabem dar saida á seus erros, fazendo homicida á fortuna, que está innocentem no deli-

cto. Mas como o mal e o bem à face vem, logo se deixa ver a fonte da culpa: e é grande lastima, que arrebente esta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladrões tão ignorantes, que sempre deixam rasto como lesmas, e a mesma preza os descobre, como o que furtou o trigo, sem advertir que era o saco roto, e pelo rasto delle, que ia deixando, lhe deram na trilha, e o apanharam. Outros porque se carregam tanto, que não podem fugir, são alcançados. Outros porque se vestem do que furtam, são conhecidos; e todos só por ignorantes são descobertos. Antes é propriedade da ignorancia, que por mais que se esconda, não pôde muito tempo estar occulta. Como sucedeu na alfandega do Porto por descuido do provedor, e incuria de seus ministros, que a balança em que se pezam os açucares e drogas que pagam direitos pelo pezo, se falsificou de maneira, que a em que se punham os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra em que se punham as caixas e fardos, sem se dar fé deste delirio, senão depois de el-rei perder muitas mil arrobas nos seus direitos. Isto de balanças deve andar sempre muito vigiado, e não excluo d'aqui a casa da moeda: pudéra referir aqui muitos modos que ha de furtar nellas, e deixo porque não pertencem a este capitulo: seu lugar terão.

Não farei minha obrigação, se não enxerir aqui uma ignorancia fatal, que anda moente e corrente neste reino, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras nações, ainda que elles obram com injustiça, o que nós podemos imitar sem nenhum escrupulo. E é, que nenhuma gente ha tão desmazelada, que fazendo uma frota, ou armada para alguma empreza, não assegure os gastos della por todas as vias; de tal sorte que se o primeiro intento não suceder, se recupere no segundo, ou no terceiro. Como agora: faz o hollandez ou o inglez uma armada, para ir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada uma grande preza: e se esta lhes escapa das unhas, por ventura de uns, ou desgraça de outros, já levam destinada outra facção, e outra em outras paragens, sejam quaes forem, para onde viram logo as proas, e não se recolhem para seus portos, sem trazerem com que refaçam ao menos os gastos, quando não encham as bolças. Só

Portugal é nisto tão prodigo, que tem por timbre (chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia) entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fructo, que o de dar um passeio com bizarría por Val das Eguas, e torna-se para casa com as mãos vazias e as frasqueiras despejadas. Quanto melhor sóra levar logo no roteiro, que, se não acharem piratas, que os busquem até dentro em seus portos, que vão a Marrocos, que vão ás barbas dos nossos inimigos, que esperem, que saiam, e que não se venham sem recuperarem por alguma via os gastos, pelo menos, os que vão fazendo; e a estes sem fructo chamo tambem unhas ignorantes.

CAPÍTULO XXXIII.

Das que furtam com unhas agudas.

Toda a unha que arranha, é aguda; e toda a unha que furtá, arranha até o vivo: logo todas as unhas que furtam são agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas não falso dessa agudeza, senão da subtileza com que alguns furtam, sem deixarem rastro, nem pégada de que lhes pegue: e aqui bate o subtil e o agudo desta arte. O estudante que vendeu a imagem de S. Miguel da capella da universidade de Coimbra, como se fôra sua, a um homem do campo, não andou subtil; porque ainda que fez o contracto no pateo, e a entrega na capella sem testemunhas, e se acolheu com dez mil réis nas unhas, logo se descobriu a maranha, e o apanharam pelos signaes que deu o villão, e lhe fizeram pagar o capital e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lh'as havia de pagar, o poz em uma egreja onde estava o padre cura confessando, e chegando-se a elle lhe pediu por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por

satisfeito, cuidando o mandava esperar para lhe dar o preço da compra, e teve logo o ladrão de se acolher com o furto; mas não advertiu, que o podia conhecer o confessor, como conheceu, de que resultou sair o ladrão da alhada com mais perda que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da mesma cidade de Coimbra um forasteiro bem vestido, armou a lhe furtar o fato na volta; e armou bem para seu intento, porque o esperou no bocal de um poço que está na estrada por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe caíra naquelle instante uma cadêa de ouro dentro no poço, e que daria um dobrão a quem lh'a tirasse. Moveu-se a compaixão ao passageiro, que devia de ser homem de bem, se não é que o picou o interesse, e por isso não presumiu malicia: gabou-se que sabia nadar como um golfinho, e que lhe tiraria a cadêa de mergulho: despiu-se, sem se despedir do vestido, que logo se despediu delle; porque o matalote da cadêa, tanto que o viu debaixo da agua, tomou as de villa Diogo com todo o fato e cabana, deixando a seu dono como sua mãe o pariu, sem lhe deixar rasto, nem pégada, por onde o seguisse; nem podia, ainda que quizesse, pelo deixar prezo sem cadêa, nem grilhão, como pintam as almas do purgatorio. Menos cruel andou uma matrona em Madrid, e não menos ardilosa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e similhantes na guarnição e pregadura: meteu em uma tres mil cruzados de joias, e na outra outro tanto pezo de chumbo e pedras que achou na rua; e escondendo esta na manga, se foi com a outra a um mercador rico, que lhe désse dois mil cruzados a cambio sobre aquellas joias: celebraram o contracto, sem reparar ella na quantidade dos reditos, porque não determinava de os pagar; nem elle no capital, porque se assegurava com as joias. Virou-se contra um escriptorio para tirar o dinheiro, e com maior velocidade a senhora harpia trocou as bocetas, pondo na meza a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joias; e levando a chave comsigo, para que lhe não enxoavalhassem as joias ou alirassem com as pedras, se foi com os dois mil cruzados, onde nunca mais appareceu nem aparecerá, senão no dia do juiso.

Não andou menos astuta outra senhora na mesma corte, para se vestir de cortes os mais preciosos, que achou na calhe Maior, à custa do mercador, que lh'os cortou por sua boca sua medida. Alugam-se em Madrid amas, assim como em Lisboa escudeiros, para acompanhar: tomou uma, que tocava de mouca, e chamando-lhe madre mia, se foi com ella, aonde fez a compra de tudo o melhor que achou, sedas, telas, e guarnições que passaram de quinhentos cruzados, sem reparar em medidas, nem em preços: e quando foi à paga disse: *Que nò trahia caudal bastante, porque nò pensava, que hallaria cosas tan lindas; que alli quedara su madre, y que luego bolvía com todo el dinero: quedé-se aqui madre mia, que yo voy com esta niña, que lleva la ropa, y buelvo luego: en hora buena, responderam ambos, mercador e velha, ignorantes da treta; de que a velha se livrou em duas audiencias, provando, que era de alquiler e mouca, e servia a quem lhe pagava: e o mercador pagou as custas sobre o capital, que lhe acolheu, e não alcançou ainda. Em Lisboa certo picão tinha uma mulata mais amiga que sua, porque era forra e grande conserveira, tracto com que vivia e o sustentava a elle passeando sem nenhum trabalho; e se algum tinha, era com os confessores, quando se desobrigava nas quaresmas. Tractou por uma vez dar de mão ao tracto, e para isso fallou com um sevilhano, capitão de um navio, se lhe queria comprar uma mulata de grandes partes? E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar, e que o preço della seria o que sua mercê julgassem em sua consciencia. Avisou-a que tinha um hospede de importancia, e que se esmerasse para o dia seguinte no jantar, a que o tinha convidado: metteu a inocente velas e remos, e fez de pessoa com todo o empenho um banquete que se pudéra dar a um imperador, e serviu à meza como criada, dando-se por auctora de todos os guisados e acipipes. Ficou o castelhano satisfeito, tanto que talhou a compra em duzentos cruzados, que logo contou em patacas ao picão: e ficaram-de acordo, que lhe entregaria no dia de sua partida levando-lh'a a bordo; e assim o fez enganando-a segunda vez; porque o sevilhano a queria regular no seu navio em retorno do banquete. Poz se ella de vinte e quatro, como se*

séra a bedas ; e ficou nos piozes, voltando-se o amigo para terra dizendo consigo : veremos agora se me negam a absolvição os padres curas. O navio deu á vela : gritava a triste que era forra ! Consolava-a o castelhano : *Que luego se le iria aquella pasion, como se viesse en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa y que iva para ser señora, mas que esclava, de una casa muy noble, y rica, etc.*

Estas são as unhas agudas, que fazem a sua sem deixarem coimas ; e destas ha milhares, que na fazenda d'el-rei fazem grandes estragos com alvitres e conselhos, que despontam de agudos, e levam a mira em encherem as bolças ; como se viu nos das maçarocas e bagaços, de que não resultou mais que gastos da fazenda real para ministros. E destes ha alguns tão destros, que provêem todos os ofícios em seus criados, para lhes pagarem serviços próprios com salarios alheios : e não os peiores ; porque com as costas quentes em seus amos, procedem affoitos nas rapinas. Outras unhas ha destas, que por não encontrarem fazenda real em que empolguem, aproveitam-se da auctoridade do rei, para dar no povo com admiraveis traças e habilidades, que arte lhes ensina : e bem de exemplos a este proposito deixámos referidos no cap. IV em que mostrámos como os maiores ladrões são os que temem por officio livrar-nos de ladrões.

CAPITULO XXXIV.

Dos que furtam com unhas singelas.

Melhor dissera rombas, ou grosseiras, para as contrapor com as agudas, de que atégora fallámos : mas tudo vem a ser o mesmo, e muito mais ainda ; e logo contraporemos estas com as dobradas que se seguirão. E para intelligencia de um e outro capitulo, devemos presuppor, que assim como ha unhas dobradas, também as ha singelas. Dobradas são as que se prestam de varios mo-

dos e invenções, com tal arte que nunca lhes escapa a preza. E d'aqui se infere, que as singelas eram as que não teem mais que um modo e caminho, por onde furtam ; não armam mais que a um lanço, e se erram o tiro, ficam sem nada. E accrescento mais, porque singelo quer dizer simples ; que furtar ninherias, e de modo que vos apanhem, tambem é ser ladrão de unhas singelas. Furtar cinco ou seis mil cruzados abrindo portas com gasuas, ou arrimando escadas e destelhando as caças para descer por cordas e dar no thesouro, modos são de furtar, que sabe qualquer ladrão, antes de ser graduado, ou marcado, que é o mesmo. Mas levar o thesouro sem gasuas, sem escadas, sem cordas, nem sobressaltos, aqui está o subtil da arte, e o não ser aprendiz singelo. Furtar esse thesouro, e dar comsigo na forca, porque o apanharam com o furto nas mãos, ou com as mãos no furto, isso é furtar de ladrõeszinhos novatos, que não sabem qual é a sua mão direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de um milhão, e outro em cima, e ficar tão enxuto como um inhame, e tão escoimado como um noviço cartuxo, sem deixar indicio de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroice ; e o que assim se porta, bem se lhe pôde passar carta de examinação, com foro e privilegio de mestre graduado nesta sciencia : e destes doutores ha mais de um milhão, que cursam as cathedras, e escolas de Mercurio e Caco. E quem são estes ? Perguntastes bem ; porque como não trazem insignias de seus gráus, nem signal manifesto de sua profissão, são máus de conhecer ; e então melhores mestres, quando peiores de achar : sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, são insignes.

Serão estes os que vos saem nas estradas com carapuças de rubuço e espingardas no rosto ? Tira lá, que ainda que lhes cha-
maes salteadores por antonomasia, são formigueiros por profissão,
e tão singelos que nunca levantam casa de sobrado, nem teem bens
de raiz, nem ajuntam moveis que não cajam de baixo do bra-
ço ; são como o caracol, que traz a casa comsigo, e como o phi-
losopho que dizia : *Omnia mea mecum porto.* Tudo quanto te-
nho de meu, trago comigo. E ainda menos, pois o que trazem,
tudo vem a ser alheio. Serão os alfaiates, que lançando o giz

além das mcdidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, do que cortam, tiram a limpo, sujando a consciencia, um gibão de corte , e cortam um calção de veludo para si, e uma anagoa para sua mulher ? E tambem são ladrões singelos, porque são caseiros, creados á mão ; não matam, nem ferem : quanto tomam, cabe em uma arca, que chamam rua ; e por isso juram, quando lhes perguntaes pelos retalhos que sobejam, ainda que sejam muitos e grandes, que os botaram na rua : e ficasem sem escandalos do que vos levam. Serão os tabelliões e escrivães, que ha sem numero nesta corte, e em todo o reino, que com uma pennada tiram e dão cem mil cruzados a quem querem ? Esses grandes ladrões são, mas singelos, principalmente quando se applicam a si o que furtam, porque logo se lhes enxerga, como aquelle que fez umas casas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje se chamam da pennada ; porque vendo-as el-rei D. Sebastião, disse: « Boa pennada deu alli o tabellião ! » Demais de que, como poem por escripto tudo, são faceis de apanhar seus erros de officio : e se dobram o partido com outro, para se justificarem, ficam á revelia de quem fará que percam feito e o por fazer : e lá irá quanto Martha siou, por se siarem de quem lhes não deu fiança a lhes guardar segredo no conluio.

Serão os soldados de cavallo, que quando se vêem montados em ginetes que não são de seu gosto, lhes dão tal tracto, que em quatro dias dão com elles no almargem e no monturo, para que os provejam de outros ? Tambem são ladrões singelos ; porque dando com isso grande damno a sua magestade, ficam com pouco proveito. Outros ha neste genero mais escrupulosos, que por não serem homicias da fazenda real, lhes atam sedas nos artelhos dos pés, ou das mãos, com tal arte que os fazem manquejar, até que os provêem de outros. E o furto está no damno que se dá a el-rei e á milicia ; porque se vende o cavallo manco por dois ou tres mil réis, para uma atafona ou nora, tendo custado quinze ou vinte. E d'ahi a quatro ou cinco dias, vae o soldado transformado em alveitar, e diz ao comprador : quanto me quereis dar, e der-vos-hei este roçim são em duas horas ? Concertam-se em dez ou doze lóstões ; applica-lhe um emplastro de horva moira

para dissimular a tezoura que vae por baixo, e corta a sedella que lhe pescou os tostõeszinhos, e fica o cavallinho tão como um pero no mesmo instante; e quem o māncou e desmancou, tão quieto na consciencia, como maré de rosas. Os infantes, coitadinhos, querem alguns criticos especulativos que sejam de unhas dobradas, porque são multiplicados os seus furtos: mas não tem razão, que assás singelos andam; e se agasalham uma marrã, ou um cabrito, mas que seja um carneiro ou uma vaca, quando vāo de marcha por esses campos de Jesu Christo, é porque os acham desgarrados, para que os não coma o lobo; e assás tenuē vae tudo e assás singelo. Andem elles sartos, quero dizer, pagos, e pôde ser que tenha tudo emenda. A obrigação que a todos corre, já o disse no capitulo XXI das unhas militares.

CAPITULO XXXV.

Dos que furtam com unhas dobradas.

Já dissemos, que unhas dobradas são as que se armam de varios modos e invenções, para furtar com tal arte que nunca lhes escapa a preza. Ha na dialectica um argumento, que chamamos dilema! porque joga com duas proposições, como com páu de dois bicos, que necessariamente vos haveis de espistar em um delles. Taes são os ladrões, que chamo de unhas dobradas; porque as aguçam de sorte, que por uma via, ou por outra lhes haveis de cair nellas: com um exemplo ficará isto claro e cogente. Quando sua magestade, que Deus guarde, manda fazer cayalleria para as fronteiras, é certo que ha grandissima variedade nos preços, e que nunca se ajustam os avaliadores, umas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o dilema, de que não pôde escapar o furto: quando levantam o ponto, no escudo d'el-rei vae dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores descarga o golpe. E succede ordinariamente a pesca, sem os minis-

etros d'el-rei serem sabedores das redes, com verem abertamente os lanços, ainda que pela experientia bem puderam advertir na desproporção dos preços: furtar-se a el-rei, que manda comprar os cavallos, ou furtar-se aos vendedores: e a restituição de ambos os furtos, se bem a averiguarmos, vem a ficar ás costas dos avaliadores, que ordinariamente são os alveitares das terras onde se fazem as resenhas e escolhas dos potros, cavallos e dragões mais aptos para a guerra: e succede assim, que se o vendedor é poderoso, intimida os ferradores, ou os peita, para que ponham em quarenta o que não vale vinte; e fica defraudada a fazenda real em mais de ametade; e se o vendedor não tem ardil, nem poder para agenciar e seguir esta trilha, avaliam-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem commun, a que se encostam, para engolir o escrupulo: e assim por uma via ou por outra ordinariamente se afastam, e poucas vezes se ajustam com o legitimo preço, errando o alvo, ora por alto, ora por baixo. E é certo que sua magestade, que Deus guarde, não quer nada disto: não quer o primeiro, porque defrauda seus thesouros: não quer o segundo, porque offende seus vassallos, que tambem não são contentes de serem enganados em mais da ametade do justo preço: com que fica certissimo, que é furto manifesto por uma via e por outra. Nesta agua envolta escorreram ás vezes os executores tambem com os poderes reses, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos; e talvez succede tomarem um, e dois, e tambem tres, por dez mil réis, e por oito cada um, a titulo de irem servir com elles ás fronteiras, e d'ahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta, e por cem mil réis, por ser de boa raça e melhores manhas. Se nisto ha furto, perguntem-no a seus confessores, e verão o que lhés respondem com Navarro. Mas má hora que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas, e pôde ser que mais proveitoso: e é, quando dois vão forros, e a partir no interesse; e succede na mesma cavalleria, quando della se fazem resenhas para as pagas, e tambem acontece o mesmo na infanteria. Tem um capitão oitenta cavallos somente, passa mostra de cento e vinte, porque pediu quarenta emprestados a outro

capitão seu amigo, a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo, quando fizer a sua resenha: e ~~até~~ ~~até~~ ~~até~~ ambos oitenta praças de ausentes, que bem esmadas por mezes, fazem somma de mil e ~~doentes cruzados~~ ~~cada~~ ~~mez~~; e ~~se~~ ~~durar~~ a ~~tramoia~~ ~~um~~ ~~ano~~, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados, e se usarem della muitos cabos, teremos de pôr de portas a dentro pilhagens e pilhantes, peiores que os que nos veem de Castella saltar os bois e ovelhas. Mas o general das armas (peço a sua excellencia licença para o nomear aqui) o conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as coisas tão correntes, com notas e contra divisas, que não pôde haver engano: como também nas innumeráveis praças de infante, que se guardripavam com achaque de doentes, e vinham a ser peior que praças mortas; porque taes doentes, e taes soldados não os havia no mundo: e mandando-os vêr á cama, e não os achando, descobriu a maranha: e ainda deu alcance á outra peior, em que punham de cama soldados sãos com nomes mudados. Nada escapa á subtileza desta arte de furtar; mas o zelo e destreza do conde general, excede e vence todas as artes no serviço d'el-rei nosso senhor.

Em Vianna de Caminha me ensinou um castellão a furtar com unhas dobradas com mais destreza, porque jogando o pão de dois bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Concertava-se com os navios que vinham de serra; e quanto me haveis de dar por cada fardo ou caixa, e pôr-vos-hei tudo seguro onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que communica com o mar e com a terra, e dava-lhes passagem segura para as lojas dos mercadores. E feito este primeiro salto, dava ordem ao segundo por via de um alcaide, com quem ia forro, e a partir nas ganancias das prezas que lhe inculcava: dava-lhe ponto e aviso infallivel das paragens, onde acharia taes e taes fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavam no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, uma das grossas peitas que davam ao castellão, e outra do muito mais que eram forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse; e nesta segunda bolada tornava o castellão a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas efectivamente sem errar o tiro de nenhuma.

CAPITULO XXXVI.

Como ha ladrões que teem as unhas na lingua.

Melhor dissera nos dentes, porque teem duas ordens com que dobram a prezø, e aferram melhor que a lingua; e tambem porque tudo quanto se furta, vem a parar ou desapparecer nos dentes. Espada na lingua já eu ouvi dizer que a havia, e tambem pudéra dizer setta; porque fere ao longe como setta, e corta ao perto como espada, e peior, porque muitas vezes de feridas incuraveis, como espada columbrina, e setta hervada: mas unhas na lingua é coisa nova. Ainda mal, de que é tão velha, e tantas vezes renovada em gente aulica. Vel-os-heis andar no paço fazendo mezuras a cada passo, e tirando a gorra á legua, chapéo queria dizer, que já se não usam gorras: não lhes taxo a cortezia, que é virtude muito propria da corte; mas noto a intenção e palavrinhas com que a acompanham, as quaes examinadas na pedra de toque da experienzia, são unhas de aço, que não só arranham creditos alheios, mas empolgam para si, que é o principal intento, em tudo o precioso, que cuidam se poderá dar a outros. E para isso não ha provimento que não desdenhem, nem despacho que não menoscabem; até o que é nos outros paga de justiça, fazem negociação de adherencia, para levarem a agua ao seu moinho, e fazerem cano das mingas alheias para as enchentes proprias, de que andam sequiosos. Façamos praça de exemplos, e correrá a verdade deste capitulo clara como agua.

Olhae-me para aquelle capitão que entra na audiencia com um braço menos, porque lh' o levou na guerra uma bala: vede dois soldados que veem com elle, um com um olho vasado de uma estocada, e outro com uma perna quebrada de uma mina; porque para os fazer assinalados, sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos maiores riscos tem sua ventura a valentia, allegam a seu rei o que em seu serviço padeceram, para que os remunere com os despachos que merecem: um pede a commenda, outro a tença, outro o habito: todos mere-

cem muito mais. Mas o invejoso que está de fóra, e tão de fóra que nunca entrou em taes baralhas, temendo que lhe vêe por aquella via o passaro a que tem armado a costella, e que se lhe vá da rede a preza que pretende pescar, puxa da espada da lingua, porque nunca arrancou outra, para cortar o direito que vê vânio adquirindo, e diz do torto: olhae o com que vem agora cá o torteles Polifemo! Por um olhinho que perdeu, Deus sabe aonde, pôde ser que bebendo em alguma taverna, quer que lhe deem mais do que val toda a sua cara: ainda lhe ficou outro olho, isso lhe basta. Pois o outro Briareu devia de querer cem braços, bastando-lhe uma mão para empinar quanto tem furtado com ambas; e por um bracinho que lhe cortam, quer que lhe talhem uma commenda que não sonharam seus avós: e o outro que por uma perninha lhe deem um habito. Quanto melhor lhes fóra a todos tres tomarem o habito de uma religião, para fazerem penitencia de quantas maldades obraram para acharem estas manqueiras, de que veem fazer gadanho para estafarem mercês que só nós merecemos a el-rei, como se vê ao perto. E por esta solfa se deixa este, e outros taes como elle, ir descantando similhantes letras, até que saiem com a sua por escripto, estorvando e tirando os despachos a quem os merece, para os incorporarem em si. E ainda mal que lhes succede. Testimunha seja um capitão que eu vi despedir-se de um amigo nesta corte, para se voltar para as fronteiras com quatro mezes de similhantes requerimentos: e perguntando-lhe o amigo, como se ia sem esperar o seu despacho? Respondeu palavras dignas de se imprimirem: Vou-me desta Babylonia para a campanha: porque me é mais facil e honroso esperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos e respostas dos ministros e aulicos de sua magestade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que teem as unhas na lingua, não descançam até que não enxotam toda a sorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a suas pretenções, que por esta arte alcançam; e assim furtam e pescam com os anzoes e unhas na lingua, o que não merecem, e de justiça se deve dar a quem arriscou a vida, e não a quem a traz

émpapellada : e estes são os ladrões que teem na lingua, as unhas com que empolgam no que não é seu, nem lhes é devido. Fácil tinha tudo o remedio, e escripto está e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra não se appliquem a serviços da paz. Se os summos pontífices largaram a este reino os dízimos de innumeraveis commendas, que é sangue de Christo, para os cavalleiros que á custa de seu sangue propagam a fé, e defendem a patria ; como se pôde permitir que logre estes premios quem nunca defendeu a fé, nem honrou a patria ? Não sei se o diga ? Que vi já commendas em peitos inimigos de Deus, e algozes da patria. Cala-te lingua, não te arrisques : olha que teme chamem muitos a isto murmuração, tomando-o por si ; porque tudo o que pica desagrada, e o que desagrada é signal que lhe toca. Toquemos a recolher, e vamo-nos dizer antes sape a um gato.

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtam com a mão do gato.

Ladrões ha dos quaes podemos dizer, que teem mais mãos que o gigante Briareu, porque não lhes escapa conjunção, logar, nem tempo ; como se tiveram mil mãos, à *dextris*, e à *sinistris*, não erram lanço : e isto vem a ser furtar com mãos proprias, que não é muito ; mas furtar até com as alheias, é destreza propria desta arte, que vence na malicia a subtilzeza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a maior maldade que commette o demônio, é a de tomar corpos phantasticos para commetter abominações : porque não pôde haver maior malicia, que despir-se uma creatura de seu proprio ser, e vestir-se da natureza alheia, saindo-se de sua esphera, para poder mais offendrer a Deus. Taes são os homens ladrões que se ajudam de mãos alheias : saem-se de sua esphera, e vão mendigar nas alheias modos e instrumentos

com que mais furtam. Não se contentar um ladrão com duas mãos que lhe deu a natureza, e com cinco dedos que lhe por em cada uma, armados com muito formosas unhas, e ir buscar mãos albeias e emprestadas, para mais furtar e poupar as suas para outros lanços, é o summo da ledroice. No como se verifica isto, está ainda a maior dificuldade, qua será facil de intender a quem olhar para a mão de Judas, quando no officio das trevas apaga as candeias. Obrigação é que corre por conta dos sacristães ; mas porque não chegam ás vélas, ou por se não queimarem, valem-se da mão albeia : e assim veem a ser mãos de Judas todas as que ajudam ladrões em seus artifícios.

Ainda se não deixa vêr ema que cabeça vae dar a pedrada deste discurso. Os senhores assentistas me perdoem, que elles hão de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digam-me vossas senhorrias (e não estranhem o titulo, que é cortezia que nos introduziram cá os berlanguches, que logo entrarão também nesta resle) : se el-rei nosso senhor lhes concede licença para recolherem comprado no novo o pão que baste para o provimento das fronteiras, o que podem fazer por si e seus criados, para que empenhem nisso os juizes, ouvidores, corregedores, e provedores de todo o reino ? E porque estes são escoimados, e hão medo de tomar peitas, á força lh'as fazem aceitar, alcançando-lhes licença de sua magestade para isso ? Que é isto ? Dende vem tanta liberalidade em quem tracta de sua ganancia ? Interesse é tudo proprio : mãos de gato armam, e com saguates lhes aguçam as unhas, para as prezas serem mais copiosas passando dos limites, de cujos crecências fazem negociação e venda a seu tempo com excesso, levando de codilho a substancia aos povos famintos, obrando tudo com as mãos da justiça, que é o de que me queixo ; que a justiça chegue a ser entre nós mão do gato, para que não lhe chamemos mão de Judas, que atiça este incendio, em quanto os sobreditos teem as suas de reserva em lutas de ambar para agasalharem os lucros que com tantas mãos negociaram.

Dêmos uma demão aos berlanguches, já que lh'a prometemos, e elles não querem que lhes faltemos com o prometido. Ha perto da nossa barra de Lisboa uns ilheos que chamamos Ber-

lengas ; e porque passam por elles todos os estrangeiros que veem do norte, chamamos a todos berlanguches. Estes pois deram em nos virem meter na cabeça, que só elles sabem fazer baluarts, atacar petardos, disparar bombas, artificiar machinas de fogo, e engenhos de guerra. Sendo assim, que de tudo quanto obram, não vimos até agora fructo, mais que de immensas patacas e dobrões que recolhem para mandar á sua terra : até agora não vimos bomba que matasse gigante, nem petardo que arrazasse cidade, nem machina de fogo que abrazasse armada, nem queimasse sequer um navio. Por isso disse muito bem o doutor Thomé Pinheiro da Veiga (que em tudo é discreto) respondendo á petição de um destes engenheiros, que demandava um milhão de mercês pelas barcas de fogo que architectou contra os parlamentarios, que nos pejaram a barra do Téjo no anno de 1650, que o queimassem com ellas, por nos gastar a nossa fazenda com engenhos que no cabo nada obraram. Somos como creanças os portuguezes nesta parte : admiramo-nos do que nunca vimos, e estimamos só o que vem de fóra, e apalpado tudo é farelo ; porque no fim das contas só o nosso braço é o que obra tudo, e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta um curioso pelas unhas do gato ? E eu lhe respondo, que olhe para os thesouros d'el-rei, e para as nossas bolças, e verá tudo arranhado com estas invenções dos berlanguches, peiores para nós que mão de gato ; pois nos furtam e levam com seus gatinhos, o que fóra melhor dar-se aos filhos da terra, que o trabalham e o merecem : e no cabo andam despidos, e os berlanguches rasgando cochonilhas, e brilhando télas. Basta um tostão para qualquer homem de bem passar um dia ; orá demos-lhes a elles dois, com que podem beber vinho, como bois agua : para que é dar-lhes setenta e quatro mil réis cada mez de ordenado ? Desordenada coisa chamára eu a isto ; pois lhes veem a sair a mais de um tostão para cada hora, e mais de dois mil e quatrocentos réis para cada dia, e um conto para cada anno. Parece isto conto de velhas, e discurso de gigantes encantados : gigantes de oiro são isto, que se nos vão do reino, conquistados por pygmeus de palha, de que fazem a mão do gato ; que de palha borrisada com polvora vêm a ser o fogo,

com que abrazam mais a nós, que a nossos inimigos ; e elles o são mais verdadeiros que os castelhanos ; porque estes nunca nos deram tal saco, nem entram cá por taes esfola-gatos.

E para que não pareça que só em estranhos damos com este discurso, viremos a prôa delle para nossas conquistas, e acharemos mãos de gato façanhas, de que usam portuguezes. Já toquei esta treta succinctamente o paragrapho ultimo do capitulo IX a outro proposito ; mas agora a contarei mais diffusa a este intento, em que tem mais artificio. Quer um capitão ou governador tornar para sua casa rico, sem escandalos, nem revoltas : mette-se de gorra com os mais opulentos do seu districto, vendendo bullas a todos de valias e pedreiras que teem no reino : mostra cartas suppostas, com avisos de despachos, habitos, commendas e officios, que fez dar a seus afilhados : e como todos os que andam fóra da patria teem pretenções nella, cresce-lhes a todos a agua na boca ouvindo isto ; e vão-se para suas casas discursando o caminho que terão para terem entrada com tão grande valia, que tantos compadres tem em todos os conselheiros, e logo lhes ocorre a estrada coimbrã das peitas, porque dadivas quebram penedos ; e armam logo um presente para adoçar o senhor capitão ou governador, e o ir dispendo ao favor que pretendem : e já se imaginam dando alcance á graça que tão alto lhes voou sempre : crescem as visitas, chovem os donativos de uns e de outros ; e quando chega a monção de navios para o reino, chegam os memoriaes, e acham aos sobreditos senhores fazendo listas para a corte, escrevendo cartas, arrumando negocios de mil pretendentes, e de tudo fazem rede para pescar os donativos com que naturalmente se despenham. Chega um, e diz : Senhor, bem sabe vossa senhoria que ha vinte annos sirvo a sua magestade á minha custa, e que é já o tempo chegado de lograr alguma mercê por isso : e para que eu deva esta tambem a vossa senhoria, espero que me favoreça por meio de seus validos, a quem protesto ser agradecido. Tenha mão v. m., ácode a senhoria : para que veja como trago a v. m. na casa dianteira, e suas coisas diante dos olhos ; senhor secretario, lêa v. m. lá as cartas que escrevi hontem para sua magestade e para o conselho da fazenda e ultramá-

rino. E o secretario, que está de aviso, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha escriptas; e com a destreza, que costumam, relata logo de cada uma seu capitulo, que de repente vae compondo, talhado para as pretenções do supplicante, em que o descreve tão valente, leal, e bizarro, que nem a mãe que o pariu o conhceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petições e memoriaes sua senhoria, e manda ao secretario que as annexe áquelle ponto; e ao sobredito diz que durma descansado, que em boa mão jaz o pandeiro: e elle mais sollicito que nunca, vae-se para casa, e manda logo o melhor que acha nella, para não ser ingrato; e por esta maneira de mil modos com estas abuises caçam os mais gordos tralhões da terra, e mettem nas redes os maiores tubarões do alto: papos de almiscar em Macáu, bocetas de bazares em Malaca, bisalhos de diamantes em Goa, alcatifas de seda em Cochim, barras de oiro em Moçambique, pinhas de prata em Angola, caixas de açucar no Brazil; e em cada parte de tudo tanto que enchem navios, que veem depois dar á costa: *Mala parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. E ficam desfeitas como sal na agua todas as maquinas das pretenções dos innocentes, e elles no limbo da suspensão, e no purgatorio do arrependimento, porque deram ao gato, o que não comeu o rato.

Tambem para el-rei nosso senhor ha mãos de gato, que lhe arranham a fazenda e arrastam a grandeza de suas datus e mercês; e são os exemplos tantos que me não atrevo a contal-os, assim por muitos, como por arriscados. Direi um imaginado, que poderia acontecer, e servirá de molde para muitos. Vaga em Coimbra uma cadeira: vem consultada em tres opposidores. O primeiro é melhor, o ultimo o somenos; tem este por si mais amigos na corte: temem fallar a sua magestade, porque são conhecidos, e sabem que especula muito bem os que são apaixonados, para não admittir suas informaçõeſ: buscam uma mão de gato, e armam os páus, que venham a cair nella: espreitam a occasião em que sua magestade vê as consultas: fallam-lhe como a caso: Senhor, para que se cança vossa magestade em apurar gente que não conhce: consultas da universidade são muito apaixonadas pelos bandos das opposições, que muitas vezes poem no pri-

meiro logar, quem havia de vir no ultimo: aqui anda o lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os sujeitos, e é desinteressado nestas materias; informe-se vossa magestade delle, e verá logo tudo claro como agua. Tendes razão. Toca a campainha: acode o moço fidalgo: manda recado a Fulano, que me falle á tarde. Aqui está na sala, responde o mesmo: Deus o trouxe sem duvida, acodem os conjurados, que de propósito o trouxeram, e deixaram no posto bem instruido. Saiem-se todos para fóra, e entra o louvado: communica-lhe sua magestade a duvida: resolve-a elle, fazendo-se de novas no ponto que traz estudado; e affirma que os conhece a todos melhor que as suas mãos; que nunca Deus queira que elle diga a seu rei uma coisa por outra, que nem por seu pae mudará uma cifra contra o que intende: e com estes ensalmos apeia os melhores do primeiro logar, e levanta o ultimo aos cornos da lua: e como não presume malicia quem não tracta enganos, persuade-se el-rei que aquella é a verdade; e tomado a penha despacha a consulta, e dá a cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito; e estes são os modos, suave leitor, com que cada dia se tiram sardinhas com a mão do gato.

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtam com mãos e unhas postiças, de mais, e acrescentadas.

De um ladrão se conta, que tinha uma mão de pão, tão bem cortada que parecia verdadeira, e devia de ser a direita, porque encostando-a á esquerda por entre as dobras da capa, se punha de joelhos muito devoto nas egrejas de concurso, junto aos que lhe parecia que poderiam trazer bem providas as algibeiras; e com a outra mão, que lhe ficava livre, lhes dava saco subtilmente; e ainda que os roubados sentiam alguma coisa, olhando

para o vizinho, de quem se podiam temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deus, persuadiam-se que seriam apertões da gente, o que sentiam. Assim me declaro nisto que chamo furtar com mãos postiças, de mais, e accrescentadas: e melhor ainda me declarei com os que ocupam muitos offícios na republica, commando e devorando a dois carrilhos, como monstros, a substancia do reino: como se lhes não bastára a mão que tomam em uma occupação, mettem pés e mãos no meio alqueire com seu senhor, e ajuntam moios de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaram a mão; e já lhes eu perdoara, se só uma mão metteram na massa; isto é, se só com um officio se contentaram; mas manejar tres e quatro com mãos postiças, é quererem agarrar este mundo e mais o outro.

A santa madre egreja catholica romana, que em tudo acerto, tem mandado com sua milagrosa providencia, que nenhum clérigo coma dois benefícios curados, por amor da assistencia, que não sendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que apparece na mesma tempestade em dois navios, é impossivel tel-a em duas partes; e não quer que coma e beba o sangue de Christo, sem o merecer pessoalmente. E como ha de haver no mundo quem coma e beba o sangue dos pobres, e a fazenda d'el-rei e substancia da republica, um homem secular ocupando dois postos e dois offícios incompatíveis: e porque são mais que muitos, chamo também a isto ladrões que furtam e comem a dois carrilhos; e ainda mal que comem a tres e quatro, como monstros de duas cabeças. Muitas cabeçadas se dão e toleram em republicas mal governadas: mas que na nossa tão bem regida e disposta se soffram estas, é para dar os bem intendidos com as cabeças por essas paredes. Vêr que faça dois offícios, e tres, e quatro, e sete occupações um só homem, que escassamente tem talento para um cargo, é ponto que faz fugir o lume dos olhos: e pouca vista é necessaria para vêr que não pôde estar isto sem grandes ladroices: e a primeira é, que come os ordenados com que se puderam sustentar, satisfazer e ter contentes quatro ou cinco homens de bem, que o merecem. A segunda, e maior de todas, que como é impossivel assistir um só sujeito a tantas coisas diferentes, passam-

lhe pela malha mil obrigações de justiça, não dando satisfação ás partes, trazendo-as arrastadas muitos mezes, com gastos immensos sóra de suas patrias : e no cabo despacham mil disparates por escripto, para serem mais notorios ; porque não teem tempo para verem tantas coisas, nem memoria para comprehenderm as certezas que se lhes praticam ; e quando vão a alinhavar as resoluções escapam-lhes os pontos, e embaracam-se as linhas, que tiñham lançado uns e outros ; e perde-se o fiado, e o comprado e o vendido : e vem a ser mais difficultoso encaminhar um desarranjo destes, que começar a demanda de novo. Perdem-se petições, somem-se provisões, faltam os oraculos, respondem sesta por báhesta, fazem-vos do céu cebola, mettem-se no escuro dos segredos, com mysterios que não ha : e Deus nos dê boas noites. Baldaram-se as peitas, frustraram-se as intercessões, perderam-se os gastos e a paciencia ; e appellae para o barqueiro, que de Deus vos pôde vir o remedio, porque se o buscardes na fonte limpa, que reprende com sua clareza tantas aguas turvas, arriscaes-vos a uma enxurrada de ministros, que vos tiram o oleo, e mais a chrisma.

Finalmente digo, que assim como ha heresias verdadeiras que encontram verdades catholicas, assim ha heresias politicas que encontram as verdades que escrevo : e assim como seria heresia de Calvino e Luthero dizer que é mal-feito ordenar a egreja que nenhum clérigo coma dois benefícios curados, assim é heresia na politica do mundo admittir que um homemzinho de non-nada occupe dois officios, que requerem duas assistencias. É nota de alguns escripturarios, que nunca Deus proveu dois officios juntos em um só sujeito : e para significar a importancia disto mandava que ninguem semeasse dois legumes na mesma terra : e quando occupava algum servo seu em uma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos necessarios e forças convenientes : e isto não podem fazer os principes da terra, que se bem são senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, não o são dos talentos, nem os podem dar a quem os não tem, como pôde Deus ; e por isso deve ir attento nos provimentos que fazem, porque até um só e singular requer homem capaz para ser bem servido. E para

que se veja como as coisas vão muitas vezes nesta parte, contarei o que sucedeu ha poucos annos em uma praça, onde foi provido por capitão-mór certo cavalheiro, que presumia de grande soldado: e no primeiro dia em que tomou posse do seu feliz governo, lhe foram pedir o nome para as rondas daquelle noite. Estava elle em boa conversação de amigos e senhores, que o visitavam com o parabem de sua boa vinda: perguntou ao cabo, que era o que demandava? Que me dê vossa senhoria o nome para esta noite, é o que peço, respondeu elle: e o senhor capitão insistiu muito admirado; ainda me não sabem o nome nesta terra? E muito mais o ficaram os circumstantes do seu enleio. Acodiu o sargento: bem sabemos o nome de vossa senhoria, o que peço é o nome para a ronda. Aqui areou mais o capitão. E para não se arriscar a responder outro desproposito, disse o peior, porque o mandou embora sem resolução, e que no dia seguinte tractariam o ponto com mais desafogo. E eis-aqui que taes succedem ser os senhores que ocupam grandes postos: e sendo taes que farão se os puzerem em muitos?

É engano manifesto dizer-se e cuidar-se que não ha homens para os cargos, e por isso os multiplicam em um ministro. É o nosso reino de Portugal muito fértil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejam todas as sciencias e artes que em Portugal acharam seus auctores. A nobreza e fidalguia, auctoridade e christandade entre nós andam em seu ponto. Todas as nações do mundo podem andar comnosco á soldada nesta parte: mas não aparecem os talentos por tres razões: primeira, porque não ha quem os busque: segunda, porque ha quem os desvie: terceira, porque não são intromettidos; e isso teem de bons. Não ha quem os busque, porque não ha quem os estime. Ha quem os desvie por se introduzir inutil. Não se oferecem, por não padecerem repulsas. E d'aqui vem andarem Scipiões valentes pelos pés das moitas comendo terras, e versistes covardes pelos thronos cevando vaidades: andam Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andam Heitores leaes arrastrados á roda dos muros da patria, que defenderam, e Sinoes traidores embolçando vivas e triumphando em carros. Sejam ou-

vidos varões desinteressados, sabios e religiosos, e elles descobrirão as minas onde está o oiro dos talentos mais preciosos: elles conhecem as talhas de barro que conservam melhores vinhos, que jarras de oiro.

CAPITULO XXXIX.

Dos que furtam com unhas bentas.

Unhas bentas, parecerá coisa impossivel; porque todas são malditas e peçonhentas, como as dos gatos, que ha pouco discúrsamos. Mas como não ha regra sem excepção, desta se tiram algumas: taes são as da grão besta, de quem dizem os naturaes grandes virtudes: e comtudo isso tambem affirmam os mesmos, que até essas virtudes são furtadas ás conjunções da lua; para que nenhuma unha se possa gabar, que escapou da estrella que os astrologos chamão Mercurio, ladrão famoso. E entre tantas unhas não ha duvida que ha algumas bentas, não porque tirem almas do purgatorio com perdões de conta benta; mas porque lançadas as contas, lançando bençãos, e apoiando virtudes, e clamando misericordias e amores de Deus, purgam as bolças que encontram, melhor que pilulas de escamonea. A mais de quatro criticos se me vae o pensamento neste passo, não de passagem; mas de proposito e reixa velha a certos servos de Deus a quem murmuradores chamam por desdem da Apanhia, levantando-lhes que mandam olhar a gente para o céu, em quanto lhe apanham a terra. Mas isto é praga que só se acha em quem não val testimunha conforme a sentença de Luiz rei de França, que só hereges e amancebados fallam mal dos taes sujeitos; estes, porque os reprehendem com sua modestia; e aquelles, porque os convencem com sua doutrina. E o certo é que esses mesmos zoilos que murmuram, quando querem a sua fazenda segura, ou o seu

dinheiro bem guardado, que nas mãos destes anjos da guarda depositam tudo.

As unhas que usurpam a titulo de bentas, são aquellas que empolgando piedades, fazem a preza em latrocínios. Explico isto com alguns exemplos, que darão noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dois soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos (desgraça ordinaria em todos) accordaram valer-se do sagrado, para que o profano os remediasse. Houveram ás mãos uma hostia que pediram em certa sacristia para uma missa das almas: dão comsigo e com ella na rua Nova: pedem a um mercador dos que chamam de negocio, lhes mostrę a melhor peça de Londres: encaixam-lhe em uma dobra a hostia dissimuladamente, mostram-se descontentes da cōr, e pedem outra: vistas assim algumas, appellam para a primeira, e mandam medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como é costume. Mal eram medidos quatro, quando apparece a hostia, a que elles, fingindo lagrimas, se prostraram batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe imputem de novo o que em Jerusalém tomaram sobre si seus antepassados. Não é necessario declarar os extremos que de parte a parte passaram: resultou por fim de contas, que levaram a bom partido a peça toda, sem outro custo que o de jurarem que ninguem saberia o caso sucedido. Não sei se é isto furtar com unhas bentas? Sel-o-hão mil esmolas pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade e misericordia, para pobres, para missas e irmandades, as quaes vão arder na meza do jogo ou da gula. Um mulato conhecí, que tinha uma ova branca, que comprou na roupa velha por dois tostões, com a qual, com uma bacia, e duas voltas que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as missas de nossa Senhora, ajuntava o que lhe bastava para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direi de infinitos, que a titulo de pobres se fazem ricos? Abrem chagas nas pernas e nos braços, com causticos e hervas: mostram suas dores com brados, que moverão as pedras: *Mira la plaga mira la llaga!* Pelas chagas de Christo nosso Redemptor, que me deem uma esmola! Dizia um destes na pente de

Coimbra, de outro que tinha uma perna muito chegada: boto a tal, que tem aquelle ladrão uma perna que val mais de mil cruzados! E assim é que muitos mil ajuntam estes piratas: e lá se conta de um aleijado que morrendo em Salamanca, fez testamento, em que deixou a el-rei Philippe I ou II de Castella a albarda do jumento em que andava; e acharam-se nella cinco ou seis mil cruzados em oiro. Um fidalgo piedoso lançou pregão na sua terra, que tal dia dava um vestido novo por amor de Deus a cada pobre: ajuntaram-se no seu pateo infinitos; e a todos deu vestidos novos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e nelles achou bem cosida e escondida por entre os remendos maior quantidade de dinheiro vinte vezes, que a que tinha gastado nos vestidos. Estes taes não ha duvida que são ladrões, que com unhas bentas esfolam a republica, tomando mais do que lhes é necessário, e sóra melhor distribuilo por outros, que por não pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis são as que professam benzedeiras, e tem mais de siganas, que de beatas. Entra em vossa casa uma destas com nome de santinha; porque dizem della que adivinha, faz vir á mão as coisas perdidas, e depara casamentos a orphãs, e despachos aos mais desesperados pretendentes. Pedis-lhe remedio para vossos desejos: pede-vos uma cadeia de oiro emprestada para seus ensalmos, quatro anéis de diamantes, meia duzia de colheres, e outros tantos gárfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco chagas: mette tudo em uma panella nova com certas hervas, que diz colheu á meia noite, vespura de S. João, e enterra-a muito bem coberta de traz do vosso lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que não lhe deis quebranto: e a um virar de pensamento, emborca tudo nas mangas do sayo, e fica vazia a oilha, ou, para melhor dizer, cheia de preceitos, que ninguem bulla nella, sob pena de se converter todo em carvões, até passarem nove dias em honra dos nove mézes; e nelles se passa para Castella, ou França, com a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por taes as tivestes, quando a poder de bençãos vos roubaram. Vedes vós isto, piedoso leitor, pois sabei de certo, que

succede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a não se deixar enganar tão parvoamente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neste reino as decimas para a defensa delle, e a todos contentou muito esta contribuição; porque não há coisa mais racional, que assegurar tudo com a decima parte dos rendimentos, que vem a ser pequena parte comparada com o todo. Dizem os ecclesiasticos neste passo, que são isentos de gabellas por diplomas pontificios, e eu não lh' o nego; mas quizera-lhes perguntar, se gostam elles de lograr os lucros que das decimas resultam, que são terem as suas fazendas seguras, e as vidas quietas das invasões dos inimigos, que os nossos soldados rebatem, alentados com as decimas? Não podem deixar de responder todos que sim. Pois se assim é, como na verdade é, lembrem-se do dictado, e do direito que diz: *Qui sentit commodum, debet sentire, et onus.* E vem a ser o que diz o nosso proverbio, que quem quizer comer depenne. Que se depenne quem gosta de viver sem penas; e estando isto tão posto em boa razão, segue-se logo a consequencia verdadeira, que devam dar seu consentimento na contribuição das decimas: e vindo elles nisto, como são obrigados pela razão sobredita: *Et scienti, et consentienti non fit injuria;* digam-me onde encalha o seu escrupulo? Encalha nos diplomas, de que fazem unhas bentas para surripiar do *commum* o que affectam para seus commodos particulares? E não se viu maior sem-razão, que quererem conservar suas queixadas sás á custa da barba longa. E se ainda persistem na sua teima ou interesse, que assim lhes chamo, e máu escrupulo, respondam-me a este argumento. Se é lícito aos reis catholicos tomarem a prata das egrejas, para as conservarem e defenderm em extrema necessidade; porque não lhes será lícito recolherem decimas dos ecclesiasticos, para os defenderem no mesmo aperto? Lícito é, não há duvida; porque esta consequencia não tem resposta: e della se colhe outra que reprende de muita cobiça e avareza o que elles querem que seja escrupulo e excommunhão: e vem a ser rapina verdadeira, e com que se levantam a maiores, fazendo unha da religião, para agararem o capital e os redititos, sem entrarem nos riscos, que sem-

pre grandes lucros trazem consigo. E vêdes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opinião de sua cobiça, e malditas na de quem melhor o intende: e para que elles intendam que sabemos tambem o respeito que se lhes deve, e que não ha diplomas que encontrem esta doutrina, direi claramente o que ensinam os theologos nesta parte, e é, que são obrigados os ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros; porque todos igualmente se servem, e aproveitam destas coisas: e ha de ser em tres circumstancias: Primeira, quando a contribuição dos leigos não basta: segunda, com exame e ordem dos prelados: terceira, sem força na execução. Mas logo se acrescenta, que os prelados são obrigados a executal-os: e isso é o que queremos na contribuição das decimas; e melhor fôra não se chegar a isso, pois em gente sagrada se devem achar maiores primores.

Não posso deixar aqui de acodir a uma queixa, que anda mal ensarinizada com recaibos de usha benta, e topa no fisco real, quando pelo santo officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscação. Poderiam alguns zelosos dizer, que se gasta tudo no tribunal que o arrecada, e que é tanto o que se confisca, que excede seus gastos; e que a dos sobejos nunca resulta nada para sua magestade, que com grande piedade remette tudo nas consciencias de tão fieis ministros. Materia é esta muito delicada com ser pezada: e por credito da inteireza que tão santo tribunal professa, convem que lhe demos satisfação adequada em capitulo particular, que será o seguinte.

CAPITULO XL.

Responde-se aos que chamam visco ao fisco.

Por fabyla tenho o que se conta do Sayvedra, que dizem meteu neste reino por enganos de breves falsos, o tribunal e fisco

da santa inquisição ; porque não ha memoria disso nos archivos do santo officio, nem na torre do tombo, onde todas as coisas memoraveis se lançam : nem ha outro testimonho mais que dizel-o o mesmo Sayvedra, por cárar com isso outros crimes, que o lançaram nas galés. O certo é que o rei catholico D. Fernando lançou de Castella os judeus na era de 1482, porque tinham juramento os reis de Hespanha, por preceito do concilio toledano, de não consentirem hereges em seus reinos. Muitos destes, ou quasi todos, deram comsigo em Portugal. Admittiu-os el-rei D. João II por tempo determinado, que se iriam deste reino, sob pena de ficarem seus escravos os que se não fossem. Muitos se faram ; e os que se deixaram ficar, correram a fortuna de escravos, e como taes eram vendidos : até que el-rei D. Manuel os tornou a notificar com as mesmas e maiores penas, que lhe despejassem todos o reino : alguns obedeceram, e os mais pediram o santo baptismo, e com isso aplacaram as penas : e ficaram tão mal instruidos, que el-rei D. João III vendo que não só professavam a lei de Moysés publicamente, mas que tambem a ensinavam até aos christãos velhos, alcançou do papa Clemente VII o tribunal do santo officio no anno de 1531, e o fez confirmar por Paulo III no anno de 1536, com breves apostolicos, na conformidade em que até hoje dura, e durará com o favor divino por todos os seculos ; porque a este santo tribunal se deve a inteireza da fé e reformação de costumes, com que este reino florece em tempos tão calamitosos, que abrazam todo o orbe christão com corrupções e heresias.

A maior pena que teem os hereges, além da de morte, é a que lhes executa o fisco, da confiscação e perda de todos seus bens : e é muita justa ; porque as heresias nascem e cevam-se com a cobiça das riquezas, com as quaes se fazem os hereges mais insolentes, e pervertem outros ; e com lh'as tirarem, ficam mais enfreados ; e só o summo pontifice pôde applicar os bens confiscados a quem lhe parecer mais conveniente, porque é causa meramente ecclesiastica. Os bens dos que forem clérigos, applicam-se por direito á egreja, os dos religiosos á sua religião, os dos leigos a seus principes, onde os taes bens existem, e não onde se

condenam. Em Hespanha e Portugal pertencem os bens dos leigos aos reis, por particular concessão; e os dos clérigos, mas que tenham benefícios, por costume geral em toda a parte, pertencem ao fisco secular. De tudo isto se colhem três conclusões certas.

Primeira conclusão: que os príncipes seculares não podem remittir aos hereges as penas do direito canonico, nem do costume ecclesiastico; nem ainda das leis que os mesmos príncipes puzeiram, se foram approvadas pela egreja, porque pela approvação ficam ecclesiasticas: segunda, que não podem os inquisidores remittir os bens confiscados sem consentimento do príncipe, porque lhos concedeu o papa ao seu fisco; mas o papa pôde, porque é senhor supremo: terceira, que depois de dada sentença, de tal maneira ficam os bens confiscados, sendo proprios do príncipe pela doação do papa, que pôde delles dispôr, e dal-os a quem quizer, mas que seja aos mesmos hereges a quem se tomaram, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, não podem, pelas tres razões que ficam tocadas, que com as riquezas se clevam e crescem as herezias, e os hereges se fazem insolentes, e pervertem outros: e tambem porque é causa ecclesiastica, e não tem direito aos bens que lhes não estão ainda sentenciados. Destas tres conclusões se colhe uma consequencia certa, que a confiscação é pena ecclesiastica, e que como tal não pôde o príncipe secular impedir a execução della sem licença do summo pontífice, que lha pôde dar como senhor supremo da lei, que tem domínio alto sobre tudo.

De tudo o dito formo agora um argumento, com que acudo á queixa que nos obrigou a fazer este capítulo. Os reis em Portugal são senhores dos bens confiscados, depois de sentenciados, de tal maneira, que os podem dar até aos mesmos hereges reconciliados: *ergo à fortiori*, poderão dar a administração e domínio dos taes bens absolutamente aos senhores inquisidores, para que os gastem como melhor lhes parecer; e que lhes tenham dado este poder, é notorio, e se prova do facto e da permissão continua sem repugnancia nem contradicção. E ainda que a massa do fisco é muito grande, não são menores os gastos da sustentação

dos penitentes, das agencias de seus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos ministros, das machinas dos cadasfalsos, e mil outras coisas, que emprezas tão grandes trazem consigo, que é facil conhecê-las, e difficultoso julgal-as; porque o menos que aqui se pondéra é o que vemos, e o mais o que se nos oculta com o eterno segredo, alma immortal do santo officio. Nem se pôde presumir que haja desperdiços, onde ha tanta exacção, e pureza de consciencia, que apuram o mais delicado de nossa santa fé: antes se pôde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que só com a confiscação dos réos se sustente ma-china tão grande, tão illustre, e tão poderosa! E dado que passe alguns annos a receita além da despeza, succedem outros, em que a despeza excede os bens confiscados: e providencia econo-mica, iguala as balanças de um anno com os contrapezios do ou-trô: e vimos a concluir que tudo o que se pôde metaphisicar de sobejos, é pequena remuneração para tão grandes merecimentos. Nem ha no mundo interesse com que se possa gratificar o que este santo tribunal obra em si, e executa em nós. O que obra em si, é uma observancia de modestia e inteireza, que assombra e confunde aos mais reformados talentos; porque o mesmo é en-trar um homém, ecclesiastico ou secular, no serviço do tribunal da santa inquisição, que vestir-se logo de uma composição de acções, palavras, e costumes, que fazemos pouco os que os vemos, quando não lhes fallamos de joelhos. O que em nós executam, bem se deixa vêr na reformação dos vicios, na extincção das heresias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal uma charneca brava de maldades, seria uma sentina de vicios, seria uma Ba-bylonia de erros, se o santo officio não vigiára as maldades, não castigára os vicios, e não extinguira os erros. É Portugal um Pro-montorio commum de todas as nações: nelle entram e saem con-tinuamente todos os hereges do mundo, sem que os vicios das nações nos damnem, sem que os erros das heresias se nos pe-guem. Não ha reino nem província na christandade, que se possa gabar de intacto nesta parte: só Portugal persevera illeso. A quem se deve tão gloriosa fortuna? Ao santo officio, que tudo atalha vedando livros, açamando seitas, castigando erros, e me-

lhorando tudo. E vendo os reis serenissimos de Portugal a importancia de tão grande serviço como a Deus e á republica fazem tão fieis ministros, não fizeram muito em lhes largarem todo o fisco á sua disposição.

E se ainda se não derem por satisfeitos os zelosos na sua queixa, oícam o que respondeu el-rei Filipe o Prudente em Madrid a outra similhante, que involia notas com titulo de excessos no uso do poder : *Dexallos, que mas estimo yo tener mis reynos quietos y catholicos cō treinta clérigos, que todos essos interes- ses y respectos.* Fallou como prudente que era ; porque interesse e respeitos temporaes, não teem comparação com lucros sobrenaturaes. Este mesmo rei passando pela praça de Valhadolid com todo seu acompanhamento e pompa real, encontrou dois inquisidores, e em os vendo, se saiu do coche, e com o chapeo na mão os levou nos braços, dizendo : *Assi es bien, que honre yo a quien tanto me honra a my, y defende mis reynos como vós !* Sabia conhecer o que nós não ignoramos : e por isso affoitamente concluo, que cada um diz da feira como lhé vae nella. Quero dizer, que só gente suspeita poderá grunbir, onde desapaixonados cantam a gala e o parabem ao santo officio, com os vivas que merece. E nós descantemos por diante os excessos de outras unhas, pois nas do fisco não achamos o visco, que só gente satyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

CAPITULO XLI.

Dos que furtam com unhas de fome.

Nas Gazetas de Picardia se escreve, que houve um moço tão inclinado a seu accrescentamento, que assentou praça de pagem com um fidalgo, que tinha fama de rico : mas ao segundo dia achou que assentara praça de galgo ; porque nem cama, nem vianda se usava naquelle casa ; e por isso o senhor della era rico ;

porque adquiria com unhas de fome o que enthesourava. Succeu um dia, que indo o novo pagem comprar uma moeda de rabinos para a cea de todos, encontrou uma grande procissão de religiosos e clérigos, que levavam a enterrar um desunto, e de traz da tumba se ia carpindo a mulher e lamentando sua desgraça, e ouviu que dizia entre lagrimas e suspiros: aonde vos levam meu mal logrado? A casa onde se não come nem bebe, nem tereis cama mais que a terra fria! Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como um raio fugindo, trancou as portas, e disse espavorido a seu amo: Senhor ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá um homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidas que a nossa casa é egreja. Bem sei, disse o moço, que esta casa não tem egreja mais que o adro, que é v. m. ao meio dia; e por isso entrei em suspeitas, se viriam cá enterrar aquelle fíando: e confirmei-me de todo, porque a gente que o traz, vem dizendo, que o levam á casa onde se não come, nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem, e que fiz bem de fechar as portas, pois assás bastam os desuntos, que cá jazemos mortos de fome, que é peior que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que coisa são unhas de fome, que poupando furtam á boca, á saude e á vida, o que lhes é devido; e assim chamamos unhas de fome a uns que tudo escondem, e que tudo guardam, sem sabermos para quando, e é certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que saia á luz o que reservam: e quando vos dão alguma coisa, é sempre o peior, e o que não presta, ou de modo que melhor fôra não vos darem nada. São estes como a rapoza de Hisopete que banqueteou a cegonha com papas estendidas sobre uma lagem, para que as não pudesse tomar com o bico. E se me perguntardes, onde está aqui o furto, que parece o não ha em guardar cada um o que é seu, e em poupar até o alheio? Respondo, que o caro é barato, e o barato é caro. Direis que tôa isto a desproposito: mas eu não vi coisa mais certa, se a entenderdes, como a intendo; e já me não haveis de intender, se me não declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia

vêmos em provimentos de náus da India, e de galeões e navios que manda el-rei nosso senhor ao Brazil, Angola, e outras partes : proveem-se de chacinas podres, bacalháu corrupto, biscotto mascavado, vinho azedo, azeite borra ; porque acham tudo isto assim mais barato na compra : e sáe-lhes mais caro no efeito, porque adoecem todos os passageiros, morre a metade, malogra-se a viagem, perde-se tudo ; porque foram providos com unhas de fome : e por pouparem o que se furtar, fizeram com que o barato custasse caro a todos.

Segundo exemplo seja do que sucede nas armadas : manda-as sua magestade prover para tres mezes com liberalidade real : encolhem os provedores as mãos para encher as unhas, e dão provimento para tres semanas : eis que na segunda semana já falta a agua, e na terceira já não ha pão. Tornam-se a recolher sem obrarem o a que iam, e por milagre chegam cá com vida. Eis-aqui que coisa são unhas de fome, que por matarem a sua poem em desesperação a alheia. Os provimentos reaes, como os de toda a casa bem governada, devem ser como os de Deus, que sempre nos dá remedios superabundantes. Não devem ir as coisas tão guisadas, nem tão cerceadas, que nada sobeje : o que sobeja no prato, é o que satisfaz mais que o que se come. Tres açoutes tem Deus, com que castiga o mundo, e o primeiro é fome : açoutar quer nossa monarchia, quem mette em suas forças fome. Nada poupa quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que não quizestes dar ao gato. Perdem-se immensos thesouros de gloria, e interesse nos commercios do mar e nas victorias da campanha, por falta do provimento liberal e conveniente. Deus nos livre da ganancia que nos occasiona tão grandes perdas.

Tambem roubam com unhas de fome, os que por forrarem de gastos, aguarentam os ordenados, privilegios e favores aos ministros e officiaes d'el-rei ou das republicas. Nos marinheiros das náus da India temos bom exemplo. Concede-lhes o regimento antigo trinta mil réis de praça, um logar na nau capaz de sua pessoa e fato, quatro fardos de canela livres e sem taxa, para que engodados com estes interesses e liberdades, abracem o trabalho

que é desmedido. Vem o regimento moderno, aguarenta-lhes tudo a título de poupar á fazenda real : e segue-se d'ahi não haver quem queira arriscar sua vida por tão pouçô, e irem forçados, e por isso negligentes em tudo. Nem ha para que buscar outra causa de se perderem tantas náus de poucos annos a esta parte. As náus no mar são como os carros, que caminham carregados por terra : se teem quem os guie, e governe com cuidado e scien-cia, escapam de atoleiros e barrancos, onde se fazem em peda-ços, se os deixam metter nelles. Como não hão de dar as náus á costa, e em baixos, se os que as guiam e governam, vão descon-tentes e ignorantes ? Vão descontentes, porque vão forçados, e vão forçados, porque não vão bem remunerados : e d'aqui vem serem ignorantes ; porque ninguem estuda, nem toma bem a arte de que não espera maior proveito : e assim nos vem a custar o barato muito caro ; porque houve unhas de fome, que fabricaram ruinas, onde armaram interesses.

Aqui me vem a curiosidade de perguntar qual é a razão, por-que nenhuma náu, nem galeão nosso, ou vá de viagem ou de armada, nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da linha, nem para as feridas de uma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada ? Uma de duas : ou é ignoran-cia, ou escaceza : ignorancia não creio que seja ; porque não ha quem não saiba que se adoece no mar, mais e mais gravemente que em terra : é logo escaceza, por não gastarem dois ou tres mil cruzados nos aprestos para a saude e vida dos passageiros e soldados, sem os quaes se perde tudo ; perde-se a gente, que é o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos seixes ; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o de-fenda das inundações do mar, e violencias dos inimigos. Muita vantagem nos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemos boticas e aprestos muitas vezes para curar doentes e se-ridos, que valem muitos mil cruzados : e nós escassamente leva-mos um barbeiro, nem um ovo para uma estopada.

CAPITULO XLII.

Dos que furtam com unhas fartas.

A rapoza, quando saltéa um galinheiro faminta, ceva-se bem nos primeiros dois pares de galinhas que mata; e como se vê farta, degola as demais, e vae-lhes lambendo o sangue por acipipe. Isto mesmo succede aos que furtam com unhas fartas, que não param nos roubos, por se verem cheios, antes então fazem maior carniceria no sangue alheio: são como as sanguexugas, que chupam até que arrebentam. Andam sempre doentes de hydropisia as unhas destes: então teem maior sede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos e repimpados á custa alheia, que não contentes, da mesma fortuna fazem razão do estado, para sustentarem faustos superfluos, engolfsando-se mais para isso nas pilhagens, para luzirem desperdiçando; porque só no que desperdiçam acham gosto e honra: charrara-lhe eu descredito e amargura de consciencia, se elles a tiveram.

Olhem para mim todos os ministros d'el-rei, que hontem andavam a pé, e hoje a cavallo: estejam-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e respondam-me a ellas, se souberem; e se não souberem, eu responderei por elles. Se os officios de vossas mercês dão de si até poderem andar em um macho, ou em uma faca, quando muito, e suas mulheres em uma cadeira; como andam vossas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a sua meza se servia muito bem com pratos, saleiro e jarro de loiça pintada de Lisboa, como se serve agora com baixelas de prata, salvas de bastiões, confeiteiras de relevo? Não me dirão de donde lhes vieram tantas colgaduras de damasco e tela, tantos bofetes guarnecidos, escriptorios marchetados, com pontas de abada em cima? Deram de fartos em sôme canina? Já que lhes não dá do que dirá a gente, não me dirão, onde acharam estes thesouros, sem irem á India; ou que arte tiveram para medrarem tanto em tão pouco tempo, para que os desculpemos ao menos com a visinhança? Já o sei, sem que me digam: houveram-se como a ra-

póza no galinheiro, em que entraram : cevaram-se não só no necessario, senão tambem no superfluo. Não se contentam com se verem fartos e cheios, como esponjas, querem engordar com ací-pipes : e por isso lançam o pé além da mão, e estendem a mão até o céu, e as unhas até o inferno, e mettem tudo a saco, quando o ensacam : e são como o fogo, que a nada diz, basta. E se querem saber a causa de suas demazias, leam com attenção o capítulo que se segue.

CAPITULO XLIII.

Dos que furtam com unhas mimosas.

Assim como ha unhas fartas, tambem as ha mimosas, que são suas filhas, e por isso peiores, por mal disciplinadas, porque para regalarem a seus donos furtam mais do necessario. Furtar o necessario quando a necessidade é extrema, dizem os theologos, que não é peccado ; porque então tudo é commum, e não ha meu, nem teu, quando se tracta da conservação das vidas, que perdem por falta do que hão mister para se sustentarem : mas furtar o superfluo para animar o corpo e regalar a alma, é caso digno de reprehensão : ainda mal que succede muitas vezes. Como agora : Ponhamos exemplos, porque exemplos declaram muito. É certo que a qualquer ministro d'el-rei basta o ordenado que tem com as gages licitas do officio para passar honestamente, conforme a seu estado. Pois se lhe basta um vestido de baeta, para que o faz de veludo ? Se lhe sobeja um gibão de tafetá, para que o faz de tele, quando el-rei o traz de olandilha ? Para que rasga ollanda, onde basta linho ? Para que come galinhas e perdizes e tem viveiro de rolas, se pôde passar com vacca e carneiro ? Para que despende em doces e conservas o que bastava para cazar muitas orphãs ; bastando passas e queijo para assentar o esto-

mago, sem lhe causar as azias que padece pelos muitos guizados que não pôde digerir? Para que são tantas mostros do reino e de Canarias, bastando uma de Caparica ou de mais perto? Por verdade affirmo que vi em casa de um nesta corte mais de quinze frasqueiras, e não era Flamengo; e outro que mandava borrisar o ar com agua de flor para alliviar a cabeça, que melhor se allivaria, não lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos são estes, e que não podem estar sem empolgar as unhas na fazenda que lhes corre pela mão, e por isso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras nô tiene, y cabritos viende donde le vienen?* Meu irmão ministro, ou official, ou quem quer que sois: se vossa casa hontem era de esgrimidor, como a vemos hoje à guiza de principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubis e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras são estas que vos vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, etc. Eu não sou bruxo, nem adevinho; mas atrevo-me sem lançar peneira affirmar que vossas unhas vos grangearam todos esses regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas com que se hão de recambiar no outro mundo; porque é certo que vós os não lavrastes, nem os roçastes, nem vos nasceram em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem vol-o deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem se segue que os furtastes; e vós sabeis o como, e eu também: e para que outros o saibam, vol-ó direi, porque estou certo o não haveis de confessar, mas que vos deem tratos.

Entregaram-vos o livro das despezas e receitas reaes, enxiristes-lhe uma folha portatil no principio, outra no meio, outra no cabo: acabou-se a lenda; levantastes as folhas com quanto nellas se continha, que eram partidas de muitos contos; e ficastes livre das contas, e encarregado nos furtos, que só no dia do juiso restituireis; porque ainda que vos vendaes em vida, não ha em vós substancia, porque a esperdiçastes; nem vontade, porque a não tendes, para vos descarregar de tão grande pezo. Por esta, e outras artes de não menor porte, que deixo, fazem seu negocio as unhas mimosas; e tudo lhes é necessario para manterem jogo a

seus appetites ; e não houvera melhor Flandres, se o bicho da consciencia as não roera. Um licenciado destes, picado do escrupulo, correu quantos mosteiros ha em Lisboa antigamente buscando um confessor que o absolvesse ; e a razão que dava para ser absoluto era, que não tinha mais que duzentos mil réis de ordenado e gages, e que havia mister mais de quinhentos mil para governar sua casa ; e que não havia de ser contente el-rei, que a sua familia perecesse. Respondiam-lhe todos (porque todos estudavam pelos mesmos livros) é verdade que não quer sua magestade que seus criados morram de fome ; mas tambem é verdade que não quer que o roubem : e se esse officio não vos abrange, moderae os gastos, ou largae-o, que não faltará quem o sirva com o que elle dá de si sem esses furtos : sois obrigado a restituir quanto tendes furtado : aqui perdia a paciencia o supplicante, allegando que era muito o que estava comido e bebido, e que não havia posses para tanto : mal mudarei de estylo, dizia elle, até agora tomava a el-rei diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras ; d'aqui por diante accrescentarei tudo, e sairá das partes cabedal com que satisfaça, já que não ha outro remedio : e como as partes são muitas, e de mim desconhecidas, tomarei a bulla da composição d'aqui a cem annos, e ficará tudo concerto. Mas não faltou quem o advertisse, que não vale a tal bulla a quem furtá com os olhos nella ; e que melhor remediaria tudo aguarentando os mimos e regalos em que dissipava tudo.

CAPITULO XLIV.

Dos que furtam com unhas desnecessarias.

Escusadas são no mundo quantas unhas ha que o arranham com ladroices, e por isso bem desnecessarias todas. Mas este capitulo não as comprehende todas ; porque só tracta das superfluidades que destroem as republicas, peior que ladrões as bolsas

a que dão caça. E bem puderamos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invenções, e costumes de vestidos, que se vão introduzindo cada dia de novo, esponjas do nosso dinheiro, que o chupam e levam para as nações estranhas, que como a bugios nos enganam com as suas invenções: cada dia nos veem com novas cores, e tecedoras de lã e seda, que na sua terra custam pouco mais de nada, e cá nol-as vendem a pezo de oiro: e como o que vem de longe, sempre nos parece melhor, e o que nos nasce em casa não agrada; desprezamos os nossos pannos e sedas, que sempre se fizeram no reino com melhoria. Insania marcada e política errada foi sempre antepôr o alheio ao proprio com dispêndio da commodidade. Haverá quarenta annos que Castella lançou uma pragmatica com graves penas, que ninguem vestisse seda se não fosse fidalgo de bastante renda: e attentava nisto, ao que hoje se não attenta, que não gastassem superfluamente os vassallos, furtando á boca e aos filhos, e á republica, o que punham em luzimentos desnecessarios. Queixam-se hoje, que não tem para pagar as decimas com que el-rei lhes defende as vidas; e nós vemos que lhes sobeja para gastarem no que lhes não é necessário para a vida. Apodam este tempo com o antigo: chamam ao passado idade de oiro, e ao presente seculo de ferro: e nós sabemos, que quem então tinha um anel de oiro com um par de colheres e garfos de prata, achava que possuia muito. Então mandava el-rei D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da rainha á cidade de Miranda quando se murava, dizendo: não parem as obras por falta de dinheiro, empenhem-se essas arrecadas, que custaram cinco mil réis, ou vendam-se, e vão os murros por diante, que logo irá mais socorro. Estes eram os thesouros antigos! E hoje não ha mecanico que não tenha cadêas de oiro, transelins de pedraria, e baixellas de prata. Não tornou o tempo para traz; mas a cobiça é a que vae adiante pondo em coisas superfluas e particulares o que houvera de empregar no augmento do bem commun e defensa da patria.

Esta é a opinião de muitos politicos estadistas, que não sabem adquirir augmentos para o commun sem mingugas dos particulares. A minha opinião é que todos luzam, porque a oppulencia dos

trajes ennobrece as nações, e causa veneração nos estrangeiros, e terror nos adversarios : pelos trajes se regula a nobreza de cada um, e naturalmente desprezamos o mal vestido, e guardamos respeito ao bem ataviado : e quasi que isto é sé : pelo menos assim o diz Santiago na sua Canonica, ainda que reprehende aos que desprezam os pobres ; porque ás vezes : *Sub sordido pallio latet sapientia.* O luximento com moderação é digno de louvor ; o superfluo com prodigalidade é o que taxamos. Dou-lhe que não valha nada esta invectiva : façamos outra, que por ventura valerá menos na opinião dos poderosos, que ella ha de ferir de meio a meio. É certo que se gasta neste reino todos os annos das rendas reaes quasi um milhão, ou o que se acha na verdade, em salarios de officiaes e ministros que assistem ao governo da justiça e meneio das coisas pertencentes á cõrda : e é mais que certo, que com a ametade dos taes ministros, e pôde bem ser que com a terça parte delles, se daria melhor expediente a tudo ; porque nem sempre muitos alentam mais a empreza, e se ella se pôde effectuar com poucos, a multidão só serve de enleio. Se basta um provedor em cada província, para que são cinco ou seis ? Se basta um corregedor para vinte legoas de distrito, para que são tantos quantos vemos ? Tantos escrivães, meirinhos e alcaldes, em cada cidade, em cada villa e aldêa, de que servem, se basta um para escrevinhar e meirinhar este mundo e mais o outro ? Este alvitre se deu ao rei de Castella não ha muitos annos, e não pegou, pôde bem ser que por ser bom para nós. Se esmarmos bem as rendas reaes das provincias, e as discutirmos, acharemos que lá ficam todas pelas unhas destes gafarros despendidas em salarios e pitanças. Entremos nas sete casas desta cõrte, mas que seja na alfandega e casa da India, acharemos tantos officiaes e ministros, que não ha quem se possa revolver com elles ; e todos teem ordenados, e todos são tão necessarios, que menos pôde ser fizessem melhor tudo. A um mister de Lisboa ouvi dizer, que bastavam na camara tres vereadores, e que tinha sete ; e que sóra melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras ; e accrescentava : para que são na meza do paço oito ou dez desembargadores, se bastam quatro ou cinco ? Na casa de supplicação, para que

são vinte ou trinta, bastando' meia duzia ? E em todos esses tribunaes para que são tantos conselheiros, que se estorvam uns aos outros ? Engordam particulares com salarios, e emmagrecem as rendas reaes no commun, e não ha por isso melhores expedientes : muita coisa phantastica se sustenta mais por uso que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse Apelles ao sapateiro que lhe emendava o vestido e roupagem de um retrato : *Nesutor ultra crepidam.* Quem te mette, João Topete, com bicos de canivete ? Que muitas vezes nos mettemos a emendar o que não intendemos. E em tribunaes maiores, que constam de ancianidade, tem muitas licenças e privilegios a velhice, que ha mister ajudada e alentada, e por isso se permittem mais ministros, e maiores ajudas de custo. Deus nos livre de ministros que antes de lhes chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem e sem trabalharem.

As guerras de Flandres estiveram muitos annos de quedo sustentando exercitos grossissimos com immensos gastos, e soldados de cabos, que os comiam com uma mão sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque d'allí viviam. Das galés que o estreito de Gibraltar nunca viu, e das de Portugal, que não existem, se estão vencendo praças, que pagam as rendas ecclesiasticas ; e ninguem repara nisto, porque se repararam com esses lucros os que houveram de zelar estas perdas. Chegaram os motins de Flandres um dia a estado que se haviam de concluir com uma batalha, em que metteram os levantados o resto. Entraram em conselhos os castelhanos, e saiu por voto de todos que pelejassem, porque estavam de melhor e maior partido. Advertiu-os o presidente, que ficavam todos sem rendas, e sem remedio de vida, se as guerras se acabavam : e retractaram-se todos, mandando dizer aos adversarios, que guardassem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deus não succeda isto mesmo cada dia entre nós nas occasiões que se oferecem oportunas, para concluirmos com guerras : porque uma boa lança o cão do moinho, e quando vem a occasião, deixam-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha que os sustenta.

CAPITULO XLV.

Dos que furtam com unhas domesticas.

João Eusebio, escriptor insigne, e auctor eruditissimo da companhia de Jesus, refere na sua philosophia natural, que ha no mundo novo umas plantas que poderam ser como cá melões, cujos fructos são viventes, e imitam a especie de borregos ou cabritos: estes em quanto verdes estão amortecidos, e vão crescendo com o suco da planta: como amadurecem, levantam-se vivos, e comem a herba circumvisinha, até que se despedem da vide em que nasceram; e se os não vigiam, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanham, e tudo é pouco para a fome com que sáem da prizão materna, e vem a ser o que diz o proverbio: *Criae o corvo, e tirar-vos-ha o olho.* Taes são as unhas domesticas, que não contentes com o que lhes daes, e basta, querem dominar tudo quanto encontram na casa em que as admittistes, e tudo é pouco para sua cobiça e voracidade. Criados e escravos a seus senhores, filhos a seus paes, e mulheres a seus maridos, e tambem aos que o não são, não ha duvida que furtam muito, e por mil maneiras, e que são estas verdadeiramente unhas domesticas, porque de portas a dentro vivem e fazem suas pilhagens muito a seu salvo; os criados subindo o preço no que seus amos lhes mandam comprar; os filhos desfructando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus paes; e as mulheres escorchando os escriptorios com chaves falsas. Déra eu de conselho aos amos, paes, e maridos, que sejam mais liberaes, para que de sua escaceza não resultem perdas maiores que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas não são estas as unhas domesticas que a mim me cançam; porque o que estas pescam, pela maior parte na mesma casa fica, e em coisas usuaes se gasta. As que me tocam no vivo, declararei com uma resposta que dei a um velho astuto que me fez esta pergunta.

Folgára saber, dizia o bom velho, mais sagaz que zeloso, que coisa é um rei dando audiencia publica? Devia de querer que

lhe respondesse, que era um pae da patria que se expunha a todos para os amparar e remediar como a filhos ; e fazer-me desta resposta alguma invectiva para seu interesse : mas eu furtai-lhe a agoa ao intento, e respondi-lhe : Um rei dando audiencia a seus vassallos debaixo do seu docel é o martyr S. Vicente, nosso padroeiro, posto no eculeo, cercado de algozes, que o estão desfazendo com pentens de ferro, e unha de aço ; porque todas quantas petições lhe apresentam, são garavatos e ganchos, que armam a lhe derriçar a substancia da corda : e é coisa certa, que nenhum lhe vae levar coisa de seu proveito, e que todos lhe vão pedir o que hão mister, allegando serviços como criados, e merecimentos como filhos ; e que el-rei é pelicano, que com o sangue do peito os ha de manter a todos : sem attentarem, que padece o rei e o reino maiores necessidades que elles, e que se deve acudir primeiro ao commun, que ao particular. E atrevo-me a chamar a estas pretenções furtos domesticos neste tempo em que devêramos vender as capas para comprar espadas, como disse Christo a seus discípulos, e não despir ao reino até a camiza. O nosso reino é pequeno, e assim tem poucas datus : e é muito fértil de sujeitos e talentos ; e por isso não ha nelle para todos : mas tem as conquistas do mundo todo, donde os manda ser senhores do melhor dellas, para que venham ricos de merecimentos e gloria, com que comprem as honras e melhores postos da patria : e pretendel-os por outra via será furto doméstico, notorio e digno de castigo.

Senhores pretendentes : levem d'aqui este desengano — que o rei que Deus nos deu, é de cera, e é de ferro : é de cera para nós, e é de ferro para si, e para nossos inimigos : é de cera para nós pela brandura e clemencia com que nos tracta ; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má resposta, nem nos seus olhos má semblante : exerceita naturalmente o conselho que Trajano guardou por arte, com que se conservou e fez o melhor imperador — que nunca nenhum vassallo se apartou delle desconsolado, nem descontente. É de ferro para si ; bem vemos como se tracta. E tambem o é para nossos inimigos com valor mais invencivel que o aço ; e para sustentar o impeto adversario necessita que o

ajudemos com nossas forças; e será muito estolido, quem neste tempo tractar de lhe diminuir as suas. O dinheiro é o nervo da guerra, e onde este falta arrisca-se a victoria, e o prol do bem commun, de que é bem se trate primeiro que do particular, que totalmente se perde, quando se não assegura o commun: e para que a nós, e a nada se não falte, é bem que nós não faltemos da nossa parte, contentando-nos com o que o tempo dá de si, e com a esperança certa da prosperidade, que é infallivel depois da fortuna aspera, beatificando com excesso, o que malogra na adversidade.

E para todos os reis me seja licito pôr aqui tambem uma advertencia — que não sejam tanto de cera, que se deixem imprimir; não tanto de ferro, que não se possam dobrar: não se deixem imprimir de conselhos peregrinos: não se deixem dobrar a exacções rigorosas; porque estas recompensam-se com furtos domesticos, lima surda dos bens da coroa; e aquelles teem por alvo lucros particulares com detrimientos communs. O dictame e acordo de um rei val mais que mil alheios: não reprovo conselhos, anteponho o do rei a todos, porque é menos arriscado a erros: esta resolução para mim é evidente, não só pela experienzia, mas tambem pela certeza que nos assegura o commun dos santos e theologos — que os reis teem dois anjos da guarda, um que os guarda, outro que os ensina; e por isso são mais illustrados que todos seus conselheiros. D'onde quando as opiniões se baralham, o mais seguro é seguir o discurso do rei, se não fôr intimado por outrem que rei não seja. E assim pedirão os reis o que lhes é necessario, e não tomarão o que lhes é superfluo: darão a seus vassallos o que merecem, e não o que lhes não é devido; e em nenhum haverá occasião de se recompensar com furtos domesticos.

CAPITULO XLVI.***Dos que furtam com unhas mentirosas.***

Pessoas ha que teem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamam mentiras : mas não são estas as unhas mentirosas, que mais teem de pretas, que de candidas ; e furtam de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testimunhas sejam os que com certidões falsas pedem mercês a sua magestade, allegando serviços que nunca fizeram, e dando testimunhas que tal não viram : e porque ha nisto muitos enganos, não me espanto da exacção com que similhantes papeis se examinam, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha que levam as mercês com serviços equivocos ; que teem dois rostos, como Jano, com um olho para Portugal, com outro para Castella. Jogam com páu de dois bicos : contemporizam com el-rei D. João, e fazem obras que lhes podem servir de desculpa com el-rei D. Filipe : cá teem um pé, e lá outro ; cá o corpo, e lá o coração. E por vida d'el-rei meu senhor, que se fóra possível ao doutor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente em quantos escriptorios e algibeiras ha nestes reinos, que houvera de achar em mais de quatro, cartazes castelhanos que promettem titulos e commendas, a quem der ordem com que se baralhem as coisas ; isto é, que sáiam as náus tarde, que não haja galés, que se malogrem armadas e frotas, que se desfaça a holça, que não se façam cavallos, nem infantes, que não se paguem estes, nem dêem cevada a aquelles, que não se criem potros, que não se peleje nas occasiões de urgencia, que não se fortifiquem as praças, que se alterem as decimas, que se gaste o dinheiro em coisas superfluas e phantasticas ; e, em conclusão, que não se paguem serviços. E quando praticam ou votam estas coisas, o fazem com taes tintas e destrezas, que fazem crer sesta por balhesta aos mais accordados. E tudo lhes perdoára, porque no cabo não me enganam, se no fim não quizeram que lhes paguemos com benefícios claros os malefícios escuros que com seus embustes nos causam.

Outros ha, que, com serem muitos leaes, furtam a trecho com unhas mentirosas, porque á força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercé, o que puderamos reprehender de grande calaçaria: sem sairem da corte, nem de suas casas e quintas, empolgam nos premios de campanha, levam ás barretadas o que se designou para as lançadas, e não se correm de tornarem com mãos lavadas o que só parece bem em mãos que se ensoparam no sangue inimigo: cheios como colmeas, ao perto, se estão rindo dos que por servirem longe estão vazios. Falta a estes senhores a generosidade que sobejou ao serenissimo duque D. Theodosio, dignissimo progenitor de nosso invictissimo rei D. João o IV de gloria memoria, o qual convidado por el-rei Filipe III de Castella, quando veio a Portugal na era de 620, que lhe pedisse mercês, respondeu palavras dignas de cedro e de laminas de oiro: « Vossos e nossos avós encheram nossa casa de tantas mercês, que não me deixaram logar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercês, e ricos só de merecimentos, em quem vossa magestade pôde empregar sua real magnificencia. » Este grande heroe, apurando assim verdades notórias, ensinou harpias domesticas, que acabem já de ser sanguexugas de oiro, esponjas de honra, cameleões fingidos, e Proteus falsos.

Outros ha, que, seguindo outra marcha, empolgam effectivamente com mentiras em grandes montes de dinheiro, que usurparam a seu rei e á sua patria: por taes tenho os que vencem praças mortas sem alcijões nem merecimentos: os que fingem praças phantasticas, que teem na lista, e nunca existiram no terço: os que embolçam os salarios de soldados e officiaes desfuntos e ausentes: na ilha da Madeira vi dois meninos, que nos braços venciam praças de capitães: os que dizem que trazem nas fabricas dos galeões e das fortificações duzentos obreiros, trazendo só cento e cincuenta. Os que vão para a India, a quem el-rei paga tres ou quatro criados, para que ostentem auctoridade em seu serviço, e vão sem elles, servindo-se dos marinheiros e soldados; e assim comem os ordenados dos criados, que não levam: os que introduzem officios com ordenados sem ordem d'el-rei, e fintam os

subditos com qualquer achaque, para coisas que não se obram. Todos estes, e muitos outros, que não relato, são milhares de unhas mentirosas. Mas os maiores de todos, a meu ver, são os que tractam ém escravos.

Este ponto de escravaria é o mais arriscado que ha em todas nossas conquistas : e para que todos o intendam, havemos de pre-suppôr, que o natural dos homens é que, todos sejam livres, e só podem ser escravos por dois principios : Primeiro, de delicto : segundo, de nascimento. Por delicto são verdadeiros escravos nossos os moiros que captivamos ; porque elles contra justiça fazem seus escravos os christãos que tomam. E os negros teem entre si leis justas com que se governam, por virtude das quaes commutam em captiveiro o castigo dos crimes que mereciam morte ; e tambem os que tomam em suas guerras, aos quaes podem tirar a vida. Por nascimento só podem ser captivos descendentes de escravas, mas não de escravos, pela regra : *Partus sequitur ventrem*. Posta esta doutrina, que é verdadeira, vão portuguezes a Guiné, Angola, Cafraria e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto. E para estas emprezas teem homens ladinhas, que chamam *pombeiros*, e os negros lhes chamam *tangomaos* ; estes levam trapos, ferramentas, e bugiarias, que dão por elles, e os trazem nus e amarrados, sem mais prova de seu captiveiro, que à de lh'os vender e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente : e succede muitas vezes fugir um negro da corrente aos portuguezes, ir-se aos mattos, e apanhá-lo mesmo que o vendeu, e leval-o a outros mercadores, que lh'o compram a titulo de escravo seu por nascimento. Outros os teem em carceres, como em açougues, para os irem comendo : e estes para se livrarem da morte injusta, rogam aos portuguezes quando lá chegam, que os comprém, e que querem ser seus escravos antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que é senhor de sua liberdade, comtudo tem sua raiz na violencia, que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem escravos com melhor consciencia, se vestiram em habitos de padres da companhia, dos quaes não fogem os negros pela experientia que

teem de sua muita caridade, e enganando-os assim com capa de doutrina, e pretexto de religião, os trazem e mettem na rede do captiveiro. E, em conclusão, todo o trato compra de negros é matéria escrupulosa por mil enganos de que usam, assim os que lá os vendem, como os que os compram.

Que direi dos chins e japões? Ha lei entre nós que não os captivemos; e comtudo vemos em Portugal muitos chins e japões escravos. Tambem para os Brazis ha a mesma lei, e sabemos que não se repara em os captivar. E não sei que diga a estes capti-veiros tolerados sem exame! Direi o que ouvi prégar muitas vezes a varões doutos, e de grande virtude e experiencia — que a razão porque Portugal esteve captivo sessenta annos em poder de Castella injustamente, padecendo extorções e tyrannias, peiores que as que se usam com escravos, foi porque injustamente portuguezes captivavam nações innocentes. Justo juiso de Deus, que sejam saqueados com unhas mentirosas, os que com as mesmas roubam tanto!

CAPITULO XLVII.

Dos que furtam com unhas verdadeiras.

Se elles são unhas, verdadeiras unhas devem ser; e assim não haverá unha que não seja unha verdadeira, e todas pertencerão a este capitulo. Nego-vos essa consequencia, porque uma coisa é ser verdadeira unha, e outra coisa é ser unha verdadeira. Verda-deira unha é qualquer unha; mas unha verdadeira é só a que tracta verdade, e destas só tracta este capitulo; e parece muito que haja unhas que fallando verdade furtam, porque onde ha furto ha engano, que a verdade não permite: mas essa é a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana e estafa. Vem um pretendente á corte com dois ou tres negocios de summa importancia, porque quer lhe dêem uma commenda por ser-

viços de seus avós ; e pelos de seu pae quer lhe dêem uma tença grossa para sua mãe, que está viuva ; e quer por contrapezo sobre tudo isto, que lhe dê sua magestade para duas irmãs dois logares em um mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias por onde ha requerer ; informa-se das valias dos ministros, corre-os todos com memoriaes. Um lhe diz, que traz sua mercê requerimentos para tres annos : e falla verdade ; mas que forrará tempo, se souber contentar os ministros : e falla verdade. Outro lhe diz, que se não vem armado de paciencia, e provido de dinheiro para gastar, que se pôde tornar por onde veio porque nada ha de effectuar : e falla verdade ; mas que elle sabe um cano occulto por onde se alcançam as coisas : e falla verdade : e se v. m. me peitar, logo lhe abrirei caminho, por onde navegue vento em popa : e falla verdade. Outro lhe diz : senhor, isto de memoriaes é tempo perdido, porque ninguem os vê : e falla verdade : trachte v. m. de coisas que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio ; porque os sinos de Santo Antão por dar dão ; e assim o diz o evangelho : *Date, et dabitur vobis* : e falla verdade. A mulher de fulano pôde muito com seu marido, e este com tal ministro, e este com tal prelado, e este com fulano, e fulano com sicrano, que tem grandes entradas e saídas : e assim tece uma cadeia, que nem com vintem de oiro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E passa assim na verdade, que bate todas essas moitas, de casa em casa, sem lhe bastar quanto dinheiro se bate na casa da moeda. Contarei um caso que me veio ás mãos ha poucos dias, e apoia tudo isto bellamente. Veio um pretendente da Beira requerer um officio, se não era beneficio ; trouxe duzentos mil réis, que julgou lhe bastava para seus gastos : despendeu-os em peitas, errou as poldras a todos como bisonho, e achou-se em branco, e sem branca na bolça ; mas rico de notícias para armar melhor os páus em outra occasião. Para achar esta com bom sucesso, tornou á patria, fallou com duas irmãs que tinha, desta maneira : irmãs, e senhoras minhas, haveris de saber que venho da corte tão cortado, que lá me fica tudo, e só esperanças trago de alcançar alguma coisa : se vós quizerdes que vendamos o meu patrimonio, e as vossas legitimas, e que façamos

de tudo até mil cruzados, tenho por certo hão de obrar mais que os duzentos mil réis, que se me foram por entre os dedos. Aqui não ha senão fechar os olhos, e lançar o resto, e morrer com capuz, ou jantar com charamelas. Vieram as irmãs em tudo : deu comsigo em Lisboa com os mil cruzados á destra, e lançou-os em um cano de agoa clara, que lhe tirou a limpo sua pretenção, com este presupposto : se v. m. me alcançar um officio ou beneficio, que renda duzentos mil réis, dar-lhe-hei trezentos para umas meias, sem que haja outra coisa de permeio. Ajustaram suas promessas, de parte a parte, com as cautelas costumadas de assignados de dividas e emprestimos : tudo foi uma pura verdade, e todos ficaram ricos empregando unhas verdadeiras ; um nas datas d'el-rei, e outro nas do pretendente, que foi brindar o jantar de suas irmãs com charamelas.

Nos advogados e julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras ; porque não se pôde presumir que minta gente douts, e que professa justiça e razão. O que me admira é que tomem dois advogados uma demanda entre mãos, e entre dentes ; uma para a defender, e outro para a impugnar ; este pelo auctor, e aquelle pelo réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que teem justiça. Como pôde ser, se se contractariam, e um diz que sim, e outro que não ? Necessariamente um delles ha de mentir, porque a verdade consiste em indivisivel, como diz o philosopho. Com tudo isso ambos fallam verdade ; porque cada um diz á sua parte que tem justiça, isto é, que terá sentença por si, se quizerem os julgadores : e falla verdade. Dada a sentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-se que lhe roubaram a justiça : melhor dissera que lhe roubaram as peitas, pois de nada lhe serviram. Respondem os juizes, que derem a sentença assim como a julgaram : e fallam verdade. Diz o advogado da parte vencida, que não andou diligente de pés nem de mãos o requerente : e falla verdade. E todos fallando verdade se encheram de alviçaras, donativos, e esportulas : e estas são as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras que todas, e são as dos que agradeciam, e defendem causas reaes. Deve el-rei quinze mil cruzados

á uma parte por uma via, e deve por outra a mesma parte cinco mil a sua magestade : citam-se e demandam-se por seus procuradores em juiso competente ; e sáe logo sentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a sua magestade. Replica, que se paguem os cinco mil dos quinze que lhe deve a corôa, e que lhe déem os dez que restam, ou, pelo menos, a metade. Tornam a sentenciar, que pague os cinco, como está mandado, e que demande de novo a corôa pelos quinze, que diz lhe deve, e senão, que o executem até lhe venderem a camiza, se não tiver por onde pague ; e que el-rei ha mister o que se lhe deve : e assim é na verdade. E tambem é verdade, que quebra a corda pelo mais fraco. E segue-se deste lanço, e de outros similhantes, que não contó, abrirem-se uma e mil portas francas, por onde entram unhas verdadeiras na fazenda real, recompensando-se para remirem sua vexação. E quando não encontram cabedal da corôa, em que se empreguem, descarregam-se no fôro da consciencia com outros acredores, a quem devem ; e dizem-se uns aos outros : senhor, vós deveis a el-rei quinze mil cruzados, de que elle não sabe parte, e por isso nunca vos ha de demandar por delles : el-rei deve-me a mim outros quinze, como muito bem sabeis : eu devo-vos a vós outros tantos : tomarei por paga os que me deve sua magestade, e assim ficareis desobrigado á lhe restituir o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E assim passa na verdade, de que sucede isto cada dia com grandissimo detimento da fazenda real, onde seus ministros negando saídas para pagar, abrem entradas a estas unhas para a destruir.

CAPITULO XLVIII.

Dos que furtam com unhas vagarosas.

A maxima desta arte é, que todo o ladrão seja diligente e apressado, para que o não apanhem com o furto na mão. Com

tudo isso, ha unhas que em serem vagarosas teem a maxima de seu proveito : são como o fogo lento, que por isso menos se sente, e melhor se ateia. Qual é a razão porque arribam náus da India tantas vezes ? Porque partem tarde. E qual é a razão porque partem tarde ? Porque as aviam de vagar ? Porque em quanto se prestam, teem unhas vagarosas em que empolgar. Mas deixando o mar, onde posso temer alguma tempestade, saltemos em terra, e seja á vélia, e com vigia, porque também acharemos pégos sem fundo nesta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque não são bons de vadear. Deus me guie, e me defenda.

Que coisas são as demoras de um ministro que não despacha ? São despertadores continuos, de que lhe deis alguma coisa, e logo vos despachará. E porque o tal é pessoa grave, e que se peja de aceitar á escancara donativos, remette-vos ao seu oficial, quando aperteis muito com elle ; e o oficial traz-vos arrastado um mez, e dois mezes, e ás vezes seis com escusa ordinaria, que não acha os papeis, porque são muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encommendeis a Santo Antonio : e a verdade é que os tem na algibeira, e de reserva, esperando que acabeis já de lhe dar alguma coisa. Alumiou-vos Santo Antonio com a candeinha que lhe offerecesteis ; daes um diamante de vinte e quatro quilates ao sobredito, e dá-vos logo os papeis pespontados de vinte e quatro alfinetes, como vós quereis : e o menos que vos roubou com seus vagares foi o diamante ; porque sendo obrigado a despachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gastos excessivos fóra de vossa casa, onde também perdestes muito com tão dilatada ausencia. Em Italia ha costume e lei que sustente a justiça os prezos, em quanto estiverem na cadéa : e é bom remedio para que lhes apressem as causas. Em Portugal ainda a justiça não abriu os olhos nisto : prendem milhares de homens por dá cá aquella palha ; se acertam de ser miseraveis, como ordinariamente são quasi todos, na prizão perecem sem cama e sem mantimento, porque a Misericordia não abrange a tantas obrigações da justiça, que as podem temperar todas só com lhe apressar as causas. Se houvera lei

que pagassem os ministros as demoras culpaveis, pôde ser que elles e os seus officiaes andassem mais diligentes.

Ministros ha incorruptos, e que fazem sua obrigaçao nesta parte, e até nestes fazem seu officio unhas vagarosas. Explico este ponto com um caso notavel. Importava a uma parte, que se deivesse o seu feito um anno nas mãos de Rodamanto, em cuja casa nunca nenhum feito dormiu duas noites : armou-lhe por conselho de um rabula esperto com outro feito, que comprou na conseitaria, muitogrande—pezava mais de uma arroba—e atou sobre elle o seu, que era pequeno, e deu com elles, como se fôra um só, em casa do julgador, o qual em vendo a machina esmoreceu, e mandou-a pôr de reserva para as ferias, com um letreiro em cima, que assim o declarava. A outra parte requeria fortemente, que não tinha o feito que vêr, e que em um quarto de hora o podia despachar : agastava-se o desembargador com tanta importunaçao, e ameaçava o requerente, que o mandaria metter no Limoeiro, se mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia mister mais de um mez de estudo, e que por isso o tinha guardado para as ferias : chegaram estas d'ahi a um anno, viu o feito, descobriu-se a maranha do parto supposto, e alcançou o grande mal que tinha feito á parte com as detenções que pudera evitar, se desatára o envoltorio. O que neste passo estranho o mais que tudo, é sofrerem-se neste reino letrados procuradores, os quaes se gabam, que farão dilatar uma demanda vinte annos, se lhes pagarem. O premio que taes letras mereciam, era o de duas letras : L e F, impressas nas costas, e não lhe esperarem mais, para o que ellas significam.

De Campo-Maior veio um fidalgo requerer serviços a esta côrte ; aconselhou-se com um religioso letrado sobre o modo que havia de seguir, e communicou-lhe tudo. Perguntou-lhe o servo de Deus, que cabedal trazia para os gastos ? Respondeu, que um cavallo, e dois homens de serviço, e oitenta mil réis, que fez de um olival que vendeu. Traz v. m. provimento para oitenta dias, quando muito, lhe disse o religioso, visto trazer tantas bocas com-sigo : e só para entabolar suas pretenções ha mister mais de trezentos dias : e se o não sabe, dir-lh'o-hei : ha v. m. de fazer uma

petição, que ha de gastar mais de oito dias, aconselhando-se com letrados: segue-se logo esperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e nisto ha de gastar outros oito, se não forem quinze. Sua magestade no mesmo dia em que lhe dão as petições, logo lhes manda dar expediente; mas não saem na lista senão d'alli a seis ou sete dias, que v. m. ha de gastar espreitando na sala dos tudescos, para vér aonde o remettem. Acha que ao conselho da fazenda. Corre logo os secretarios, e seus officiaes, gasta dez ou doze dias, perguntando-lhes pelos seus papeis; até que aparecem onde menos o cuidava. Busca valias para os conselheiros, e gasta outros tantos em alcançar as entradas com elles; e no cabo d'ahi lhe por despacho, que requeira no conselho de guerra; e é o mesmo que gastar outra quarentena, até haver o primeiro despacho; que é: *Justifique*: e em justificar suas certidões gasta muitos dias, e não poucos reaes. Torna o justificado, e tornam a rebatê-lo com vista ao procurador da corôa, ou da fazenda, que ordinariamente responde contra os pretendentes, porque esse é o seu officio: e com este despacho, máu ou bom, tornam os papeis á meza d'ahi a muitos dias: e gastam-se logo mais que muitos na fabrica da consulta, porque se passam ás vezes semanas, sem haver conselho de guerra. Feita a consulta, a *Dios que te la depare buena*, sóbe a sua magestade, ou, para melhor dizer, a outros secretarios, os quaes a deteem lá quanto tempo querem, e o ordinario é dois e tres mezes; e se passa de seis, é necessario reformar outra vez tudo; e é o mesmo que tornar a começar do principio: e isto succede sem culpa muitas vezes; porque estão lá outros papeis diante, que por irem primeiro, teem direito para o tempo, e por serem muitos, o gastam todo. Desceu por fim de contas a consulta despachada, com parte do que v. m. pedia, ou com tudo: é vista no conselho de guerra com os vagares costumados, e d'ahi a tempos remettem a execução della á meza da fazenda, onde se movem novas duvidas; e a bom livrar, quando o alvará sae feito d'ahi a um mez, para ir assignar por sua magestade, negoceou v. m. muito bem. Torna assignado d'ahi a dois mezes, lança-se nos registros, e delles vae correr as sete estações de chancellarias, mercês, direitos novos e velhos, ou meias natas, etc. E tendo

dito a vossa mercê o que ha, ou ha de passar, ainda lhe não disse tudo : mas se o quizer saber mais de raiz, falle com pessoas que ha nesta côrte, de tres, de cinco, e de oito annos de requerimentos, e ellas lhe dirão o como isto pica. A resposta que o fidalgo deu ao religioso, foi, que se ficasse embora, que se tornava para Campo Maior.

Alguns requerentes ha tão pouco considerados, que attribuem estes vagares á pessoa do rei, como se os reis tiveram corpo reproduzido e de bronze, que pudesse assistir a todos os negocios, em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes religiosos teem seu dia de sueto cada semana, e suas horas de descanso entre dia, para que se não rompa o arco, se estiver sempre entezado com a corda do rigor : e d'el-rei nosso senhor sabemos, que não dorme entre dia, nem joga, nem gasta o tempo em coisas superfluas ; e se algum entretenimento tem, é muito lícito, e só lhe dá as horas que furtá do descanso que lhe era devido ; e o mais todo o gasta no expediente das guerras, e em compor as tormentas de negocios innumeráveis, sem admittir regalos, nem ostentações de festas, que o divirtam. Cada um quer que se lhe assista ao seu negocio, como se outro não houvera ; e d'aqui nascem as queixas que por isso são muito desarrazoadas. Da villa de Goes veio a esta côrte certo homem de bem com uma appellação em caso crime : e no primeiro dia em que lhe deu principio, passando pelo terreiro do paço, viu uma mó de homens ; chegou-se a elles, e perguntou-lhes, se estavam fallando sobre o seu pleito ? Responderam-lhe, que o não conheciam, nem sabiam que pleito era o seu. Pois em Goes (acudiu elle) não se falla em outra coisa. Assim passa, que cada um cuida que só delle, e no seu negocio se deve fallar. Senhores requerentes, levem d'aqui averiguado este ponto, para saberem de quem se hão de queixar : que os negocios são muitos, e que na mão de sua magestade não fazem detença : vejam lá onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, se querem que ande ; e com isso serão apressadas unhas vagarosas, e ainda com isso duvido se serão diligentes ; porque pôde acontecer, o que Deus não queira, ou não permitta, que haja secretario, ou official, ou conselheiro, que não despache cada dia

mais que sete ou oito papeis, accrescentando-lhe cada dia quinze ou vinte de novo. E se isto assim for, já não me espanto dos montes de papeladas que vejo por essas officinas, nem das queixas que oço por essas ruas. Trabalhem os officiaes e ministros, que bons ordenados comem, e não dêem com o seu descanço trabalho a tanta gente. De um me contaram, que tendo seiscentos mil réis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para officiaes, nunca teve mais que um, a quem dava cincoenta mil réis, e mamava os cento e cincoenta para si, e por isso não se dava expediente a nada.

CAPITULO XLIX.

Dos que furtam com unhas apressadas.

Para intelligencia deste capitulo contarei a historia que aconteceu a um fidalgo portuguez com certa dama do paço na corte de Madrid. Foi elle, como iam todos, requerer seus despachos, e levou para elles e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou um anno requerendo sem effeituar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vae, lá irá quanto Martha fiou, e ficarei sem o que espero e sem o que tenho. Bom remedio, busquemos unhas apressadas, já que não me ajudam unhas vagorosas. Informou-se que dama havia no paço mais bem vista das magestades; e como as de Castella são de poucas ceremonias, facilmente fallou com-ella, e disse-lhe claramente, que tinha tres mil cruzados de seu, e que daria dois a sua senhoria, se lhe fizesse despachar logo uma commenda por grandes serviços que offerecia. *Dé acá sus papeles, señor mío*, lhe disse a dama, *y buelvase a ver commigo d'aqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra quando estoy triste.* Contou as horas o bom fidalgo até o termo peremptorio, e voltou pontualmente

com os dois mil em dobrões, e achou a dama com o despacho nas mãos, sem lhe faltar uma cifra ; e pondo-lhe nellas o promettido recebeu o que não houvera de alcançar por outra via. E estas são as unhas apressadas de que fallo, e destas ha muitas.

Outro portuguez, soldado da India, na mesma corte gastou annos allegando innumeraveis serviços, para o despacharem com um pedaço de pão honrado para a veltice. Vendo que se lhe gravam suas pretenções pelas vias ordinarias, tractou de se ajudar de unhas apressadas, que é o ultimo remedio, ou, para melhor dizer, o primeiro, em quem tracta de remir sua vexação ; e achou-as com pouco dispendio do seu cabedal, que era já bem limitado no pincel do melhor pintor de Madrid : mandou-se retratar muito ao vivo quasi morto, com quantas feridas tinha recebido no serviço d'el-rei, que passavam de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offensivas com que os inimigos o feriram, que por serem diversas, faziam com o sangue um espectaculo horrendo no retrato. Na cabeça tinha uma alabarda, no rosto dois piques, e nos braços quatro frechas, que lh'os atravessavam ; sobre a mão esquerda um alfange, que lh'a decepava ; e de uma parte e outra dois bacamartes e um mosquete vomitando fogo e mandando balas aos pares, que lhe rompiam o peito : uma perna de todo quebrada com uma roqueira, e dez ou doze punhaes e espadas pelo corpo todo, que o faziam um crivo. Com esta pintura, e seus papeis, se apresentou diante d'el-rei Filipe em audiencia publica, e desenrolando-a lhe disse em alta voz : senhor, eu sou o que mostra este retrato : nestes papeis authenticos trago provas de como recebi todas estas feridas no serviço da côroa de Portugal na India ; e a melhor prova de tudo trago escripta em meu corpo que vossa magestade pôde mandar vêr, e achará que em tudo fallo verdade. Seja vossa magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços e merecimentos. Enterneceu-se o rei, pasmaram os circumstantes, e saiu logo d'alli despachado o pretendente com uma commenda grande, a que poz embargos a inveja e lh'a fez commutar em outra pequena ; porque não era fidalgio, ou porque não encheu unhas apressadas, que tudo alcançam ou tudo estorvam.

Acabo este capitulo com um exemplo da nossa corte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da casa da supplicação está uma argola, em que um rei nosso mandou enforcar um desembargador, porque aceitou uma bolça de dobrões, que uma velha lhe offereceu para lhe favorecer e apressar certa causa de importancia, que lhe movia uma parte rija. Foi o rei em pessoa á relaçao para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e não se saiu d'alli sem o deixar colgado. Loavo a reprehensão: não approvo o rigor. Antes sou de opinião, que não devem ser enforcados homens portuguezes: e porque não tenha alguem esta conclusão por inutil, seja-me licito proval-a aqui com o apostrophe seguinte.

Em Roma havia lei, que nenhum romano fosse açoitado; porque se tinham todos por muito nobres, ou porque a infamia acanha os espiritos bellicos, que os romanos queriam nos seus sempre vigorosos. Portuguezes são a gente mais nobre do mundo por seu valor e por seus illustres feitos e heroicas emprezas; e quando mereçam morte por delictos, tem Portugal conquistas, aonde os pôde mandar por toda a vida, que é um genero de morte mais penoso, que o de forca; porque esta acaba-se em uma hora, e aquella dura muitos annos, com trabalhos peiores de soffrer que a mesma morte. Costumavam os nossos reis antigos mandar aos condenados á morte, que lhe fossem descobrir terras; e se morriam na empreza, empregavam bem a vida, e se escapavam, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos valentes por quasi nada, tenho grande lastima, porque me parece que sóra melhor mandal-os á India ou á Africa. Custa muito um homem a crear, e é muito facil emendar-se de um erro. Se Deus castigára logo quantos o offendem mortalmente, já não houvera gente no mundo, e ha desembargadores que dão sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua mão estivera, despovoariam o reino. Vi um padre da companhia de Jesus propôr uns embargos, para livrar um pobrete da forca: fallava com um destes ministros, que era o relator, na escada da relaçao; e allegava-lhe, que o réo não peccara mortalmente no homicídio, porquanto sóra *motus primo primus*, e em sua justa defesa, e que tinha sua

mercê naquelle razão, de que pegar para favorecer a misericordia. Perguntou-lhe o desembargador muito sabio, se era theólogo? Respondeu o padre muito modesto, que sim. Pois é theólogo (disse o desembargador já picado) e allega-me que pôde um homem matar outro sem peccar mortalmente? O padre lhe insiou muito sereno: v. m. vae agora matar um homem, porque vae sentencear este á morte, e cuida que vae fazer um acto de virtude; e o algoz que o ha de enforcar, não tem necessidade de se confessar disso: um bebado, um doido, e um colerico matam vinte homens, e não peccam; logo bem digo eu, que pôde um homem matar outro sem peccar. Não soube o senhor doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opinião, sem querer amainar da sua teima. Eis-aqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutelo destes sabios, porque não tem quem acuda por elles, nem cabedal para lhes modificar a penna, que é a sua espada, e ás vezes unha. Nem me digam zelosos, que convem castigar-se tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhes direi, que o seu zelo, quando mais se refina, é como o do outro de quem disse o poeta: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas*: e ainda mal que tantos exemplos vemos em que se cumpre ao pé da letra o que disse o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi*. E vêm a ser o que nós chamamos — justiça de Guimarães. Não nego que ha crimes que se devem castigar com morte a logo e ferro, quaes são os de *laesæ majestatis divinæ, et humanæ*. E em taes casos é bem que mostrem os reis com o ultimo supplicio o poder que Deus lhes deu até sobre os sacerdotes. E porque a praxe desta doutrina pareceu em algum tempo escandalosa, no que toca aos sacerdotes, é bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lêa o capítulo que se segue.

CAPITULO L.

Mostra-se qual é a jurisdicção que os reis teem sobre os sacerdotes.

É o sacerdocio isento da jurisdicção dos leigos, por direito divino e humano. E com isto está, que ha muitos casos em que os ecclesiasticos ficam sujeitos ás leis civis, como os seculares: e para melhor intelligencia desta verdade, havemos de presuppor, que este mundo é como o corpo humano, que não se pôde governar sem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epist. 4: *Ductores sequuntur suos: in apibus principes sunt: grues unum sequuntur ordine literato:* Os grous seguem um que os guia; as abelhas teem uma que as governa: e todos os animaes reconhecem dominio em outros. Os homens levados deste dictame da natureza, que é lei muito forçosa, para não serem mais estolidos que os brutos, fizeram reis, e escolheram magistrados, a quem se submeteram, para serem regidos. Deus no principio creou o homem livre, e tão livre que a nenhum concedeu dominio sobre outro: e até Adão, cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves e peixes o fez senhor. Mas a todos juntos em communidade deu poder para se governarem com as leis da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como senhores cada um de sua liberdade, bem a podiam sujeitar a um só que escolhessem, para serem melhor governados com o cuidado de um, sem se cançarem outros. E a este escolhido pela communidade dá Deus o poder, porque o deu á communidade, e transferindo-o esta em um, de Deus fica sendo. E neste sentido se verificam as escripturas, que dizem que Deus faz os reis, e lhes dá o poder. E se alguém cuidar que só de Deus e não do povo recebem os reis o poder, advirta que esse é o erro com que se perdeu Inglaterra, e abriu a porta ás heresias, com que se fez papa o rei, admittindo que recebia os poderes immediatamente de Deus, como os summos pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul, escolhido por Deus para rei; porque o poder e a acclamação do povo o rece-

beu, e Deus não fez mais que escolhel-o e apresentar-lh'o como digno da cõrõa. E advirtam tambem os povos, que por fazerem o rei, e lhe darem o poder, não lhes fica livre o revogar-lh'o, nem limitar-lh'o ; porque a lei da verdadeira justiça ensina que os pactos legítimos se devem guardar, e que as doações absolutas valiosas não se podem revogar.

Desta potestade livre e legítima dos povos, para fazerem rei, nasce poderem ser muitos os reis, assim como as nações o são ; e não ser necessário que seja um só para toda a christandade, ainda que seja úma em sua cabeça espiritual. E tambem se colhe que o papa não é senhor temporal de tudo ; porque Christo só o poder espiritual lhe deu, e o temporal só os povos lh'o podiam dar, e consta que não lh'o deram. Postas assim estas duas potestades, secular e ecclesiastica, derivadas de seus principios, como temos dito, para chegarmos ao nosso ponto, de qual é o poder que os reis teem sobre os sacerdotes, é necessário averiguarmos as potestades que ha no sacerdocio, para assim conhecermos por onde pôde o rei entrar na jurisdição ecclesiastica.

Ha no sacerdocio duas potestades, uma que se chama das ordens, e outra da jurisdição. A das ordens, de Christo a recebem, e só para o culto divino e administração dos sacramentos, e esta claro está que não tem logar nella os reis. A da jurisdição se distingue em duas, uma para o fôro interno, e outra para o externo. A do fôro interno tambem é notorio que não pôde pertencer aos reis. A externa tem outras duas, uma espiritual, e outra temporal, e são distinctas como o céu e a terra ; porque uma é terrena, e outra celestial. A espiritual, de Christo procede, que a communicou só aos sacerdotes, e nunca houve rei temporal catolico, que presumisse tal potestade. A temporal ha duvida, de d'onde, e como procede — se de Christo, se dos homens ? E ainda se divide em duas ; uma que domina os bens dos ecclesiasticos, e outra que se estende ás pessoas dos mesmos. E sobre estas duas é a nossa questão, se as teem os reis de alguma maneira sobre os sacerdotes e ecclesiasticos.

Que fossem os ecclesiasticos isentos do fôro secular por Christo immediatamente, é questão controversa : que o direito

canonico, e os summos pontifices os eximam, é certo: e d'aqui bem podemos dizer que Christo os exime, porque os papas os eximem com o poder que receberam de Christo. E d'aqui se colhe conclusão certissima, que não poderão nunca ser privados deste privilegio sem consentimento do summo pontifice, que o concedeu; assim porque legitimamente o podia conceder, como tambem porque os imperadores e principes catholicos o admitiram. E desta mesma isenção se colhe, que podem ser sujeitos aos reis e magistrados seculares nos casos que permittirem os summos pontifices, que os eximiram; porque a isenção não lhes vem das ordens, como se vê nos clérigos casados, que não gosam o privilegio do fôro ecclesiastico, porque os papas lh' o tiraram. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razões e occasões, que habilitam os reis para procederem contra os ecclesiasticos: as principaes são: costume, concordia, privilegio, justa defensão. Costume; porque este tolerado pelos papas tem força de lei. E assim vemos os clérigos sujeitos ás leis civis que olham pelo bem *communum*, como as que taxam os preços das coisas, as que irritam contractos, as que prohibem armas, etc. Concordia; porque quando consentem o ecclesiastico e o secular em uma coisa, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razão porque em França são julgados os ecclesiasticos, assim como os leigos, no juizo secular em causas civeis e crimes; e neste reino podem ser auctores, ainda que não possam réos. Privilegios; porque se o papa o conceder nos casos que pôde, é valioso, como se vê nos feudos, cujas causas se demandam sempre no juizo secular, e nos bens da coroa, quando se dão a clérigo com tal obrigação; moeda falsa e crime *lasæ majestatis* tem em alguns reinos o mesmo privilegio. Justa defensão; porque *Vi vim repellere licet*. E para defender um rei sua pessoa e a seus vassallos innocentes, pôde proceder contra a violencia dos ecclesiasticos. E esta é a razão porque vimos neste reino muitos ecclesiasticos, assim clérigos, como religiosos, e tambem bispos, prezos e confiscados, por conspirarem contra a pessoa real e bem *communum* de todo o reino: e no tal caso, por todos os principios de necessidade, costume, concordata, privilegio e justa defensão, foi tudo lícito e bem

obrado, ainda que de outro principio não constasse, mais que do da justa defensão : e assás moderado, e modesto andou el-rei nosso senhor em não fazer mais que retel-os prezos, para assim reprimir sua audacia e força.

Tudo o que tenho dito neste capitulo, é a doutrina mais verdadeira que ha nestas materias : e se algum admittir outra contraria a esta, arriscar-se-ha a cair nos precipicios em que se despenharam muitos hereges. E baste isto para desenganarmos a piedade supersticiosa de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as coisas á carga cerrada, appellidam em suas consciencias zelos phantasticos, com que se inquietam sem fundamento ; e vamos por diante com as unhas de que nos divertimos.

CAPITULO LI.

Dos que furtam com unhas insensíveis.

Do aspide escrevem os naturaes, que morde e mata com tanta suavidade, que não se sente ; e por isso Cleopatra escolheu esta morte, enfadada da vida, pelo repudio de Marco Antonio. Taes são as unhas insensíveis : tiram a vida aos reinos mais robustos, e esgotam a alma aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade que não se sente o damno, senão quando está tudo morto. Estas são as unhas dos estadistas, alvitristas, aspides do inferno, que persuadem aos reis com razões suaves e sophisticas, que lancem fintas, que ponham tributos, que peçam donativos aos povos sem mais necessidade que a de sua cobiça. Digo que são suaves as razões que dão, porque não ha coisa mais suave que recolher dinheiro ; e digo que são sophisticas, porque as vestem de apparenças do zelo do bem commun, e na realidade são culelos que degolam as republicas. Declaro isto com um discurso, ou consequencia, que vi fazer ao diabo : caso é que me passou pela mão haverá vinte annos : Navegamos de Lisboa para a ilha da Ma-

deira, quando de repente entrou o demonio no corpo de um marinheiro natural de Setubal, grande palreiro : dez ou doze homens muito valentes não bastavam a o ter mão, até que acodiu um sacerdote religioso, que com os exorcismos o subjugou. Muitas perguntas lhe fizeram ; a todos deu respostas tão ladino, que bem mostravam sairem de entendimento maior que a rusticidade de um marinheiro. E que fosse espirito mau, mostrou-o bem nas faltas occultas que descobriu a um soldado meio castelhano, que com demasiada fansfarrice o atrouou chamando-lhe perro, apostata, e outros nomes affrontosos, que até o diabo o não soffre ; e por isso lhe revidou, pondo-lhe em publico coisas não menos affrontosas que elle tinha obrado em secreto, de que corrido, por não ouvir mais, se retirou. Um dos circumstantes (devia de ser sebastianista) desejoso de saber se era vivo el-rei D. Sebastião, tudo era apertar com o padre exorcista, que lh'o perguntasse. Mas o padre lhe respondeu humilde, que seu officio era apertar seriamente com o espirito maligno, que deixasse aquelle homem, e não fazer perguntas escusadas. O diabo, que nada lhe cãoe no chão, acudiu a tudo ; e pôde ser o faria por divertir os exorcismos : e disse estas palavras formaes : Se vós tendes rei, para que quereis outro rei ? Sabeis qual é o verdadeiro rei ? É o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo ; porque quem o dá é senhor, e quem o toma é ladrão. O rei que faz mercês, corrobora seus vassalos ; o que lhes toma o dinheiro, debilita seus estados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como é isto ? É como as fintas com que agora andam, para defender o reino, e erram o meio da melhor defensão, que seria espalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor com que servir. Mais arengas enfiou a esta : tudo deixo, porque o dito basta para o intento.

Bem sei que o diabo é pae da mentira ; e tambem sei que o obriga Deus muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens que não merecem melhores mensageiros, como se viu na Pitoniça de Saul, e na que jurou S. Paulo ; e a experienzia nos tem mostrado a certeza com que fallou este espirito, pois vimos que os tributos e fintas de Castella, de que até o diabo se queixava então, vieram a ser a unica causa de sua total ruina. Suave e in-

sensivelmente foi desfrutando todo o pingue de seus reinos ; e por isso os acha agora tão debilitados, que não se podem sustentar a si, nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte ou trinta milhões que gastou nas superfluidades do galinheiro, ou se os deixára estar nas mãos de seus vassallos, outro galo lhe cantára, e não os achára todos galinhas, quando lhe servia serem leões ; titulo e nomeada de que se prezam.

Conforme a isto, não foi pequeno indice de perpetuidade a resolução generosa com que el-rei D. João o IV, nosso senhor, que Deus guarde e prospere, mandou levantar todos os tributos que Castella nos tinha posto, tanto que tomou posse pacifica destes seus reinos de Portugal. Nem se condemnam com isto as decimas que poz para a defensão de sua monarchia ; porque é tributo que Deus approva, e a lei divina pede a todos os fieis, para a conservação e augmento da egreja catholica : taes são os dízimos de todos os fructos temporaes. O que se estranha e deve reprehender e castigar em exacção tão justa, é o rigor e desaforo com que alguns ministros vexam as partes, e executando-as por pouco mais de nada, até nos gibões que trazem vestidos as pobres mulheres, e até nas enxadas com que ganham seu sustento os pobres maridos, e até na pobre manta com que se cobrem, porque não acham outra coisa. E destas violencias fazem serviço para serem despachados com maiores officios, devendo ser castigados severamente ; porque no mesmo tempo dissimularam com decimas de ricos e poderosos, taes que a unica de qualquer delles faria quantia maior que a de todos os pobres, que esfolaram : e porque se não dá fé disto, chamo tambem a isto unhas insensíveis, assim porque o não adverte quem o devêra emendar, como porque o não sente quem se deixa ficar com a contribuição, que por abranger a todos, o não desobriga na consciencia ; porque logra o bem que da contribuição dos outros resulta, e sem sentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas insensíveis nas armadas que se aprestam, e saem por essa barra fóra : todo o tempo que se deteem no rio, que ordinariamente é muito, e é um perpetuo cano por onde deságua, e desova todo o provi-

mento á formiga, por tantas mãos dobradas, quantos são os soldados, officiaes e passageiros, que continuamente estão a mandar para terra pelos filhos, parentes e amigos, que os visitam todos os dias, os lenços e sacos de biscouts, que ao pé do paço d'el-rei se está vendendo; as chacinas e frascos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murrão, cartuxos de polvora. E se algum nota algum lanço destes, respondem rindo: Rica é a ordem: isto não é nada. É verdade que nada é um lenço de biscout, e quasi nada um saco delle, mas tantos mil vem a ser muito. Bom fôra porem-se guardas, quando saem, assim como se poem quando veem aos navios de carga, pois mais vale a sua magestade em assegurar sua fazenda, que a alheia, e não sejam como um que vendeu por seis mil réis uma amarra d'el-rei, que tinha custado setenta mil; que assim guardam elles o que lhes mandam vigiar.

CAPITULO LII.

Dos que furtam com unhas que não se sentem ao perto, e arranham muito ao longe.

Quem bem considerar a monstruosa fabrica do galinheiro de Madrid, que no capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamaram — Bom Retiro — para lhe emendarem o primeiro nome que merecia; achará nelle um espelho claro deste capitulo; porque é certo se gastaram nelle mais de vinte milhões, que, com pedidos, fintas e tributos, foram roubando aos poucos que então o não sentiam, porque lhes iam dando os xaques aos poucos, e á formiga: até que veio o tempo a dar volta, convertendo-lhe a bella paz em feroz guerra, para a qual acharam menos os milhões que tinha devorado o galinheiro como milho: e se os tiveram de reserva, não lhes cantaram tantos galos contrarios no poleiro. É coisa muito ordinaria não se sentirem danos ordinarios, que parecem

leves, se não quando de pancada chega depois delles á ruina, como na casa, que se vae calando, pouco e pouco, com a goteira.

Na villa de Monte-mór o Novo conheci um juiz de fóra, bom letrado, que deu em um modo de furtar, qual estou certo não achou em Bartholo, nem Acursió. De toda a carne que se comia em sua casa, apartava os ossos, e os tornava ao açougue, mandando de potencia absoluta, como juiz que era, que lhe déssem outra tanta carne por elles, allegando que não comprava ossos, nem era cão para os comer. O marchante os foi ajuntando, e no cabo do triennio tinha uma meda delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na residencia, allegando a perda que lhe dera na sua fazenda, ainda que a não sentira ao perto, por ser aos poucos, que vinha a ser muito consideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o syndicante razão, e fez-lhe justiça, mandando que o juiz pagasse logo o preço de outra tanta carne, como pezavam os ossos; e deu-lhe um boleo na bolça muito bastante, e outro no credito que perdeu, em fórmia que nunca mais entrou no serviço d'el-rei, até que morreu em Evora viuvo. Ambos, juiz e marchante, se arranharam no fim das contas asperamente, ainda que o não sentiram no principio: mas foi com diferença, que o marchante achou cura para as suas entranhas, e o juiz não achou remedio, e peiorou do mal até morrer.

Nas armadas e frotas desta coroa succedem casos notaveis de grandissimas perdas, por furtarem ou pouparem ninherias. Parece que não vae nada em prover de vasilhas, para os soldados toimarem suas rações de agua e mantimentos; e segue-se d'ahi, que por não terem em que guardem a agua, quando se reparte, hão de bebel-a, ou vertel-a a deshoras: comem depois o toucinho salgado, e mal assado em espeto, que fazem dos arcos das pipas, e ficam estalando á sede. No biscouto ha tambem mil erros, por falta de industria, ou sobreja malicia: a cama é a que acham pelas taboas ou calabres do navio; e como a vida humana depende de todos estes abrigos, e elles são taes, adoecem todos, e morrem aos centos, e sente-se no fim da jornada o mal grande que se urdiu no principio com faltas leves, e faceis de remediar na primeira

fonte. Sepulta e sorve o mar, o que com uma bochecha de agua se pudera salvar.

Nos exercitos e campanhas se experimenta o mesmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de polvora, se perdem victorias; e por não metterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, se recolhem sem concluirarem a empreza, que era de mais ganho e proveito, que o que se poupa na reserva. Lá chorou o outro, que por poupar um cravo de uma ferradura, perdeu uma gloriosa victoria, e foi assim, que por falta do cravo caíu a ferradura, e por falta desta mancou o cavallo, e faltou o capitão que ia nelle, em seu officio, e faltou logo o governo, e perdeu-se tudo. Em uma viagem que fiz por esses mares, foi tal a injuria no provimento, que por não comprarem pipas novas, fizeram aguada em umas que tinham servido de chacinas e salmoiras: e a graça é que allegam ser melhor a agua de pipas velhas: e era tal à destas, que fôra melhor beber a do mar. Seguiu-se desta bolada tão judicosa, que esteve toda a gente do navio arriscada a morrer de sede, se Deus nos não levára em breves dias a parte onde tivemos agua e refrescos, com que emendámos erros de unhas, que, não se sentindo ao perto, arranham muito ao longe.

Tomára aqui todos os reis e principes do mundo, para lhes dar este aviso de summa importancia — que façam muito caso do que parece pouco, quando é repetido; porque de muitos grãos se faz um grande monte. Parece que não é nada um desabrimento hoje, e outro ámanhã: parece ninheria negar uma mercê a este, que a pede por serviços, e uma esmola áquelle, que a pede por necessidade: e vem-se a conglobar de muitas repulsas um malum de desconsolados, que se acham menos na occasião de prestimo: e o peior de tudo é que estes corrompem outros, e os damnam com suas queixas, e vae muito em correr linguagem de *bom principe temos*, ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigação. A obrigação do principe é lutar com este gigante, que é o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Proteo, e Achelóo, que se transforme em leão, e em cordeiro; que se vista umas vezes das propriedades de fogo, e outra das de agua. Socega-se este mundo bem com uma po-

litica a que os prudentes chamam sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advira nos principios o fim que poderão ter; e pouca vista é necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, não pôde nascer bom fructo, e que uma pequena faisca despresada pôde causar grandes incendios; e assim sucede, que o que não se sente ao perto, damna muito ao longe.

CAPITULO LIII.

Dos que furtam com unhas visíveis.

Rara é a unha, ou nenhuma, que não procure fazer-se invisivel, para que não a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas que por mais invisiveis que se façam, sempre se manifestam em seus efeitos; tanto, que por mais luvas de saidas e escusas que lhes calceis, não pôde o juiso aquietar-se, e está sempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba*. Aqui ha harpias. Entrei hoje em casa de um homem que conheci hontem pagem casado de um ministro oppulento: vejo-lhe colgaduras e quadros, escriptorios, e cadeiras, bugios ás janellas, e papagaios em gaiolas de marfim, espelhos de crystal na sala, relogios de madre perola, e outras alfaias, que as não tem taes o rei da China: e fico pasmado sem saber quem me diga a isto! E digo cá commigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viende, de donde le viene?* Este homem não foi á India, nem achou thesouro, porque se o achára, el-rei havia levar pelo menos a metade delle. Isto é thesouro encantado: e se quereis que vol-o descante, direi o que dizem todos: que este homem é um grandissimo ladrão, perdoe-me sua ausência: e isso está assás provado e manifesto nestes efeitos: nem é mister mais devassa.

Em minha casa estou eu trancado, porque quem não se tranca

*

no dia de hoje, não vive seguro : e estou tirando devassas, que taes as soubera tirar a justiça d'el-rei, que deve de andar dormindo, pois não dá sé do que olhos fechados e trancados vêem. Vejo que anda a cavallo com dois lacaios, aquelle ministro que não tem de ordenado mais que oitenta mil réis : sei que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil réis. Eles não trazem navios no mar, nem teem bens patrimoniaes na terra ; nem os pavões de Juno em casa, que lhes ponham ovos de oiro ! Pois que é isto ? São unhas visiveis, e bem se mostram em estes efeitos, e em outros que cal-o de tasfularias, amisades, etc. Um molde de como isto se obra visivelmente, porei aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India : despachava-se a fazenda de um passageiro, e vieram a juiso tres ou quatro escriptorios bem ensardelados com seus coiros e lonas, porque o mereciam, e debaixo destas capas, para virem mais bem acondicionados, traziam varios godrins muito bons, que os estofavam e eram de preço. Ha um regimento naquelle despacho, que fiquem as capas dos fardos que se abrem, para os officiaes que assistem a estas vestorias : abriram os escriptorios até á ultima gaveta, e dados por livres, lançaram mãos dos godrins chamando-lhes capas, e com elles se ficaram, que bem valiam vinte mil réis. Levantando mil falsos testimunhos ao regimento, que na verdade só as capas de coiro e lona lhes concede, e não o mais, que vem registrado como fazenda.

Em villa Viçosa conheci um criado da grande e real casa de Bragança, que gastava os dias e as noites em continuas queixas de não lhe mandar pagar o serenissimo senhor duque D. Theodosio seus ordenados : e chegaram a tanto as queixas, que se foi valer do confessor, para que puzesse a sua excellencia em escrúpulo aquelle ponto, com todas as razões de sua justiça. Assim o fez o reverendo padre confessor : e o duque prudentissimo, com o animo real e grandioso, de que Deus o dotou, lhe respondeu : Não sei se sabeis vós que esse fidalgo entrou no serviço desta casa sem trazer de seu mais que uma capa de bacta, e hoje anda em coche, e sua mulher e filhos vestem galas e comem tão bem

como os que se sustentam da nossa meza. Perguntæ-lhe vós, se lhe faltou depois que nos serve, algum dia alguma coisa ? E dizei-lhe que assás mercê lhe fazemos em não mandar ao nosso desembargo que lhe tome contas, e examine as superfluidades de sua casa, e de seu tracto ; porque se puxarmos por isso, é de temer que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo ! Eis-aqui como se fazem visiveis as unhas em seus effeitos, por mais que se escondam.

Mais claramente se fizeram em Evora as unhas invisiveis de certos ladrões, que ha mais de vinte e cinco annos deram de noite no mosteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no claustro tinha depositado um maltez dez ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriram as portas subtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para não fazerem estrondo : tambem levaram farellos para menearem a moeda, sem chocalhada. Deram nos caixões da pecunia, encheram alcosas e sacos, sua boca, sua medida, até mais não quererem, ou não poderem levar para suas casas, onde começaram a lograr os frutos de sua diligencia, mas tão incautos, que, sendo trabalhadores de enxada, já não iam puxar por ella no serviço das vinhas, como costumavam. Nem fôra isto bastante para os descobrir a grande diligencia com que a justiça por todas as partes batia as moitas. Até que em uma sexta feira notou um argueireiro na praça do peixe, que um destes comprava solho para jantar a tostão o arratel, costumando a passar com sardinhas. Deu assopro ao juiz de fôra, que lhe deu em casa de repente, e com poucos surões descobriu a caça, e achou a mina de donde saíam os gastos que o fizeram manifesto, com prova bastante para o pôr no potro, onde chorou seu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos sobre as portas da cidade fazendo suas unhas ainda mais manifestas.

- CAPITULO LIV.

Des que furtam com unhas invisiveis.

Tela prævisa minus nocent, diz o proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, é grande bem para escapar delle: mas o raio, que não se vê, a bala, que não se enxerga senão quando vos sentis ferido, são males irremediaveis: e taes são as unhas invisiveis em suas rapinas. E passa assim na verdade, que não damos fé dellas, senão quando sentimos seus damnos. Raro é o ladrão, se não é de estrada, que não trate de esconder as unhas e fazer-se invisivel, quando furtá: e por esta via podem pertencer a este capitulo quasi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o assalto ainda mais invisivel, pondovos á vista o harpeo, com que vos esfolam, sem dardes fé delle.

Abroquelem-se os mecanicos, que começa esta bateria por elles. Vende-vos um çapateiro um par de obra por boa e legitima, e com tal lhe talha o preço, que vós desembolçaes muito contente, e elle agarra pouco escrupuloso: d'ahi a dois dias arrebentam as costuras, porque o canamo do fio era podre, ou singelo, devendo ser sô e dobrado: vistes as entresolas, que eram de pedaços, devendo ser inteiras, e os contrasfortes de badana, que deveram ser de cordovão, ou vaqueta. E tudo fez invisivel a destreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deus e em sua consciencia. Vende-vos um alfayate o vestido feito, ou faz-vos o que lhe mandastes talhar: mette lá por algodão nos acolchoados, trapos por hollanda nos entresorros, linhas nos pespontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas costuras; e paga-se como se tudo fôra direito como uma linha, e tem para si, que nada fica a dever, porque de nada déstes fé, senão quando se foi gastando a obra e appareceram estes furtos no vosso negro, a quem déstes o vestido, porque não dizia com vossa pessoa. Um fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neste reino, mandou fazer umas calças altas no tempo que se usavam, e deu para os entresorros dois covados de baeta muito fina; e o

senhor mestre que as talhou e pespontou, tomando a baeta para si, poz-lhe em seu lugar um sambenito, por se forrar dos custos que lhe tinha feito, feitas as calças, sem nenhuma suspeita do que levavam dentro, achou o fidalgo, que pezavam muito, e que o aquentavam mais que muito: mandou-as abrir para vêr se tinham chumbo ou fogo dentro, e achou o sambenito de mais, e a sua baeta menos: não conto o mais que sucedeu, porque isto basta para se vêr que ha nos alsayates unhas invisiveis.

Os cerieiros, que espalmam cera preta debaixo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mascavado e borras com duas mãos de fino. Os pusteleiros, que picam um gato em meia duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que baptizam o vinho e dão vianda de cabra por carneiro. O tosador, que sem pôr tesoura na peça de vinte-dozeno, vos leva um vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a besta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candéa no emplastro que pede oleo de minhocas na receita. O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra que teceu de duas velhas, que desmanchou. O sombreireiro, que trabalhou lã grossa e podre, debaixo de uma pasta fina, para vender o chapeo como se fôra de castor. O serralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova. O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue com que ligou o douramento, e a pezo de prata a liga e cobre, que misturou na peça. E todos, quantos elles são (que seria muito correl-os todos) tem estas tretas e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubam.

Mas dirá alguem, que tudo isto são ninherias, que não tiram honra, nem desmandam casamento. Seja assim. Vamos avante: *Paulo maiora canamus.* Levantemos de ponto, e venha a juiso gente mais granada, e os que provêem as armadas e frotas d'el-rei nosso senhor, sejam os primeiros. Não teem conto as pipas de vinhos e azeites que nellas arrumam, para provimento e droga: tudo vae fechado cravado o batoque: e se no fim da jornada se acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a linhâ tem a culpa nas influencias com que corrompe tudo, e o ladrão a desculpa na mão com que gualdripou o que vae de mais a mais entre vinho

e zurrapa, azeite e borra : e fica o salto, que foi invisivel em Lisboa, manifesto além da linha, como Santelmo, que se faz invisivel em tempo sereno, e na tempestade apparece.

Os ladrões nocturnos são ainda mais invisiveis, como aquelle que mudou um transelim da cabeça de seu dono para outra a que não pertencia ; era elle de diamante, e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no oiro, pedras e leitio : e foi o caso, que quando el-rei Fillppe III de Castella veio a este reino, lançou o duque de Aveiro esta gala, com que brilhou mais que todos : encheu os olhos de uma ave de rapina, que se fez nocturna para lhe dar caça mais segura : esperou que o duque se recolhesse do paço real alta noite ; investiu-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada bastante para ter boa saida o chapeo e peça, que voou pelos ares com seu segundo dono, que ainda não se sabe, se o engoliu a terra, ou se o levaram os ventos ; porque se fez logo tão invisivel, como clandestino.

Pela trilha deste se desempenham muitos, a que chamam neste reino capeadores : esperam que anoiteça, fazem-se invisiveis por esses cantos das ruas de melhor passagem : espada e broquel com pistola são os seus fiadores : e em passando coisa que lhes arme, desarmam de repente com uma tempestade de espadeadas e ameaços de morte : e se lhes resistem, applaca logo tudo a pistola posta nos peitos ; e com largar a capa e a bolça, rime sua vexação o passageiro, sem conhecer o auctor da presente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de barato, quando tão caro lhe custa o tornal-a para sua casa illesa. Nas chronicas de Portugal se conta, que houve um rei em Lisboa antigamente, tão solicto de atalhar furtos, que até aos invisiveis dava caça. Deram-lhe aviso os seus espias, que se furtava muito na casa da India e na alfandega, e que de noite se abriam as portas, e levavam sardos de toda a droga com tanta affoiteza que os mariolas da Ribeira eram os portadores allugados. Disfarçou-se o bom rei á guiza destes, e entre elles passou uma noite, e outra, até que chegou a infiusta para todos ; deixou-se ir ao chamado dos officiaes, que os levaram todos á alfandega ; e o seu maior cuidado foi dar tesouradas nas capas de todos sem ser sentido. Fez-se tudo, como os

pilotos da facção mandaram, pagaram seu trabalho aos mariovas, e recolheu-se o rei com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante si todas as justiças, ministros, e officiaes de seu serviço com os mesmos vestidos com que tinham rondado aquella noite: e al não saçaes, com pena de morte. E como os mandados dos reis inteiros são leis inviolaveis, assim vieram todos; foi-lhe vendo as capas, e poz de reserva todas as que achou feridas, para pôr a seus donos de dependura. E assim passou o negocio, que com thesouradas invisiveis assegurou thesouros, que unhas invisiveis lhe roubaram.

Nunca faltam aos reis traças e modos para evitar danos, mas que pareçam irreparaveis por invisiveis. Taes foram os que padeceu a alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos reaes, com um ministro que tirava folhas dos livros do recibo tão subtilmente, que ficava invisivel a falta; mas viram-se logo as sobras dos restos das contas no largo que invidava o resto na casa do jogo: e se soubera fazer invisivel o lucro dos direitos, como fez invisivel o salto com que os roubava, ainda estariam invisiveis as unhas que o levaram á forca: por signal que endoideceu sua mulher: e ainda não se sabe se foi de prazer, por perder o marido, se de pezar, por lhe confiscarem a fazenda. Por tudo se-ria.

CAPITULO LV.

Dos que furtam com unhas occultas.

Parecerá a alguem este capitulão similar ao passado das unhas invisiveis, mas elle é muito differente, porque as unhas o são tambem muito entre si, como logo mostrarão os exemplos; e a razão tambem o mostra, porque as invisiveis são as que de nenhuma maneira se podem conhecer no flagrante, e as occultas bem se podem alcançar logo, se fizermos diligencia. Sucedeu o

caso, e eu o vi em uma feira de tres que se fazem todos os annos em Villa Viçosa, haverá dezesete annos. Vinha alli muito açafrão de Castella, e não tão caro como hoje val: no primeiro dia não havia achal-o por menos de dois mil réis, e isto em muitas tendas: no segundo dia só um vendedor se achou delle, e dava-o liberalmente a mil e quinhentos réis. Deu isto que cuidar, porque não havendo mais que um mercador de uma droga, a razão pedia que lhe levantasse o preço, mas a sem-razão que elle usava, o ensinou a o abater, para se expedir mais depressa, e pôr-se em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dois mil réis, e a vendeu toda a mil e quinhentos. Assim passa: mas abhi val a unha occulta, que misturou com o açafrão puro, outro tanto pezo de flor de cardo, tinta de amarello, severas de vacca, areia miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceu a droga outro tanto ou mais: e ainda que lhe abateu a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessando no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em tão grande quantia. E ainda que as partes se acharam no primeiro jantar defraudadas, não foi com tanta pressa, que a não puzessem maior as unhas occultas, em se pôrem em cobro, antes de as fazerem manifestas.

Um segredo natural ha nesta materia de unhas occultas, que succede cada dia, de que só aos confessores se dá parte, e por isso os senhores ficam defraudados nesta parte. Logo me declararei. Ninguem cuide que taxo os confessores de descuidados em mandarem restituir: pôde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. É coisa certa, que o pão, quando se recolhe das eiras para os celleiros, que vem secco, e istitico do maior sol que nellas padece: e outro sim é certissimo que os celleiros pela maior parte são humidos: e d'aqui vem que o pão penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira, que está averiguado, que cada dez moios lançam um de crescências. Entrega el-rei por essas lesirias mil moios de pão a seus almoxarifes no verão, e quando lh' o pede no inverno, é mais que certo que fazem a restituição dos mil moios, e que lhes ficam cem nos cel-

leiros, pela regra infallivel das crescentas que temos dito. O almoxarife, que é bom christão, acha-se enleado: por uma parte o pica a consciencia, vendo em sua casa bens que não herdou; e por outra parte tambem se lhe socega, porque ninguem o demanda por elles, e vê que el-rei está satisfeito. Vae à confissão da quaresma, e diz: Accuso-me que comi cincuenta moios de trigo, que não semeci, nem herdei, nem comprei; e tambem declaro que os não surtei; porque me nasceram em casa dentro em uma tulha, assim como me podia nascer um alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinçado o caso, fica a coisa occulta, e em opinião; e quem a quizer vêr decidida, veja o doutor que já toquei, que eu não professo aqui ensinar casos de consciencia, ainda que sei que a praxe deste está resoluta nos celleiros do estado de Bragança, onde se pedem as crescentas aos almoxarifes.

Mais occultas teem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos theologos. Dei a vender uma pipa de vinagre; e a regateira foi tão ardilosa, que a foi cevando com agua pelo batoque, ao compasso que a ia aquartilhando pela torneira: e aqui está escondido outro segredo natural, que aquella agua botada aos poucos, se vae convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque se destempera; e nesta parte é como o cão damnado, que irritado se azéda mais: e vem a fazer a senhora vendedeira de uma pipa tres ou quatro; e fica-se com o resto, que é mais outro tanto em dobro, e alimpa o escrupulo com lhe chamar fructo de sua industria.

Aqui podem entrar os tasques que jogam com dados falsos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com taes disfarces se manifestam, e fazem sua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vae senhor do jogo, e sabedor da maranha. E nisto não ha opinião que os escuse de furto mais aleivoso, que o do ladrão, que salteia nas estradas. Tambem é occulta a treta de quem põe mal com el-rei, a poder de mexericos, o capitão que vem de além-mar muito rico, para que não lhe dê audiencia, e o traga desfavorecido, até que sollicito busca caminho para se congracar com seu senhor: e como o de boas informações é o melhor,

tracta de buscar quem lhe desfaça as más, e apoie seu credito: e não falta logo quem lhe diga: senhor, valei-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor saida á vossa pretenção; e pôde ser, que vem este mandado pelo mesmo que o poz em desgraça, para o trazer a estes apertos de o buscar com os donativos costumados, que ás vezes passam de vinte caixas de açucar, porque em mais se estima a graça de um principe. E tanto que se alcança este intento das caixas, peças, ou bisalhos, segue-se o segundo, de desfazer a maranha, e abonal-o, até pôr em pés de verdade, restituindo a seu primeiro ser e valimento.

CAPITULO LVI.

Dos que furtam com unhas toleradas.

Terrivel ponto, e arriscado, é o que se nos offerece para deslindar neste capitulo, porque parece que offende a justiça e bom governo, dizermos que ha unhas que furtam e se toleram. Males ha necessarios, como diz o proverbio, e que se toleram nas republicas para evitar maiores males. Tal é o de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que se soffrem para divertir as más inclinações, e evitar outros vicios maiores: mas o furtar sempre é tão mau que não se pôde tolerar para desmentir vicio maior, pela regra que diz: *Non sunt facienda mala, ut veniant bona.* D'onde o tolerar ladrões nunca é bom; porque havel-os é mau, e consentil-os peior: e outra regra diz, que tanta pena merece o consentidor, como o ladrão. Nem se pôde dizer que a justiça os consente, nem que os reis os dissimulam; porque a razão não os permitte. Pois que unhas toleradas são estas que aqui se nos entremettem, para serem descuidadas? Para serem emendadas, folgára eu de as propôr, e declaral-as-hei com um par de exemplos, tão notorios e correntes, que por serem taes, ninguem re-

para nelles. Seja o primeiro de longe, e o segundo de perto ; este de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia está Roma, cabeça do mundo, que pelo ser, nos deve dar documentos de justiça e santidade, e por isso não estranhará taxarmos o que se desviar desta regra. Lá ha uns officiaes que chamam banqueiros, e estes teem por todo o mundo, onde se acha obediencia romana, seus correspondentes, que intitulam do mesmo nome : e assim uns como outros, agenceiam dispensações, graças, e indulgencias, e expediente de egrejas, e benefícios que veem por breves e letras apostolicas dos summos pontifices, para partes que não podem lá ir negocial-as ; e por tal arte medeiam as coisas, que não lh'as trazem senão a pezo de dinheiro ; e veem a ser neste reino um rio de prata, para que não lhe châmemos de oiro, que está correndo continuamente para a curia sacra, por letras de bispados, egrejas, e benefícios, e mil outras graças ; tudo por tão excessivos preços, que vem a fazer mais de um milhão todos os annos ; sendo assim, que nas bullas de tudo se diz, que dão tudo de graça : *Gratia sub anullo pescatoris*. E assim é na verdade, que São Pedro pescador, nada logra de tão copiosa pesca. Os pescadores que engordam com estes lanços, bem se sabe quaes são : e porque são os que não convém, se livrou França delles, com dar por cada bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do sello, sem avaliar o muito ou pouco que se concede, porque isso todas as bullas dizem que vem de graça. Castella se suspeita que tem a culpa do que Portugal padece nesta parte ; porque alargou a mão para seus intentos ; ou porque a tinha então mais cheia que hoje, com as enchentes de oiro e prata que lhe vinham do Mundo Novo ; e como Portugal lhe era sujeito, e sempre foi liberal e grandioso, foi seguindo suas pizadas ; e vendo-se picado e opprimido com tal cargo, e com o pé italiano sobre o pescoço, tudo tolera a titulo de piedade, como se não fôra impiedade defraudar-se a si, para encher as unhas de milhares banqueiros, cuja fé não assegura a verdade das letras, que, apraza a Deus não sejam falsas. Doutores houve já, que considerando o muito oiro que dispensações só dos matrimonios levavam deste reino, resolveram que podia el-rei nosso senhor

fazer lei que annullasse todo o contracto de matrimonio entre parentes : mas mais facil era mandar com pena de confiscação de todos os bens, que ninguem passe lá dinheiro para taes graças, pois concedem que veem de graça, e atalhar-se-ia assim de pancada tudo, pois não ha razão que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais christianissima.

Que venha um colleitor a este reino por tres annos a governar-nos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de um milhão, quando nada para si e seus officiaes, é coisa que não intendo, e por isso não lhe sei dar remedio : e se o intendo, não me atrevo a receitar-lhe a mézinha, porque não me levantem, que sinto mal do ecclesiastico. E a verdade é, que sinto n'alma vér chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as nossas. Chamo-lhe incuraveis, não porque não tenham remedio, mas porque são toleradas de tanto tempo, que de velhas não teem cura, e por isso ninguem se cura já dellas. Aqui se me põe uma instancia : tal qual é, eu a destroçarei : dizem os que de nada se doem : como pôde um só colleitor com tres monsenhores, varões de letras e virtude, recolher tanta pecunia, se elles só tractam do espirito ? Respondo, que ha neste reino mais de dez mil frades, e mais de quinze mil freiras, e mais de trinta mil clérigos, e mais de cincuenta mil embaraços de consciencia em leigos ; e todos movem demandas de lana caprina ; porque o frade quer comer na meza travessa ; a freira quer janella sem grade, e grade sem escuta ; o clérigo quer viver á lei do leigo, e o leigo quer ordens sem cabeça em que lhas ponham, e descasar-se de duas ou tres que o demandam : *et sic de reliquis* : e todos para sairem com a sua entram com monsieur Auditor e com monsieur Albornos e com monsieur Catrapuz : uns dão oiro, outros prata, e outros pedras, que se não acham na rua ; porque de frasqueiras, capoeiras, canastras, costaes etc. já se não faz caso, por serem drogas de mais volume, que lume : e com estas pedradas dão a batalha, e alcançam a victoria, e alimpam o bico, pondo em pés de verdade que Roma não se move por peitas : assim é, porque tudo são graças. Não sei se me tenho declarado ! Mas sei que tudo se tolera, porque corre tudo por canos inexcrutaveis, e

que fôra bom haver um breve de contra-mina, que annullasse tudo o que por taes minas se agenciasse.

E tornando ao primeiro ponto dos banqueiros, remato esta teima com um caso que me passou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tractei uma dispensação, ou absolvição importante : um pediu duzentos mil réis, outro cem mil, o terceiro foi mais moderado, e disse que por menos de oitenta era impossivel impetrar-se. Não havia nos penitentes cabedal para tanto : fallou-se á pessoa que tinha intelligencia na curia romana, e proposto o negocio, respondeu, que era de qualidade que se expedia na curia sem gastos de um ceitil, e se offereceu para mandar vir o breve de amor em graça ; e assim foi, que de graça veio : contei por graça isto ao matalote dos duzentos mil réis, respondeu marchando os beiços : são lanços, que não tiram seus direitos aos homens de negocio ; e melhor dissera lançadas de moiro esquerdo, que merece gente, que com sua infernal cobiça infama a sinceridade da egreja catholica, a qual de nenhuma maneira sofre simonias, como actualmente o tem mostrado a santidade de Innocencio X depondo, enforcando, e queimando muitos por falsificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neste reino, no qual tambem ha outras suas proprias, que tolera, e todas tomara cortadas. Arma um fronteiro uma facção por seu capricho ; entra por Castella com dois ou tres mil portuguezes, gasta na carruagem, munições e bastimentos da cavalleria a infanteria, oito ou dez mil cruzados : succede-lhe mal a empreza ; e ainda que lhe succeda bem, perde em armas, cavallos e infantes mais de outro tanto, e recolhe-se dizendo : bella maré levavamos, se não se virára o barço. E dado que nada perca, e que traga uma grande preza, está bem esmada e mal-baratada : lança ao quinto d'el-rei, ao mais arrebentar, duzentas cabeças de toda a sorte, que não bastam para recuperar mais de duzentos mosquetes e outras tantas pistolas, que desapareceram ; piques, que se quebraram, e gastaram em assar borregos ; capacetes de que fizeram panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil coisas que não se contam ; com que lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Além de que na giravolta se destroça o fiado, desconta o vendido, e perde o com-

prado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o não aggravaram, deixando-os sem bois, nem gados, para cultivar as terras. Tornam lá os nossos a satisfazer esta perda, e é outro engano; porque com o que trazem, não se recuperam os lavradores: tudo é dos soldados que o malogram, e dos atravessadores que o dissipam. E assim se vão encadeando perdas sobre perdas, que unhas toleradas vão causando sem remedio, porque não se deu ainda no segredo desta esponja. Olham para o aplauso da valentia, e as medras dos que se empenham nellas lançam um veu pelos olhos de bizarria a todos, e outros de lisonja sobre a ruina da fazenda real, que paga as custas; e os lavradores choram o de que se ficam rindo os pilhantes, que nesta agua envolta são os que mais pescam.

E que direi das innumeraveis unhas que se toleram na grande cidade de Lisboa? Envergonhal-a-hemos com cidades muito maiores que ha na China, nas quaes ha tão grande vigilancia nisto de unhas de gente vadia, que de nenhuma maneira escapa pessoa viva, de que se não saiba quem é, o que tracta, e de que vive, para evitar roubos e outras desordens, de que são autores os ociosos e vagamundos em grandes republicas. E na nossa ha destes tanta tolerancia, que andam as ruas cheias, sem haver quem lhes pergunte, se se sabem benzer, nem quem se benza delles; porque delles nascem os roubos nocturnos, raptos clandestinos, homicidios quotidianos: nelles achareis testimunhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça uma escriptura falsa e uma provisão que até el-rei, que a não assignou, a tenha por verdadeira: tudo se tolera, porque não ha quem vigie. Sou de parecer, que assim como ha meirinho-mór para resguardo do paço real, haja segundo meirinho-mór, para guarda de toda a corte nesta parte dos vadios e gente ociosa; e que prenda todo o homem que não conhecer, sem lhe formar outra culpa: se provar no Limoeiro, que é homem de bem, será solto; e se fôr da vida airada, vá para as conquistas, onde terá campo largo para espraiar suas habilidades, e ficaremos livres desta praga, que tanto á nossa custa se tolera.

CAPITULO LVII.

Dos que furtam com unhas alugadas.

Toleradas são tambem estas unhas, pois se alugam ; mas são peiores nas correrias, que fazem, como mulas de alquiler. Os doutores theologos tem para si, que não ha maior maldade, que a que se ajuda de forças alheias, quando as proprias não lhe bastam para executar sua paixão, e esta em boa razão, porque sae de esphera e limite daquillo que pôde : e obrar uma pessoa mais do que pôde para o mal, é grandissima maldade, assim como obrar mais do que pôde para o bem, é grandissima virtude. Não pôde um ladrão arrombar a porta de um mercador á meia noite ; que remedio para lhe pescar um par de peças sem estrondo, nem difficultades ? Aluga um trado, e com elle, como com lima surda, faz um buraco, quanto caiba uma mão ; mette um gancho agudo tão comprido quanto baste para chegar ás peças, que esmou de olho ao meio dia ; fisga-lhe uma ponta, e como camisa de cobra as revira, e escoa todas pela talisca. Mas não são estas as unhas alugadas, que fazem os maiores damnos na república. Outras ha, de que Deus nos livre, mais nocivas : estas são as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo ; correl-os todos é impossivel : direi sómente de varas e escrivaninhas, o que vemos e choramos, e não remediamos, porque não serem seus damnos, a quem pudéra dar-lhes o remedio. Que coisa é a vara de um meirinho, ou de um alcaide, no dia de hoje ? Se Aristoteles fôra vivo, com todo o seu saber não a havia de definir ao certo ; mas eu me atrevo a declaral-a com a de Moysés. A vara de Moysés na sua mão vara era ; mas fôra da sua mão era serpente. Tal é qualquer vara destas de que fallamos : na mão de seu dono vara é, se é bom ministro ; mas fôra da sua mão é serpente infernal, e se anda alugada, é todos os diabos do inferno ; porque um diabo não tem poder para se transformar em tantos monstros, como uma vara de serventia alugada se transforma : e elles mesmos o confessam, que não pôde al ser, para pagarem ao orphão, ou á viuva, cuja é,

e ficarem com ganho que os sustente a todos á custa das perdas de muitos. Olhae para a vara de um aguazil damninho, parecemos vaqueta de arcabuz, e ella é espingarda de dois canos ; porque vae por esses campos de Jesu Christo, a melhor marrã que encontra e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para casa, acha-os estirados na sua loja, sem gastar polvora, nem dar estoiros. Tambem é canna de pescar sóra da agua : vae á Ribeira, lança o anzol na melhor pescada, e no melhor congro, ou savel, e sem cedella que puxe, dá com elles no seu prato. Tambem é besta de peloiro, que mata galinhas aos pares, e pombos ás duzias ; perdizes nenhuma lhe escapa, se as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem é cadela de fila, e quando a açula a uma vitela, mas que seja a uma vacca, berrando a leva aonde quer. Tambem é covado e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor : assim como é, entra em casa do mercador, e mede como quer punho e seda. Tambem é garavato de colher fruta, e sem se abalar por hortas, nem pomares, colhe e recolhe canastras cheias. E vedes aqui, irmão leitor, a vara de condão com que nos embalavam antigamente, que fazia oiro de pedras, e pão de palhas, e da agua vinho ; e esta ainda faz mais, porque faz e desfaz, quanto quer quem a alugou.

O mesmo e muito mais pudéra aqui dizer das escrivaninhas alquiladas ; mas não quero nada com pennas mal sparadas, não acerte de lhes vir a pello este nosso Tratado, que nol-o dependem, ou jarretem com alguma sentença grega, ou desalmada. Só direi, que são alguns, ou quasi todos, tão fracos officiaes, que é grande valentia saber-lhes ler o que escrevem. Eu sei um que o fizeram vir de Evora a esta corte, para que lesse o que tinha escripto em um feito, que não era pequeno, e não se achava em toda Lisboa, quem em tal escriptura atinasse com boia, como se forá a de el-rei Balthasar. E com estes gregotins alimpam as bolsas ás partes, e sujam quantas demandas ha no reino, escrevendo sesta por balhista, e alhos por bugalhos : e já lh'o eu perdoára, senão succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sentenças por tal estylo, que não se dão á execuçao, porque não dia intendel-as. Muito ha que reformar nas officinas e cartórios

destes senhores, como em todos quantos officios andam no reino arrendados.

CAPITULO LVIII.

Don que furtam com unhas amerasas.

Quem dizia no capitulo 39 que não ha unhas bentas, porque todas são malditas e sujeitas a mil excommunicações, quando furtam ; tambem dirá agora, que não ha unhas amerasas, porque todas arranhram ; mais ser-nos-ha facil desenganal-o com quantas unhas ha de damas, que estafam a seus amantes. E taes são tambem as unhas de todos os validos, mimosos e paniaguados dos grandes ; dão-lhes francas entradas em seu seio, sem verem que abrem com isso saídas enormes a seus thesouros. Oiça-me o mundo todo uma philosophia certa : é certo que animaes de diferentes especies não se amançam : cães com gatos, aguias com perdizes, espadartes com baleas nunca sustentaram bem comércio : e se algum dia houve bruto que se sujeitasse a outro de diferente especie, foi, não porque a natureza o inclinasse a isso, mas por alguma conveniencia util para a conservação da vida. Ha entre os homens estados tão diversos, que se distinguem entre si mais que as especies dos brutos. Um fidalgo cuida que se distingue de um escudeiro, mais que um leão de um bugio ; e um escudeiro presume que se diferença de um mecanico, mais que um touro de um cabrito. E que será um duque, ou um rei, comparado com qualquer desses ? Será o que é um elephante com um cordeiro. D'onde se infere, que quando ha união de amor entre taes sujeitos, não é porque a natureza os incline a isso, é a conveniencia do interesse ; e como esta vai diante sempre, sempre vai fazendo seu officio, aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circumstancia, que dá grande apoio a este discurso, e é, que o maior ama ao menor, como coisa sua ; e

o menor olha para o maior, como para coisa que o domina, e isto de ser dominado, nunca causa bom sabor; e por isso vicia o amor, que não soffre disparidades. D'onde se colhe evidente e infallivelmente, que pôde haver amor verdadeiro do superior para o inferior, e que não é certo havel-o do inferior para o superior, porque leva sempre a mira no que d'ahi lhe ha de vir; e essa é o pedra de toque em que aguça as unhas que chamo amorosas; porque com achaque de benevolencia e amor que seu amo lhe mostra, mette a mão no que a privança lhe franquea, com tanta segurança, como se tudo fôra seu, pela regra que diz: *Amicorum omnia sunt communia.* O grande nunca soffre igual, quanto mais superior, e por isso não se humana senão com o inferior; e este porque tem iguaes com quem faça sociedade, não necesita do baso dos grandes, mais que para engodar; e é quanto lhe permitte o careio que lhe dão, e usam delle os validos com insolencia, porque o acicate que os move, estriba mais em medras proprias, que em serviços que pretendam fazer aos seus Mecenâs. Reciprociam-se o amor do grande e o interesse do pequeno: o amor abre a porta, o interesse estende as unhas; e como na arca aberta o justo pecca, empolga sem limite; e como o amor é cego, não enxerga o damno, e se acerta dar fé delle, porque ás vezes é tão grande que ás apalpadelas se sente, tambem o dissimula: e assim se veem a refundir na afeição todos os damnos que padece, e grangeam titulo de amadas e amorosas as unhas que lh'os causam.

Não se condemna com isto terem seus validos os grandes; porque nem os summos pontifices se podem governar bem sem Nepotes, a quem de todo se entregam para descançarem nelles o pezo de seus negocios e segredos: e os principes seculares necessitam muito mais deste auxilio, porque as coisas prophanas não se domesticam tanto como as sagradas. O que se taxa é a demazia e desaforo de alguns validos: dos máus ha duas castas, uns que escondem as medras, e outros que as assoalham: estes duram pouco, porque a inveja os derriba, armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e sua propria fortuna e insolencia os jarreta, como a Belisario: aquelles mais duram, e é em quanto se sus-

teém em seus limites; mas por mais que se dissimulem com trajes humildes e alfayas pobres, logo seus augmentos os manifestam, porque são como o fogo, que se descobre pelo fumo, e abraza mais, quando mais se occulta. Se nós virmos um destes comprar quintas como conde, receitar dotes como duque, e jogar trinta e quarenta mil cruzados como principe; e soubermos que entrou na privança sem umas luvas, como havemos de crêr que cortou as unhas? Cresceram-lhe sem duvida com o favor, como planta, que regada medra. Grande louvor merecem nesta parte todos os ministros que assistem a el-rei nosso senhor, porque vemos que tudo o que possuem, com não ser muito, é mais para o servirem que para o lograrem. Nem se pôde dizer de sua magestade, que Deus guarde, que tem validos mais que dois, que se chamam, verdade e merecimento. Como podem e devem os principes ter validos para se servirem e ajudarem de suas industrias e talentos, já o dissemos no capitulo 30 ao titulo dos conselheiros § 1.

CAPITULO LIX.

Dos que furtam com unhas cortezeas.

Não sei se é certa uma murmuracão ou paga, que corre em todas as côrtes do mundo, que mais se ganha no paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella é certa, é grande roubo que se faz á razão e justiça, que está pêndido e mandando, que se deem as coisas, e façam as mercês a quem mais trabalha e padece. Privilégio é de chocarreiros que ganhem seu pão com lisonjas; mas a honra guarda outro foro, que sendo muito corteze, não pretende, nem espera premio por sua cortezia, porque lhe é natural; e pelos actos naturaes, dizem os theologos que nada se merece nem desmerece. E d'aqui vem, que o que se leva por esta via, vem a ser furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos

chamar estafadores. Andam no Terreiro do Paço, no Rocio, e por essas ruas de Lisboa, e como são ladinos e versados, conhecem já de face a todos; e tanto que vem algum de novo, ou que parece estrangeiro, chegam-se a elle rasgando cortezias, envoltas com louvores de v. m. me parece um principe a cuja sombra se presta hoje minha pobreza: sou um homem nobre e forasteiro, sustento aqui pleitos para remediar filhas orphas, que trouxe comigo para vigiar sua limpeza: semanas se passam em que não entra pão em nossa casa; e pondo a mão na cruz da espada, jura que não traz camisa: e por esta toada diz mil coisas que traz estudadas, como oração de cego; até que remata com a petição a que foi armando todas suas arengas, com o chapéu na mão e pé atraz, e o joelho quasi no chão. O pobre novato, que é ás vezes mais pobre que elle, movido por uma parte da compaixão, e por outra picado das cortezias, abre a bolsa, e pedindo perdões dá-lhe a pataca, ou ao menos o tostão, que o supplicante vae brindar logo na primeira taverna: e sabida a coisa, nem filhas, nem demanda teve nunca, e sempre foi estafador cortezão, que é o mesmo que ladrão cortez.

Tem um official de vara, ou escrivaninha no seu regimento dois ou tres vintens, que se lhe taxam por esta ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de sua cobiça, que é pouco: teme pedir mais com medo do castigo, que não falta, quando sua magestade sabe as desordens: pergunta o requerente bisonho o que deve? Responde-lhe: de graça desejará servir a v. m., mas vive um homem alcançado e sustenta casa com este officio, dê v. m. o que quizer. E se o requerente insta que lhe diga ao certo o que deve, por que não traz ordem para dar mais, nem é bem que dê menos? Torna a responder, que em maiores coisas o deseja servir, que se não quizer dar nada, que o pôde fazer; e que tão seu captivo ficará assim como de antes. Bem se vê que isto é estafa, pois nunca o viu em sua vida, senão aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, mostra-lhe um livro muito grande, e o muito que nello se rabiscou, etc. Pasma o supplicante, lança-lhe um par de patacas mexicanas, onde só devia dois vintens; recolhe-as o senhor escriba, de prata phariseu, e despacha-o com aqui me tem

v. m. a seu serviço, tão certo como obrigado. E se estes mancebinhos puzerem no fim de seus despachos os preços delles, como são obrigados, saberão as partes o que devem, e não haverá enganos; mas quando o salario é pouco, não o escrevem, para ter logar a treta; e se é muito, galhardamente o explicam. Seja suspenso todo o que o callar: e eis-ahi o remedio.

Isto são ninherias em comparação de outras prezas, que a cortezia agarra sem muitas ceremonias, como na India, em Cochim, e outras praças similhantes de maior commercio. Quer um capitão-mór oitenta ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os emprestados a bom pagar na saída, com esta arte, que o desobriga para o futuro, e não dá molestia ao presente. Haverá em Cochim e seu districto, mais de cincuenta mil mercadores, entre christãos e banianes de bom trato: manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias, de como é chegado para os servir, e que lhes faz a saber, como vem pobre, e que tratta de armar um empregotinho para a China, e que por não ser molesto a suas mercês, quando vem para os ajudar a todos, não quer de cada um mais que dois ou tres xerafins emprestados em boa cortezia; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em emprestar tão pouco, e muito menos em o cobrar a seu tempo, porque hão mister ao senhor capitão para muito; e assim se fica com tudo, que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que succeda isto na India, acolá tão longe, quando vemos cá mais ao perto dentro em Portugal casos similhantes! Um prelado grave, ou, para melhor dizer, gravissimo, conheci neste reino, que com achaque de uma jornada á corte de Madrid, pediu emprestado por boa cortezia a cada parocho da sua diocese dois cruzados, com que veio a fazer monte de mais de quatro mil: e quando veio á paga, com a mesma cortezia nenhum lh'os aceitou, como os banianes da India. Por esta arte anda a política do mundo cheia de mil tristes, de sorte que por mal, ou por bem, não ha escapar de roubos.

CAPITULO LX.

Dos que furtam com unhas politicas.

Anda o mundo atroado com politicas, de que fazem applauso os estadistas: a uma chamam sagrada, a outra prophana; e ambas querem que tenham immensos preceitos, com que instruem ou destroem os governos do mundo, segundo seus pilotos os applicam. E é certo que toda a maquina dos preceitos, assim de uma, como da outra se encerram em dois: os da sagrada são, amar a Deus sobre todas as coisas, e ao proximo como a ti mesmo. Os da prophana são o bom para mim, e o mau para ti. Mas é engano crasso, a que repugna Minerva, cuidar que ha politica sagrada: isso chama-se lei de Deus, que com nada contemporiza, nada affecta, nem dissimula, lavra direito, e sem torcicolos contra os axiomas da politica. Pelo que, isto que chamamos politica, só no prophano se acha: e esta só é a que tem as unhas de que falla este capitulo: e para sabermos que taes ellas são, é necesario averiguarmos bem de raiz, que coisa é politica. E aposto que se o perguntamos a mais de vinte, dos que se prezam de politicos, que nenhum a saiba definir pelas regras de Aristoteles, assim como ella merece?

Todos fallam na politica, muitos compoem livres della; e no cabo nenhum a viu, nem sabe de que côr é. E atrevo-me a afirmar isto assim, porque com eu ter pouco conhecimento della, sei que é uma má peça, e que a estimam e applaudem como se fôra boa: o que não fariam bons intendimentos, se a conheceram de paes e avós, taes, que quem lh'os souber, mal poderá ter por bom o fructo que nasceu de tão más plantas: e para que não nos detenhamos em coisas trilhadas, é de saber que no anno em que Herodes matou os innocentes, deu um catharro tão grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e desta se gerou um monstro, assim como nascem ratos *ex materia putrida*, ao qual chamaram os criticos razão de estado: e esta senhora saiu tão presumida, que tractou de casar; e seu pae a desposou com um mancebo zo-

busto, e de más manhas, que havia, por nome amor proprio, filho bastardo da primeira desobediencia : de ambos nasceu uma filha a que chamaram dona politica : dotaram-na de sagacidade hereditaria, e modestia postiça. Creou-se nas cōrtes de grandes principes, embrulhou-os a todos : teve por aios o Machiavello, Pelagio, Calvino, Luther, e outros doutores desta qualidade, com cuja doutrina se fez tão viciosa, que della nasceram todas as seitas e herezias, que hoje abrazam o mundo. E eis aqui quem é a senhora dona politica.

E para a termos por tal, basta vêrmos a variedade com que fallam della seus proprios chronistas, que, se bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que estamos vendo que leva toda a agua a seu moinho. Se é letrado, todas as regras da politica vão dar, em que se favoreçam as letras, que tudo o mais é aire : se professa armas o auctor, lá arruma tudo para Marte e Bellona, e deixa tudo o mais á porta inferi : e se é fidalgo, tudo apoia para nobreza, e que tudo o mais é vulgo inutil, de que se não deve fazer conta. E é a primeira maxima de toda a politica do mundo, que todos seus preceitos se encerram em dois, como temos dito : o bom para mim, e o mau para vós. E posta neste primeiro principio, entra logo sua mãe, razão de estado, ensinando-lhe, que por tudo cōrte, sagrado e profano, para alcançar este fim ; e que não repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que sejam do outro mundo, porque só do commodo deste deve tractar, e de seu augmento, e da ruina alheia, porque não ha grandeza que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros são meus accrescentamentos ; sou obrigado a me conservar illeso ; e não estou seguro, tendo junto de mim quem me faça sombra : e para nos livrarmos deste sossobro, dêmos-lhe cargo, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas, que chamam politicas, armadas com guerra, hervadas com ira e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça : e nada deixa em pé, que não escale, e metta a saco. Este reino é meu, e esta provin- cia é o menos de que se tracta : os imperios mais dilatados e oppulentos, são pequeno prato para estes unhas ; e o direito com que os agarram, escreve o outro com poucas letras, sem ser Bar-

tholo, na boca de uma bombarda ; e vem a ser : *Viva quem vence.* E vence quem mais pôde, e quem mais pôde, tenha tudo por seu, porque tudo se lhe rende. E fica a politica cantando a gala do triumpho ; e sua mãe, razão de estado, rindo-se de tudo, como grande senhora, e seu pae, amor proprio, logrando prões e pre-calços ; e seu avô, o diabo, recolhendo ganancias, embolsando a todos na caldeira de Pero Botelho, porque fizeram do céu cebola, e deste mundo paraíso de deleites, sendo na verdade labirinto de desasocegos, e inferno de miserias, em que vem dar tudo o que nelle ha, porque tudo é corruptível.

Este é o ponto em que a politica errou o norte totalmente, porque tractou só do temporal, sem pôr a mira no eterno, aonde se vae por outra esteira, que tem por roteiro dar o seu a seu dono, e a gloria a Deus, que nos creou para o buscarmos, e servirmos com outra lei muito diferente da que ensina a politica do mundo. E lá virá o dia do desengano, em que se acharão com as mãos vazias os que hoje as enchem da substancia alheia.

Testimunhas sejam o famoso Belisario, terror de vandais, assolação de persas, estragador de milhões, que dos mais altos cornos da lua o poz sua fortuna sem olhos em uma estrada á sombra de uma choupana, pedindo esmola aos passageiros : *Date obulum Belisario.* E o grande Tamorlão, cujo exercito enxugava rios, quando matava a sede ; tão poderoso que trazia reis ajoujados como cães debaixo da sua meza roendo ossos, o qual á hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha, com um pregão e desengano, que de tanto que adquiriu, só aquele lençol levava para o outro mundo.

CAPITULO LXI.

Dos que fartam com unhas confidentes.

Que tenha a minha mão confiança commigo, para me servir e coçar, lisonja é, que bem se permitte ; mas que a tenham as

minhas unhas, para me darem uma coça, que me esfolem a pelle, não se soffre. Pois taes são os que os reis applicam, como mãos proprias, a seu real serviço, e elles esquecidos da confiança que a magestade real faz delles, estendem as unhas, para applicarem a si, o que lhes mandam ter em reserva para o bem commun, e de muitos particulares que esfollam. Ha neste reino thesoueiros, depositarios, e almoxarifes sem conto ; todos arrecadam em seus depositos, que chamam arcas, grandes copias de dinheiro, um d'el-rei, outro de orphãos, e muito de outras muitas partes : e sendo obrigados a tel-o a ponto para toda a hora que lh'o pedirem, aproveitando-se da confiança que se faz delles, mettem o dito dinheiro em seus tratos de compras e vendas, com que veem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E se lh'o pedem no tempo em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riscos de se ir o ruço atraz das canastras, fingem ausencias, e que tem a arca tres chaves, que d'ahi a quinze dias virá da feira das Virtudes, Bento Quadrado, que levou uma ; que ahi está o dinheiro cheio de bolor na arca : e passam-se quinze mezes, e não ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a residencia, e alcança os sobreditos em muitos contos. E estes são os confidentes da nossa republica, que, fazendo-se proprietarios do alheio, alienam o que não é seu, e dão atravez com os thesouros alheios.

Nas fronteiras succedem casos admiraveis nesta parte. Está um destes (pouco digo em um, podendo dizer mais de cento, mas um exemplo declara mil) Está um destes a la mira espreitando quando voltam as nossas facções de Castella com grandes prezas de bois, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados : e como os soldados veem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que não podem guardar, nem sustentar ; e o sobredito se vê senhor dos depositos dos pagamentos, que foi atrazando, para não lhe faltar moeda nesta occasião, atravessa tudo, resgatando-o por pouco mais de nada, sem haver quem lhe vá á mão, porque todos dependem delle, e o assagam para o terem da sua mão : e d'ahi a quatro dias, e tambem logo ao pé da obra, vende a oito e a dez mil réis a lavradores e marchantes os bois que comprou a quinze tostões, quando muito, e o mesmo computo se faz no

mais. E vem a ser o mais rico homem do reino, sem metter no trato vintem, que ganhasse; nem herdasse de seus avós. Melhor sóra venderem-se os taes gados aos nossos lavradores pelos preços dos soldados, para se refazerem de similhantes prezas, que os inimigos nos levaram, e não ficarem exhaustos de creações os que sustentam a republica, e cheios os que a destroem com as unhas que chamo confidentes. Cortem-se estas unhas, e se não houver puxavante que as entre, porque a confidencia as faz impenetráveis, tirem-lhe o cabedal, e ponha-se onde haja vergonha e honra que se peje de comprar para vender.

Na cidade de Lisboa conheci um barbeiro, o qual enfadado do pouco que lhe rendia a sua arte, se deu a sangrar bolsas, e fazer a barba aos mais oppulentos escriptorios : e para o fazer a seu salvo, e com credito de sua pessoa, foi-se mettendo de gorra com seus freguezes, dando-lhes alvitres, de que se fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro emprestado para taes e taes empregos que se lhe offereciam rendosos, e que partiriam os ganhos dentro de breves dias : e com a pontualidade foi ganhando terra para accrescentar as partidas : e com o lucro que dava aos acredores, os foi cevando, e metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o resto. Já se não curavam de fianças, nem penhores para com elle. E vendo assim o campo seguro, deu de repente em todos, abonando um lanço, que fingiu se lhe abria de grandissimo interesse, e que convinha metter nelle todo o cabedal, para ficarem todos ricos. Neuhum reparou em largar quanto dinheiro tinha ; e tal houve que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dois, a tres, e a quatro, sem saberem uns dos outros. Deu com tudo em um navio estrangeiro, que estava a pique, e deu á vela pela barra sóra : e o mancebinho nunca mais apareceu, nem novas delle, nem rasto do dinheiro, por mais paulinas que se tiraram. E estas são as verdadeiras unhas confidentes. E não são menos damnínhos as confiadas, de que já digo casos memoraveis.

CAPITULO LXII.

Dos que furtam com unhas confiadas.

Para que não pareça este capitulo o mesmo que o passado, contarei uma histori, que declara bem o muito que se distinguem. Succedeu em Lisboa, que fazendo uma confraria em certa egreja a festa do seu orago, muito solemne, ajuntou para isso muita prata de castiçaes, alampadas, peviteiros, e caçoilas, que pediu por emprestimo a outras egrejas, mosteiros, e irmandades : e como o thesouro era de muitos, tinham direito todos para virem buscar e levar as suas peças. Entre os que vieram, acabada a festa, foi um ladrão cadimo com dois maraós que allugou na Ribeira, por dois vintens cada um, e duas canastras mais grandes que pequenas : e entrando muito confiado, como se fôra mordomomór de toda a festa, poz a capa e o chapéo sobre um caixão, assegurando primeiro a ausencia dos que lhe podiam pôr embargos : abaixou diante de Deus, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas ; e tirando dos altares os castiçaes que bastaram para encher as canastras, poz tudo ás costas dos mariolas, e saudindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança, e escapou por sua arte dando com a prata onde nunca mais appareceu, ficando mil almas que estavam na egreja, persuadidas que aquelle homem era o legitimo dono, como manifestava a confiança com que fez o salto, que não foi em vão. E isto é o que chamo unhas confiadas, sem serem confidentes : e destas ha muitas a cada passo, e no serviço d'el-rei não faltam ; mas falta-me a mim coragem para mostrar aqui o que recolhem, como se fôra seu, com tanta confiança, como se o cavaram, e o roçaram, ou o herdaram dos senhores seus avós. E assim digo, que não me metto com averiguacões, de que, apesar da verdade, posso sair desmentido. Só aos assoitos fizera eu uma pergunta em segredo (chamo-lhe assim, por não especificar cargos, de donde se possam colligir pessoas com quem não quero pleitos) perguntamos a estes, com que autoridade, ou para que fazem tornar atraç os pagamentos da mi-

licia, que sua magestade despacha? Ou com que ordem os repar-tem ultra do que resam as ordens verdadeiras? Nada respondem: mettem-se no escuro das razões do estado, e é coisa clara, que acrecentam seu estado: e ainda mal, que vemos accrescentados, os que para bem houveram de ser diminuidos. Estes são os que com grande affoiteza e confiança, mettem a saco a republica, cujos sacos vasam para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e isso é o menos, e mais é o volume immenso de outras drogas de que enchem sobrados, que hão mister espeques para sustentar o pezo, sem temor da forca, que fóra melhor fabricar-se desses pontões. Aponto só o damno, não trato de quem leva o proveito, porque a confiança com que nelle apoiam suas unhas as faz impunes. Mas deixando pontos intelligiveis, passemos a outra coisa.

Ahi não pôde haver maior confiança que a de um cabo, a quem dão cem mil réis para um pagamento de seus soldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mortos, vae-se á casa da tasularia, põe o dinheiro na taboa do jogo, como se fóra seu, ou lhe viera da casa de seu avô torto; e sem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos, e o perde com ambos, sem lhe ficar nellas mais que o taleigo vazio, e o socinho cheio de paixão, com que satisfaz ás partes; de sorte que nenhum soldado ousa apparecer diante delle: e é tremenda traça para não lhe puxarem pela divida. Mais confiados que estes são outros que ha na casa da India, e nas alfandegas, que não sei como se chamam seus officiaes, nem o quero saber, por não ser obrigado a nomeal-los por seu nome: estes teem por obrigação vér todos os fardos, e examinar todas as fazendas que veem de fóra, para orçar ao justo os direitos que se hão de pagar a sua magestade; e elles por quatro patacas examinam as coisas tão superficialmente, que deixam passar por estimação de anil o pacote que vem cheio de baasares; e contam por cascaveis o baril que vem recheado de coraes e alambres. Que fardos de telas finas, e brocados de tres altos corram praças de bocachim, e calhamaço, não o crerá senão quem o viu. Ballas de meia de seda fazem figura de resmas de papel. E é facil deslumbrar os olhos

de todos os Argos, a quem está encommendada a vigia disto, com um par de peças resplandecentes de vidros de Veneza, cristas de Genova. E para que não se diga que não viram tudo, mandam abrir costaes, que já vem marcados, e preparados para o efeito, os quaes trazem na primeira superficie, o que val menos; mas o amago é do mais precioso. Já se viu caixão e quartola que trazia na boca chocalhos, e no fundo peças de oiro e prata. E se algum ministro fiel réquerer que se examine tudo, respondem que não seja desconfiado: e com duas gracetas passam desgraças, que não conto. Declaro sobre tudo isto, que já esta moeda não corre, como em tempo da Castella; porque está seu dono em casa, que a vigia, e faz a todos que não sejam tão confiados como o Carvalho.

Não sei se ponha aqui uma confiança admiravel, que não podia crêr até que a vi. Bem é que saiba sua magestade tudo, para que o emende com seu real zelo, e para isso digo. E é que todas as dividas que el-rei nosso senhor manda pagar, ou esmolas que manda fazer por via da fazenda, acham todos os despachos correntes até o thesouro, onde topam com ordem secreta, que a todos diz, que satisfará como tiver dinheiro; e consta por outras vias, que o tem aos montes para outros prestimos; mas para isto de dividas e esmolas, não ha tirar-lhe um real das unhas: e occasionam com isto a se cuidar que a tal ordem baixou de cima: e é ponto que nem um turco o presumirá de sua magestade, mas é confiança de ministros, que devem de presumir que o não virá a saber sua magestade, que deve sentir muito lanços que teem mais de aleivosia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que sim, e com as obras que não. Doutrina é, que Christo reprehendeu muitas vezes severamente aos phariseus; e assim se deve estranhar entre christãos. E eu não acabo de dar no alvo, a que tira esta confiança, quando tira aos pobres o que seu dono lhes manda dar. Dizerem que é zelo da fazenda real, que não querem se esperdice, ainda pecca mais de confiada esta resposta; que não deve o criado ter mais amor á fazenda, que seu senhor; além de que seria estolida confiança tomar sobre si os encargos de tantas restituições, de que o senhor fica livre, só com mandar

que se paguem. E em conclusão levem todos d'aqui esta verdade que não empobrece, o que se dá por esmola, nem faz falta, o que se paga por dívida. Vejam lá não enriqueçam estas demoras a outrem : e este é o tope, em que vem esbarrar todo o discurso que se pôde formar nesta matéria : e nem isto é bem que se creia de gente honrada.

Neste capítulo entram de molde mulheres que há em Lisboa, as quais vivem de despir meninos, assim como os acima dito de despir pobres : tanto que acham alguma creança na rua, sem que olhe para ella, fazem-lhe quatro assagos, como se foram suas amas, levam-na nos braços, recolhem-se na primeira loja, e a título de lhe darem o peito, ou pensarem, lhe despejam toda a roupa ; em tão boa hora que lhe deixem a camisa. Se acerta alguém de as vêr, dão tudo por bem feito, ajudando-as por domesticas, como mostra a lhança e confiança, com que lhe mettem a papa na boca : e feita a preza, fazem-se na volta do çaragaço a buscar outra ; e tira lá carta de excommunhão, para vol-a restituirem no dia do juízo.

Uma mulher houve tão confiada nesta corte, que contentando-lhe uma cruz de ouro e pedraria, que estava por ornato de uma festa no altar de certa igreja, esperou que seus donos se ausentassem, e posta no meio da igreja, porque não podia chegar perto com o concurso, levantou a voz dizendo : alcancem-me cá aquella cruz, e venha de mão em mão, por me fazerem mercê. Todos julgaram que seria sua, pois com tanta confiança a demandava ; e de mão em mão veio, até chegar ás da harpia, que deu ao pé com ella, sem ajuda de Simão Cyrineo, porque lhe custou menos a achar que a Santa Helena. Tambem há muitos que furtam, confiados em que Deus perdoa tudo ; mas já Santo Agostinho os desenganou a todos, que não se perdoa o peccado, sem se restituir o mal levado. E neste mundo, ou no outro, hão de pagar pela bolsa ou pela pelle.

CAPITULO LXIII.

Dos que furtam cem unhas proveitosa.

Graças a Deus, que foi servido de nós deparar umas unhas boas entre tantas ruins. Mas dirá alguém, que nenhuma ha que não sejam proveitosa para seu dono, só que agarram. Não falso dessas, que assaz danosas são até a seu senhor, pois muitas vezes dão com elle na força. Trate das que são proveitosa para ambas as partes, sem risco de danos: é explical-as-hei logo com um exemplo. No Crato, villa bem conhecida neste reino, pelo seu grande priorado de Malta, houve um cavallo, não ha muitos annos, cujas unhas eram de tal qualidade, que todos os cravos que nellas entravam, depois de sairem tortos com a ferradura, serviam de anzões a seu dono, com que pescava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que postos em qualquer dedo da mão, eram remedio presentissimo paragota artetica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e assim não será coisa nova acharem-se unhas proveitosa para ambas as partes: tiravam de si dinheiro, os que levavam os cravos, para remediar a outrem, e remediavam-se todos.

Taes serão os que no governo de um reino, e no meueo de suas fabricas e empresas, tirarem de uma parte para remediar outra, e será o mesmo que acudir a tudo. Desalece a India com accidentes mortaes, peiores que de gota coral e artetica, que mal será acudir-lhe o Brazil com alguma substancia, que a alente, ainda que seja por modo de emprestimo: nem correrá nisso o ditado, que não é bom descobrir um santo para cobrir outro, pois tudo respeita e serve o mesmo corpo debaixo de uma coroa. Padece o Brazil falta de mantimentos, não vejo razão que tolha acudirem-lhe as alfandegas do reino e de outras conquistas, seprindo-lhe os gastos e socorros até que se melhore. O mesmo digo de Angola, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praga. Bom se pararia o corpo humano, se a mão esquerda não ajudasse a direita, e a direita a esquerda, e um pé ao outro. A re-

publica é corpo mystico, e as suas colonias e conquistas, membros della; e assim se devem ajudar reservando e reparando suas fortunas e conveniencias. Superstição é, e não axioma politico de estados, negarem-se auxilios os que vivem juntos na mesma comunidade: e aqui corre certissimo o proverbio, que uma mão lava a outra. Um rei empresta ao outro, e tira de seu cabedal soccorros com que ajuda o vizinho; quanto mais o deve fazer um rei a si mesmo, e a seus vaassallos, que são partes integrantes da sua coroa. A contribuição das decimas neste reino é muito grande, pois chega a milhão e meio: é verdade que as dão os povos para as fronteiras, e é o mesmo que para se defenderem dos inimigos que nos infestam por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz-os-Montes. E o outro lado que fica descuberto por outro tanto districto de mar, parece que o não consideraram, e que ha mister muitos maiores gastos de armadas e munições, que guarneçam as costas; e que as forças reaes acodem a mil soccorros de além-mar, de donde estão outros tantos portuguezes como ha no reino, pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que não é bem lh'os neguemos. Não vêem olhos cegos o que se gasta em embaixadas e conveniencias de pazes com outras nações, que, ainda que não nos ajudem, é bem que os companhamos, para que não nos descomponham. Em que apertos nos veriamos, se França e Catalunha, não divertissem o castelhano no tempo em que estavamos menos apercebidos? Estas correspondencias não se alcançam sem gastos; estes de nós hão de sair, como do coiro as correias: que mal é logo que se tomem estas decimas com unhas tão proveitosas, quando vemos que os outros cabedaes não bastam para seus meneios proprios?

Não posso deixar de picar aqui em um escrupulo de alguns zelotes que tem para si, que se faz thesouro, e que é já tão grande que ha mister espeques: e a graça é que grunhem sobre isso. Provera a Deus que assim fôra, e que arruinassesem já com o peso as casas que o recolhem, que devem ser encantadas, pois as não vemos: mas para me consolar quero crer que assim é, e assim o fio da grandissima providencia d'el-rei nosso senhor, que sabe muito bem, que foi costume celebre dos mais accordados reis

terem erarios publicos para as guerras repentinhas : e nós não estamos só de as termos maiores que as que vemos : e para uma occasião de honra costumavam os prudentes reservar cabedal que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro que enthesouram. Tudo vem a ser unhas proveitosas.

Neste passo se enviam a mim, os que teem pensões de juros e tenças na alfandega, na casa da India, ou nas sete casas, almoxarifados, etc., e me fazem o mesmo argumento dizendo : e se é bom e lícito tirar de uma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que não se nos paguem da casa da India as tenças e os juros aos que os temos na alfandega, quando nesta faltam os rendimentos para satisfazer a todos ? Ao mesmo pergunto, quando tem duas herdades, uma dizima a Deus, sem nenhuma pensão, e outra carregada de foros, ou juros ; se esta ficou esteril um anno sem os poder pagar, porque os não satisfazem da outra, que deu muitos frutos ? Respondem, que a outra é livre. Pois tambem a casa da India no nosso caso está livre dos encargos da alfandega. Acudo a outra instancia, que donas costumam por, e é, que do mesmo modo que a heridade que este anno não pagou foros, nem juros, porque não deu frutos, fica desobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno seguinte, ainda que dê frutos em dobro ; assim a alfandega fica desobrigada para sempre do anno que não teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande cópia delles. Maior duvida pôde fazer, quando el-rei toma todos os rendimentos deste anno para acudir a alguma necessidade urgente (chamam a isto tomar os quarteis) se será obrigado a refazer esta tomadia no anno seguinte, quando a alfandega estiver mais pingue, e elle mais desafogado ? Responde-se a isto, que as unhas proveitosas são muito privilegiadas, quando empregam no bem communum as prezas que fazem em bens proprios, ainda que obrigados a outras partes da mesma communidade : e nisto se distingue o dominio alto dos reis do dominio particular dos vassallos ; que estes são obrigados a refazer o que gastaram de partes em usos proprios, e os reis não, no caso que o gastam em bem de todos : assim o ensinam os doutores theologos : e isto basta.

CAPITULO LXIV.

Pes que furtam com unhas de prata.

Em Sevilha, cabeça da Andaluzia, e promontorio maximo de todos os commercios de Hespanha, entrou o diabo no corpo de um castelhano, e devia de ser muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava e de tudo dava razão: e entre as coisas notaveis que se deixou dizer, foi uma a mais admiravel de todas, que já elle teria posto de ré a fé de Christo, embrulhado o genero humano, e se teria feito senhor do mundo absoluto, se Deus lhe não prohibira tres coisas: a primeira bulir na sagrada escriptura; segunda falsificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira dizia que desfaria nossa santa fé, pervertendo e mudando nes impressões e em todos seus volumes os sentidos da escriptura sagrada. Com a segunda, que confundiria os homens variando-lhes as provas de suas demandas, e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de si, dando-lhe dinheiro, prata e oiro, que elle sabe muito bem aonde está. E não ha duvida que discursou a proposito, e que falhou verdade, com ser pae da mentira; porque se Deus com sua admiravel justiça o não aferrolhara, da maneira que nenhumas destas tres coisas pôde executar, já teria concluido com o genero humano e com o mundo universo, que Deus por sua infinita misericordia assim conserva. Só a ultima coisa de dar dinheiro, que lhe concedera, com ser a menos nociva, ella só bastara, para se fazer o demônio senhor do mundo, porque isto que aqui chamamos unhas de prata, são as mais poderosas garras que ha para arrastar e levar tudo a traz de si. Não podendo Alexandre Magno render uma cidade, por inexpugnável e inacessivel, perguntou se poderia lá chegar, ou subir uma azemola carregada de dinheiro? Tanto que esta batêu á porta, logo se lhe abriu, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com taes unhas empolgou nella.

Famoso invento foi o do dinheiro, pois com elle se alcança

tudo, e não ha coisa que se lhe não renda : do mais incorrupto juiz alcança sentença ; da mais arriscada dama tira favores ; no mais invencivel gigante obra ruinas ; do mais numeroso exercito alcança victoria ; nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas ; arromba portas de diamantes melhor que petardos ; arraza torres, quebra homenagens, tudo se lhe sujeita, nada lhe resiste ! As sahulas antigas dizem que Plutão inventou o dinheiro, e que foi tambem inventor da sepultura, e Deus do inferno : nem podiam deixar de dar taes nomeadas, a quem se soube fazer senhor do dinheiro, que tudo rende, como a sepultura e morte ; que tudo violenta, como o inferno. Os Lídios foram os primeiros que fixaram moeda de oiro : Jano foi o primeiro que formou moedas de cobre ; e porque foi o inventor das ceras, pontes, e navios, lhe esculpiram tudo isto nas suas moedas ; porque o dinheiro dá passagem, como ponte, para as maiores coroas, e navega vento em poupa aos mais dilatados imperios. Hermodice, mulher de Mydas, rei dos phrygias, foi a primeira que bateu moeda de prata : e estas são as unhas de prata, que propõe este capítulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro ; como o pescador, que com um caranguejo que lança no anzol, apanha grandes barbos. Pescadores ha de anzol, e pescadores ha de redes : até os que pescam com redes, usam de isca e cevadões, como que engodam o peixe : e os pescadores de que aqui tractamos, não tem melior engodo que o do dinheiro ; se souberem usar bem dele, pescarão quanto quizerem, e enredarão o mundo todo.

Bem usou do dinheiro um mercador em África para pescar cincuenta mil cruzados, que lhe iam pela agua abaixo. Arribou com tempestade a um porto de Marrocos, tomaram-lhe os miores a náu por perdida em lei de contrabando, tracion de a recuperar por justiça ; mas não achou quem lhe fizesse, porque é droga que não se dá bem naquelles países. Tinha ainda de seu quatro ou cinco mil cruzados, que escapou, em joias e boa moeda : salvou com o rei, ofereceu-lhe tres mil por uma leve mercê que lhe pediu, e elle lhe concedeu facilmente — que déssem um passeio ambos a cavalo pelas ruas, e praças da sua corte, faltando sós amigavelmente. Feita a mercê, dado o passeio, e pagos os

tres mil cruzados, tudo foi o mesmo: mas muito diferente o que se seguiu; porque conceberam todos os moiros opinião que aquelle homem era grande pessoa, e muito privado e valido do seu rei: todos o visitaram logo por tal; mandavam-lhe presentes e donativos de grande porte, imaginando que por aquella via abriam porta a suas pretenções: e elles abriram-na para a restauração do mercador, que assim se ia refazendo; em tanto que até os juizes que tinham condenado a nau, lh'a absolveram: e assim pescou com unhas de prata de tres mil cruzados, que soube dar, mais de cincuenta mil, que iam perdidos. E por esta arte pescam muitos ladrões no dia de hoje, até o que não é seu, com grande destrezo.

Aportou á ilha da Madeira uma nau de carga: saltaram em terra os passageiros a fazer viniagas, e entre elles um clérigo que eu vi (grande pirata havia de ser, pelo tear que armou para fazer seu negocio melhor que todos): visitou o bispo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou no pateo, fez esmola de tostão, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o bispo, sairam estas campainhas pela cidade, dando uma alvorada do clérigo, que bastava para o canonizarem em Roma: uns lhe chamavam o clérigo santo, outros o abbade rico, outros o peruleiro; em tanto que cresceu a cobiça nos mercadores da terra, e se picaram a fazerem negocio com elle. Este servo de Deus, depois de dar obediencia, e beijar a mão ao bispo, lhe pedia fosse servido de lhe mandar dizer duas mil missas, e que daria avantajada esmola por ellas, para que Deus lhe dêssse bom successo em um emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A segunda visita que fez depois do bispo, foi aos prezos da cadêa, dando a cada um seu tostão de esmola: e quando d'aqui foi dar volta á cidadê, já a achou disposta para lhe darem ao fiado tudo quanto sua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dois barris de patacas, para dar plenaria satisfação a tudo. Até aos padres da companhia mamou trinta cruzados, a titulo de emprestimo, para levar a bordo os empregos que via, e que havia de dar uma peça boa para a sacristia. Armava o méndicante a dar á yela no dia em que tinha promettido o paga-

mento das patacas ; e sem duvida saira com a preza da grossa pilhagem que tinha feito, com dez ou doze mil réis que dispensou á custa alheia, se o bispo não presentira a tramoia por indicios que teve, e se não se picára o tempo em forma que obrigou a nau a dilatar a jornada. Não conto o que d'aqui por diante se seguiu, porque o dito besta, em forma de que intendamos, que ha unhas de prata, que com dispêndios pequenos avançam grandes lucros : o ponto está na tempera, e nas disposições dos meios para assegurar os lanços. E vem a ser isto um jogo de ganha perde, perder para ganhar, como os que jogam com cartas e dados falsos, que no principio se deixam perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar uma mão, com que lhe varram todo o cabedal.

Vejo alguns mandar presentes e donativos a quem lhes não pertence ; e sei que são de condição, que nem a sua mãe darão uma vez de vinho, quanto mais frasqueiras, com que cantaram os anjos, a quem nunca trataram ! Dão cargas de fructa, taboleiros de doces, joias de preço, sacos de dinheiro : e fico atordoado, examinando de d'onde lhe vem a Pedro sahar gallego ? Irmão, se tu nunca entraste em barco, nem metteste o pé em meio alqueire com este homem, como te dispenses com elle ? Isto tem misterio : e buscada a raiz, é ganancia grande, que solicita com dispêndios leves : adoça a passagem, para haver o que pretende, despachos de officios, commendadas, egrejas, títulos, etc, para os quaes até a propria consciencia o acha inhabil : mas como dadivas quebram penedos, acha que por este caminho torcerá a justiça, e vem a ser um genero de latrocínio de má casta, porque ás vezes cheira a simonia, e é hydropizia da ambição. Acabo este capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que estas.

Na corte de Madrid se achou um tratante de indias com grande quantidade de esmeraldas lavradas, sem lhes achar gasto, nem saida para se desfazer dellas. Poz duas escolhidas em um par de arrecadas, e fez dellas presente á rainha Dona Margarida, que as estimou muito, porque tudo o dado de graça leva consigo agrado, e graça natural : e como as rainhas são o espelho de todas as senhoras de seu reino, em estas vendo a estima que a ma-

gestade fazia das esmeraldas, cresceu nellas a estimação, e logo o desejo, que o mercador estava esperando, para as levantar de preço; e se tivera um milhão dellas, todas as gastaria, talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viriam. E irmão gêmeo deste sucesso outro similhante, que outro mercador fabricou na mesma corte, para dar expediente a vinte peças de panno fino, que não tinha gasto por razão da cor: ofereceu a el-rei um vestido delle muito bem guarnecido, e ebrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazel-o se quer oito dias: e não eram bem quatro andados, quando já o mercador não tinha na loja de todo o panno, nem um só retalho, e se mil peças tivera, tantas gastaria. E estas são as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgam grandes ganancias, tirando por arte e substancia do vulgo ignorante, que se leva de vãs apparencias.

CAPITULO LXV.

Dos que furtam com unhas de não sei como lhe chamam.

Os rhetoricos dão nomes ás coisas, tirando-lhos de suas propriedades e derivações; e assim o temos nós dado a todas as unhas desta Arte: e indo já no fim della, se me oferecem algumas taes que não sei que nome lhes ponho, porque se lhes olho para os efeitos, acho-as nescias; se para a derivação, acho-as sem princípios, nem fim util. E chamar-lhes parvoas, é descortezia; chamar-lhes sem principio nem fim, é fazel-as eternas, contra o que pretendemos, que é extinguil-as. Ora em fim, a Deus e à ventura chamo-lhe tolas, e saia o que sair. E possa assim na verdade, que bem consideradas, achará nellas até um eego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar só para sozet mal ao proximo, sem utilidade propria. Segunda, furtar o que não de restituir. Terceira, furtar para outrem. Quarto, furtar o que lhes

hão de demandar e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar só para fazer mal ao proximo, sem nenhuma utilidade para si, não ha duvida, que é tolice grande ; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alheia, ou põe em fogo a seara de seu vizinho, só por se vingar de uma paixão que teve contra elle : e se o tal é christão, cresce nelle a tolice, pela obrigação que sabe lhe accresce de refazer o dano que deu : d'onde se segue que a si fez todo o mal, e não ao proximo, pois é obrigado a lh' o recompensar por inteiro. E ha homens nesta parte tão cegos, que por darem um desgosto a seu inimigo, não reparam no que por isso sobre si tomam. Houve um rei antiga-mente neste mundo, que sabendo de dois vassallos seus, que eram grandes inimigos entre si, mandou chamar ao mais apaixonado, e disse-lhe : Quero-vos fazer uma mercê, e ha de ser a que vós me pedirdes, com advertencia que a hei de fazer dobrada a su-lano, de quem sei sois grande inimigo. Beijou a mão ao rei pelo favor, e pediu logo por mercê que lhe mandasse arrancar um olho ; porque assim seria obrigado a arrancar dois ao outro, para que ficasse cego, ainda que elle ficasse torto. E bem cego estava, quando procurava dano alheio sem proveito proprio.

Quanto á segunda : furtar o que hão de restituir. Melhor dissera : o que não hão de restituir, porque raro é o ladrão que restitua ; mas fallamos da obrigação que lhes corre, se é que são christãos, e tractam de se salvar. E bem devem de saber o que dizem os doutores, que não se perdoa o peccado, a quem, podendo, não restitue o mal levado. Todos dizem quando se confessam, que hão de restituir, como tiverem por onde. Pois nosso irmão, se vós o haveis de restituir, para que o furtastes ? Respondem, que sabe melhor o furtado, que o comprado : e não ponderam que o amargor da restituição é maior que a doçura do furto ; e por isso dissemos que é grande tolice furtar o que se ha de restituir. Furtaram tres officiaes mancommunados nove mil cruzados á fazenda de sua magestade ; repartiram-nos entre si, e navegaram com o cabedal, um para a India, outro para Angola, e para o Brazil outro ; e depois de chatinarem valente-mente, tomou-os por lá a hora da morte. Tratou cada um por

sua parte de se pôr bem com Deus pelos sacramentos da penitencia, que é o ultimo valhacoito dos peccadores ; e chegando ao setimo mandamento, picavam a consciencia de cada um os tres mil cruzados que lhe couberam, e declaravam como tinham de obrigação, que o furto ao todo fôra de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavam-se todos com cabedaes, que tinham adquirido, bastantes para restituir tudo. Dizia o confessor da India ao seu penitente, que era obrigado a restituir os nove mil cruzados por inteiro, visto não lhe constar se seus companheiros tinham dado satisfação á sua parte. O confessor de Angola e do Brazil diziam o mesmo aos seus moribundos, que se achavam novos na nova obrigação que se lhes impunha, e argumentavam : se eu não logrei mais que tres mil, como hei de restituir nove mil ? Mas a resposta estava á mão, e clara ; porque fostes causa do damno por inteiro, com a ajuda que déstes a vossos companheiros ; consta-vos do furto, e não vos consta da restituição, e assim sois obrigado a vos descarregar do que é certo, e não vos pôde valer a descarga que é incerta. Eis aqui outra tolice maior, furtar o que se ha de restituir dobrado, e tres dobrado, conforme o numero dos companheiros, que entraram ao escote. Alguns neste ponto fazem-se mancos por não remar : dizem que não tem posses para restituir, e que não são obrigados, senão quando os favorecer fortuna mais pingue ; que primeiro está a obrigação de se sustentarem a si, e a sua casa, para que não pereçam : e nós vemos que poderão aguarentar mil superfluidades, e estreitar os gastos, e pouparem para dar o seu a seu dono. Lá se avenham : só lhes lembro que hão de viver mais no outro mundo, que neste, e que tudo cá lhes ha de ficar, testimunhando ser justa sua condemnação.

Quanto á terceira tolice : furtar para outrem, digo que é maior que a primeira, e segunda ; porque não ha duvida, que é insania muito grande empenhar-se um homem, pelo que não ha de lograr. Os reis devem pagar a quem os serve, e pagam-lhe com ordenados e mercês : chega o tempo de cobrarem, passam-lhe os reis portarias e alvarás, com que se descarregam : vão com estes papeis os acredores, aos vereadores e thesoureiros, para que

entreguem o que nelles se contém ; e fecham-se à banda como ouriços cacheiros, em que não ha mais que espinhos de respostas picantes, e bem devem saber que a retenção do que se deve é verdadeiro surto : e tomára perguntar-lhes, para quem furtam isto que não pagam ? Não saltará quem cuide que para si ; e se não fôr para si, será para o rei, que já se desobrigou com mandar que se pague ; e assim veem a ser ladrões, que furtam para outrem, e é o que chamamos grande tolice : e a graça é que se ficam rindo com estas retenções, como se foram chistes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias teem por si : e eu sei que as marciam os mesmos por muito grande ignorancia. Por maior tive a de certos cavalheiros em Santarem, que metteram na cabeça a um mancebo vagamundo, que se fingisse filho de um homem nobre e rico, para o herdar. Eoi o caso, que este homem teve um filho unico, que lhe fugiu de nove annos, e havia mais de vinte que não sabia delle : appareceu neste tempo naquelle villa um pobretão que representava a mesma idade : amigos ou inimigos do homem de bem, o ensinaram como havia de dizer que era seu filho, e lhe ensinaram historias e circumstancias, para se dar a conhecer, e que os allegasse por testimunhas : o pae supposto negava-o de filho fortemente, e dava por razão, que não se lhe alvoracava o sangue quando o viu. O mancebo demandava-o diante do juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o não herdava por morte : as historias que contava, e testimunhas que dava, contestaram de maneira que deu o juiz sentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por seu filho. Caso raro, e nunca visto, nem imaginado ! Que no mesmo dia appareceu em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceram logo, e o velho dizia : este sim, que se me alvorocou o sangue quando o vi. O outro desappareceu logo, e eu perguntava aos embaixadores, se advertiam, que era surto os alimentos que faziam dar com seu testimunho a quem os não merecia ? E que negociavam para outrem, e não para si o fructo da demanda, que iniquamente venciam ? Não deviam de ignoral-o, ainda que se mostravam nissos grandes ignorantes e tolos.

Alguns cuidam que tem desculpa, quando furtam para darem remedio a seus filhos; mas crêam que não escapam da mesma nota, porque seus filhos não os hão de tirar do inferno quando lá forem, pelo que para elles mal e sujamente adquiriam. Em certo lugar deste reino tinha um alayate tres filhas sem dote para lhes dar estado: accordou de as casar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comsigo e com elles no Algarve, fingindo-se conde vomitado das ondas, que escapára com aquelles criados de um naufragio; tinha presença e labia para persuadir tudo; que vinha de Indias, e perdera mais de meio milhão em barras de oiro e pinhas de prata, que até as panellas da sua cosinha eram do mesmo, e que se via como Job posto de lodo. E com estas e outras impost uras, persuadia ás camaras e cabidos, nobreza e povos, por onde passava, que o ajudassem contra sua fortuna: todos se compadeciam, e para os mover mais, mostrava em pergaminhos sua grande prosapia, e os famosos cargos que servira. O menos que lhe davam até nos logares pequenos e humildes, eram os dez e os vinte cruzados, que nas villas grandes e cidades ricas, passava sempre o donativo de vinte mil réis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem assim o reino quasi todo pela posta, achou-se o senhor conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados, gran-geados por esta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como se foram tres condessas: e elle ficou tão alayate como d'antes, sem lograr de tantos furtos, mais que o pezar de os vêr mal logrados nas unhas de seus genros, que se bem o ajudaram mal lh'o agradeceram. E não diz mais a historia.

Quanto á quarta: furtar o que vos hão de demandar, e fazer pagar, em que vos pez, é a maior tolice de todas, como se viu no que sucedeu ao Carvalho, na semana em que componho este capitulo. Era guarda da alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheias muito bem, porque as punha em sua casa, como se foram suas: foi demandado por isso; e porque não deu boa razão de si ás partes, o puzeram por portas repartido: pretendeu levantar cabeça á custa alheia, e levantaram-lh'a dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoio desta tolice;

livro-me com um deste particular e de todo este capitulo. Em Angola tinha el-rei nosso senhor não ha muitos annos um ministro (tomara-lhe muitos similhantes) que empregava os direitos reaes em escravos, que mandava ao Brazil, com direcção que se vendessem e fizessem do procedido caixas de açucar para o reino : e assim se augmentasse a fazenda de sua magestade tres vezes ao galarim ; mas o ministro que respondia ao Brazil, fazia seu negocio melhor que os alheios. Chegava uma partida de trinta ou quarenta negros, achava serem mortos dois na viagem, lançava nos livros doze desfuntos, e tomava dez para si resuscitados : eram os que restavam mancebos e bem dispostos : mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha, velhos ou estropeados, punha-os no numero d'el-rei, e tirava outros tantos para si, moços e de bom recibo : e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucarens tanto a seu modo, que sempre as perdas eram reaes, e os ganhos proprios. Havia olheiros zelosos que viam isto, mas andavam tão intimidados, que nem boquejar se atreviam, até que o tempo, descobridor de maiores segredos, trazia tudo a luz ; e para escurecer esta, tinha o sobredito na corte outros officiaes a quem respondia com os ganhos ; e por isso o defendiam e conservavam, fazendo-se as barbas com sabonetes de açucar, apesar que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz consigo a luz, por mais que a eclipsem sempre se manifesta : e provada esta, que será bom que se faça ao tal ministro ? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda e corpo o novo e o velho, para que não seja tão tolo, que cuide poderá cobrir o céu com uma joeira ; e que não saiba o que já fica dito por boca de um arganaz no capitulo XXIV, que quem a galinha d'el-rei come magra, gorda a paga.

CAPITULO LXVI.

Des que furtam com unhas ridiculas.

Furtar para rir é muito mau modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto, como aconteceu em Coimbra a uma corja de estudantes, por signal que eram graves e bem nascidos. Deram no galinheiro de Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e fizeram tal descante nas galinhas, perús e ganços, sem compasso, que metteram tudo a saco, sem deixarem mais que dois ou tres galos vestidos de luto, arrastrando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-se o procurador do convento á justiça, tirou-se devassa; e como tinham contado em banquetes o que depennaram, foi facil apanhal-os a todos, e choraram as pegas que mereciam, e se lhes perdoaram por misericordia, respeitando sua auctoridade e nobreza. Mais ardilosos se portaram outros taes na mesma praça: souberam que vinha do celebre Lorvão, por occasião de natal, uma valente consoada para o bispo: seis mulheres a traziam em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copiosa, para tão alentados combatentes, que lhe cortaram o passo, antes de chegarem á cidade; e allivando-as da carga, as fizeram voltar de vasio, enchendo-se de doces para a festa, e carregando-se de amargozes para a quaresma; ainda que sairam em paz desta batalha, porque não deram com a lingua nos dentes, contentando-se com darem a seu salvo com os dentes na consoada. Chegou a semana santa, moderou-os a consciencia, como costuma; fizeram petição ao bispo, que os perdoasse, sem se assignarem nella: poz-lhes por despacho. Appareçam os supplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foi o mesmo que deixar-lhes a restituição ás costas a cada um por inteiro, se todos juntos a não satisfizeram; e assim ganharam maior pena, que o riso que lograram.

Em villa Viçosa conheci um fidalgo, ha mois de vinte annos, no serviço da real casa de Brogança, o qual tomou por materia de riso calçar todo o anno, sem pagar nenhum par de obra aos

çapateiros, que vieram a dar-lhe na trilha, levantando-se ás maiores, com palavra que correu entre todos, que nenhum se fiasse delle, nem lhe dêsse calçado, sem lh'o pagar primeiro. Vendo-se o fidalgo posto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos, sem o dinheiro na mão, mandou ao moço que pedisse um só çapato á prova; e que se lhe contentasse mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o oficial, um çapato levará vossê, mas dois não os verá seu amo, sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o fidalgo teve um nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo fiou um çapato delle, persuadindo-se, que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lh'o restituiria, não lhe servindo. Vendo-se assim com dois, calçou-os, e foi-se ao paço tir sobre a historia; e os officiaes ficaram bramindo a nova zombaria, sobre que se fizeram boas decimas e sonetos.

Tambem para bons despachos teem boa preza estas unhas; porque uma graceta e dois chistes movem talvez um ministro, e tambem um rei enfadado, mais que discursos serios. O serio do governo vexa e cança a natureza, que aceita e estima o dessogo, que traz comsigo alegria e riso; e quem sabe mover a este com boa tempera, e com boa conjunção, faz bom negocio: tal o fez uma dona em Madrid com o conde de Olivares, e com o rei para seus despachos, por conselho de um experimentado, que lhe notou a petição nesta fórmula em tres

QUARTETOS.

Soy Dona Ana Gavilanes,
 La de los ojos hundidos,
 Muger fuy de tres maridos,
 Y todos tres capitanes.
 Morieron en la milicia,
 Sirviendo a su magestad,
 Quede yo de poca edad,
 Y de muy poca codicia.
 Bebo tinto, y como assado,
 Por achaques de dolencia,
 Suplico a vuestra excellencia
 Me perdone este pecado.

Deu a mulher a petição ao conde duque, sem saber o que lhe vava nella : festejou-a elle como merecia ; e levou-a logo a el-rei, que riu infinito. E mandou que a despachasse com mais do que pedia. Cortes ha em que medram mais busões com suas graças, que homens sizudos com grandes serviços.

Acabo este capitulo e todo o Tratado, com um gasto notavel, que se faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito ridiculo : e é, que ha nesta corte uma casa, que chamam collegio dos Catechumenos, o qual fundaram os reis de Portugal, e dotaram com sua grande piedade de bastante renda, para nelle se agazalharem e sustentarem todos os infieis, assim moiros, como judeus ou gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o santo baptismo, até serem industriados nos mysterios da fé, e aprenderem todas as orações da santa doutrina ; e é certo que passam annos, sem haver neste collegio um só catechumeno, o qual tem seu reitor e officiaes, como se houvera nelle um grande meneio de sujeitos. E é certissimo outrossim, que o reitor tem sessenta mil réis de renda, e que não paga casas, sem fazer mais, que dar-se a S. Pedro, quando lhe vem algum catechumeno, e chorar que não teem que lhe dar a comer, nem cama em que durma. O escrivão desta fabrica tem setenta mil réis de ordenado, e casas de vinte e quatro mil, sem tomar a penna na mão em todo o anno, mais que para passar as quitacões dos recibos do seu estipendio. E o medico tem doze mil réis, sem tomar o pulso mais que ao dinheiro, quando o recebe ; e o barbeiro tem quatro mil réis, sem fazer mais que uma sangria na bolça d'el-rei, quando os arrecada. E estas são as verdadeiras unhas ridiculas : e a graça melhor de todas é, que o trabalho de todas estas maquinas, que consiste em cathequizar e baptizar os neophitos, fica tudo ás costas dos padres da companhia de S. Roque, sem terem por isso proes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deus, que lh'o pagará no outro mundo. São porém muito dignas de lagrimas as unhas que a estas se seguem ; porque em havendo catechumenos, são tudo petições a sua magestade, que lhes mande dar esmolas para os sustentar, e se não que perecem ! Valha-me Jesu Christo, não

fóra mélhor andar o principal diante do accessorio ! O principal aqui é a educação e ensino dos catechumenos, e o accessorio são os ministros que os servem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos bois ! Que os servos tenham tudo o necessario de sobrejo, e os servidos não tenham um basaruço, se lh' o não derem de esmola ! Sou de parecer que *frangat nucleum, qui vult nucem.* Quem quizer comer, depenne ; porque não se pescam trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que se extingam os taes ofícios, sem ficar mais que um administrador ecclesiástico com quarenta mil réis, que é bastante porção, ajudada com sua missa livre, e casas de graça, que têm no mesmo collegio ; é o mais, que passa de cento e cincoenta mil réis, que o logre seu legitimo dono, que são os catechumenos. E quando fôr necessario medico ou barbeiro, paguem-se da mesma porção por aquella só vez, que vem a ser nada, porque passam annos, sem serem necessarios taes ministros. Quanto mais, que bem podem passar, sem fazerem a barba tantas vezes. E eu a tenho feita bastante mente a quântos ladrões ha neste reino ; e se algum me escapou, perdoe-me, porque não foi minha intenção deixal-o sem chrisma : mas de vêr como ardem as barbas de seus visinhos, poderá aprender para botar as suas de molho. Réstava agora cortar as unhas a todos, e tenho para isso tres tesouras excellentes de aço find : a primeira se chama *Vigia* : a segunda, *Milícia* : a terceira, *Degredo*. Direi de cada uma duas palavras ; e a todas as unhas tres desenganos, e daremos fim a esta Obra.

CAPITULO LXVII.

**Tesoura primeira para cortar unhas,
chama-se — Vigia.** —

Baldado seria o trabalho que tomei em descobrir tantos males da nossa republica, se os deixasse sem remedio : e o melhor que

ha para achaques de unhas, não ha duvida que é uma boa tesoura que as corte: e porque são muitas as que aqui se nos oferecem, offereço tres tesouras, que me parece bastarão para as cortar todas. Digo, pois, que a primeira tesoura se chama *Vigia*; porque é grande remedio para escapar de ladrões, vigial-os bem. Ladrão vigiado é conhecido; e em se vendo descuberto encolhe as unhas. Esta vigia corre por conta dos reis, que devem mandar ás suas justiças que não durmam: muito dormem as justiças de Lisboa, e, á sua imitação, as de todo o reino. Já não ha uma vara que ronde de noite, nem quem cace um milhafre; e por isso as unhas andam tão soltas. E porque os reis são os a quem mais neste mundo se furtá, porque teem mais de seu, ou porque não se resguardam por isso tanto como os que teem menos: seja-me licito dar aqui uma palavra a el-rei nosso senhor.

Senhor, eu offereci esta obra a vossa magestade, para vêr nella os cannos por onde se desbarata sua fazenda, e a de seus vassallos: faça-me vossa magestade mercê de a vêr com ambos os olhos, porque se os não tiver ambos abertos, nem a capa lhe escapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, segundo contam os poetas, e nem isso bastou para Mercurio lhe não furtar uma peça que trazia nelles, porque os fechou todos. Dois olhos tem vossa magestade como duas estrellas, e se tivera dois mil, cada um como o sol, todos teriam bem que vêr e que vigiar em seu imperio, tão grande na extensão, que se mede com a do mundo; e tão alto e soberano na grandeza, que se levanta até o céu. Das mãos dos reis, disse Nasão, que são muito compridas, porque abarcam seus reinos, quando bem os governam: mais compridas considero as de vossa magestade, porque chegam do occidente, onde vive, ao oriente, norte e sul, onde reina e é temido. Taes lhe tomára á vossa magestade os olhos, e taes os tem, quando em todas as partes do mundo que domina, põe bons olheiros: e para estes serem melhores, desejavam muitos prudentes que os illustrasse vossa magestade eom os titulos e prerrogativas, que fazem os homens mais illustres; e ficaria vossa magestade com isso mais illustrado, e o seu imperio mais bem visto, e tudo mais venerado, mais amado e temido.

Este lustre dos olhos e olheiros de vossa magestade, não sei se o diga, porque temo dízel-o sem fructo; mas sim direi, porque me assegura que não será debalde, por ser muito facil, e de muito proveito, e nenhum custo. Pónha vossa magestade quatro vice-reis da sua mão nas quatro partes do mundo: grandeza é, a que não chegou Alexandre, nem monarca algum do universo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do orbe tanto como vossa magestade possue. Na Asia vice-rei temos, e puderemos ter nella tres: o de Goa, que governa a Persia, Arabia, Ethiopia, praias de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India que corre até Moçambique. Outro em Ceilão, do Cabo de Comorim para dentro, que governa o reino de Jasanapatão, ilha de Manar, costa da Pescaria e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e reinos circumvisinhos. Outro em Malaca, ou Macáu, para Bengala, Pegú, Arracão, Malucas, Japão, China, Cochinchina, etc. E todos para muitos outros reinos e imperios, que não cabem neste rascunho, e será mais facil vel-los no mappa, que pintal-os aqui. Na Africa podemos ter outro vice-rei em Angola; na America, outro no Brazil, e outro em Europa no reino do Algarve. Para grandes officios buscam-se grandes sujeitos, e uma e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si, e do que se lhes entrega. Pasmam as nações, quando vêem que o monarca de Hespanha tem quatro ou cinco vice-reis; dois ou tres na America, e outros tantos em Europa. Mas na Africa e Asia, não lhe é possivel, porque não tem nestas duas partes dominio capaz de tão grande governo. Só vossa magestade o tem em todas as quatro partes capacissimo, para ser o maior monarca de todos; e por isso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia que se deve a estes titulos, mette veneração, terror, e obediencia até nos corações mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer que o medo guarda a vinha; e os homens tanto temem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem vossa magestade entrega o cuidado de seus imperios, com os titulos e poderes que lhes communica; e quando estes são maiores, então são elles mais temidos: e sendo temidos e respeitados, guardam e vigiam melhor a fazenda de vossa ma-

gestade. Estes são os olhos com que vossa magestade vencerá os Argos, e vencerá aos linceus. Onde ha muitos, sempre ha furto ; porque os ladrões são em toda a parte mais que muitos : e como as coisas por muitas lhes veem á mão, as unhas não lhes perdoam ; mas onde ha bons olheiros, não se furtar tanto. Seja esta a primeira tesoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que não diminua muito os ladrões, porque os que o são por natureza : *Naturam expellunt furca*. Mas para extinguir estes, ou moderar-los de todo, é de grande importancia a segunda tesoura, que se chama *Milicia*, de que já digo grandes prestímos,

CAPITULO LXVIII.

Tesoura segunda chamada — *Milicia*. —

O Bocalino nas suas côrtes do Parnaso, ou parabolas de Apollo, diz que se amotinaram as republicas do mundo contra Jupiter, por não lhes dar instrumentos com que podessem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladrões ; e que levaram por seus procuradores esta queixa a Apollo, para que lh'a resolvesse e remediasse. Acham-no dando audiencia geral no monte Pindo ; recebe-los benigno, e propuseram-lhe a sua embaixada desta maneira : Senhor, como ha de haver no mundo, que estejam os hortelões de melhor condição que nós no governo das suas hortas e quintas ? Deu-lhes Deus instrumentos para as mondarem, deu-lhes a enxada para arrancarem as hortigas e abrolhos, deu-lhes a foice para cortarem os silvados, e todas as malezas ; e ás republicas nenhum instrumento deu accommodado, nem sequer um ancinho, para as podermos mondar e alimpar de tantos ladrões que nos destroem, e de tantos males que nos causam sem remedio ! Indignou-se Apollo chamando-lhes barbaros ! Pois não viam a maior providencia que Deus tem das republicas, que das hortas ; porque se ás hortas deu a enxada e a foice para as mondarem,

ás republicas deu o pisano, o tambor e a trembete, para as alimparem. Tocae caixas, alistae todos esses de que vos queixaes, ponde-lhes um pique ás costas, mandae-os á guerra; lá amançarão, ou acabarão servindo a seu rei e patria, e ficará a vossa republica livre dessa praga. E vedes ahi a melhor foice que ha, e a melhor enxada, para mondar e cultivar as republicas do mundo. Disse Apollo e disse bem.

O mesmo digo aos procuradores e governadores da nossa republica, que se queixam de haver nella tantos ladrões, que não os podem extinguir: toquem caixa, toquem pisano e trombeta; alistem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das conquistas; empreguem suas unhas e garras em nossos inimigos, e ficarão livres de suas invasões nossas fazendas. Esta é a melhor tesoura que ha para cortar todas as unhas. Não sei se notam os criticos o que tenho notado de dez qu doze annos a esta parte, que tantos ha que andamos em guerra viva com nossos inimigos, assim por mar, como por terra. Noto que antes disto não nos podiamos vêr livres de ladrões por essas estradas de todo o reino, nem podiamos dar passo, sem que nos salteassem pelas charnecas; não se fazia feira em que não fizessem mil assaltos, nem havia justiça que bastasse para nos livrar desta praga, a qual cessou de todo com as guerras; e já não vêmos no interior do reino ladrões em quadrilhas, como andavam d'antes; e é porque lhes démos que fazer nas fronteiras; lá se cevam nas pilhagens do inimigo, com que nos deixam.

Nem me digam que quem más manhas ha, tarde ou nunca as perderá, e que ainda fazem das suas, e agora melhor, porque andam armados, e a titulo de servirem a el-rei se fazem isentos, e indomaveis, porque a isto se responde, que não haverá tal, se andarem bem disciplinados. São as regras da milicia muito ajustadas com o bem publico; e se os cabos (que sempre são homens escolhidos) os fizerem guardar, como teem de obrigação, também os soldados fazem a sua, de andarem compostos, ou por medo, ou por primor. Não sei que tem o andarem os homens alistados e com superiores continuos sobre suas accções, que lhes tomam cada hora conta dellas para lhes darem o galardão, bom ou mau, se-

gundo e terceiro, que neahum se atreve a lançar o pé além da mão, antes lhe serve, assim o premio como o castigo, de continuos estimulos, para serem bons, e tractarem da honra e augmentos louvaveis, que por armas se alcançam.

Esta é a segunda tesoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladrões que nos inquietam. E se esta ainda não bastar para alimpar de todo a nossa republica e reino, porque ha nelle muitos incapazes da milicia, quaes são siganos, e outros que se parecem com elles nas obras, e se livram da guerra por varios principios, que se deixam conhecer e não aponto; temos outra tesoura muito efficaz para os extinguir no reino, sem que escapem, assim haja quem a meneie. Esta se chama *Degredo*, do qual se contam e escrevem grandes excellencias; e eu direi só as que fazem para o nosso intento no capitulo que se segue: e neste não digo mais da *Milicia*, porque tudo o que della se pôde disputar, fica spontado nos capitulos 20, 21 e 22 das *unhas militares*.

CAPITULO LXIX.

Tesoura terceira chamada — *Degredo*. —

Duas coisas ha que facilitarão muito os ladrões a furtar: uma é o que sobeja nelles, e a outra o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles e sobeja em nós, é o que os move a serem ladrões, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Comtudo, isso não é assim, se não que sobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós justiças para os emendarem: bem está, assim é, mas tovara saber de donde vem sobejar nelles a cobiça, e fallar em nós a justiça? Eu o direi, a quem estiver attento á historia ou parabola que se segue.

Duas donas principaes, e senhoras muito conhecidas nesta corte, vieram ás gadelhas sobre pouco mais de nada, e fizeram uma briga muito arriscada no Terreiro do Paço: uma se chamava dona

Justiça e a outra dona Cobiça. A senhora dona Cobiça, não sei se por mais moça, se por menos soffrida, deu uma punhada em um olho á Justiça, tão grande, que lh' o lançou fóra ; e dando-a por morta, tractou de se pôr em cobro. Acolheu-se para o paço, que lhe ficava perto ; mas logo lhe disseram seus amigos (que lá não lhe saltam) que visse onde se mettia, que não lhe havia de valer o coito ; porque qualquer das pessoas reaes que a encontrasse a havia de mandar pôr na forca, assim por ser homicida e ladrão, como por ser Cobiça, que não se permite no paço. Deu consigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da bolça ; mas logo a avisaram, que se arriscava a fazerem estanque della para o Brazil ; além de que poderia cair nas unhas dos parlamentarios, ou hollandezes, se para lá fosse, que lhe daria māu trato, como dão a tudo. Deu consigo na rua Nova, para se esconder por essas lojas dos mercadores, que todas são escuras, e sem janellas, para não vêrmos o que nos vendem. Mas temendo que a vendessem por baeta, dessa que compram a seis vintens, para a encaixarem a seis tostões, passou de corrida para a rua dos Ourives ; e não fez ahi muita detença, porque viu que mal se podia encobrir, onde tudo se põe á porta. Acolhamo-nos a sagrado, disse ella, por ultimo remedio ; mas em nenhuma egreja a quizeram recolher, por ser vedado nos sagrados canones aos eclesiasticos todo o trato de cobiça. Tractou de se homisiar em algum mosteiro, mas todos lhe fecharam as portas ; os religiosos, porque não lhes inquietasse as comunidades com ambições ; e as freiras, porque não podia professar entre elles, por ser casada com um mulato, que se chama Interesse. Por fim de contas se recolheu no castello, onde aturou pouco, porque não se dá lá meia nem cama aos hospedes ; e fez por isso tues revoltas, que a degradaram para as fronteiras, onde não podendo aturar o pão de munição, porque é muito mimoso, deu em ladrão com tanto desaforo, que roubava a olhos vistos até os pagamentos dos soldados, e destruia a fazenda d'el-rei por mil modos, que não se podem contar : e temendo que a enforcassem os generaes por isso, porque é ponto que se não deve perdoar, passou-se para Castella, castigando-se a si mesma com degredo voluntario : e porque su-

giu sem passaporte, não se atreveu a voltar; e lá se fez natural com tanta audacia e excesso, que em breve tempo assolou toda Hespanha com tributos, para engordar; porque ia muito magra deste reino. Enxergaram-se em Castella os damnos da cobiça, não só nos vassallos destruidos com as fazendas quintadas, e sintas que lhes poz até no sumo que se vac por esses ares; mas também na cabeça do rei tirando-lhe della coroas, e quebrando-lhe sceptros á sua vista. Para se repararem de tão grandes danos, deram com a causa delles no Mundo Novo, onde fez tal estrago, que só na ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de indios, para se encher de oiro. O que fez no Perú, no Mexico e Florida, não é para se referir: dos braços das mães tirava as creanças, e seitas em quartos as dava a cães, com que andava à caça. Queimava vivos os cacizes mais opulentos, esfolava reis, degolava imperadores, para mais a seu salvo devorar serras de prata, e montes de oiro, que mandava a Hespanha, para fazer guerra a toda Europa, África e Ásia. Revolto assim o mundo todo, e posto em riscos de se perder por esta fero, tractou-se do remedio, e resolveu-se com maduro conselhó, que só a justiça direita lh'o podia dar; mas esta estava torta com um olho menos, que lhe tirou a cobiça. Puzeram-lhe um olho de prata, para a fazerem direita; e d'ahi lhe veio trazer sempre a prata nos olhos e o olho na prata, com que ficou mais torta; só no céu se achava neste tempo justiça direita; tem-se pedido a Deus por muitas vias que a mande á terra, e espera-se que venha cedo, e ha disso já grandes prenúncios: e como ella vier e degradar a cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Não sei se me tenho declarado. Quero dizer: que a cobiça é mãe de todos os ladrões, e que a justiça se lhe acanha, quando não é direita. Haja quem castigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de tão más pestes. E esta será a melhor tesoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpias, como por todas as partes nos cercam. Dirá alguém que a melhor tesoura de todas é a força. Não a tenho por tal, porque aqui tratamos de emendar e não de extinguir o mundo; além de que não haverá

forcas que bastem para tão grande pendura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo; comam-se lá embora uns aos outros, isso mesmo lhes servirá de castigo, e ficaremos livres delles, até que se melborem, que é o que se pretende; e os que se melhorarem, tornem a nos ajudar com seu exemplo. As razões que me movem para não admitir que se deem facilmente castigos de morte, ficam apontados no cap. 49 das unhas apressadas, do meio por diante, § Em Roma havia.

CAPÍTULO LXX.

Desengano geral a todas as unhas.

Mais unhas ha; mas as que temos visto neste Tratado, bastam para as conhecermos todas, e para intendermos quão perniciosas e desarrasoadas são. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio— pelas unhas se conhece o leão—e pelas mesmas se conhece o ladrão. Conhecidos assim bem todos os ladrões, suas unhas e artes, boas tres tesouras vos dei, para lh'as cortardes todas. E se essas não bastarem por poucas para tantas unhas, ou não vos contentarem por asperas, porque nem toda aspereza serve para medicamento, tenho tres desenganos efficacissimos para as emendar suavemente, fazendo-lhes intender e abraçar a verdade, que é o melhor modo que ha de correção. Assim é; e é impossivel não repudiar a vontade, o que o intendimento lhe mostra nocivo. Peço a todos os que virem este Tratado, que leiam com attenção estes tres pontos:

DESENGANO PRIMEIRO.

A cobiça de riquezas é como fogo, que nunca diz, *basta*. Quanto mais pasto damos ao fogo, tanto mais se accende, e mais fome mostra de mais pasto, accrescentando-a com aquillo

que a pudéra fartar e extinguir. Tal é a cobiça e fome que os homens teem de riquezas: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit*, disse lá o outro—que cresce a cobiça ao compasso das riquezas, augmentando a fome dellas com a posse, que só a poderá satisfazer. E é o primeiro desengano que damos a todas as unhas que furtam para fartar sua cobiça e fome que teem de riquezas; desenganem-se que trabalham debalde, porque maior a hão de ter quando mais se encherem, e maiores montes ajuntarem; porque é *hydropisia*, que quanto mais bebe, tanto maior sede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite insaciavel, acho que não procede de fome, mas que nasce de fastio, causado do enjôo, que a todas as coisas do mundo é natural causal-o, pela corrupção que tem de casa. E d'ahi vem, que, enfastiados do que possuimos, suspiramos por mais, cuidando que no que de novo vier, acharemos alguma satisfação: e não é assim quando lá vou, porque tudo é do mesmo lote e jaez, e em nada ha a satisfação que buscamos: e por isso digo, que se desenganem todas as unhas, que cançam e trabalham debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de satisfazer a sede que as pica. Ora demos-lhe que não seja assim o que assim é, que não achastes fastio em nada; mas que lograstes muita doçura em tudo quanto vos-sas unhas adquiriam, e que a vosso bello prazer com muito agrado fostes gostando de tudo, e saboreando-vos em cada coisa: dae-me licença para discorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o desengano.

DESENGANO SEGUNDO.

Venham aqui todos os ladrões do mundo, tenha cada um tantas mãos como o Briareo Centimano, e em cada mão outras tantas unhas: não fique unha que aqui não venha a este exame: pesquem, cacem, empolguem e pilhem tudo quanto quizerem, oiro, prata, perolas, joias de pedraria mais preciosa, ofícios, benefícios, commendas, morgados, titulos, honras, grandezas até não mais, e vamos por ordem discutindo tudo. Nas-

cestes neste mundo nô (que assim nascem todos) abristes os olhos, e vistes que com as riquezas medram os poderosos; desejastes logo ser um delles, e tractastes de ajuntar as riquezas com que os poderosos incham. Esperae; não furtareis para as haverdes, eu vol-as dou todas, porque só tractamos aqui por ora fazer a experienzia que vou discursando, para cairdes no desengano que tracto de vos intimar: e se as tendes já, porque as adquiristes servindo, chatinando e roubando, que tudo vem a ser o mesmo, dizei-me agora se vos falta mais alguma coisa; depois de vos verdes com grande cabedal, que é o que pretendéis? Pretendo, responde meito sizudo, uma gineta de capitão-mór, para ter que mandar, e ser temido e respeitado de todos, e merecer servindo a sua magestade, que me faça maiores mercês. Se o não haveis mais, que por uma gineta, dou-vos um bastão; e dou-vos que servistes já com gineta, e bastam até vos enfardades, e prasa a Deus não vos ensadeis mais cedo do que convem. Ao depois dessa capitania e generalato, tomára saber o que se vos segue para appetecer? Segue-se uma commenda famosa, para ter renda que gastar, e com que viver na corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o não haveis por mais, dou-vos duas commendas, e que sejam embora os mais grossas do mestrado de Christo; e faço-vos fidalgo nos livros d'el-rei, para que com honra e proveito fiqueis mais satisfeito. Ao depois de tanta commenda e fidalguia, tomára saber que é o que resta a v. m. Um titulo de conde para maior credito meu, e lustre de minha geração. Titulo de conde? Com pouco se contenta v. m., senhor commendador, eu lh'o dou logo de marquez: e diga-me por vida sua, senhor marquez, diga-me vossa senhoria, ou vossa excellênciâ (que já se não contentam com senhoria) ao depois deste titulo, que é o que se lhe segue? Segue-se passar uma velhice muito descansada e lustrosa. Embora seja assim, ainda que lh'o pudéra negar, porque neste mundo não ha velhice descansada nem lustrosa: *Seneolutus ipsa est morbus.* A mesma velhice em si é doença cheia de mil desalinhos. Essa velhice ha de ter o fim; e ao depois delle tomára saber que é o que se segue a vossa excellênciâ, meu senhor

marquez? Seguir-se-me-ha uma morte muito bem assombrada; porque farei um testamento cheio de mandas para meus parentes, e que me façam umas exequias em que se gastem duzentos mil réis, e dois trintarios de missas pela minha alma: *Et requiescat in pace*; que representei meu dito. Bem está; mas ainda não tem dito tudo vossa excellencia. De maneira, meu senhor, que deixa quinhentos cruzados para exequias, e trinta tostões para missas! Pois eu tomára-lhe antes os quinhentos em missas, e os trinta em exequias. E as mandas que deixa a seus parentes, quem lhe disse que não seriam demandas? E a morte bem assombrada, que se promette, quem lhe passou carta de seguro para ella? Não sabe que os velhos quasi todos morrem tontos, e que toda a morte no mundo sempre foi muito feia, e mal assombrada? Mas dou-lhe que a teve assim como a pinta, muito formosa, contra o que nos mostram seus retratos; e dou-lhe que lhe fizeram seus parentes as exequias, ainda mais magnificas. Ao depois de tudo isso, que é o que se lhe segue? Que é o que resta? Não me responde? Encolhe os hombros? Diz que não sabe? Pois este ponto, e este *ao depois*, tomára eu que o trouxera estudo desde o primeiro despacho da gineta, e desde o primeiro dia em que entrou nô neste mundo, para prova de que assim havia de sair delle, sem levar nada de quanto ajuntou na vida: e se o não sabe, porque nunca cuidou nisso, eu lh'o direi, esteja-me attento.

Ao depois da morte e das exequias, segue-se ir para baixo ou para cima; voar para o céu, ou descer para o inferno. Quem serviu o mundo, e se carregou do alheio, esse peso mesmo o leva para o profundo: quem fugiu do mundo, e desprezou tudo isso, fica ligeiro para voar ao céu. E este é o ponto mais essencial, e a maxima do nosso ser, que devemos trazer sempre diante dos olhos, para desengano de que tudo dispára em nada: e desse nada resulta um muito, que são eternas penas, as quaes cambiadas com o gosto que lograstes ou comprastes, necessariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do justo preço. E para que não duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores regnum Dei non possidebunt*. Que a ladrões não

X

se deve gloria, senão penas. Mas direis, o que já disse um grande de Castella em Madrid : *Esto del inferno parece-me patranha ; y lo del Limbo ninheria ; que lo de purgatorio nò ay duda, que es invencion de clerigos, y frayles, para sacar dinero por missas.* Não sei como não disse tambem que não havia gloria, nem céu ! Mas temeu que lh' o mostrassem com o dedo até os cegos : e não diria mais um orate, nem Machiavolo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos tão alcantilados, que vem a ser, que não ha mais que este mundo, estendei os olhos por todo elle, e achareis que tudo é corruptivel. Considerae os que maiores bens e glorias lograram, Salomões, Alexandres, Cressos, Midas, Cesares, Pompeos ; nem delles, nem de suas riquezas e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foram, que acabaram, que disseram seu dito no theatro deste mundo. E se sois tão atheu, que nada disto vos move para crêr que ha outro mundo melhor, e que se não deve fazer caso deste, confesso que este desengano para chris-tãos o dava, que o devem crêr : mas para atheus será o desen-gano ultimo, que se segue.

DESENGANO TERCEIRO.

Supponho que não fallo com animaes brutos, mas com homens rationaes, que se intendem, mas que sejam atheus, que não crêm, que ha Deus, nem outra vida. Tractando só desta : dou-vos, que vos fez vossa fortuna, assim como vós quizestes, nobre, são, valente, gentil-homem ; ou que adquiristes por vos-sas artes e industria tudo quanto o mundo ama e estima, e em que põe sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, houras, e gostos ; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possaes roubar. Senhor estaes de tudo : dizei-me agora, quaes são as vossas riquezas ? São thesouros de ouro, prata, joias, peças, enxovaes, propriedades, rendas, etc. Se daes ou gastaes isto, como mundano, sois prodigo : se o guardaes como escasso, sois avarento ; e ambas as coisas são vicio. E se tendes inten-dimento, como suppomos, sois obrigado a crêr, que em vicios

não pôde haver gloria, nem descânço; assim o alcançaram, e escreveram até os maiores idolatras do mundo. Pelo meio da prodigalidade e avareza, corre a liberalidade, que dispende e guarda com a moderação devida, e por isso é virtude; e porque o é, não atina com ella quem serve o mundo, que traz apregoado guerra com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas não pôde haver para vós a bemaventurança que nos singis.

Quaes são as vossas honras? São titulos, que vos fazem respeitados; apparatus de criados e vestidos, que vos fazem venerado; são officios, que vos dão poder para sopear e ficar superior a todos: e se bem considerardes tudo, nada disto tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que vol-o podem tirar com vos negar uma cortezia. Bem fraca é a honra, que depende de uma barretada; de pouca estima deve ser o titulo, que se perde com um delicto; os apparatus que se desfazem com uma ausencia; e as superioridades que se malogram com uma desobediencia dos subditos: e tudo o que chamaes honra, vem a ser um vidro, que com a liviandade de uma mulher se quebra, e com o desconcerto de qualquer de vossa familia se tolda, como o espelho com um bafo. E se bem apertardes a honra, buscando-a em vós mesmo, não a haveis de achar, porque toda é de quem a dá; e se vol-a negar, ficaes sem ella; e até a que chamaes de sangue, não consiste ne vosso; senão em vossos antepassados, e em seus brazões, que vem a ser pergaminhos velhos, roidos de ratos, solhagens e singimentos mal averiguados. E vedes ahi como não pôde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras são mais mudaveis que as grimpas.

Os deleites nesta vida nos cinco sentidos se cifram todos: e os da vista, com ser dos sentidos o mais nobre, são de qualidade, que a noite os rouba; e nisso que vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos que ha mais desfotos para aborrecer, que perfeições para estimar; e até nas mesmas perfeições vemos, que não são de dura, que se murcham como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auro-

res: e vem a ser tudo um crystal de furtas-cores, que a um virar de olhos desapparece tudo. Os gostos do ouvido são musicas e lisonjas, lisonjas que mentem e enganam; musicas, que se compõe de vozes; as vozes do ar, o ar sujeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a disparar em vento. Os do cheiro nascem de fumos e vapores, que em si mesmos se exhalam e extenuam, até se consumirem: que coisa mais corruptivel que o fumo; que coisa menos duravel que o vapor. Tepue? Os do gosto são docuras, e sabores de manjares e licores? Se os tomaes com demazia matam-vos; se vos abstendes delles, já os não lograes, e se os usaes com moderação, continuados enfastiam, dilatados causam fome, e deixados são como se não fossem, para desengano que por todas as vias não se acha gosto nos mesmos gostos desta vida. Os do tacto, que consistem na brandura, no carão e afago com que a sensualidade lisongea a natureza, quem os logra confessar que são momentaneos; e ainda que successivos, de tal maneira se alternam, que são mais as dores, que as suavidades que de seu tacto, quando é immoderado, resultam. E em conclusão, todos os deleites dos sentidos rendem vassallagem ao somno que os sepulta. O somno, imagem da morte, é senhor de todos os gostos, para os ter captivos e sepultados; e quem a tal senhor se sujeita, bem certo é, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Isto é o que passa nesta Babylonia do mundo, onde tudo são confusões e labyrinths. Déstes sao ao mundo, para viverdes nelle abastado e satisfeito, e em nada achastes a satisfação plenaria que buscaveis: seguistes subs leis, que vos ensinaram a pretender, buscar, e estimar o que elle estima; e achastes em tudo vaidade sem firmeza, amargores sem docura, inferno sem bemaventurança. Que resta logo? Cuidarmos que toda a gloria é como esta, e que não ha outra, será engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, constancia, e formosura do céu, nos testimunha e assegura, que ha outra coisa melhor que isto que cá vemos, e que ha bemaventurança solidá e verdadeira. A esta não é possível que se vá pelo cam-

nho que segue o mundo, pois vemos que nos leva ao contrario. Outra lei e regra ha de haver necessariamente, que nos guie com verdade, e leve ao descanso firme, e que nos ponha na gloria, que não padece eclipses. Esta é a lei divina, que se reduz a dois preceitos, que são: amar a Deus sobre todas as coisas, e ao proximo como a ti mesmo. Quem ama a Deus, não tracta do mundo, porque lhe é opposto; quem ama ao proximo não o offende: dar a cada um o que é seu, é um ponto em que tudo se cifra; a Deus a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar à esta felicidade, logrará a maior bem-aventurança, ainda nesta vida, e livrar-se-ha dos infernos deste mundo; que infernos vem a ser todas suas coisas nas penas, molestias, e tribulações, que causam, até quando se gozam; e por isso com muita propriedade e razão lhes chamou Christo espinhos. Quem quizer viver sem estes, viva sem o alheio, tracte só do que lhe pertence, e converter-se-lhe-ha esta vida em gloria, e achará no mundo o paraíso: e bem se prova; porque se o não ha, em quem segue as leis do mundo, havel-o-ha necessariamente em quem seguir a lei contraria, que é a de Christo, a qual se resolve naquella sentença sua: *Reddite ergo, quae sunt Cæsaris Cæsari, et quae sunt Dei Deo.* Que dêmos a cada um o que é seu; a Deus a honra, e ao proximo o que lhe convem. D'onde se segue, que quem não tomar o alheio será bemaventurado.

CONCLUSÃO FINAL, E REMATE DO DESENGANO VERDADEIRO.

Teve um religioso santo uma visão, em que lhe apareceu uma matrona muito formosa, com uma tocha aceza em uma mão, e uma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o servo de Deus, quem era? Respondeu: Sou a lei de Christo. E que tem que ver com a lei de Christo esses dois elementos, fogo e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo tructo de abrazar o céu até o desfazer; e com esta agua quero apagar o inferno até o aniquilar: e depois de não haver céu que espere, nem inferno que tem, ainda hei de guardar a lei de Christo; porque só com a

guardar acho que terei gloria, e ficarei livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria e descanso, e se livra de penas e afflicções, quem guarda a lei de Christo, que dá o seu a seu dono ; e quem o nega, quem o desfrouda, quem o rouba, não achará o que busca, se é que busca descanso ; mas achará afflicção de espirito, cansaço de corpo, tormento para a alma, e viverá em inferno.

Que fazes, homem, á vista de verdades tão claras ? Abre os olhos, vê em que te occupas, tracta do eterno e celestial, deixa o temporal, e terreno ; porque te affirmo, o que é certo, que um milhão de arrobas de glorias temporaes não faz meia onça de bem-aventurança eterna : esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanso da lei de Christo ; e aquellas custam muito a achar, porque se buscam com o suor e trabalhos, que comsigo trazem as leis do mundo. Deixa de ser ladrão, e terás o que has mister ; porque terás a Deus, que para si te creou, e não para servires o mundo falso e enganador, que não tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos ; suas glórias são relampagos, que, se por uma parte luzem, por outra disparam raios. Suas luzes são de candéa, que com um assopro se apagam. Seus assagos são rapozas de Samsão astutas, que no cabo levam fogo que abraza. Sua formosura é a dos pomos de Pentapolí ; por fóra doirados, e por dentro corrupção e fumo, em que poem seu termo todas as coisas do mundo, que não teem outro fim.

E eu ponho aqui remate a este Tratado, que intitulei *Arte de Furtar* ; porque descobre todas as traças dos ladrões, para vos acuatar dellas : aqui vos ponho patente este espelho, que chamo de enganos, para que nelle vejaes os vossos, e vos emendeis conhecendo sua deformidade. Este é o theatro das verdades ; se as conhecereis e seguirdes, representareis melhor figura no deste mundo. Mostrador é de horas minguadas, para que fugindo-as acheis uma boa, em que vos salveis. Tambem é gasúa geral, que, se bem se occupou até aqui em abrir, melhor saberá fechar : chave é que fecha e abre ; se usardes bem della, fechareis para não perder, e abrireteis para ganhar. Verdadeiramente é chave

mestra, que vos ensinará a verdadeira arte com que se abrem os thesouros do céu, os quaes lograreis, quando menos usurpareis os da terra. Em quanto estudaes esta *Arte*, vos fico compondo outra mais liberal, que se intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira*.

FIM.

ÍNDICE

DOS

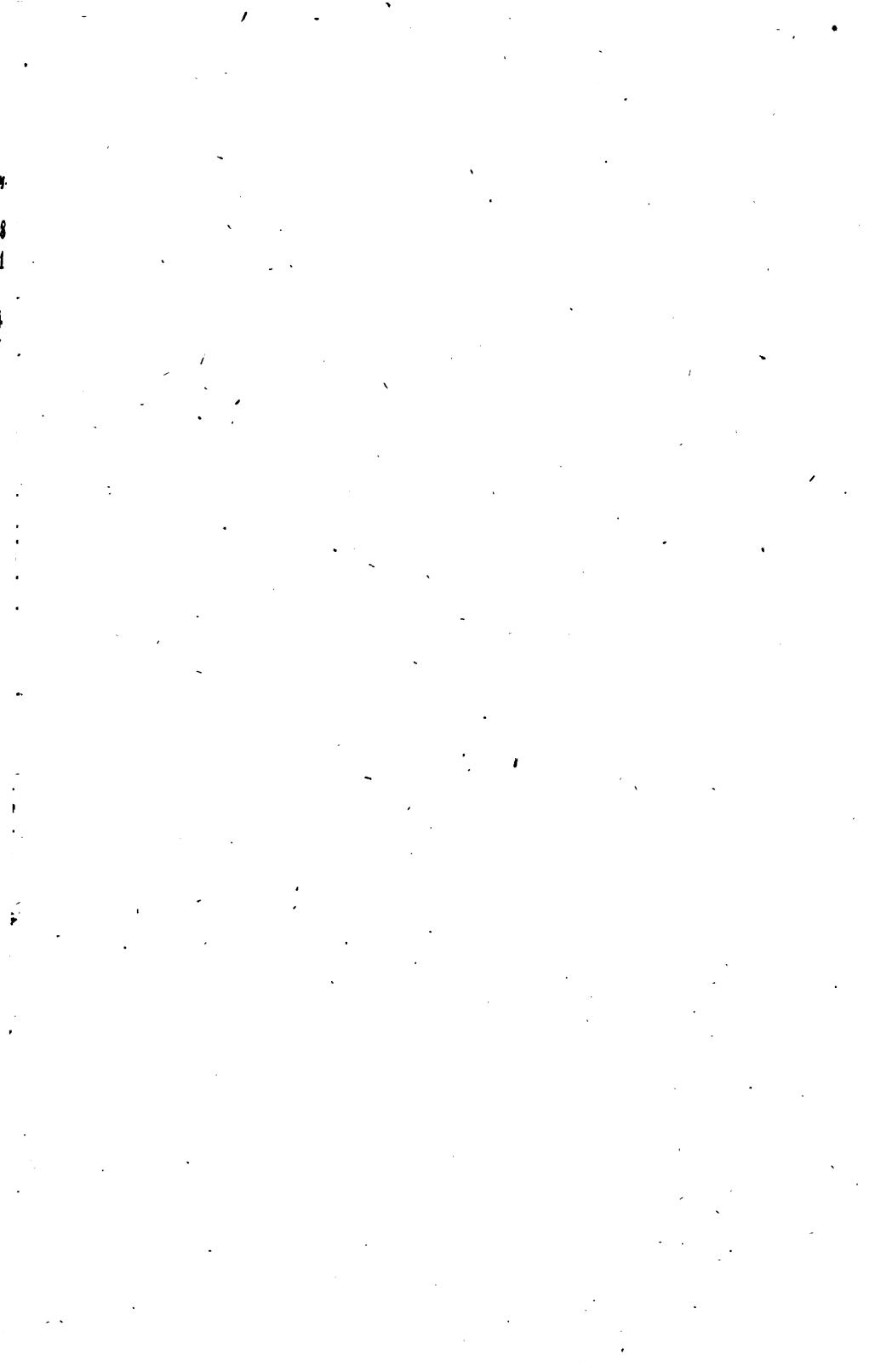
CAPITULOS DESTE TRATADO.

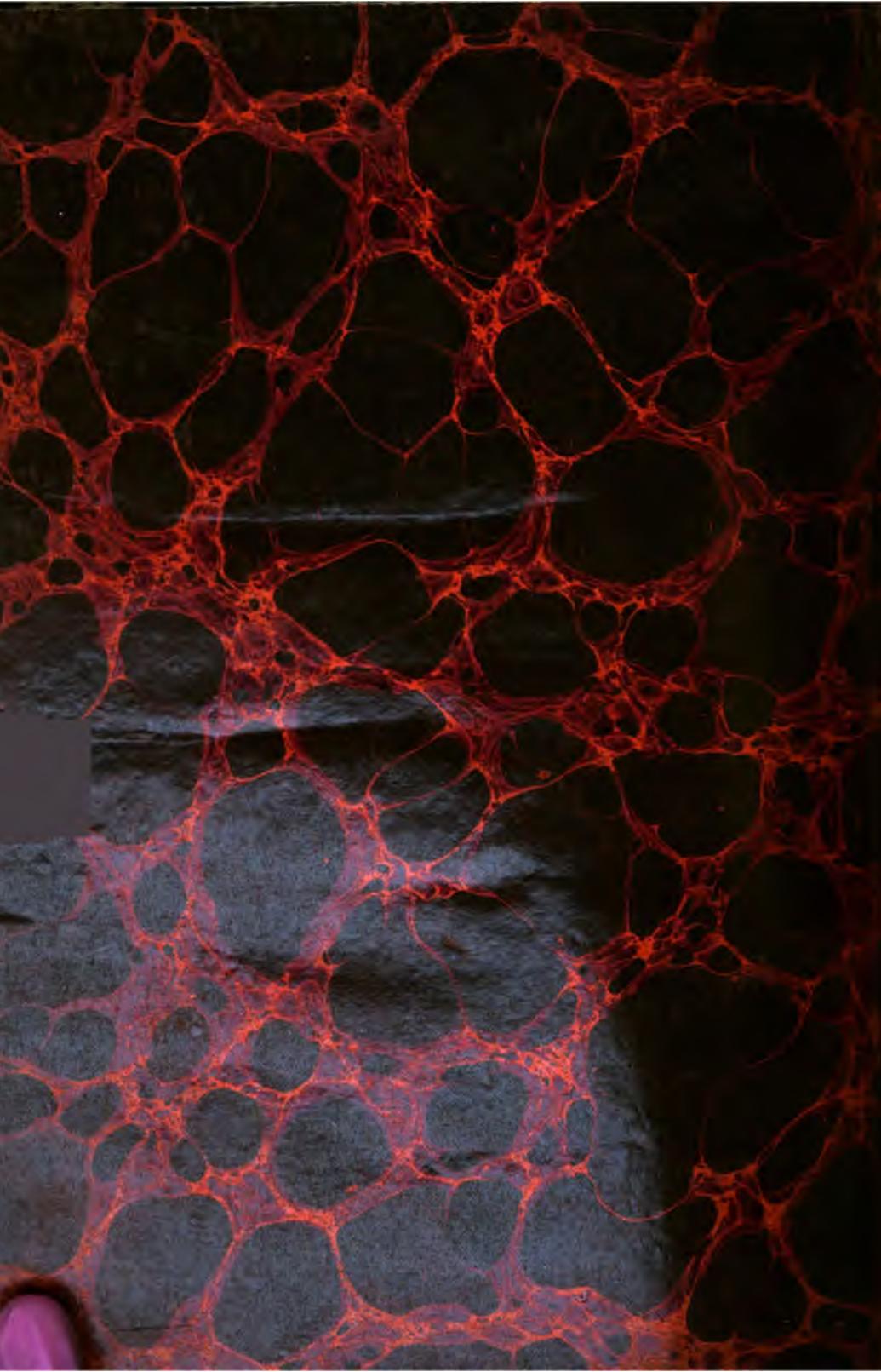
	<i>Pag.</i>
CAPITULO I. Como para furtar ha arte, que é sciencia verdadeira.....	1
CAPITULO II. Como a arte de furtar é muito nobre.....	5
CAPITULO III. Da antiguidade, e professores desta arte.....	7
CAPITULO IV. Como os maiores ladrões são os que temem por officio livrar-nós de outros ladrões.....	11
CAPITULO V. Dos que são ladrões, sem deixarem que outros o sejam.....	16
CAPITULO VI. Como não escapa de ladrão, quem se paga por sua mão.....	18
CAPITULO VII. Como tomando pouco se rouba mais que tomando muito.....	22
CAPITULO VIII. Como se furtá ás partes, fazendo-lhes mercês, e vendendo-lhes misericordias.....	25
CAPITULO IX. Como se furtá a titulo de beneficio.....	28
CAPITULO X. Como se podem furtar a el-rei vinte mil cruzados a titulo de o servir.....	31

	<i>Pag.</i>
CAPITULO XI. Como se podem furtar a el-rei vinte mil cru- zados, e demandal-o por outros tantos	35
CAPITULO XII. Dos ladrões, que furtando muito, nada ficam a dever na sua opinião	37
CAPITULO XIII. Dos que furtam malte, accrescentando a quem roubam, mais do que lhe furtam.....	39
CAPITULO XIV. Dos que furtam com unhas reaes.....	42
CAPITULO XV. Em que se mostra, como pôde um rei ter unhas	45
CAPITULO XVI. Em que se mostram as unhas reaes de Cas- tella ; e como nunca as houve em Portugal	48
Manifesto do direito que D. Filipe rei de Cas- tella allega contra os pertendentes de Portugal.	49
Razões que el-rei D. Filipe allega contra a se- nhora D. Catharina.....	52
Resposta da senhora Dona Catharina contra as razões d'el-rei D. Filipe.....	57
Manifesto do direito da senhora Dona Catharina ao reino de Portugal contra D. Filipe	68
Razões da senhora Dona Catharina contra Filipe.	69
Resposta del-rei D. Filipe contra as razões da senhora Dona Catharina com seu desengano. .	77
CAPITULO XVII. Em que se resolve que as unhas de Castella são as mais farrantes por injustiças	82
CAPITULO XVIII. Dos ladrões que furtam com unhas paci- ficas.....	89
CAPITULO XIX. Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos não damnifiquem	93
CAPITULO XX. Dos ladrões que furtam com unhas mili- tares.	96
CAPITULO XXI. Mostra-se até onde chegam unhas mili- tares, e como se deve fazer a guerra.	99
CAPITULO XXII. Prosegue-se a mesma materia do capítulo antecedente.	106

	Pag.
CAPITULO XXIII. Dos que furtam com unhas temidas.....	110
CAPITULO XXIV. Dos que furtam com unhas tímidas.....	115
CAPITULO XXV. Dos que furtam com unhas disfarçadas ...	117
CAPITULO XXVI. Dos que furtam com unhas maliciosas ..	119
CAPITULO XXVII. De outras unhas mais maliciosas	122
CAPITULO XXVIII. Dos que furtam com unhas descuidadas.	126
CAPITULO XXIX. Dos que furtam com unhas irremediables.	128
CAPITULO XXX. Que taes devem ser os conselheiros, e conse-	
lhos, para que unhas irremediables nos não damnifi-	
quem.....	133
Que taes devem ser os conselheiros.....	134
Tribunal, como e que tal.....	138
Voto e parecer de cada um	141
Resolução do conselho.....	143
CAPITULO XXXI. Dos que furtam com unhas sabias.....	145
CAPITULO XXXII. Dos que furtam com unhas ignorantes ..	148
CAPITULO XXXIII. Dos que furtam com unhas agudas....	151
CAPITULO XXXIV. Dos que furtam com unhas singelas....	154
CAPITULO XXXV. Dos que furtam com unhas dobradas....	157
CAPITULO XXXVI. Como ha ladrões que tem as unhas na	
lingua.....	160
CAPITULO XXXVII. Dos que furtam com a mão do gato...	162
CAPITULO XXXVIII. Dos que furtam com mãos e unhas	
postiças de mais, e accrescentadas.....	167
CAPITULO XXXIX. Dos que furtam com unhas bentas.....	171
CAPITULO XL. Responde-se aos que chamam visco ao fisco.	175
CAPITULO XLI. Dos que furtam com unhas de fome.....	179
CAPITULO XLII. Dos que furtam com unhas fartas.....	183
CAPITULO XLIII. Dos que furtam com unhas mimosas	184
CAPITULO XLIV. Dos que furtam com unhas desnecessarias.	186
CAPITULO XLV. Dos que furtam com unhas domesticas ..	190
CAPITULO XLVI. Dos que furtam com unhas mentiroosas...	193
CAPITULO XLVII. Dos que furtam com unhas verdadeiras..	196
CAPITULO XLVIII. Dos que furtam com unhas vagarosas...	199
CAPITULO XLIX. Dos que furtam com unhas apressadas...	204

	<i>Pag.</i>
CAPITULO LI. Mostra-se qual é a jurisdição que os reis tem sobre os sacerdotes.	208
CAPITULO LI. Dos que furtam com unhas insensíveis.	211
CAPITULO LII. Dos que furtam com unhas, que não se sen- tem ao perto, e arranham muito ao longe.	214
CAPITULO LIII. Dos que furtam com unhas visíveis.	217
CAPITULO LIV. Dos que furtam com unhas invisíveis.	220
CAPITULO LV. Dos que furtam com unhas occultas.	223
CAPITULO LVI. Dos que furtam com unhas toleradas.	226
CAPITULO LVII. Dos que furtam com unhas alugadas.	231
CAPITULO LVIII. Dos que furtam com unhas amoroas.	233
CAPITULO LIX. Dos que furtam com unhas cortezas.	235
CAPITULO LX. Dos que furtam com unhas políticas.	238
CAPITULO LXI. Dos que furtam com unhas confidentes . . .	240
CAPITULO LXII. Dos que furtam com unhas confiadas . . .	243
CAPITULO LXIII. Dos que furtam com unhas proveitosa. . .	247
CAPITULO LXIV. Dos que furtam com unhas de prata . . .	250
CAPITULO LXV. Dos que furtam com unhas de não sei como lhe chamam.	254
CAPITULO LXVI. Dos que furtam com unhas ridiculas	260
CAPITULO LXVII. Primeira tesoura para cortar unhas, chama- se — Vigia.	263
CAPITULO LXVIII. Segunda tesoura — Milicia.	266
CAPITULO LXIX. Terceira tesoura — Degredo.	268
CAPITULO LXX. Desengano geral a todas as unhas.	271
Primeiro desengano.	»
Segundo desengano.	272
Terceiro desengano.	275
Conclusão final, e remate do desengano verda- deiro,	278





DOEFER 26'44

